

 DOMINGOS COM SÃO FRANCISCO DE ASSIS - Ano C

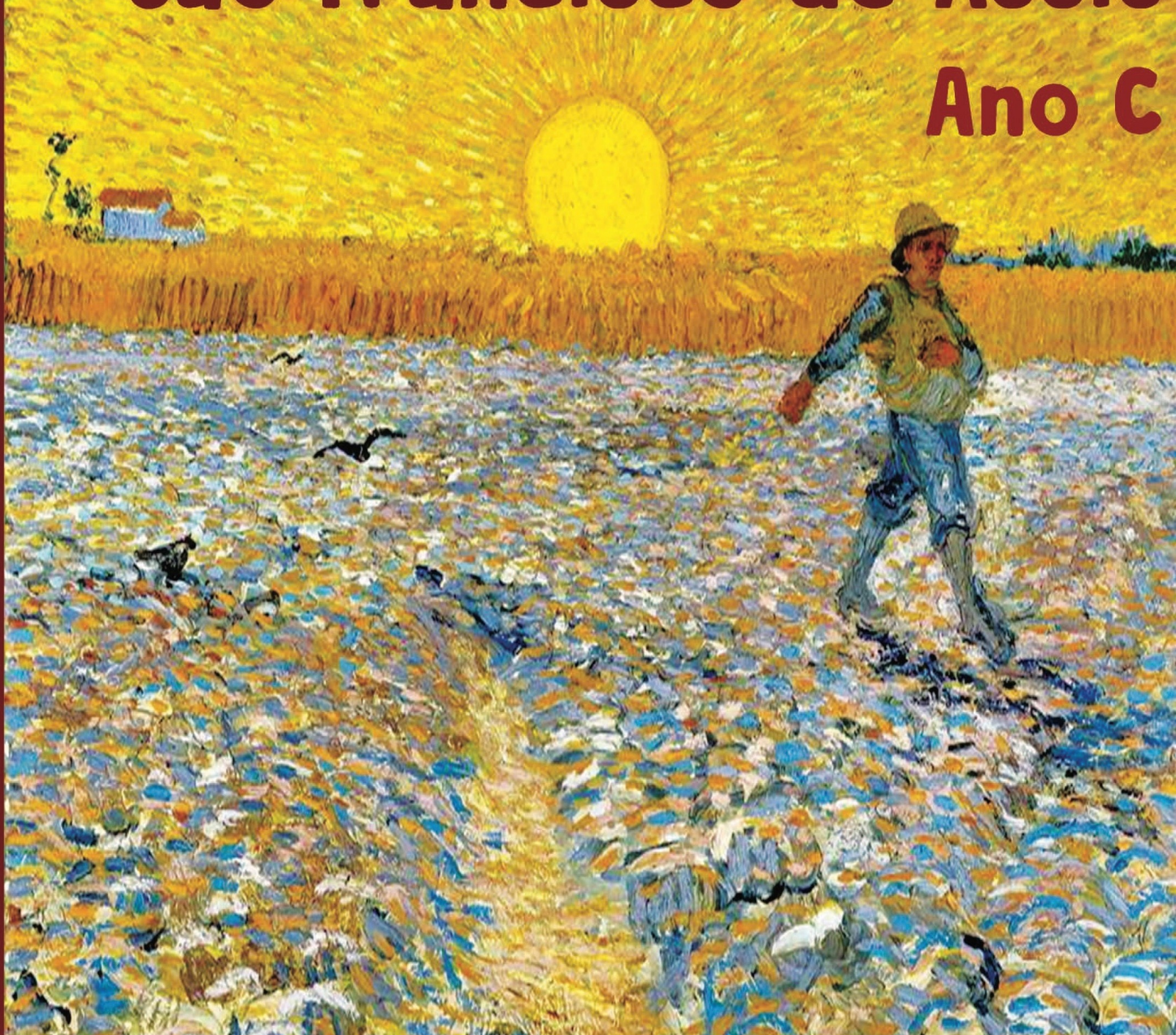


DOMINGOS

com

São Francisco de Assis

Ano C



Frei Dorvalino Fassini, OFM, e Marcos Aurélio Fernandes



DOMINGOS
com
São Francisco de Assis
Ano C

Todos os direitos reservados à Província São Francisco de Assis, OFM
91770-000 – Av. Juca Batista, 330
Porto Alegre - RS – Brasil

Capa:

O Semeador, de Vincent van Gogh

Contra Capa:

São Francisco, de Cimabue

Produção Gráfica e Impressão:

Evangraf (51) 3336.2466

Frei Dorvalino Fassini, OFM
e
Marcos Aurélio Fernandes



DOMINGOS
com
São Francisco de Assis
Ano C

EDIÇÃO FAMILIAR FRANCISCANA

Contatos: Frei Dorvalino Fassini, OFM
dorvalinofassini@gmail.com
Tel: (51) 99933-2662

Porto Alegre, 2021



Caro Frei Dorvalino,

Repassando os textos “DOMINGOS COM SÃO FRANCISCO DE ASSIS – ANO C”, me recordo a longa meditação desenvolvida por outro Francisco, o de Roma, sobre a homilia (Evangelii Gaudium). Destaco: “A homilia deve dar fervor e significado à celebração. (...) A pregação oriente (...) para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida” (n. 138).

Faço votos que tais textos, possam servir de sustento para a vida espiritual e comunitária de muitos, seja daqueles que admiram e/ou seguem o carisma franciscano, seja daqueles que buscam luz para seus passos nas palavras do Senhor.

Em Cristo,



+ Jaime Spengler
Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre

Siglas e Abreviaturas

SAGRADA ESCRITURA

Ag	Ageu	Gl	Gálatas
Am	Amós	Gn	Gênesis
Ap	Apocalipse	Hb	Hebreus
At	Atos dos Apóstolos	Jo	João
Cl	Colossenses	1Jo	1ª João
1Cor	1ª Coríntios	Lc	Lucas
2Cr	2 Crônicas	Mal	Malaquias
Ct	Cântico dos Cânticos	Mc	Marcos
Dn	Daniel	Mt	Mateus
Dt	Deuteronômio	Os	Oséias
Eclo	Eclesiástico	Rm	Romanos
Ef	Eféssios	2Sm	2 Samuel
Es	Esdras	Sl	Salmos
Ex	Êxodo	1Tm	1ª Timóteo
Ez	Ezequiel	1Ts	1ª Tessalonicenses
Fl	Filipenses	Tt	Tito
Fm	Filêmon	Zc	Zacarias

FONTES FRANCISCANAS

Ad	Admoestações
AP	Anônimo Perusino
Atos	Atos do Bem-aventurado Francisco e dos seus Companheiros
1B	Legenda Maior de São Francisco, de São Boaventura
1C	Primeira Vida de São Francisco, de Tomás de Celano
2C	Segunda Vida de São Francisco, de Tomás de Celano
CAs	Compilação de Assis
CCE	Cinco Considerações sobre os sagrados Estigmas
CIS	Cântico do Irmão Sol
1CCI	1ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
2CCI	2ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
3CCL	3ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
4CCL	4ª Carta de Santa Clara a Inês de Praga
CDP	Carta aos Dirigentes dos Povos
CE	Carta de Frei Elias
1CF	Carta aos Fiéis, (Primeira redação)
2CF	Carta aos Fiéis, (Segunda redação)
CM	Carta a um Ministro
CO	Carta a toda a Ordem

DE..... Ditos do Bem-aventurado Egídio de Assis
 EP..... Espelho da Perfeição
 EPN Exposição do Pai Nosso
 Fi..... I Fioretti de São Francisco
 FRNB .. Fragmentos de outra Regra não Bulada
 LH..... Louvores para todas as Horas
 LP..... Legenda Perusina
 LTC..... Legenda dos Três Companheiros
 OC..... Oração diante do Crucifixo
 OP Ofício da Paixão
 RB..... Regra Bulada
 RNB..... Regra Não Bulada
 ROFS ... Regra da Ordem Franciscana Secular
 RTOR... Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem
 Regular de São Francisco
 SMV Saudação da Bem-aventurada Virgem Maria
 SV Saudação das Virtudes
 VE..... Vida do Bem-aventurado Frei Egídio
 T..... Testamento
 SC *Sacrum Commercium*

OUTROS DOCUMENTOS

AL *Amoris Laetitia*
 DV *Dei Verbum*
 EG *Evangelii Gaudium*
 FF..... Fontes Franciscanas
 GS *Gaudium et Spes*
 LS *Laudato Si*
 OFIR Orientações sobre a Formação nos Institutos Religiosos da
 Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as
 Sociedades de Vida apostólica, Paulinas, 1990.
 OFM..... Ordem dos Frades Menores
 OFS..... Ordem Franciscana Secular
 ROFS ... Regra da Ordem Franciscana Secular
 RTOR... Regra e Vida dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular
 de São Francisco
 TOR Terceira Ordem Regular de São Francisco
 VC..... *Vita Consecrata*, Exortação apostólica pós-sinodal de João
 Paulo II, Paulinas, 1996
 VD *Verbum Domini*
 VFC..... A Vida Fraterna em Comunhão, da Congregação para os
 Institutos de Vida Consagrada, Vozes, 1994.

Índice

Apresentação	11
Introdução geral	13
Introdução ao Ano C	24
1º Domingo do Advento	30
2º Domingo do Advento	35
3º Domingo do Advento	40
4º Domingo do Advento	45
Solenidade da Natividade do Senhor – Missa da Noite	50
Natividade do Senhor – Missa do Dia	57
Sagrada Família de Jesus, Maria e José	64
Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus	70
Solenidade da Epifania do Senhor	76
Batismo do Senhor	83
Quaresma	89
Quarta-feira de Cinzas	92
1º Domingo da Quaresma	99
2º Domingo da Quaresma	106
3º Domingo da Quaresma	111
4º Domingo da Quaresma	117
5º Domingo da Quaresma	121
Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor	126
Tríduo pascal e Tempo da Páscoa	133
Quinta-feira Santa	136
Sexta-feira da Paixão do Senhor	148
Sábado Santo	154
Vigília Pascal	156
Domingo de Páscoa	166
2º Domingo de Páscoa	173
3º Domingo de Páscoa	181
4º Domingo de Páscoa	186
5º Domingo de Páscoa	192
6º Domingo de Páscoa	197
Solenidade da Ascensão do Senhor	203
Pentecostes	210
Solenidade da Santíssima Trindade	219
Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo	226

2º Domingo do Tempo Comum	232
3º Domingo do Tempo Comum.....	238
4º Domingo do Tempo Comum	244
5º Domingo do Tempo Comum	250
6º Domingo do Tempo Comum	256
7º Domingo do Tempo Comum	261
8º Domingo do Tempo Comum	267
9º Domingo do Tempo Comum	272
10º Domingo do Tempo Comum.....	278
11º Domingo do Tempo Comum	283
12º Domingo do Tempo Comum	289
13º Domingo do Tempo Comum	295
14º Domingo do Tempo Comum	300
15º Domingo do Tempo Comum	306
16º Domingo do Tempo Comum	312
17º Domingo do Tempo Comum	318
18º Domingo do Tempo Comum	325
19º Domingo do Tempo Comum	330
20º Domingo do Tempo Comum	336
21º Domingo do Tempo Comum	342
22º Domingo do Tempo Comum	347
23º Domingo do Tempo Comum	353
24º Domingo do Tempo Comum	359
25º Domingo do Tempo Comum	366
26º Domingo do Tempo Comum	371
27º Domingo do Tempo Comum	378
28º Domingo do Tempo Comum.....	384
29º Domingo do Tempo Comum	391
30º Domingo do Tempo Comum	398
31º Domingo do Tempo Comum	404
32º Domingo do Tempo Comum	410
33º Domingo Do Tempo Comum	416
34º Domingo do Tempo Comum – Jesus Cristo Rei do Universo	422
São Pedro e São Paulo	428
Assunção de Nossa Senhora	435
Santa Clara	443
São Francisco	449
Todos os Santos	454
Imaculada Conceição	466

Apresentação

Depois de *Domingos com São Francisco de Assis – Ano B*, publicado em 2020, vem à luz, agora, *Domingos com São Francisco de Assis – Ano C*. Como aquele, também este é uma compilação dos subsídios semanais que, em anos passados, sob o título de *Pistas homilético-franciscanas*, elaboramos e que, então, através das redes sociais, enviamos a pessoas interessadas. Agora, depois de revistas e melhoradas, decidimos publicá-las, em forma de livro, a fim de possibilitar seu acesso a um público ainda maior.

Seus objetivos continuam os mesmos. Primeiramente, atender a exortação do Papa Francisco, para que tomemos São Francisco como modelo de reconstrução da Igreja, da Humanidade e de nossa Casa Comum (Cfr. LS 10). Para isso, nossas reflexões, além de inspiradas nesse Santo, apresentarão, sempre, para cada Domingo, algum texto de seus Escritos ou das demais Fontes Franciscanas ou, ainda, algum exemplo de sua Vida, bem como da Vida de algum de seus Companheiros.

Em segundo lugar, desejamos recuperar o sentido originário do Domingo como o dia da Festa, da Alegria, da Ressurreição do Senhor; como o dia de cura de nossas relações com Deus, conosco mesmos, com nossos semelhantes, o próximo e com o mundo (Cfr. Idem) e, assim, tornar-nos cada vez mais evangelizadores com espírito (Cfr. EG 259).

Assim, *Domingos com São Francisco de Assis – Ano C* deseja ser convite ao aprofundamento do mistério crístico, celebrado e vivido de modo especial nos Domingos e Solenidades. Por isso, quer também oferecer a Irmãos e Irmãs, individualmente, como a grupos, Comunidades eclesiais e ou Fraternidades religiosas, subsídios para a celebração de retiros e encontros de reflexão e aprofundamento de nossa vocação e missão evangélica.



Introdução Geral

1. O Domingo

Desde os primórdios da Igreja, o Domingo vem profundamente imbuído da experiência, da mística do Cristo vivo, ressuscitado. Aliás, a própria palavra já o indica, pois “Domingo” vem de *Dies Dominicus*: Dia do Senhor. Assim, no elenco dos dias da semana, o primeiro, chamado “Dia do Sol” entre os pagãos, passa a ser “Dia do Senhor”, “Domingo” entre os cristãos. Com efeito, para o cristão, Cristo é *a luz do mundo* (Jo 9,5); é *o Sol nascente que nos veio visitar* (Lc 1,78); o princípio de uma nova criação – um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1).

Quem, de fato, oficializou a instituição desse nome foi a Igreja apostólica. Aos poucos, através das reuniões e celebrações semanais em torno da Palavra, ela foi experimentando toda essa riqueza, até então desconhecida, do mistério central de sua vida, vocação e missão. A primeira experiência foi a de que o maior de todos os acontecimentos da humanidade – a Ressurreição do Senhor – se dera não no sábado (dia sagrado dos judeus), mas no primeiro dia da semana. Também a maioria das suas aparições se dera nesse dia. Descobriu, igualmente, que no Antigo Testamento, os profetas já haviam revelado que Deus, muitas vezes, havia-lhes aparecido no primeiro dia da semana (Cfr. Ez 1,1; 3,15; 8,1; 20,1; Ag 1,1;

Zc 1,7). O mesmo acontecera com as aparições a Abraão e a Moisés, todas elas no primeiro dia da semana. Da mesma forma, João, em seu Apocalipse, atesta que foi no primeiro dia da semana – o Domingo – que ele foi agraciado com a aparição do Senhor (Cfr. Ap 1,10).

Assim, aos poucos, os primitivos cristãos se recordaram que também a criação tivera início no primeiro dia da semana. Por isso, Domingo, Dia da Ressurreição, Dia do Senhor, passa a ser, agora, o dia da nova e definitiva criação, da nova humanidade, da nova história.

Assim, na celebração do Dia do Senhor, mais que comemoração de eventos passados, trata-se da alegre graça de, como os Apóstolos, poder tocar no mistério do Cristo Ressuscitado, sempre vivo, atual e atuante; da graça de poder prová-lo, comungá-lo, numa experiência inaudita, de profunda intimidade, principalmente através da celebração eucarística.

Portanto, através de sinais, e principalmente da Palavra, nos é colocada à disposição aquela experiência do encontro do Senhor com seus discípulos, de modo especial, na Última Ceia, na Cruz e na Ressurreição. Como eles, nós também podemos ver Jesus, tocar seu corpo, um corpo verdadeiro, chagado, mas liberto das ligações terrenas.

O que era desde o princípio,
o que ouvimos, o que vimos

com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram a respeito da Palavra da Vida... Sim, o que vimos e ouvimos, isso vos proclamamos para que também vós tenhais comunhão conosco e nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo (1Jo 1,1-3).

O Domingo, portanto, não é mais um dia da semana, que vem se somar aos demais seis. É o dia de todos os dias, o dia que dá o início, o sentido aos demais, e ao mesmo tempo, o dia que resume toda uma caminhada feita durante os seis dias precedentes. Assim, viver-se-á a semana como se viveu e se celebrou o Domingo e, por sua vez, celebrar-se-á o Domingo como se viveu a semana. É o dia que nos introduz na eternidade.

Isso nos leva a esperar que também para nós um dia chegue o grande Domingo, a consumação de todos os Domingos, o definitivo Dia do Senhor. Então estaremos com o Senhor não mais através de palavras, sinais e ritos, mas de modo direto, imediato, “corporal”, definitivo e pleno. Também nisso há algo de se admirar em *nosso Pai e Irmão São Francisco!* Pois, ele teve a graça *de passar para Cristo na primeira hora da noite que precedeu o Domingo, dia 04 de outubro* (CE 25).

Quem nos ajuda para uma frutuosa celebração do Domingo em nosso tempo é o Papa Francisco:

Este dia, à semelhança do sábado judaico, é-nos oferecido como dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O Domingo é o dia da Ressurreição, o «primeiro dia» da nova criação, que tem suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da Transfiguração final de toda a realidade criada. Além disso, este dia anuncia «o descanso eterno do homem, em Deus». Assim, a espiritualidade cristã integra o valor do repouso e da festa. O ser humano tende a reduzir o descanso contemplativo ao âmbito do estéril e do inútil, esquecendo que, deste modo, se tira à obra realizada o mais importante: o seu significado. Em nossa atividade, somos chamados a incluir uma dimensão receptiva e gratuita, o que é diferente da simples inatividade. Trata-se de outra maneira de agir, que pertence à nossa essência. Assim, a ação humana é preservada não só do ativismo vazio, mas também da ganância desenfreada e da consciência que se isola buscando apenas o benefício pessoal. A lei do repouso semanal impunha abster-se do trabalho no sé-

timo dia, «para que descansem o teu boi e o teu jumento e tomem fôlego o filho da tua serva e o estrangeiro residente» (Ex 23,12). O repouso é uma ampliação do olhar, que permite voltar a reconhecer os direitos dos outros. (LS 237).

Por tudo isso, a Eucaristia torna-se o coração do Domingo, como o mesmo Papa esclarece:

Assim o dia de descanso, cujo centro é a Eucaristia, difunde a sua luz sobre a semana inteira e encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres (idem).

Além do mais, diz nosso Papa:

A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo em nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e

de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. «Sim, cósmico! Porque, mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo». A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, «a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador». Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira (LS 236).

2. A Palavra de Deus

Dentro da mística do Domingo, ocupa lugar de destaque o mistério da Palavra de Deus. Após séculos de esquecimento, a Igreja, hoje, retoma com todo vigor, alegria, insistência e amor o papel e a importância da Palavra de Deus tanto nas celebrações eucarísticas como nas demais celebrações e, também, no cultivo da leitura

pessoal que se faz, principalmente, através da *Lectio Divina*.

Bento XVI, em sua Exortação apostólica *Verbum Domini*, insiste para que continuemos na busca da riqueza e na redescoberta da importância da Palavra Divina porque ela é fonte de constante renovação. E expressa, então, uma esperança: *que a mesma se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial* (VD 1). Bento XVI fala em esperança. Isso significa que a Palavra de Deus ainda não é tomada e assumida como fonte de toda a vida e renovação da Igreja.

Por vezes, esquecemos que a Palavra de Deus está na origem de tudo, desde a criação até o dia da consumação do mundo, da humanidade e da História no final dos tempos. Sem o “Faça-se!” de Deus no Gênesis não teríamos nada, nenhuma criação; sem a Encarnação do Verbo eterno (Palavra) do Pai, seríamos ainda e apenas filhos da terra, da carne, do homem e não filhos do alto, do espírito, de Deus; sem a Palavra do Senhor na Última Ceia “Isto é o meu Corpo... Isto é o meu sangue”, não teríamos a Eucaristia. E a razão dessa sua iniciativa vem muito bem explicitada nesta frase da *Dei Verbum*: *Deus, invisível na riqueza de seu amor, fala aos homens como a amigos e convive com eles para os convidar e admitir à comunhão com Ele* (DV 2). E, enfim, sem o *Sim, eu venho em breve!* (Ap 2,20) do Esposo para sua esposa, a humanidade e a criação toda não chegariam jamais à sua consumação no fim dos tempos.

Foi através e ao redor da Palavra que nasceu a vocação e a missão dos patriarcas, dos profetas e de todos os vocacionados do Antigo Testamento e do novo Povo de Deus. Foi pela palavra, pela ordem do Senhor que, *no dia de Pentecostes, todos os discípulos estavam reunidos no mesmo lugar* (At 2,1) e, assim, puderam receber o Espírito Santo, dando início à Igreja.

Também cada um de nós veio a este mundo graças a uma palavra, a um *sim* que se disseram ou se deram nossos pais. Foi, também, graças a uma palavra (“Francisco”, “Clara”, “Domingos”, “Inácio”, etc.) que teve origem a vocação religiosa de um franciscano, de uma clarissa, de um dominicano, jesuíta, etc.

Portanto, se na raiz de cada criatura está a Palavra de Deus, conhecer essa Palavra é o melhor – o único – caminho para se conhecer cada criatura, acontecimento e pessoa, como o explica muito bem Bento XVI:

De fato, se todas as coisas têm sua subsistência n’Aquele que existe antes de todas as coisas (Cl 1,17), então quem constrói a própria vida sobre a sua Palavra edifica de modo verdadeiramente sólido e duradouro. A Palavra de Deus impele-nos a mudar nosso conceito de realismo: realista é quem reconhece o fundamento de tudo no Verbo de Deus (VD 10).

Mas, sempre é bom e importante realçar que esta Palavra Divina é uma Pessoa – a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, como o anuncia João no Prólogo de seu Evangelho e o expressa de modo simples, admirável, concreto e profundo nosso pai São Francisco:

Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo anjo Gabriel, no útero da Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Sendo rico, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza (2CF 4-5).

Ouçamos mais uma vez o Papa Bento XVI:

Aqui (na Sagrada Escritura) a Palavra não se exprime primariamente num discurso, em conceitos ou regras; mas, vemo-nos colocados diante da própria pessoa de Jesus. A sua história, única e singular, é a palavra definitiva que Deus diz à humanidade. Daqui se compreende por que motivo, no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento,

com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo. A renovação deste encontro e dessa consciência gera no coração dos fiéis a maravilha pela iniciativa divina, que o homem, com suas próprias capacidades racionais e imaginação, jamais teria podido conceber. Trata-se de uma novidade inaudita e humanamente inconcebível: ‘O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós’ (Jo 1,14a) (VD 11).

3. São Francisco e a Palavra de Deus

O que aconteceu na História Sagrada e na História da Igreja primitiva, descontando as circunstâncias da época, também se deu com São Francisco e sua Ordem.

Foi no caminho de Espoleto que começou sua conversão. Através do encontro com um misterioso personagem, que lhe apareceu durante um sonho, Francisco sentiu-se obrigado a voltar para trás a fim de procurar seu verdadeiro senhor (Cf. LTC 6). Pouco tempo depois, ouvindo do Crucificado de São Damião a famosa ordem: *Francisco não vês que minha casa está se destruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim* (LTC 13), despojando-se de tudo, largou o mundo e começou a seguir Jesus Cristo crucificado. Finalmente, ouvindo e

meditando o Evangelho do Envio dos Apóstolos, na igreja da Porciúncula, viu-se tão iluminado, acerca do rumo de sua Vida e de seus companheiros, que exclamou e disse: *Irmãos, esta é a Vida e a nossa Regra e a de todos os que quiserem juntar-se à nossa companhia. Ide, pois, e realizai plenamente como ouvistes* (LTC 29).

Há, pois, uma admirável semelhança entre a origem de toda a criação bem como do Antigo Povo de Deus, da Igreja e da nossa Ordem. Todos nasceram e cresceram a partir da Palavra de Deus. Não é de estranhar, então, a veneração e o cultivo que esse Santo prestava à Palavra de Deus. Ouçamos este testemunho:

Embora este Bem-aventurado homem não fosse favorecido por nenhum estudo científico, contudo, aprendiz das coisas que são do alto, da sabedoria de Deus e iluminado pelos fulgores da luz eterna, não era pouco o que entendia das Sagradas Escrituras. Sua inteligência purificada penetrava os segredos dos mistérios e, onde ficava fora a ciência dos mestres, entrava seu afeto cheio de amor. Lia os livros sagrados, de quando em quando, mas o que punha uma vez no espírito ficava indelevelmente escrito em seu coração. Tinha a memória no lugar dos livros, porque o que

o ouvido captava uma só vez não ficava em vão, pois permanecia refletindo com afeto e em contínua devoção. Dizia que era muito mais frutuoso esse modo de aprender e de ler do que ficar folheando milhares de tratados (2C 102).

Por tudo isso:

Queria que os ministros da Palavra de Deus fossem tais que se entregassem totalmente aos estudos espirituais, sem ser impedidos por outros cargos. Dizia que tinham sido escolhidos por um grande rei para transmitir aos povos os editos que captavam de sua boca. E afirmava: ‘O pregador deve haurir primeiro nas orações, feitas em segredo, aquilo que depois vai derramar em palavras sagradas. Tem de se aquecer primeiro por dentro, para não proferir para fora palavras frias’. Afirmava que esse ofício devia ser respeitado e que todos deviam venerar os que o exercem. Dizia: ‘Eles são a vida do corpo, eles é que combatem os demônios, eles são a luz do mundo’ (2C 163).

Finalmente, não podemos deixar de considerar este precioso testemunho que ele mesmo traça acerca de sua vocação-missão:

Em nome do Senhor Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

A todos os cristãos, religiosos, clérigos e leigos, homens e mulheres, a todos que habitam no mundo inteiro, Frei Francisco, seu servo e súdito, o obséquio reverente, a verdadeira paz do Céu e a sincera caridade no Senhor. Sendo servo de todos, tenho de servir e administrar a todos as odoríferas palavras do meu Senhor. Por isso, considerando em minha mente não poder visitar pessoalmente a cada um, por causa da enfermidade e debilidade do meu corpo, propus-me pela presente Carta e mensageiros, dirigir-vos as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o verbo do Pai, e as palavras do Espírito Santo, que 'são espírito e vida'. Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo anjo Gabriel, no útero da Santa e gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. 'Sendo rico', acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no

mundo escolher a pobreza (2CF 1-5).

4. O Ano Litúrgico

Os Domingos, as Solenidades e demais Festas, celebrados pela Igreja, formam o assim chamado Ano Litúrgico. Ele nasce e se fundamenta na necessidade que os cristãos da Igreja primitiva, e de todos os tempos, sentiam e sentem de se reunir para celebrar jubilosamente e cada vez mais e de novo, agradecidos e com mais profundidade, a Ressurreição, a presença viva do seu Senhor. Aos poucos, essa necessidade levou-os a perceber que o maior acontecimento da História da humanidade está relacionado a outros momentos ou mistérios do seu Senhor, principalmente ao mistério da sua Paixão e Morte na Cruz, bem como ao seu inaudito e misterioso Nascimento, conhecido hoje como Natal e, finalmente, também sua breve, mas intensa Vida pública.

Assim, movidos pelo espírito desses mistérios, recordaram-se, também, tanto do ensinamento como da prática de Jesus. Aos seus discípulos Ele ensinara *que é preciso orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo* (Lc 18,1-18). Quanto à prática, lembraram-se que Ele mesmo fora visto seguidamente dirigindo-se às sinagogas para ouvir e proclamar a Palavra de Deus e entoar os salmos de louvor a Jahvé. Não foram poucas as vezes, também, que o haviam visto retirando-se para encontrar-se sozinho com

o Pai. Por isso, depois, São Paulo vai recomendar que é preciso *orar, sempre, sem cessar* (1Ts 5,17).

Assim, a Igreja sabe que não há melhor oração do que a celebração do mistério do próprio Cristo, ou melhor, que Ele é o sacrifício perfeito, a única oração, a oração em pessoa. Assim, fiel ao seu mandato, procura tornar presente, no decorrer de cada ano, todo o mistério de Cristo, desde seu Anúncio até sua consumação, no fim dos tempos, quando retornará para a festa da congregação de todos os homens, povos e nações, e demais criaturas, na grande Ceia do Amor.

Falando do sentido ou objetivo maior do Ano Litúrgico, assim se expressa o Concílio Vaticano II:

Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contato com eles, se encham de graça (SC 103).

Por isso, e para isso, a Igreja criou o Ano Litúrgico, que é diferente do ano civil, através do qual todo esse Mistério de Cristo, de toda a nossa salvação, é explicitado e comungado aos poucos, como que em pequenas porções, ao longo dos doze meses de cada ano. Como outrora Cristo iluminou os doze Apóstolos, primícias do novo Povo de Deus, agora, através dos doze meses do ano, continua a iluminar e a santificar o Tempo e a

História de seu Povo com sua Palavra anunciada e com seu Corpo e Sangue, dados em comida e bebida. Sua celebração começa com o mistério da Encarnação e Natividade do Senhor e se estende até a Ascensão-Pentecostes na expectativa da feliz esperança da Vinda definitiva do Senhor.

Assim, o Ano Litúrgico se desenvolve através de três grandes Tempos: Advento-Natal-Epifania; Quaresma-Páscoa-Pentecostes e Tempo Comum.

a. **Tempo do Advento-Natal-Epifania**

É muito difícil estabelecer em que época a Igreja ou os cristãos começaram a celebrar de modo especial e específico o mistério natalício de Jesus. De qualquer forma, o coração deste tempo, evidentemente, é a Natividade do Senhor, precedida por um tempo de quatro semanas de preparação, denominado de Advento.

Advento

“Advento” significa, propriamente, “ato de chegar”, de advir, bem como de retornar, de reaparecer. Iniciar quer dizer, ir para dentro de, isto é, submeter-se ao processo da iniciação. Na iniciação nós estranhamos sempre e cada vez mais o que nos é familiar – o mundo cotidiano que costuma nos absorver e nos tornar indiferentes – e nos familiarizamos sempre e cada vez mais com o mistério. Iniciação é, pois, aprender a morrer, a habitar no mistério.

Mas, qual é esse “mistério familiar” ou “cotidiano” para dentro do

qual devemos sempre de novo aprender a morar? O mistério do *Deus adveniens*, do Deus que é, que era e que virá (Ap 1,8), que está sempre se dando em todo o vir e advir da realidade; o Deus que, pelos homens, está sempre vindo à sua procura para fazer com eles uma Aliança, um *Sacrum Convivium* ou, segundo São Francisco, um *Sacrum Commercium*.

O Deus que prometeu vir, que veio e que virá, perpassa toda História dos cristãos e da humanidade. Eis o coração que move o Tempo do Advento. Assim, a Igreja, enquanto peregrina neste mundo, vive a contínua tensão da salvação prometida e já realizada em Cristo e por Cristo, mas ainda não completada e não consumada em seu corpo que é a humanidade e a criação toda. Essa maravilha só se dará no fim dos tempos, quando Jesus Cristo será tudo em todos. Enquanto isso, *a criação geme e sofre como que em dores de parto até o presente dia. Não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo* (Rm 8,22-23).

Nesse sentido, o Advento é também o tempo de os cristãos renovarem seus compromissos sociais, a fim de que, por sua pertença ao Corpo de Cristo, O ajudem a apressar a Vinda de seu Reino na luta pelos bens essenciais, principalmente os da fraternidade, da justiça e da paz. Por isso, o Advento se caracteriza como um tempo de vigilância alegre e esperançosa porque o Senhor, como prometera,

há de vir como Messias e Salvador. Assim, os fiéis, através de exercícios de penitência, de caridade e, acima de tudo, de misericórdia, a modo de uma noiva que se enfeita para seu noivo, durante quatro semanas, procuram preparar-se para a chegada de seu Esposo amado.

As quatro semanas, porém, se dividem em dois grupos. Nas duas primeiras, a expectativa da Igreja volta-se para a segunda vinda, a vinda definitiva e gloriosa de Jesus Cristo como Salvador e Senhor da História, o resumo, a consumação de todos os tempos.

Nas duas últimas semanas, isto é, de 17 a 24 de dezembro, a Igreja se volta mais para a preparação próxima do Natal, recordando especificamente a Primeira Vinda. Merece destaque nestas duas semanas as famosas Antífonas “Ó”, atribuídas por muitos ao Papa Gregório Magno (+ 604). Cada invocação começa com um “Ó” e pede ao Senhor para Ele vir para junto de seu povo. Lidas de traz para frente, as iniciais das invocações formam, em latim, a expressão: *ero cras* (virei amanhã), que é a resposta do Senhor mesmo a estas invocações. Nelas, Jesus Cristo é invocado como *Sapientia* (Sabedoria), como *Adonai* (Senhor), como *Radix Jesse* (Raiz de Jessé), como *Clavis David* (Chave de Davi), como *Oriens* (Sol nascente), como *Rex Gentium* (Rei das Nações), e, enfim, como *Emmanuel* (Deus conosco).

Vale realçar, ainda, que o Advento faz a memória de três grandes personagens da História Sagrada.

Isaías, o profeta que anuncia o nascimento do Emanuel (Is 7,14). O livro leva o nome do profeta e, junto com os Salmos, é o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento. Isso granjeou-lhe o honroso título de “o quinto evangelista”. Sua mensagem é desenvolvida em três partes.

Na primeira parte (Primeiro Isaías), evoca o Deus Santo, conclamando os deportados a que fiquem de pé na força da fé, a fim de poder compreender seus desígnios (Is 7,9). Na segunda (Dêutero-Isaías), prevê uma reviravolta na vida dos exilados com a restauração de Sião e a conversão das nações ao Deus de Israel; e, finalmente, além de pôr diante de nossos olhos o Servo Sofredor, Jahvé se tornará, então o Deus de todos os povos. Na terceira parte (Trito-Isaías), incentiva o povo a se refazer, voltando-se para o rosto de Deus, o incomparável (64,3), o eterno (57,15), que vai criar novos céus e uma nova terra (65,17).

João Batista, o precursor que teve a graça de poder ver o Messias, de poder tocá-lo e de apontá-lo no meio de seu povo (Jo 1,29-34); aquele que fixou os olhos em Jesus e pediu a seus discípulos (de João) que o deixassem a fim de seguir o novo Mestre; aquele que exigia uma mudança radical na mente “*o machado já está posto na raiz*” (Lc 3,9) e nos costumes do povo, tanto individual (*confessavam seus pecados*) (Mc 1,5) como social (“*quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem*”) (Lc 3,11).

Nossa Senhora, a Virgem que, de tanto meditar e desejar a vinda do Messias teve a graça de, a partir da escuta na obediência da fé, vê-lo e senti-lo encarnar-se em seu próprio corpo.

Em resumo, Advento é o tempo de Vigilância, Esperança e Conversão porque o Senhor que veio e que agora vige latente e escondido no coração de cada criatura e de cada acontecimento há de vir uma segunda vez como o Esposo que atende ao anseio da Esposa, que diz: “Vem!” (Cfr. Ap 22,20).

Quem costumava levar muito a sério o Advento era São Francisco. Uma vez que o Natal era para ele “a Festa das Festas”, determinou na Regra que, em sua preparação, *todos os Irmãos devam jejuar desde a Festa de Todos os Santos até o Natal* (RNB 3 e RB 3). Veja ainda, mais adiante, nas páginas 26 a 29.

b) Tempo da Quaresma-Páscoa

O segundo Tempo do Ano litúrgico tem início na Quarta-feira de Cinzas e se estende até a Solenidade de Pentecostes. É o Tempo da Quaresma-Páscoa.

O sentido maior desse Tempo é a celebração-atualização do mistério da Paixão-Morte-Ressurreição-Ascensão do Senhor, que tem sua culminância na celebração da Vinda do Espírito Santo, no Pentecostes. Maiores considerações acerca da riqueza desse Tempo encontram-se, mais adiante, nas páginas 89 a 91; 133 a 135 e 154 a 155.

c. Tempo Comum

O Tempo Comum é o período mais extenso do Ano Litúrgico. São ao todo 34 semanas, algumas, as primeiras, celebradas entre a Festa do Batismo de Jesus até o começo da Quaresma e as demais, a maioria, entre a segunda feira depois de Pentecostes até o Primeiro Domingo do Advento.

O que caracteriza esse Tempo é a presença do Espírito de Cristo ressuscitado, o Espírito Santo, atuando no mundo através da sua Igreja, sua Esposa, seu novo Corpo. Se no Advento-Natal-Epifania-Quaresma-Páscoa a celebração do mistério salvífico de Cristo tem como centro a memória de sua presença histórica, física e corporal, agora, no Tempo Comum, a celebração se centraliza em seu Corpo místico; se o Advento-Natal é o Tempo do Menino Deus; se a Quaresma-Páscoa é o Tempo da Vida pública de Jesus, principalmente de sua Paixão-Morte e Ressurreição, agora, no Tempo Comum, sua presença e missão, seu *múnus* sacerdotal, profético e régio é exercido pelo seu novo Corpo, a Igreja, sua Esposa. Por isso, é chamado de Tempo Comum. Tempo, aqui, significa o “*kairós*”, a hora oportuna, o momento da graça, o tempo do agir

de Deus. São Francisco diria *o tempo do Espírito do Senhor e seu santo modo de operar* (RNB 10,9).

É chamado de *comum* não porque seja um tempo de pouco valor, insignificante, mas, por pertencer a muitos, isto é, a todos os membros da Igreja; enfim, é chamado de comum por dizer respeito a todos os fiéis, a toda a Igreja. Na palavra comum encontramos dois termos: “com” + “múnus”. Ou seja, é o tempo do exercício do *múnus*, isto é, da função, ou melhor, da missão de Cristo por meio de todos os fiéis que, movidos pelo mesmo Espírito de Cristo ressuscitado, procuram tornar presente a Obra salvadora, o Reino de Deus na história dos homens e na criação toda. Os fiéis, a Igreja, “com” o “múnus” de Cristo: Tempo Comum

Por isso, também, nesse Tempo, se dá grande destaque ao mistério de Cristo, vivido e testemunhado nas suas testemunhas, os santos, de modo especial a Virgem Maria e os Santos Apóstolos. Por isso, também, e para isso, a Liturgia se serve, principalmente, da *leitura contínua* dos Evangelhos sinóticos, proclamados, rotativamente, um de cada vez, de três em três anos: Ano A: São Mateus, Ano B: São Marcos e Ano C: São Lucas.



Introdução ao ANO C

A reforma litúrgica, iniciada com o Vaticano II, propõe, para as celebrações eucarísticas, a leitura dos quatro Evangelhos, repetida num período de cada três anos. Assim, com exceção do Evangelho de São João, que é proclamado todos os anos, no Tempo da Quaresma e da Páscoa, os outros são proclamados, rotativamente, um de cada vez, de três em três anos.

Dessa forma, para as celebrações do *Ano C*, o Evangelho escolhido é o de Lucas. Esse evangelista, conhecido como o terceiro, segundo a tradição cristã, foi um pagão convertido, denominado por Paulo como seu *colaborador e médico caríssimo* (Cl 4,14; 2Tm 4,11). É o único, dentre os quatro, que não conheceu pessoalmente Jesus histórico. Mesmo assim, sob o ponto de vista da história, sua narração da Vida e do ministério de Jesus é mais completa e metódica que a dos demais evangelistas, pois vai desde seu Nascimento e sua Infância até sua Ascensão. Além do mais, o fato de não ter conhecido Jesus em nada diminui a autoridade de sua narrativa. Isso porque, como ele mesmo assegura, a fonte principal de seu Evangelho foi o grupo de *testemunhas oculares e dos ministros da Palavra* (Lc 1,2). Além do mais, ele mesmo declara que o fez *de modo ordenado e depois de acurada investigação de tudo, desde o início* (Lc 1,3).

Mas, no texto lucano, o que mais importa é a mensagem acerca da alegria evangélica e da decisão de Jesus de viajar da Galileia a Jerusalém.

Marcos é o evangelista que martela em cima do mote de que Jesus é o *Filho do Homem*, que, no fim, se revela *Filho de Deus*. Lucas, porém, é o evangelista da Alegria da Boa Nova, do Júbilo que toma conta de Maria (Cfr. o *Magnificat* em Lc 1,46-55), de Isabel, dos Anjos, de Zacarias (Cfr. o *Benedictus* em Lc 1,67-79), dos pastores, dos discípulos após a Ressurreição; enfim, uma alegria que enche o Céu e a Terra, a Humanidade e a Criação toda por causa da grande visita, a última e definitiva, a completa e consumada visita de Deus aos seus *bem amados*, os homens; uma visita que transforma, converte as pessoas para Deus e para seus semelhantes, tornando-os de estranhos em próximos, amigos e irmãos.

Ao longo de suas narrativas, nos encontramos com um Jesus que atrai, cativa, desperta confiança, cura e santifica as pessoas porque Ele as aproxima de Deus, seu Pai e nosso Pai. Todos, principalmente os pobres, os desventurados, as crianças e os entristecidos por causa das mais diferentes desgraças, como o pecado, o desprezo e a marginalização social e religiosa, todos sentem prazer em encontrar-se e em estar com Jesus. Nunca os desprezados pelo judaísmo

oficial, como os pecadores públicos, os samaritanos, as crianças e as mulheres sentiram-se tão bem acolhidos quando se encontravam com Jesus. Ele mesmo declarou que o *“Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido”* (Lc 19,10). Por isso, foi com muito acerto e de todo justo que Bach, em sua famosa cantata, o tenha exaltado com este significativo epíteto: “Jesus, Alegria dos homens!” Só não se alegravam os maiores por causa de sua soberba que os prendia ao poder, como Herodes, como também pela dureza de coração, como os sacerdotes e fariseus, presos à letra da Lei e às suas tradições.

É a alegria da Boa Nova, que começa a se difundir mundo afora, levando nosso Papa Francisco proclamar que a *Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Tantos quantos se deixam salvar por Jesus e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento! Com Jesus Cristo, a alegria nasce sem cessar* (EG 1).

Uma segunda marca significativa de Lucas é a acentuação que ele dá à viagem de Jesus, sua última subida da Galileia a Jerusalém (Lc 9,51 a 19,28), assim pontuada: *como chegasse o tempo em que ia ser arrebatado do mundo, Ele endureceu sua face para tomar a estrada de Jerusalém* (Lc 9,51).

Nessa decisão, Lucas expõe claramente a alma de Jesus. O desejo, a

paixão de cumprir a vontade do Pai entra agora no processo de sua consumação. A viagem culminará em Jerusalém, a cidade santa, com o ato mais importante de sua vocação-missão: a doação, o verdadeiro sacrifício ao Pai, até a morte e morte de Cruz, de toda sua Pessoa em favor dos homens. Nesse ato está o novo oriente, o definitivo princípio que mudará toda a Humanidade e toda a sua História. A partir de então, a Cruz Jesus Cristo torna-se *o centro do universo e da história, porque Nele se unem, sem se confundir, o Autor e sua obra... Ele é ‘o Primeiro e o Último!’* (Ap 1,17). Assim, *deu à criação e à história seu sentido definitivo* (VD 3), último e consumado. Por isso, mais tarde, a Cruz será a bandeira dos cristãos, o sinal, a oração que vai abrir e concluir seus dias e suas noites, suas atividades e seus empreendimentos; símbolo que será plantado e implantado em seus corações, em suas casas e igrejas; erguido ao longo das estradas e nos picos dos morros e montanhas de suas aldeias, povoados e cidades. Enfim, por toda a parte pode-se ver e ler: os homens tem um Salvador!

Dessa forma, cumpre-se Nele o anúncio dos Anjos, proclamado na Noite de Natal aos pastores e, através deles, à toda a Humanidade: *“Nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um Salvador que é Cristo Senhor!”* (Lc 2,11).

Nessa viagem, Jesus vai, também, preparando seus discípulos para se transformarem em Apóstolos des-

sa sua vocação-missão, colocando assim em seus corações as sementes do novo Reinado de Deus sobre a Terra, princípio do novo Povo de Deus, a Igreja.

NATAL-EPIFANIA

Enquanto no Advento a Igreja se concentra no anúncio da segunda Vinda de Jesus e na sua preparação para rememorar a primeira, no Natal-Epifania celebra sua realização e concretização.

Inicialmente, Natal e Epifania estavam reunidas ou resumidas numa única festa que tinha como objetivo a celebração do mistério da Encarnação, mas com acentuações, denominações e datas diferentes. Assim, enquanto na Liturgia oriental se celebrava a Encarnação como Epifania no dia 06 de janeiro, no Ocidente o mesmo mistério era celebrado como Natal, no dia 25 de dezembro.

NATAL

Segundo a história, a celebração do Natal tem seu início entre os fins do século IV e o começo do século V, em Roma, mais precisamente, no dia 25 de dezembro. Evidentemente, não é a data histórica do nascimento de Jesus, mas a Igreja de Roma aproveitou e escolheu essa data a fim de suplantar uma grande festa pagã: a *Natalis Solis Invicti* (Nascimento do Sol Invicto ou Vencedor). A estratégia era de convocar os fiéis a substituir seu deus Sol, por Jesus Cristo, o

Sol nascente que nos veio visitar do alto (Lc 1,78-79).

As narrativas que cercam esse inaudito evento no Novo Testamento são diversas, mas todas elas convergem para um único mistério: a vinda do Filho de Deus na carne de nossa humanidade e seu nascimento do seio da Virgem Maria. Quem, porém, nos conduz mais profundamente para o interior deste mistério é São João: *No princípio era a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus... e a Palavra se fez carne e habitou entre nós. E nós contemplamos sua glória, glória que recebe do Pai como Filho unigênito, cheio de graça e de verdade* (Cfr. Jo1,1-14).

Quem, hoje, nos dá um belo e profundo resumo desse mistério é o Papa Bento XVI:

O Filho do Homem resume em Si mesmo a terra e o céu, a criação e o Criador, a carne e o Espírito. É o centro do universo e da história porque Nele se unem, sem se confundir, o Autor e sua obra. Por meio de tudo isto, a Igreja exprime a consciência de se encontrar, em Jesus Cristo, com a Palavra definitiva de Deus; Ele é 'o Primeiro e o Último' (Ap 1,17). Deu à criação e à história o seu sentido definitivo; por isso somos chamados a viver o tempo, a habitar na criação de Deus dentro deste ritmo escatoló-

gico da Palavra. ‘Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará e não se há de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (Cfr. 1Tm 6,14; Tt 2,13). De fato, como recordaram os Padres durante o Sínodo, ‘a especificidade do Cristianismo manifesta-se no acontecimento que é Jesus Cristo, ápice da Revelação, cumprimento das promessas de Deus e mediador do encontro entre o homem e Deus. Ele, ‘que nos deu a conhecer a Deus’ (Jo 1,18), é a Palavra única e definitiva confiada à humanidade’. São João da Cruz exprimiu esta verdade de modo admirável: “Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra, e não tem outra, Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e nada mais tem para dizer (...). Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus,

por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora Dele outra realidade ou novidade” (VD 13-14).

O centro do Natal é o Deus-Menino, ou melhor, o Menino-Deus. O Filho eterno de Deus Pai assumiu nossa humanidade e tornou-se Filho do homem. A partir de seu nascimento, tudo mudou para nossa humanidade. O homem não é mais só homem, mas homem-Deus: ele é, com a Encarnação, convidado a, na graça, tornar-se divino, isto é, deificado, deiforme. Com outras palavras, ele é convidado a ser filho de Deus de fato, de verdade, inteiramente. O mistério da Encarnação envolve toda a humanidade e todo o universo criado na dinâmica da dádiva e da tarefa da filiação divina. Todos os seres e todos os homens são convidados a se tornar irmãos, membros de uma só família, na qual Jesus Cristo é o Primogênito; e seu Pai, nosso Pai comum.

Quem compreendeu e experimentou com imensa alegria, gratidão, fé e amor esse mistério foi São Francisco. Chegou a intitulá-la de *A Festa das Festas* (2C 199). E ele mesmo dava a razão: porque neste dia *O Pai O (Jesus Cristo) fez nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem Maria* (RNB 23,3). Por isso, também, *festejava com mais solenidade o Natal do que outras festas do Senhor*. E dava a razão: *porque no dia em que Ele nasceu, tivemos a certeza de que iríamos ser salvos* (LP 110).

Além do mais, Francisco gostava muito de acentuar as dimensões sociais e cósmicas deste evento. Por isso,

queria que, nesse dia, os pobres e os esfomeados fossem saciados pelos ricos, e que se concedesse ração e feno mais abundante que de costume aos bois e aos burros. Até disse: ‘Se eu pudesse falar com o imperador, pediria que promulgasse esta lei universal: que todos, que pudessem, jogassem pelas ruas trigo e outros grãos para que nesse dia, tão solene, estivessem na abundância até os passarinhos e, principalmente, as irmãs cotovias’ (2C 200).

O protagonismo do Menino-Deus, que toma conta de todo o Natal, não obscurece em nada, pelo contrário, só vem enaltecer, de igual modo, a presença e o papel de sua Mãe. Maria, é aquela que com seu “Sim” soube acolher a Palavra eterna do Pai, oferecendo-lhe como primeira morada e pátria seu seio virginal, do qual Ele *recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. E, sendo rico... preferiu escolher, com sua bem-aventurada Mãe, a vida de pobreza* (2CF 4-5). O Natal sela, assim, o destino único e eterno do Filho e de sua Mãe. A história de um será a história da outra. Onde um estiver, estará também a outra; quando

se pensar num, a mente logo tornará presente também a outra.

Por isso, a Igreja não podia fazer um melhor encerramento da oitava do Natal do que celebrar a significativa “Solenidade de Maria, Mãe de Deus”. Santa Clara, na sua *Terceira Carta a Inês de Praga*, recomendava-lhe: *Apega-te à sua dulcíssima Mãe, que gerou tal grande Filho, que o próprio céu não pode compreender, e, no entanto, ela o carregou no pequeno recinto de seu sagrado ventre e o gestou no seio de uma jovem mulher* (3 CCL).

O Tempo do Natal encerra-se com o Tempo da Epifania.

EPIFANIA

O termo Epifania vem do grego e significa o movimento de luzir, brilhar, aparecer a partir do alto. A palavra era muito usada para indicar a chegada em público de um rei ou imperador, como também a manifestação de uma divindade. Por isso, não é de estranhar que essa palavra, principalmente no Oriente, tenha sido usada para designar a festa da Encarnação, pois com ela o Senhor fez sua aparição na carne, no mundo e para o mundo.

Por isso, primeiramente, no Oriente, o objetivo dessa festa era celebrar ora o Nascimento de Jesus, ora seu Batismo. Quando a festa veio para o Ocidente, adquiriu um objetivo bem específico: a revelação de Jesus ao mundo pagão, com seus repre-

sentantes mais expressivos, os Reis Magos. A esse evento associava-se, também, o Batismo de Jesus e seu primeiro milagre nas Bodas de Caná. Por isso, e com razão, a Igreja encerra todos esses episódios no tempo Natal-Epifania com a Festa do Batismo do Senhor.

Assim, a Epifania serve para celebrar, de modo explícito e específico, a universalidade do mistério

da Encarnação e a conseqüente universalidade da Igreja e de sua missão evangelizadora, como podemos ver neste expressivo verso do Prefácio da Epifania: *Hoje, revelastes o mistério de vosso Filho como luz para iluminar todos os povos no caminho da salvação. Quando Cristo se manifestou em nossa carne mortal, vós nos recriastes na luz eterna de sua divindade.*



1º Domingo do Advento

Leituras: Jr 33,14-16; 1Ts 3,12-4,2; Lc 21,25-28.34-36

Tema-mensagem: Em vigilância, prontidão e oração aguardemos a nova Vinda do Senhor, que está para chegar!

Introdução

O tempo, isto é, o viver do homem, corre para frente, em busca de um futuro cada vez mais promissor e de um bem estar cada vez mais perfeito. Mas, ao mesmo tempo, precisa voltar-se, também e sempre de novo, para trás, para suas raízes, sua origem. Sem essas corre o risco de construir em vão porque edifica no vazio, *sobre a areia* (Mt 7,26) de sua subjetividade.

Neste Domingo, começamos a olhar e a celebrar, de novo, como em todos os anos, a primeira Vinda de Jesus, nossa raiz, raiz de toda humanidade e de toda história. É o tempo de Advento, de preparação para o santo Natal. Por isso, é, igualmente, o tempo de olhar e celebrar o presente a fim de reavivar em nós a esperança da segunda Vinda de Cristo, no fim dos tempos e, com ela, a vinda de um futuro mais justo e fraterno para todos os homens.

1. O anúncio do Dia do Senhor (Jr 33,14-16)

A primeira leitura da Missa de hoje, tirada do profeta Jeremias, vem

toda ela tomada por uma grande e profunda expectativa pelo misterioso “Dia do Senhor”. O profeta é sempre um homem de fé a serviço da fidelidade de Deus em suas promessas. Por isso, para aqueles que, mergulhados nas trevas do exílio babilônico, abandonados por seus pastores, começavam a perder a esperança; para aqueles que não tinham mais nada a perder, Jeremias (ou um de seus discípulos) dirige este auspicioso oráculo: *Eis que dias virão em que o Senhor fará cumprir sua promessa de bens futuros para a casa de Israel, para a casa de Judá!* (Jr 33,14). O oráculo não era novo. Já havia sido anunciado por Jeremias, bem antes, para ambos os reinos – o de Israel e o de Judá (Cfr. Jr 23,5-8).

“Naqueles dias”, não os dias que pensam e tramam os homens, com seus projetos vãos e tomados de maldades, injustiças, violências e opressões, mas naqueles que estão no desígnio e no coração misericordioso de Deus; dias em que Jahvé fará brotar para *Davi um rebento justo* (Jr 23,5), *que fará brotar de Davi a semente da justiça, que fará valer a lei e a justiça na terra* (Jr 33,15); enfim, dias da graça, da benignidade de Deus, dias em que o Messias vai marcar sua presença com sua aparição misericordiosa.

O Deus do anúncio dos profetas e da fé é um Deus vindouro. Nossa existência humana histórica acon-

tece a partir do porvir: daquilo ou Daquele que está por vir, o futuro. O que vem do futuro torna-se presente e, enfim, passado. O futuro, mais e antes que o presente, é o radicalmente novo e outro. Por isso, na profecia de Jeremias, podemos ler: *Eis que outros dias virão!* (Is 33,14). Não serão apenas novos dias que se tornarão presentes e que envelhecerão e esvanecerão. Serão outros dias, dias de outra história, de outra ventura; dias que receberão o seu vigor do Rebento de Davi – o Ungido (Cristo) de Deus que portará consigo *o direito e a justiça* (Is 33,15). Seu Reino será a vigência e a regência da salvação. Por isso, *naqueles dias Judá será salvo* (Jr 33,16), isto é, protegido, guardado, resguardado.

Por isso, na vigência dessa promessa o tempo do Advento – tempo do cristão – vem sempre marcado pela virtude da esperança; uma esperança operativa, que gera conversão para o Senhor, e um novo fervor para segui-lo mais de perto, como veremos no Evangelho de hoje.

2. Levantai-vos e erguei a cabeça porque o Senhor está próximo (Lc 21,25-28.34-36)

Quem, na liturgia de hoje, fala mais explicitamente acerca do mistério do fim, da consumação da humanidade e de sua história, que se dá com a Vinda definitiva de Jesus, é o Evangelho tirado de Lucas. Primeiramente, trata dos sinais que antecedem ou acompanham esse evento e,

depois, da conduta ou atitudes que devemos cultivar diante desse mistério.

2.1. Os sinais

Jesus mesmo é quem faz o anúncio dos sinais da proximidade de seu novo e futuro Advento. Primeiramente, se serve dos sinais da natureza: *“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas... Na terra, as nações ficarão angustiadas... os homens vão desmaiar...”* (Lc 21,25-26). Em seguida, conclui com o grande sinal que encerra, engloba e consuma todos os demais: *“Então, eles verão o Filho do Homem, vindo numa nuvem com grande poder e glória”* (Lc 21,27).

Jesus fala em sinais que acontecerão no futuro, mas que, na verdade, sempre existiram. Sinais no sol e na lua, como os eclipses, nas estrelas, como as estrelas cadentes, o barulho do mar, como os maremotos, os tsunamis. Os sinais do discurso apocalíptico, em todo o caso, falam do que é mais decisivo: que, tudo aquilo que mais brilha e se impõe com seu vigor “neste mundo”, se eclipsa e se desvanece frente ao que mais brilha e vigora e reina no “mundo vindouro”. Na apocalíptica cristã, evangélica, o que mais brilha, vigora e reina no “mundo vindouro” é *Jesus Cristo..., o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim... Aquele que é, que era e que vem* (Ap 1). Ele é o luzeiro, o rei do Novo Céu e da Nova Terra. Frente a ele, todos os seres vivos, mesmo as potências celestes,

isto é, os anjos (tronos, dominações, potestades...) ficarão pasmados, se prostrarão e O adorarão (Cfr. Ap 5).

O que importa, portanto, para nós é que “*Então verá o Filho do Homem, vindo numa nuvem com grande poder e glória*” (Lc 21,27). Ou seja, no meio de tudo isso, o cristão deve aprender a ver a Boa Nova: o aparecimento do Filho do Homem, cheio de glória e poder, como coroaamento, fim, consumação de todos os homens, de toda a criação e de toda a história.

2.2. Levantai-vos, erguei a cabeça, vigiai e orai

Na segunda parte do Evangelho de hoje, Jesus chama a atenção para a vigilância em relação ao próprio coração: “*Ficai de sobreaviso para que vossos corações não fiquem pesados pela embriaguez, pelas orgias e pelas preocupações da vida e que esse dia não caia sobre vós de modo imprevisto como armadilha*” (Lc 21,34). Justamente por manter-se sóbrio e vigilante na espera da vinda inesperada de Cristo, é que o cristão não vive seu tempo apoiado em expectativas sobre as coisas penúltimas e sobre suas seguranças, esquecido das coisas últimas e definitivas. Pelo contrário, ele vive desprendido dessas expectativas, ancorado apenas naquilo que dá o sentido definitivo de sua vida: o encontro com Cristo. O cristão não vive do imediato, mas do eterno, do último e definitivo, isto é, da espera do encontro com Jesus

Cristo; encontro prenunciado todo dia e toda hora em meio aos acontecimentos e vicissitudes desta vida e às celebrações litúrgicas, especialmente a Eucaristia.

Por isso, à vigilância há que se acrescentar a oração incessante. É preciso que vigiemos e que rezemos a todo o momento, nos assinala o Evangelho de hoje (Lc 21,36). Quem vive assim, na fé e na esperança em Cristo, não teme os apertos e as tribulações da vida nem os maus tratos e as perseguições que vem de fora nem os abalos e as perplexidades da história, por mais extremados que sejam (Lc 21,25-26). Pois, quem assim vive, estará de pé “*diante do Filho do Homem*” no momento do juízo definitivo sobre a história e as vidas de todos os homens (Cfr. Lc 21,36). Eis o sentido, o fim de toda a história, de toda a humanidade e de toda a criação.

3. Progredir sempre mais no amor até a nova vinda do Senhor (1Ts 3,12-4,2)

A segunda leitura, da primeira Carta aos Tessalonicenses, parte deste profundo e ardente desejo de Paulo: *O Senhor vos conceda que o amor entre vós e para com todos aumente e transborde sempre mais, a exemplo do amor que temos por vós.* (1Ts 3,12).

O Apóstolo começa invocando o auxílio de Deus sobre a Comunidade de Tessalônica para que lhe conceda a graça maior para todo cristão e para toda Igreja: o amor, cerne do Sermão

da Montanha e resumo da essência, do sentido, da vocação e missão do viver cristão (Cfr. Mt 5-7).

A fé, o amor têm, como lei intrínseca de sua própria natureza, a necessidade de crescer, fortalecer-se e amadurecer até sua consumação e transbordamento. Se não seguirem essa lei, tendem a esfriar e a morrer.

Assim, segundo Paulo, uma sadia espiritualidade acerca da escatologia exige que façamos progressos sempre maiores no amor aos irmãos. Só assim nossos corações serão confirmados no Senhor e em sua santidade, sem defeitos aos olhos de Deus. De fato, nada há de mais eficaz do que a fé, a esperança e o amor para o fortalecimento do coração do homem em face de Deus Pai, e para a preparação do Advento glorioso de Cristo. Por isso, diz: *Que, assim, o Senhor confirme vossos corações numa santidade sem defeito aos olhos de Deus, nosso Pai, no dia da vinda de Nosso Senhor Jesus com todos os seus santos* (1Ts 3,13).

Fé e amor, são como fonte. Se deixar de jorrar água seca, morre. Por isso, exortava Santa Clara à sua Irmã Inês que jamais esquecesse o princípio, o primeiro amor de seu chamado: a Paixão de Cristo crucificado (Cfr. 2CCL). O mesmo já o proclamara São João à Igreja de Éfeso: *Há uma coisa que reprovos: 'Abandonaste teu primeiro amor'. Lembra-te de onde caíste. Converte-te e volta à tua prática original* (Ap 2,4-5).

Conclusão

Hoje, depois de alguns séculos de esquecimento, a consciência dos cristãos – acerca do papel e da importância da escatologia na reconstrução da Igreja, do mundo e da humanidade – está se tornando cada vez mais clara, viva e atuante. Um dos mais importantes documentos do Vaticano II começa proclamando solenemente que *as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração... Por este motivo, a Igreja sente-se, real e intimamente, ligada ao gênero humano e à sua História* (GS 1).

Portanto, se o noivo está próximo – está para chegar – mais intensos devem se tornar os preparativos da festa do seu casamento. Em primeiro lugar, evidentemente, deve vir a renovação do ardor, do desejo, da paixão da noiva – a Igreja, a Humanidade – pelo seu noivo (“óleo na vasilha!”, “lâmpadas acesas!”). Por isso, Jesus insiste, no Evangelho de hoje: “*orai!*”.

Mas, também a “Casa Comum” precisa preparar-se adequadamente para esse evento de festa e alegria. Falando dessa necessidade diz nosso Papa: *A situação atual do mundo « gera um sentido de precariedade e insegurança, que, por sua vez, fa-*

vorece formas de egoísmo coletivo». Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir... Por isso, não pensemos só na possibilidade de terríveis fenômenos climáticos ou de grandes desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes de crises sociais, porque a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca (LS 204).

Finalmente, quem nos dá um exemplo claro e admirável de vigilância e oração diante da iminente vinda do Senhor é São Francisco. Por isso, pela graça dos sagrados estigmas todos podemos ver nele o “homem novo”, “o homem do outro mundo” (1C 82), o homem no qual o “*eschaton*”, isto é, o último e definitivo se realiza já entre as transiências e transitoriedades deste mundo. E assim, como *um novo evangelista dos últimos tempos* (1C 89), dizia aos seus Irmãos “*Ide, porque nesta ‘últi-*

ma hora’ os Frades Menores ‘foram emprestados’ ao mundo para que os eleitos cumpram neles aquilo que vai ser recomendado pelo Juiz: ‘O que fizestes a ‘um destes meus Irmãos menores, foi a mim que o fizestes’” (2C 71). Em outras ocasiões, afirmava que os Frades Menores tinham sido ‘*enviados nestes últimos tempos pelo Senhor’ para darem exemplos de luz aos pecadores envolvidos nas trevas’* (2C 155).

São Francisco viveu no vigor da alegria da liberdade do Evangelho; como filho que retornou à casa do Pai. Na riqueza dessa graça, viveu, como pobre, na “dinâmica do provisório”. Não se trata de avaliar negativamente a vida terrena, o tempo, o mundo passageiro. Não se trata de negar o penúltimo para afirmar o último. Negar o presente em favor do futuro. Pelo contrário, é preciso levar a sério a terra, o tempo, o mundo, o penúltimo, o passageiro. O provisório e o definitivo, porém, não são estáticos. O “*entremeio*”, que se abre entre o provisório e o definitivo, é dinâmico. Viver o seu dinamismo na pobreza, isto é, na liberdade do e para o Evangelho, é viver de modo crístico¹.

¹ Cf. Harada, Hermógenes. A ideia do franciscanismo. Em: *Revista Scintilla*, vol. 11, 2014, p. 119.



2º Domingo do Advento

Leituras: Br 5,1-9; Fl 1,4-6.8-11; Lc 3,1-6

Tema-mensagem: Preparai o caminho do senhor!

Introdução

A segunda Vinda de Cristo foi anunciada no Antigo Testamento como “Dia do Senhor” (Cfr. Domingo passado). O Apóstolo Paulo a chama “Dia de Jesus Cristo” (Fl 1,6) ou, simplesmente, “Dia de Cristo” (Fl 1,10). É o dia “D”, o dia decisivo: o dia do juízo, da consumação do reinado de Deus na terra; dia para o qual João Batista vem ajudar a prepararmos através do Batismo de conversão. Eis o mistério que celebramos neste 2º Domingo do Advento.

1. Uma fervorosa exortação acerca dos tempos messiânicos (Br 5,1-9)

Um esplendoroso pré-anúncio deste misterioso Dia do Senhor pode ser contemplado na primeira leitura de hoje, tirada de Baruc, o profeta do exílio. Na última parte de sua profecia, através de um poema conclusivo e transbordante de júbilo, procura abrir para os exilados a esperança da volta para sua terra natal, Jerusalém.

A Jerusalém do exílio fora despojada de suas vestes, destronada de sua dignidade de povo. Sem nome,

sem voz e sem vez jazia por terra! Mas, agora será, de novo, a *honrada*, a “*Bem Casada*” (Is 62,4). Movida pelo vigor da Palavra do Senhor, começa a sentir-se, de novo, como “Povo de Deus”. Um cântico novo de libertação e salvação começa a soar em seus ouvidos: “*Despe a veste de luto e de aflição e reveste para sempre os adornos da glória da vinda de Deus!*” (Br 5,1). Enfim, Jerusalém, aquela que se tornara viúva e privada de filhos, está sendo convidada a mudar de sorte: tornar-se de novo rainha e esposa de Jahvé, mãe de novos filhos e filhas de Deus.

Tudo passa a ser novo, até mesmo o nome: “*Receberás de Deus este nome para sempre: ‘Paz-da-Justiça’ e ‘Glória-da-piedade’*”. Quatro nomes que, por si só, bastam para definir a nobreza da nova situação daqueles homens neste novo mundo pós exílio: a vocação e missão da nova Jerusalém.

Agora, seguindo as medidas da **justiça** divina, gozarão da máxima harmonia entre si: a **paz** que vem do alto. Do mesmo modo, e assim, estarão numa perfeita relação, também, com Deus podendo viver não mais por medo, mas por temor e reverência: a **piedade**. E, finalmente, poderão viver a verdadeira religiosidade, provando e desfrutando, por experiência própria, da presença e da **glória** do Deus vivo no meio deles. Enfim, a volta da alegria, do júbilo de homens

perfeitos porque, deixando para trás a condição de escravos, passarão a viver ao máximo sua nova condição de cidadãos livres! A transformação será profunda e radical! Daí a exclamação do profeta: *“Levanta-te, Jerusalém, põe-te no alto e olha para o Oriente! Vê teus filhos reunidos pela voz do Santo, desde o poente até o levante, jubilosos por Deus ter-se lembrado deles. Saíram de ti levados pelos inimigos. Deus os devolve a ti, conduzidos com honras, como príncipes reais!”* (Br 5,5).

Não há como nós, a Igreja, não ver nesse anúncio a proclamação que o próprio Cristo, mais tarde, fará a respeito de Si: *“Quando eu for levantado, atrairei todos a mim”* (Jo 12,32). Anúncio de um novo e definitivo êxodo! Estamos diante de uma das mais expressivas revelações ou profecias do Antigo Testamento acerca do novo Povo de Deus, a Igreja. Através de imagens que expressam uma felicidade inigualável, o profeta vê retornar todos os exilados à sua verdadeira vida e à sua própria identidade; todos conduzidos até a Jerusalém celeste pelo brilho de Deus: a glória de Cristo crucificado.

2. Um Batismo de conversão (Lc 3,1-6)

A Liturgia de hoje centraliza-se na figura de João Batista, filho do sacerdote Zacarias, conhecido como o Precursor do Messias.

2.1. João Batista, o precursor

No início do Evangelho de hoje, que é também o início da Vida apostólica de Jesus, Lucas faz questão de testemunhar dois fatores muito significativos e importantes para essa missão de Jesus e da Igreja. De um lado quer explicitar claramente que a destinação do anúncio da Boa Nova é para todo o mundo, pagãos e judeus. Por isso, começa: *“No décimo quinto ano do império de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia...”* (Lc 3,1).

Por outro lado, no início dessa missão está a figura de João Batista: *Foi então que a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto... pregando um Batismo de conversão para o perdão dos pecados* (Lc 12).

A intenção é clara. Jesus e seu ministério não são para uma seita secreta ou desconhecida, mas para atingir todos os povos da terra, representados, na época, pelo império romano. Por isso, o Batista, em vez de exercer seu sacerdócio em Jerusalém, no Templo, segundo os rituais da Lei e como era de seu direito, por ser filho de sacerdote, movido pelo Espírito, foi para o deserto a fim de dar início à preparação de um novo Povo de Deus, de uma nova religião, de um novo culto, de uma nova prática religiosa nascidos do alto e não dos homens com suas leis mesquinhas e tradições passageiras.

Precursor é aquele que corre à frente, abrindo e preparando cami-

nhos para outros que vêm atrás. Lucas situa a vocação profética de João num quadro histórico bem concreto, marcado por uma profunda crise ou decadência, tanto por parte das autoridades políticas do Império Romano como das religiosas de Israel. A intenção do evangelista é muito clara: mostrar que o reinado de Deus é novo e universal. O novo Reino ou Povo de Deus será para todos os seres humanos, de todos os povos, puros ou impuros, judeus ou pagãos. João foi chamado para ser o profeta, o anunciador e preparador dessa nova humanidade.

2.2. Profeta e Batizador ou Batista

Além de precursor, João Batista é também Profeta, um homem que está sob o Espírito de Deus. Por isso, Lucas diz: *Aconteceu que a palavra de Deus esteve sobre João, filho de Zacarias, no deserto* (Lc 3,2). Aquele que é assim tomado por Deus sofre uma guinada no curso de sua vida. Ele não vive e nem fala mais a partir de si, mas a partir do Espírito e da Palavra de Deus. Por ser inflamada pelo fogo do Espírito essa fala é apaixonante e clarificadora, uma fala que anuncia o Reinado do Deus que vem. Ao mesmo tempo, faz notar o que é preciso fazer para receber este Reinado e como preparar os caminhos para esse Advento.

Santo Agostinho dizia que João era a voz, mas Jesus, a Palavra. A voz está a serviço da palavra. Ela é

um veículo que faz chegar a palavra aos ouvidos e ao coração dos ouvintes. A palavra que veio sobre João, no silêncio do deserto, ressoa nas cidades como um anúncio e um clamor: *“Preparai o caminho do Senhor! Endireitai suas veredas!”* (Lc 3,4). Neste anúncio ressoa a conclamação ao “Batismo de conversão”.

A palavra grega, traduzida por *conversão*, é “metánoia”. João é aquele que conclama para a “*metánoia*”: a reviravolta, a guinada no pensamento (*nous*). Essa guinada no modo de pensar, essa revolução no pensamento, é, pois, a condição fundamental para receber o Advento do Reinado de Deus. Hoje, somos nós os atingidos por essa conclamação.

Aqui, a conversão aparece como um retorno para Deus, iniciado e conduzido por Ele mesmo. É Ele que eleva o ânimo dos que estão caídos; é Ele que rebaixa o ânimo dos que se exaltaram por sua soberba. Por essa sua obra, os caminhos tortuosos se tornam retos e os caminhos ásperos se tornam planos. Por isso, *todos verão a salvação que vem de Deus* (Lc 3,6).

Ele rebaixa as montanhas da soberba e as dunas do orgulho; ele enche os vales da discórdia e nivela a terra da divisão e opressão; manda as árvores da humildade e da paz crescer e fazer sombra; enfim, faz tudo, para que seu povo possa avançar com passo seguro para dentro de sua glória, da glória de Deus. *“Pois, Deus guiará Israel, na alegria, à luz de sua glória, acompanhado da misericór-*

dia e da justiça que lhe pertencem” (Br 5, 9). Esta mesma alegria do retorno para Deus vem assim decantada pelo salmista desta Missa. Num júbilo incontido, vai clamando *entre os gentios*: “*Maravilhas fez com eles o Senhor! Sim, maravilhas fez conosco o senhor!*”

3. Uma vinda que move e comove os fiéis à comunhão fraterna (Fl 1,4-6.8-11)

A segunda leitura da Missa de hoje faz parte da Ação de Graças que Paulo eleva a Deus (Fl 1,3-11) por causa da colaboração dos filipenses na obra evangelizadora, não apenas pela ajuda material, mas também e, principalmente, pela participação em seus sofrimentos (Fl 1,29-30). Ora, tudo isso que está acontecendo nele e neles não é obra nem dele Paulo e muito menos deles, filipenses. Por isso, diz: “*Tenho certeza que Aquele que começou em vós essa boa obra haverá de levá-la à perfeição até o dia de Jesus Cristo*” (Fl 1,6). Essa deve ser, pois nossa fé, nossa esperança.

A consumação da obra do Evangelho em nós, porém, dá-se pela Caridade que começa a jorrar em superabundância no mundo e para o mundo, para a humanidade e para toda a criação pela Vinda de Cristo, Aquele pelo qual tudo foi criado. É a partir desse mistério que Paulo ama os cristãos de Filipos com um amor entranhado, um amor que supera toda medida. E é isso que Paulo pede também para os filipenses: *um amor*

que superabunde (perisseue) mais e mais, em conhecimento (epignosis) e em toda a percepção (aisthesis), para discernir o que melhor vos convém (Fl 1,9-10a).

Trata-se, portanto, de um amor-doação, nascido do alto e sustentado pela iluminação e pelo fervor da graça da visita do Senhor. Vivendo assim, na dinâmica da superabundância do amor esclarecido, o cristão se prepara para o novo “Dia de Cristo”: “*Assim sereis puros e irrepreensíveis para o Dia de Cristo, cumulados do fruto da justiça que nos vem por Jesus Cristo, para a glória e o louvor de Deus*” (Fl 1, 10b-11).

Conclusão

Todos sabemos como é importante em qualquer empreendimento de nossa vida uma boa preparação. Dela depende, muitas vezes, o sucesso de tudo o que fazemos. Formado por um “pre” e um “parar”, “pre+parar” aponta para a necessidade de parar para olhar com atenção e assim tornar-se capaz de ver e captar um “pré”, um anterior, o fundamental que deve ser acolhido e seguido.

Há, pois, diz a Liturgia desse Domingo, uma força originária que precisamos ver, celebrar e acolher: o próprio Filho de Deus que, em sua primeira Vinda, iniciou em nós e em toda a humanidade uma obra inaudita: transformar-nos de filhos do homem em filhos de Deus. Essa obra Ele a iniciou e realizou através de sua Encarnação-Paixão-Morte-Ressurreição.

Por isso, nosso Papa Francisco nos exorta: *esse é o momento para dizer a Jesus Cristo: “Senhor, deixei-me enganar. De mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar minha aliança convosco. Preciso de vós. Resgatai-me de novo, Senhor. Aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores”* (Papa Francisco em EG 3).

São Francisco, entre outras marcas, sempre foi tido como um novo João Batista, recebendo também ele a missão de preparar para Deus um povo santo e bem disposto para receber seu Filho bem amado. Por isso, como bom mestre, em sua Carta aos fiéis, começa expondo com muita clareza o desejo mais profundo de Deus: *“O Pai quer que todos sejamos salvos por Ele – seu Filho – e O recebamos de coração puro e corpo casto. Mas, são poucos os que querem recebê-Lo e ser salvos por Ele, embora ‘o seu jugo seja suave e o seu peso leve’”* (2CF 14-15).

E, logo em seguida, apresenta todo um programa de vida, atos e condutas que nos levam a uma boa preparação da Vinda do Senhor:

- *“Devemos, ainda, confessar todos os nossos pecados ao sacerdote, e receber dele o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.”* (2CF 22-23);

- *“Devemos também jejuar e abster-nos dos vícios e pecados e do*

excesso de alimentos e bebidas. E devemos ser católicos.” (2CF 32-34);

- *“Devemos, ainda, odiar nossos corpos com seus vícios e pecados, porque diz o Senhor no Evangelho: Todos os males, vícios e pecados ‘provêm do coração’. Devemos ‘amar’ nossos ‘inimigos’ e fazer o bem ‘aos que’ nos odeiam. Devemos observar os preceitos e os conselhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos também ‘abnegar-nos’ a nós ‘mesmos’ e pôr os nossos corpos sob o jugo da servidão e da santa obediência, assim como cada um prometeu ao Senhor. E ninguém se atenha a obedecer a outrem no que implique em delito ou pecado”* (2CF 37-41).

E conclui o nosso Santo: *“Ó quão ditosos e benditos, porém, são aqueles que amam a Deus e fazem como diz o próprio Senhor no Evangelho: ‘Ama o Senhor teu Deus de todo o coração’ e de ‘toda a mente e teu próximo como a ti mesmo!’ Portanto, amemos a Deus e adoremo-Lo de coração e mente puros! Ele mesmo, querendo isto sobre todas as coisas, disse: ‘Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade!’ Todos, pois, ‘que O adoram, é preciso que O adorem no espírito’ da verdade. E digamos-Lhe as Laudas e as orações, ‘dia e noite’, dizendo: ‘Pai-nosso que estás nos Céus’ porque nos importa rezar sempre e não desfalecer!”* (2CF 18-21).



3º Domingo do Advento

Leituras: Sf 3,14-18ª; Fl 4,4-7; Lc 3,10-18

Tema-mensagem: Alegrai-vos sempre no Senhor, eu repito: alegrai-vos, pois o Senhor está perto! (Ant. de Entrada).

Introdução

Na tradição da Igreja, o Domingo de hoje é chamado “Domingo *Gaudete*”. No latim, “*Gaudete*”, significa: “Regozijai”, “Rejubilai”. É o gáudio, o júbilo que tem como causa a proximidade da pessoa amada, no caso, o *Senhor*. Como outrora, hoje, de novo, nesse Domingo, nesse Advento-Natal, o Senhor virá visitar seus eleitos, queridos e amados. Daí a insistência do Apóstolo: *Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo, eu repito, alegrai-vos! O Senhor está perto!* (Fl 4.4). Eis o mistério que toma conta da Igreja neste Domingo.

1. Alegria prometida (Sf 3,14-18ª)

Sofonias, o profeta que escreveu uma das mais breves profecias, é quem nos introduz, embora de longe, sob o ponto de vista histórico, nesse mistério do júbilo cristão. O trecho proclamado hoje faz parte da conclusão de sua profecia e que, geralmente, vem com o título: “Promessa de Restauração”. Nos dois primeiros capítulos, e na primeira parte do 3º,

a mensagem se centraliza no terrível julgamento de Deus – no “Dia do Senhor” – principalmente contra a elite da sociedade judaica, os verdadeiros responsáveis e culpados pela idolatria, pela corrupção e injustiça social que grassavam entre o povo eleito.

Diante dessa situação esperaríamos castigos pesados, punições vergonhosas e radicais que culminariam com o abandono definitivo por parte de Deus. Vem, então, a surpresa e a boa notícia: *Grita de alegria, filha de Sião, brada aclamações, Israel, rejubila-te, ri com gosto, filha de Jerusalém!* (Sf 3,14). E logo em seguida vem a causa: *O Senhor revogou a sentença contra ti, afastou teus inimigos... ele está no meio de ti* (Sf 3,15). Podemos, então, imaginar como aquele resto de Israel sentia na própria carne a diferença entre ser servo dos deuses pagãos – exploradores e opressores – e Jahvé que não apenas perdoa a infidelidade de seu povo, mas de novo se alia a ele colocando-se no meio dele como “*valente guerreiro que salva*” (Sf 3,17).

O segredo dessa alegria nasce, pois, da graça da visita ou, melhor, do encontro. Deus e seus eleitos, os humanos todos, vão se encontrar. Por isso, o júbilo, a festa são recíprocos. Dessa forma, se proclamará que não só Sião canta, não só Israel rejubila, mas também “*o Senhor exultará de alegria por ti, movido por amor; exultará por ti, entre louvores, como nos dias de festa!*” (Sf 3,17-18).

É evidente que não se pode deixar de contemplar, aqui, o mistério da Encarnação. Por isso, quando fala em Sião e Jerusalém, podemos e devemos ver e entender tanto a Igreja no seu todo como cada alma contemplativa, amada e amante de Deus.

2. Da alegria do encontro ao desejo de mudar de vida (Lc 3,10-18)

Como no Domingo passado, também hoje, a figura central do Evangelho recai sobre o último profeta, o Batizador João, cujo nome significa “o filho da benevolência divina”.

Duas partes muito claras formam o conjunto desta perícope.

2.1. O que devemos fazer? Uma pergunta angustiante de todos e de sempre

Lucas abre o Evangelho de hoje dizendo que “*As multidões perguntavam a João: “que devemos fazer?”*” Isso significa que a conversão ou salvação é e deve ser para todos, também para os fariseus. Por isso, logo em seguida, além das multidões em geral, desfilam os membros ou participantes das diversas categorias ou classes sociais de então, como os *cobradores de impostos, os soldados*.

Nunca a fala de um profeta foi de tamanha importância e eficácia como essa de João. Suas palavras acerca do Messias, que virá para *batizar no Espírito Santo e no fogo* (16), tocam

fundo a mente dos ouvintes a ponto de todos ansiosos perguntarem: “*Que devemos fazer?*” (3,10).

É o fruto da palavra divina ecoando forte no coração dos ouvintes em forma de compunção e conversão. Todos são atingidos e convidados a uma resposta justa, isto é, segundo a justiça de Deus, uma justiça universal, irrestrita, aberta a e para todas as classes sociais, pois universal será o reinado daquele que há de vir. Assim, as multidões todas devem iniciar-se no grande princípio da nova humanidade que está por nascer: “*Quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem e quem tiver comida faça o mesmo!*” (3,11). Já, aos cobradores de impostos – considerados pecadores públicos e necessitados de uma nova ética – a resposta de João é: “*não exijais nada além do que vos foi fixado*” (Lc 3,13). Aos militares, guardiães da força do direito, por sua vez, pede para que não abusem desta força e não usem desse serviço de modo corrupto: “*Não façais violência, nem mal a ninguém, e contentai-vos com o vosso soldo*” (Lc 3, 14).

Hoje, as multidões, que perguntam a João “O que devemos fazer?”, somos nós, a Igreja, a comunidade, a família, a humanidade toda. Todos necessitamos de um novo encontro pessoal com Jesus Cristo, de uma nova compunção e conversão. A promessa da nova visita do Senhor é para todos que estão no mundo, em sua profissão, no seu ofício através do qual podem e devem empenhar-se de corpo e alma na reconstrução da

Igreja e da nossa “Casa comum”, a humanidade e a criação.

Advento é tempo de preparar e de arrumar a casa para a mais nobre de todas as visitas. Por isso, juntamente com todos estes preparativos, ou melhor, na raiz de todos eles, devemos perceber o desejo, a aspiração da humanidade e da criação toda que, qual noiva ou esposa, suspira para que Ele, o Esposo, venha e venha depressa! Foi com esse sentimento, por exemplo, que São Francisco mandou o bom homem, de nome João, preparar o presépio de Gréccio (Cfr. 2C 94).

2.2. João Batista, modelo de resposta

A melhor resposta, porém, acerca da pergunta “*O que devemos fazer?*” se encontra no próprio João Batista, em sua maneira de se portar diante de tão inaudito evento.

A alegre expectativa do povo parece mal se conter na impaciência da espera e recai sobre João: “Não seria ele o Messias?” Mas, na resposta de João, além de uma bela expressão de humildade, temos também um precioso exemplo de como, também nós, devemos esperar o Senhor.

Na visão de João, o Messias será o “Forte”, aquele que, com sua autoridade (*exousia*) fará expandir o júbilo da nova criação, do novo Céu e da nova Terra entre os humanos todos e o universo inteiro. Se o Batismo dele é um banho que purifica com água, o Batismo do Messias será um banho

que faz imergir o homem no “*sopro sagrado*”, isto é, no “*Espírito Santo*” e no seu “*fogo*”. Isto se dará, em plenitude e de modo consumado, na sua entrega na Cruz, no soprar do Ressuscitado sobre os Apóstolos e em Pentecostes.

Frente a esse Senhor que vem, João se vê e se sente como um escravo, ou melhor, menos ainda do que um escravo: “*Eu não sou digno de desatar-lhe a correia da sandália*” (Lc 3,16). É que desatar a correia do seu senhor era obra de escravo pagão. Jamais um escravo judeu desataria a correia da sandália de um senhor judeu – tão humilhante era este serviço! Ao dizer isso, portanto, João se põe como o menor, o mínimo dos homens. E toda sua grandeza está nesta sua humildade. Jesus Cristo dirá, depois, que João é o maior entre os “filhos de mulher”, justamente por sua humildade. Somente um “filho de mulher” se tornaria ainda mais humilde do que João: o próprio Cristo, que ele aguardava.

Quem vivenciou profundamente essa lição de humildade jovial ou de jovialidade humilde foi São Francisco de Assis. Ele, que recebera no Batismo o nome de João, aprendeu esta lição dele, João Batista, e de Jesus Cristo. Por isso, sempre que se refere à sua identidade, ele a expressa como sendo “*vosso servo pequenino e desprezível no Senhor Deus*” (CDP), ou *homem vil e caduco, inútil*” (CO), ou ainda “*indigna criatura do Senhor*” (CF).

3. Alegria realizada (Fl 4, 4-7)

O mistério da alegria celeste e universal, que Sofonias viu e anunciou como profecia, Paulo o vê e anuncia como obra em curso e em consumação: *Alegrai-vos sempre no Senhor, eu repito: Alegrai-vos!* Por isso, aos cristãos de Filipos, e a nós, hoje, exorta para que, em vez de inquietar-nos com nada ou por nada (Cfr. Fl 4,6: *medén merimnate*), apresentemos a Deus os próprios pedidos “com ação de graças” (*metà eucharistias*).

Paulo coloca aqui como razão, ou melhor, como fundamento e fonte da alegria cristã a celebração eucarística, o máximo do encontro com Jesus Cristo, a “Alegria dos homens”, aqui na terra, superada apenas pela alegria do banquete do amor no céu. Por isso, diz nosso Papa: *A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria* (EG 1).

“Jerusalém”, “Sião”, “Igreja”, “alma” contemplativa somos, pois, nós, os humanos nascidos da própria presença (*parousia*) de Deus: o “resto” de seu povo, os pobres e humildes da terra, que, por terem esperado e confiado Nele, participamos da restauração de todas as coisas. “O Senhor teu Deus está no meio de ti” – eis o motivo da alegria incontida e exuberante dos pobres e humildes

de Deus. Ora, Deus no meio dos humanos, Deus no meio da terra, é o próprio *Cristo Jesus* – o mistério da *Encarnação* – que celebraremos, em breve, no Natal do Senhor.

São Francisco, homem pobre e humilde, contemplando este mistério em que o Filho de Deus vem surgindo no horizonte de nossas consciências, de nossas vidas como o Filho do Homem, abrindo-nos assim a porta para transformar-nos em filhos de Deus, não se continha. Comovido, chorava e exclamava que devíamos amar muito aquele que muito nos ama (Cfr. 1B 9,1). Para ele a Encarnação ultrapassa em Graça e Verdade os limites do Jesus Histórico e transborda para a História de toda a Criação. É a suma obra de Deus, a alegria cósmica, tão bem decantada no famoso “Cântico das Criaturas”, perpassado todo ele com esse expressivo refrão “Laudato si, mi Signore!” Ou então nesta outra manifestação ainda mais poética e ingênua, pueril: *Às vezes, porém, fazia estas coisas. A dulcíssima melodia do espírito, que efervescia dentro dele, entoava-a exteriormente em francês. Também o veio do sussurro divino, que sua audição captava furtivamente, fazia-o prorromper em júbilo na língua francesa. Às vezes – como pude ver com meus olhos – pegava um pedaço de pau no chão, punha-o sobre o braço esquerdo, segurava na direita um arco retesado por um fio, passava-o no pedaço de pau, como se fosse um violino e, representando os gestos adequados, cantava ao Senhor em francês.* (2C 127).

Nesse mesmo sentido, também o Salmo responsorial de hoje, tirado do profeta Isaías, nos convida à “Ação de graças” (*eucharistia*); que expressemos com ele nossa gratidão ao Senhor pois Sua benevolência vence sua ira; que soltemos *gritos de alegria e de júbilo* pois Ele é grande no meio de nós, *o Santo de Israel!* (Is 12,6).

Conclusão

O mistério desse 3º Domingo do Advento centraliza-se, pois, na alegria que nasce da antecipação da Vinda de Cristo que já se realiza pelo desejo, pela celebração da Eucaristia e, sempre, quando e onde, os homens demonstram um pouco de “boa vontade”, fazendo-se, assim, irmãos uns dos outros. Por isso, São Francisco chamava esta alegria de “alegria espiritual” ou de “perfeita alegria”. É, enfim, a experiência do sentimento que nasce da graça do encontro; experiência que se dá na ausência total e absoluta de toda e qualquer motivação ou merecimento, sem uma razão ou um porquê. Por isso, ou seja, pelo fato de o cristão estar tomado até às

entranhas mais profundas desta ou por esta graça, Francisco, *num Capítulo, mandou escrever estas palavras de exortação para todos: “Cuidem os frades de nunca se mostrarem exteriormente mal humorados e hipócritas, tristes. Mostrem-se, antes, jubilosos no Senhor, alegres, felizes e graciosos como convém”* (2C 128).

Advento, tempo de espera do Messias prometido. A espera de uma Vinda que vai inaugurar um novo tempo, um novo Reinado de júbilo, festa, gratidão, humildade e paz. As palavras de Paulo, hoje, nos auguram esta paz, mostrando sua excelência e sua transcendência: *E a paz de Deus, que ultrapassa todo o pensamento (nous), guardará vossos corações e vossos pensamentos (noémata) em Jesus Cristo* (Fl 4,7). São Boaventura, teólogo que explicitou a experiência mística de Francisco, dizia que essa paz, que transcende todo o intelecto e todo o afeto, que ultrapassa homens e anjos, é o próprio Deus.

Que esta paz, então, que é Deus, nos guarde em Cristo Jesus e nos faça jubilosos e gratos, até o nosso encontro definitivo com Ele. Amém!



4º Domingo do Advento

Leituras: Mq 5,1-4a; Hb 10,5-10; Lc 1,39-45.

Tema-mensagem: O encontro da antiga promessa com o Prometido leva Isabel a soltar o grito de júbilo e de exultação, esperado há séculos por toda humanidade e por toda criação.

Introdução

Domingo passado foi o “Domingo da alegria!” Hoje o “Domingo do júbilo”, da exultação! Tudo isso porque o bendito fruto, prometido por Deus e ansiosamente esperado há séculos por Israel e por toda a humanidade, se encarnara no seio da Virgem Maria. O encontro de duas mães. Uma carrega a promessa. A outra, o Prometido. Por isso, a festa, o júbilo não podiam ser maiores!

1. Deus promete um filho (Mq 5,1-4)

A primeira leitura de hoje, tirada do livro do profeta Miqueias, cujo nome significa “quem é como Deus!”, traz o oráculo acerca do príncipe messiânico: “*Tu, Belém de Efrata, pequenina entre os mil povoados de Judá, de ti há de sair aquele que dominará em Israel; sua origem vem de tempos remotos, desde os dias da eternidade*” (Mq 5,1).

Como seu contemporâneo Isaías, também Miqueias testemunha a promessa da vitória sobre a deca-

dência da dinastia davídica e sobre a corrupção da cidade de Jerusalém. Um “Príncipe” virá de novo governar em Israel. Será um pequeno *reberto de Jessé* (Is 11,1) ou *de Davi* (Am 9,11). “Príncipe”, isto é, alguém que brotará do princípio, do primeiro: daquele que, através dos tempos, rege toda a vida, toda a história de Israel. Por isso, o texto não diz, propriamente, que será de Belém, mas que “*de ti há de sair aquele que dominará em Israel*” (Mq 5,1). O futuro Príncipe de Israel, portanto, será alguém da descendência de Davi, isto é, de uma descendência antiga, que tem suas raízes não na efemeridade do tempo, mas na perenidade de uma promessa divina.

O olhar profético de Miqueias se centraliza numa mãe prestes a dar à luz um filho “*vindo de longe, da eternidade*” (Mq 5,1); um novo rei que nascerá em Belém, a mais humilde das cidades de Judá, terra natal de Davi e que apascentará seu povo “*pelo poder do Senhor, pela majestade do Nome do Senhor*” (Mq 5,3). Seu reinado será universal e se estenderá até os confins da terra, e Jerusalém se tornará o centro desse reinado. O novo filho de Davi, então, será não só um rei de paz, mas ele próprio será “*a paz*” (Mq 5,4).

A semente de Davi terá dado, então, um fruto de salvação! Belém, símbolo da pequenez, da menoridade, da humildade do pastor, etc., passará,

assim, para a história como o exemplo de tudo quanto, paradoxalmente, é grande aos olhos de Deus.

2. Deus realiza a promessa através de Maria (Lc 1,39-45)

O Evangelho desse Domingo, o último do Advento, centraliza-se na figura de Maria, mais precisamente, neste ano C, em sua visita à sua prima Isabel. A alegria repleta de consolação, prometida no Antigo Testamento, porque uma mãe irá dar à luz, começa a realizar-se no Evangelho de hoje, transformando-se em plenitude de gozo e de exultação. A face de Deus se ilumina: Ele sorri para a humanidade. Um sorriso – o Espírito Santo – nos fará voltar a Ele! O mesmo sorriso que irradia, plenifica Maria, Isabel e João Batista.

Dois momentos muito significativos formam o conjunto deste evento: a viagem de Maria que vai ao encontro de outra mãe grávida e o grande grito de júbilo de Isabel.

2.1. Uma viagem pressurosa

Maria, coberta pela sombra mais que luminosa do Espírito Santo, concebeu um fruto divino. Ela está plena, grávida do Espírito Santo por estar grávida do Messias prometido, Jesus Cristo e, vice-versa, está grávida do Messias prometido, Jesus Cristo, por estar plena do Espírito Santo. Iluminada pelo esplendor do Espírito, grávida do Filho do Pai eterno, o Sol Nascente que nos veio visitar, ela é

bela como a aurora que sobe (*aurora consurgens*)! Sinal de que o *Dia* raiou na noite escura da história humana. Quem acolher sua visita, também se transformará em dia porque, repleto de Deus, sua escuridão se iluminará como o sol.

A vinda apressada de Maria a Isabel adianta o Advento de Jesus Cristo para João Batista. Mais que prestar uma caridade à prima o que apressa Maria é o desejo de ver, provar e bem “co-responder” à graça de uma maternidade impossível. A graça, o amor, nunca deixa para amanhã. Sempre tem pressa. Maria faz-se assim a primeira discípula do filho-mestre-senhor recém concebido.

A afirmação de que “Maria partiu”, coloca a Mãe de Jesus no espírito esperançoso de todos os antigos homens de Deus. Desde Abraão, passando pelos profetas, até Jesus e os Apóstolos, sempre, movidos pelo vigor e pela gratuidade do chamado, eles partem. Como Deus, são homens e mulheres “em saída”. Não por medo ou por fuga, mas pela necessidade interior de levar e divulgar aos outros a mensagem de um Deus que vem e virá na paz e para a paz.

No abraço afetuoso de Maria a Isabel, dá-se o encontro dos dois “impossíveis”. De um lado o Ungido de Deus, gerado não a partir da carne, do homem, mas do alto, e, por outro, o Batista, nascido na esterilidade e na velhice, o último porta-voz da humanidade que espera pelo cumprimento das promessas mais antigas de Deus. A voz da saudação de Maria chega

aos ouvidos de Isabel e a criança, gestada no útero da mãe anciã, salta de júbilo, pressentindo a presença do Verbo encarnado escondido no útero da mãe jovem. Os padres da Igreja dizem que João foi santificado por Cristo ainda no útero de Isabel quando a voz de Maria lhe comunicou a presença do Cristo.

2.2. O grito de júbilo de Isabel

A alegria da criança João se torna a alegria da mãe Isabel. Isabel pronuncia, então, palavras de bênção que, depois, repetidas sem cessar em cada “Ave Maria” pelo Povo de Deus, se tornaram também palavras de bênção para toda a humanidade de todos os tempos e lugares. Isabel bendiz a Maria, como antes fizera o Anjo do Senhor. Se o Mensageiro dissera: “Ave”, isto é, “*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor é contigo*”, Isabel bendiz a Maria dizendo: “*Bendita és tu entre as mulheres*”. Por que? Porque “*bendito é o fruto do teu ventre*”. Um fruto que vem de longe, da eternidade, do céu e que, por isso, Isabel chama de “*meu Senhor*”.

Eco dessa exultação encontramos em São Francisco. No “Ofício da Paixão”, que compôs para saudar a Virgem Maria em sua dignidade ímpar, exclama: *Santa Virgem Maria, não há entre as mulheres nenhuma nascida no mundo semelhante a ti, filha e serva do altíssimo Rei Pai celestial, mãe do santíssimo Nosso Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo!* (Antífona, vv. 1-2).

Assim, desde o princípio, vem anunciado, também, o destino de Jesus e de João Batista, sem deixar, todavia, de indicar suas grandes diferenças. A Boa Nova no seio de Maria se reflete em João, ainda no seio de Isabel; uma Boa Nova que resume toda a alegria de Israel; uma alegria guardada e esperada há séculos por todo verdadeiro israelita. Análoga é também a relação entre as duas mães. Isabel, que representa o fim da Antiga Promessa, recebe, acolhe e glorifica sua parenta; Maria, que com sua fé se tornou a mãe da nova humanidade, acolhe os redimidos por seu Filho, o Salvador.

Os caminhos são diversos. Isabel e João andam pelo caminho da natureza, Maria e Jesus pelo caminho da graça. Mas, todos, reunidos no seu início, participam e completam a mesma obra salvadora de Deus. Há, porém uma diferença. Isabel e João se encontram do lado de cá, no campo da esperança dos homens. Já Maria pertence ao plano de lá, do alto, da fé pela qual Deus a torna fecunda.

Sem dúvida alguma, a gravidez de Isabel e o nascimento de João, seu filho, são fatos extraordinários porque Isabel já era de idade avançada e estéril. Todavia, eram ainda fenômenos humanos e dentro das leis da natureza. A concepção de Jesus é coisa inteiramente diversa, inaudita, impossível a todo e qualquer ser humano: aqui a obra pertence única e inteiramente ao Espírito Santo. Por isso, Aquele que Dele nasce é verdadeiramente “Filho de Deus”. Isso significa que Deus fez

uma verdadeira revolução na história da humanidade, transformando-a pela raiz. Desde então, não há mais como entender os homens fora deste seu novo princípio. O homem não é mais só homem. É também “deus”. Eis o porque do grito de louvor e de júbilo de Isabel!

Aqui termina todo o Antigo Testamento; aqui começa o mundo novo da bênção de Deus, da nova criação que se reflete na resposta de Maria: “*A minha alma engrandece o Senhor e exulta meu espírito em Deus meu Salvador*” (Lc 1,46).

Maria não podia deixar de ser a bendita entre todas as mulheres. Pois, bendita significa, originariamente, a bem gerada, aquela em cuja fecundidade se origina a fecundidade de toda a nova Humanidade que, de uma ou de outra forma, luta para que aconteça o Reinado do Deus na sua história; nela a fecundidade da mulher é assumida pela fecundidade do próprio Deus que nela faz nascer o Filho em forma humana. Como, então, não gritar de júbilo!? Grito que irá se estender séculos afora, principalmente na boca de todos aqueles que mergulham fundo neste mistério como São Francisco o expressa neste seu Salmo redigido para o Ofício da Paixão:

Exultai em Deus nosso auxílio * Jubilai com vozes de exultação no Senhor Deus vivo e verdadeiro.

Pois excelso é o Senhor * terrível e grande Rei sobre toda a terra.

Porque o santíssimo Pai do Céu, nosso Rei, antes dos séculos * enviou do alto o seu dileto Filho * e nasceu da Bem-aventurada virgem Santa Maria.

Alegrem-se os céus e exultem a Terra * comovam-se o mar e a sua imensidão * alegrem-se os campos com tudo o que neles existe (OP Sl 15).

3. Hoje e sempre (Hb 10,5-10)

A segunda leitura é tirada, mais uma vez, da Carta aos Hebreus – Carta que tem como objetivo mostrar e provar não só a superioridade, mas, acima de tudo, a consumação do sacerdócio e dos sacrifícios do Antigo Testamento pelo sacerdócio e pelo sacrifício de Cristo na Cruz. No pequeno trecho de hoje, o autor, servindo-se da autoridade da própria Palavra de Jahvé, contida no Salmo 40,6-8, arrola seu último e definitivo argumento para provar esta superioridade e esta consumação. Segundo este salmista, a melhor maneira de prestar culto e louvor a Deus, muito melhor do que todos os sacrifícios oferecidos no Templo, é uma dedicação, uma entrega ou consagração pessoal e total a Deus que se resume em “Fazer a vontade de Deus”. Dentro deste objetivo, o autor da Carta não tem nenhum receio em transformar o salmista em profeta, identificando o personagem do salmo ao próprio Cristo: *Ao entrar no mundo, Cris-*

to afirma: “Tu não quiseste vítima nem sacrifício, mas formaste-me um corpo. Não foram do teu agrado os holocaustos e nem os sacrifícios pelo pecado. Por isso, eu disse: ‘Eis que venho... para fazer a tua vontade’” (Hb 10,5).

Paulo faz eco, aqui, à admoestação do próprio Jesus que, citando Miquéias, proclama: “*É de misericórdia que eu quero e não de sacrifícios!*” (Mt 9,13).

Conclusão

Segundo São João, desse mistério, isto é, desse Deus que vem ao encontro de seu povo com um sorriso pleno de alegria, gozo e exultação, nós recebemos graça sobre graça (Jo 1,16). Eis o motivo pelo qual podemos nos alegrar; mais ainda, exultar de alegria, gritar como exultaram e gritaram João e Isabel. Mas, que à alegria se junte a gratidão! Que a nobreza da gratidão nos leve, também a

nós, a fazer de nossa vida uma oblação! Parafraseando São Francisco: Que nos doemos total e, inteiramente, Àquele que total e, inteiramente, se nos dá através de um coração generoso e misericordioso para com os que nos rodeiam, principalmente para com os aflitos, desvalidos e pecadores (Cfr. RB 6,6).

Além do mais, na véspera de mais um Natal, não podemos deixar de repetir a exortação do nosso Papa Francisco, convocando-nos para a Alegria do Evangelho. Uma Alegria que *enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho da busca desordenada de prazeres superficiais, de consciência isolada* (EG 1 e 2).



Solenidade da Natividade do Senhor

Missa da Noite

Leituras: Is 9,1-6; Tt 2,11-14; Lc 2,1-14

Tema-mensagem: Nasceu-nos um Menino! Do céu um filho nos foi dado para que também nós, aqui na terra, tenhamos a graça de converter-nos em meninos, crianças de Deus.

Introdução

“Solenidade da Natividade do Senhor!” É assim que a Igreja anuncia e celebra a festa de hoje, *a Festa das festas*, dizia São Francisco (2C 199). Solenidade que nos reconduz à “originariedade”, à “nascividade” da vida, tão bem demonstradas neste recém-nascido: o “Menino Pobrezinho”, nascido da *pobrezinha Virgem Maria*, sua Mãe (São Francisco, 2C 200).

1. A longínqua promessa de um Menino que será o príncipe da Paz (Is 9,1-6)

Quem faz a abertura da celebração do mistério desta noite santa é Isaías, tido como o “evangelista do Antigo Testamento”.

1.1. Em meio à escuridão, a esperança de uma luz que é um menino, um filho...

Como o toar da corneta da paz, ao término de uma grande guerra,

Isaías, falando enraizado no passado, mas em vista do futuro, anuncia: *O povo que andava na escuridão, viu uma grande luz, para os que habitavam na sombra da morte uma luz resplandeceu* (Is 9,1). Essa fala expressa não tanto expectativas imediatistas, mas esperança. Uma esperança posta em Deus, melhor, no seu Cristo (o Ungido). A terra devastada e desolada, entregue à escuridão da escravidão, vê a luz: a libertação que vem de Deus.

1.2. Um menino: o príncipe da Paz

A segunda parte do texto começa dando a razão, a causa deste auspicioso anúncio: *Porque nasceu para nós um menino, foi-nos dado um filho, ele traz a paz nos ombros...* (Is 9,5).

Isaías diz que nasceu para nós... um menino misterioso, que é chamado com um quádruplo nome. *O nome que lhe foi dado é: ‘Conselheiro admirável’, ‘Deus forte’, ‘Pai dos tempos futuros’ e ‘Príncipe da paz’* (Is 9,5). Neste nome quádruplo se evoca a ação de Deus nos principais heróis do povo de Israel. No *‘conselheiro admirável’* é evocada a sabedoria de Salomão; no *‘Deus forte’*, a coragem de Davi; no *‘Pai dos tempos futuros’*, a piedade de Moisés e dos patriarcas. E será o *‘Príncipe da Paz’*, porque nele Deus atuará como Princípio,

como força originária que irá re-conduzir todas as coisas ao sumo da unidade, ao sumo da harmonia, ao sumo da tranquilidade e da quietude. Por isso, este menino só poderá ser o verdadeiro Emanuel. *Emanuel* é o nome de uma missão recebida de Deus, do Pai: Neste menino Deus se tornará, com propriedade, de modo pleno e íntimo, o que Ele sempre quis ser para nós: o “Deus conosco”. Na dinâmica da ação salvífica da Trindade, por sua vez, o Pai é o Deus **para nós**, o Filho encarnado é o Deus **conosco**, o Espírito Santo é o Deus **em nós**.

Por isso, dentro desta mensagem, de uma salvação para todos os homens, o salmista dessa Missa convida todos os povos à exultação festiva *universal*, católica, isto é, cósmica e ecumênica: *Alegrem-se os céus, exulte a terra, ressoe o mar e tudo o que ele contém; exultem os campos e quanto neles existe, alegrem-se as árvores das florestas (...); Anunciai, dia a dia, sua salvação, publicai entre as nações sua glória, em todos os povos, suas maravilhas!* (Sl 95).

2. Um novo Homem no humano de toda a humanidade (Lc 2,1-14)

A perícopo evangélica desta noite, tirada de Lucas, se ordena em três momentos sucessivos, mas intimamente unidos e ligados pela mesma lógica: testemunhar que Deus vem do alto, sim, mas, através do seio de Maria, irrompendo de dentro das entranhas do humano. Além da Boa Nova,

anuncia-se, assim e também, seu caminho: a interioridade, o recolhimento, a solidão do encontro.

2.1. Nos dias e no meio da história dos homens

José e Maria vão, por ocasião do censo decretado pelo César, de Nazaré da Galileia a Belém da Judeia, “cidade de Davi”, à qual ambos pertenciam. O nome “Belém” (*Bet-Lehem*) significa “casa do pão”. De fato, aquele que é o Pão descido do céu, o Pão que dá a vida ao mundo, o Pão da vida eterna, ali inicia sua bela aventura de fazer-se o Emanuel, o Deus conosco, o pão eucarístico.

2.2. O Senhor do universo reclinado na pobreza de uma manjedoura

A sobriedade com que Lucas faz a narrativa do Nascimento de Jesus é surpreendente: *Enquanto estavam em Belém, completaram-se os dias para o parto, e Maria deu à luz seu filho primogênito. Ela envolveu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala de hóspede* (Lc 2,7). Os grandes mistérios, mais que amplas explicações ou extensas narrativas e discursos, precisam de recolhimento, de silêncio, de poucas palavras, para deixar lugar e espaço para a admiração e a contemplação. Uma grande palavra exige sempre um grande silêncio e vice-versa, um grande silêncio exige sempre uma grande palavra. Tudo um grande contraste com

o espetáculo da ostentação vaidosa e orgulhosa do anúncio do nascimento de um príncipe deste mundo!

O primogênito de Maria (Lc 2,7) é o primogênito de todas as criaturas (Cl 1,15), isto é, o sentido, a origem e o fundamento do ser de toda a criação. Ele é, como dizia o teólogo franciscano João Duns Scotus, o *summum opus Dei* (a suma obra de Deus). Ora, o responsável pela suma obra, pela obra prima, perfeita, de Deus, dizia ele, não pode ser o pecado, que é um defeito nascido da criatura, mas só pode ser o amor absolutamente livre e gratuito, superabundante, sem o porquê nem o para quê, de Deus: o mistério da *Cháris*, isto é, da graça. “Da graça” quer dizer, do favor livre, imerecido e indevido, da benevolência, da gratuidade e da graciosidade do Deus Amor.

Maria o enfaixa! Jesus Cristo é envolvido em faixas, para que nós possamos ser desatados dos laços da morte (Sto. Ambrósio). Humilhou-se para que pudéssemos alcançar o bem, a integridade, como seres humanos. *Ele, sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de que sua pobreza vos enriqueça!*, disse o Apóstolo (2 Cor 8,9).

O Filho de Deus nasce em verdadeira carne. Não se trata de uma aparência. É mais que toda teofania dada em visões imaginárias. É Deus mesmo, “em carne e osso”, o verdadeiro Deus nascendo em verdadeira carne humana. É Deus colocado-se em um coxo, como se expressa de modo comovente São Francisco: *Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó*

humildade sublime, ó sublimidade humilde! (CO 26). Santa Clara, por sua vez, convida sua coirmã Inês de Praga a contemplar esse mistério escrevendo-lhe: *Refiro-me ao Filho do Altíssimo que a Virgem deu à luz e permaneceu virgem mesmo depois do parto. Apega-te à sua dulcíssima Mãe, que gerou tal grande Filho, que o próprio céu não pode compreender e, no entanto, ela o carregou no próprio recinto de seu sagrado ventre e o gestou no seio de uma jovem mulher!* (3CCL).

Em vez de vir impondo-se, como os poderosos deste mundo, Ele é colocado numa manjedoura, num coxo, indicando, assim, que estava destinado a ser alimento, pão do céu, corpo da vida (S. Cirilo de Alexandria). Nasce no meio do esterco e do bafo dos animais, num estábulo, não no “santo dos santos”, no Templo de Jerusalém para dizer que veio para conviver com a mixórdia humana. Assim, nasce no meio do esterco aquele que *ergue do esterco o pobre* (Sl 113,7), recorda São Jerônimo.

Não havia lugar para eles na hospedaria (Lc 2,7). Aquele que é a Luz do céu tinha de nascer à margem, numa pousada terrena, num lugarzinho nos fundos da pensão, escondido no meio da escuridão e dos animais. Foi, é, e sempre será assim: o Senhor do universo, mal tem onde nascer no meio dos homens. E, quando encontrar um lugar, porta-se sempre como o último, o mais baixo, como aconteceu em Belém. O Amor, a *Charis* (Caridade) sempre são assim!

O contraste acerca da acolhida do Menino-Deus na terra dos homens, que é a terra Dele – na cidade e na gruta de Belém, é gritante! Enquanto entre os grandes do mundo, os moradores da cidade de Belém, *não havia lugar para eles*, Ele encontra uma dócil, calorosa e amorosa acolhida por parte do pai e da mãe, a humilde virgem Maria *que o enfaixou e colocou na manjedoura* (Lc 2,7) e junto dos animais que habitavam aquele estábulo.

Dizia Mestre Eckhart que, se um rei se casa com uma plebeia, toda a família da plebeia se torna nobre. Nós, isto é, toda a família humana, nós pobres plebeus, fomos enobrecidos e enriquecidos, nesta noite santa, pela *altíssima pobreza* (Cfr. São Francisco) de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2.3. Um nascimento cuja alegria se expande, difunde e infunde

A última parte desse Evangelho, mais extensa que as duas primeiras, é destinada a mostrar o verdadeiro objetivo de todo este evento: *Nas proximidades havia pastores que estavam nos campos e que, durante a noite, cuidavam dos seus rebanhos... Todavia, o Arcanjo lhes revelou: 'Não temais; eis que vos trago boas notícias de grande alegria, e que são para todas as pessoas: 'Hoje nasceu para vós um Salvador que é o Cristo Senhor'* (Lc 2,10-11). O céu e a terra, os imortais e os mortais se confraternizam com a Encarnação e com a natividade do Deus-Menino.

Frente ao mistério da Encarnação, todos somos rudes pastores. Frente à delicadeza e nobreza do amor divino, toda nossa resposta e correspondência aparece rude e vil. Deus, porém, não se importa com nossos corações embotados, endurecidos e grosseiros. Para Ele o que importa é poder estar junto de nós, morar em nossos corações, mesmo frios, duros e desordenados. Sua presença em nós, como Bom Pastor, revela, assim, nossa vocação humana; ensina-nos a ser pastores, isto é, cuidadores de tudo o que é, de tudo o que vive, de todo o real, de todas as realizações, de toda a realidade, enfim, de toda a Casa comum.

Os pastores de Belém fizeram o que o anjo lhes propusera. Foram apressadamente à cidade e encontraram Maria e José, e o recém-nascido deitado na manjedoura. *Depois de ter visto, deram a conhecer o que lhes tinha sido dito a respeito desse menino. E todos os que os ouviram ficaram espantados com o que lhes diziam os pastores* (Lc 2,17-18).

Os pastores tornam-se, assim, os primeiros a anunciar o Evangelho. O que viram e experimentaram não puderam guardar para si, em segredo. Revelaram, comunicaram os mistérios divinos que experimentaram e testemunharam. E os que ouviram seu testemunho se maravilharam. Eis a dinâmica da evangelização. Todos os que experimentam e testemunham os mistérios divinos tornam-se seus pastores.

2.4. O nascimento de Deus no coração

Proclama ainda nosso evangelista: *Quanto à Maria, ela retinha todos esses acontecimentos, procurando-lhes o sentido* (Lc 2,19). Em Maria vigora o silêncio nascido do pudor do mistério. Ela acolhe e recolhe os acontecimentos e lhes sonda o sentido. Entrelê em tudo o toque divino.

O sublime e admirável do Natal não é apenas o nascimento de Deus em nossa carne, mas o nascimento de Deus em nosso coração, na mente, isto é, no mais humano de todo homem, não importando suas condições. Por isso, essa Noite é uma Noite feliz! Noite de Paz! De Luz! De Júbilo! De Reconciliação e Misericórdia!

O Natal de Deus é silencioso e sub-reptício. Ele acontece no fundo do coração daqueles que, como os pastores, são homens de boa vontade e que vigiam na calada da noite. Vigiar significa estar atento para não se permitir a substituição do Natal do Menino pobrezinho nascido da pobrezinha Virgem Maria (São Francisco, 2C 199), *por nós nascido a caminho e posto no presépio* (OP Sl 15,7), por celebrações pomposas, sem mistério, que não são Natal porque, buscando somente a própria auto-satisfação, contentam-se apenas com suas aparências.

Que São Francisco de Assis seja nosso exemplo. Quando inventou este *admirável sinal* – o presépio em Grécio (Cfr. Papa Francisco) – ti-

nha em mente que este mistério fosse recordado e re-despertado nos corações dos próprios cristãos. Foi o que aconteceu. No término daquela celebração, *um homem de virtude teve uma visão admirável. Pareceu-lhe ver deitado no presépio um bebê sem vida, que despertou quando o Santo chegou perto. E essa visão veio muito a propósito, porque o Menino Jesus estava de fato esquecido em muitos corações, nos quais, por sua graça e por intermédio de São Francisco, ele ressuscitou e deixou a marca de sua lembrança. Quando terminou a Vigília solene, todos voltaram contentes para casa* (1C 86).

3. Uma Igreja de todos e para todos (Tt 2,11-14)

A segunda leitura da Missa desta noite é tirada da Carta de São Paulo a Tito, e começa com este belo anúncio, um verdadeiro Evangelho: *A graça de Deus se manifestou, trazendo salvação para todos os homens!* (Tt 2,11). É a marca do Evangelho de Paulo: “a salvação é para todos”.

O Natal, portanto, diz respeito a todos os homens e a toda a criação como um todo, uma única família, uma “Casa comum” (Cfr. *Laudato Si’*, do Papa Francisco). Ou seja, a partir dessa iniciativa de Deus, o homem e mesmo as criaturas todas são regeneradas, isto é, recriadas, a partir do alto, do espírito, da graça misericordiosa de Deus.

Conclusão

Natal é o início do anúncio da Boa Nova, do “*Evangelion*”, a alegre Mensagem anunciada aos pastores pelos mensageiros celestes: *Não temais, porque vos anuncio uma grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo Senhor*” (Lc 2,11). É “a Festa das festas” dizia São Francisco, porque nela tem origem nossa redenção e o fundamento de todas as demais festas e solenidades.

Comentando essa doação divina, o Papa Francisco, na Missa da noite de Natal de 2020, dizia:

Um filho nos foi dado. Com frequência se ouve dizer que a maior alegria da vida é o nascimento duma criança. É algo de extraordinário, que muda tudo, desencadeia energias inesperadas e faz ultrapassar fadigas, incômodos e noites sem dormir, porque traz uma grande felicidade na posse da qual nada parece pesar. Assim é o Natal: o nascimento de Jesus é a novidade que nos permite renascer dentro, cada ano, encontrando Nele força para enfrentar todas as provações. Sim, porque Jesus nasce para nós: para mim, para ti, para todos e cada um de nós. A preposição «*para*» reaparece várias vezes nesta noite santa: «um menino nas-

ceu *para nós*», profetizou Isaías; «hoje nasceu *para nós* o Salvador», repetimos no Salmo responsorial; Jesus «entregou-Se *por nós*» (Tit 2,14), proclamou São Paulo; e, no Evangelho, o anjo anunciou «hoje nasceu *para vós* um Salvador» (Lc 2, 11). Para mim, para vós...

Que dom maravilhoso! Hoje, Deus deixa-nos maravilhados, ao dizer a cada um de nós: «Tu és uma maravilha». Irmã, irmão, não desanimes! Estás tentado a sentir-te como um erro? Deus diz-te: «Não é verdade! És *meu* filho!»

E, mais adiante, o mesmo Papa enfatiza ainda mais fortemente o significado da mensagem angélica acerca do nascimento desse Menino:

Mas há ainda um «*para*», que o anjo disse aos pastores: «Isto servirá de sinal *para* vós: encontrareis um menino (...) deitado numa manjedoura» (Lc 2, 12). Este sinal – o Menino na manjedoura – é também para nós, para nos orientar na vida. Em Belém, que significa «casa do pão», Deus está numa manjedoura, como se nos quisesse lembrar que, para viver, precisamos Dele como de pão para a boca. Precisa-

mos deixar-nos permear pelo seu amor *gratuito, incansável, concreto*. Mas quantas vezes, famintos de divertimento, sucesso e mundanidade, nutrimos a vida com alimentos que não saciam e deixam o vazio dentro! ... É verdade: insaciáveis de ter, atiramos para muitas *manjedouras vãs*, esquecendo-nos da manjedoura de Belém.

Esta manjedoura, pobre de tudo, mas rica de amor, ensina que o alimento da vida é deixar-se amar por Deus e amar os outros. Dá-nos o exemplo Jesus: Ele, o Verbo de Deus, é infante; não fala, mas oferece a vida. Nós, ao contrário, falamos muito, mas frequentemente somos *analfabetos em bondade*.



Natividade do Senhor

Missa do Dia

Leituras: Is 52,7-10; Hb 1,1-6; Jo 1,1-18

Tema-Mensagem: A Palavra, que era e é Deus, veio morar entre nós para que, também nós pudéssemos nos tornar palavra, fala e filhos de Deus

Introdução

O Natal, assim como a Páscoa, é celebrado tanto na noite quanto no dia, com leituras e textos diferentes ou próprios para cada Missa. A graça de poder comungar desse mistério é tão superabundante, que a Igreja quer exultar e rejubilar em Deus, tanto no recolhimento e no segredo da noite quanto na expansão e na comunicação do dia.

1. Os mensageiros da paz e do Reino de Deus (Is 52,7-10)

Todos vivemos ansiosos por boas notícias, por alegres anúncios, por mensagens alvissareiras. Isaías, o evangelista do Antigo Testamento, hoje, nos diz: *Como são belos os pés de quem anuncia e prega a paz, de quem anuncia o bem e prega a salvação, e diz a Sião: 'Reina teu Deus!'* (Is 52,7).

O profeta tinha implorado de modo insistente e ardentemente por salvação: *Desperta, desperta, reves-*

te-te de força, braço do Senhor (Is 51,9ss.). E o Senhor respondeu com sua misericórdia, revelando a força de seu braço (de sua ação): *desnudou seu santo braço diante dos olhos de todas as nações.*

O Senhor desvelou sua potência salvadora em face dos homens. Trata-se de sua Palavra cheia de vigor, capaz de operar maravilhas; de seu Filho, o Salvador dos homens, que lhes anuncia o Evangelho do amor de Deus como a primeira e última palavra a prevalecer em toda a história. Este Filho é o *Sim* de Deus aos homens.

2. O verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,1-18)

Como se deu essa revelação definitiva de Deus nos é mostrado pelo Prólogo do Evangelho de São João, escolhido para esta Missa do Dia do Natal. Na apresentação, que o evangelista faz da Palavra do Pai, aparecem três fases, ou melhor, um tríptico nascimento do Filho de Deus.

2.1. O nascimento eterno

O primeiro nascimento dá-se na eternidade: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus* (Jo 1,1).

Antes de mais nada, João quer convidar-nos a um grande ato de

contemplação ou momento de êxtase acerca do nascimento eterno do Filho de Deus em Deus. Por isso, seu Prólogo tem a forma de um hino. Agostinho, falando de São João, diz que ele *supera os outros evangelistas na profundidade dos mistérios divinos*, e que pode ser comparado à águia, que põe o ninho nos cumes, entre as rochas, e se entoca numa agulha de rocha inacessível.

Mas, de onde lhe vem toda essa virtude? De onde ele haure sua sabedoria? Resposta: ele, João, bebeu da fonte do peito do Senhor (Cfr. Jo 13,23). Por isso é que ele nos comunica algo da divindade de Cristo e do arcano da Santíssima Trindade: *No princípio, era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Tudo se fez por meio Dele, e sem Ele nada foi feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas, e as trevas não a receberam* (Jo 1,1-5).

Essas palavras estão entre os anúncios mais grandiosos e sublimes que foram proclamados acerca de Deus. Agostinho dizia que, se o evangelista São João falasse de modo mais elevado, nenhum dos mortais o compreenderia. No entanto, Frei Egídio de Assis, num diálogo com dois frades dominicanos, exímios teólogos, ousou afirmar que São João *nada diz de Deus*. Isso escandalizou esses frades. Quando esses iam embora, Frei Egídio, homem de grande contemplação, fê-los chamar de volta e mostrou-lhes um monte. E propôs-lhes uma parábola:

Se houvesse um monte de sementes de milho tão grande como esse, e mais embaixo, ao pé do monte, houvesse um passarinho a comer dele: quanto diminuiria num dia, ou num mês, ou num ano, ou quanto comeria este passarinho em cem anos? Os frades dominicanos responderam: ‘Quase nada diminuiria, mesmo em mil anos’. Então Frei Egídio disse-lhes: ‘Tão imenso e tão grande é o monte da sempiterna divindade que o bem-aventurado João, que foi como um passarinho, nada diz a respeito da grandeza de Deus’ (VE 49,7-10).

Assim foi que São João Evangelista, de águia, se transformou em passarinho, no pensamento de Frei Egídio. Ele disse isso, não para diminuir o santo evangelista, mas para mostrar a grandeza do mistério ao qual o evangelista se refere, como que balbuciando.

O Filho de Deus é chamado aqui de *Lógos*, em grego. A tradução latina diz: *Verbum*. “Verbo” é palavra que tem uma força operativa, isto é, que é capaz de pôr em obra alguma coisa, diz Agostinho. O Filho de Deus nasce do Pai como a Palavra nasce daquele que a concebe. Nascer é vir à luz. O Filho é luz e imagem, isto é, expressão do Pai: *o esplendor da sua glória e imagem da sua substância* (Hb 1,3). O Filho, embora sendo outro, não é

outra coisa do que o Pai. Isto quer dizer: ele é o mesmo, segundo a natureza, e é outro, segundo a pessoa. É chamado de “Palavra” ou “Verbo” porque diz, anuncia e enuncia, fala Aquele de quem procede, o Pai. Jesus Cristo é o revelador do Pai e é a Sabedoria criadora do universo. É chamado de “Filho” porque, embora sendo outro enquanto pessoa, é da mesma natureza de quem procede, isto é, do “Pai”. O Pai é o princípio sem princípio. O Filho está, desde sempre, nesse Princípio, que é o Pai, e desde sempre dele procede, isto é, é gerado, nasce. Nele, o Pai se pronuncia a si mesmo de modo completo e perfeito. O Pai é como a fonte oculta do ser. É a doação de ser. O Filho é como o manancial que jorra dessa fonte. É a recepção do ser. Eternamente, num processo sem mutação, num devir sem tempo, o Filho nasce do Pai. Este Filho é, pois, o mesmo que o Pai (enquanto é Deus). Por isso Ele diz: “*Eu e o Pai somos um!*”

2.2. O nascimento no tempo

O segundo nascimento dá-se dentro da história: *E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Por ser força operativa, o Filho, o Verbo, é que põe em obra a vontade, o bem-querer do Pai: tudo que existe, o visível e o invisível. Ele abraça tudo, conserva tudo, do mais elevado, um anjo, ao mais baixo, um vermezinho, um grão de areia. Ele é a Sabedoria, a Arte, com a qual Deus projetou e criou todas as coisas.

Essa Sabedoria criadora é a Luz dos homens (Cfr. Jo 1,4). Viver na sua claridade e transparência é nossa destinação. Por isso, ser criatura, principalmente ser homem, significa participar desta luz, deixar-se banhar em sua beleza e claridade para também ser beleza e luz.

O Natal mostra que a obra suma do Verbo, à qual toda a criação está ordenada, é sua própria Encarnação e, por conseguinte, nossa geração como filhos no Filho. O sumo, pois, de toda a História da Salvação, de toda a obra de Deus no tempo, é indicado com as palavras: *E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). O homem só pode nascer de Deus se Deus nasce do homem.

O Filho de Deus se fez filho do Homem e os filhos dos homens, por isso, puderam se tornar filhos de Deus. A propósito disso, dizia Santo Agostinho:

Caríssimos irmãos, nosso Senhor Jesus Cristo que desde a eternidade é o Criador de todas as coisas nascendo hoje de sua mãe, tornou-se nosso Salvador. Por sua vontade, nasceu hoje para nós no tempo, a fim de nos conduzir à eternidade do Pai. Deus se fez homem para que o homem se tornasse Deus. Para que o homem comesse o pão dos anjos, o Senhor dos anjos se fez homem².

² Sermo 13 de Tempore: PL 39, 1097-1098.

Assim como nossa palavra se faz voz, do mesmo modo também a Palavra do Pai se faz carne, isto é, toma uma forma pela qual ele pode se dar a conhecer aos homens. O Verbo invisível toma a forma visível de nossa humanidade. *Fez-se carne!* Essas palavras indicam a perfeita união pessoal do Filho de Deus com nossa natureza humana toda, inteira, em corpo e alma. Esse evento central e, ao mesmo tempo, final, isto é, definitivo, derradeiro, da história – a Encarnação do Verbo – mostra o amor terno, visceral, humilde de Deus para conosco, os humanos. São Francisco viu e captou algo da ternura desse amor entranhado na figura da “Senhora Pobreza”.

São Boaventura, no “Itinerário da mente para Deus” se admira com esse mistério da humanidade de nosso Deus:

O eterno uniu-se com o homem temporal, nascido duma Virgem, na plenitude dos tempos. O Ser simplíssimo uniu-se com o ser essencialmente composto. O ser soberanamente em ato uniu-se com aquele que extremamente sofreu e morreu. O ser perfeitoíssimo e imenso uniu-se com o insignificante. O ser sumamente uno e soberanamente tudo uniu-se com uma natureza individual, composta e distinta das outras, isto é, com o homem Jesus Cristo (VI,5).

2.3. O Natal em nossa mente

O terceiro nascimento acontece em nós, pois, à medida que Ele se torna para nós um *filho que nos foi dado* (Is 9,5), nós nos tornamos para Deus filhos seus muito amados. Pois, *àqueles que O receberam e acreditaram em seu nome, deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus* (Jo 1,12).

Assim, como Maria, cada alma, “naturalmente cristã” (Tertuliano), é chamada a gerar o Cristo em si mesma. Como Maria, a alma (o humano), que gera o Cristo em si mesma, há de ser virgem. “Virgem” quer dizer “solteira”, isto é, “solta”, “livre”. Livre para quê? Para servir, gerar. Isso quer dizer: a alma, que gera Cristo, tem que ser “serva do Senhor”, na disponibilidade que diz: “Eis-me aqui!”, “Presente!”, “Fiat!”, isso é, “faça-se em mim segundo a tua palavra”. É dessa disponibilidade virginal que vem a fecundidade para deixar Deus atuar em nós e fazer de nós “mães” do Senhor Jesus Cristo. Segundo São Francisco, na “Primeira Carta aos Fieis”, aqueles que passam pela “penitência”, isso é, pela revolução da mente, que faz o homem voltar-se para Deus, se tornam “mães de Nosso Senhor Jesus Cristo”. E explica: *Somos mães, quando O levamos no coração e em nosso corpo, por amor divino e consciência pura e sincera; O damos à luz pela santa operação, que deve brilhar em exemplo para os outros* (1CF 10).

Ao gerar Deus em si mesmo, o homem é também gerado em Deus.

Torna-se filho no Filho de Deus, com o Filho de Deus, como o Filho de Deus. João, cujo nome significa “filho da graça”, diz: *Os que O receberam (a Jesus) e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus* (Jo 1,12). A essa graça os cristãos gregos chamam de *theiosis* e os latinos de *deificatio*: deificação.

3. Em seu Filho Jesus, Deus disse-nos tudo de uma só vez (Hb 1,1-6)

Para a segunda leitura da Missa do dia do Natal a Igreja escolheu os primeiros versos da Carta aos Hebreus, que começa falando da revelação de Deus na História da Salvação: *Muitas vezes e de modos diversos, falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, ele nos falou por meio de seu Filho, a quem Ele constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual ele também criou o universo* (Hb 1,1).

A revelação de Deus, na história, é paciente e paulatina, mas ela só se consuma na vinda de seu Filho na carne, isto é, na fraqueza e fragilidade de nossa humanidade. Com o mistério da Encarnação, a Palavra de Deus não se expressa mais num discurso profético, mas tornou-se um homem, *nascido de mulher* (Gl 4,4). Jesus Cristo, no evento da Encarnação, é a Palavra definitiva de Deus, confiada à humanidade. A nós, que, antes, havíamos dito o nosso rude e grosseiro “Não” Ele nos diz o seu “Sim”, *cheio*

de graça e verdade. E Deus não tem outra Palavra a nos dar. É só essa. É o seu Tudo de uma só vez e para sempre. *Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo, que é seu Filho* (VD 14).

Conclusão

E a Palavra se fez carne e veio morar no meio de nós (Jo 1,14) não é apenas a culminância de todo o Prólogo, mas também a culminância e a consumação de toda a história da humanidade: seu princípio e seu fim. A partir de então, os homens, sua caminhada e a criação toda, não são mais os mesmos, como também Deus não é mais o mesmo. Os primeiros foram divinizados, tornando-se “deuses” e Deus torna-se um de nós: um Deus “humanado”. Por isso dizia a franciscana secular, Bem-aventurada Ângela de Foligno: *Não há maior amor do que Deus fazer-se carne para tornar-me Deus* (Ofício da Leituras).

Tão profunda e gloriosa é essa transformação que o Novo Testamento não tem receio de chamá-la, com toda a razão, de “nova criação”, “novo céu” e “nova terra”. Na contemplação de tão admirável e santa comunhão, tão sublime casamento e sagrado convívio, São Francisco foi levado a compor e a proclamar este Salmo:

Este é o dia que o Senhor fez / exultemos e nele nos alegremos. Porque o santíssimo Pai do Céu, nosso Rei antes dos séculos, / enviou do alto seu dileto Filho / e nasceu da bem-aventurada virgem santa Maria (...). Porque nos foi dado um menino santíssimo e dileto / e nasceu a caminho por nós e posto no presépio / porque não havia lugar na estalagem (OP Sl. XV).

Todo este profundo mistério foi admiravelmente contemplado e vivido por São Francisco e por todo o povo do vale de Rieti, no famoso “Presépio de Gréccio”. Nosso Papa Francisco, falando deste “Admirável Sinal”, depois de afirmar que ele *é como um Evangelho vivo*, nos exorta a *colocar-nos espiritualmente a caminho, atraídos pela humildade d’Aquele que se fez homem, a fim de se encontrar com todo o homem, e a descobrir que nos ama tanto, que Se uniu a nós para podermos, também nós, unir-nos a Ele* (Carta Apostólica *Admirabile Signum*, do Santo Padre Francisco sobre o significado e valor do presépio).

São Francisco via como uma só realidade o mistério da Encarnação-Cruz-Ressurreição e o mistério da Eucaristia. É o mesmo amor e a mesma humildade de Deus que se dão na criança nascida no estábulo em Belém (que significa “casa do pão”), no Crucificado e no Pão eucarístico. Na

segunda Carta aos Fiéis, São Francisco chama a atenção para estes mistérios:

Esta Palavra do Pai, tão digna, tão santa e gloriosa, o altíssimo Pai anunciou do Céu, por meio do seu santo anjo Gabriel, no útero da Santa e Gloriosa Virgem Maria, de cujo útero recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade. Sendo rico, acima de todas as coisas, Ele mesmo, juntamente com a beatíssima Virgem Maria, sua Mãe, quis no mundo escolher a pobreza. Próximo da Paixão celebrou a Páscoa com seus discípulos. E tomando o pão deu graças, o abençoou e o partiu dizendo: ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo’. E tomando o cálice disse: ‘Este é o meu sangue do novo testamento que será derramado por vós e por muitos para a remissão dos pecados’. Em seguida, orou ao Pai dizendo: ‘Pai, se for possível, que passe de mim este cálice!’ Seu suor se fez como gotas de sangue, escorrendo na terra. Contudo, pôs sua vontade na vontade do Pai, dizendo: ‘Pai, faça-se a tua vontade; não como Eu quero, mas como Tu queres!’ (2CF 4-10).

Natal é júbilo não apenas no coração do homem, mas também no coração de Deus. Rejubila Deus porque, até que enfim, também Ele pode realizar seu eterno desígnio de viver em plenitude a graça de ser criatura. Alegria, festa tão bem captada e ainda melhor descrita pelo franciscano Frei Jacopone de Todi (1236-1306) nestas suas duas ousadas estrofes:

Veggiano il bambino – Vejamos a criança
Gambetare nel fieno – Esperneando no feno
E le braccia scoperte – E braços descobertos
Porgere a ella il seno – Encostar-se no seio dela (Maria)

Ed essa lo ricopre – E ela o cobre
El meglio che può almeno, – Da melhor maneira possível,
Mettendoli la poppa – Colocando o bico do seio
Entro la sua bocchina – Na boquinha dele.



Sagrada Família de Jesus, Maria e José

Leituras: **Eclo** (Sirac) 3,3-7.14-17^a; **Cl** 3,12-21; **Lc** 2,41-52

Tema-Mensagem: As famílias, a exemplo da Sagrada Família, sejam santas e sagradas a fim de que saibam acolher e dar lugar a Jesus, presente nos esposos, pais, filhos e irmãos!

Introdução

Logo após, ou melhor, dentro da solenidade do Natal, celebramos hoje a festa da “Sagrada Família: Jesus, Maria e José”. Para iluminar esse mistério, a Igreja proclama, neste Ano C, o conhecido Evangelho do Menino Jesus ficado e encontrado no Templo.

1. O mandamento de os filhos honrar os pais (Eclo) 3,3-7.14-17)

Quem nos introduz no mistério dessa festa é um pequeno texto tirado do livro do Eclesiástico. O autor, já de saída, quer iniciar-nos no princípio ou, melhor, na fonte de toda a riqueza da vida familiar: o 4º mandamento: *honrar pai e mãe* (Ex 20,12). Quando isso acontece *Deus honra os pais nos filhos e confirma sobre eles a autoridade da mãe* (Eclo 3,3). Ou seja, a primeira forma, o modo natural, de Deus, através dos tempos, passar adiante sua

honra, isto é, sua dignidade, sua glória, enfim, o brilho do vigor de sua deidade, é através dos pais. São eles o primeiro sinal, o mais eficaz “sacramento” natural do amor de Deus e da filiação divina dos homens.

Desse modo, observar esse mandamento é *ajuntar tesouros, é enriquecer-se dos benefícios divinos como o perdão dos pecados, a oração bem atendida, vida longa, etc.* Daí, a exortação: *Meu filho, ampara o teu pai na velhice!* (Eclo 3,14).

Por tudo isso, o autor conclui retomando a fonte originária da riqueza do mistério da família: *a caridade, (que é Deus), feita a teu pai não será jamais esquecida... ela servirá para tua edificação* (Eclo 3,15-16).

2. Um Menino misterioso (Lc 2,41-52)

O Evangelho deste Domingo nos coloca diante do primeiro desencontro de Jesus com sua família. Em vez de acompanhar os pais, na viagem de volta a Nazaré, Jesus permanece no Templo a fim de ocupar-se com as coisas de seu Pai.

2.1. O Senhor do Templo vai ao Templo

É a terceira vez que Lucas, em seu Evangelho, faz referência ao Templo (Cfr. Lc 1,8-22;21-40). Des-

sa vez, porém, há uma grande diferença. No final da visita, o Menino decide permanecer em Jerusalém, no Templo.

Lucas precisava mostrar que, desde sua infância, Jesus estava orientando sua vida para Jerusalém, para o Templo, onde, mais tarde, consumará sua doação, seu sacrifício e, a partir do qual e de onde será proclamada a Boa Nova da Ressurreição e do perdão para todos os povos. Por isso, também, esse fato se deu por ocasião *da Festa da Páscoa*, tempo em que se imolava o cordeiro pascal, símbolo do sacrifício da antiga aliança de Jahvé com seu povo eleito. Ora, aqui, nesse Menino está o verdadeiro Cordeiro, cujo sacrifício irá selar a nova e definitiva Aliança de Deus não apenas com Israel, mas com toda a humanidade. E, para que essa aliança nascesse de dentro de Deus e de dentro do homem, era preciso que Jesus fosse em tudo Deus e em tudo homem, ao mesmo tempo. Por isso, Jesus, além de nascer homem entre os homens, humildemente, se submete à Lei que foi dada a Israel e age como um simples ser humano. E, como todo bom israelita, vem ou vai ao conspecto de Deus para oferecer-lhe sacrifícios e orações.

Também, por ter acontecido aos doze anos, o fato se reveste de um significado emblemático. Para o judaísmo, doze era a idade da maturidade religiosa e, para os gregos, a idade em que no homem despertava a luz da razão. Assim, já nesta idade,

neste Menino, pode-se ver o começo da luz divina do Cristo, isto é, do Ungido de Deus; que neste Menino *estava chegando a luz verdadeira, aquela que ilumina todo homem* (Jo 1,9).

2.2. Um Menino perdido, mas encontrado

Segundo a narrativa, terminada a festa, quando seus pais retornam para casa, o Menino permaneceu oculto em Jerusalém. Aflitos, só vão encontrá-lo três dias depois.

Os três dias de procura, na leitura dos Padres da Igreja, remetem, também, ao futuro desse Menino: sinal e prenúncio dos três dias de sua Paixão triunfante (Santo Ambrósio). Também, nesse fato, uma significativa e importante indicação para nossa própria busca de Jesus Cristo. Onde encontrá-lo? Não entre os parentes, pois não são os laços da carne que nos unem a ele; nem entre os conhecidos, pois nenhuma ciência humana é capaz de conhecê-lo; nem entre a multidão, pois Ele é único. Por isso, quem quiser encontrá-lo deve apartar-se dos familiares, dos homens, da massa e dirigir-se ao Templo de Deus, à Igreja, ao coração de cada criatura (Cfr. Orígenes).

Jesus é encontrado *sentado no meio dos mestres*, ouvindo-os e interrogando-os, fazendo-se, portanto, de discípulo, aprendiz. Eis a humanidade e a humildade do Menino Deus! Sua participação no estudo, com suas perguntas e respostas, indicava algo

fora do comum: uma sabedoria escondida e divina e uma inteligência iluminada, transcendente. Enfim, todos podiam intuir, muito bem, que neste Menino se escondia um verdadeiro Mestre. Por isso, os presentes oscilavam entre a sublimidade do que ouviam e a humildade do que viam. Eis porque os pais *vendo-o, ficaram tomados de grande surpresa e sua mãe disse: ‘Meu filho, por que agiste assim conosco? Vê, o teu pai e eu, nós te procuramos cheios de angústia!’* (Lc 2, 48).

Essas palavras de Maria nos fazem pensar nas palavras do Papa Francisco, em sua Carta Apostólica “*Patris corde*” (“Com o coração de Pai”). Um dos aspectos de José, que o Papa evoca, é o de “pai na sombra”. Ele diz:

O escritor polaco Jan Dobraczyński, no seu livro *A Sombra do Pai*, narrou a vida de São José em forma de romance. Com a sugestiva imagem da sombra, apresenta a figura de José, que é na terra, para Jesus, a sombra do Pai celeste: guarda-O, protege-O, segue os seus passos sem nunca se afastar dEle. Lembra o que Moisés dizia a Israel: «Neste deserto (...) vistes o Senhor, vosso Deus, conduzir-vos como um pai conduz o seu filho, durante toda a caminhada que fizeste até chegar a este lugar» (Dt 1, 31). Assim José exer-

ceu a paternidade durante toda a sua vida (PC 7).

A figura de José nos leva a pensar, com o Papa, a respeito da paternidade:

Não se nasce pai, torna-se tal... E não se torna pai, apenas porque se colocou no mundo um filho, mas porque se cuida responsabilmente dele. Sempre que alguém assume a responsabilidade pela vida de outrem, em certo sentido, exercita a paternidade a seu respeito.

Na sociedade atual, muitas vezes os filhos parecem ser órfãos de pai. A própria Igreja de hoje precisa de pais. Continua atual a advertência dirigida por São Paulo aos Coríntios: «Ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais» (1 Cor 4, 15); e cada sacerdote ou Bispo deveria poder acrescentar como o Apóstolo: «Fui eu que vos gerei em Cristo Jesus, pelo Evangelho» (4, 15). E aos Gálatas diz: «Meus filhos, por quem sinto outra vez dores de parto, até que Cristo se forme entre vós!» (Gl 4, 19). Ser pai significa introduzir o filho na experiência da vida, na realidade (idem).

2.3. Sua mãe guardava todos esses acontecimentos em seu coração

Nas palavras seguintes, Lucas nos remete, de novo, para o coração de seu Evangelho: a humanidade e humildade de Jesus. Por isso, escreve: *Depois, ele desceu com eles para Nazaré e era-lhes submisso* (Lc 2,51). O maior se submete ao menor. Também aqui, ressoa o que São Francisco diz da Eucaristia: *Ó admirável grandeza e dignidade admirável! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde!* (CO 25).

E Maria, então, *sua mãe, guardava todos esses acontecimentos (tà rhémata) em seu coração* (Lc 2,51b). Eis o divino processo, trabalho da maternidade divina: guardar, meditar, ficar pensando, ruminando, buscando, colhendo, sempre de novo, o significado de tudo o que estava acontecendo. Por isso, Maria é o primeiro e o mais elevado, belo e expressivo exemplo do discípulo de Cristo. Aqui a lei da natureza se inverte: Ela, a mãe, deve tornar-se aprendiz, aluna de seu filho. Aprendeu com tudo o que ele disse e fez. Foi assim no começo e foi assim até o fim – até a Cruz e o seu retorno para o Pai.

Finalmente, diz o evangelista: *Jesus progredia em sabedoria e em estatura, e em graça diante de Deus e dos homens* (Lc 2,52). No encerramento da narrativa da infância vem a colheita, de novo e de outra forma, do modo de ser de todo o mistério da Encarnação. Em vez de um fato, limitado ao tempo e ao espaço, Jesus,

o Filho de Deus, tem de aprender a encarnar-se, sempre de novo. O último desses empenhos será na e com a Cruz e, logo em seguida, na Eucaristia.

3. Acima de tudo, amai-vos uns aos outros (Cl 3,12-21)

Como o Eclesiástico, também o Apóstolo Paulo começa apresentando o fundamento, a fonte originária de toda a vida eclesial e familiar: *Vós sois amados por Deus, sois os seus santos eleitos* (Cl 3,12). Ora, se essa é a realidade, a verdade mais verdadeira de cada um dos membros da Igreja e de uma família, segue, então, logicamente, esta exortação: *Por isso, revesti-vos de sincera misericórdia, humildade, bondade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros perdoando-vos mutuamente... Mas, acima de tudo, amai-vos uns aos outros, pois o amor é o vínculo da perfeição* (Cl 3,12-15).

Suportar, mais ou antes de aguentar, significa, a exemplo de São Francisco, olhar, ver e acolher o outro como um dom que Deus me oferece. Foi dentro desse princípio que Deus instituiu o casamento. Por isso, se o casamento de Adão e Eva se constituiu como o sacramento natural do amor de Deus, agora, com a Encarnação de seu Filho, este mesmo mistério é elevado à dignidade de sacramento celestial. Por isso, Paulo exorta: *Tudo o que fizerdes, por palavras ou obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus Cristo* (Cl 3,17).

Quando se vive ou se faz algo “no nome do Senhor” o poder-dominância sofre uma guinada: vira serviço. Por isso, o marido serve à esposa, os pais servem aos filhos, como Cristo que, pela Encarnação, assumiu a forma de servo e a deu, como lição, na Última Ceia, no Lava-pés e na Cruz. Por isso, quando o Senhor é a fonte da vida eclesial e familiar, o marido será sempre acolhido como senhor pela esposa que se faz sua serva; e a esposa acolhida como senhora pelo marido que se faz seu servo. Da mesma forma, os filhos obedecerão aos pais em tudo como a seus senhores. E esses, os pais, por sua vez, tratarão sempre os filhos como dons que o Senhor lhes concedeu e aos quais devem servir-lhes a vida, o amor.

“No Senhor” significa, também, vocação-missão. Ou seja, o matrimônio, como o celibato apostólico e evangélico, é mais do que amor natural ou conjugal. Pois, o casal, além de mirar a própria felicidade terrena, é chamado a zelar pela vida e felicidade dos filhos, e, por extensão, de todos os membros da grande família do Pai eterno.

Enfim, estar na vida eclesial e ou familiar em nome do Senhor significa acolher os diferentes e florescer com eles no vigor do Amor-Caridade-Doação-Entrega-Serviço do mandamento maior: “*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*”. A partir dessa força originária, as diferenças, em vez de fator de desventura, serão sempre vistas e acolhidas

como graça, pedras de construção. Assim, homem e mulher, filhos e filhas, irmãos e irmãs, todos e cada um diferente do outro, serão todos e sempre companheiros na difícil aprendizagem de tornar-se humanos, cada vez mais humanos e cristãos, cada vez mais cristãos.

Conclusão

O Papa Francisco, bem no princípio do primeiro capítulo de sua Exortação apostólica *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família, faz questão de assinalar que *a Bíblia, em suas inúmeras páginas, vem recheada de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares; desde as primeiras páginas, entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência, mas também com a força da vida que continua* (Cfr. Gn 4), *até às últimas páginas, onde aparecem as núpcias da Esposa e do Cordeiro* (Cfr. Ap 21,2.9) (AL 8).

Mais adiante, ele aponta para o coração da família: *no centro de toda família encontramos o casal, formado pelo pai e a mãe, com toda sua história de amor. Neles se realiza aquele desígnio primordial que o próprio Cristo evoca com decisão: «Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher?»* (Mt 19, 4). E, retomando o mandato do Criador, continua a Papa: *«Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne»* (Gn 2,24) (AL 9). E conclui: *Por isso, o casal que ama e*

gera a vida é a verdadeira «escultura» viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador” (AL 11).

Que a graça do estado laical ajude pai, mãe e filhos a ser “cristãos leigos e leigas, sal da Terra e luz do Mundo”; *que saibam que a “ALE-*

GRIA DO AMOR” que vivem nas famílias é também o júbilo da Igreja; que, apesar dos numerosos sinais de crise no matrimônio, «o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens; que «o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia» (AL 1).



Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus

Leituras: Nm 6,22-27; Gl 4,4-7; Lc 2,16-21

Tema-mensagem: Maria, a santa Mãe de Deus, gera e oferece ao mundo o Príncipe da paz.

Introdução

“Solenidade de Maria, Mãe de Deus!” É assim que a Igreja, hoje, dentro da oitava do Natal, expressa e celebra, jubilosa, a identidade mais profunda, misteriosa e encantadora, mas, também dramática de Maria. Com Maria, a Mãe de Jesus, a Mãe de Deus e, por extensão, nossa Mãe, a Mãe do Príncipe da Paz universal, temos também, juntamente com o início de novo ano civil, a graça de poder celebrar a graça do mistério do tempo, da existência humana e de toda a criação.

1. A grande bênção patriarcal (Nm 6,22-27)

A primeira leitura de hoje traz a bênção aarônica, bênção sacerdotal da Antiga Aliança, de cuja invocação foram incumbidos Aarão e seus filhos: *Invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel e Eu os abençoarei* (Nm 6,27). Como dádiva divina graciosa, dispensada pelo Senhor, em sua liberdade soberana, a bênção nasce sempre de seu bem-querer. Por

isso, sempre se expressa num relacionamento de intimidade de um “Tu” para outro “tu”: “O Senhor (o grande TU) *te* abençoe e *te* guarde...” (Nm 6,24).

A invocação do nome do Senhor sobre o povo é a garantia de assinatura, de selo, de carimbo, de pertença. Por três vezes ela se repete, cada vez com um dom diferente:

- *Que o Senhor te abençoe e te guarde!* (Nm 6,24). Literalmente, te doe proteção. No homem, Deus vê seu Filho muito amado – seu *alumnus*, seu pupilo. Por isso, Ele o protege como a menina de seus olhos;

- *O Senhor faça resplandecer sobre ti seu olhar e te conceda sua graça!* (Nm 6,25). Literalmente, te doe perdão, misericórdia. Deus quer que nós comunguemos de sua identidade mais profunda, de sua benevolência, de seu amor, através de um rosto sorridente, alegre e misericordioso, como o rosto do Pai do Filho pródigo;

- *O Senhor volte para ti o seu olhar e te dê a paz!* (Nm 6,26). Literalmente: “Que o Senhor levante seu rosto para ti e te dê a paz!” Levantar o rosto significa acolher. Que o Senhor te acolha! Que ele não desvie o rosto de ti! Essa é a vontade paterna de Deus: acolher o homem que se volta para Ele.

A primeira leitura termina com esta orientação: *Assim, invocarão*

seu nome. O Nome do Senhor é secreto, maravilhoso (Cfr. Gn 32,30; Jz 13,18). É nome inominável, inefável, porque acena, guarda e comunica tudo aquilo – o mistério – que Deus, *Iahweh*, quer ser para seu povo: um Deus que deseja marcar presença para caminhar com seu povo, ser um dele, comungando de suas alegrias e tristezas, angústias e esperanças, vidas e mortes.

2. Maria, fazendo-se Mãe de Deus, faz-se também Mãe da nova humanidade e nos dá o Príncipe da Paz (Lc 2,16-21)

Entre os diversos aspectos (mistérios), que envolvem o nascimento de Jesus, está o de sua Mãe, Maria, e dos pastores.

2.1. Os pastores, sua louvação e anúncio

O Evangelho de hoje começa com a visita dos pastores ao Menino Jesus. Na origem desse evento está uma bela notícia, um verdadeiro Evangelho vindo do céu, através do Anjo do Senhor: “*Hoje, nasceu para vós um Salvador!*” (Lc 2,10-11). O anúncio exige uma dupla resposta: que o sinal seja verificado e que seu significado aceite. Por isso, os pastores vêm pressurosos e, de fato, encontram tudo como havia sido anunciado pelo Anjo: Maria e José, e o Menino deitado no coxo (Lc 2,20). Ato contínuo, entoando glória e louvores a Deus por tudo o que tinham ouvido

e visto, à semelhança dos Apóstolos, mais tarde, diante da Ressurreição, saíram a anunciar a Boa Nova desse nascimento, cheio de mistério, a todos quantos encontravam, tornando-se, assim, os primeiros evangelizados.

O Salvador vem em forma de um menino, indefeso, deitado numa manjedoura, envolto em faixas pobres, em meio a animais. Um Menino que se tornará o Cordeiro de Deus. E os pastores, ao contrário dos poderosos deste mundo, creram, botaram fé, se fiaram neste sinal, que é a Senhora Pobreza, como dirá mais tarde São Francisco. Assim, neles, os mais humildes, pequenos e marginalizados de Israel, começou a brilhar, como outrora em Abraão, a nova luz acerca da verdade de Deus e que brilhará em plenitude, mais tarde, no Gólgota: o Crucificado, o Cordeiro de Deus, o Bom Pastor, que, ao morrer entre ladrões, dá sua vida pelos homens.

2.2. Maria, Mãe de Deus

Em seguida, Lucas nos mostra Maria recolhida e recolhendo (*symballousa*) em seu coração todas as coisas que via e ouvia, buscando nos acontecimentos-palavras (*tà rhémata*) um sentido divino. Esse era seu empenho maior (Cfr. Lc 2,19), seu alimento diário. Ser mãe, mais que gerar, é buscar, colher e recolher o sentido desse milagre da vida – o filho – a fim de poder ser-lhe, cada vez mais, o mais fiel possível. Nele está seu tudo. Um mistério que a acompa-

nhará por todos os dias de sua vida: um menino que tem sangue de seu sangue, osso de seus ossos, mas que é de origem misteriosa, divina. Como entender esta união divina e humana?

Estamos diante do outrora (século IV) tão discutido e famoso mistério, dogma, da “união hipostática”. Dogma que proclama o mistério de que Jesus é uma única pessoa com duas naturezas: a divina e a humana; que, sem se confundir, as duas encontram-se tão intimamente unidas que tudo o que se diz de uma, de igual modo e com a mesma intensidade, deve-se dizer também da outra. Ou seja, Jesus é tão Deus quanto homem e vice versa, tão homem quanto Deus. Consequentemente, Maria não é simplesmente a mãe do varão Jesus, mas também do Deus-homem, do Verbo encarnado, ou, como a saudou Isabel: *Mãe do Senhor* (Lc 1,43), verdadeira *Theotokos*, isto é, verdadeira genitora de Deus. Eis o título com o qual nós a saudamos hoje e em todas as “Ave Marias”: “Mãe de Deus!” É o título mais nobre que uma mulher mortal poderia receber. Todos os seus outros títulos, como água de uma única e mesma fonte, emanam dessa sua dignidade de mãe de Deus, “Mãe do Senhor!”

Segundo Santo Efrém, o Sírio (+ 373), com o título *Theotokos* (Mãe de Deus), a Igreja antiga quis manifestar para com ela toda sua devoção, reverência e amor:

Mas, ó Virgem Senhora, imaculada Mãe de Deus, minha Senhora gloriosíssima, minha Senhora beneficentís-

simas, mais sublime do que o céu, muito mais pura do que os esplendores, os raios, os fulgores solares, ... Vara germinante daquele Aarão, vara que verdadeiramente apareceste e mostraste a flor, teu Filho, nosso Cristo verdadeiro, meu Deus e meu autor. Tu, segundo a carne, geraste Deus e Verbo, antes do parto, servindo na virgindade, virgem permaneceste após o parto, e nós fomos reconciliados com Deus, o Cristo, teu Filho!

2.3. Maria, Mãe da Igreja

Maria, por ser a Mãe de Jesus, torna-se também a Mãe de todos os seguidores de seu Filho, a Mãe da Igreja. Costumamos argumentar que Maria se torna Mãe da Igreja quando no auge da Cruz, Cristo, dirigindo-se a ela, indica o discípulo que Ele amava e diz: *‘Mulher, eis aí teu filho!’*; e depois dirigindo-se ao discípulo, diz: *‘Eis aí tua mãe!’* (Jo 19,26-27). Mas, talvez, Jesus esteja dizendo que, agora sim, pela participação dela na sua Paixão, na sua Cruz, Maria consumara sua Maternidade, iniciada com a anunciação do Arcanjo: que agora, sim, Maria acabava de tornar-se, verdadeiramente, Mãe Dele – Jesus, dele João e de todos quantos O seguirem.

Quem compreendeu bem essa exclamação foi São Francisco, quando redigiu a seguinte saudação: *Salve, Senhora, santa Rainha, santa genitora de Deus, que és virgem feita*

Igreja! (SVM).

Segundo essa saudação, Maria e a Igreja fundem-se na mesma alma, vocação e missão: a maternidade divina. Assim, quem vê Maria vê a Igreja e quem vê a Igreja vê Maria. Na maternidade de Maria, a Igreja contempla e vive sua maternidade. Na maternidade da Igreja, Maria vê prolongar-se sua Maternidade divina.

Assim, o mistério da maternidade divina de Maria, em vez de restringir-se apenas a ela, estende-se a toda a Igreja e a toda a Humanidade, a toda a Terra. Ela é a mãe dos homens da terra e da terra dos homens. Sim, *nossa irmã, a mãe terra* (CIS 9) também participa desse mistério da maternidade divina, gemendo em dores de parto! (Cfr. Rm 8,22). Sim, todos nós humanos, com todas as demais criaturas, somos chamados a ser, em Jesus, filhos de Maria e filhos de Deus, como também chamados a ser em Maria, mães de Jesus!

Maria torna-se assim a Nova Eva (Mãe da vida e dos viventes), assim como Cristo, seu Filho, se tornou o Novo Adão. Deles nos advém a Nova Criação: o Natal do Novo Céu e da Nova Terra, a Paz e a Fraternidade universal.

2.4. Deram-lhe o nome de Jesus

O Evangelho de hoje termina dizendo: *Quando se completaram os oito dias para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo próprio Arcanjo, antes de ser concebido* (Lc 2,21).

Estamos diante do sumo da bên-

ção de Deus! Não há e não poderá, jamais, haver bem maior para o homem do que receber de Deus seu próprio Filho como irmão, para ser o Deus-conosco, o “Emanuel”, assim decantado por São Paulo: *Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a bênção espiritual nos céus, em Cristo Jesus* (Ef 1,3). Se neste mundo receber um filho, ganhar um irmão, é uma grande bênção, o que não dizer quando este filho e irmão é o Filho de Deus!?

Por isso, para nós o nome “Jesus” é tudo. É nosso caminho, nossa verdade, nossa vida. Disso souberam e provaram os cristãos do ocidente e do oriente. Os que escreveram sobre São Francisco, por exemplo, falavam de como o nome Jesus era doce ao paladar espiritual daquele Santo. Tomás de Celano, ao mostrar a devoção de Francisco para com a “Natividade do Menino Jesus”, fez questão de anotar como ele pronunciava este nome com singular afeto, *balbuciando doces palavras como uma criancinha, e como, para ele, esse nome* (Jesus) *era como favo de mel em sua boca* (1C 86). Santa Joana D’Arc, por sua vez, quando ia se encaminhando para a fogueira, não cessava de balbuciar “Jesus!”, “Jesus!”, “Jesus!”.

3. Filhos no Filho (Gl 4,4-7)

A segunda leitura, tirada da Carta aos Gálatas, começa com o anúncio do cumprimento do tempo messiânico: *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho...*

(Gl 4,4).

O desafio que nos incumbe essa mensagem, hoje, é experimentar essa plenitude, isto é, a gravidez de Deus, de Jesus Cristo, no meio das vicissitudes do dia a dia; de dispor-nos para acolher o mistério da humanidade e da humildade de Deus, do Deus Menino, em nossas vidas. Só então acontecerá também para nós a plenitude de nosso tempo. Isso se dará se fizermos de cada dia de nossa vida um dia de Natal; se vivermos sempre de novo, a cada amanhecer, o irromper da plenitude de nosso tempo. Celebrar o Natal significa dispor-nos a abrir o coração para que ela, essa plenitude – a presença do Menino Deus – seja amada e acolhida nos mais diversos reveses, nos apertos e nos alívios, nas alegrias e tristezas de cada dia.

A vinda de Cristo na história humana, porém, antes de uma chegada repentina, a modo de um meteorito, vem de dentro, num processo de gestação: *nascido de uma mulher, nascido sujeito à lei* (Gl 4,5). Nesse processo, Jesus vai comungando de todas as consequências e instabilidades da decadente condição humana, desde a queda de Adão. Para o Apóstolo Paulo é de suma importância insistir que o Filho de Deus é homem como todo e qualquer homem, homem inteiramente humano e, por isso, plenamente inserido naquele *estado da maldição da lei*, no qual e pelo qual tornou-se *maldito a ponto de ser suspenso no madeiro* (Cfr. Gl 3,13).

A importância dessa insistência

de Paulo é para mostrar que só assim o homem é libertado, de modo radical e inteiramente, de sua condição de escravo da lei; só assim ele – o homem – passa, como Ele, a ser filho do Pai. Essa identificação libertadora segue o caminho da *kénosis*, isto é, do abaixamento, através da qual Ele imerge inteiramente na miséria humana até a morte mais vergonhosa, que é a morte de cruz; atraindo, assim, a Si todos os que comungam dessa miséria.

Estamos diante de um novo princípio a reger todas as relações humanas, sociais, políticas, econômicas e religiosas. Por isso, todos aqueles que, realmente, proclamam esta fé de filhos do único Pai, devem considerar a si e a todos como verdadeiros irmãos, não podendo admitir nenhuma discriminação seja de que tipo ou nível for, social ou religioso, econômico ou político. Por isso, um princípio realmente criador e salvador! Bem dizia São Francisco:

‘Todos vós sois irmãos! Por isso, não vos chameis de pai sobre a Terra, pois, um só é vosso Pai, que está nos Céus. Nem vos chameis de mestre. Pois um é o vosso Mestre’ que está nos Céus. ‘Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será dado. Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles’ (RNB 22,33-36).

Conclusão

A alegria da Solenidade de Maria, Mãe de Deus, coincide com a alegria da chegada do Ano Novo, evento que nos leva a bendizer a graça do mistério do tempo, da existência, do ser.

Além do mais e, principalmente, por mais secularizada que hoje esteja, esta festa ainda traz, no ocidente, as marcas do mistério da Encarnação. Nosso calendário, dizendo “depois de Cristo”, sempre proclama que estamos reiniciando o Tempo de Cristo, que todo o ano é *ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Nesse sentido, o novo ano pode significar a graça de começar, de nascer de novo, como recomendava São Francisco, no fim de sua vida: *Meus irmãos, comecemos a servir, de novo e com humildade, ao Senhor, porque até agora bem pouco fizemos* (1C 103).

Por tudo isso, vem muito a propósito a Igreja iniciar o Ano Novo, o Dia da Paz e da Fraternidade universal com a celebração do mistério de Maria Mãe de Deus e com a proclamação da primitiva bênção de Aarão. A oitava do Natal retoma, assim, o dia em que *Deus fez Maria sorrir porque ela deu à luz o sorriso de Deus, Jesus Cristo* (*Tesouros da Literatura e da História, Santo Antônio de Pádua*, volume II, 1987, pág. 625 – III Sermão in *Nativitate Domini*).

Contemplando esse mistério, assim se expressa Santo Anselmo:

Toda criação é obra de Deus, e Deus nasceu de Ma-

ria. Deus criou todas as coisas, e Maria deu à luz Deus! Deus, que tudo fez, formou-se a Si próprio no seio de Maria. E, deste modo, refez tudo o que tinha feito. Ele, que tudo pode fazer do nada, não quis refazer em Maria o que fora profanado. Por conseguinte, Deus é o Pai das coisas criadas, e Maria é a Mãe das coisas recriadas. Deus é o Pai da criação universal e Maria, a Mãe da redenção universal... (Ofício das Leituras, 8 de dezembro).

Como os pastores, nós também, terminada a Oitava do Natal, voltemos jubilosos para as casas de nosso cotidiano, de nosso tempo, de nossa “Casa Comum”, glorificando e louvando a Deus por ter-nos concedido a graça de ver, celebrar e testemunhar, mais uma vez, o Mistério divino-humano de Jesus e de Maria, a Mãe de Deus.

Que por intercessão de Maria, a Mãe de Deus, todos os dias deste novo Ano, sejamos acompanhados pela bênção de nossos grandes pais: Abrão e Francisco:

“O Senhor te abençoe e te guarde!

O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti!

O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz” (Nm 6, 23-26).



Solenidade da Epifania do Senhor

Leituras: Is 60,1-6; Ef 3,2-3^a.5-6; Mt 2,1-12

Tema-mensagem: Aos magos e, com eles, a toda humanidade, a todos nós e a toda criação, enfim, Jesus se revela como Estrela da manhã, Sol nascente que veio nos iluminar; por isso, como os magos, de joelhos, veneremo-Lo e adoremo-Lo, a fim de que, assim, possamos viver guiados pela luz desse admirável mistério.

Introdução

Após sua manifestação aos judeus, Jesus, hoje, ao encerrarmos o Tempo do Natal, faz sua manifestação também para todos os povos e nações, representados pelos Magos. Guiados por uma misteriosa estrela que lhes apareceu no oriente, põem-se a caminho para encontrar seu verdadeiro guia e rei: o Menino Jesus, deitado no presépio.

1. A Epifania na visão dos profetas (Is 60,1-6)

Desde tempos antigos, a Igreja chama esta manifestação de “Epifania”. Contudo, mais que manifestação, epifania expressa o movimento de Deus que, irrompendo do alto de sua grandeza, glória e majestade, se humilha, se apequena a fim de ingressar no horizonte e na história dos homens; desde toda a eternidade Deus ama o homem. Por isso, quer viver com ele e como ele.

Quem, ao longo da história judaica, vê com clareza o movimento dessa Paixão de Deus são os profetas. Na primeira leitura de hoje, Isaías fala de Jerusalém, que é iluminada por Deus e que, por sua vez e por isso, ilumina todo mundo. Se, antes, os habitantes de Jerusalém se queixavam porque esperavam a luz e, no entanto, só encontravam as trevas ou porque buscavam a claridade, e, no entanto, tinham que caminhar na escuridão (Cfr. Is 59,9b), agora ouvem a exortação: *Põe-te de pé e torna-te luz, Jerusalém, por que está chegando a tua luz: a glória do Senhor se levantou sobre ti* (Is 60,1). Assim, a partir de Jerusalém, a glória do Senhor passa a iluminar toda a terra, todas as nações, povos e reinos (Cfr. Is 60,2-3). Deus será o esplendor de Jerusalém e sua luz que jamais haverá de se extinguir. Seus filhos e filhas retornam do exílio. Mas, com eles, atraídos para o Monte Santo e o Templo, vêm as nações, que afluem a Jerusalém, trazendo consigo seus tesouros, *ouro e incenso* (Is 60,6a). Assim, também os gentios *se tornarão mensageiros dos louvores do Senhor* (Is 60,6b).

2. Os misteriosos magos e sua mensagem (Mt 2,1-12)

Todo este insondável mistério, que tanto encantara Paulo e toda a Igreja primitiva, nos chega de modo diverso e admirável pelo Evangelho

de São Mateus, com a narrativa da misteriosa visita dos não menos misteriosos magos ao Menino Jesus. O Grande Rei, que o universo não pode conter, quis caber como menino deitado numa manjedoura de estrebaria, longe de Jerusalém e do Templo sagrado. Tudo muito estranho! Não se manifesta aos escribas e sacerdotes, aos maiores e poderosos, mas aos menores, pobres e rudes pastores da Judeia, a estrangeiros e gentios, que o Evangelho chama de “Magos” (*mágoi*).

2.1. Judeus e gentios reunidos num único e novo Povo de Deus

Segundo a narrativa do nascimento de Jesus, os pastores representam o povo judeu, os que são de perto, os familiares; enquanto os magos representam os povos gentios, os que são de longe, os estranhos. Dessas duas humanidades, a judaica e a pagã, Cristo veio fazer uma só humanidade. É o que podemos perceber numa das famosas antífonas intituladas de “Ó”, recitadas na semana que antecede ao Natal: *Ó rei das gentes e desejado das nações e pedra angular delas, que fazes de judeus e gentios uma unidade: vem e salva o homem que formaste do limo* (Vésperas, 22 de dezembro).

Os judeus buscavam o poder de Deus. Já os gentios – os gregos – queriam a sabedoria. Mas, ambos precisavam converter-se. Os judeus para a fraqueza do Crucificado, o verdadeiro poder de Deus e os pagãos para

acolher a loucura da Cruz a verdadeira sabedoria, muito mais sábia que a sabedoria dos homens. Desse modo, como observa Santo Agostinho, o caminho da salvação, para os judeus passava por assumir o ser pecador e, para os gregos pelo assumir a própria ignorância, dando o salto da fé. Os Judeus não podiam confiar em sua justiça e os gregos em sua sabedoria. Tudo isso, para que nenhum poderoso se ensoberbecesse e nenhum fraco se desesperasse, concluiu Agostinho.

Distantes e estrangeiros, tornam-se os primeiros “Apóstolos” do Messias junto aos seus próximos e compatriotas. Agostinho vê neles o espírito que anima o verdadeiro crente: anunciam, mas também questionam, creem, mas também buscam, caminham na fé, mas também desejam ver. O nascimento do verdadeiro Rei deste mundo fez brilhar a estrela que, até então, estava escondida no coração de cada homem: a “*luz que ilumina todo homem que vem a este mundo*” (Jo 1,9).

2.2. O alvoroço e a pseudo união dos anticristos

Ao contrário dos magos, que desejavam encontrar e ver o *Rei dos judeus*, Herodes temia encontrar e ver um concorrente e adversário dele e de Roma, do Mundo. Por isso, quando ouviu falar do nascimento daquele Menino, não apenas se perturba, mas, de imediato, decide exterminar, ainda criança, este Rei intruso e estranho. Mas, os temores de Herodes são vão,

diz São Leão Magno. O reino de Herodes, a Judeia, sim, mesmo o império romano era por demais pequeno e estreito para que o Cristo, o Rei do Universo, o ambicionasse e quisesse disputá-lo com ele.

O nascimento do Menino Deus, da Paz e da humildade, embaraça os poderosos e soberbos desse mundo. Dá-se, então, o inusitado. Temerosos de perderem o mando, todos esses, que antes se combatiam, agora se unem. Se até então estavam em lados opostos, estão, agora, juntos a fim de combater o indefeso, esboçando-se, assim, a cena da Paixão: os inimigos se deram as mãos para combater o pseudo inimigo comum – o Cristo, o inerte e inocente Jesus.

Ambíguo é o comportamento de Herodes, dos sacerdotes e dos escribas. Consultam as Escrituras. Mas, creem nelas? Se creem, por que não a tomam a sério? Se não creem, por que as consultam? O Pseudo-Crisóstomo esclarece: os pecadores nunca creem totalmente naquilo que creem. Creem, descrendo. Creem, mas não vivem segundo a fé que professam. Agostinho compara os sacerdotes e escribas com as placas das estradas. Elas apontam o caminho, mas elas mesmas permanecem paradas e, por vezes, sujas e deterioradas. São homens que trabalham e se doam muito para a salvação dos outros, mas que, na verdade, eles mesmos não creem e, por isso, põem-se a perder a si mesmos. São apenas funcionários, mas não fiéis, crentes, religiosos.

O diálogo de Herodes com os magos é cheio de soberba e de astúcia. Fala com eles em segredo, temendo que os escribas e sacerdotes se alegrassem com a mensagem do nascimento do Messias. Finge-se piedoso, mas debaixo do manto da piedade vai afiando o punhal para matar o *rei dos Judeus recém-nascido*.

2.3. A estrela

Ao entrar nesse ambiente, a estrela se apagou e só voltou a mostrar seu brilho quando os magos saíram de Jerusalém, a cidade-luz que se tornara trevas por causa de sua soberba. E assim, aos poucos, ela foi conduzindo-os a Belém. Louvável é a obediência desses magos! Deixaram-se conduzir pelo maravilhoso, mas ao mesmo tempo emblemático sinal celeste. Levados a Belém, ali se depararam com o mistério. Pelos argumentos da razão nada compreendiam, mas pela luz da fé sentiam e viam que estavam diante de um novo Sol, proclamado, mais tarde, por Zacarias como o Sol Nascente, *o Sol de Justiça, que nos veio visitar do alto*, para nos iluminar, para nos tirar das trevas da ignorância e do pecado e da sombra da morte (Lc 1,67ss). Assim, como o astro rei da natureza é precedido pela Estrela da Manhã, também o verdadeiro Sol da humanidade se manifesta precedido por uma estrela misteriosa. O deter-se da estrela diz claramente: não precisam mais procurar! Acabou-se a busca! Chegamos ao mistério! Eis aqui o Rei desejado, esperado e amado! Agora bastava reverenciá-lo e adorá-lo.

A majestade do menino resplandecia em seus corações. Eles viam não com os olhos da carne, mas do espírito. Em vez de se escandalizarem, creeram. Os antigos chamavam o Menino Jesus de “Divino Infante”. Infante, literalmente, significa, “aquele que não fala”, ou melhor que fala pela “não-fala” pelo silêncio, como já profetizara Isaías: *Não vociferará nem levantará a mão e não fará ouvir sua voz* (Is 42,2). E será assim, pelo silêncio que depois apaziguará o vento impetuoso do mar bravo, salvará a pecadora pública das garras dos fariseus, morrerá na Cruz e entrará para a Vida eterna.

2.4. Os magos e seus dons

Os dons dos magos querem significar que ali, na pobreza, na pequenez e humildade do Menino estava um grande mistério, maior que todas as riquezas deste mundo. No ouro, a realeza do Menino; no incenso, a santidade divina; e na mirra, sua mortalidade. Enquanto abrem seus tesouros, deixam sair do fundo de seus corações a confissão de sua fé, diz uma glosa medieval. Confessam-no Rei, Deus e Homem. Nós também podemos oferecer-lhe ouro se, e quando, deixarmos resplandecer em nós e através de nós sua sabedoria (Cfr. Pr 21,20); incenso, se e quando, pela oração, deixarmos exalar o odor de suave fragrância que nasce da sua adoração; mirra, se e quando assumirmos a finitude de nossa mortalidade, como finitude agraciada e não como finitude desgraçada.

Em “Das cinco Considerações sobre os Estigmas de São Francisco de Assis” (Consideração 3), lemos como Frei Leão testemunhou, à meia distância, um misterioso encontro entre São Francisco e Jesus Cristo, sobre o Monte Alverne. Frei Leão fora sorrateiramente espiar o que acontecia com São Francisco no meio da selva. Ouvia, então, São Francisco dizer várias vezes: *‘Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? E quem sou eu, verme vilíssimo e inútil servo teu?’* (CCE 3,16). Leão, embora severamente advertido por Francisco, por causa de seu atrevimento, ousou pedir-lhe que explicasse o sentido dessas palavras. O Pobrezinho, então, lhe disse:

Sabe, Frei ovelhinha de Jesus Cristo, quando eu dizia aquelas palavras que ouviste, então eram mostrados à minha alma dois lumes: um da inteligência e conhecimento do Criador e outro do conhecimento de mim mesmo. Quando eu dizia: ‘Quem és tu, dulcíssimo Deus meu’, então eu estava num lume de contemplação, no qual via o abismo da infinita bondade e sapiência e poder de Deus: e quando dizia: ‘Quem és tu, Senhor de infinita bondade e sapiência e poder, que te dignas visitar-me a mim que sou um vil verme abominável?’ E naquela flama que viste estava Deus; o qual naquela espécie me falava, como

antigamente tinha falado a Moisés. E entre outras coisas que me disse, pediu-me que lhe fizesse três dons, e eu lhe respondia: ‘Senhor meu, sou todo teu: tu sabes bem que só tenho o hábito e a corda e os panos das bragas, e ainda estas três coisas são tuas: que posso, pois, oferecer e dar à tua majestade?’ Então, Deus me disse: ‘Procura no regaço e oferece-me o que encontrares’. Procurei e encontrei uma bola de ouro e a ofereci a Deus; e assim fiz por três vezes, segundo Deus me ordenou por três vezes: e depois me ajoelhei três vezes e bendisse e agradei a Deus, o qual me havia dado o que ofereci. E imediatamente me foi dado a entender que aquelas três oferendas significavam a santa obediência, a altíssima pobreza e a esplendidíssima castidade; as quais Deus, por sua graça, me concedeu observar tão perfeitamente, que de nada me acusa a consciência. E como me viste meter as mãos no regaço e oferecer a Deus estas três virtudes, significadas por aquelas bolas de ouro, as quais Deus me tinha posto no regaço; assim Deus deu virtudes à minha alma, que por todos os bens e por

todas as graças que me concedeu pela sua santíssima bondade, eu sempre com o coração e com a boca o louvo e engrandeço. Estas são as palavras as quais ouviste, e o levantar três vezes as mãos, que tu viste.

Como os Magos e São Francisco, também nós somos convidados a dar, sempre de novo, a Cristo, as virtudes e dons e frutos mesmos do Espírito Santo, que ele nos deu. Tudo o que damos a Ele é em forma de restituição. E somos convidados a restituir todo o bem que ele nos concede com louvor e gratidão. Assim, também nós podemos dizer à sua Majestade: *Quem és tu, ó dulcíssimo Deus meu? E quem sou eu, verme vilíssimo e inútil servo teu?*

3. O mistério de Deus acerca dos pagãos (Ef 3,2-3^a.5-6)

Na epístola de hoje, Paulo fala com alegria, gratidão, e até com emoção, da honra com a qual Deus o distinguiu, chamando-o para a graça de realizar o plano Dele a respeito dos efésios: que eles e todos os pagãos *são admitidos à mesma herança, são membros do mesmo corpo, são associados à mesma promessa em Jesus Cristo, por meio do Evangelho* (Ef 3,6). Este é o mistério, o plano, o desígnio, o desejo que Deus guardou desde toda a eternidade e que, agora, depois de revelado por Cristo, é confiado a ele, Paulo, e aos demais santos Apóstolos e profetas. Que honra,

que dignidade, que responsabilidade, pensa e sente Paulo!

Trata-se de reunir numa unidade as duas porções da humanidade inteira, até então cindida entre judeus (os santos, os eleitos) e gentios (os impuros, os “cães”, os “porcos”, os condenados). Agora, Paulo, com a aparição de Jesus Cristo, vê todos os homens, de todos os povos da terra, reunidos pela fé, como herdeiros da mesma bênção que fora confiada a Abraão; também eles são herdeiros do Reino de Deus, por se tornarem, também eles, filhos de Deus, formando, assim, todos juntos, o único Povo de Deus.

Paulo, tocado pela luz do Evangelho, começa a ver o que então – pela cegueira do seu fanatismo, pela lei e pelas suas tradições – não podia ver: que os pagãos são seus irmãos, outra promessa prometida por Iahweh a Abraão, uma descendência incontável, *gerada não segundo a carne, mas pela fecundidade da fé, e por isso, comparada à multidão das estrelas* (São Leão Magno, Segunda Leitura do Ofício das Leituras da Solenidade da Epifania).

Quem, 13 séculos mais tarde, também se comove ao contemplar esse mistério foi São Francisco. Movido por este mesmo espírito – a universalidade da fé e do amor de Cristo – se sentiu levado a inaugurar a “Vida consagrada ativa”, uma Vida mendicante, peregrina, que faz do mundo o seu convento. Foi o júbilo, o fogo do querigma cristão que o levou a empreender inúmeras viagens

apostólicas, destacando-se entre elas a viagem ao norte da África e à Terra Santa. Foi nessa viagem que se deu o famoso encontro com o Sultão e o início da Cruzada do Amor, em substituição às Cruzadas do ódio e das armas contra os sarracenos, fazendo-os de inimigos em amigos e irmãos.

Conclusão

A malícia de Herodes não levou a melhor. Os magos voltaram às suas terras, passando por outro caminho. Quem tem a experiência do encontro com o Menino se transforma. Não caminha pelos mesmos caminhos de outrora. Não conhece outro caminho senão o próprio Menino. Tudo isso porque a Estrela do Menino não estava mais fora, diante de seus olhos, mas no coração deles, iluminando-os interiormente, a partir de dentro, até o fim, até chegarem à verdadeira Pátria, à Pátria celeste.

A visão de Isaías, acerca da universalidade do Reino de Deus, tornou-se realidade com o nascimento do Menino Deus, encontrado pelos Reis Magos, no presépio de Belém. Assim, Ele passou a ser reconhecido como a Luz dos povos. E é assim – como a “Luz dos Povos” (Cfr. Vaticano II: *Lumen Gentium*) – que também a Igreja se compreende hoje. A luz da Igreja, porém, é uma luz recebida, não gerada por ela, como o explicou muito bem o Papa Francisco com a comparação do sol e da lua: a Igreja é *misterium lunis* e Jesus Cristo *misterium solis*. Ou seja, se a

Igreja, a exemplo da lua, possui uma grande luminosidade é porque ela a recebe do Sol Jesus Cristo.

Nos últimos séculos era muito comum a Igreja ver e tratar os ateus e membros de outras Igrejas e Religiões como inimigos, com os quais não devíamos manter nenhuma relação ou, pior ainda, que devíamos combatê-los e exterminá-los como inimigos. Desde o Vaticano II, inspirado pelo franciscano João XXIII, o espírito e a prática estão mudando.

Talvez, possamos ou devamos parafrasear nosso atual Papa Francisco: Saíamos, saíamos não para combater quem quer que seja, mas, a exemplo de São Francisco, para ver, encontrar o Menino Deus e Rei escondido no coração de cada humana criatura, mesmo daqueles ou daquelas que nos ofendem e agredem a modo de inimigos, pois, na verdade, são nossos verdadeiros amigos e irmãos porque também eles nascidos do *mesmo Pai* (São Francisco).



Batismo do Senhor

Leituras: Is 42,1-4.6-7; At 10,34-38; Lc 3,15-16.21-22

Tema-mensagem: No Batismo do Senhor cada um e todos os homens e toda a criação, somos batizados no Espírito do Senhor, tornando-nos todos, como Ele, filhos muito amados do seu Pai.

Introdução

O Batismo de Jesus é a festa que encerra o Tempo do Natal-Epifania e, ao mesmo tempo, a festa que dá o princípio, faz o aviamento do Tempo Comum, Tempo em que Jesus, através da Igreja, continua sua missão no meio do mundo e da humanidade.

1. Deus manda proclamar um grito de consolo e de vitória (Is 40,1-5.9-11)

O profeta, por ser homem de Deus, vivendo em profunda comunhão e intimidade com Ele e com seu desígnio, vê tudo como Ele vê e sente; vê, até à raiz, o sentido dos acontecimentos e das pessoas; um sentido que está para além do tempo e do espaço.

O Segundo Isaías, do qual se tira um pequeno trecho para a primeira leitura de hoje, começa com este belo e promissor anúncio: *“Consolai o meu povo, consolai-o!”*, diz vosso Deus. *“Falai ao coração de Jerusalém e dizei, em alta voz, que sua ser-*

vidão terminou e a expiação de suas culpas foi cumprida!” (Is 40,1). Depois de longos anos, privados das alegrias e das consolações do seu Templo, de suas liturgias, de suas orações, de sua pátria e de suas tradições, de sua raiz, enfim, este maravilhoso e grande anúncio de perdão e de redenção! Não podia haver notícia mais alvissareira: um verdadeiro Evangelho! Jerusalém, por todos os seus pecados, em vez de castigos, vai receber, agora, das mãos do Senhor, benefícios em dobro (Is 40,2).

Daí sua insistência: *“Falai!”*, *“dizei em alta voz!”*; *“grita!”*, *“levanta com força tua voz!”*

Mas, era necessário que essa fé se traduzisse em obra: *“Preparai no deserto o caminho do Senhor. Aplai-nai na solidão a estrada do nosso Deus...”* (Is 40,3). Ora, o que seria esse caminho, essa estrada larga se não pôr-se no cultivo de um coração arrependido, magnânimo, dócil; o cultivo de um querer bem disposto para, como esposa bem adornada, estar pronta para acolher seu esposo; uma esposa disposta a fazer em tudo a vontade de seu esposo.

Diante de tão grande mensagem é necessário que se grite. O Senhor não virá mais com castigos, mas *como um pastor que apascenta o rebanho, que reúne, com a força dos braços, os cordeiros e os carrega ao colo; ele mesmo tange as ovelhas mães* (Is 40,11). Pastor, a bela e querida imagem para

indicar que Jahvé será um Rei afetuoso, capaz de carregar seus filhos ao colo como o pastor carrega suas ovelhas doentes e fragilizadas; um rei que vai governar com a força da não-força, com a justiça da não-justiça. Bela e expressiva essa imagem do Bom Pastor! É desse modo que Jesus Cristo irá dar sua vida pelas suas ovelhas, até a morte e morte de Cruz.

2. Tu és meu Filho muito amado, em ti ponho todo meu bem-querer! (Lc 3,15-16.21-22)

O Evangelho de Lucas, referente ao Batismo de Jesus, divide-se em duas partes. Primeiramente, temos o anúncio de João Batista acerca do Messias que virá depois dele e que batizará não na água, mas no Espírito Santo. Na segunda, lemos o grande evento do Batismo de Jesus.

2.1. João e seu Batismo na água

O Evangelho começa com esta bela constatação: *Naquele tempo, o povo estava na expectativa e todos se perguntavam no seu íntimo se João não seria o Messias (Lc 3,15)*. Durante séculos, as inúmeras infidelidades e decadências não apagaram do íntimo daquela gente a ardente chama da esperança no Messias; o desejo inefável de que Jahvé realizaria sua promessa de enviar-lhe um eleito seu, um consagrado que libertaria Israel de toda escravidão e de todo pecado. Por isso, diante de tudo quanto João Batista anunciava e fazia, principal-

mente, diante de seu Batismo de uma conversão radical, eles não se continham: *“Não seria ele o Messias!?”*

Mas, na resposta de João, além de uma bela expressão de humildade, temos, também, uma preciosa explicação acerca do sentido de sua missão e de seu Batismo: *“Eu vos batizo com água, mas virá aquele que é mais forte do que eu” (Lc 3,16)*.

O Batismo de conversão, proposto pelo Batista, porém, é algo inédito, à margem, fora da lei e das tradições judaicas, longe do Templo e da Religião. Ser submergido nas águas vivas do rio Jordão, bem lá onde outrora seus ancestrais haviam concluído o êxodo, deixando para trás a terra da escravidão e entrando na graça da terra da libertação, como povo de Deus, significava dispor-se para acolher o dom de uma nova libertação e da inauguração de um novo povo de Deus. Trata-se, portanto, de uma conversão radical a Deus. Ele mesmo fala em *“machado posto à raiz das árvores” (Mt 3,10)*; conversão que significa abandono do pecado e retomada da aliança com Deus e, acima de tudo, uma conversão que se traduza numa mudança radical também nos comportamentos comunitários e sociais: quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem, quem tiver comida, compartilhem-na com os famintos; os cobradores de impostos não cobrem nada além da taxa estabelecida; e os soldados não maltratem ninguém, não façam acusações falsas, e fiquem contentes com seu salário (Cfr. Lc 3,10-14).

João, porém, tem evidência de que seu batismo, embora muito importante, era ainda e apenas com água, isto é, provisório. Por isso, aponta para o definitivo, dizendo: “*mas ele vos batizará no espírito*” (Lc 3,20).

Na visão de Lucas, o Messias seria o *Forte* (Lc 3,16), aquele que, com sua autoridade (*exousia*), faria expandir o júbilo da nova criação, do novo Céu e da nova Terra entre os humanos todos e o universo inteiro. O Batismo dele é um banho que purifica apenas com água; o Batismo do Messias, porém, será um banho que fará imergir o homem no “*sopro sagrado*”, isto é, no “*Espírito Santo*” e no seu “*fogo*”; naquele sopro sagrado de amor e paixão que Jesus expirou de seu peito na hora da Cruz; naquele sopro, ar ou ânimo, que o Ressuscitado derramou sobre os Apóstolos no dia de Pentecostes (Lc 3,16).

Frente a esse Senhor que vem, João se vê e se sente como um escravo, ou melhor, menos ainda do que um escravo: “*eu não sou digno de desatar-lhe a correia da sandália*” (Lc 3,16). É que desatar a correia do seu senhor era obra de escravo pagão. Jamais um escravo judeu desataria a correia da sandália de um senhor judeu – tão humilhante era este serviço. Ao dizer isto, portanto, João se põe como o menor, o mínimo dos homens. E toda sua grandeza está nesta sua humildade. Jesus Cristo dirá, depois, que João é o maior entre os “filhos de mulher” justamente por sua humildade. Somente um “filho

de mulher” se tornaria ainda mais humilde do que João: o próprio Cristo, que ele aguardava.

Quem vivenciou profundamente essa lição foi São Francisco de Assis. Ele, que recebera no Batismo o nome de João, aprendeu essa lição dele e de Jesus Cristo e, por isso, sempre que se refere à sua identidade, ele a expressa como sendo a de *servo pequeno e desprezível no Senhor Deus* (CDP), (CO) *indigna criatura do Senhor* (CF).

2.2. Jesus também foi batizado

A narrativa acerca do Batismo de Jesus, por parte de Lucas, é bem resumida e começa dizendo com toda simplicidade: *Quando todo povo estava sendo batizado, Jesus também recebeu o Batismo* (Lc 3,21).

Sempre impressiona que, em dado momento de sua vida, sem nenhuma explicação, Jesus tenha ido ao rio Jordão para também ele receber de João o Batismo de penitência. Isto significa que, também ele, a exemplo de todas aquelas multidões, ansiava por uma mudança radical. Essa, de fato, aconteceu, pois *enquanto Jesus rezava, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Jesus em forma visível, como pomba* (Lc 3,22).

Lucas gosta de mostrar a dimensão orante de Jesus. Mais que fórmulas, gestos ou ritos, a oração sempre expressa a necessidade ou atitude de abertura e acolhimento que todo homem tem do outro. Por isso, aqui não diz nada sobre quais orações Jesus

estaria fazendo, mas, simplesmente, que estava rezando. Podemos dizer: estava se empenhando para colocar-se à disposição de Deus, naquela atitude do servo que diz: “Senhor, fala que teu servo escuta!”

Diante dessa abertura é que então *o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Jesus*. Para nenhum profeta ou servo de Deus se disse algo semelhante. Quem está se abrindo é o próprio Deus. Ou seja, enquanto os profetas e demais homens de Deus e o próprio Adão são filhos de Deus, mas a partir da terra, do humano, Jesus o é a partir do coração do próprio Deus, vem de Deus direta e imediatamente. Se até agora se revelara apenas como filho do Homem, agora vai se revelar em sua verdadeira identidade: Filho de Deus. E isso se confirma pela voz: *“Tu és meu Filho muito amado, em ti ponho todo meu bem querer!”*

O misterioso anúncio caiu como um raio no coração de Jesus. Nunca, em nenhuma página do Antigo Testamento, nem aos patriarcas, nem mesmo a Moisés, Deus falara assim para uma pessoa, com tanta familiaridade e afeição. Por isso, agora, Deus, que se revela desse modo, só pode ser compreendido, visto e amado como Pai. Esse Pai e sua vontade passam a ser, agora, a Paixão, a vida e a Boa Nova – a salvação – que Ele precisa anunciar para todos os homens. Por isso, nem mais voltou para casa, a ponto de deixar seus familiares perturbados. Chegaram até mesmo a pensar que estava ficando louco (Cfr. Mc 3,21).

A partir de então, Jesus não era mais o mesmo. Viver anunciando a todos que Deus é Pai torna-se seu pão de cada dia, o fogo que devorava seu coração. Ele estava inteiramente voltado para o Pai e seu Reino. Mas, bem diferente dos penitentes ou convertidos do Antigo Testamento e do próprio João Batista. Diferente, porque sua penitência vinha recheada da alegria da presença do Pai e não do temor frente à ameaça do juízo.

O Batismo torna-se, assim, o princípio a partir do qual Jesus como Filho muito querido de Deus Pai começa a manifestar-se e a expandir-se publicamente pelos povoados, cidades e aldeias da Galileia e da Judeia. O beijo de amor de Deus dado à humanidade na noite do Natal começa a tornar-se público. É a salvação anunciada durante séculos, começando a acontecer na pessoa de Jesus e através Dele no coração dos cegos que começam a ver, dos coxos que começam a andar, dos leprosos que são purificados, dos surdos que começam a ouvir, dos mortos que são ressuscitados, dos pobres e pecadores para os quais o Evangelho e o perdão são anunciados (Cfr. Mt 11,5).

O Batismo de Jesus, porém, sempre nos deixa intrigados, pensativos. Porque Ele se fez batizar se era uma das três Pessoas divinas, isenta de todo pecado? A resposta é simples, embora muito emblemática: é que Ele veio para beijar, abraçar e comungar a condição mais dura e pesada de toda a humanidade: a do pecado. Por isso, dirá mais tarde São Paulo: *Aque-*

le que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus (2Cor 5,21).

3. Amar a Deus é observar seus mandamentos (1Jo 5,1-9)

A segunda leitura é da 1ª Carta de São João. Mais que uma declaração de fatos ou ocorrências, estamos diante de fervorosa exortação aos fiéis de diversas comunidades acerca do fundamento mais seguro e importante da fé cristã: *Caríssimos: 'Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus!'* (1Jo 5,1).

Nessa exortação está implícita a fé em Jesus Cristo como o Filho do Deus vivo, de modo que todo aquele que nele crê nasce de Deus, tornando-se também ele, por participação, verdadeiro filho de Deus. Crer, aqui, significa amar, entregar-se a Ele, jogar-se para dentro Dele, como ele se entregou, se jogou para dentro de nossa humanidade e para dentro do Pai por nós; significa amar os filhos de Deus, nossos irmãos, entregar-se a eles como Ele os ama e a eles se entrega. Lembremos, apenas, como Ele se entrega na Eucaristia, nos doentes e pecadores. A argumentação ou conclusão é simples: *Por isso, sabemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos seus mandamentos. Pois, isso é amar: observar seus mandamentos* (1Jo 5,2).

Nós costumamos dizer que sabemos que amamos a Deus quando

amamos os irmãos. João parece inverter o dito: sabemos que amamos os irmãos quando amamos a Deus. Discutir qual das duas versões é a mais acertada é de somenos importância, pois que a comunhão fraterna e a comunhão com Deus andam sempre juntas, porque ambas estão sob o vigor do novo mandamento, isto é, do novo ordenamento dos homens inaugurado por Cristo: amar-nos como Deus nos ama. Assim, não há comunhão com o Pai sem a comunhão com os seus filhos, a começar pelo Filho primogênito, Jesus, o Cristo. Da mesma forma não há comunhão com os irmãos sem a comunhão com o Pai. Pelo Batismo todos formamos uma grande Família na qual o que acontece num de seus membros acontece no seu todo.

Enfim, o amor nasce da fé. Por isso, quem ama é porque está sendo movido pela fé e quem está sendo movido pela fé é porque nasceu do encontro com Deus.

Conclusão

O Batismo de Jesus, mais que um evento particular Dele, adquire e se reveste de dimensões universais. Com Jesus é a humanidade e a criação toda que são mergulhadas nas profundezas das águas puras do rio do Amor infinito de Deus. Assim, lavados e libertados das amarras do pecado da soberba, que nos prende a nós mesmos, somos conduzidos para dentro da pátria da liberdade dos filhos de Deus.

Essa força originária do bem-querer de Deus, trazida ao mundo na Noite do Natal, e manifestada solene e publicamente na Pessoa de Jesus no seu Batismo, é uma realidade que acompanha os homens, séculos afora. Em alguns, como São Francisco, ela se manifesta de modo admirável. Deste santo assim fala São Boaventura: *O Senhor mostrou sua complacência com o bem-aventurado Francisco, pois quis falar-lhe não como se fala a um estranho, mas como a um amigo do coração ("sicut amici speciali": como a um amigo especial), como se deu na igreja de São Damião quando lhe falou com voz humana (sermone vocali) o Crucificado...* E conclui São Boaventura: *Se nós também estivéssemos dispostos ao que agrada ao Senhor, Deus nos revelaria sua vontade* (São Boaventura, *Opera Omnia*, IX, 580b).

Por isso, neste santo, a exemplo de Cristo, o vigor da doçura deste bem-querer do Pai não ficou sem resposta. É o que podemos ver e admirar em seus inúmeros e famosos *I Fioretti* ou *Atos do Bem-aventurado Francisco e de seus Companheiros*, bem como nestes seus belos *Louvores ao Deus Altíssimo*:

Tu és o santo, Senhor Deus único, que fazes maravilhas.

Tu és o forte,

Tu és o grande,

Tu és o altíssimo,

Tu és o rei onipotente,

Tu, Pai santo, o Rei do Céu e da Terra,

Tu és o Trino e Uno,

Senhor Deus dos deuses,

Tu és o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro...

Grande e admirável Senhor, Deus Onipotente, misericordioso Salvador (LDA).

Mas, o vigor da doçura do beijo do bem-querer do Pai que, a partir do Batismo, começou a tomar conta do coração de Jesus e, através Dele, a expandir-se mundo afora, não se atém a um pequeno grupo de privilegiados. *Pode ser visto nos pais que criam seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir* (GE 7).



Quaresma

O tempo litúrgico, denominado Quaresma, tem sua origem na necessidade que os primeiros cristãos, aos poucos, começaram a sentir: fazer uma boa preparação da celebração da nossa Festa maior: a Páscoa, a Ressurreição do Senhor Jesus.

No princípio, essa preparação consistia em três dias de oração, meditação e jejum. Aos poucos, a mesma necessidade levou-os a aumentar ainda mais a preparação, chegando ao número de quarenta dias. Daí, *Quadragesima*, nome latino que significa, justamente, um tempo de quarenta dias. Isso foi acontecendo pelos meados do século IV.

Esse tempo era destinado, também e sobretudo, para preparar os catecúmenos para o Batismo, preparação essa marcada principalmente por uma série de exercícios penitenciais que tinham como escopo a conversão dos futuros e novos membros da Igreja.

Hoje, esse tempo tem seu início na Quarta-feira de Cinzas e termina nas primeiras vésperas da Quinta-feira Santa, antes da Missa da Ceia do Senhor.

Ao estabelecer o número quarenta, a Igreja foi inspirada por toda uma mística que, ao longo da História Sagrada, foi surgindo e se concretizando ao redor desse número. Assim, por exemplo, quarenta foram os dias de dilúvio da Arca de Noé, através do qual Deus pôs fim a uma humanidade que havia se pervertido e que, através

do justo Noé, deu início a uma nova humanidade, a um novo mundo e a uma nova criação; quarenta foram, também, os dias em que Moisés esteve retirado no alto do monte Sinai, preparando-se para receber de Deus as tábuas dos mandamentos sagrados que iriam formar e ordenar o Povo eleito; quarenta anos foi também a peregrinação do Povo de Deus, que saiu da escravidão do Egito em busca da terra da libertação; quarenta dias foi, também, o tempo que o próprio Senhor Jesus destinou para, através do jejum e da oração, marcar indelévelmente sua adesão à vontade do Pai, no deserto da Judéia.

Quaresma é, pois, o tempo oportuno da graça para o homem recolher-se para dentro de sua história bem como para dentro do “íntimo de seu íntimo” (Santo Agostinho), para aí poder encontrar-se com seu eu mais profundo e verdadeiro e com o próprio Senhor. Por isso, é tempo de reflexão e oração a fim de esvaziar-se de seu egocentrismo e isolamento; tempo de travar grande batalha contra seus defeitos, vícios e tudo o que o afasta de Deus. É tempo de acompanhar Jesus em sua caminhada de sofrimento, morte e Ressurreição, comungando mais de perto o sofrimento das pessoas que o cercam. Por isso, a Igreja, seguindo a instrução do próprio Mestre, assinala este tempo com três grandes exercícios: jejum, esmola e oração.

O jejum nos leva ao desprendimento de nós mesmos e das coisas deste mundo, afim de nos libertar e de fazer espaço interior para Deus e para os irmãos; a oração nos leva à escuta da Palavra, da vontade, do bem-querer do Senhor e da disposição de cumpri-lo; a esmola nos leva a sermos misericordiosos como o Pai é misericordioso, abrindo nosso coração ao nosso semelhante necessitado. Por isso, também, a Igreja do Brasil, desde 1962, marca esse tempo com uma campanha de solidariedade mais intensa e profunda para com os pobres: a Campanha da Fraternidade.

Mas, jamais estes atos ou exercícios podem ser vistos separados do sentido originário da Quaresma: celebrar, de modo mais vivo, intenso e profundo o mistério pascal; tempo para aprender a viver sempre mais junto de Jesus Cristo a fim de poder imitá-lo *participando de seus sofrimentos e comungar, assim, de sua glória* (Rm 8,17).

Mestre na busca desse sentido sumamente evangélico da Quaresma é São Francisco. Desde o início de sua vocação “chorar a Paixão do seu Senhor” (Cfr. LTC 14), “seguir sua doutrina e seus vestígios” (Cfr. RNB 1,1) era seu tudo. Fora desse princípio, nada, nem fraternismo, minorismo, contemplação, vida apostólica, etc., nem mesmo a própria pobreza, por si só não teria nenhum sentido. Nesse sentido, o seguimento de Jesus Cristo crucificado era, para ele, a raiz de todas as coisas. Por isso, para ele, o centro, o coração da Quaresma,

bem como de toda sua vida, era a pessoa de Jesus Cristo. Imitá-lo, “copiá-lo”, até em seus pormenores, era sua maior paixão. Foi movido por esse amor que inventou e rezava diariamente o Ofício da Paixão e, por isso também, idealizou e celebrava “suas” cinco Quaresmas.

Podemos, pois, fazer nossos os sentimentos daquela primeira geração de frades e clarissas, assim descrita:

Sem sombra de dúvida, a pedra angular de todo o edifício religioso, de toda a vida espiritual de Clara e de suas Irmãs, é de estar ligadas com afeto pessoal a Jesus Cristo, amor esse ardente e apaixonado. Por causa de Cristo, perto de Cristo, junto de Cristo, se realizam todas as suas experiências e se constrói sua vida em sua totalidade. Essa realidade, aqui denominada afeto pessoal a Jesus Cristo, podemos talvez vislumbrar nas palavras do Cântico dos Cânticos: ‘Coloca-me como marca de ferro, queimado sobre teu coração, como marca sobre teu braço! Porque o amor é forte como a morte, e a paixão é implacável como a sepultura: suas centelhas são centelhas de fogo, labaredas divinas. Águas torrenciais não conseguem apagar o amor, nem rios

podem afogá-lo'. Hoje, não conseguimos perceber que tal afeição não é propriamente nenhuma realidade sentimental, subjetivo-psicológica, sim, pessoal, privada, mas como que uma fenda de entrada para a realidade universal, através da qual se anuncia o abismo de uma realidade 'realíssima', oculta aos nossos sentidos embotados em 'interesses' dispersivos, pragmáticos, imediatistas. Essa realidade 'realíssima' é o que denominamos 'Reino de Deus'

ou, segundo São Francisco, 'o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar' (*Fontes Franciscanas*, p. 1330).

Quaresma, nesse sentido, é mais que um tempo cronológico. É o tempo, a alma, o espírito de todos os tempos do cristão: *é a oportunidade da graça de buscar o ardente desejo do Pobre crucificado, que por nós suportou a Paixão da cruz, arrancando-nos do poder do príncipe das trevas, ao qual estávamos presos pela transgressão dos primeiros pais, reconciliando-nos com Deus Pai* (1CL 13-14).



Quarta-Feira de Cinzas

Leituras: Jl 2,12-18; 2Cor 5,20-6,2; Mt 6,1-6.16-18

Tema-Mensagem: Quaresma, Tempo para, através da penitência e da conversão, preparar-nos com Jesus Cristo para a renovação e reatualização do mistério de sua Paixão e Morte na cruz.

Introdução

Desde o século IV, os cristãos adotaram o costume de preparar a festa anual da Páscoa com uma Quaresma (*Quadragesima*), isto é, com quarenta dias de penitência. Assim, com esta Quarta-feira de Cinzas, iniciamos hoje, de novo e mais uma vez, nossa caminhada, junto com a caminhada de Jesus, para dentro do mistério de sua Paixão-Morte e Ressurreição.

1. Voltai para o Senhor vosso Deus (Jl 2,12-18)

A Liturgia abre as celebrações desse tempo com a exortação do próprio Senhor: *Voltai para mim com todo o coração, com jejuns, lágrimas e gemidos!* (Jl 2,12). Sendo um retorno em nome do Senhor, jamais em nosso próprio nome, a Quaresma ganha contornos de uma reviravolta, de uma aventura cheia de percalços com suas tristezas e alegrias, avanços e recuos, mas sempre animada pelo vigor do chamado do Senhor.

1.1. Tristeza segundo Deus e segundo a carne

Tristeza, lágrimas, gemidos, choros e jejuns por causa de nosso afastamento de Deus, nosso Pai e Criador, por causa de nossas ofensas a Ele e às suas criaturas, nossas irmãs. Alegria porque é Ele quem está sempre no início desta convocação; é Ele quem está sempre, ansiosa e amorosamente, se voltando para nós, para nos acolher, perdoar e abençoar; é Ele quem pelo profeta exclama, grita e implora: *Tocai a trombeta em Sião, prescrevei o jejum sagrado, convocai a assembleia, congregai o povo, realizai cerimônias de culto, reuni anciãos, ajuntai crianças e lactentes!* (Jl 2,15).

Por isso, nossa Quaresma, graça divina e tarefa humana, se move entre sombra e luz, e guarda sempre um misto de perda e recuperação, culpa e expiação, morte e renascimento. Assim, quanto mais profunda, serena e quieta for essa tristeza, tanto mais alta, vivaz e jovial será a alegria do louvor, da gratidão na Páscoa. Nessa caminhada, portanto, não se trata apenas de “encenar” o mistério crístico, anunciado já pelo profeta, mas, acima de tudo, de celebrá-lo, isto é, de afinar-se com ele na mistura de sua tristeza e alegria, de contrição e gratidão, pois *o Senhor encheu-se de zelo por sua terra e perdoou ao seu povo* (Jl 2,18).

Há, portanto, uma tristeza que é “segundo Deus”, diferente da tristeza que é *segundo esse mundo* (Cfr. 2 Cor 7,9-11). A tristeza segundo esse mundo é danosa porque conduz à ruína da vida, ao desespero, à morte uma vez que nasce do fechamento nos próprios interesses, deixando de fazer espaço para Deus e para os outros, principalmente para os pobres (Cfr. EG 2). A tristeza segundo Deus, no entanto, conduz ao arrependimento que nasce da graça do reencontro com Ele e, assim, à salvação. Por isso, a tristeza que nasce por ter pecado, e seu arrependimento, para nós, sempre vem acompanhada da doce alegria e de um novo fervor e entusiasmo para fazer o bem.

Lembremos, como exemplo, São Francisco chorando pelas florestas. Quando interpelado sobre o motivo de seu choro, dizia: *Choro a Paixão do meu Senhor e por causa dela não devo envergonhar-me de andar pelo mundo inteiro chorando em alta voz* (LTC 14). Mas, também, logo em seguida, *jubiloso, munindo-se com o sinal da cruz*, foi a Foligno, vendeu todos os seus bens e distribuiu o dinheiro aos pobres (Cfr. LTC 15)

Santa Catarina de Siena, em seu livro, intitulado “Diálogo da Divina Providência”, chegou até mesmo a escrever uma “doutrina das lágrimas!” Há as lágrimas dos homens iníquos do mundo: são lágrimas de danação. Essas não têm lugar na vida do cristão. Aqui vale a observação de Santo Agostinho, em suas Confissões: *os outros bens desta vida, tanto menos se deveriam chorar, quanto mais os choramos; e tanto mais se deveriam cho-*

rar, quanto menos os choramos (X, 1)... Mas, há, também, as lágrimas que já pertencem à vida de encontro com o Senhor Jesus Cristo; lágrimas, por vezes, imperfeitas porque nascem do temor da pena, e não do amor propriamente dito. Depois, há as lágrimas de um amor ainda imperfeito. Melhores, porém, as lágrimas de um amor perfeito, e excelentes as lágrimas de quem está unido ao Senhor na sua dor. Essas são doces e de grande suavidade.

O Papa Francisco, num encontro com jovens, nas Filipinas (2015), disse: *Certas realidades da vida só se veem com os olhos limpos pelas lágrimas*. Hoje, considera o Papa, choram os últimos dos homens, mas os outros não choram. Permanecem indiferentes. Os homens da antiguidade não consideravam as lágrimas como sinal de fraqueza. Pelo contrário. No Antigo e Novo Testamento, também foi assim. Jesus mesmo chorou, por exemplo, quando da morte de Lázaro e pela impenitência de Jerusalém. Em outro momento, o Papa disse: *Se Deus chorou, também eu posso chorar, ciente de que sou compreendido. O pranto de Jesus é o antídoto contra a indiferença face ao sofrimento dos meus irmãos. Aquele pranto ensina-me a assumir a dor dos outros, a tornar-me participante do incômodo e do sofrimento de quantos vivem nas situações mais dolorosas* (Vigília de Oração, *Para enxugar as lágrimas*, 5/5/2016)³.

3 Cf. artigo de Maria Milvia Morciano, intitulado “A graça das lágrimas”. Acesso em 02 de abril de 2020 em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-chorar-lagrimas-graca.html>.

1.2. Rasgai o coração e não as vestes

Por tudo isso, o profeta Joel convida a esta penitência radical e salutar: *Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos!* (Jl 2,13). Uma veste inteira, sem rasgos, é melhor do que uma veste rasgada. Todo o mundo sabe. Mas, o que todo o mundo não sabe é que um coração rasgado é melhor do que um coração inteiro. O rasgo do coração é começo de uma conversão verdadeira porque o homem vê que é Deus mesmo quem vem à sua procura, como na história de Adão, depois de sua queda, quando havia fugido e se escondido na escuridão do egocentrismo de sua própria vontade. Daí a primeira pergunta, a interpelação básica, sempre nova e atual, de Deus ao homem: *Onde estás?* (Gn 1,9) E a confissão do homem: “Eu fugi, eu me escondi de ti”. Fugimos, nos escondemos de Deus quando só sabemos ou só queremos usufruir, explorar e degradar seus bens, sua criação, em vez de ver neles o brilho, a glória da presença cuidadora de um Pai misericordioso e paciente.

Mas, essa fuga é em vão, pois jamais poderemos deixar de estar diante da face dele, uma vez que Deus, em tudo e em todos, é como um espelho que está sempre em nossa frente. É preciso, pois, deixar que nosso coração se rasgue: que os entulhos, a proteção, que colocamos sobre nosso coração para não nos expor a Ele, se

rompam; que, como um doente diante do médico, fiquemos inteiramente nus diante Dele, inteiramente expostos em nossa própria culpa; que nos entreguemos ao seu cuidado amoroso, que quer tratar de nossas feridas até chegarmos à plenitude da salvação, isto é, da saúde originária da vida. Assim, da fuga passaremos ao encontro, do encontro à transformação e da transformação à conversão, e da conversão à identificação com o próprio Senhor, o sumo bem, o bem inteiro, o único bem, o *Meu Deus e Tudo* (Atos 1)

1.3. Conversão universal

Nascida da gratuidade e da alegria do encontro, a conversão é uma guinada, uma virada de todo o coração, com repercussões transformantes e transformadoras de toda nossa pessoa: de nossos pensamentos, palavras e ações; de nosso relacionamento com Deus, com os outros homens e com as criaturas. A conversão é a resposta, isto é, a correspondência, pessoal e existencial, dada com todo nosso ser, viver e pensar, ao apelo que Deus nos dirige, assim testemunhado pelo profeta: *Voltai a mim com todo o vosso coração!* Diante de tão extremoso apelo, não há quem não deva confiar na bondade e na misericórdia Dele. Assim, todos – anciãos, varões e mulheres adultas, jovens esposos, crianças – ao se voltar para Ele, ao se reunir em assembleia para celebrar a reconciliação com Ele, são encobertos pela sua misericórdia.

Com essa reconciliação interior e exterior, individual e social, fica posto o princípio de um novo Povo de Deus, de uma nova humanidade e de uma nova criação.

2. Tempo de arrependimento (Sl 50/51)

Toda conversão, porém, nasce do toque da graça do encontro ou reencontro. Por isso, sempre vem acompanhada do arrependimento como a testemunha muito bem Davi no seu salmo penitencial, cantado e meditado hoje (50/51). O pecado de Davi era duplo e gravíssimo. Além do adultério com *Bat-Sheba* (Cfr. 2 Sm 12), havia se tornado, também, cúmplice, como mandante, no assassinato do marido dela, Uriá. Prostrado diante da face do Senhor, confessa sua culpa, reconhece seu pecado, implora perdão, misericórdia e purificação: *Tira meu pecado com hissopo e estarei puro; lava-me, e serei mais branco do que a neve* (Sl 50,9).

Davi, porém, somos todos nós. Por isso, a Igreja, em cada oração e celebração eucarística, começa sempre com um *miserere*, um ato penitencial, incluindo, muitas vezes, também o gesto de bater no peito e o rito da aspersão. Só assim, depois de recebermos *um coração novo e um espírito decidido* (Sl 50,12), é que poderemos ouvir a palavra e comer do pão, do Corpo do Senhor.

A tristeza do arrependimento aspira, então, pela alegria do perdão: *Faze com que eu ouça a alegria, e*

que dancem os ossos que trituraste ... restitui-me a alegria de ser salvo, e que me sustente o espírito generoso! Generoso é o espírito de Deus, o “espírito de santidade”, que passa por cima de nossa culpa, que não nos rejeita; antes, nos acolhe e nos dá a graça e a alegria de começar sempre de novo. Com a alegria, vem o louvor do verdadeiro sacrifício nascido de um coração contrito: *O sacrifício que Deus quer é um espírito contrito; um coração despedaçado e triturado, ó Deus, não rejeitarás!* (Sl 50,19).

3. Tempo de reconciliação (2Cor 5,20-6,2)

A reconciliação, nascida do arrependimento acolhido por Deus, transforma o pecador e fariseu Paulo em embaixador de Deus, o grande Rei do universo. Fiel a esse envio e encargo, Paulo dirige aos cristãos de Corinto, e hoje a nós, o caloroso apelo, o insistente pedido da reconciliação: *em nome de Cristo, nós vos suplicamos, deixai-vos reconciliar com Deus* (2Cor 5,20). A reconciliação que Deus nos oferece gratuitamente, sem nenhum merecimento nosso, segue um caminho nunca antes visto, quase inacreditável: *Aquele que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós, para que nós nos tornássemos, nele, justiça de Deus* (2Cor 5,21). O Grande Rei, o Pai, teve que entregar ao sacrifício da morte de cruz seu Filho amado, o *herdeiro de todas as coisas* (Hb 1,2), para poder oferecer anistia a todos os homens de todos

os povos da terra e, assim, recomeçar nova história no relacionamento com os homens, ou melhor, começar novo céu e nova terra. Jesus Cristo sofreu, pois, a rejeição e o abandono na cruz, sofreu a ira e a recusa divina em relação ao pecado, por amor do amor do Pai pelos homens. Deus fez o Cristo pecado por nós. Ora, o pecado não pode e nem deve existir; pelo contrário, deve e precisa ser aniquilado. Por isso, Cristo tinha que ser aniquilado na cruz, ser reduzido a nada. Ele morre a morte de um rejeitado, de um banido, de um bandido. Na cruz, sua justiça foi anulada. E, admiravelmente, a anulação da sua justiça e a asunção de nossa culpa foi por si mesmo a anulação da nossa culpa e, por conseguinte, a doação de nossa justificação. Com efeito, toda nossa culpa foi assumida por ele, como não sendo mais nossa, mas dele. Só assim pudemos ser desculpados, justificados, “tornados justiça de Deus, Nele”.

A graça de Deus, portanto, custou-lhe caro. Foi preciso que o Homem-Deus morresse para que nós vivêssemos. E essa graça que, com tanta dor e tanto amor, nos foi concedida, não podemos, não devemos, se formos nobres, deixá-la inerte. É preciso acolhê-la e deixá-la agir em nós, sem demora, para que produza seus frutos. Daí a exortação de Paulo: *É agora o tempo favorável, é agora o dia da salvação!* (2Cor 6,2). Sejamos, pois, como Santo Expedito. Conta-se que, esse santo, enquanto hesitava na conversão, um corvo sempre de novo lhe aparecia e lhe gritava “*Cras!*

Cras!” (“Amanhã! Amanhã!”). Até que um dia, Expedito, importunado com essa insolência, resolveu acabar com a demora em sua conversão. Pisou o corvo e, decididamente, disse: “*Hodie! Hodie!*” (“Hoje! Hoje!”). Ele se tornou, então, “expedito”, isto é, ágil, rápido, no seu caminho no seguimento de Cristo.

4. Atentos à hipocrisia (Mt 6,1-6.16-18)

O Evangelho de hoje nos conduz para o coração de toda a Quaresma, de todo o sentido de nossa vida, de toda a aventura humana: a penitência evangélica, isto é, a alegria de, a exemplo de Cristo, poder lutar a fim de chegar à fonte de nossa existência: o Pai. Há, porém, um inimigo a ser combatido nessa batalha: a hipocrisia.

Originariamente *hypokrites*, em grego, significa intérprete, ator, declamador. Em sentido pejorativo, porém, passou a significar simulador, fingido, mascarado. O hipócrita é, no fundo, um narcisista, ocupado e preocupado unicamente com sua imagem e aparência: querer mostrar o que não se tem ou não se é. Agostinho anota: todo aquele que quer aparentar o que não é chama-se hipócrita. Sua glória é vã: pois o brilho de sua aparência não se funda na consistência do ser. Daí a exortação de Jesus: *Ficai atentos para não praticar vossa justiça diante dos homens, só para serem vistos por eles!* (Mt 6,1).

Contra esse nosso inimigo número um, Jesus não apenas propõe

três grandes exercícios, mas também dá o espírito com o qual devem ser praticados: o espírito da gratuidade de um filho que sabe, se vê e se experimenta radicalmente amado e cuidado pelo Pai. Pois, ser cuidado pelo Pai é a única realidade, a única verdade de nós mesmos.

Por isso, no seguimento do Cristo crucificado:

- a **esmola**, a beneficência, a genuína caridade cristã tende a tornar-se um gesto “natural”, esquecido de si mesma; um amor que se volta diretamente para o outro e para sua necessidade. Torna-se como o olho que, esquecido de si, olha, serve ao seu dono ou senhor sem saber que está olhando, servindo. É como *a mão esquerda que não sabe o que faz a direita* (Mt 6,1).

- a **oração**, em vez de uma vivência sentimentalista, toda centrada no prazer de si mesmo e de suas conquistas ou na tristeza de seus pecados, tende a tornar-se a simples e singela entrega confiante do filho nas mãos cuidadosas do Pai, que, para ele, o filho, é seu tudo, sua única recompensa, o Reino dos Céus;

- o **jejum**, deixa de ser, para o discípulo, uma disciplina autocentrada, e passa a ser o morrer cotidiano para si mesmo, para viver para Cristo, no amor. Deixa de ser *passio activa* para ser *passio passiva*. Não tem nada de autocomiseração nem de auto exaltação. É alegria da renúncia porque na raiz desta renúncia está o anúncio da graça do encontro com a origem de todo o bem; está a expe-

riência mística ou misteriosa de que nós, de nossa parte, não somos nada, *a não ser vícios e pecados* (São Francisco, RNB 17,7). Por isso, o discípulo de Cristo não pode desejar ou ter outra glória senão a glória de Cristo, isto é, sua luta, sua batalha, suas feridas, sua aventura, sua Cruz: *Nisto podemos nos gloriar: em nossas fraquezas e em carregar todos os dias a santa Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo* (Ad 5).

Conclusão

Penitência evangélica, portanto, tem sentido de luta, de aventura, semelhante aos quarenta anos vividos pelo povo de Israel, quando fez sua travessia no deserto, a caminho da Terra prometida; mas, semelhante, também e acima de tudo, à grande aventura, viagem ou luta de Jesus que atravessou o deserto da história dos homens, fecundando-o com a Paixão de um Filho de Deus que quis viver em tudo como filho do Homem; semelhante aos seus quarenta dias de jejum passados no deserto até ser tentado pelo Adversário e vencê-lo por sua obediência amorosa ao Pai.

São Francisco, depois de ter descoberto esse admirável sentido da penitência evangélica, abraçou-a como o sentido maior de sua vida e de todos os seus seguidores. Por isso, quando interrogados acerca de sua identidade, os frades respondiam: *Somos os penitentes de Assis* (LTC 37). Por isso, também, é que Francisco tinha uma grande devoção à penitência

quaresmal, a ponto de praticá-la cinco vezes ao ano. Ele se impunha esta prática para jamais esquecer que, para ser seguidor de Jesus Cristo, é preciso imbuir-se de seu espírito de luta, de combate contra o Maligno que quer nos afastar e separar do amor do Pai. Daí, sua devoção ao Arcanjo São Miguel, o lutador de Deus. Por isso, também, gostava de intitular-se *Cavaleiro de Cristo* (Atos 22), e sua Ordem de *exército de Cavaleiros de Deus* (1B 5,1). Trata-se, pois de um combate que ninguém pode fazer ou esperar pelo outro. Por isso, se retirava sozinho para lugares desertos, para montanhas ou ilhas para aí, sozinho, lutar contra o inimigo do gênero humano até vencê-lo.

Hoje, para fazer esta experiência de penitência não precisamos ir ao deserto, pois o fenômeno da tristeza e da angústia, da desertificação da natureza e do próprio homem grassa em toda a parte. Não apenas as fontes da natureza, mas, também e principalmente as fontes do sentido da vida estão secando e se poluindo. A “desolação” assola o íntimo dos homens. No meio de tanta “comunicação”, corações vazios e desolados alastram-se

por toda a parte. Sinal sinistro dessa desolação são os suicídios, as depressões. Por isso, hoje, importa que ordenemos, sempre mais e melhor, nosso coração, nossos sentimentos e atitudes, toda nossa vida, enfim, com este espírito da penitência quaresmal.

A desumanização dos homens acompanha toda nossa história. Por isso, o espírito e os exercícios da Quaresma, em vez de se limitarem a um tempo, devem estar presentes no tempo de todos os tempos; uma penitência que, agraciada pela penitência de Jesus, seja capaz de suscitar, de novo, no coração dos homens, o desejo da alegria de serem bons, generosos, prestativos e, acima de tudo, solidários com os mais fracos, desprotegidos, abandonados e desamparados; uma penitência imbuída da jovialidade evangélica, capaz de fazer crescer a cordialidade da *nossa mãe e irmã terra que nos sustenta e governa e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas* (CIS 9); ela que, depois de acolher todas as nossas agressões e maldades, no-las devolve puras, inocentes e benfazejas. Eis o que significa cultivar e guardar a criação.



1º Domingo da Quaresma

Leituras: Dt 26,4-10; Rm 10,8-13; Lc 4,1-13.

Tema-mensagem: Seguir a Jesus Cristo na fé e na tentação.

Introdução

Neste primeiro Domingo da Quaresma, começamos a acompanhar o início da caminhada de Jesus rumo à sua Vida pública. Essa caminhada, porém, vai culminar com a subida a Jerusalém, onde, pela sua morte na Cruz e Ressurreição, lançará a semente de uma nova humanidade, de um novo Povo de Deus. Um Povo universal, uma Humanidade capaz de viver liberta das tentações de todas as discriminações e ídolos falsos e enganadores.

1. A confissão da fé de Israel (Dt. 26,4-10)

Quem nos introduz no mistério deste primeiro Domingo da Quaresma é um pequeno trecho do Deuterônimo. Trata-se de uma exortação de Moisés, em forma de memorial, acerca do que Israel deverá fazer quando tiver entrado na Terra prometida como Povo consagrado: *O sacerdote receberá de tuas mãos a cesta e a colocará diante do altar do Senhor teu Deus. Dirás, então...: “Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com um punhado de gente e aí viveu como um estrangeiro...”* (Dt 26,4-5).

No coração dessa memória estão os feitos e as palavras do Senhor (Iahweh/Adonai), que é o verdadeiro protagonista de todo esse memorial e não o povo. Esse povo tem seu ancestral num “arameu errante”. Errante significa, aqui, não somente nômade, mas também perdido; que caminha no erro e que não encontra seu lar, sua morada; que não encontra uma terra em que possa se saber e se sentir em casa.

Entretanto, essa é a condição não somente do ancestral-mor de Israel, mas de todo homem. Todo homem é um estranho, um alienado, um errante, um caminheiro perdido, em busca de um destino bem-aventurado onde encontrará sua terra acolhedora, onde sua vida possa vicejar no seu próprio.

Por tudo isso, a confissão de fé do israelita interessa não somente a Israel, mas a todos os homens, de todos os povos e tempos.

É ao encontro desse homem errante que vem o Senhor como libertador que o retira da escravidão e inaugura para ele, na terra, um reino de liberdade. Enfim, Ele cria uma humanidade livre. Por isso, a confissão de fé de Israel, ao invés de uma recitação de artigos de uma doutrina ou de tradições vãs, é o memorial de uma história e de seus eventos. Uma história assentada em dois gonzos. De um lado, a perdição do homem. De outro, sua salvação operada pelo Deus misericordioso, que vem ao encontro

dele com o vigor de sua libertação. Por isso, a partir de então, toda a história humana se torna história sagrada, isto é, história da salvação divina nas sendas perdidas da aventura dos homens.

Chama a atenção que os fiéis, que proclamam este memorial, não estiveram presentes aos eventos mencionados. Mesmo assim, proclamam: “O Senhor nos tirou do Egito... E conduziu-nos a este lugar...” (Dt 26,8). É a afirmação de uma unidade ou identidade comum: de uma grande e profunda comunhão do presente com o passado e com o futuro.

2. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado (Lc 4,1-13)

Jesus, após o Batismo, começa a ser conduzido pelo Sopro Sagrado, que descera sobre Ele, à solidão e ao silêncio do deserto. Após um longo retiro de oração e jejum de quarenta dias, é assediado e tentado por três vezes pelo diabo.

O que chama a atenção é que Jesus foi ao meio das tentações não por iniciativa própria, mas conduzido por aquele mesmo Espírito que desceu sobre Ele na inaudita e admirável teofania do Pai, quando ouviu Dele: “Tu és meu filho, amado, de ti eu me agrado!” (Lc 3, 22).

Ato contínuo, Lucas fala da genealogia de Jesus, que remonta, enfim, a Adão, filho de Deus (Lc 3,38). Tanto a narração do Batismo quanto a exposição da genealogia preparam

o leitor para o episódio da tentação, que soa como uma réplica da tentação de Adão. Esse Adão, protótipo de toda humanidade, é, segundo Paulo, o tipo, isto é, o esboço, a imagem, a figura, a prefiguração do novo Adão, do Adão vindouro (*typos tou méllontos*) (Rm 5,14). Assim, na história de Jesus ressoa a história de Adão como uma réplica ao avesso. Adão abandona o jardim do paraíso da convivência com seu Criador e vem para o deserto – o inferno – de sua autoreferencialidade. Jesus, o homem vindouro, o segundo e último Adão, vem ao deserto e do deserto ao paraíso da vontade do Pai, do convívio com o Pai.

Assim, conduzido pelo Sopro Sagrado, pelo hálito e alento do Amor, que é Deus, Jesus realizou essa obra de salvação conduzindo de volta o homem ao paraíso.

2.1. As três tentações de Jesus

Por trinta anos Jesus havia vivido em Nazaré a vida cotidiana anônima dos filhos dos homens. Mas, uma vez que soou a hora de Nele se manifestar o ser Filho de Deus, soa também a hora da tentação, do combate com os ídolos, isto é, com aqueles que querem se fazer passar por Deus; daqueles que querem seduzir e enganar o homem, desviá-lo e separá-lo da comunhão com Deus, seu Pai, levando-o para o vazio de si mesmo.

2.1.1. A tentação do prazer carnal

Ao fim de quarenta dias de jejum, Jesus tem fome. É a oportuni-

dade da primeira tentação diabólica: “*Se tu és o Filho de Deus, ordena que esta pedra se transforme em pão!*” (Lc 4,3).

O ataque é aberto e atinge em cheio a identidade, a vocação de Jesus. No Batismo, tinha soado a seu respeito a palavra de Deus: “*Tu és o meu Filho muito amado!*” (Lc 3,22). Agora, com uma ponta de inveja, o Diabo, aquele que divide, quer que Jesus ponha à prova a declaração divina, isto é, que duvide dela, de sua identidade. Ora, amor jamais duvida, jamais ousa pedir provas de que é amado, mas ao contrário, dá provas de que ama, confia.

Assim, ao contrário de Adão, que outrora preferiu pôr à prova a palavra do Criador, alimentando-se da palavra do demônio, Jesus prefere fazer da Palavra do Pai seu alimento.

Comer é assimilar, é fazer daquilo que ingerimos corpo de nosso corpo, vida de nossa vida. Deixando de comer o pão sugerido pelo Adversário, Jesus faz da Palavra de Deus e do próprio Pai o corpo de seu Corpo, a vida de sua Vida.

A primeira tentação atinge, assim, a esfera da sensibilidade, da carne. É a tentação de trocar a alegria duradoura da liberdade e da responsabilidade pelo breve deleite e pelo passageiro prazer que vem da satisfação dos sentidos e dos instintos. Comodismo, acídia, gula e luxúria estão na raiz desse tipo de tentação. Ora, onde ou quando isso acontece, o homem age de modo a se pôr abaixo dos animais irracionais.

O animal é inocente porque sua regência procede dos instintos. No homem, porém, a sensibilidade e os instintos são regidos pelo dom maior: o espírito – a inteligência e a vontade livre. Por isso, quando o espírito se submete à carne, dá-se uma inversão e uma subversão da ordem natural e o homem perde sua inocência e se perverte. Torna-se escravo de suas paixões. Esquece que não é uma coisa, um vegetal ou animal, mas alguém capaz de se conhecer, de possuir e de livremente se doar e entrar em comunhão com as pessoas (Cfr. Catecismo da Igreja Católica, 357).

Por isso, é da natureza do homem não apenas nutrir-se de pão, mas também, e sobretudo, da sabedoria, isto é, da “Palavra de Deus”. A vitória de Jesus, nesta primeira tentação é o penhor da nossa vitória: a garantia de que podemos integrar todas as forças de nosso ser, submetendo nosso corpo ao nosso espírito e nosso espírito a Deus, fonte, princípio, vida de nossa vida.

Ao veneno das tentações carnis o bem-aventurado Frei Egídio contrapõe o remédio de manter o coração sempre ocupado com as celestes meditações e os santos desejos de nossa vocação cristã e franciscana (Cfr. VJ 7).

2.1.2. A tentação espiritual

Insatisfeito com o fracasso da primeira tentação, *o diabo conduz Jesus para o alto, mostrou-lhe por um instante todos os reinos da terra* (Lc

4,5). Jesus podia tornar-se o senhor e o dominador do mundo com toda sua história, empreendimentos e conquistas. Se na primeira tentação o diabo pôs em campo a concupiscência da carne (*epithymia tes sarkós*), na segunda vem com a jactância, a soberba da vida (*alazoneia tou bíou*) (Cfr. 1Jo 2,16). É a cobiça de ser amado e temido pelos homens; de ser o senhor do mundo.

Jesus recusou subjugar-se à dinâmica e à lógica do diabo que transforma o poder e a autoridade em despotismo e autoritarismo. O vigor da autoridade é o serviço do aumento da vida. O poder só é restituído à inocência quando exercido a serviço da autoridade, isto é, do vigor da humildade e do amor, que faz crescer a vida. É o que Jesus mostrou no Lavapés e na Cruz.

A vitória de Jesus Cristo sobre a tentação do poder é o penhor da nossa vitória. É a garantia de que também nós, seguindo pela via da humildade e do amor, prestando nossos serviços aos homens, poderemos aceder ao Reino de Deus. O Filho de Deus vive na liberdade. Não adora nada nem ninguém. Não é escravo da cobiça do louvor, do amor e do temor dos homens. Não faz do poder seu amo, seu senhor e ídolo. Ele se atém à palavra de Deus que diz: “*Adorarás ao Senhor, teu Deus, e só a ele prestarás culto (latreúseis)*” (Lc 4,8).

A segunda tentação é espiritual. É o perigo do envenenamento do espírito pela ambição do mundo, vale dizer, pela busca da glória hu-

mana, dos próprios interesses e pelo bem-estar pessoal em detrimento da glória do Senhor e de seu Reino; é o que nosso Papa chama de *mundanismo espiritual*; uma decadência que leva muitos religiosos e eclesiásticos ao desejo e à pretensão de *dominar o espaço da Igreja*, a um exibicionismo da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja em detrimento da preocupação com o Evangelho e sua inserção no povo fiel (Cfr. EG 93-97).

Ao veneno das tentações espirituais Francisco propõe *que ninguém se ensoberbeça, mas glorie-se na cruz do Senhor* (RNB 5), que sejamos *menores e súditos de toda humana criatura, a exemplo de Deus* (RNB 16,6).

2.1.3. A tentação radical e total

Finalmente, o diabo conduz Jesus a Jerusalém. Ele o postou na cumeeira do santuário e lhe diz: “*Se és Filho de Deus, joga-te daqui para baixo, pois está escrito: Ele dará a teu respeito ordem a seus anjos de te guardarem...*” (Lc 4,9).

Importante notar que o Adversário agora usa as Escrituras como armas contra Jesus. Escolhe passagens que lhe sejam convenientes e deixa de lado aquelas que lhe sejam prejudiciais. E, de novo, a provocação: “*Se és Filho de Deus...*”. Como outrora, no paraíso, na tentação de Adão e Eva, também aqui, está em jogo uma certa compreensão ou desejo de ser como Deus contra Deus; uma revolta contra a finitude e a fra-

gilidade humana compreendida como carência, falha e não como graça. É a presunção temerária de igualar-se a Deus sem conformar-se a Ele na boa vontade do amor, sem querer o que e como Ele quer. O diabo deturpa, leva para baixo, para a desonra, a compreensão do que é ser filho de Deus, do que é ser como Deus. Nessa compreensão se imiscui o ressentimento e a revolta com a própria finitude. Aqui a finitude aparece não como finitude agraciada, mas como finitude desgraciada. Para ser divino, pensa Adão, que somos todos nós, seria necessário não ser este humano limitado, finito, frágil, doente e destinado à morte.

Entretanto, Jesus Cristo não se recusou participar de nossa natureza, de ser irmão dos homens, mesmo, e principalmente, dos fracos e pecadores: *ele não se envergonha de chamá-los de irmãos* (Hb 2, 11).

Não é à toa que a terceira tentação se passa no pináculo do Templo, em Jerusalém, onde Jesus iria oferecer o sacrifício de si mesmo, a oferta da Cruz. Será lá que, no mais abissal abandono, ele “desejou, amou querer o querer do Pai”, e o abraçou com a mesma boa vontade do amor do Pai. Ele quis, na tentação total, do abandono da cruz, receber sobre si a maldição, para se tornar fonte de bênção para os homens, seus irmãos; Ele quis arruinar-se para tornar-se para os seus irmãos fonte de salvação. Só assim ele se manifestou como o Filho de Deus, que ele é.

O diabo pediu a ele um espetáculo de seu poder, e ele, na fraqueza

da Cruz, deu um espetáculo do poder de seu amor incondicional ao Pai e aos homens. O embate com a última tentação levou-o assim ao cume de sua identidade, vocação e missão: *De fato, a qual dos anjos disse Ele alguma vez: “Tu és meu filho, eu, hoje, te gerei, e ainda: eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho?!”* (Hb 1,4-5).

A vitória de Jesus sobre essa terceira tentação é o penhor de nossa vitória. Por que Ele se tornou semelhante a nós, nós nos podemos tornar semelhantes a Ele, e, assim, semelhantes ao Pai. Enfim, podemos ser como Deus, não contra Deus, na presunção, ressentimento e revolta, mas com Deus, na plena comunhão da boa vontade do amor.

Ante à tentação total e radical, São Francisco propõe: *Atende, ó homem, a que excelência te pôs o Senhor Deus, porque Ele te criou e te formou à imagem de seu dileto Filho, segundo o corpo, e à sua semelhança, segundo o espírito* (Ad 5,1).

2.2. Na cruz a última tentação

Tendo então esgotado toda tentação possível, o diabo afastou-se dele até o momento fixado (Lc 4,13). Assim, termina o episódio narrado por São Lucas. A tríplice tentação sofrida por Jesus é toda a tentação. Tendo vencido Jesus o combate, não resta ao diabo outra alternativa senão retirar-se, derrotado. Mas ele retornaria, “no momento (kairós) fixado”, isto é, no momento da cruz: *Então,*

profundas trevas caíram por sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde daquele dia. E, por volta das três horas da tarde, Jesus clamou com voz forte: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?”, que significa “Meu Deus, Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mt 27,45-46).

3. A confissão da fé no viver cristão (Rm 10,8-13)

A segunda leitura é um trecho tirado da Carta aos Romanos. Paulo começa recordando o dito do Senhor: “Perto de ti está a palavra (*rhema*), na tua boca e no teu coração” (Dt 30,14; Rm 10,8). Mais que meio de comunicação, aqui se trata da palavra-acontecimento, palavra-evento, palavra-operosa, palavra-tempo, palavra-história (*rhema*), palavra-pessoa, palavra encontro (Cfr. Prólogo de São João). Como tal, essa palavra não está distante do crente, daquele que a ouve e a ela adere com todo o seu ser. Por isso, também, essa palavra está não apenas na sua boca, mas no seu coração, isto é, no seu íntimo mais íntimo, como a raiz de todo o ser do homem.

Aqui, essa Palavra é o anúncio, o testemunho (*kerygma*) do Evangelho, isto é, da ditosa notícia: que Jesus Cristo, o encarnado-crucificado-ressuscitado é o Messias, o Ungido de Deus que veio fazer de todos os povos ou humanidades da terra, um único povo, uma única Humanidade.

O requisito para participar dessa nova Humanidade é confessar com

a boca que Jesus é o Senhor, isto é, que em sua Paixão, Morte e Ressurreição temos a salvação de Deus. Proclamar com a boca que “Jesus é Senhor” mais que declarar um estado de coisas, fatos, ocorrências, é, antes, aderir a esta palavra-ação que, por si e imediatamente, tem o poder de comunicar salvação, isto é, o vigor essencial do princípio, da fonte da nova humanidade, da nova história.

E isso vale para todos, uma vez que *todos têm* (como raiz) *o mesmo ‘Dominus’, rico para com todos os que o invocam* (Rm 10,12). Em Jesus manifesta-se, paradoxalmente e ao mesmo tempo, a grandeza de Deus, sua majestade, sua autoridade bem como sua condescendência, sua humildade, sua benevolência, sua misericórdia para com os míseros homens que somos todos nós. Em Jesus manifesta-se a superabundância, a superfluência da gratuidade do amor que é Deus. Invocar seu Nome é solicitar, pois, essa presença e assistência libertadora-salvadora de Deus: *com efeito, todo aquele que invocar o Senhor será salvo* (Rm 10,13).

Entretanto, essa fé que está radicada no coração, e que é confessada com a boca, é vivida em meio às tentações... Por isso, o Evangelho de hoje nos põe em face do episódio da tentação de Jesus no deserto.

Conclusão

Toda a vida do homem é uma contínua tentação. É o que nos recordam os quarenta dias de Jesus passa-

dos no ermo. No contexto, o número 40 significa os anos todos da vida de um homem. Isso significa que sempre de novo ele é posto à prova. Desde o nascer até o morrer, desde o acordar até o adormecer, está posto à prova e tem que decidir-se: está na tentativa e na tentação. Mas, é justamente através desse embate que ele amadurece e se torna sábio no conduzir sua vida.

Mas, na existência da Fé, no seguimento de Jesus, o ser tentado é mais do que uma questão ética. No seguimento, no discipulado cristão (ser cristão, ser católico), o ser tentado é exercício de fé, de comunhão com Cristo e, em Cristo, com o Pai:

“Vós sois os que permanecestes comigo nas minhas tentações. Eis por que eu confio a vós o Reino, assim como o Pai o confiou a mim” (Lc 22,28-29). Para o discípulo, permanecer com Cristo na tentação é o maior testemunho e a maior confissão da fé.

De São Francisco dizem os biógrafos que foi pelas tentações que saiu mais provado e esclarecido acerca de sua vocação (Cfr. LTC 18,4); que ele mesmo chegou a chamar os demônios de *ajudantes e ministros de Deus* (CAs 117) e que *ninguém pode dizer-se servo de Deus enquanto não passar por tribulações e tentações* (2C 83,4).



2º Domingo da Quaresma

Leituras: Gn 15,5-12.17-18; Fl 3,17- 4,1; Lc 9,28b-36

Tema-mensagem: No mistério da Transfiguração de Cristo, o princípio da transfiguração universal!

Introdução

A Quaresma é um tempo para, sempre de novo, aprender de Jesus a carregar nossa cruz como Ele aprendeu a carregar a sua, isto é, a Cruz que o Pai lhe confiou. Pois, na Cruz, isto é, no sumo de sua Caridade, de sua Doação, está o princípio, a semente que dá origem à nova humanidade, à nova criação, denominada por São João como novo Céu e nova Terra. Graças a esse princípio, também nós viemos a ser de fato “Filhos muito queridos do Pai!” Para celebrar, de novo, este princípio e imbuir-nos da alegria e do vigor de sua presença e operação, eis a razão da liturgia deste Domingo, o Domingo da Transfiguração.

1. Um Deus sedento de aliança (Gn 15,5-12.17-18)

O princípio desta nova criação, porém, veio sendo preparado e conduzido dentro de uma longa história, denominada “aliança abraâmica”, estabelecida outrora por iniciativa do Senhor com seu servo, o patriarca Abraão, proclamada na primeira leitura de hoje. Trata-se de uma aliança

que perpassa todos os ciclos da história de Israel, recheada de fidelidades e infidelidades, que conhecemos como “Antigo Testamento”⁴.

No coração, isto é, na origem dessa aliança está a misteriosa afeição de Deus por Abraão que O leva à busca de um encontro de profunda intimidade, identificação, comunhão e responsabilização; uma afeição celebrada através de um pacto e selada com um sacrifício recheado de júbilo e promessas: “Abraão teve fé no Senhor...”. O Senhor, por sua vez, promete-lhe não apenas terras e descendência tão numerosa quanto o número das estrelas, mas, acima de tudo, honra e a dignidade de ser no mundo o seu servo.

Nós conhecemos um pouco as alianças políticas ou econômicas. Há, porém, uma diferença enorme, substancial, entre essas e a aliança abraâmica. Enquanto naquelas a prática é sempre salvar a economia, a política em detrimento das pessoas; na primeira, ao contrário, a preocupação e a paixão são sempre pelas pessoas. Por isso, a Sagrada Escritura busca outras

⁴ A expressão *b'rithadashah* foi traduzida para o grego como *kainédiathêke*, nova disposição, novo ordenamento, nova constituição; e, para o latim como “*novum testamentum*”: novo testamento. Os escritos que recordam a Nova Aliança de Deus com toda a humanidade, selada no sangue de Cristo, são reunidos no cânone da Igreja sob o título de *Novo Testamento*.

imagens para expressar a riqueza da intimidade pessoal dessa iniciativa de Deus como, por exemplo, o relacionamento Pai-filho (Jeremias) e Esposo-esposa (Oséias).

Por isso, reduzir a fidelidade e a obediência da aliança abraâmica a um cumprimento de obrigações meramente legais, como fizeram e fazem os fariseus de ontem e de hoje, a um frio e interesseiro mercantilismo religioso, corrompe e deturpa pela raiz essa que é a mais bela expressão de amor e de compaixão entre Deus e as pessoas.

2. A Transfiguração de Cristo, princípio da transfiguração da Humanidade e da Criação (Lc 9,28b-36)

A Aliança antiga de Deus, iniciada outrora através de seu servo Abraão, precisava ser levada ao seu sumo, à sublimidade. Por isso e para isso *o Verbo de Deus se fez carne e veio morar definitivamente entre nós* (Jo,1,14). É dentro desse esforço que se dá o milagre da transfiguração, narrado no Evangelho de hoje.

2.1. Mais do que nunca Jesus precisava do Pai

O que outrora aconteceu no monte Tabor guarda um dos segredos mais significativos e profundos da vida de Cristo e de nós cristãos. Por isso, ele merece ser celebrado também, todos os anos, com a festa da “Transfiguração do Senhor”, em 06 de agosto.

Jesus subiu à montanha para rezar. Isto se tornara costume para Jesus. Mas, desta vez, havia um motivo especial: a proximidade da “Hora da Cruz”, a hora de sua “glorificação”. Mais do que nunca Jesus precisava do Pai. Isso significa que, antes dos Apóstolos, quem precisa enfrentar a tentação e o escândalo de um Messias político, prestigioso e poderoso é o próprio Senhor. Antes que os Apóstolos, Ele mesmo é quem precisava de iluminação a fim de discernir corretamente sua vocação-missão e de força, ânimo, fé e coragem para realizá-la.

Assim, tanto Ele como os seus não podiam tropeçar de vez nesta hora decisiva; tanto Ele como os Apóstolos – a Igreja e nós – precisavam ser confirmados na fé de um Messias que se alia, se une ao homem pelo mistério luminoso, admirável, deslumbrante, comovedor e inaudito da Cruz. A glória que brota do corpo de Cristo, neste dia da Transfiguração, é a mesma que, escondida na tarde da sexta-feira santa, irromperá com todo seu esplendor na madrugada da Ressurreição. Era esse mistério que Ele e os Apóstolos deviam, precisavam ver, sentir e contemplar.

Assim, por uns instantes, foi dado a Jesus, e aos seus amigos mais íntimos, saborear o princípio originário da nova Aliança, da nova criação: a Cruz, no âmago da qual se reflete o rosto de **um Pai rico em misericórdia** (Ef 2,4), que a todo custo deseja e tudo faz para viver e conviver com cada um de seus filhos muito amados.

Também São Francisco, 13 sécu-

los mais tarde, no seu profundo desejo de identificar-se com seu amado, sobe para o alto do monte Alverne. E assim, naquela Quaresma, em meio a profundas orações, teve a graça de ser visitado por um Serafim resplandecente que imprimiu no corpo do santo a glória das cinco chagas do seu Senhor.

2.2. Os demais personagens da Transfiguração

Complementam o milagre da Transfiguração personagens da Antiga e da nova Aliança.

Da antiga, temos Elias e Moisés. Ambos foram glorificados à medida que participaram da obra de Deus (Ex 34,29-35; 2 Cor 3,7-11) e voltaram para Deus de modo misterioso (Dt 34,5-6; 2Rs 2,11-12). Eles prenunciavam a glória definitiva, que será dada a todos os justos no mundo vindouro, glória que os mortais, que cooperam na obra de Deus, recebem por participação e que Jesus tem por natureza, enquanto Filho Unigênito do Pai (Cfr. Prólogo de João).

Glória é brilho, esplendor que vem de dentro, da caminhada, da busca e do ser da pessoa. Moisés e Elias representam, segundo Tertuliano, o testemunho da Lei e dos profetas. Representam o que há de mais admirável e exemplar na luta pela fidelidade à Antiga Aliança por parte de toda a descendência de Abraão.

De que falavam Moisés e Elias? Marcos e Mateus não o dizem. Lucas diz: eles falavam a respeito do

Êxodo (grego: Éxodos) de Jesus. A palavra grega “Éxodos” é traduzida para o latim como “*excessus*” e significa *partida, saída, retirada, morte, abandono, afastamento*. Depois, no famoso discurso de despedida, Jesus instrui os discípulos sobre a necessidade de sua partida, usando esta palavra “*excessus*”. Em outras palavras, Ele precisa sair deste mundo para que venha o outro Paráclito, o Espírito Santo. Moisés e Elias prenunciavam, assim, a morte de Jesus. Não será uma morte-morte, mas um desaparecer, um desprender-se para viver de modo escondido, um “Deus absconditus”: um “Deus escondido”. Enfim, será um perder cada dia sua vida para salvá-la.

Depois, vêm os três Apóstolos. Pedro é aquele que confessou Jesus Cristo como o *Filho do Deus vivo*, confissão que se tornou o fundamento da Igreja; aquele que foi escolhido por Jesus para ser o primeiro entre os Apóstolos (*primus inter pares*). Já, Tiago foi o primeiro Apóstolo a derramar seu sangue como mártir em Jerusalém; e João, foi o discípulo amado e o teólogo do Verbo encarnado. As primícias da Igreja, portanto.

Segundo Lucas, Jesus, *enquanto rezava mudou de aparência* (Lc 9,29). Não é difícil ver nesta constatação, juntamente com a brancura fulgurante de sua veste, o sentido apocalíptico, isto é, o que vai acontecer com Jesus e com toda a humanidade. Diante dos seus discípulos, sua forma humana, por um momento, se altera tomando o aspecto de um ser celes-

tial, próprio do mundo transfigurado. É a antecipação e a garantia da realidade escatológica. É a manifestação do “filho do homem” e da glória de seu reino (Cfr. Lc 9,27). Nele está ancorada a esperança da salvação definitiva dos homens. A meta de seu caminho, através da Paixão e da morte, está na glória da Ressurreição; glória em que Ele se apresenta como o consumidor da obra da salvação da humanidade inteira e do universo inteiro. Já agora Cristo, o Verbo (*Lógos*), é a luz que ilumina todo o homem, que vem a este mundo (Cfr. Prólogo de João). Luz que tem seu brilho maior e definitivo na Cruz.

3. Cristão, amigo, jamais inimigo, da cruz (Fl 3,17- 4,1)

A segunda leitura de hoje é tirada da Carta de São Paulo aos Filipenses. Na primeira parte trata dos inimigos da cruz e na segunda dos seus amigos. Em ambos os casos, porém, Paulo apresenta o seguimento de Cristo como luta, bem disciplinada, semelhante à luta dos atletas que, em suas corridas nos estádios, dão tudo e o melhor de si para conquistar a glória do primeiro lugar.

3.1. Dos inimigos da cruz

O sentimento, com o qual Paulo escreve, revela a importância e a gravidade de sua mensagem: *Já vos disse, muitas vezes, e agora o repito chorando: há muitos por aí que se comportam como inimigos da cruz* (Fl 3,18).

Inimigos da cruz, seriam, provavelmente, e em primeiro lugar, os cristãos vindos do paganismo, mas que ainda não haviam se desprendido de suas festas pagãs como os lautos banquetes, as bebedeiras homéricas e orgias dionísicas.

Para esses cristãos o fim é a perdição, uma vez que o deus deles é o estômago, sua glória está no que é vergonhoso e “só pensam nas coisas terrenas”.

Mas, também e provavelmente, Paulo esteja falando dos cristãos vindos do judaísmo, os judaizantes. Não é a primeira vez que Paulo os chama de “inimigos da cruz de Cristo” (Cfr. Gl 5,11; 1Cor 1,17-18). De fato, uma Teologia da Lei jamais se coaduna com a Teologia da Cruz. A primeira comporta não só a manipulação de Deus, mas, também, seu aprisionamento num código de leis, comandado pelo homem. Já a Teologia da Cruz desprende e liberta o homem de tudo e de todos a fim de poder dispô-lo a serviço de tudo e de todos, até à morte de Cruz.

Mas, porque o “deus” dos judaizantes seria o seu ventre? É porque, aqui, mais que libertinagem, se trata de pureza ou impureza dos alimentos. Esses judaizantes reduziam toda sua religião em estabelecer quais os alimentos eram puros e quais impuros, segundo um complicado código de leis. Por isso, em definitivo, seu deus era o ventre. Servir-se de alimentos puros, era ser puro, amigo de Deus; servir-se de alimentos impuros era ser um impuro, um inimigo de Deus e

da Comunidade. Um absurdo ridículo, ou melhor, muito triste!

3.2. Dos amigos da Cruz

Na segunda parte Paulo começa recordando a identidade dele e dos filipenses: *Nós, porém, somos cidadãos do céu. De lá aguardamos nosso Salvador, o Senhor, Jesus Cristo* (Fl 4,20).

Agora, em oposição aos judaizantes e prosélitos relaxados da primeira parte, que fazem das coisas vergonhosas e terrenas seu deus, seu senhor, sua glória, os verdadeiros cristãos que têm como Senhor Jesus Cristo, terão um corpo glorioso semelhante ao corpo Dele. Um corpo no qual brilha a liberdade dos filhos de Deus, capazes de viver e conviver com todos os diferentes e todas as diferenças. Uma grande lógica!

Conclusão

Fazer brilhar a glória, o júbilo da Cruz de Cristo, eis o coração de toda a evangelização cristã. Disto ela jamais deverá se envergonhar como

nos alerta São Paulo: *Já vos disse muitas vezes, e agora repito chorando: há muitos aí que se comportam como inimigos da cruz de Cristo* (Fl 3,18).

Foi essa mesma missão que São Francisco recebeu na famosa aparição na igreja de São Damião, no início de sua vida apostólica, quando o Crucificado lhe ordenou que fosse restaurar sua casa que estava ruindo. Essa mesma missão, no fim de sua vida, por ocasião de sua estigmatização, foi confirmada para ele e para toda a sua Ordem pelo próprio Senhor: *“Sabes tu, disse Cristo, o que fiz? Dei-te os estigmas que são os sinais de minha Paixão, a fim de que sejas meu gonfaloneiro* (CCE 51).

E nosso Papa Francisco diz: *Sem a cruz podemos ser tudo: Bispos, religiosos, Papas, padres, mas jamais seguidores de Cristo, muito menos de Cristo pobre e crucificado* (Homilia na santa Missa com os cardeais, 14 de março de 2013).

“Misericordes sicut Pater!”
 (“Misericordiosos como o Pai!”).



3º Domingo da Quaresma

Leituras: Ex 3,1-8a.13-15; 1Cor 10,1-6.10-12; Lc 13,1-9

Tema-mensagem: Chamados a uma conversão contrita e frutuosa.

Introdução

Neste 3º Domingo da Quaresma, celebramos, de novo, um dos mais expressivos, amados e amáveis mistérios da vida cristã e da Quaresma: a graça da conversão. Mas, neste Domingo, através da parábola da figueira improdutiva e inútil, com um colorido próprio, celebramos uma conversão contrita e frutuosa.

1. Vocação e Missão de Moisés e do Povo de Deus (Ex 3,1-8a.13-15)

A primeira leitura da Liturgia da Palavra transporta-nos à longínqua terra de Madiã, no monte Horeb sobre o qual vai se dar o famoso encontro de Moisés com Deus na sarça ardente do qual nasce sua vocação e missão.

1.1. Um Deus cujo nome é misericórdia

Diante de um encontro tão inaudito com o Deus dos seus patriarcas, Moisés, experimenta aquele misto de temor e de fascínio que avassala todo homem que se encontra com o Deus vivo e verdadeiro: “*mysterium*

tremendum” (mistério que aterroriza) e, ao mesmo tempo, “*mysterium fascinans*” (mistério que fascina)⁵. De um lado, temor e por isso desejo de afastar-se; por outro lado, o fascínio de um Deus “adveniente”, próximo, familiar, amigo e convidativo, que leva Moisés e todo fiel ao anseio da aproximação, da intimidade.

Há uma advertência, porém. É preciso “tirar as sandálias” (Ex 3,5), isto é, “não botar as mãos”, não querer se apossar, se adonar do mistério. É preciso deixar ser o mistério enquanto mistério: mistério de gratuidade, de amor, de um outro “outro” que nos visita para tornar-se nosso íntimo, mas que, sempre de novo, nos escapa em sua transcendência, sempre, enfim, um grande “outro”. Se, no primeiro caso – adonar-se do mistério – é percorrer o caminho da morte, deixar ser o mistério, enquanto mistério, é sua vida. Somente seguindo esse percurso é que o homem pode encontrar-se com o Deus dos seus (nossos) pais: Abraão, Isaac e Jacó.

Por isso, nenhum predicado jamais será capaz de dizer Deus. Deus está acima de toda afirmação e de toda negação. É o inominável e seu nome é inefável! Por isso, depois, os judeus, em vez do tetragrama (YHWH), passaram a chamar Deus com esta pa-

⁵ Expressões de Rudolf Otto em seu célebre livro “O Sagrado”.

lavra suave, melíflua *Adonai*, isto é, “Senhor” (*Kyrios*)⁶.

Santo Agostinho, comentando essa passagem, notava que havia ali um duplo nome de Deus. O primeiro o da **eternidade** – “*eu sou quem sou*” – que acena para Deus como o ser originário, o ser mesmo (latim: *ipsum esse*), isto é, para o ser imutável de Deus, o seu puro ser, que nada tem de não-ser. O segundo é o nome da **misericórdia** – Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó – o Deus que quer ficar próximo dos homens.

É o que proclama o salmo de hoje: *O Senhor é clemente e cheio de compaixão!*

1.2. Moisés, patriarca e profeta da libertação

Na mencionada passagem, sobressaem, com muita clareza, em Moisés, os traços de um patriarca, mas também de um profeta, pois de Deus recebe uma palavra de libertação e o encargo de levá-la eficazmen-

6 No Novo Testamento, na boca da Igreja primitiva, “*Kyrios*” (Senhor), é o nome usado para invocar e glorificar a Jesus. Assim, Estêvão, ao ser apedrejado, na hora de sua morte, faz a seguinte invocação: “*Senhor Jesus (Kyrie Iesoú), recebe o meu espírito*” (At 7,59). E, em seu aperto escatológico, os primeiros cristãos invocarão em aramaico, a língua que Jesus falava: “*Maranathá*” (Nosso Senhor, vem!) (Cf. 1Cor 16,22). Com “*Kyrios*” (Senhor), a Igreja primitiva atribui a Jesus o próprio nome de Deus, revelado a Moisés na visão da sarça ardente – uma confissão que, segundo Paulo, só pode ser feita “*no Espírito Santo*”: *ninguém pode dizer, Senhor Jesus, a não ser no Espírito Santo* (1Cor 12,3).

te ao povo: “*Sim, eu irei aos filhos de Israel e lhes direi: ‘o Deus de vossos pais enviou-me a vós’*” (Ex 3,13).

A vocação-missão de Moisés ocupa o centro de todo este capítulo. É a legitimização de Moisés como o mediador de uma libertação que, na verdade, se constitui em salvação por parte de Deus. Para expressar essa dimensão divina, o texto não dá a Moisés o destaque de protagonista, mas, de profeta que ouve o plano de Deus e de mensageiro encarregado de levar a boa notícia ao povo oprimido e ao povo opressor. Ele mesmo se retrai e se considera inteiramente incapaz para tal empreendimento. Ele é apenas o servo de um Deus que vê a opressão do seu povo, escuta o grito de aflição dos seus eleitos, filhos da promessa feita aos antigos patriarcas. Por isso, desce para libertá-lo das mãos dos egípcios.

Completa-se assim o verdadeiro significado do nome Jahvé, Adonai, Senhor Deus misericordioso e benevolente. Jahvé é, também, Aquele que age, opera, faz. A definição que Deus dá de si mesmo, agora, procede da obra que vai realizar. Será através desta sua operação que os israelitas irão reconhecê-Lo. Poderíamos, então, ler assim a denominação que, agora, Deus dá de si mesmo: “Eu sou aquele que manifestará seu ser com a obra que irei concluir e com a qual sabereis que sou eu”. No contexto, essa obra é a libertação da escravidão. Deste modo, ao Deus misericordioso e salvador, a Sagrada Escritura acrescenta “o Deus libertador”.

2. A graça da conversão salvadora (Lc 13,1-9)

No Evangelho de hoje, são anunciados a Jesus dois acontecimentos dramáticos recentes. Um retrata a repressão violenta e sangrenta de um movimento de galileus rebeldes por parte de Pilatos. O outro diz respeito a um acidente: a queda da torre de Silóé, que matou dezoito pessoas.

2.1. Mais um prazo para a figueira improdutiva e inútil

A interpretação daqueles “jornalistas”, acerca desses trágicos acontecimentos, não podia ser mais maldosa, perversa, endurecida e cruel: estas pessoas que morreram assim, por violência e por acidente, eram pecadoras, e foram, por meio destes acontecimentos, castigadas por Deus. Eles, porém, escaparam da ruína porque eram justos.

Jesus adverte-os para não fazerem tal discriminação: os outros – pecadores; nós – justos. Ao contrário, todos são pecadores e todos precisam tomar a sério o tempo de vida que ainda têm como um prazo – o último – para se converterem de todo o coração. A mesma mensagem está implícita na estória da figueira plantada no meio da vinha. Para Agostinho, essa figueira é toda a humanidade. Desde Adão e Eva que abandonaram a veste original, a veste da filiação divina recebida de Deus, preferindo vestir-se com folha de figueira, todos são pecadores. Mas, em todos os tempos,

antes da Lei e sob a Lei, e depois da Lei, isto é, na era do Evangelho da graça, Deus concede aos homens o tempo “oportuno”, como um prazo para produzir frutos de penitência, de transformação do coração, de revolução do pensamento, de mudança de vida, de retorno para Deus.

Segundo Gregório Magno, o homem que não dá frutos de boas obras (obras de justiça e de misericórdia) é semelhante à figueira do Evangelho. Neste caso, ele ocupa a terra como uma árvore infrutuosa, morta. No homem, pior que o perecimento físico-biológico é o perecimento de sua criatividade, de sua liberdade criativa consigo mesmo, com a própria terra, a Casa Comum. O homem pode continuar existindo sobre a terra e, ao mesmo tempo, aniquilar a humanidade em si, tornando-se cada vez mais um homem desumano, um homem inumano. O Evangelho, porém, é anúncio da possibilidade da salvação nascida da graça do encontro, e, com isso, o anúncio, a Boa Nova da possibilidade do homem humano e mais que humano.

Se, de um lado, *eterna é a misericórdia do Senhor*, porque, *sua misericórdia permanece de geração em geração* (Sl 135); por outro lado, o prazo para o homem aceitar essa graça e deixá-la atuar em sua vida com toda sua fecundidade, produzindo dignos frutos de penitência (conversão do coração), é limitado. Daí a urgência que domina o momento presente para aquele que ouve o anúncio do Evangelho de Cristo. Essa urgên-

cia põe o homem diante de uma decisão, isto é, põe o homem no meio da crise, da cisão, de uma alternativa: ou isto – ou aquilo. Ou converter-se ou deixar-se perecer.

“Jesus”, cujo nome significa “Jahvé salva”, é o homem humano, a árvore boa, frutífera, que revela e abre a todos os homens, de todos os povos e gerações, o caminho para virem a ser aquilo que eles, essencialmente, podem ser, isto é, virem a ser homens humanos.

2.2. Contrição adubo da conversão contínua

Para explicar sua mensagem, Jesus usa a imagem da figueira estéril. Os padres da Igreja explicavam que cavar ao redor da figueira queria dizer contristecer-se, chorar seu pecado; choro cujas lágrimas desfazem a rigidez e a dureza do coração do homem, que acha que não precisa de misericórdia. O esterco que se lança ao redor da figueira, por sua vez, seria a humildade. Isso porque, usualmente, o esterco é o que há de mais vil e desprezível. Mas, quando o homem atribui o pecado a si mesmo – e não aos outros – então esta humildade de reconhecer o mal radical em si mesmo acaba se tornando um grande benefício para o homem. É o começo de sua conversão. A figueira começa a dar frutos.

A contrição⁷ é o passo inicial no encontro do homem com Deus.

⁷ Resumo reinterpretado e completado do Capítulo 2 de “Nossa transformação em Cristo”, de D. von Hildebrand, intitulado “Contrição”.

Como Pedro, diante de Jesus, após a pesca milagrosa, o homem que se encontra diante de Deus deve dizer: “*Afasta-te de mim, porque sou um pecador, ó Senhor!*” (Lc 5,8) ou, como São Francisco, “*chorar porque Aquele que muito nos amou não é amado*” (1B 9,1). O confrontar-me com a santidade de Deus em Cristo dá-me a consciência, a clareza de ser pecador. A consciência de ser pecador traz dor. Mas é uma dor salutar. A dor do coração é que faz o homem se recolher no fundo de si mesmo e, ao mesmo tempo, buscar o médico que pode reconduzir a vida à salvação, isto é, à saúde originária da comunhão com seu Deus e Senhor. A dor, a contrição é o princípio, a força “não-força” que move o seguidor-evangelizador de Cristo.

O homem deve poder rejeitar o pecado em si mesmo. Mas deve também ter a coragem de aceitar que é aceito por Deus, mesmo na sua condição de pecador. A verdadeira penitência requer não só repudiar o próprio pecado, mas também abandonar a *auto-afirmação* de si, quer como pecador desesperado (Cfr. Judas), quer como o justo que não necessita de conversão (Cfr. a figura do fariseu nos Evangelhos). A verdadeira penitência é, assim, uma atitude de humilhação, no sentido de reconduzir-se ao vigor próprio da humildade, isto é, no vigor de ser o que se é: uma simples e feliz criatura de Deus. Por isso, é, também, uma atitude de esperança, de confiança na misericórdia divina.

3. Quem julga estar de pé cuide para não cair (1Cor 10,1-6.10-12)

A segunda leitura de hoje é tirada da 1ª Carta aos Coríntios. Paulo começa fazendo a memória dos principais eventos do Êxodo: *Os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem e todos passaram pelo mar; todos foram batizados em Moisés sob a nuvem e pelo mar...* (1Cor 10,1).

No centro desta memória, no verso 4º, há a referência a *um rochedo espiritual que os acompanhava*.

Segundo a tradição rabínica, a rocha miraculosa que acompanhava o povo de Deus, da qual brotava a água salvadora, representava a presença do próprio Senhor, Jahvé. Por isso, se agora Paulo chama Cristo de rocha, é para dizer que também Ele, Jesus, é Deus.

A exortação de Paulo, então, é clara. Coloca diante deles a história de Israel no deserto como exemplo: apesar de todos e de tantos benefícios miraculosos que Deus – o rochedo firme – lhes havia proporcionado nem por isso os israelitas deixaram de cair na idolatria e em muitos outros vícios. Por isso, *a maior parte deles desagradou a Deus, pois morreram no deserto. Esses fatos aconteceram para serem exemplo para nós a fim de que não desejemos coisas más, como fizeram aqueles no deserto* (1Cor 1,5).

Quais seriam essas coisas más? Paulo mesmo responde nos versos 7 e 8, excluídos na perícopre de hoje: *não*

vos torneis idólatras como alguns deles e nem vos entregueis à fornicação como alguns deles se entregaram.

Além da idolatria e da fornicação, Paulo acrescenta o pecado da murmuração. A murmuração é sempre fruto de um pecado maior: o esquecimento ou afastamento daquele ou daqueles que nos amaram por primeiro. Foi o que acontecera com Adão e Eva em seu pecado original. A murmuração turva a mente e perturba o coração. Por turvar a mente, o murmurador não consegue mais ver os benefícios que Deus e as pessoas lhe proporcionam. E, por perturbar-lhe o coração, o murmurador só sabe reclamar, criticar, censurar, recriminar. Por isso, adverte São Francisco aos Irmãos: *E os Irmãos, onde estejam e se encontrem, devem alegrar-se e honrar espiritual e diligentemente uns aos outros, sem murmuração.* (RNB 7,15).

A exortação de Paulo aos coríntios, portanto, é para que não se deixem perder pela presunção de serem os ‘justos’, os ‘bons’. O ser batizado em Cristo, o comungar com ele, comendo de uma comida espiritual e bebendo de uma bebida espiritual, não é garantia contra o perecimento. Os hebreus que andaram pelo deserto, seguindo Moisés, não foram, também eles batizados (na nuvem, no mar)? Não tiveram também eles a sua ceia sagrada? Não comeram o maná, não beberam da água do rochedo, mi-lagrosamente jorrada pelo golpe do cajado de Moisés? E, no entanto, por causa de sua incredulidade, de sua

murmuração, ficaram de fora da terra prometida. Pouco ou nada adianta ser católico praticante, diríamos, hoje, se não houver a humildade e a conversão diária. Por isso, conclui com chave de ouro: *Portanto, quem julga estar de pé tome cuidado para não cair!* (1Cor 1,12).

Conclusão

A verdadeira e perfeita penitência evangélica, a penitência por causa do Reino de Deus, é obra do amor e não tanto do temor. Por isso, segundo São Francisco, em seu Testamento, ela deve ser uma vida e não apenas uma regra; uma vida que deve animar toda a vida e não apenas alguns atos ou exercícios extraordinários, alguns momentos, dias ou tempos.

Nesse sentido, a conversão evangélica é, acima de tudo, um movimento interior permanente, uma renovação profunda e contínua que nasce do encontro com Jesus Cristo e que refaz inteiramente as relações com Deus, com as pessoas e com as

demais criaturas. Nesse sentido, é também caminho único de salvação. Salvação que significa: comunhão com Deus, consigo mesmo, com os irmãos e com todas as criaturas.

Por isso, São Francisco, qual outro Moisés, propõe este caminho não apenas para si e para todos os frades, mas também para todos os homens: *Todos os meus Irmãos, sempre que lhes agradar, podem anunciar estas ou semelhantes palavras de exortação e louvor a todos os homens, com a bênção de Deus: [...] 'Fazei penitência, fazei dignos frutos de penitência, pois logo morreremos. Dai e vos será dado. Perdoai e vos será perdoado!'* E, em sua Carta aos Fiéis, o mesmo Francisco, como último empenho de salvar um filho querido escreve: *Onde, quando e como quer que o homem venha a morrer em pecado mortal, sem penitência e satisfação, podendo satisfazer e não satisfazendo, o diabo rouba-lhe a alma do corpo com tanta angústia e tribulação, que ninguém pode saber a não ser quem o experimenta* (1CF II,5).



4º Domingo da Quaresma

Leituras: Js 5,9a.10-12; Sl 33 (34); 2Cor 5,17-21; Lc 15,1-3.11-32

Tema-mensagem: Tínhamos de fazer festa e alegrar-nos porque este teu irmão estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi reencontrado.

Introdução

Domingo passado, através da parábola da figueira estéril, que recebeu mais uma chance de dar frutos (Cfr. Lc 13,1-9), celebramos a graça da conversão contrita e frutuosa. Hoje, somos convidados a celebrar a alegria de um pai que reencontra o filho que havia se perdido e a alegria desse filho que retorna para junto de seu pai. Por isso, o Domingo de hoje é chamado “*Dominica laetare*”, isto é, Domingo da alegria. (Cfr. antífona de entrada). A alegria é recíproca: nossa e de Deus. Nossa, porque, embora esbanjadores e desprezadores das graças, das bênçãos e do amor somos, de novo, recebidos de volta nos braços e na casa do Pai. Dele, porque nós, que, a exemplo do filho pródigo, estávamos mortos, perdidos e fomos encontrados, voltamos à sua casa, à vida.

1. Alegria que vem de uma longa e sofrida história (Js 5,9a.10-12)

A primeira leitura da Palavra de Deus desse Domingo, tirada do servo de Deus Josué, trata da primeira

Páscoa, celebrada pelos hebreus na planície de Jericó, na terra de Canaã, dada de graça por Deus a seu povo eleito. Essa celebração marca o fim da travessia no deserto e da escravidão do Egito e o começo de uma nova vida na terra da promessa: terra livre, acolhedora e frutuosa, terra de filhos e irmãos e não de escravos. Nessa celebração, alegre e festiva, além de comer a Páscoa (o cordeiro) e os frutos da terra, comeram também “pães ázimos” (sem fermento) e espigas tostadas que se ofereciam nas festas das colheitas, como primícias. É a alegria da antiga Aliança, prefiguração daquela – nova – que será inaugurada pelo futuro Messias.

2. A alegria do reencontro (Lc 15,1-3.11-32)

Na verdade, a parábola do Evangelho de hoje deveria chamar-se “parábola do Pai misericordioso e compassivo”. A história é comovedora e dramática ao mesmo tempo. Tudo começa com a murmuração dos fariseus e escribas contra Jesus, porque Ele não só acolhia pecadores e publicanos, mas, até, ousava sentar-se à mesa, comer e fazer festa com eles. E tudo isso, em nome de Deus. De fato, o que Jesus faz é algo realmente inaudito, coisa nova, nunca vista: uma Boa Nova para publicanos e pecadores! Mas, uma blasfêmia, um escândalo para os “santos” e “religiosos

praticantes” daquela época e de todos os tempos!

O filho mais novo é todo homem. Sua história é a saga do Adão, que cada um de nós herdou. Ele não apenas quer ver-se livre do pai, mas, também, quer a parte do patrimônio que lhe cabe por herança. Ele anseia por autonomia – viver por si e para si, aut centrado em sua autorreferencialidade, diria nosso Papa Francisco. Apesar desse rompimento, o pai, porém, continua sendo pai, um pai que, em vez de ser ciumento, é generoso; um pai que prefere negar-se a si mesmo, para deixar ser o manancial que Dele emana: a vida, o filho querido e muito amado. O que esse filho – Adão – fez para si foi “matar” seu Pai, seu Deus; todavia, paradoxalmente, o que ele fez para seu Pai, seu Deus, foi proporcionar-Lhe um novo “nascimento”, isto é, obrigou o Pai a ser mais Pai, Deus a ser “mais Deus” ainda.

Na verdade, quem morre é ele, o filho. Assim, longe da casa paterna, morto em relação ao Pai, foi obrigado a fazer-se servo de um estranho e a ser “pastor de porcos” que, segundo os Padres da Igreja, equivale a servir ao diabo e, por extensão, à sofreguidão dos desejos sensuais, das paixões desregradas, dos pensamentos sórdidos, dos vícios (Cfr. Mc 5,12ss). Surge, então, a fome. Mas, o alimento que encontra não é mais a Palavra, o amor do Pai e sim a comida dos porcos. É o sentido negativo da palavra “pródigo”, que quer dizer, aqui, “dissipador” dos bens paternos.

A necessidade, porém, quando bem aceita, torna-se uma bênção. Assim, aos poucos, no fundo da memória desse filho ressurge, brilhante, o rosto misericordioso do Pai; um rosto que co-move o filho a encetar o caminho da “volta”. Vem-lhe, então, à mente, a generosidade do pai: seus diaristas, tão bem tratados, enquanto ele, morrendo de fome, tem de contentar-se com a comida, as alfarrobas dos porcos. Distante da Casa paterna tornara-se escravo de si e dos outros. Precisava voltar para o pai nem que fosse para ser um de seus empregados. Note-se, porém, que na origem desse sentimento está a presença do rosto misericordioso do pai na memória do filho. Ou seja, antes do filho, é o pai quem se apressa para ir ao encontro do filho.

Comentando esse gesto do pai, diz nosso Papa atual: *Misericórdia é a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar [...]. Você pode renegar a Deus, você pode pecar contra Ele, mas Deus não poderá renegar-se a si próprio, Ele permanece fiel (O nome de Deus é Misericórdia, p. 37 e 38)*. Em Deus perdoar não é ato, mas ser. Por isso, se Ele tivesse carteira de identidade, o nome seria Perdão, Misericórdia, Compaixão ou, quem sabe, “Miserando atque elegendo”, (“Misericordiando e escolhendo”). Trata-se do lema episcopal do atual Papa Francisco).

Como consequência imediata desse reencontro, o pai manda os servos trazer a “primeira roupa”, um

anel para o dedo, as sandálias para os pés. Ele é revestido de novo com a dignidade, a beleza e a integridade de ser seu filho que havia perdido. O anel assinala a autoridade e as sandálias a liberdade (os escravos não andavam de sandálias). O filho não é aceito na condição de servo, nem de diarista, mas de senhor, de homem livre. Ele é recebido na condição de igualdade com o pai.

Por fim, o pai manda os servos matar o bezerro gordo para servir no festim que iria celebrar a recuperação do filho, o resgate de sua saúde, a salvação. Os Padres da Igreja veem nesse bezerro o sacrifício de Cristo. Ambrósio lembra que o bezerro era vítima sacrificial. Assim, para que nós passássemos da morte para a vida, da perdição e ruína para a salvação, era preciso o sacrifício de Cristo! Agostinho lembra que, na Igreja, o retorno do filho à casa paterna acontece com a confissão e a penitência; e o festim que celebra a reconciliação acontece com a Eucaristia.

Todavia, quando a história parece ter chegado ao seu clímax, entra a voz do filho mais velho (*presbyteros*) em diálogo áspero com a voz terna do pai. É a voz dos fariseus e escribas, mas pode ser também do homem do Antigo Testamento e – por que não? – de cada um de nós! Esse filho é um trabalhador de Deus, do pai, mas só que o faz não como filho e sim como servo – por temor; ou como diarista – por merecimento. Em vez da lei da liberdade da graça preferia seguir a lei da meritocracia.

A música e a dança significam a alegria dos que cantam a eterna misericórdia do Pai; o cântico novo das novas criaturas – os filhos de Deus, que estavam mortos pelo pecado e que ressuscitaram pela graça! Se o pai mostrara compaixão, o filho mais velho (o fariseu, nós) mostra ira. O fariseu é o homem zeloso pela justiça divina; o guardião da ira de Deus... Não aceita que essa ira não tenha sido descarregada sobre o filho mais novo, um dissoluto; não aceita que o pai tenha relaxado sua justiça, expressando bondade para com o pecador. À ira ele junta a inveja e o ressentimento: enquanto o filho mais novo era o preferido, o pupilo do pai, ele não passava de um simples empregado, cuja fidelidade nunca tinha sido reconhecida! O pai nunca sequer, lhe tinha dado um cabrito, o gado mais insignificante da fazenda, para que ele pudesse festejar com os amigos! Enquanto isso, aquele irmão, dissoluto e pervertido, ganha o que há de mais precioso: o novilho gordo! Movido pelo espírito de vingança, de reivindicação e da sua “justiça” omitida, tudo isso é lançado desaforadamente na cara do pai! E agora quem obriga o Pai a ser, de novo, pai é esse, o filho mais velho: “*Filho, tu sempre estás comigo!*” (Lc 15,31).

3. Alegria que brota da reconciliação (2Cor 5, 17-21)

O que Jesus proclama em fórmula de parábola, a Igreja atualiza pela pregação e pelo sacramento da Re-

conciliação e da Eucaristia. Por isso, na 2ª leitura de hoje, São Paulo chama o Evangelho, a Boa Nova de Jesus, de “anúncio da reconciliação”. Essa mensagem é de tão grande importância que, nessa breve leitura, por cinco vezes ele usa o verbo “reconciliar” ou seu substantivo “reconciliação”.

Na obra da reconciliação, porém, não há nenhuma simetria entre Deus e os homens, pois *tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação* (2Cor 5,18). Além do mais, Paulo não se contenta em anunciar o fato. Importa, também, que vejamos como isso se deu: *Aquele que não conheceu pecado, por nós foi feito pecado, para que nós nos tornássemos justiça de Deus Nele* (2Cor 5, 21). Ou seja, o Pai, em vez de imputar aos homens suas faltas (Cfr. 2Cor 5,19), Ele as imputa a Si. Assim, o inocente é tratado como culpado e os culpados como inocentes. A maldição, que deveria cair sobre todos os homens, cai sobre o Filho bendito, o bezerro gordo. O bendito torna-se maldito, para que os malditos se tornem benditos. Eis o “*lógos tes katallages*” (“Palavra da Reconciliação”), o princípio, a origem de uma nova relação do homem com Deus, dos homens entre si e destes com todas as criaturas.

Em Adão, o homem morre! Em Cristo, ele re-vive! (Cfr. 1Cor 15,22). Em Adão, o primeiro homem, a velha humanidade; em Jesus, o homem novo, a nova humanidade.

Conclusão

Perguntado porque nosso tempo precisa tanto de misericórdia, nosso Papa Francisco respondeu: *Porque nossa humanidade é uma humanidade ferida, uma humanidade que possui feridas profundas* (Papa Francisco em *O nome de Deus é misericórdia*, p. 45).

Quem compreendeu bem que misericórdia é o coração da Boa Nova foi São Francisco de Assis. Por isso, em seu Testamento, ao explicar sua vida de convertido, ele a definiu como “fazer misericórdia”. Dentro do mesmo tom, a um Ministro que, por causa das contrariedades que lhe causavam as pessoas, desejava deixar seu cargo a fim de dedicar-se mais à oração e assim melhor poder salvar sua alma, Francisco exorta-o a que permaneça no meio das pessoas que o maltratavam. E acrescenta: *Não deve haver no mundo irmão que tenha pecado até não poder mais que, após ter visto teus olhos, nunca se afaste sem a tua misericórdia* (CM 9). Esta é a oração que mais e melhor salva.



5º domingo da Quaresma

Leituras: Is 43,16-21; Fl 3,8-14; Jo 8,1-11

Mensagem ou tema: O admirável e inaudito casamento da Misericórdia com a miséria!

Introdução

No Domingo passado, através da parábola do filho pródigo, celebrávamos a alegria do re-encontro, da reconciliação do filho pródigo com seu pai querido que aquele havia abandonado, rejeitado. Hoje, último Domingo da Quaresma, através do acolhimento e do perdão de Cristo à pecadora pública, celebramos o admirável e inaudito casamento da Misericórdia divina com a miséria humana.

1. A promessa de uma libertação nova, nunca vista (Is 43,16-21)

A Palavra de Deus, proclamada neste Domingo, começa com um oráculo da segunda parte do livro de Isaías. Deus interpela o povo da antiga Aliança para que deixe de *pensar nas coisas do passado, pois, Ele, o Senhor, vai realizar uma coisa nova, que já está começando a aparecer*. O objetivo imediato do profeta é levantar o ânimo, a esperança e a fê dos judeus, no momento em que esse povo vivia, mais fortemente, as agruras do desterro na Babilônia. O que esse oráculo anuncia como futu-

ro, convocando o povo para a espera do inusitado, é celebrado em forma de gratidão pelo salmista que recorda as maravilhosas proezas que, no passado, Deus realizou por ele: *Quando o Senhor fez regressar os cativos de Sião, parecia-nos viver um sonho. Da nossa boca brotavam expressões de alegria e de nossos lábios cânticos de júbilo!* (Sl 125).

No entanto, o oráculo do Senhor, que é lido na primeira leitura de hoje, aponta para algo que transcende, até mesmo, o regresso do exílio da Babilônia; algo que não tem nenhuma comparação com o êxodo, a Páscoa que o Senhor realizara nos tempos idos; algo inusitado, algo que os olhos ainda não tinham visto, que os ouvidos ainda não tinham ouvido e que não tinha, ainda, subido ao coração dos homens. Para dizer que a salvação vindoura transcendia todas as maravilhas que o Senhor tinha operado até então, o profeta fala de uma travessia por uma terra selvagem. O deserto, a estepe, a terra de animais ferozes seria o lugar em que esta coisa, radicalmente nova, aconteceria. O anúncio diz respeito, portanto, a um novo princípio, a uma nova aliança, inteiramente diferentes do primeiro princípio e da aliança, outrora realizados na saída do Egito. Será algo semelhante a uma fonte que jorrará no deserto e que vai não apenas matar a sede do seu povo, mas tornar-se o princípio de uma nova humanidade.

2. O coração misericordioso de Deus, matriz, útero do Universo (Jo 8,1-11)

Pelo Evangelho de hoje, sumamente admirável e provocante, somos conduzidos à aprendizagem da essência do seguimento de Cristo: a sermos misericordiosos como Ele e o Pai são misericordiosos.

2.1. Deus, útero materno da todas as criaturas

A narrativa gira em torno de uma mulher *surpreendida em adultério* (Jo 8,3)). Pelo desenrolar dos fatos, percebemos que a misericórdia evangélica, antes de mera paixão ou simples emoção, é um fazer, uma obra, uma operação. Misericórdia é um amor prático, cheio de ternura, que transforma em obra a compaixão, o socorro ao outro, mesmo que isso custe, também, a própria (minha) condenação. Em outras palavras, o que Jesus faz, nessa cena, testemunha o próprio ser de Deus. Deus não pode não nos amar ou deixar de ser misericordioso, mesmo que isso lhe custe a própria vida e a vida do Filho muito amado. Se não fizesse assim, seria infiel a si mesmo, estaria traindo sua própria deidade, o que é impossível. Ele não pode jamais condenar os homens, suas crias, suas crianças: a pupila de seus olhos. É por isso que Ele fala pelo profeta Isaías: *Pode, porventura, a mulher esquecer-se do seu filho e não ter carinho para com o fruto das suas entranhas? Pois, ain-*

da que existisse tal mulher, eu jamais me esqueceria de ti! (Is 49,15).

É difícil encontrar exemplos para explicar o coração compassivo de Deus. Talvez possamos compará-lo ao útero materno. Sim, Deus é o útero, a matriz do Universo⁸. Nele está o ponto de salto da geração do Filho Unigênito. Nele está a fonte da criação do Universo e de cada indivíduo na sua unicidade. Jesus revela esse amor matricial de Deus para com cada pessoa e todo ser humano – um amor universal que abraça cada criatura. Ele, no seu relacionamento com os homens, revela o Pai dos céus, no seu cuidado, que veste as ervas do campo, alimenta as aves do céu, faz cair a chuva e nascer o sol sobre bons e maus, cujo amor paterno e matricial gera, nutre e rege todas as coisas.

2.2. Um sagrado e inaudito casamento entre a Misericórdia e a miséria

Os escribas e fariseus, de ontem e de hoje, trouxeram uma mulher (a humanidade decaída) que fora surpreendida em flagrante adultério e expõem-na ao vexame público, co-

⁸ Misericórdia é, pois, a fidelidade de Deus ao seu *coração*, isto é, ao âmago do seu próprio ser, no qual o que domina é sua *misericórdia*, ou seja, seu *amor terno, matricial, visceral*. Talvez, melhor do que fidelidade ao coração, nós poderíamos dizer fidelidade ao *ventre*, pois sua misericórdia é um amor que brota das *entranhas* mesmas de Deus, sim, de seu ventre – por que não? – de seu útero (Cfr. hebraico: *rahamin* = amor visceral; *rehem* = ventre materno, útero materno).

locando-a no meio, entre Jesus e o povo. Apresentam-se como especialistas e zeladores da lei. Simulam estar preocupados com o cumprimento da justiça da lei. Mas, na verdade, estão é preparando e armando-lhe uma cilada. O que pretendem é tentar, isto é, pôr à prova Jesus, para ter com o que acusá-lo. Pretendiam que Jesus ficasse num dilema entre a mansidão e a misericórdia de um lado e a justiça e a lei de outro lado. Jesus, porém, não se comporta como os homens divididos. Ele escapa à alternativa. Sua fala parte de outra instância, a mais originária de todas, anterior a toda divisão: a unidade de Deus. Jesus já tinha chamado a atenção destes “justos” para sua hipocrisia, isto é, sua dissimulação. Eles pagam o dízimo das mínimas coisas, mas negligenciam o que é de peso na lei: “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Cfr. Mt 23,23). Eles se põem a si mesmos como juízes – eles que também eram transgressores da lei. E reivindicam de Jesus o cumprimento da lei, que mandava apedrejar a mulher adúltera (Lv 20,10; Dt 22,24).

Sem deixar-se envolver pela cilada dos fariseus e escribas, a resposta de Jesus é um gesto: *inclinando-se, pôs-se a escrever com o dedo traços no chão* (Jo 8,6). O Deus escondido conhece o que está oculto no coração do homem (Cfr. Jó 13,26; Jr 7,13). O gesto de Jesus parece ser o de uma enumeração dos pecados apresentados pelos acusadores, que reivindicavam o cumprimento da lei, da justiça. Como eles continuassem a interpelá

-lo, Jesus se levantou e disse: “*Aquele que dentre vós nunca pecou, atire-lhe a primeira pedra*” (Jo 8,7). Jesus evita a cilada, lembrando aos acusadores sua própria condição de pecadores.

Jesus não diz que ela seja ou não apedrejada. Santo Agostinho interpreta a resposta de Jesus assim: que a lei se cumpra, mas não por aqueles que são seus transgressores. Pois, a justiça própria daqueles “justos” era uma mentira, uma hipocrisia, uma dissimulação. No caso, a intenção de pegar Jesus em contradição com a lei de Moisés se dissimulava como zelo com o cumprimento da justiça. Jesus põe em evidência a hipocrisia deles. Os mais velhos vão embora primeiro: são os mais culpáveis ou os que melhor conheciam suas faltas. Jesus, então fica ali, sozinho, com a mulher, sem a presença dos acusadores. Bela imagem da humanidade liberta de todo pecado, por Jesus!

Na verdade, como disse Santo Agostinho, ficaram unicamente dois: **a miséria e a misericórdia**. O único Justo, o único sem culpa, não condena, perdoa! Segue, pois, o diálogo: “*Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?*” (Jo 8,10). A resposta dela não tem o menor traço de auto-justificação. Parece, respeitosamente, entregar-se ao juízo do único inocente: “*Ninguém, Senhor!*” (Jo 8,11). E vem a resposta graciosa de Jesus: “*Eu também não te condeno: vai, e doravante não peques mais!*” (Jo 8,11). Assim, em vez de um juiz, ela encontrou o salvador, em vez de condenação, salvação, em vez de morte,

vida. Alguém, que se arroga o papel de ser zeloso da lei da justiça, poderia acusar Jesus de, com sua misericórdia e perdão, estar fomentando o pecado. Por isso, lhe diz: *vai e não peques mais*. Santo Agostinho observa que o Senhor condena o pecado, não o homem. Ao homem, ele oferece, com seu perdão, a salvação. Jesus revela, portanto, a graciosidade do amor divino que salva: a misericórdia e, ao mesmo tempo, uma justiça superior, aquela que não vem do homem nem da lei, mas de Deus e que coincide com a própria misericórdia.

3. Cristão é aquele que procura configurar-se a Cristo misericordioso (Fl 3,8-14)

Na segunda leitura de hoje, Paulo fala de Jesus com um tom de profunda intimidade e familiaridade: *“Cristo Jesus, meu Senhor!”* (Fl 3,8). O conhecimento que Paulo teve de Cristo surgiu não através de estudos acadêmicos ou de alguma tradição, mas, primeiramente, no confronto, na “briga” com Ele, perseguindo os cristãos e, depois, através de um seguimento sumamente apaixonado e inteiramente entregue ao anúncio e testemunho de seu Evangelho, de sua Cruz. Este conhecimento é de tão grande excelência e familiaridade que tudo o mais que ele havia recebido do judaísmo se tornara dano, ruína, e que, por isso, precisava ser desprezado como lixo.

Conhecimento, nesse caso, como na amizade e no amor, tem o

sentido de “conascimento”. Quer dizer: conhecer a Cristo é “co-nascer” com Ele, é “re-nascer” Nele, é ser um Nele e com Ele, permanecendo na esfera do encontro com Ele, perseverando no seu seguimento. Conhecimento, aqui, portanto, tem o sentido de vínculo vital íntimo que une pessoas que se amam, como se dá, por exemplo, no casamento. É esse o sentido que o escritor sagrado quer dizer quando, por exemplo, afirma que Abrão conheceu Sara.

A seguir, Paulo fala numa *justiça que vem de Deus, apoiada na fé* (Fl 3,9). Usualmente, entendemos fé como algo nosso: a fé que nós temos em Cristo. Mas, talvez, esteja falando da fé de Cristo no Pai, que ele demonstrou em toda sua vida, principalmente na Cruz; da fé Dele nos homens, nos Apóstolos, em Judas e em cada um de nós. Nesse sentido, fé não é crença, mas entrega, confiança, doação. Por isso, fala com um tom de intimidade, de encontro, de relacionamento íntimo, a modo de esposo-esposa: *“Cristo Jesus, meu Senhor!”* (Jo 8,8). Em suma, o *cristão é aquele que vive da graça do encontro, do chamado e do acolhimento de Cristo* (Cfr. EG 1-8).

Por isso, também, diferentemente dos judaizantes daquela Comunidade, que se gloriavam dos seus méritos morais e religiosos, Paulo proclama, alto e bom tom, que ainda não chegou ao fim de seu conhecimento de Cristo, ao auge da participação de sua Cruz e Ressurreição (Cfr. Fl 3,10-11).

Paulo não é só um enviado que corre. Ele é, também, um lutador que combate o bom combate. Quer alcançar a vitória definitiva. Quer consumir seu curso, seu percurso, sua carreira. Esta consumação nada mais é do que a “*exanástasis*”, isto é, a “Resurreição dentre os mortos” (Fl 3,11). Eis o horizonte último, definitivo, de sua corrida: a ressurreição em Jesus Cristo ressuscitado – o Novo Céu e a Nova Terra – a consumação da Misericórdia que é Deus, na Pessoa de seu Filho e, por consequência, na pessoa de todos os homens e, através desses, em todas as criaturas do universo inteiro.

Conclusão

Jesus Cristo, unindo-se à pecadora pública, inaugurou o novo prin-

cípio de salvação da humanidade: o **casamento da Misericórdia com a miséria**. “Sede misericordiosos como vosso Pai celeste é misericordioso” ou *miserando atque elegendo* (lema do ministério episcopal do Papa Francisco, tirado de São Beda). Ou seja, segundo a explicação do próprio Papa: *miserando* significa *misericordiando*, isto é, dando-lhe ou fazendo-lhe misericórdia e escolhendo-a, acolhendo-a, levando-a consigo, em seu coração (Cfr. *O Nome de Deus é Misericórdia*” p. 41). Não há como, nós franciscanos, não recordar aqui o casamento de São Francisco com a Senhora Pobreza, e seu testemunho acerca da graça do início de sua conversão: *E o próprio Senhor me conduziu para o meio deles (os leprosos) e fez misericórdia com eles...* (Test 2).



Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor

Tema ou mensagem: Na humilhação da Cruz, o caminho da redenção e da vida.

I. BÊNÇÃO E PROCISSÃO DOS RAMOS (Lc 19,26-40)

Introdução

Com a celebração do Domingo de Ramos, que é também o Domingo da Paixão do Senhor, somos postos no limiar do mistério que celebraremos na Sexta-Feira Santa e na Páscoa. Estes são os dias em que as ações de Deus na história irrompem de um modo todo singular, todo próprio e especial. São os dias da redenção nossa, do universo, de toda a criação e de toda a história.

A celebração do Domingo de Ramos já é atestada nos escritos da peregrina Egéria, do século IV. Indo a Jerusalém, viu a procissão dos ramos de oliveira e a descreveu. Narra como os dias da semana pascal começavam com uma procissão que saía do monte das Oliveiras e ia até a Igreja da *Anástasis* (Ressurreição). Um traço singular desta celebração era a presença de crianças, que levavam nas mãos os ramos de oliveira ou palmas. Mesmo as crianças que ainda não sabiam andar levavam ramos nas mãos, enquanto todo o povo, liderado pelo Bispo, cantava hinos e antífonas, segundo o espírito do texto da Escri-

tura que diz: *“Bendito aquele que vem em nome do Senhor!”*

Da sagração do Rei. O extraordinário se faz evento.

A presença dos populares e das crianças, no Evangelho de Mateus, contrasta com a dos sumos sacerdotes e dos escribas. A esses que murmuravam Jesus lembra as palavras do salmo 8: *“Da boca dos pequeninos e das crianças de peito preparaste um louvor para ti”* (Mt 21,16). A citação desse salmo projeta, também, uma luz sobre o mistério que está acontecendo nesta celebração da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém: ele é o Filho do Homem, coroado de glória e de honra.

O Evangelho de Lucas (Lc 19,28-40), que lemos antes da procissão, começa falando da subida (*anábasis*) de Jesus a Jerusalém. O versículo 28 – *Terminando essas palavras, Jesus seguia adiante para subir (anabaíno) a Jerusalém* – conclui a parábola do príncipe que viajou para ir receber a investidura e abre o relato dos acontecimentos que se deram em Jerusalém nos últimos dias de vida de Jesus. Marcos (Mc 10,32-34), ao apresentar o terceiro anúncio da Paixão, diz: *Eles estavam a caminho e subiam para Jerusalém. Jesus caminhava à frente deles. Estavam assustados, e os que O seguiam tinham medo* (Mc

10,32a). Aqui a decisão de Jesus de cumprir o mistério da cruz contrasta com a hesitação dos discípulos. “Subir a Jerusalém”, além do sentido topográfico, tem um significado cúl-tico, isto é, de caminhar para o Tem-plo para oferecer o sacrifício. Assim, a subida de Jesus a Jerusalém para padecer tem sentido duplo: é a investidura do Rei, que se dá, ao mesmo tempo, pela oferta da Cruz, em que ele é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a vítima sacrificial.

O caminho de Jesus leva do Monte das Oliveiras para dentro da cidade de Jerusalém. É a via da entrada triunfal, da sagração do Rei, na cidade destinada a ser a cidade da Paz. Esse caminho se completará, porém, com a *via dolorosa*, que levará do pretório de Pilatos para o monte Calvário. A liturgia de hoje nos põe em face do mistério de ambos os cami-nhos, que, na verdade, são um só. As estações da via dolorosa serão mar-cadas por dores, quedas, rupturas. Ou seja, a humilhação será seu triunfo e o fracasso sua vitória.

Jesus manda dois de seus discí-pulos a Betfagé buscar o jumentinho. Quando os donos (*kyrioi*) perguntam aos discípulos porque estavam sol-tando o jumentinho, eles respondem: “*porque o Senhor (Kyrios) precisa dele*”. Essa é a única passagem em que Mateus e Marcos aplicam este título messiânico a Jesus. Jesus é Sen-hor (*Kyrios*). Mas, seu senhorio – a majestade de seu reino – se mostra através da humildade. Por isso, o ca-minho da entrada triunfal de Jesus em

Jerusalém mostra honra e autoridade por um lado e, ao mesmo tempo, hu-mildade por outro lado. O Rei vem ao encontro da sua Cidade apresen-tando-se de modo humilde, montado num jumentinho, conforme a profe-cia de Zacarias (Cfr. Zc 9,9-10).

Os discípulos o honram colo-cando suas vestes sobre o burrinho e sobre o caminho por onde o Mes-tre passaria. É grande a alegria dos pequeninos! Eles cantam hinos de louvor ao Rei: “*Bendito aquele que vem, o rei, em nome do Senhor!*” (Lc 19,38). Repete-se, então, o que os mensageiros celestes cantavam na noite do Natal: “*Paz na terra e glória no mais alto dos céus!*” O sentido de toda a existência de Jesus, desde seu nascimento, vem à tona: ele é Meni-no, o Rei, o Príncipe da Paz. Por isso, o caminho de Jesus, na sua entrada triunfal em Jerusalém, lembra a sa-gração real de Salomão, que se torna, assim, uma prefiguração do Cristo, o Rei da Paz. Paz que Jerusalém re-cusará e que atrairá para ela a ruína. Ela não seria capaz de reconhecer, no humilde homem de Nazaré, esse rei da Paz. Esse Rei não vem para exigir tributos, armar exércitos, guerrear e combater os inimigos. Ele vem para inaugurar o reino da paz e da miseri-córdia, o reinado de Deus.

Os fariseus repreendem Jesus por deixar que seus discípulos – o povo que o segue, os mais íntimos, as crianças, os pequeninos – o proclamem Rei messiânico. Aos seus ouvi-dos, os gestos alegres e reverentes e os hinos dos discípulos soam como

sedição contra a autoridade romana e, ao mesmo tempo, como blasfêmia contra Deus. A essa repreensão a resposta de Jesus é enigmática: “*Eu vos digo: se eles calarem, as pedras gritarão!*” (Lc 19,40). O sentido parece ser este: nada poderá impedir os discípulos de, em Jerusalém, aclamar o Rei e o Reino que vem em nome do Senhor. Ambrósio, lendo esta passagem, dirá que os que o repreendiam tinham os corações mais duros do que as pedras. E recordaria que Pedro chama os cristãos de “pedras vivas”. Assim, pelos séculos afora, o povo cristão é aquela porção da humanidade que, quais “pedras vivas”, continua proclamando aquilo que os pequeninos, naquele dia, aclamaram: “*Bendito o que vem em nome do Senhor*” – Jesus, o Cristo, o Rei da paz e da misericórdia! A partir de agora, isto é, da Cruz, Ele não apenas associa os humildes ao seu Reino, mas também reina, mora em seus corações!

II. CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

1ª Leitura: **Do servo sofredor: sua obediência, paciência e confiança no Senhor** (Is 50,4-7)

Jesus, o Senhor, vem como servo: o Servo Sofredor do profeta Isaías. A primeira leitura da Missa de hoje, que é o terceiro canto do Servo, mostra sua obediência, sua constância, sua confiança em Jahvé. Na verdade, esse canto é um salmo de

confiança. O Servo fala da sua obediência discipular. O que tem que aprender este discípulo de Deus? Resposta: acolher o sofrimento e o opróbrio como necessários. Essa acolhida é realizada a partir do vínculo amoroso com o Senhor Jahvé, que ele evoca três vezes (v. 4, 7, 9). Jesus, o Cristo Senhor, assumirá essa mesma atitude fundamental de obediência, paciência e confiança, que se anuncia no Servo Sofredor.

Salmo 22 (21): O abandonado se abandona.

O salmo 22 (21), assim como os cantos do Servo Sofredor de Isaías, é lido desde sempre pelos discípulos de Jesus como um anúncio profético, messiânico, que fala da Paixão de Jesus. Começa com as palavras que vão se encontrar na boca do Crucificado: “*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*” (Cfr. Mt 27,46), palavras que, por sua vez, são meditadas, ruminadas pela Assembleia como refrão do salmo responsorial. São as palavras paradoxais da “perfeita alegria” do Crucificado, a que se referirá São Francisco. Ou seja, que a suprema realização do discipulado é *vencer-se a si mesmo e sustentar opróbrios de boa vontade por causa de Cristo e da caridade, que é Deus* (Atos 8). Perfeição, aqui, não significa excelência, sem defeitos, mas consumação de um caminho. Quando o caminho for consumado, então, ele está “perfazido”, é perfeito.

2ª Leitura: *Da kénosis: do esvaziamento* (Fl 2,6-11)

A segunda leitura da Missa fala da “kénosis” (esvaziamento, aniquilamento) do Filho, que, desprendido da “forma de Deus”, da “sua igualdade com Deus”, assume a “forma de Servo”, a natureza e a condição dos homens, sim, dos últimos dos homens, dos escravos, seguindo o seu destino em pobreza, obediência, humildade. O caminho de Cristo – e, portanto, o do discípulo, que segue Cristo – é a via kenótica, da abnegação, da pobreza (Cfr. 2 Cor 8,9), da humildade, da obediência cordial ao Pai. Nesse caminho, se sacrifica até mesmo a própria honra da autenticidade, isto é, a autoafirmação de si, inclusive a valorização do próprio sofrimento como algo de valoroso. Esta é a atitude testemunhada, por exemplo, por D. Bonhoeffer, numa carta endereçada a E. Bethge, da cela da prisão, na época da Páscoa de 1944.

Pela segunda vez vivo aqui o tempo da Paixão. Me revolto interiormente, porém, quando leio nas cartas (...) expressões que falam do meu “padecer”. Isso se me apresenta como uma profanação. Não se devem dramatizar estas coisas. Tenho mais de uma dúvida de estar sofrendo hoje mais do que tu, ou, em geral, mais do que a maior parte dos homens. Naturalmente, tem muito de atroz, mas, onde

não tem? Talvez, a respeito deste ponto, temos, geralmente, tomado certas coisas de modo por demais importante e grave. [...] Creio que aqui alguma coisa tenha de ser corrigida; sim, para dizer sinceramente, às vezes quase me envergonho do quanto nós falamos do nosso sofrimento pessoal. Não, padecer deve ser algo de totalmente diverso, deve ter uma dimensão totalmente diversa, em relação àquilo que vivi até agora.

Evangelho: *Da Paixão segundo Lucas. A via dolorosa* (Lc 22,14-23,56)

O desejo de Jesus de comer a Páscoa, isto é, o cordeiro pascal, com os discípulos, dá início à narrativa da Paixão (Lc 22,15). A ceia de Jesus com os discípulos institui o memorial permanente da sua Paixão: corpo dado e sangue derramado: salvação para uma multidão de homens. Jesus é identificado como a Páscoa, o cordeiro do sacrifício, cujo sangue preserva os eleitos da morte e garante a libertação. Ao instituir a nova aliança Ele inaugura e introduz no coração da humanidade a nova disposição (*kainé diatheke*) de Deus, como ele dirá: “*Eis que eu disponho para vós o Reino do Pai como Ele o dispôs para mim*” (Lc 22,29). É a proclamação do Reino, que é inaugurado definitivamente: o acontecer escatológico da salvação.

Em seguida, vem o **anúncio da traição de Judas**. Lucas ressalta que Judas participou da refeição pascal! Cristo, que o escolhera para ser um dos doze, agora se oferece também a ele. Uma vez entregue a Judas, ele será entregue às autoridades judaicas e romanas, para, enfim, Ele mesmo entregar sua vida ao Pai, no lugar dos homens e em favor deles.

Lucas coloca na despedida o **ensinamento dado aos discípulos sobre a vocação e missão de ser o menor**. Ele está no meio dos discípulos como aquele que serve, dando a vida. O **caminho kenótico** de Jesus é o do não-poder, caminho que precisa ser recordado sempre de novo pelos discípulos de Jesus. O desafio é, para os cristãos, sempre de novo, superar suas tendências triunfalistas e seguir pela via kenótica do discipulado de Jesus Cristo, o Crucificado, a *“altissima paupertas”*, *“altíssima pobreza”* de Francisco de Assis: *Esta é a excelência da altíssima pobreza, que vos constituiu, caríssimos irmãos meus, herdeiros e reis do Reino dos Céus, vos fez pobres em coisas e vos sublimou em virtudes* (RNB 6).

A Paixão de Jesus foi marcada, no círculo interno dos discípulos, pela traição de Judas e pela negação de Pedro. A queda de Pedro no seguimento de Jesus só não se tornou definitiva graças à misericordiosa intercessão do Senhor Jesus por ele, para que sua fé não desvanecesse. Retornando da queda, ele deveria confirmar seus irmãos na fé.

Na Oração do Monte das Oliveiras encontramos **um traço próprio da narrativa de Lucas: os detalhes**. O suor que caía da face de Jesus como gotas de sangue e o anjo do Senhor que lhe é enviado para confortá-lo; o conforto e a consolação do Pai; os três discípulos que testemunharam com alegria a Transfiguração no Monte Tabor, agora, no Monte das Oliveiras, adormecem na tristeza.

Como o Servo Sofredor da primeira leitura, ao ser preso, Jesus não oferece resistência. Entrega-se ao beijo de Judas. Pelo beijo, ele e o traidor tornam-se um só. Bonhoeffer diz: *este beijo era a consumação do caminho de Judas, a expressão mais profunda da comunhão e do insondável encontro entre Jesus e Judas*. Jesus e Judas se co-pertenciam desde o início. A última expressão de fidelidade do discípulo se muda em expressão de traição. O Bom não rejeitara a comunhão com o mal.

À traição de Judas segue a negação de Pedro. Lucas coloca a negação de Pedro diante de Jesus mesmo, no pátio da casa do Sumo Sacerdote. É próprio da narrativa de Lucas, também, o detalhe do olhar de Jesus (Lc 22,61). Certamente, não um olhar de condenação, mas de misericórdia.

Em seguida, vêm as **zombarias dos guardas do Sumo Sacerdote**.

Tudo isso tinha acontecido à noite. Quando amanhece, Ele é interrogado pelo Sinédrio, o conselho dos notáveis do povo judaico em Jerusalém. Ao dizer que *“doravante o Fi-*

lho do Homem se assentará à direita do poder de Deus” (Lc 22,69) Jesus estava declarando a inauguração imediata do Reino de Deus. Nessa declaração estava a arma com a qual os maiores poderiam incriminar Jesus, tanto de sedição aos olhos dos romanos, quanto de blasfêmia aos olhos dos judeus.

Jesus padece *sob Pôncio Pilatos*. Diante da autoridade romana, Jesus nega a si a realeza messiânica, tomada em sentido político, base da acusação dos sinédritas. Pilatos reconhece a inocência de Jesus, mas, mesmo assim, acaba cedendo às pressões das autoridades judaicas. É estranho como inimigos se tornam amigos para conspirar contra o homem de Nazaré: autoridades judaicas e autoridades romanas, Pilatos e Herodes, antes inimigos, agora se tornam amigos, para se unirem contra um adversário comum, Jesus, o Cristo de Deus. Jesus representa a autoridade da via kenótica, a via do não-poder. É esta via que é rejeitada por aqueles que amam o poder. Homens de poder, mas sem autoridade, condenam-no à morte de cruz.

Depois da flagelação, a via dolorosa segue, então, rumo ao Calvário como sinal eloquente do caminho dos discípulos de outrora e de sempre.

Na Cruz, Jesus aparece como o Messias de Deus, o Eleito, título do Servo Sofredor, da profecia de Isaías. A ironia incrédula e raivosa dos chefes aparece mesclada com o silêncio respeitoso do povo. A fé desperta no coração de um dos dois malfeitores,

que foram crucificados junto com Jesus: *“Para nós é justo porque estamos recebendo o que merecemos; mas ele não fez nada de mal!”* (Lc 23,41).

Ao meio-dia, o sol obscurece. Do alto da Cruz, ecoa o grito do Crucificado: *“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!”* (Lc 23,46). Sua última palavra, no Evangelho de Lucas, é idêntica à primeira. Evoca seu Pai: *“Não sabíeis que é necessário para mim estar no meio das coisas de meu Pai?”* (Lc 2,49). Sua vida toda, em cada respiração, não foi mais do que um estar na proximidade e no abrigo, sim, na morada, junto ao Mistério fontal da Gratuitude, do Pai. Os interesses do Pai foram sempre os seus únicos interesses, do início ao fim de sua vida. Sua morte fora a consumação dessa sua vida de entrega aos interesses do Pai. É dentro desse sentido, pois, que devemos ouvir a última palavra de Jesus, no Evangelho de Lucas. Do alto da Cruz, *Jesus deu um grande grito: ele disse: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”*. E, com essas palavras, expirou” (Lc 23,43).

Junto à sua cruz, no momento em que o caminho do seguimento se interrompera para os Apóstolos, estava somente a Igreja do Amor, representada pelas mulheres que o seguiram desde a Galileia e o discípulo do amor, João.

A narrativa termina com o **sepultamento**, que foi providenciado por José de Arimatéia, um dos notáveis do conselho, *homem bom e justo*, que

esperava o Reino de Deus (Lc 23,51), e que não concordou com os projetos dos demais colegas do Sinédrio. A estrela vespertina começa a brilhar no céu. Anuncia o começo do sábado. Era a hora de acender as lâmpadas para celebrar a Páscoa. Jesus, o Cordeiro, já tinha sido imolado. As mulheres tinham assistido ao sepultamento. Depois voltaram para casa, para preparar aromas e perfumes para o embalsamento. Elas se tornariam as primeiras apóstolas, testemunhas da Ressurreição.

Conclusão

Ao dar início a mais uma celebração do mistério maior de nossa fé, não podemos deixar de olhar para São Francisco que, além de ter escrito e rezado todos os dias um “Ofício da Paixão do Senhor”, *vivia chorando a Paixão* do seu Senhor (Cfr. LTC 14).

A palavra “paixão” procede do verbo latino “*patior*” que se costuma traduzir simplesmente por “sofrer” ou “suportar”. “*Patior*”, porém, é forma depoente, passiva. Isso significa que o princípio dinamizador da paixão é sofrer a ação, e não tanto ser sua causa. Paixão indica, portanto, a dinâmica de padecer e sofrer por algo que, vindo ao nosso encontro, atinge-nos tão profundamente que é capaz de abrir em nós uma fenda da qual jorra, sempre novo e de novo, o sentido da vida. Jesus Cristo com sua Paixão, portanto, é a pessoa que nos toca, cria em nossa alma e imprime em nosso coração uma marca indelével que nem o tempo nem a vida e nem a morte conseguem deletar. Esta presença, assim, aos poucos, vai se tornando tão marcante que sempre mais a ela vamos nos conformando, vindo a ser nossa nova identidade, nossa verdade, nosso caminho, nossa vida.



Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa

O Tríduo pascal conhecido, também, como *Triduum Sacrum* (Tríduo Sagrado), tem seu início na tarde da Quinta-feira Santa com a Missa da Ceia do Senhor e termina com as Vésperas do Domingo da Páscoa. São três dias destinados à celebração do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, coração ou fonte, bem como o ápice de toda a vida cristã e, conseqüentemente, de todo o Ano Litúrgico. Já o Tempo pascal vai desde essa tarde até a Solenidade de Pentecostes.

Primitivamente, os cristãos se reuniam semanalmente, *no primeiro dia da semana para partir o pão* (At 20,7), isto é, para celebrar a Ressurreição, a Páscoa do Senhor. Aos poucos, passaram a celebrá-la anualmente, com mais ênfase e através de uma vigília. Celebração essa que se caracterizava com longas memórias – leituras – ao término das quais celebrava-se o Batismo dos catecúmenos, concluindo tudo com o memorial da Ceia do Senhor.

Ao longo dos primeiros séculos, começou-se sentir a necessidade de, além da Vigília, se debruçar também sobre o mistério da Paixão do Senhor, que se iniciou na Quinta-feira e teve sua culminância com sua Morte, na Sexta-feira. Estava assim criado o arcabouço do Tríduo Pascal, como nós o temos e celebramos hoje.

Nada melhor para nos introduzir no coração de todo o mistério pascal

do que esta frase com a qual o evangelista João dá início à narrativa da Última Ceia de Jesus e de todo o seu longo discurso de despedida: *Foi antes da festa da Páscoa. Jesus sabia que tinha chegado sua hora de deixar este mundo a fim de ir para o Pai. E ele, que amou sempre os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim* (Jo 13,1-2).

Segundo outras traduções em vez de “até o fim”, Jesus amou os seus “até o extremo”. Segue, então, a cena do Lava-pés e da Ceia.

Tudo indica que a angústia de Jesus era de como levar adiante sua Paixão, de como continuar com aqueles que o Pai lhe confiara, permanecendo com eles, a fim de sentir o que sentem, sofrer o que sofrem, alegrar-se com aquilo com o qual se alegram, enfim, de poder viver e morrer com e como eles. Para isso, precisava descobrir, inventar nova forma, diferente da figura humana que recebera da humanidade através do útero de sua mãe, a Virgem Maria. E essa apareceu com a invenção e instituição da Última Ceia.

Última, portanto, aqui, em vez da dimensão cronológica, significa o sumo, o máximo, a consumação de uma “Ceia” (leia-se “comunicação”, convívio) desejada, sofrida, buscada, preparada e amada por Deus desde toda a eternidade e introduzida no tempo através da Encarnação de seu Filho.

Na verdade, o que Cristo fez foi antecipar para a véspera – Quinta Feira Santa – o “fim”, isto é, o mistério da consumação de sua Encarnação e Paixão redentora.

Naquele seu ato supremo, consuma-se Nele a morte do primeiro Adão, que representa todos os homens, ou melhor, que são todos os homens. Ao mesmo tempo, principia-se Nele, o último Adão, a nova humanidade. E, para que essa nova criação se tornasse atual e atuante em cada uma das pessoas e em cada criatura de todos os tempos, enfim em toda a história dos homens, até o fim dos séculos, institui o Sacramento, o memorial, o sinal de seu Corpo e de seu Sangue.

A Constituição apostólica do Vaticano II *Sacrosanctum Concilium* assim expressa esse admirável e benfazejo mistério: *Jesus Cristo, assumindo a natureza humana, trouxe para este exílio terrestre aquele hino que é cantado por todo o sempre nas habitações celestes. Ele associa a si toda comunidade dos homens e une-a consigo na celebração deste divino cântico de louvor* (SC 83).

O centro – o sentido – da História não é, pois, nenhuma ideologia ou visão de mundo, política ou religiosa, enfim, nenhum ou qualquer outro “ismo”. É o Homem e, no centro do Homem, Jesus Cristo, o *Summum Opus Dei* (“a Suma Obra de Deus”, diz o Bem-aventado Duns Scotus). É, para Francisco, Jesus Cristo crucificado que *todos os dias se humilha descendo do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote*, a fim de ser

Deus-conosco até o fim dos séculos (Ad 1). Por isso, ao dizer: “*Tomai e comei...*”, Ele está dizendo que é para tomar e comer seu Corpo, tomar e beber seu Sangue, assumir e encarnar sua pessoa, sua obra, sua história; enfim, toda sua Paixão e Cruz.

A Paixão-Cruz-Morte-Ressurreição constituem o cerne, o coração do mistério de Cristo e, conseqüentemente, da Páscoa. Quem compreendeu e vivenciou de modo admirável esse mistério foi São Francisco. Para ele, a exemplo de Cristo, morte não é uma improvisação, mas o ápice, a retomada, a recapitulação de uma caminhada toda; também não é um fim, mas o início de uma nova missão, que precisa ser assumida com todo vigor como assumira um dia o chamado do Crucificado de São Damião. Por isso, ao receber a revelação de que os dias de sua vida terrestre estavam contados, pediu para ser levado para a Porciúncula, onde havia dado início à sua vida de pobreza, demonstrando, assim, que não há penitência e despojamento maior do que morrer como Cristo morreu. Por isso, a exemplo do Mestre, quis, também ele, morrer *nu sobre a terra nua para lutar nu contra o adversário nu* (2C 214). Da mesma forma, para recordar a Última Ceia, *o pai santo mandou trazer um pão. Abençoou-o, partiu-o e deu um pedacinho para cada um comer. Finalmente, convidou também todas as criaturas ao louvor de Deus por meio de palavras que compusera em outros tempos, exortando-as, ele mesmo, ao amor de Deus. Chegou a*

exortar para o louvor até a própria morte, terrível e aborrecida para todos, e, correndo alegre ao seu encontro, convidou-a a ser sua hóspede: 'Bem-vinda seja, minha irmã morte!' (2C 217).

Enfim, o mistério pascal é de tal envergadura que, para ser compre-

endido e assimilado, não basta uma noite, um dia, uma semana ou uma oitava. É uma festa de sete semanas ou de cinquenta dias. Por isso, não se fala mais, como antigamente, antes do Vaticano II, em “Domingos depois da Páscoa”, mas, sempre, em “Domingos da Páscoa”.



Quinta-Feira Santa

Leituras: Ex 12,1-8.11-14;
1Cor 11,23-25; Jo 13,1-13

Tema-mensagem: Para nosso exemplo, Jesus, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo.

Introdução

Jesus, *antes da festa da Páscoa, sabia que tinha chegado a hora de passar deste mundo para o Pai* (Jo 13,1); que soara a hora de consumir sua missão: consolidar o início da nova criação, da nova história e da nova humanidade, nascida, agora, não mais da lei, das tradições e nem mesmo da decisão dos homens, mas do desígnio nascido da Paixão do Pai e que Ele deverá testemunhar até a morte e morte de Cruz. Por isso e para isso, desejava ardentemente encontrar e instituir um modo novo, através do qual pudesse entregar e confiar aos seus discípulos, e até o fim do mundo, esse Mistério de salvação.

Esse modo Ele o encontrou na véspera da Páscoa, de sua passagem desse mundo para o Pai, quando confiou aos seus discípulos os três grandes Atos ou mistérios de sua nova e eterna presença na Igreja e no mundo: o mandamento de **amar** como Ele os amou, de fazer o **memorial de sua Ceia** e de **pastorear** seu rebanho através do sacerdócio ministerial. Por tocar no coração de cada uma das três

leituras de hoje, nossas reflexões, diferentemente de outras vezes, em vez de se agruparem cada vez ao redor de cada uma delas vão se concentrar nesses três grandes mistérios. Além do mais, para estas reflexões nos serviremos, basicamente, de algumas passagens de São Francisco, um dos místicos que mais bela, simples e profundamente contemplou e viveu esses mistérios.

1. Do novo e inaudito mandamento do amor

A primeira obra ou mistério de Jesus, atualizado e confiado aos Apóstolos, foi o mandamento do amor. Por isso, João começa a narrativa do grande discurso de despedida de Jesus proclamando que *tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim* (Jo13,2). Na verdade, esse mandamento já existia e era muito conhecido, tanto pelos pagãos como pelos judeus. Os limites desse mandamento, porém, não iam além do compatriota ou do prosélito (Cfr. Lv 19,18). Jesus, porém, como já o havia anunciado por diversas vezes durante seus três breves anos de vida pública, viera para inaugurar um novo mandamento ou ordenamento do amor. Por isso, agora, na despedida, ele o entrega e o confia a modo de testamento, solene e oficial: *Como o Pai me amou, assim também eu vos amei. Permaneci no meu amor...*

Este é o meu mandamento: ‘amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos!’ (Jo 15,9-13). Esse parece ser o sentido da expressão “até o fim”. Ou seja, um amor que vai até o extremo, um amor perfeito (feito do início ao fim), que se consuma dando tudo de si, sem reservas e que, assim, faz aparecer o princípio de sua própria história.

1.1. Na Paixão do Pai, o princípio do novo mandamento

Na verdade, duas são as novidades que Jesus introduz no velho mandamento do amor, ambas inauditas. A primeira é a de amar como Ele ama. Isso inclui, também e principalmente, os inimigos, como Ele o fez durante toda sua vida e, agora, mais claramente na Cruz. A segunda – coisa de pasmar céu e terra – é que não é mais um cordeiro ou bezerro que é sacrificado a Deus em favor dos homens, nem mesmo um homem ou anjo, mas Ele, o próprio Filho de Deus. Sim, Ele é que toma a iniciativa de se dar, de se entregar até a morte e morte de Cruz. Se os pagãos adoravam e serviam a deuses, sacrificando seus filhos por e para eles, o que vemos aqui é o oposto: o Filho de Deus se sacrificava pelos filhos dos homens, tornando-se o último dos homens. É desfeita a distinção: próximos-distantes, amigos-inimigos, consagrados-profanos, eleitos-rejeitados. É algo nunca visto, inaudito que o Criador deseje e se

faça comer por sua criatura (Cfr. LS 236). Eis o sentido da exclamação: *Desejei ardentemente comer convosco esta Ceia da Páscoa, antes de sofrer...* (Lc 22,15).

Mas, qual a razão de tão inédito e inaudito gesto e atitude? Por que tanto desprendimento? Resposta: esse gesto tem a radicalidade e a originalidade da gratuidade do sem porquê. Sem porquê é o amor. Como mãe, distante de seu filhinho, muito mais Deus, distante de nós, seus filhinhos prediletos, tem a necessidade de fazer tudo para estar conosco e para que nós tenhamos a possibilidade de estar com Ele. Quem compreendeu muito bem e sentiu de modo muito intenso e profundo a nobreza humilde desse mistério foi São Francisco, como lemos nesta passagem: tomado pelo espírito da Paixão do Senhor, *logo que ouvia falar do amor do Senhor, ele se empolgava, ficava comovido e inflamado, como se a voz, que ressoava exteriormente, fosse um arco a fazer vibrar internamente as cordas do seu coração e exclamava: ‘Eis por que é necessário amar muito o amor daquele que muito nos amou’* (1B IX,1).

Essa é, também, a razão pela qual nós devemos nos amar e amar aqueles que julgamos ou costumamos chamar de “inimigos”, mas que, na verdade, são nossos melhores amigos, uma vez que nos ajudam a ver e a encontrar neles, muito mais que nos amigos, o próprio Deus, vivo e verdadeiro, que é Amor, Caridade, Doação. Por isso, dizia o Senhor Jesus: *“Amai vossos inimigos e fazei o*

bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam” (Mt 5,44).

Vendo esse dito e meditando-o diligentemente, dizia São Francisco: *Atendamos todos, Irmãos, ao que diz o Senhor: ‘Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam!’* Pois, Nosso Senhor Jesus Cristo, cujos vestígios devemos seguir, chamou de amigo o seu traidor e livremente se ofereceu aos que o crucificariam. Por isso, são nossos amigos todos os que injustamente nos infligem tribulações e angústias, vergonha e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte. A esses devemos amar muito, pois, disso que nos infligem, temos a vida eterna (RNB 22,1-4).

1.2. Para amar o inimigo é preciso odiar a si mesmo

Eis, pois, o princípio da nova ordem, do novo ordenamento da Humanidade, o tão falado novo céu, nova terra, de São João (Cfr. Ap 21). Há, porém, uma exigência para que ele aconteça: odiar o pai, a mãe ... e a própria vida (Cfr. Lc 14,25-27). São Francisco, em vez de “própria vida”, fala assim: *E tenhamos em ódio nosso corpo com seus vícios e pecados; pois, quando o corpo vive carnalmente, o diabo quer nos tirar o amor de Jesus Cristo e a vida eterna e perder-se a si mesmo com todos no inferno. Pois, por nossa culpa, somos fétidos, míseros e contrários ao bem; prontos, porém, e voluntariosos para o mal* (RNB 22,1-6).

Quando Francisco, juntamente com os medievais, fala em corpo, não está evidentemente pensando no corpo físico-biológico, mas sim em nosso mesquinho e tirânico eu carnal, centrado em si mesmo, inimigo do grande Eu. O grande Eu, entendemos aqui, aquela nova pessoa que nasceu em nós e começou a tomar conta de nós com a graça do encontro com Cristo no Batismo e, depois, para nós franciscanos, com o vigor, o entusiasmo, a alegria da gratuidade do encontro com Francisco e do chamado à Ordem. Santo Agostinho chama esse novo Eu de “Homem interior” e São Paulo, de “Homem espiritual”, “Homem celeste”.

Nós nos denominamos seguidores de Jesus Cristo, mas, ignoramos ou não queremos fazer o que Ele ensinou e fez. Esquecemos que Ele nunca deu nem vez nem voz ao seu pequeno eu. Lembremos como, desde o começo de sua vida pública, a partir das famosas tentações no deserto, até seu último suspiro, nunca cedeu ao seu pequeno eu, mas sempre assumiu e fez tão só e unicamente a vontade do Pai.

Para seguir a Jesus Cristo, o discípulo precisa erguer seu corpo e carregar sua cruz, como diz São Francisco no salmo VII do Ofício da Paixão. Carregar a própria cruz significa, pois, labutar e lutar consigo mesmo, para se superar, para dizer não ao homem adâmico, carnal, exterior e velho, a fim de poder dizer sim ao homem crístico, pneumático, interior e novo. A cruz se nos apresenta inevitável, inexorável, por que a nossa cruz somos nós mes-

mos. Na “Imitação de Cristo” nós lemos: *A cruz, pois, está sempre preparada, e em qualquer lugar te espera. Não lhe podes fugir, para onde quer que te voltes, pois em qualquer lugar a que fores te levarás contigo e sempre encontrarás a ti mesmo*⁹. Mas, esse ódio ao pequeno eu se vira e se revela como o verdadeiro amor a si mesmo. Para amar o próximo, incluindo nisso o inimigo, é preciso odiar a si mesmo, isto é: é preciso amar-se a si mesmo, dando-se para si mesmo uma medida muito maior do que aquela de nosso pequeno e tirânico eu, isto é, dando a si mesmo a medida do Grande Eu (do homem interior, novo, pneumático, crístico).

1.3. O Lava-pés como exemplo e lição

Antes de partir, Jesus quis pôr à disposição de todos o caminho do seguimento, instituindo o novo e inédito mandamento do amor, juntamente com o mistério da Eucaristia: *Tomai e comei, isto é o meu corpo! ... Tomai e bebei, isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança que será derramado em favor de muitos!* (Mc 14,23-24). Jesus não diz, “este é meu ideal, minha moral, minha doutrina!” Ou seja, nesse pão e neste vinho santificados pela sua Palavra está Ele mesmo.

É digno de nota que, antes do anúncio desse novo mandamento (Jo 13,34), Jesus *sabendo que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos e que de*

Deus tinha saído e para Deus estava voltando ... começou a lavar os pés dos discípulos (Jo 13,3-5).

Jesus não apenas ensina, mas também exemplifica com gestos concretos e atitudes pessoais. O ato de lavar os pés era muito conhecido naquele tempo e indicava, primeiramente, a condição de submissão, humilhação e escravidão. Mas, por outras vezes, apontava, também, para o espírito de hospitalidade, de acolhida e amizade. Assim, era costume que o chefe da casa lavasse os pés de seus visitantes.

Mas, talvez, Jesus quisesse dar também a este gesto um novo sentido. Por isso, a Pedro, tomado de espanto e surpreso, Jesus diz: *“Agora não entendes o que estou fazendo; mais tarde compreenderás”* (Jo 13,7). E quando Pedro se nega terminantemente a ter os pés lavados pelo seu Mestre e Senhor, este lhe responde categoricamente: *“Se eu não te lavar não terás parte comigo”* (Jo 13,8).

A mensagem de Jesus é muito clara. Para poder tomar parte da vida, da pessoa Dele e de sua missão, de seu Reino, é necessário antes ser lavado, purificado por Ele. Essa purificação, porém, tem uma condição, ou melhor uma fonte de água pura: a Cruz. Na verdade, tudo o que Jesus faz na Quinta-feira santa, isto é, o Lava-pés, a purificação, a ceia e a entrega do novo mandato do amor, se constitui numa presencialidade real e verdadeira antecipação do que irá realizar no dia seguinte: o sacrifício da Cruz. É pela força da Cruz que se aniquila toda inimizade, se derrubam to-

⁹ Tomás de Kempis. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 61.

das as barreiras, se removem todos os obstáculos, aproximando estranhos a conhecidos e confraternizando inimigos com amigos numa única refeição, cujo pão é o próprio Corpo de Cristo. É assim que *ele estabeleceu a paz, reconciliou ambos os povos com Deus, num só corpo pela cruz e matou em si mesmo a inimizade* (Ef 2,16). É só então que acontece seu grande desejo: “*ut unum sint*”, isto é: “*que todos sejam um*” (Jo 17,21).

O Papa Francisco, na Missa da Ceia do Senhor, de 2020, fez uma importante reflexão sobre esse momento do lava-pés, em que Pedro tem dificuldade de deixar o Senhor lavar-lhe os pés:

O serviço: procedimento que é condição para entrar no Reino dos Céus. Servir, sim; servir a todos. Mas, o Senhor, na troca de palavras que teve com Pedro (Cfr. Jo 13,6-9), faz-lhe compreender que, para entrar no Reino dos Céus, devemos deixar que o Senhor nos sirva, que o Servo de Deus seja nosso servo. E isso é difícil de compreender. Se não deixo que o Senhor seja o meu servo, que o Senhor me lave, me faça crescer, me perdoe, não entrarei no Reino dos Céus¹⁰

¹⁰ Acesso em 25 de abril de 2020:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200409_omelia-coenadomini.html.

Conclusão

Nunca é demais insistir: o novo mandamento do amor não é competência do homem, mas graça que nasce e jorra da Cruz de Cristo, como a água viva, fecundante e purificadora jorra da fonte. Amar como Ele ama é sacrifício, ou seja, uma obra sacra, um fazer sagrado e divino: o mistério operante do próprio Deus de Jesus Cristo. É isso que sempre de novo precisamos compreender para que nosso amor de cristãos não se perca nem se desvie em desejos vãos e projetos inócuos, carregados de nossas subjetividades e de mundanismos espirituais (Cfr. EG 93). É graça que Cristo nos merece por lavar-nos inteiramente de nosso egoísmo com a pureza de seu amor, capaz de ir até o derramamento de sua última gota de sangue, na Cruz.

2. Eucaristia, nossa vida – nossa vida, nossa Eucaristia

Além do mandamento do Amor, Jesus, na Última Ceia, entrega a seus discípulos o memorial de sua Paixão. É o que nos assegura São Paulo por duas vezes no trecho da sua Carta aos Coríntios, lido hoje. Depois de anunciar que Cristo, na Última Ceia, através de seu Corpo e de seu Sangue dados por nós, inaugura a nova Páscoa, repete por duas vezes a ordem de Jesus: “*Fazei isto em minha memória*” (1Cor 11,24-25). E conclui: *Assim, de fato, todas as vezes, que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, estareis proclamando a morte*

do Senhor, até que Ele venha (1Cor 11,26).

Na mesma Missa, referida acima, o Papa Francisco dizia:

O Senhor quer ficar conosco na Eucaristia, e nós tornamo-nos tabernáculos permanentes do Senhor. Traçamos conosco o Senhor, a ponto de Ele próprio nos dizer que, se não comermos o seu Corpo e não bebermos o seu Sangue, não entraremos no Reino dos Céus. Este é o mistério do Pão e do Vinho, do Senhor conosco, em nós, dentro de nós¹¹.

2.1. A Eucaristia na origem da Igreja e da Ordem Franciscana

Assim, pode-se e deve-se dizer da Eucaristia o que a tradição da Igreja diz de toda a Liturgia: *é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força* (SC 10).

Quem compreendeu o profundo significado desse memorial foi São Francisco. A Eucaristia está para ele e para os primitivos frades – para a Ordem, enfim – como a fonte está para o rio. De fato, como a Igreja nasceu da Eucaristia, da Última Ceia, também a Ordem nasceu desse mistério. Pois, foi durante a Missa, na igreja da Porciúncula que, Francisco e seus dois primeiros companheiros –

desejosos de saber como seguir Jesus Cristo crucificado – ouviram o anúncio que Jesus fez aos Apóstolos: que deviam observar seu Evangelho, indo pelo mundo sem nada de próprio, desprendidos de tudo a fim de anunciar a Paz e o Reino de Deus (Cfr. LTC 26).

Foi então que Francisco, exultante de alegria, levantando-se, cheio de júbilo, exclamou: *É isso o que eu quero, é isso o que eu procuro, é isso o que eu desejo fazer com todas as fibras do coração!* (1C 22). E, depois, voltando-se para os dois companheiros, acrescentou: *Irmãos, esta é a vida e a nossa Regra e a de todos que quiserem juntar-se à nossa companhia. Ide, pois, e realizai plenamente como ouvistes* (LTC 29). Portanto, assim como outrora, da Última Ceia (Missa) nasceu a Igreja apostólica, agora da mesma Ceia (Missa) nasceu a Ordem seráfica.

Acerca da primeira, temos, por exemplo, este testemunho de Plínio, o jovem governador romano da Bitínia, na Ásia Menor. No ano 111, da nossa era, escrevia: *Os cristãos estão habituados a se reunirem em determinado dia, antes do nascer do sol, para cantar um cântico a Cristo que eles têm como Deus. De tarde, se reúnem de novo em uma ceia em comum em favor dos mais pobres, chamada ágape* (Epístola a Trajano 10,96).

Também, em relação à nossa Ordem, os testemunhos referentes à Missa como a alma, o coração, a regência, o sentimento maior do dia a dia daquela primitiva geração de frades, são muito frequentes. Vejamos

¹¹ Idem, ibidem.

apenas este, referente a Francisco:

Do mais profundo de todo o seu ser, ardia com fervor para com o sacramento do Corpo do Senhor, pois ficava absolutamente estupefato diante de tão cara condescendência e de tão digna caridade. Achava que era um desprezo muito grande não assistir, pelo menos, a uma Missa cada dia, se pudesse. Comungava com frequência e com tamanha devoção que tornava devotos também os outros. Como tinha toda reverência para com aquilo que se deve reverenciar, oferecia o sacrifício de todos os seus membros e, ao receber o Cordeiro imolado, imolava o espírito com aquele fogo que sempre ardia no altar do coração” (2C 201).

2.2. A Eucaristia, Regra e Vida de nosso cotidiano

Por isso, também, na Igreja primitiva a Eucaristia sempre foi colocada como o ato primeiro e mais significativo dos primeiros cristãos. Era ao seu redor que nasciam e floresciam as primeiras comunidades de fiéis. Surpreendentemente, o mesmo se dá treze séculos mais tarde com São Francisco e seus seguidores. A Eucaristia era a Regra, o princípio, que animava, orientava e formava

aqueles frades no seu dia a dia tanto na vida fraterna como na vida apostólica. Conta-se, por exemplo, que Frei Egídio partia para suas lides diárias somente depois de ter ouvido a Missa. Certo dia, depois de ter levado lenha para uma senhora, essa quis pagar-lhe mais do que o combinado porque descobrira que ele era frade. Ele, então, disse: *‘Não quero que me vença a avareza!’ E assim, não só recusou o que ela queria dar-lhe, mas até deixou-lhe a metade do preço combinado* (VE 11).

E essa é a fê do nosso povo, como se pode ver neste canto tão conhecido: “As lições que melhor educam, na Eucaristia é que nos dais”. A esse respeito, nos lembramos ainda de um fato marcante de nossa infância. O pai de uma família vizinha fora a pé à Missa fazer a primeira sexta-feira do mês na Igreja distante três quilômetros. Na volta, próximo de casa, foi atacado e agredido violentamente por outro vizinho. O motivo era desavenças por causa de animais que haviam invadido as terras e estragado as plantações. Perguntado pela esposa e filhos porque não reagira, não se defendera, respondeu: “Não podia, pois estava voltando da Missa, da comunhão”.

De fato, toda a vida de Francisco, no seu dia a dia, foi uma vida vivida no júbilo, no vigor e no espírito da Missa, isto é, da missão evangélica. Lembremos aquela pérola de oração que inventou a fim de, com ela recordar sempre de novo seu encontro com o seu Senhor: *Nós vos*

adoramos... Lembremos ainda que, a exemplo do Senhor, também ele, na véspera de sua partida para o Pai, quis ouvir o Evangelho da Última Ceia (1C 110).

Para Francisco, portanto, a Eucaristia não era uma devoção da piedade particular, onde ele podia estar sozinho diante de Deus, desejando e procurando satisfazer-se em consolações pessoais; não era somente um ato litúrgico, onde Cristo se torna presente para ser por nós adorado e honrado. Era, antes, a presença real, viva e concreta de Cristo com seu ardente desejo de amar-nos até o extremo. Daí, sua comovente exortação aos seus Irmãos:

Pasme o homem todo, estremeça o mundo inteiro e exulte o Céu, quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está ‘o Cristo, o Filho do Deus vivo!’ Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha e se oculta sob a módica fórmula de pão para a nossa salvação! Vede, Irmãos, a humildade de Deus e ‘derramai diante Dele os vossos corações; humilhai-vos também vós para que sejais exaltados’ por Ele (CO 26-28).

2.3. Eucaristia, último degrau do mistério da Cruz

Como, e quão longe, estamos nós desse sentimento de Francisco e de nossos primitivos Irmãos! De um Deus que não apenas se deixa, mas também pede, ordena à sua criatura que o espolhe e o coma! Para isso Ele se abaixa a modo de servo e escravo a fim de lavar-lhe os pés; Ele a ama ao ponto de morrer na cruz por ela. Sim, tudo isso não nos espanta, não nos estremece, não nos engasga mais!

Se, antes, o Filho de Deus não se envergonhara de assumir e viver nossa condição humana, finita, limitada, vil e pecadora – tornando-se um desconhecido e menosprezado nazareno – agora quer ir mais longe. Para levar sua Paixão a todos os homens de todos os tempos, bem como a todas as criaturas, também às mais ínfimas, como um grãozinho de areia, por exemplo, transubstancia-se num pedaço de pão e num pouco de vinho; para que pudesse ser recebido vira “matéria”, a realidade mais baixa ou vil entre todas as criaturas, a menos poderosa e expressiva, mas, também, a mais obediente e disponível. Que se transformasse pelo menos numa flor, numa pomba ou, quem sabe, num inocente cordeirinho! Mas, não! Se outrora viera como criança, como um nazareno, como Cruz, agora vem como pão e vinho. a fim de poder ser tomado e comido.

Compreende-se, então, a convocação de São Francisco:

Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado? Por que não reconheceis a verdade e não ‘credes no Filho de Deus’? Eis que todos os dias, Ele se humilha, assim como quando desceu ‘do trono real’ para o útero da Virgem; cada dia, vem a nós, sob a aparência humilde; cada dia desce do “seio do Pai” sobre o altar, nas mãos do sacerdote. E como se mostrou aos Santos Apóstolos em verdadeira carne, assim, de igual modo, se mostra a nós no pão sagrado. E assim, vendo a sua carne, eles viam apenas a carne Dele, mas contemplando-O com os olhos espirituais, criam ser Ele o próprio Deus; assim também nós, vendo o pão e o vinho com os olhos corporais, vejamos e creiamos firmemente ser Dele o santíssimo corpo e sangue vivo e verdadeiro. E, desse modo, o Senhor está sempre com seus fiéis, como Ele mesmo diz: ‘Eis que estou convosco até a consumação do século’ (Ad 1,14-22).

Conclusão

Devemos reconhecer, hoje, que a Eucaristia não é mais a primeira Regra, a principal Forma de Vida do nosso dia a dia, capaz de nos libertar da busca ensimesmada do nosso pe-

queno eu, impedindo que cheguemos ao grande EU. Talvez, ainda não tenhamos despertado para essa grande troca ou intercâmbio, que nos é oferecido quando vamos comungar. O ministro proclama: *Eis o Corpo de Cristo!* e cada um responde *Amém!*, isto é, “Sim, Senhor!” “Eu te recebo, te quero, te acolho, te comungo para que o teu Eu, tua história, sejam meu eu, minha história; sim, te comungando, estou comungando a nova humanidade, a nova criação; te comungando estou e quero assumir tua missão, tua nova humanidade, tua nova criação em mim, em todos e em tudo!”

3. Do ministério sacerdotal

Além do mistério do novo mandamento do seu Amor e do seu Corpo e Sangue, na sua despedida, Jesus também instituiu o mistério, o sacramento do sacerdócio ministerial, ordenando seus Apóstolos a ser pastores, ministros e guardiães do novo Povo de Deus.

3.1. Nos sacerdotes, a nova Cruz de Cristo

São Francisco, de novo, como sempre, também aqui, é surpreendente. Em seu Testamento, por exemplo, fala em *sacerdotes pobrezinhos* (T 7).

A quem estaria se referindo? Aos membros do baixo clero, bastante numerosos em seu tempo? Talvez. Mas, provavelmente, esteja vendo muitos sacerdotes que, naquela época, levavam uma vida irregular, amancebados, metidos em negócios desones-

tos, falcatuas, etc. Mas, então, por que os chama de pobrezinhos e não de mercenários? No contexto da frase encontramos a resposta: *O senhor me deu tal fé nos sacerdotes...* (idem).

“Tal”, aqui, além de significar uma qualificação, diz também intensidade e medida, equivalendo, pois, a “tanta”, imensa, sem medida. E sua reflexão acerca desse mistério continua de modo surpreendente. Basta conferir, de novo, seu Testamento (Cfr. T 6-11). Mas, aqui, para nosso assunto, é suficiente esta conclusão: *E neles não quero considerar pecado, porque neles diviso somente o Filho de Deus* (T 9).

Divisar significa ver em separado, distinguir. Ou seja, o atingimento de Francisco pela presença do mistério do Senhor, na pessoa do sacerdote, é tão diligente, limpa, cristalina e profunda que nele não consegue *considerar pecado*. Considerar é uma maneira de olhar que vê e enxerga longe, fundo; um ver que vai para além das aparências; um olhar que procura ver, discernir, contemplar a essência, o coração, e que, por isso, ignora todo o resto, tudo o que não venha ou não pertença ao caso. É o olhar, por exemplo, do bom e experiente garimpeiro que vai além do olhar dos ignorantes e inábeis consumidores; o olhar do bom educador ou confessor, que procura ver o coração do educando ou do penitente. Não importa, para eles, que a pedra preciosa esteja no meio da lama, do lixo ou do estrume; que o educando ou pecador cometa erros e falhas. Seu olhar limpo vê a bondade originária.

Dessa visão é que surgem para Francisco algumas conclusões e atitudes lógicas e ousadas como estas, testemunhadas em seu Testamento:

- *Mesmo que se me perseguirem, quero recorrer a eles;*

- *Não quero jamais pregar para além da vontade deles;*

- *Neles só quero ver o santíssimo Corpo e Sangue do Senhor, que só eles recebem e administram;*

- *E esses santíssimos mistérios quero honrar e venerar acima de todas as coisas...*

3.2. No sacerdócio de Cristo, a cruz dos sacerdotes

Assim, a fé e a reverência de Francisco para com os sacerdotes estão profundamente ligadas à pessoa de Cristo pobre e crucificado, que “tem” que viver na pessoa do sacerdote decadente. Mas, e talvez, Francisco esteja, também, pensando e vendo a vida, a missão dura, difícil e angustiante desses sacerdotes que, ou quando, além de carregar o peso dos pecados dos fiéis, de sua Igreja, do seu rebanho a eles confiado, têm de carregar a vergonha, a ignomínia de seus próprios pecados. Sim, como, nestes casos, é duro e doloroso para um coração que faz a experiência de ser o querido, o amado, o consagrado de Deus e por Deus, proclamar *Introubo ad altare Dei*, isto é: *Vou entrar no altar, no santuário de Deus*, ou ainda, fazendo a vez Dele, exclamar: *Isto é o meu Corpo! Isto é o meu Sangue! Tomai e comei! Tomai e bebei!*

Por isso, a expressão “pobrezi-
nhos”, agora, brota de seu coração
como sentimento de uma mãe que,
cheia de dó e compaixão, diante de
um filho, já adulto e doente ou perdi-
do nas drogas, não tem outra coisa a
fazer senão exclamar: “pobrezinho!”

Vale a pena ouvir, a respeito des-
se sentimento, o relato de Estêvão de
Bourbon:

Ouvi, ainda, que o Bem-a-
venturado Francisco, ao en-
trar em certa vila na Lom-
bardia e ali se espalhasse a
fama de sua santidade, um
herege, julgando-o um ho-
mem simplório e querendo
confirmar sua seita e seus
adeptos que para aí haviam
acorrido, ao ver o sacerdo-
te da vila aproximando-se,
gritou bem alto: ‘Olha, bom
homem, o que dizes deste
sacerdote que cuida des-
ta paróquia e, no entanto,
mantém uma concubina,
ficando claro a todos que
ele está cheio de pecados?
Pode, por acaso, ser puro
o que ele trata e administra
com suas mãos?’

Percebendo a malícia do
herege, o Santo pergun-
tou: ‘É do sacerdote desta
vila que dizeis tais coisas?’
Como respondesse que
sim, Francisco dobrou os
joelhos no lodo e beijando
as mãos do sacerdote dis-
se: ‘Estas mãos tocaram o

meu Senhor. Seja o que for,
nada pode tornar imundo o
Senhor ou diminuir-Lhe a
virtude. Em honra do meu
Senhor, eu honro o seu mi-
nistro. Para ele pode ser
mau para mim, no entanto,
é bom’. Diante disso, os
hereges ficaram comple-
tamente confundidos (TM
14,10-14).

O mesmo sentimento, fraterno,
mas rigoroso, ele o manifesta em sua
Carta a toda a Ordem, dirigindo-se,
então e explicitamente, a todos os sa-
cerdotes:

Ouvi, Irmãos meus: Se a
Bem-aventurada Virgem é
honrada, como é digno, por
ter trazido no seu santíssi-
mo útero o próprio Filho de
Deus; se o Bem-aventurado
Batista estremeceu e não
ousou tocar a santa cabeça
de Deus; se o sepulcro no
qual ficou por algum tempo
é venerado, como deve ser
santo, justo e digno aquele
que ‘toma nas mãos’, re-
cebe na boca e no coração
e dá o Senhor aos outros
para tomar, o qual já não
mais morrerá, mas viverá
glorificado na eternidade
e a quem os anjos desejam
contemplar (CO 21-22).

E, seguindo, um pouco além,
exorta:

Vede vossa dignidade, ir-
mãos sacerdotes! Sede san-

tos porque Ele é Santo! E, como o Senhor Deus vos honrou acima de todos, por causa deste ministério, assim também vós, amai-O, reverenciái-O e honrai-O. É uma grande miséria e uma lamentável fraqueza, quando O tendes assim presente, e vós cuidais de outra coisa em todo o mundo. (CO 23-25).

Conclusão

A fé nos “sacerdotes pobrezi-nhos” levava Francisco a expressar um dos mais nobres e fecundos sentimentos humanos: a compaixão, a dor, vertida, às vezes, em prantos e lágrimas. Sim, diante de um Filho de Deus que se faz e quer ser Filho do homem a fim de comungar da alegria de nossa fragilidade, como outrora

Pedro, Francisco chora o amor que não é amado.

Talvez seja essa uma das lições, profundamente evangélica e franciscana, que nós hoje precisamos aprender, de novo. Não importa (!?) que neguemos nosso Mestre e Senhor, fato quase sempre inevitável, devido nossa fragilidade. Importa, sim, que o lamentemos com lágrimas e prantos que brotam da experiência de um coração tocado por um mistério tão gracioso e inaudito.

Assim, os pastores da Igreja são aceitos e reconhecidos como tais não por seus atos heroicos ou por serem santos, mas justamente porque não têm a pretensão de sê-lo; porque estão dispostos a reconhecer sua fraqueza na confissão da própria fé. E se, muitas vezes, os pastores da Igreja não são aceitos é justamente porque não são capazes de se humilhar para reconhecer que erraram e que continuam pecadores.



Sexta-Feira da Paixão do Senhor

Leitura: Paixão do Senhor (Jo 18,1-19,42)

Tema-mensagem: Eis o Homem: Jesus Cristo crucificado

Introdução

A exemplo da Igreja que, através do celebrante, inicia a celebração desse mistério prostrando-se por terra, iniciemos, também nós, com esse sentimento de São Francisco:

Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquela dor que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima Paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para, de boa vontade, suportar tal Paixão por nós pecadores. (CCE 3,38).

Nossas reflexões, para a celebração do mistério de hoje, o maior de todos, vão se ater apenas a três aspectos, a nosso ver, os mais significativos, da Paixão segundo São João.

1. Ecce Homo

Já, quase no final da Paixão, depois de ter sido submetido às mais atrozes exprobrações, Jesus é exposto aos olhos de todos como um espetáculo ridículo: um rei cujo diadema é uma coroa de espinhos e cujo manto é um farrapo purpúreo, embebido em sangue. A cena termina com a famosa exclamação de Pilatos: *Idoû ho anthropos! – Ecce Homo! (Eis o homem!)*.

Meditando sobre essa passagem, D. Bonhoeffer diz:

A figura do reconciliador, do Deus-homem Jesus Cristo, se põe ao centro, entre Deus e o mundo, entra no meio de todo evento. Nela se desvela o mistério do mundo, assim como nela se desvela o mistério de Deus. Nenhum abismo do mal pode permanecer escondido àquele mediante o qual o mundo é reconciliado com Deus. E o abismo do amor de Deus abraça também a impiedade mais abissal do mundo. Com uma eversão incompreensível, de todo modo justo e pio, de pensar **Deus se declara culpado em relação ao mundo** e cancela assim a culpa do mundo. Deus mesmo empreende o caminho humi-

lhante da reconciliação e absolve assim o mundo; ele quer ser culpado da nossa culpa, toma sobre si o castigo e o sofrimento que a culpa nos jogou sobre as nossas costas. Deus responde pela impiedade, o amor pelo ódio, o santo pelo pecador. Agora não existe nenhuma impiedade, nenhum ódio, nenhum pecado que Deus não tenha tomado sobre si, sofrido e expiado. Agora não existe mais nenhuma realidade, nenhum mundo, que não esteja reconciliado e em paz com Deus. Isso Deus o fez no seu dileto filho Jesus Cristo. *Ecce homo!*

A fúria dos que recusam Jesus não se aplaca. A acusação muda do plano político – de sedição ou subversão – para o plano religioso – de blasfêmia, pois ele se faz Filho de Deus. A blasfêmia merecia pena de morte (Cfr. Lv 24,16). Diante desta acusação, Pilatos fica assustado. É como se pressentisse que algo de estranho – de extraordinário e inaudito – fora da ordem humana habitual estivesse em jogo: o sacrifício de alguém que se declara Filho de Deus.

2. Junto da Cruz está, de pé, sua mãe, Maria

Junto da cruz de Jesus, estavam de pé, sua mãe, a irmã da sua mãe, Maria de Cléofas e Maria Madale-

na... e o discípulo que ele amava (Jo 19,22).

É a Igreja do Amor, que permanece de pé, na Hora de Jesus! A Hora, a que Jesus se referia, ao falar com sua mãe em Caná, chegou (Cfr. Jo 2,4). Nessa hora, Jesus mostra solicitude pela sua mãe. Entrega-a aos cuidados do discípulo predileto. Maria estava à altura da sua dignidade de Mãe de Deus. Também ela, nessa hora, passa de mãe do Filho do Homem para a consumação de Mãe do Filho de Deus. Como tal não podia deixar de estar presente, de pé, junto da Cruz. Ela se com-forma ao Crucificado. Por isso, recebe a missão de cuidar do filho predileto de Jesus, João, a Igreja.

No famoso hino *Stabat Mater*, Frei Jacopone de Toddi (1236-1306), poeta franciscano, pôs em poesia a experiência de compaixão da Virgem-Mãe. Depois dele, vários musicistas compuseram melodias para esta poesia¹²:

De pé, a mãe dolorosa
junto da cruz, lacrimosa,
via o filho que pendia

Na sua alma agoniada
enterrou-se a dura espada
de uma antiga profecia

Oh! Quão triste e quão aflita
entre todas, Mãe bendita,
que só tinha aquele Filho

Quanta angústia não sentia,

¹² Acesso em 28 de abril de 2020: <https://www.stabatmater.info/portugese/>

Mãe piedosa quando via
as penas do Filho seu!

Quem não chora vendo
isso:
contemplando a Mãe de
Cristo
num tão enorme suplício?

Quem haverá que resista
se a Mãe assim se contrista
padecendo com seu Filho?

Por culpa de sua gente
Vira Jesus inocente
ao flagelo submetido

Vê agora o seu amado
pelo Pai abandonado,
entregando seu espírito

Faze, ó Mãe, fonte de amor
que eu sinta o espinho
da dor para contigo chorar

Faze arder meu coração
do Cristo Deus na Paixão
para que o possa agradecer

Ó Santa Mãe dá-me isto,
trazer as chagas de Cristo
gravadas no coração.

Do teu filho que por mim
entrega-se à morte assim,
divide as penas comigo.

Oh! Dá-me enquanto viver
com Cristo compadecer
chorando sempre contigo.
Junto à cruz eu quero estar

quero o meu pranto juntar
às lágrimas que derramas

Virgem, que às virgens
aclara,
não sejas comigo avara
dá-me contigo chorar.

Traga em mim do Cristo a
morte,
da Paixão seja consorte,
suas chagas celebrando.

Por elas seja eu rasgado,
pela cruz inebriado,
pelo sangue de teu Filho!

No Julgamento consegue
que às chamas não seja en-
tregue
quem por ti é defendido

Quando do mundo eu partir
dai-me ó Cristo conseguir,
por vossa Mãe a vitória

Quando meu corpo morrer
possa a alma merecer
do Reino Celeste a glória.
Amém.

3. Tudo está consumado

A última palavra de Jesus na Cruz é: *tudo está consumado* (Jo 19,30). A entrega, a oferenda de si, chegara ao seu sumo. Ele se doou todo, total e inteiramente. Assim, inclinando a cabeça, entregou o Espírito. João não diz que ele expirou e então inclinou a cabeça. Diz o con-

trário: ele inclinou reverentemente a cabeça e expirou. Ele tinha o poder de dar a vida e de retomá-la. Na sua morte coincidem a necessidade da vontade do Pai e a soberana liberdade do Filho de se doar, de se entregar, de dar a vida, pela expiação do pecado do mundo. A morte de Cristo na Cruz não é nenhum assassinato, nenhuma tragédia ou fatalidade nem mesmo um ato heroico, mas um sacrifício no verdadeiro sentido da palavra: uma **obra sagrada de amor**, uma doação absoluta, total e radical. É esse sacrifício que implanta, funda o Reino de Deus sobre a terra. Assim, *um novo povo será conquistado para a obediência da fé e para o perfazer da caridade, conforme o Canto do Servo proclamado na primeira leitura (Cfr. Is 52,13-53.12).*

Jesus entregou o Espírito. Podemos interpretar: ele expirou. Mas, também podemos entender que o dom do Espírito – que é o Dom de Deus para todos os homens de todos os povos da terra, aludido no diálogo de Jesus com a Samaritana (Cfr. Jo 4,10) – emana do Crucificado. Sinais desse dom são a água e o sangue que irrompem do lado de Cristo. Como Eva, a primeira mãe, surgiu do costado de Adão, agora, do costado do Cristo crucificado e morto, nasce a Igreja, a mãe da nova Humanidade.

As pernas de Jesus não foram quebradas. Cumpre-se, assim, nele o desígnio previsto para o Cordeiro Pascal (Cfr. Ex. 12,46), o Cordeiro, o Traspassado (Cfr. Zc 12,10) que dá início ao novo Céu e a nova Terra.

No sepultamento, atuam José de Arimateia e Nicodemos, dois justos entre os judeus, que tendiam a se tornar discípulos de Jesus. O grão de trigo é escondido no seio da terra da qual virá a nova vida, que celebraremos na Vigília pascal.

Conclusão

Nosso Doutor evangélico, Santo Antônio, que, a exemplo de São Francisco, carregava com muita devoção a memória da Paixão de seu Senhor, assim se expressa acerca do mistério de hoje:

Cristo, que é tua vida, está suspenso diante de ti para que tu te contemples na cruz como num espelho. Aí poderás conhecer quão mortais são tuas feridas, que nenhuma medicina tem poder de sarar, senão aquela que brota do sangue do Filho de Deus. Se olhares bem, poderás dar-te conta de quão grande são tua dignidade e teu valor... Em nenhum outro lugar o homem pode melhor dar-se conta do quanto ele vale do que olhando-se no espelho da Cruz (*Sermones dominicales et Festivi* III, pp. 213-214).

Pode-se e deve-se, ainda, acrescentar que nesse espelho estamos frente a frente, cara a cara, olho no olho, com a mais alta, primeira e úl-

tima vocação do homem: o máximo de empenho, até a morte e morte de Cruz, para entrar em “comunicação” com nossa origem, representada pela haste vertical e em “comunicação” com todas as demais criaturas, principalmente os homens, representados pela haste horizontal.

Acerca da importância dessa contemplação, ouçamos ainda, o que diz São Leão Magno (sec. V):

Quem realmente venera a Paixão do Senhor, deve contemplar de tal modo com os olhos do coração Jesus crucificado, que reconheça na carne do Senhor a sua própria carne. Trema a criatura perante o suplício do seu Redentor, quebrem-se as pedras dos corações infieis e saiam para fora, vencendo todos os obstáculos (Ofício das Leituras, 5ª feira da 4ª Semana da Quaresma).

Segundo o Vaticano II, toda atividade humana precisa ser purificada pelo mistério da cruz:

Quando a hierarquia de valores é alterada e o bem com o mal são misturados, os homens e os grupos consideram somente seus próprios interesses e não os dos outros. Deixa assim o mundo de ser um lugar de verdadeira fraternidade... Por isso, se alguém quer saber de que maneira se pode

superar esta situação miserável, os cristãos professam que todas as atividades humanas, constantemente ameaçadas pela soberba e amor próprio desordenado, devem ser purificadas e levadas à perfeição pela cruz e Ressurreição de Cristo (GS,37).

Por tudo isso, diz nosso Papa Francisco: *Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos Bispos, padres cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor!* (Homilia aos Cardeais, 12/03/2013).

Semelhantemente, num poema composto na cela da prisão, D. Bonhoeffer assim escreveu:

Homens na sua angústia se chegam a Deus,

imploram auxílio, felicidade e pão;

que salve de doença, de culpa e de morte os seus.

Assim fazem todos, todos: cristão e pagão.

Homens se aproximam de Deus, quando Ele em dor, acham-No pobre, insultado, sem agasalho, sem pão.

Veem-No por nosso pecado vencido e morto, o Senhor; cristãos permanecem com

Deus na Paixão.

Deus está com todos na sua angústia e dor.

Ele dará de corpo e alma o eterno pão.

Morre por cristãos e pagãos como Salvador,

e a ambos perdoa em sua Paixão¹³.

Mais que em outros dias ou ocasiões, hoje, a exemplo de São Francisco, é o dia de *rezar e dizer simplesmente assim*:

*Nós vos adoramos,
santíssimo senhor Jesus Cristo,
aqui e em todas as vossas Igrejas,
que estão no mundo inteiro
e vos bendizemos
porque pela vossa
santa Cruz remistes o mundo (T 4-5)*

13 BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro / São Leopoldo: Editora Paz e Terra / Sinodal, 1980, p. 176-177.



Sábado Santo

Tomando o corpo de Jesus, José de Arimateia envolveu-o num lençol limpo e o sepultou em seu próprio túmulo ... Depois de rolar uma grande pedra à entrada do túmulo, retirou-se (Mt 27,59-60).

É o dia do silêncio da palavra e da palavra do silêncio!

Se o grão de trigo não morrer fica só! (Jo 12,24).

Jesus havia sido sepultado! A Palavra de Deus se calara! Um profundo silêncio cobrira e abraçara todas as coisas! Por isso, *ao fim da Paixão, quando a Palavra de Deus está morta, a Igreja já não tem mais palavras* (Von Balthasar). É a “Hora” do silêncio! Aparentemente, o mistério da vida parece ter sucumbido e sido tragado pela morte. Por isso, hoje, exceto a Liturgia das Horas, a Igreja não faz nenhuma outra celebração senão guardar silêncio, pois a Palavra de Deus calou profundamente no abismo da condição humana e se deixou envolver no meio-silêncio em que a existência humana tem o seu ponto de salto. É a hora da espera do inesperado.

Por mais paradoxal que pareça, o sono da morte vem também para o novo Adão, o Príncipe e o Princípio da Vida. Desse sono nascerá a nova Eva: a Igreja, portadora de uma nova vida, Mãe da nova humanidade. Nesse Filho Unigênito, a morte infeliz,

suscitada pelo egocentrismo da vontade própria do pecado, é tragada pela morte graciosa da boa vontade do amor. Na Cruz Ele entrega seu espírito ao Pai e, sepultado, desce aos infernos da condição humana. Ele, assim, se torna o segundo Adão, que não é, como o primeiro, simples alma vivente, mas espírito vivificante, o próprio autor da vida (1Cor 15,45). Por isso, com o Apóstolos, toda a criação exclama: *Ó morte, onde está tua vitória? Ó morte, onde está teu aguilhão?* (1Cor 15,55).

A percussão desse evento, porém, repercutirá por todo o universo. Tudo ressoará a partir da sonância que emergirá desse silêncio e dessa descida. Silêncio que, antes de ausência de palavras, significa profundo e amoroso recolhimento na quietude da atenção e escuta do mistério insondável da Vida que a tudo e a todos contém, decantado por São Francisco *como o onipotente, santíssimo, altíssimo e Sumo Deus, que é todo o bem, o sumo bem, o bem inteiro, o único bem* (LH).

Assim, do nada do abismo infernal é que irromperá a nova criação: o novo céu e a nova terra, de que nos fala o Apóstolo Pedro (2Pd 3,13), as *coisas novas* de que nos falam Isaías (Is 65,17) e o Apocalipse (Ap. 21,1). O descenso de Cristo aos infernos é seu triunfo sobre a segunda morte. É a morte da morte segunda, o triunfo sobre o desespero infernal. O *status*

exinanitionis (estado de exinanição) se revela, pois, como *status exaltationis* (estado de exaltação).

Do mesmo modo, para o discípulo de Cristo, não há outro caminho para ascender a Deus a não ser descendo para o profundo silêncio do nada, do vazio de cada coisa. É o caminho da humildade, isto é, o descenso até o abismo da própria condição de homem mortal e pecador, que, num salto, deixa para trás o desespero e se confia ao Cristo como Libertador e Salvador, como Vida da própria vida, como a Ressurreição em pessoa.

Conclusão

Sábado Santo, dia do recolhimento, do silêncio, dia para descer humildemente, mas também valentemente, até ao mais profundo abismo de nossos infernos, e de lá saltar para os braços do Pai, porque, agora, é lá que mora o Filho de Deus; o qual, como Princípio da vida, nos espera para associar-nos à sua vitória, à sua Ressurreição.

Quem viveu intensa e jubilosa-mente esse mistério foi São Francisco. Ouvindo que a hora de sua morte estava para chegar, *estendeu as mãos para o Senhor com grande devoção e respeito, exclamando com renovada alegria de corpo e de alma: 'Seja bem-vinda, minha irmã morte!'* (Espelho da Perfeição 123). E, assim, *entregou sua santa alma nas mãos do Senhor; a quem havia amado com todo seu coração, com toda sua alma, com todas as suas forças, com ardente desejo e com todo seu afeto. Seguindo-O com toda perfeição, correndo atrás de suas pegadas, chegou, por fim, à glória Daquele que reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém* (EP124).

Enfim:

Uma grande Palavra nasce de um grande silêncio!

Como também:

Um grande silêncio nasce de uma grande palavra!

Mas, ambos têm que passar pelo mistério da morte!



Vigília Pascal

Introdução

A maior festa da Igreja – a Páscoa do Senhor – se abre com uma Vigília que poderia ser chamada, também, de “Vigilância”: a “Vigilância pascal”. A vigilância da passagem, do êxodo, da visita do seu Senhor e Esposo. Ora, sempre que aguardamos alguém de suma importância, precisamos, como Ele mesmo disse, *andar com as cinturas cingidas, as lâmpadas acesas e os calçados nos pés* (Lc 12,35).

Para criar esse estado de vigilância contínua é que a Igreja se reúne nessa noite santa, pois o Ressuscitado, o novo esposo e Salvador da humanidade, pode chegar a nós e passar por nós à hora em que menos esperamos. E, para que façam uma vigilância adequada, jubilosos, os fiéis ouvem e meditam as obras admiráveis das inúmeras e maravilhosas passagens de Deus na história da humanidade e renovam suas promessas batismais.

1. O grande anúncio da exultação universal

A Vigília começa fora da Igreja com a bênção do fogo novo, o fogo do *desejo* (Cfr. Oração), da Paixão de Deus, pelos seus amados filhos, revelado em seu Filho muito querido que deu sua vida por nós morrendo na Cruz. Por isso, à bênção do fogo segue a preparação do círio, sím-

bolo maior de todo o tempo pascal. Para configurar Cristo e seu mistério pascal o sacerdote incide no círio os traços da Cruz com cinco cravos, recordando as cinco chagas, com estes expressivos anúncios: *Cristo ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa e Ômega* (primeira e última letra do alfabeto grego), *a Ele o tempo e a eternidade, a glória e o poder pelos séculos sem fim*.

Tem início, então, a procissão. Nesta noite santa, a Igreja, que entra no templo escurecido, faz a experiência de passar da escuridão das trevas do pecado, da perdição, para a alegria e o júbilo de poder participar do fulgor da graça da Ressurreição do Senhor, da graça do encontro, da salvação. Como outrora no êxodo a nuvem misteriosa ia à frente, guiando e conduzindo o povo que marchava para a Terra prometida, agora a luz luminosa desse círio, que é Cristo, vai à frente, guiando, conduzindo o novo povo de Deus, a Igreja, para a nova Terra prometida, o Paraíso celeste. É o novo sentido de nossa vida e de toda a humanidade irrompendo do sepulcro da escuridão da morte; morte de uma vida dominada pela tristeza do isolamento individualista, egocêntrico para a alegria da “comunicação” com Deus e com todas as suas criaturas. É a noite em que a humanidade, perdida e isolada, ensimesmada, de Adão e Eva, começa a experiência da familiaridade universal, do Céu e da Terra, de sua pertença

à Casa comum recriada por Deus através de seu Filho Jesus Cristo crucificado-ressuscitado.

A abertura da Vigília se conclui com o famoso e não menos maravilhoso canto do *Exultet*. A Igreja canta, proclama, alto e bom som, que em vão teríamos nascido, se não fôssemos redimidos. Admirável é a misericórdia do Pai, inestimável seu amor, sua caridade: para salvar os servos, entregou à morte o Filho. Coisa nunca vista! Na alegria e na luz desta noite até mesmo o pecado aparece como necessário e a culpa como ditosa: *Ó feliz culpa que nos mereceu tal e tão grande Redentor! Verdadeiramente bem-aventurada é esta noite, pois somente ela mereceu saber a hora, em que Cristo ressurgiu da morte.*

Cristo, vencendo as forças infernais, inaugura o dia eterno, o dia da nova criação, do novo céu e da nova terra, simbolizado com o acendimento e a bênção do novo fogo e da água. Nasce, assim, uma nova humanidade na qual todos são irmãos porque se assenta num Deus que não poupa seu próprio Filho a fim de poder ser “Deus conosco”. Jesus Cristo Ressuscitado-Crucificado, Crucificado-Ressuscitado é o Homem novo da nova criação, o *Ecce homo!*

Ecce homo (eis o homem) – olhai o homem assumido por Deus, julgado por Deus, por Ele despertado para a nova vida, olhai o Ressuscitado! O sim de Deus ao homem chegou à sua meta através do juízo e da morte.

O amor de Deus pelo homem foi mais forte do que a morte. Um homem novo, uma nova vida, uma nova criatura foi criada pelo milagre de Deus. ‘A vida recobrou a vitória, venceu a morte!’ O amor de Deus se tornou morte da morte e vida do homem. Em Jesus encarnado, crucificado e ressuscitado a humanidade se tornou nova. O que aconteceu a Cristo aconteceu a todos, porque ele era o homem. O homem novo foi criado¹⁴.

2. Liturgia da Palavra

Em nenhuma outra celebração, a Igreja se mostra tão pródiga em proclamar as maravilhas do Senhor como na celebração desta noite. Além do Evangelho, oito leituras, sete do Antigo e uma do Novo Testamento, vão lançando aos poucos sementes da Boa Notícia da nova Vida – o Evangelho – na mente dos fiéis e no mundo inteiro. As leituras do Antigo Testamento podem ser agrupadas assim: as três primeiras tratam da primeira criação do homem, do primeiro Povo de Deus e da primeira aliança de Deus com seu Povo eleito. As quatro seguintes testemunham a fidelidade de Deus diante das contínuas e inúmeras infidelidades de seu Povo.

14 BONHOEFFER, D. *Lo straordinario si fa evento: croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 75.

Leituras do Antigo Testamento

a. A primeira criação (Gn 1,1-2,2)

As grandes leituras desta noite começam com a mais importante de todas as páginas do Antigo Testamento: a narrativa da Criação. Dois insistentes testemunhos, a modo de um leitmotiv de uma grande sinfonia ou epopeia, perpassam todos os versos deste capítulo. Primeiramente, por oito vezes, o autor testemunha: *Deus disse: 'Faça-se!'* e as criaturas e o próprio homem foram aparecendo do nada. A cada vez, depois de cada criação, outro testemunho: *E Deus viu que era bom*. E, quando termina, com a criação do homem, a admiração do próprio Deus chega ao auge: *E viu que era muito bom* (Gn 1,31).

O objetivo da narrativa é muito claro. Primeiramente proclamar que o mundo, a criação toda, portanto, não é fruto do mero acaso, muito menos do homem ou de possíveis leis da natureza, mas de uma ação bem pensada, desejada querida e amada por Deus. Tudo o que existe, ainda que seja só um grãozinho de areia, vem do pensamento de Deus e está sempre em sua presença.

Em segundo lugar, é também para proclamar que nosso Deus é como fonte, cuja essência é fazer jorrar a água pura, cristalina e fecunda. Assim é também nosso Deus: de sua essência ou identidade todas as criaturas nascem limpas, puras, boas. Se alguma maldade aparecer não pode

jamais ser atribuída a Ele, mas, tão somente aos homens.

Assim, desde o princípio, no coração de cada criatura, principalmente do homem, está gravada a imagem de um Criador que a ama. Esta marca deve, pois, servir, também, como seta que dá o rumo, o sentido de toda sua história, como primeiro e único ato de fé do homem: crer que somos desejados, amados, criados por Deus e que tudo o que sai deste seu desejo é bom porque Ele é bom.

Mas, apesar de tudo isso, na Oração que segue, a Igreja pede *a graça de compreender* que a nova criação, inaugurada pelo sacrifício de Cristo na Cruz, ultrapassa em grandeza a primeira criação do mundo (Cfr. Oração). Ou seja, o tão grandioso e admirável espetáculo da primeira criação é apenas sombra, esboço da nova criação inaugurada pelo sacrifício de Cristo.

Meditando sobre o elo misterioso entre a criação e a Ressurreição, D. Bonhoeffer escreveu:

O Deus da criação, do princípio sem condições, é o Deus da Ressurreição. Desde o princípio o mundo está sob o signo da Ressurreição de Cristo dos mortos. Antes, porque sabemos da Ressurreição, sabemos da criação de Deus no princípio, do fato de que Deus cria desde o nada. O Jesus Cristo morto da sexta-feira santa – o Senhor ressuscitado do Domingo de Páscoa: eis a

criação do nada, a criação a partir do princípio. A morte de Cristo não é aquilo que tornou possível a sua Ressurreição; ao contrário era a impossibilidade, o nada como tal, o *nihil negativum* (nada negativo). Não há alguma passagem, alguma continuidade entre o Cristo morto e ressuscitado, se não a liberdade de Deus que cria no princípio a sua obra desde o nada. Se fosse possível reforçar ainda o *nihil negativum*, se deveria dizer, diante da Ressurreição, que com a morte de Cristo na cruz o *nihil negativum* fez irrupção em Deus mesmo – Oh desventura imensa, Deus morreu! – mas que ele, o princípio, está vivo, aniquila o nada e realiza a nova criação no ressurgir. É graças à sua Ressurreição que nós sabemos da criação; se de fato não tivesse ressuscitado, o criador estaria morto e não poderia dar demonstração de si; graças à Ressurreição, vice-versa, sabemos *a posteriori* que há a criação, porque ele permanece senhor do nada¹⁵.

São Francisco, contemplando o inaudito espetáculo diário da primei-

15 Bonhoeffer, D. *Lo straordinario si fa evento: croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 86-87.

ra criação recriada, ainda mais bela e grandiosamente por Jesus Cristo, através de seu mistério salvífico da cruz, não se continha. Por isso, com pôs e rezava em todas as Horas do dia e da noite os “Louvores para todas as Horas”, começando assim:

Ó santíssimo Pai-nosso,
que estás nos Céus...
Santo, santo, santo Senhor Deus
todo-poderoso,
que és, que era e que virás:
E louvemo-lo e superexaltemo-lo
pelos séculos.

....

Digno é o Cordeiro, que foi imolado de receber poder e divindade e sabedoria e força e honra e glória e bênção:
E louvemo-lo e superexaltemo-lo
pelos séculos (LH).

b. Da origem do primeiro Povo de Deus (Gn 22,1-18)

A segunda leitura nos leva a recordar e celebrar o princípio do primeiro ou antigo Povo de Deus. Princípio como raiz, fonte e não apenas como dado histórico. Segundo essa leitura, o Povo de Deus nasce de um inaudito ato de fé e de obediência de Abrão ao chamado de Deus. Por isso, Abraão é posto aqui como o grande pai de todos os crentes. Isso significa que seu ato de fé deverá definir o futuro de todos aqueles que irão pertencer à sua descendência. Entre esses, o descendente maior e definitivo, será o Filho único de Deus, Jesus Cristo,

prefigurado no filho único de Abraão, Isaac e, nele, todos os seus seguidores.

Por isso, na Oração que segue essa leitura, a Igreja reza: *Ó Deus, pai de todos os fiéis, vós multiplicais por toda a terra os filhos de vossa promessa...*

São Francisco, quando da visão do futuro de sua Ordem, fruto também ela desta antiga Promessa, se rejubila assim: *Vi uma enorme multidão de homens, vinda a nós e querendo viver conosco este gênero de vida e esta Regra de santa Religião... Vi que os caminhos pareciam apinhados de gente, vinda de quase todas as nações: vêm franceses, apressam-se espanhóis, correm alemães e ingleses e se adianta uma multidão enorme de outras línguas diversas (1C 27).*

c. Da graça da libertação nasce e se forma o antigo Povo de Deus (Ex 14,15-5,1)

A terceira leitura, tirada do livro do Êxodo, recorda e celebra a grande libertação dos israelitas da escravidão do Egito, denominada de êxodo, saída, ou mais precisamente de Páscoa, passagem. Israel, com essa narrativa, não pensa em apenas conservar uma simples lembrança histórica, mas expressar a nota essencial de sua auto compreensão: um Povo que foi salvo e será sempre salvo da escravidão por obra admirável e inaudita de Deus. Por isso, se compreenderá sempre como Povo de Deus. Daí, também, a conclusão: *Então, Moisés e os filhos*

de Israel cantaram ao Senhor este canto... (Ex 15)

Israel sempre se considerou como nascido, formado no momento, isto é, a partir dessa intervenção especial e extraordinária de Deus: a passagem da terra estranha e da escravidão egípcia para a terra da gratuidade, da libertação e, conseqüentemente, chamado para continuar lutando por ela, sabendo que só assim completará e consumará a obra de Deus. Assim, Israel de “Não-Povo”, passou a ser Povo: Povo de Deus.

Também São Francisco, mais tarde, ao ver-se rodeado de seguidores, ele, que não passava de um humilde e pobre pecador, implorava ao seu Deus compaixão. Arrebatado em êxtase, renovado em espírito, aparecia transformado em um novo homem. *Voltou, então, alegre, e disse aos irmãos: ‘Consolai-vos, caríssimos, e alegrai-vos no Senhor. Não vos entristeçais por parecerdes poucos nem vos desanime a minha simplicidade ou a vossa, porque, como o Senhor me mostrou, na verdade, Deus nos vai fazer crescer como a maior das multidões e vai propagar-nos até os confins da Terra’ (1C 28).*

d. Da infidelidade da esposa e da fidelidade do esposo (Is 54,5-14)

Enquanto as três primeiras leituras fazem a memória da fé e da obediência ao chamado de Deus, como princípio do antigo Povo de Deus, as quatro, que seguem, principalmente a de Isaías, recordam a atitude, ou me-

lhora, a resposta do Senhor à inconsciência de Israel: *Podem os montes recuar e as colinas se abalar, mas a minha misericórdia não se apartará de ti, nada fará mudar a aliança da minha paz, diz o teu misericordioso Senhor* (Is 54,10).

e. Da necessidade de voltar-se sempre de novo para o Senhor (Is 55,1-11)

A quinta leitura tem como pano de fundo a situação de desgaste, de desmoralização dos israelitas, devido à sua generalizada degradação. Degradação que, por causa do longo exílio em meio aos pagãos, tem sua origem nas contínuas infidelidades à aliança de Deus. Esta situação, porém, em vez de uma vingança ou de um repúdio, encontra um Deus que, a modo de esposo fiel e amado, não cessa de implorar a Israel, sua esposa amada, para que volte o quanto antes para Ele. Exclamações como: *Vinde! Apressai-vos! Ouvi-me! Buscai o Senhor! Abandonai vossos caminhos! Voltai-vos para o Senhor!* perpassam toda essa leitura.

f. Aprender a viver da sabedoria como fonte da vida (Br 3,9-15.32-4,4)

O plano de fundo da sexta leitura continua sendo as consequências sofridas por Israel no exílio ou por causa do exílio que, por sua vez, tem origem no seu desprezo e abandono ao carinho, ao amor e à fidelidade de Deus. A pergunta que, então, o pro-

feta se faz: *Que se passa contigo, ó Israel?* Ele mesmo dá a resposta: *Abandonaste a fonte da sabedoria!*

A partir de então, o profeta passa a uma série de exortações para que Israel volte a buscar a sabedoria, a fortaleza, a inteligência. No fim, com toda ênfase e quase explicitamente, passa a proclamar que a Sabedoria é o próprio Deus; uma Sabedoria inserida em cada uma de suas criaturas bem como no livro dos mandamentos de Deus, na sua lei dada a Moisés e que permanece para sempre. Isso para os israelitas do exílio. Para nós, esta sabedoria será o Espírito Santo, que Cristo soprou sobre todas as criaturas no alto da Cruz, quando deu seu último suspiro em profunda obediência e reverência à vontade do Pai.

g. Uma água pura e um coração novo (Ez 36,16-17^a.18-28)

Das leituras do Antigo Testamento, a última é tirada do profeta Ezequiel. Ela vem fechar com chave de ouro o memorial da História da Salvação do Antigo Testamento. Ezequiel, como nenhum outro profeta, nos conduz para as entranhas mais profundas de Deus. Israel havia *manchado, com sua conduta e suas más ações* (Ez 36,16), a terra que o Senhor lhe havia dado, profanando seu santo nome.

Vem, então, a resposta de Jahvé. Novamente, em vez de arrasar e acabar com aquela raça, manda dizer pelo profeta: *vou mostrar a santidade do meu grande nome que profanastes*

no meio das nações para onde fostes (Ez 36,23). Tudo o que, então, segue pode ser visto como belíssima visão profética da Oração do Pai Nosso, ensinada, mais tarde, por Jesus a seus discípulos.

A profecia encerra-se com a promessa de uma purificação feita por uma água pura e de um espírito novo, capaz de trocar um coração de pedra por um coração de carne. Ora, essa promessa terá sua realização plena com a vinda do Espírito Santo, doado por Jesus na Cruz e manifestado publicamente no dia de Pentecostes.

A partir de então, o convite à penitência ou conversão passa a ser a melodia que vai soar no coração de todos os fiéis até o dia de hoje. Foi a partir do vigor dessa mensagem que São Francisco e seus companheiros, por exemplo, *iam pelo mundo como 'peregrinos e forasteiros', nada levando consigo a não ser Cristo* (Atos 4).

Também hoje, essa mensagem, a mais importante de toda a revelação e de toda a História da Salvação, esquecida, por muitos séculos, não por todos, mas por uma grande parte dos cristãos, está sendo redescoberta e retomada pela Igreja, a começar pelo Vaticano II:

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: 'Toda renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior

fidelidade à própria vocação. (...) Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem fidelidade da Igreja à própria vocação, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo' (EG 26).

Leituras do Novo Testamento

a. Incorporados em Cristo para uma vida nova (Rm 6,3-11)

Tudo o que se anunciou no Antigo Testamento acerca do surgimento de uma nova criação, de um novo Povo de Deus, realiza-se em plenitude e definitivamente em Cristo, mais precisamente pelo seu sacrifício, pela sua fé e obediência ao Pai na Cruz e pela graça da Ressurreição que o Pai lhe concede. Neste mistério, o Pai reúne todo o passado, todo o presente e todo o futuro. Ele, o Filho do Homem e o Filho de Deus, o crucificado-ressuscitado, é o ontem, o hoje e o sempre (Cfr. Hb 13,8). Nele está o segredo, o desígnio do Pai de reunir todas as coisas as do céu e as da terra (Cfr. Ef 1,10). Ele é o Reino da graça, de modo que todo aquele que o aceita na fé e nas obras, incorpora-se, também ele, nesse novo Reino, nesse novo Povo de Deus, nessa nova criação. É o que vem anunciado por Paulo na sua Carta aos Romanos, proclamada nesta Vigília. Seu Corpo torna-se nosso corpo; sua alma, nossa alma; sua vida, nossa vida. *Ou ig-*

norais, pergunta ele, *que todos nós, batizados em Cristo, é na sua morte que fomos batizados?* (Rm 6,3). E conclui: *Assim, também vós, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo* (Rm 6,11).

Assim, quem está incorporado a Cristo torna-se com Ele e como Ele “senhor” e não mais escravo. Senhor, porém, com o não-poder da humildade e da inocência da cruz e não do poder soberbo do mundo. Aqui, na sabedoria do mundo, reina o poder da justiça e da lei humana do “dou para que me dê” ou, pior ainda, a “lei” do mais forte e do opressor, enquanto que no Reino de Cristo, da Cruz, impera a norma da gratuidade absoluta. Deus, Jesus Cristo e agora o cristão são senhores, filhos, irmãos e, por isso, não obrigados a mais nada e a mais ninguém a não ser tão somente ao amor mútuo. Aqui não há pagamento, muito menos remuneração, porque a própria pertença um ao outro é sua recompensa. É a lei do amor: *O amor basta-se a si mesmo, em si e por sua causa encontra satisfação. É seu mérito, seu próprio prêmio.* (São Bernardo, Ofício das Leituras, 20 de agosto).

b. Dois homens celestes anunciam às mulheres que o Nazareno está vivo (Lc 24,1-12)

O Evangelho para esta solenidade, neste ano C, vem de São Lucas. A narrativa começa descrevendo o que aconteceu *no primeiro dia da semana. Bem*

de madrugada, as mulheres foram ao túmulo de Jesus, levando os perfumes que haviam preparado (Lc 24,1).

Como nos demais evangelistas, também em Lucas, a primazia do testemunho e do primeiro anúncio da Ressurreição pertencem às mulheres. São elas, a Igreja do Amor, que mais sentem e mais sofrem a ausência do seu Senhor. A morte, porém, não extingue a centelha do amor e da fé. Por isso, movidas por essa chama vão ao túmulo.

A cena não podia ser mais desconcertante! Não bastasse a dor da morte, agora era-lhes tirado até o consolo de poder reverenciar com seus perfumes o corpo do seu Amado, *pois ao entrar no túmulo não encontraram o seu corpo* (Lc 24,3).

Perplexas, e tomadas de medo, ficaram sem saber o que estava acontecendo. Tudo um enigma que a razão humana, de então e de sempre, jamais conseguirá explicar! Eis, porém que em meio a esse silêncio desolador da razão humana, dois homens vindos do céu trazem a explicação: *“Porque estais procurando entre os mortos Aquele que está vivo? Ele não está aqui. Ressuscitou!”* (Lc 24,6). A notícia não podia ser mais alvissareira, melhor!

Por isso, Lucas, mais que o túmulo vazio, procura acentuar o contraste entre o vigor da Palavra de Jesus acolhida pelas mulheres e a incredulidade dos Apóstolos. Assim, primeiramente, dois anjos de Deus recordam às mulheres as palavras que Jesus havia pronunciado acerca

de sua morte: “*Lembrai-vos do que Jesus vos falou, quando ainda estava na Galileia: o Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia*” (Lc 24,7). É a recordação dessa Palavra do Senhor, acerca do sentido de sua Vida – a Cruz – que dá início ao processo de fé daquelas mulheres e de todos os crentes. Em contra partida, enquanto os Apóstolos não fizeram ou não quiseram fazer essa recordação tudo lhes parecerá um *devaneio*, uma ilusão. Por isso, não acreditaram.

A Ressurreição de Jesus, portanto, só pode ser entendida quando vista e acolhida em profunda união com toda a sua vida, como continuidade de tudo o que Ele anunciara e realizara antes, principalmente, suas exortações para que eles O seguissem, carregando sua Cruz, até o Gólgota. Fora desse mistério, o túmulo vazio continuará um enigma. Para aqueles, porém, que aceitam sua mensagem e a seguem, o túmulo vazio será o sinal da verdade final não apenas de Jesus, mas também de todos quantos creem Nele. Sinal que a morte se transforma em nova vida; que a Cruz em vez de derrota é vitória, é ressurreição!

Conclusão

A Vigília pascal não é apenas uma noite e a Páscoa um dia, um tempo de sete semanas ou de cinquenta dias, mas o dia de todos os dias, o tempo de todos os tempos, ou me-

lhor, o vigor do eterno fortalecendo a fugacidade de nossa temporalidade e a luz celeste iluminando as trevas das deserções e infidelidades de nossa caminhada diária. Enfim, é o Cristo peregrino, sempre passando pelos caminhos de nossa existência, de nossa história, como muito bem exclama o rito da preparação do Círio: “Jesus Cristo, ontem e hoje, Princípio e Fim, Alfa e Ômega”.

Segundo Bento XVI, o Filho do Homem compendia em si mesmo a terra e o céu, a criação e o Criador, a carne e o espírito. É o centro do universo e da história, porque nele se unem, sem se confundir, o Autor e sua obra (Cfr. VD 13).

Em tempos em que o niilismo grassa em quase toda a parte, proclamar que no “nada” – no sepulcro vazio – há um Senhor nobre que, em vez de dominar serve, sim, que serve não apenas todos os bens de que o homem necessita, mas, acima de tudo, serve-lhe sua própria Pessoa, seu próprio Corpo e Sangue como comida e bebida é, certamente, uma grande e Boa Notícia, um auspicioso Evangelho.

São Francisco rejubila com ou por causa desse mistério através deste Salmo do seu Ofício da Paixão, composto para o dia da Ressurreição:

Cantai ao Senhor um cântico novo * porque fez maravilhas.

A sua mão direita sacrificou * seu dileto Filho e seu braço santo.

O Senhor tornou notável sua salvação * e diante das nações revelou sua justiça.

Naquele dia, enviou o Senhor sua misericórdia * e à noite sua canção.

Este é o dia que o Senhor fez * exultemos e Nele nos alegremos.

Bendito o que vem em nome do Senhor * porque o Senhor Deus nos iluminou.

Alegrem-se os Céus e exulte a Terra, comova-se o mar e sua vastidão *

Alegrem-se os campos e tudo o que neles existe.

Trazei ao Senhor, ó famílias das nações, * trazei ao Senhor glória e honra, * trazei ao Senhor glória ao seu nome.



Domingo de Páscoa

Leituras: At 10,34ª,37-43; Cl 3,1-4; Jo 20,1-9

Tema-mensagem: Na Páscoa do Senhor, o princípio da nova criação, da nova humanidade e da nova história!

Introdução

Quando, diante da Cruz e da sepultura de Jesus, tudo parecia haver sucumbido; que a morte havia sepultado para sempre a vida, e o ódio tragado o amor sobre a face da terra, a auspiciosa surpresa: os Apóstolos e as mulheres viram o túmulo vazio. Lembraram-se, então, do que o Senhor lhes havia dito e creram que Ele *devia ressuscitar dos mortos!* (Jo 20,9). *A vida, arrancada, destruída, aniquilada na Cruz, despertou e voltou a palpitar* (R. Guardini).

1. O sepulcro vazio

Para a celebração da Missa da Páscoa, a Igreja proclama, todos os anos, o Evangelho de João, mais precisamente, o trecho que fala como os três discípulos que mais amavam Jesus – Maria Madalena, João e Pedro – vendo o sepulcro vazio, chegaram à fé da Ressurreição.

1.1. No primeiro dia da semana, o início da nova criação

À semelhança de Mateus e Lucas, também João começa a narrativa da Ressurreição assinalando que *No*

primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo de Jesus, bem de madrugada, quando ainda estava escuro e viu que a pedra tinha sido retirada do túmulo (Jo 20,1).

Há aqui um certo paralelismo proposital com o livro do Gênesis. Naquele, a Vida surgiu do nada; aqui, a nova Vida, a nova criação, surgiu do sepulcro vazio. Se lá, por detrás de cada criatura, está o poder criador de Deus, aqui está a mão poderosa do Pai que não abandona seu Filho querido, que morre entregando-se nos braços Dele.

A fé, porém, nesse mistério, não brotou de modo natural e espontâneo. Dizemos brotou porque na verdade ela já havia sido lançada como semente no coração daqueles discípulos, homens e mulheres. Tudo teve início com a graça do encontro, a partir do qual começaram a seguir -Lo, enquanto vivo carnalmente entre eles. Não fosse assim, Maria Madalena e os dois discípulos, citados nesse Evangelho, não teriam ido ao túmulo tão cedo, quando ainda estava tudo escuro. A semente da afeição, da fé, da confiança, da entrega, germinava em seus corações, sem o notarem e mais forte, justamente, agora, quando parecia ter desaparecido. Ela, Madalena, não consegue esquecer o como e o quanto fora acolhida, amada, perdoada pelo Mestre. Foi o calor, o fervor desta experiência – desta fé – que a levou até o túmulo.

A fé, porém, não é uma clareza de ideias, mas uma luz que cintila no meio da escuridão da noite de muitas incertezas, interrogações, dúvidas; no meio dos muitos medos e sofrimentos, e até mesmo de infidelidades. É o que o Evangelista parece dizer quando assinala que Maria foi ao sepulcro quando ainda estava escuro. A mensagem é muito transparente: a fé em Jesus Cristo ressuscitado, como já foi acentuado, não é algo de espontâneo e automático, como se bastasse ouvir o relato de sua Ressurreição nas catequeses, cursos e pregações. Como Madalena, precisamos, também nós, fazer nosso percurso para buscá-Lo em meio à escuridão de nossas dúvidas, incertezas, angústias e pecados. Sem o sofrimento dessa obra, a fé é morta, dirá posteriormente o patriarca dos Apóstolos São Tiago (Cfr. Tg 2,14-26).

Assim, de repente, tudo se vira pelo avesso: o extremo abandono é, na realidade, a plenitude da presença do amor; a profunda solidão converte-se em unidade universal e total. No momento em que parece desamparado, está mais do que nunca identificado com o querer divino, transparente ao Pai. Nessa fraqueza sem fim, Jesus se acha, sem reserva, “entregue” ao poder do Pai, totalmente aberto ao ato criador da Ressurreição (Harada).

Tem início, enfim e assim, a nova e definitiva Páscoa de Jesus, do homem novo, da criação nova e de toda a história.

Falando desse princípio, assim se expressou São João Paulo II:

O fato de Cristo «ter ressuscitado ao terceiro dia» constitui o sinal que indica o remate da missão messiânica, o sinal que coroa toda a revelação do amor misericordioso no mundo, submetido ao mal. Tal fato constitui, ao mesmo tempo, o sinal que preanuncia «um novo céu e uma nova terra», quando Deus «enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não haverá mais morte, nem pranto, nem gemidos, nem dor, porque as coisas antigas terão passado» (*Dives in Misericordia*, 8).

Em Jesus Ressuscitado revela-se o Homem novíssimo, definitivo, escatológico. De Jesus Ressuscitado vale o mesmo que foi dito do Jesus Crucificado: *Ecce Homo!* O Ressuscitado é o mesmo Crucificado, o mesmo Encarnado. É o Homem! Jamais devemos esquecer que, no coração da nossa fé na Ressurreição, está um Crucificado, um chagado que se fez o pecado da humanidade ao qual o Pai deu seu Sim.

O *Ecce homo* de Pilatos – “Olhai o homem” – foi tomado por Deus, julgado por Deus e por Deus despertado

à nova vida! Olhai o Ressuscitado! Em Jesus Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, a humanidade se tornou nova. O que aconteceu a Cristo aconteceu a todos, porque ele era o homem. O homem novo foi criado: “Eis o Homem!” (D. Bonhoeffer).

1.2. Para crer é preciso ver?

Para testemunhar o mistério da Ressurreição de Jesus, João se utiliza do verbo “ver”. Para ele crer é ver. Nossa língua, porém, se mostra um tanto pobre para indicar ou expressar o processo da fé. Todo ele é resumido com o único verbo: crer. No original grego, porém, esse processo vem apresentado com três verbos diferentes.

Primeiramente, temos o ver de Madalena. Ela *vê que a pedra fora retirada do túmulo*. Também o discípulo amado, o próprio evangelista João, *vê as faixas deitadas ali* (Jo 20,5). “Ver”, aqui, em grego, é *blépein*: olhar, ver, no sentido de descobrir a coisa, assim como ela se apresenta em sua visibilidade imediata: uma cadeira, uma flor, uma casa, por exemplo. No caso, eles viram o sepulcro vazio e nada mais.

Pedro, porém, chega e entra no sepulcro. Certamente, também ele, num primeiro momento, vê como Madalena e João. Mas, logo em seguida, com um olhar mais atento, observa as faixas que envolveram o corpo de Jesus e o pano que cobrira sua

cabeça, enrolado à parte. Para este olhar ou ver de Pedro, agora e aqui, o grego usa o verbo *theorein*. Trata-se de um olhar que vê mais que o visível imediato. Ou seja, vê que o sepulcro vazio escondia uma realidade então desconhecida, misteriosa, que precisa ser investigada, analisada.

Depois de Pedro, é a vez do discípulo amado entrar no sepulcro. *Ele viu e creu* (Jo 20,8). Agora, para esse ver, a língua de Homero usa o verbo *ideîn*, que significa: perceber, captar o aspecto essencial (*eidôs*: ideia), o coração de alguma coisa; é ter a evidência essencial do fato, da realidade. É ver o visível no invisível e o invisível no visível. Na verdade, esse ver é fruto da graça do encontro. Nesse momento é que se dá o conhecimento, no sentido de “conascimento”, de nascer com e de novo: a conversão, a virada.

Por isso, diz a narrativa: *Com efeito, eles ainda não tinham compreendido a Escritura segundo a qual Jesus devia ressuscitar dentre os mortos* (Jo 20,9). A dificuldade de crer na Ressurreição de Jesus, da parte dos discípulos, só mostra que estamos diante de um evento extraordinário, fora do poder do homem e das leis da natureza.

2. A Fé, em vez de provas, exige testemunho (At 10,34^a.37-43)

A primeira leitura da Missa de hoje, tirada dos Atos dos Apóstolos, nos coloca diante do querigma cristão, do primeiro anúncio dos Apóstolos

los, que brota da graça do encontro com o ressuscitado. Anúncio que não é apenas uma informação, mas o testemunho fervente e fervoroso do novo sentido da humanidade, que nasce a partir do encontro com o Homem novo e definitivo, que é Jesus Cristo ressuscitado. Pois, aquele Jesus de Nazaré, que eles, os judeus, haviam crucificado, *foi ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder: Ele andou por toda a parte, fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo demônio; porque Deus estava com Ele* (At 10,38).

Há uma correlação muito significativa entre o testemunho do Pai por parte de Jesus e o testemunho de Jesus por parte dos Apóstolos. Assim como Jesus, a partir daquele inaudito encontro com o Pai, no Batismo do rio Jordão, em toda sua vida, principalmente na cruz, passou dando testemunho do poder e do amor do Pai; agora, os Apóstolos fazem o mesmo em relação a Jesus Cristo. Por isso, a insistência de Pedro em afirmar, por três vezes, que eles, os Apóstolos que comeram e beberam com Jesus, foram escolhidos e ordenados por Ele e ungidos pelo seu Espírito, para serem suas testemunhas. Testemunhas de tudo quanto os homens fizeram a Ele – pregando-o na cruz – mas, acima de tudo o quanto Deus fez por Ele, ressuscitando-o ao terceiro dia. Por isso, *todo aquele que crê em Jesus recebe, em seu nome, o perdão dos pecados* (At 10,43). Sempre é bom acentuar de novo que pecado, na Sagrada Escritura, não se refere apenas a atos

morais, mas àquela atitude de querer viver a partir de si, sem Deus e sem os outros.

3. Uma vida escondida que precisa ser buscada (Cl 3,1-4)

Na segunda leitura de hoje, Paulo, falando aos colossenses, volta a insistir numa de suas mensagens preferidas acerca da vida de um cristão: *Se ressuscitastes com Cristo, esforçai-vos por alcançar as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Aspirai as coisas celestes e não as terrestres* (Cl 3,1).

Quem nos ajuda a compreender como se dá a Ressurreição de Cristo em nossa vida, já agora, neste mundo, é mestre Eckhart¹⁶. Segundo ele, muitos cristãos ressuscitam só pela metade. Refere-se a quem orgulhosamente se envaidece na busca de uma única virtude e não às demais. Essas pessoas não entendem a comunhão das virtudes: que todas se inerem necessariamente uma na outra.

Quem sabia bem disso é São Francisco. Ele diz: *Não há, em absoluto, homem algum no mundo que possa ter uma de vós (as virtudes) sem que morra primeiro. Quem tem uma e às outras não ofende, a todas possui. E quem a uma ofende, nenhuma possui e a todas ofende* (SV 5-7). Da mesma forma, também Mestre Eckhart insiste que é preciso que o

16 Sermão 35. Mestre Eckhart. *Sermões Alemães*. Volume 1. Petrópolis / Bragança Paulista, 2006, p. 208-211.

homem ressuscite inteiramente, isto é, segundo e seguindo a dinâmica das virtudes como um todo.

Segundo Eckhart, ressuscita inteiramente, e de modo perfeito, aquele que se reergue e caminha não mais a partir de suas forças pessoais, mas do vigor da alegria e da gratuidade do encontro ou do encontro com a gratuidade, que se dá em e com Cristo. Quem ressuscita assim, diz Eckhart, não pode jamais morrer. Sua Ressurreição é irreversível. E, chega a apontar três sinais que revelam esse nível ou grau de Ressurreição. O primeiro aparece quando a pessoa se empenha na busca das coisas do alto, do Reino de Deus; o segundo, quando ela encontra sabor nestas coisas e, terceiro, quando as coisas terrenas não lhe apeteçam mais. É como acontece com um bom enólogo. Depois que aprendeu a saborear os melhores vinhos, não consegue mais apreciar vinhos de segunda ou terceira categoria.

Paulo gosta de contrapor sempre o ressuscitar com o morrer: ressuscitar com Cristo, o homem novo, e morrer ao velho homem – Adão; a nova criação oposta à antiga, o homem velho, ao homem novo. O primeiro nasceu de baixo, da carne, da terra, enquanto que o segundo, o novo, nasceu do alto, do céu, do espírito. Por isso, enquanto o primeiro vive a partir da lei, do merecimento, o novo vive da graça do encontro, da fé, da entrega, da doação, do amor. Em suma, Paulo expõe para os cristãos o caminho de luta que ele percorreu e travou arduamente: morrer ao velho homem,

dominado pelo pecado do egocentrismo – simbolizado pela observância da lei e das tradições humanas – para que das cinzas de seu egoísmo surja, qual incandescente fênix, o homem novo, aberto, cheio de comunhão e comunicação.

Por isso, insiste: *vossa vida está escondida, com Cristo, em Deus. Mas, quando Cristo, nossa vida, aparecer, então também nós iremos aparecer com ele na glória* (Cl 3,3-4). A mesma vida, que agora germina em graça, florescerá e esplenderá em glória.

Conclusão

A Páscoa é uma nova Encarnação de Jesus como também uma nova crucificação. Se antes esses dois mistérios se deram no corpo, na carne, no tempo, agora se dão no espírito. Por isso, eles são espirituais, universais e eternos, como Ele mesmo havia prometido: *Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo* (Mt 28,20).

Por isso, a Páscoa não é um dia, mas um estado de alma, de espírito que deve atualizar-se em nós e por nós, todos os dias e em todas as situações. Mas, para isso é preciso que olhemos *para além do sol*, diz nosso Papa Francisco. Pois,

Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos o próprio Jesus: ‘Eu renovo todas as coisas’ (Ap

21,5). Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é seu Criador. Caminhemos cantando que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem

a alegria da esperança (LS 243-245).

E, concluindo, o Papa nos recorda que a Páscoa é, acima de tudo, uma presença:

No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Ele se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado! (idem).



***Mysterium Paschale* (Mistério Pascal)**

À semelhança dos raios de um grande sol, muitas são as manifestações ou mistérios que envolvem e perfazem o grande Mistério de Cristo, como se pode ver, por exemplo, na reza do santo Rosário. No entanto, tudo e todos convergem para o *Mysterium Paschale* (Mistério Pascal). Ou seja, o Mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, iniciado no mistério de sua Encarnação, é o sumo da Suma Obra de Deus. Hoje, no oitavo dia da Páscoa, como em todos os Domingos, até o Pentecostes, a Igreja continua a debruçar-se sobre esse mistério.

D. Bonhoeffer, numa carta a Ebehard Bethge (11 de abril de 1944), escrevia:

*Há muito tempo, gosto particularmente do período que intercorre entre a Páscoa e a Ascensão. Também nesse tempo há uma grande tensão. De que modo os homens podem suportar bem as tensões terrenas, se não sabem nada da tensão existente entre o céu e a terra?*¹⁷.

17 BONHOEFFER, D. *Lo straordinario si fa evento: croce e risurrezione*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 108.



2º Domingo da Páscoa (da Divina Misericórdia)

Leituras: At 5,12-16; Ap 1,9-11ª.12-13.17-19; Jo 20,19-31

Tema-mensagem: Do toque nas chagas do Senhor crucificado-ressuscitado, frestas da Divina Misericórdia, nascem a Fé e a Paz do cristão!

Introdução

A Igreja continua celebrando seu Mistério maior: a Morte e Ressurreição do seu Senhor. Na aparição que Jesus faz aos Apóstolos, neste Domingo, está presente também o não crente, crítico e exigente Tomé. Jesus pede-lhe para que toque em suas chagas; que não seja infiel, mas homem de fé. É a compaixão, a misericórdia, vindo ao encontro do homem em sua miséria e fragilidade. Por isso, esse Domingo é também chamado “Domingo da Divina Misericórdia”.

1. Na Igreja nascente, o prolongamento da ação salvadora de Jesus ressuscitado (At 5,12-16)

Na primeira leitura encontramos o terceiro resumo de Lucas referente à Igreja nascente, mais precisamente, de sua difusão e crescimento.

Lucas gosta de mostrar que há uma ligação muito profunda e íntima entre a Vida Apostólica de Jesus (sua mensagem, estilo de vida, curas dos

doentes e perdão aos pecadores) com o que está acontecendo na então Igreja nascente. É como se quisesse dizer: Vejam! O que Jesus fez e pregou está acontecendo nessa Comunidade dos primeiros cristãos. Ou seja, a Pessoa viva de Jesus, com sua Boa Nova, está presente e se difundindo mundo afora através das pequenas Comunidades de cristãos. Assim, como outrora com Jesus, também agora *muitos sinais e maravilhas eram realizados entre o povo pelas mãos dos Apóstolos* (At 5,12). Muitos doentes e pessoas atormentadas por maus espíritos eram curados pela palavra e pela simples presença dos Apóstolos. Tudo muito semelhante, quase igual, ao que acontecera com Jesus quando ainda vivia corporalmente entre eles.

Mas, o sinal mais expressivo de que Jesus estava vivo no meio daquela comunidade era, certamente, a união entre seus membros: *Todos os fiéis se reuniam com muita união* (At 5,12). Era a expressão mais concreta do cumprimento do mandamento maior que Jesus lhes havia dado: *“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”* (Jo 13,34). E se *nenhum dos outros ousava juntar-se a eles* (At 5,13) não era, evidentemente, por motivos belicosos ou de desprezo, mas, justamente, ao contrário: uma grande estima e admiração, nascidas das maravilhas que todos podiam ver

e admirar. “Todos intuía[m] que algo de extraordinário, uma força misteriosa estava conduzindo, transformando e animando aquelas pessoas simples, humildes, iletradas. Era assim que se dava e deveria dar-se sempre e em toda a parte a evangelização. O vigor do acolhimento do espírito de Jesus ressuscitado, por parte dos Apóstolos, era tão amoroso e diligente que até sua sombra realizava curas e conversões (Cfr. At 5,13).

2. Do amor misericordioso, mais forte do que o pecado e a morte (Jo 20,19-31)

Mais que em outros tempos, o Tempo da Páscoa nos revela como, a partir da Ressurreição, o mistério da misericórdia e da paz do Cristo Crucificado começa a se expandir e a ganhar corpo no coração das pessoas, começando pelos Apóstolos. Essa maravilha é celebrada hoje através do conhecido Evangelho de Tomé, o Dídimos.

2.1. O mistério da misericórdia veio para ficar

O Evangelho de hoje leva-nos para dentro do coração dos Apóstolos. A narrativa começa dizendo que ao *anoitecer daquele dia, o primeiro da semana* (Jo 20,19), por medo dos judeus, os Apóstolos estavam fechados e trancados dentro de casa. O motivo é muito claro: se os maiores de Jerusalém fizeram tudo aquilo com o mestre, com certeza, aos poucos, fa-

riam o mesmo com eles, seus seguidores.

Contudo, além do medo, havia também o desânimo, a frustração, a desorientação. Tudo o que esperavam, não apenas deixou de acontecer, mas, o que foi bem pior, saiu pelo contrário. Sobre aquele, pelo qual haviam ababadando tudo e nele haviam posto toda sua confiança, esperando que se tornasse o rei de Israel e viesse a conceder-lhes altos e importantes cargos, caiu a vergonhosa e ignominiosa condenação à morte de Cruz.

Porém, um raio de luz, de esperança e de jovialidade, tinha raído: uma insignificante testemunha, uma mulher, Maria Madalena, anunciava que o sepulcro estava vazio e que o Senhor lhe teria aparecido. Tudo tão improvável e incrível, tão inusitado, que parecia inacreditável, impossível.

No entanto, a força do mistério pascal acaba com todas as portas fechadas. Jesus veio e pôs-se no meio deles para cumprir sua promessa: *“Não vos deixarei órfãos, eu voltarei para vós. Ainda um pouco e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis vivo, e também vós vivereis”* (Jo 14,18-19). Para João, “aquele dia”, significa o último dia, dia que começa com a Ressurreição de Cristo e vai até o fim dos tempos; dia que é repetido (pedido, buscado de novo) a cada primeiro dia da semana, o Domingo, o “Dia do Senhor”, o “Dia eterno”, o “Dia de todos os dias”.

Assim, Jesus, pondo-se no meio deles, como o fizera tantas vezes, os saúda: *“A paz esteja convosco!”* É

como se lhes dissesse: não fiquem atordoados, alarmados, desesperados; que cessem as dúvidas em vossos espíritos e sejam banidos de vossos corações os temores e os medos. E, para confirmar que era Ele mesmo, o Crucificado, e que a Cruz em vez de desgraça era uma graça, em vez de desventura uma bênção. E, como sinal de que Ele estava bem, salvo e em paz, mostra-lhes *as mãos e o lado*. Isto é: este que lhes fala é o mesmo que por eles se deixou crucificar, aquele cujas mãos e pés foram trespassados pelos cravos, aquele cujo lado foi aberto pela lança. O Ressuscitado é o Crucificado mesmo, em “carne e osso”. É o Filho de Deus encarnado, a misericórdia encarnada. Ele está vivo! É o vencedor, o homem (*Ecce Homo!*) e não uma fantasia. Então, por que temer?

Fazendo eco a essa Boa Nova, o Papa Francisco disse na bênção “*Urbi et Orbi*” da Páscoa de 2020: *O Ressuscitado é o Crucificado; não outra pessoa. Indeléveis no seu corpo glorioso, traz as chagas: feridas que se tornaram frestas de esperança. Para Ele voltemos nosso olhar para que sare as feridas da humanidade atribulada!*

2.2. Com a Misericórdia, a Paz e a Missão

Jesus, então, pela segunda vez, insiste: “*A paz esteja convosco!*” Era necessário repetir para confirmar o que estavam vendo, e assim pudessem crer no que estava acontecendo. Ou seja, assim como Ele estava na

paz no meio dos opróbrios da cruz, eles também, em suas perseguições e tribulações, seriam envoltos pela graça do mesmo mistério: a misericórdia acolhida do Pai. Era preciso, pois, que cressem Nele: que Ele, em vez de abandonado, fora salvo, acolhido pelo Pai. Por isso, a paz que nasce desse reencontro Dele com o Pai – em vez da fragilidade da paz estabelecida pelos homens e pelo mundo – é duradoura, eterna e para todos, universal. É essa paz que agora Ele veio conceder-lhes.

À confirmação da paz, segue a confirmação da vocação e da missão apostólica: “*Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio*” (Jo 20,21). Ele cumprira sua missão. Agora, chegara a vez deles. Se até então fora o tempo Dele, agora estava se iniciando o tempo e a missão deles, da Igreja. A presença Dele, com as gloriosas chagas, é sinal claro de que o caminho de todos os seus seguidores não será outro senão o da santa Cruz; que também eles deverão segui-Lo no meio de tribulações, ódios e perseguições; que também eles, animados pela mesma fé Dele no Pai, saberão ou aprenderão a ser portadores e construtores da Paz (Cfr. São Francisco, Admoestação 27).

Foi por isso, e para isso, que *soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo! A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados! A quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos!”* (Jo 20,22-23). Trata-se, aqui, do Espírito Santo que foi liberado da Cruz, na hora de seu último respi-

ro, para ser infundido sobre a Igreja. Agora, o Crucificado, ressuscitado, sopra esse mesmo Espírito sobre seus Apóstolos para que eles, por sua vez, comuniquem o sopro da misericórdia divina a todos os homens, cuja expressão máxima é a remissão dos pecados em toda a terra.

Entretanto, Deus jamais arromba a porta da liberdade humana. Mas, estará sempre esperando que ela se abra, para poder entrar e celebrar o banquete do amor que nasce da cruz.

2.3. Tomé, o Dídimo

A segunda parte do Evangelho, narra o famoso episódio de Tomás ou Tomé, chamado de “Dídimo”. O objetivo da narrativa é muito claro e específico: ajudar os que não viram o Cristo ressuscitado a aderir ao testemunho dos que O viram. “Dídimo” significa “duplo”. E “duplo” aqui pode ter dupla interpretação. Uma negativa e outra positiva.

Negativamente, Tomé é duplo pela dúvida, que é sinal de incredulidade, isto é, de fraqueza, de infidelidade; positivamente, é “duplo” pela fé, isto é, pelo seguimento de Cristo. Tomé fora duplo pela dúvida, pelo medo. Mas, num segundo momento, e isto é o que mais importa, pela fé recupera sua unidade interior em seu Mestre e Senhor, tornando-se, assim, um duplo de Cristo, algo assim como um “gêmeo” (Dídimo) de Cristo, igual a Ele. Ou seja, pelo seguimento Dele se fez conforme a Ele, até o martírio.

Tomé é, pois, um belo exemplo do processo da fé. Ele queria acreditar, mas não podia. O que seus companheiros narravam era extraordinário demais, inusitado demais, inesperado demais, para que ele aderisse com todo seu ser, com todo seu coração. Tomé, pelo menos, era sincero. Não era dado a uma credulidade imatura. Queria medir-se com a verdade. Era exigente e crítico. A veracidade, e a busca pela verdade real e pela realidade verdadeira, era uma virtude de Tomé. Por isso, dizia: *“Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos, se eu não enfiar meu dedo no lugar dos cravos e não enfiar minha mão no seu lado, não acreditarei!”* (Jo 20,25). Tomé não é o homem da banalidade do cotidiano. Não é o homem que se entrega ao que “ouviu dizer” e às aparências e pareceres humanos quaisquer. É um homem que busca a verdade. Ele exige algo atestável, justificado, fundamentado. Tomé, porém, se engana numa coisa. A verdade última não se submete ao critério e à medida do homem. Para alcançar a verdade última, o contrário é que precisa acontecer: o homem precisa abrir-se e vincular-se a ela, sabendo que ela o ultrapassa, o transcende. Tomé dá esse passo quando vai além da exigência crítica do verdadeiro à confissão da verdade; confissão que é experiência da verdade última. É o homem que deixa ser a verdade enquanto verdade; que procura não estar de posse, mas na posse da verdade, deixando-se possuir por ela.

Foi o que, então, aconteceu. Assim, dizia o Papa Francisco, na mesma mensagem, mencionada acima: *nesta festa da Divina Misericórdia, o anúncio mais encantador chega através do discípulo mais atrasado. Só faltava ele, Tomé. Mas, o Senhor esperou por ele. A misericórdia não abandona quem fica para trás.* Por isso, oito dias depois, Jesus aparece de novo no meio dos Onze e, novamente, os saúda desejando-lhes a paz. E, então, faz-lhe o convite: *“Tomé, aproxima o teu dedo aqui e olha as minhas mãos!”* (Jo 20,27). A ele seria dada a graça de não somente reconhecer o Senhor, isto é, o homem Jesus que ele seguira desde a Galileia, mas também de penetrar na profundidade do abismo do coração do próprio Deus. Ao enfiar sua mão na pleura de Cristo, aberta pela lança, pôde ver, sentir e provar quão profunda e próxima é sua misericórdia.

O Papa Francisco comenta:

Voltemos aos discípulos... Durante a Paixão, tinham abandonado o Senhor e sentiam-se em culpa. Mas Jesus, ao encontrá-los, não lhes prega um longo sermão. A eles, que estavam feridos por dentro, mostra suas chagas. Tomé pode tocá-las, e descobre o amor: descobre quanto Jesus sofrera por ele, que O tinha abandonado. Naquelas feridas, toca, com a mão, a terna proximidade de Deus. Tomé, que chegara atrasa-

do, quando abraça a misericórdia, ultrapassa os outros discípulos: não acredita só na Ressurreição, mas também no amor sem limites de Deus. E faz a profissão de fé mais simples e mais bela: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28). Eis a Ressurreição do discípulo: realiza-se quando sua humanidade, frágil e ferida, entra na de Jesus. Aqui, dissolvem-se as dúvidas; aqui, Deus torna-Se o meu Deus; aqui, recomeça a aceitar-se a si mesmo e a amar a própria vida (Homilia do Papa Francisco, 19 de abril de 2020).

Os Padres da Igreja alegram-se com a ausência e com a dúvida de Tomé. São Gregório Magno, por exemplo, diz algo assim: quando o discípulo incrédulo (leia-se: infiel) apalpava as feridas do Mestre, eram curadas em nós as feridas de nossa própria incredulidade (leia-se: de nossa própria infidelidade). A incredulidade é sempre uma cegueira. Não somos capazes de ver o invisível do visível. No caso de Tomé, e de cada um de nós, a incredulidade sempre impede que vejamos a imensidade do amor misericordioso de Cristo. Mas, Cristo não se deixa vencer por essa cegueira de seu amado discípulo. Por isso, permite-lhe um gesto de profunda intimidade: *“Vem, Tomé, põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a*

no meu lado. E não sejas incrédulo, mas fiel!” (Jo 20,27). Poderia haver gesto mais condescendente e misericordioso do que esse!?

Tudo isso, para nosso bem, diz o mesmo Gregório Magno, pois a incredulidade de Tomé foi mais proveitosa a nós do que a credulidade de todos os outros discípulos juntos. Isso, porque sua incredulidade tornou-se ocasião para nós depormos nossa dúvida, isto é, nossa divisão de alma no seguimento de Cristo, para confirmar nosso espírito no amor uno do Mestre. Tanto a Tomé, como a nós, o Senhor faz questão de exibir suas chagas. Assim, podemos ver que tanto elas como sua cruz, em vez de vergonha ou ignomínia, segundo Santo Agostinho, são marcas da dignidade do combatente; que, apenas aparentemente foi derrotado, pois sua derrota transmutou-se em vitória, sua morte tornou-se a morte da morte, a negação da negação.

Ao ver e tocar o Senhor, Tomé consuma agora seu seguimento, que iniciara na Galileia, com este ato de fé: “*Meu Senhor e meu Deus!*” (Jo 20,28). O alcance desse ato de fé, porém, ultrapassa todos os limites de espaço e de tempo. Pois, logo em seguida, o Senhor mesmo acrescenta: “*Porque me viste, creste; bem-aventurados os que não viram e, contudo, creram!*” (Jo 20,29). Gregório Magno, com alegria, diz que nós estávamos compreendidos nessa bem-aventurança. Essa bem-aventurança nos pertence! Não pertence aos Apóstolos! Nós somos, pela fé, os que não

viram e creram. Claro, desde que a nossa seja verdadeira fé, não banal credulidade; desde que seja entrega, envolvimento e engajamento de toda nossa vida, no amor e no seguimento de Cristo, e não mera adesão a uma doutrina ou visão de mundo. Fé é, sempre, uma visão do invisível. Vê sempre demais, não vê de menos. Agostinho, por sua vez, nota que Cristo fala no pretérito, mas se refere ao futuro. Ou seja, por mais incrível que pareça, a maior bem-aventurança do seguimento de Cristo é oferecida mais a nós, que cremos sem termos visto, do que aos Apóstolos, que puderam vê-lo e tocá-lo em seu corpo com suas santas chagas.

Como eco à fé de Tomé, a Tradição franciscana apresenta aquele famoso *fioretto* no qual o sábio, rico e nobre Bernardo, desejoso de descobrir o segredo da nova vida de Francisco, convida-o a passar a noite com ele. Após o jantar, vão repousar, mas, ambos fingem estar dormindo. Francisco para esconder e Bernardo para descobrir o segredo. Assim, quando Francisco julgou que Bernardo estivesse dormindo, levantou-se, e:

com a face voltada para o céu, as mãos e os olhos elevados para Deus, todo atenção e fervor abrasado, orava com toda a devoção, dizendo: ‘Meu Deus e Tudo!’ E com tantas lágrimas repetia ao Senhor essas palavras e com tanta insistência devotamente as renovava que, até o amanhecer, não dizia

outra coisa senão: ‘Meu Deus e Tudo!’ Essas coisas dizia, pois, São Francisco, admirando a excelência da majestade divina que se dignava condescender com o mundo periclitante e se dispunha a lhe providenciar um remédio de salvação através dele mesmo. Por isso, invocava o Senhor, não dizendo outra coisa, a noite toda, senão ‘Meu Deus e Tudo’ (Atos 1).

3. O Vivente, Jesus Cristo ressuscitado, em figura de Filho do Homem (Ap 1,9-11a.12-13.17-19)

A segunda leitura é do Apocalipse, livro no qual, através de São João, Jesus faz a auto revelação de sua identidade de ressuscitado-glorificado. No trecho de hoje temos a primeira dessas revelações e, certamente, a mais importante de todas. O momento em que acontece essa revelação é de medo. Os cristãos estavam passando por duras perseguições externas. É para responder a essa angústia, companheira de jornada dos cristãos de todos os tempos, que João tem a graça dessa revelação.

Primeiramente, convém que sintamos a alma de João: *eu João vosso irmão e companheiro na tribulação e também no reino e na perseverança em Jesus...* (Ap 1,9). João se sente irmão e companheiro, não apenas dos mem-

bros da comunidade, mas, também de Cristo, comungando de sua tribulação (cruz), de seu reino (serviço-ágape) e de sua perseverança (paciência).

Vem, então, a narrativa do famoso êxtase de João. Ele se dá *no dia do Senhor*, isto é, no dia da glorificação e identificação maior do Senhor: o Domingo, Dia da Ressurreição. É o dia da grande revelação: viu *alguém semelhante a um “filho do homem”, vestido com uma túnica comprida e com uma faixa de ouro em volta do peito* (Ap 1,13).

Jesus aparece como “Filho do Homem”, porque Ele é o novo Adão, o Homem de todos os homens, de toda a Humanidade. Assim, em Cristo, todos os homens estão revestidos, com Ele e como Ele, com os atributos do Sumo sacerdote e do Rei dos reis. Além do mais, Ele é apresentado como Deus: o Primeiro e o Último, isto é, o Vivente, aquele que não tem a vida porque Ele é a Vida; aquele que está na origem e no fim de tudo e de todos e que veio para comunicar sua nova vida de ressuscitado a todos os viventes desse mundo mortal. Por isso, termina proclamando: *Eu tenho a chave da morte e da região dos mortos* (Ap 1,18). Por tudo isso, os cristãos daquelas comunidades joaninas e de todos os tempos, a exemplo do “Filho do Homem”, em vez de temer deviam perseverar confiantes no meio das tribulações do dia a dia. O que está acontecendo e vai acontecer depois se transformará em glorificação, através da perseverança na cruz de cada dia.

Conclusão

A celebração do “Domingo da Paz” ou “Domingo da Divina Misericórdia” leva-nos a importantes conclusões, tanto em relação à vida fraterna, comunitária, como em relação à nossa missão “ad extra”, para fora.

Quanto à primeira, vale a pena meditar essa consideração do pastor Bonhoeffer: *toda comunhão cristã há de saber que não apenas os fracos necessitam dos fortes, mas que também os fortes necessitam dos fracos. A exclusão dos fracos é a morte da comunidade* (Bonhoeffer, Dietrich, *A Vida em Comunhão*, pág. 65).

Assim, as chagas de Jesus são as credenciais do amor tresloucado de Deus, de sua misericórdia para conosco. Por isso, o fiel seguidor de Cristo além de carregar sua Cruz em seu peito, além de expô-la na parede de suas casas e igrejas, batalhará para, a exemplo de São Francisco e de seus companheiros, trazê-la e gravá-la em sua alma e em sua vida, como falam suas Legendas: *Carregando a cruz no vestir e no comer, e em todos os seus atos, desejavam mais os opróbrios de Cristo do que as vaidades do mundo e as lisonjas enganosas; por isso, alegravam-se pelas injúrias e entristeciam-se pelas honras* (Atos 4).

É preciso que nos entreguemos a Cristo com nossa inteira realidade humana, sobretudo com nossa fraqueza e miséria. É o que nos lembra

um diálogo reportado por Santa Faustina com Jesus, diálogo esse recordado pelo Papa Francisco:

À Santa Faustina disse Jesus: «Eu sou o amor e a misericórdia em pessoa; não há miséria que possa superar minha misericórdia» (Diário, 14/IX/1937). Outra vez, quando a Santa confidenciava feliz a Jesus que Lhe oferecera toda a sua vida, tudo o que tinha, ouviu Dele uma resposta que a surpreendeu: «Não me ofereceste aquilo que é verdadeiramente teu». Que teria, então, guardado para si a santa freira? Diz-lhe amavelmente Jesus: «Filha, dá-me a tua miséria» (Diário, 10/X/1937). Podemos, também nós, interrogar-nos: «Dei a minha miséria ao Senhor? Mostrei-Lhe as minhas quedas, para que me levante?» Ou há algo que conservo ainda dentro de mim? Um pecado, um remorso do passado, uma ferida que trago dentro, rancor contra alguém, mágoa contra uma pessoa em particular... O Senhor espera que Lhe levemos nossas misérias, para nos fazer descobrir sua misericórdia.



3º Domingo da Páscoa

Leituras: At 5,27b-32.40b-41; Ap 5,11-14; Jo 21,1-19

Tema-mensagem: Da Eucaristia para a Missão e da Missão para a Eucaristia, pois assim como a Eucaristia faz a Igreja, a Igreja faz a Eucaristia.

Introdução

Dentro do objetivo do Tempo pascal de celebrar os principais mistérios da Paixão e Ressurreição de Cristo, o Domingo de hoje nos leva a contemplar o mistério da missão, intimamente ligado à Eucaristia, ao amor; ou, se quisermos, da eucaristia, do amor intimamente ligados à missão. Tudo isso, envolvido pela conhecida e admirável pesca que Pedro fez, sob a ordem de Jesus.

1. Testemunhas da Ressurreição (At 5,27b-32.40b-41)

A primeira leitura, tirada dos Atos dos Apóstolos, começa assim: *Naqueles dias, os guardas levaram presos os Apóstolos e os apresentaram ao sinédrio* (At 5,27). Sucede-se, então, uma tensa altercação. O sumo sacerdote, irritado, acusa os Apóstolos porque, ao contrário do que lhes havia proibido, estavam enchendo a cidade de Jerusalém com o anúncio da Ressurreição. Daquele que eles – os sumos sacerdotes – haviam mandado matar, pregando-o numa cruz.

Pedro, então, liderando o grupo, responde que *é preciso obedecer a Deus, antes que aos homens* (At 5,29) e que eles eram testemunhas de tudo aquilo, não a partir deles, mas do Espírito de Jesus que fora derramado sobre eles. Então, depois de açoitados mais uma vez, foram proibidos que falassem em nome de Jesus. A narrativa termina com esta bela conclusão: *Os Apóstolos saíram do conselho, muito contentes, por terem sido considerados dignos das injúrias, por causa do nome de Jesus* (At 5,41).

O contraste entre os maiores de Jerusalém e os Apóstolos acerca do apreço de Jesus é gritante. Para os primeiros, cheios de desdém, Jesus não passa de um desprezível “esse homem!” Para os Apóstolos, porém, Jesus é *“aquele que Deus, por seu poder, exaltou, tornando-o guia supremo e Salvador, para dar ao povo de Israel a conversão e o perdão dos seus pecados”* (At 5,31).

Estamos diante da essência do querigma cristão: o vigor, o fogo, o entusiasmo, a alegria do reencontro dos Apóstolos com Jesus Cristo crucificado-ressuscitado, vivo no meio deles e que, movidos pelo Espírito Santo, se sentem honrados de dar testemunho da sua presença. Aquele “homem”, que os sumos sacerdotes haviam crucificado como inimigo de Deus e do Povo, estava começando a fazer história. Não está morto! Não

é nenhum fantasma e, muito menos, uma fantasia. Toda cidade estava falando de Jesus, graças à pregação e o testemunho deles, os Apóstolos. Era o reconhecimento e a glorificação de Jesus, mas também, de um lado, a perseguição de seus seguidores, antigos e novos e, por outro lado, a condenação daqueles que haviam levado Jesus à morte de cruz. Pois, aquilo que parecia uma derrota passou a ser uma vitória, uma morte-vida.

Eis o primeiro anúncio – o querigma – do qual nasce a Igreja, a nova humanidade, a nova criação. “Primeiro”, aqui tem o sentido de fonte, origem, princípio para o qual se deve voltar sempre de novo. Acerca da importância deste querigma assim se expressa nosso Papa Francisco: *Como gostaria de encontrar palavras para encorajar um estado evangelizador mais ardoroso, alegre, generoso, ousado, cheio de amor até ao fim e feito de vida contagiante! Mas, sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arder nos corações o fogo do Espírito* (EG 261).

Acerca desse princípio, lemos de São Francisco: *Depois disso, começou a pregar a todos a penitência, com grande fervor de espírito e alegria da alma, edificando os ouvintes com a linguagem simples e a nobreza de coração. Sua palavra era um fogo devorador, que penetrava no âmago do coração e a todos enchia de admiração* (1C 23).

2. Na Missão a Eucaristia e na Eucaristia a Missão (Jo 21,1-19)

O mistério de Cristo, celebrado nesse Domingo com uma nova aparição de Jesus ressuscitado, se desenvolve em três momentos bem distintos, mas todos interligados pela missão de apascentar suas ovelhas confiadas por Jesus ao amor de Pedro, ao amor da Igreja.

2.1. As duas pescarias

No primeiro momento, encontramos as duas pescarias. Na primeira houve frustração total, pois apesar de terem labutado a noite toda não pescaram nada. Na segunda, ao contrário, feita ao amanhecer e num curto espaço de tempo, nem conseguiam arrastar a rede para fora por causa da quantidade de peixes. O que significam tais pescarias e a que se deve tal diferença?

A tradição cristã sempre considerou a pescaria, nos textos e na linguagem evangélica, como imagem da obra evangelizadora de Jesus e da Igreja. Vale lembrar que esse simbolismo foi usado pelo próprio Mestre ao concluir o chamado dos seus discípulos: “**Vinde após mim, e Eu vos farei pescadores de homens**” (Mt 4,19). Ora, na primeira tentativa não houve pescaria porque Pedro e companheiros foram pescar por iniciativa própria, em seu próprio nome e à noite, quando impera o reino das trevas, do pecado, isso é, na ausência da luz

que é Jesus Cristo ressuscitado. Isso significa que nós, por nós mesmos, com nossas pescarias, evangelizações, feitas a partir de nós mesmos, não atraímos ninguém para Deus e para seu Reino.

Com o amanhecer, Jesus se faz presente. Ele está na margem. Os discípulos ainda não o reconheceram. Só o reconheceram, depois de ouvirem e seguirem docilmente suas orientações. A fé nasce, portanto, da escuta e da obediência. Foi a partir desse ato de fé que João, o discípulo a quem Jesus amava, ainda na barca e de longe, pôde descobrir que aquele desconhecido à margem da praia era o “Senhor”.

Este é o perigo que sempre acompanha a Igreja e os cristãos: querer fazer Igreja, evangelização a partir de si, esquecendo o Senhor da Igreja e de toda a evangelização. Enfim, só a presença de Jesus ressuscitado é que pode dar eficácia à vida e à ação evangelizadora da Igreja e de todo cristão. Por isso, diz nosso Papa: a Igreja cresce mais por atração do que por proselitismos.

2.2. A refeição

Ato contínuo à pesca vem a refeição. “*Vinde comer!*” diz-lhes Jesus. E em seguida, Jesus se aproximou, tomou o pão e distribuiu-o entre eles. *E fez a mesma coisa com o peixe* (Jo 21,13). A narrativa tem endereço certo: mostrar que a Eucaristia era celebrada pelos primeiros cristãos com a absoluta convicção de que nela se

fazia presente de modo real e vivo o próprio Jesus, como Ele o prometera na Última Ceia.

Junto com a cena da refeição há ainda a menção da quantidade de peixes: cento e cinquenta e três. Número que simboliza totalidade. Assim, Cristo ressuscitado presente na Eucaristia é aquele que, através da Igreja, reúne uma grande e única universalidade – a humanidade toda – composta de povos diversos e diferentes. É devido a essa unidade, na totalidade e diversidade, que vem do Cristo ressuscitado, que as redes, isto é, a Igreja não se rompe.

2.3. A tríplice confissão de Pedro

Na terceira parte, finda a refeição, Jesus estabelece o famoso diálogo com Pedro. Um interrogatório acerca de seu amor para com Ele – Jesus. Por que a Pedro e somente a ele? Por que não a Tiago, o mais idoso ou a João, o mais amado? Estranha a escolha pois em nenhum momento aparece que Pedro tenha demonstrado uma adesão absoluta e confiável a Jesus. Pelo contrário, foi o que mais contestou e o primeiro que negara o Mestre publicamente.

Jesus lança-lhe, então, a pergunta primeira, última e fundamental, não apenas para segui-Lo, mas também para merecer a confiança do Pastor e das ovelhas: “*Simão, filho de Jonas, tu me amas mais do que estes?*” (Jo 21,16). Pedro, em sua simplicidade e pureza, responde: “*Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo!*” (Jo 21,16). E

assim por mais duas vezes, a mesma pergunta de Jesus e a mesma resposta de Pedro e a mesma réplica de Jesus: “*Apascenta as minhas ovelhas*”, seguindo-se a observação de que, na terceira vez, Pedro ficou triste porque Jesus lhe fizera a mesma pergunta por três vezes.

Certamente, Pedro se lembrara das três vezes que o negara por ocasião da prisão de Jesus. O diálogo revela onde está o acento para todo e qualquer pastoreio na Igreja. Jesus não pergunta a Pedro se ele se sente forte, capacitado, inteligente, sábio, competente, formado, preparado para apascentar seu rebanho. Aqui, importa um único critério: o amor-doação a Jesus como Ele se doou ao Pai e aos homens. Eis o que capacita o discípulo para bem conduzir, orientar, guiar, animar e fortalecer suas ovelhas. Se não houver amor-doação não haverá jamais evangelização, por mais capacitado que seja o seguidor. Mas, se houver amor e pouca capacitação, o bom evangelizador fará tudo o que estiver ao seu alcance para se capacitar.

Enfim, não é o seguimento que faz a pessoa amar, mas o contrário, o amor é que leva o discípulo a abandonar tudo e a seguir Jesus. Por isso, a conclusão de Jesus acerca do futuro de Pedro: “*Quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres ir... Segue-me!*” (Jo 21,19).

3. O louvor e a dignificação do Cordeiro imolado (Ap 5,11-14)

A segunda leitura, tirada do Apocalipse, faz parte do enigmático livro *escrito por dentro e por fora, selado com sete selos* (Ap 5,1). Trata-se do livro da história da humanidade, o livro do sentido da vida, diante do qual não se encontrava ninguém digno de abrir e romper os selos do seu segredo, a não ser a misteriosa figura do Cordeiro imolado.

A mensagem parece bastante clara: Cristo, o Cordeiro imolado, morrendo na cruz, revela o segredo de Deus, isto é, o quanto Deus ama seus filhos, sua história e o quanto os homens devem amar seu Deus. Um amor que não apenas perdoa e reconcilia, mas também cria e recria céu e terra, fazendo surgir um novo paraíso. Eis o livro que Cristo abriu com sua Morte-Ressurreição. Por isso, o capítulo termina com um hino litúrgico de exaltação e adoração do Cordeiro por parte, não apenas dos anjos, mas também, *por todas as criaturas que estão no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles existe* (Ap 5,13). A Igreja, se associa a essa adoração em sua Oração da Tarde em diversos dias da semana, repetindo, em forma de refrão e de enlevo: “*Poder, honra e glória ao Cordeiro de Deus!*”

Conclusão

Tudo, na celebração de hoje gira em torno de uma:

- pesca milagrosa, porque feita em nome de Jesus;
- refeição que tem como prato principal e único: pão e peixe;
- única pergunta de Jesus a Pedro, repetida três vezes: “*Simão Pedro, tu me amas?*”, seguida de um ordenamento, também repetido três vezes: “*Apascenta minhas ovelhas*” e com a grande conclusão: *Então, “Segue-me!”*

Como todos os Domingos da Páscoa, também esse tem como objetivo mostrar e celebrar a beleza do amor salvífico de Deus manifestado na, pela e com a presença viva de Jesus Cristo crucificado-ressuscitado. Nesse Domingo sua presença é celebrada como Missão-Eucaristia-Amor: três aspectos ou dimensões de um único mistério, de uma única e mesma vida.

Missão significa, propriamente, a grande Missa, a grande Eucaristia, o grande amor, a grande festa da Igre-

ja, de toda a humanidade e de toda a criação. Como diziam os antigos: Se por um lado a Igreja faz a Eucaristia, o amor, por outro lado, a Eucaristia, o amor fazem a Igreja. Assim uma evangelização sem a Eucaristia, sem o amor, sem a Igreja é vazia, é nada. Mas, também, uma Eucaristia, um amor, uma Igreja sem evangelização-missão é vazia, um nada.

O milagre da pescaria no mar de Tiberíades, aqui não é dito, mas, também ele aconteceu no primeiro dia da semana, hoje denominado Dia do Senhor. Por isso, segundo nosso Papa, Domingo é o dia de reunir as duas dimensões da Igreja, a missionária e a celebrativa: *Este dia, à semelhança do sábado judaico, é-nos oferecido como dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. O Domingo é o dia da Ressurreição, o «primeiro dia» da nova criação, que tem as suas primícias na humanidade ressuscitada do Senhor, garantia da transfiguração final de toda a realidade criada (LS 236).*



4º Domingo da Páscoa

Leituras: At 13, 14.43-52; Ap 7,9.14b-17; Jo 10,27-30

Tema-mensagem: O bom Pastor chama suas ovelhas e dá sua vida por elas e elas o escutam, o seguem e também dão sua vida por Ele e pelos outros.

Introdução

O 4º Domingo da Páscoa costuma ser chamado "Domingo do Bom Pastor". Ele nos leva a celebrar Jesus Cristo crucificado-ressuscitado – o bom Pastor – que chama e doa a própria vida às suas ovelhas para que elas o escutem, o sigam e, assim, também elas tenham a vida e, por sua vez, possam, dessa forma, dar sua vida pelas outras ovelhas.

1. Da universalidade da Igreja e de sua missão

A primeira leitura de hoje é tirada dos Atos dos Apóstolos e faz parte do Primeiro e grande discurso querigmático de Paulo e Barnabé na sinagoga de Antioquia. Na verdade, é o ponto inicial e alto de sua primeira viagem missionária. Nela se encontra o tom de toda sua vida e de toda sua obra missionária: a substituição da vocação missionária dos judeus pela vocação-missão dos pagãos.

O auditório compõe-se de judeus e de prosélitos (pagãos convertidos ao judaísmo). Como bom judeu, Pau-

lo faz questão de fundamentar sua pregação na História Sagrada de seu povo. Recorda como os judeus haviam sido escolhidos por Deus *para ser luz para as nações* e, assim, levasse *a salvação até os confins da terra* (Is 49,6). Fundamentado na própria Escritura, mostra que Jesus Cristo e seu Evangelho é o coroamento de tudo o que Deus havia feito, anunciado e prometido ao seu povo. Por isso, seguindo a ordem do próprio Senhor, era de sua obrigação *anunciar a palavra de Deus primeiro a eles, os judeus* (Cfr. At 13,46).

Diante de discurso tão contundente muitos foram os judeus e pessoas piedosas que se converteram e passaram a segui-los. Lucas assegura que, *no sábado seguinte, quase toda a cidade se reuniu para ouvir a Palavra de Deus* (At 13,44). Paulo e Barnabé, então, encerraram seu discurso exortando-os a que *continuassem fiéis à graça de Deus* (At 13,43) isto é, ao Evangelho por eles pregado.

Foi a gota d'água para que o grupo da oficialidade dos judeus, os maioraes de Jerusalém, ficassem cheios de inveja e, com blasfêmias, se opusessem ao que Paulo dizia. Era o princípio da separação dos dois grupos e da substituição da eleição dos judeus pela vocação dos pagãos como povo predileto de Deus. Por isso, enquanto os pagãos ficaram muito contentes quando ouviram isso, e glorificavam a palavra do Senhor (At

13,48), os *judeus, porém, instigavam as mulheres ricas e religiosas, bem como os homens influentes da cidade, provocando uma perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os de seu território* (At 13,50).

Assim, por causa da obstinação em suas tradições, leis e costumes, os judeus perderam, agora, em favor dos pagãos, isto é, dos cristãos – o novo Povo de Deus, a Igreja – a honra, a glória de serem *a luz para todos os povos* (LG). Começava, assim, a se concretizar e a se expandir a universalidade da Boa Nova, principalmente através da pregação de Paulo e de seus companheiros.

O fogo da universalidade do Cristianismo, que incendiava o coração de Paulo e Barnabé, é o mesmo pelo qual a Igreja do Vaticano II, principalmente em nossos dias, mais deseja a precisa. Depois de alguns ou muitos séculos, mais voltada para si, a Igreja se vê e se sente como *uma Igreja em saída*, chamada a *sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho* (EG 20). E é, justamente essa a marca que distingue a missionariedade da Igreja de hoje: sua virada ou conversão para fora, para os outros e não a implantação de sua instituição como o fez durante séculos através do espírito da cristandade. Uma missionariedade universal, amada e vivida tão exemplarmente por São Francisco, o primeiro a fundar uma Ordem de caráter essencialmente missionário, apostólico e universal. Como não lembrar sua

viagem missionária com Frei Iluminado, em 1219, para junto do sultão al-Malik al Kamil, armado somente com o ardor do envio de Jesus Cristo! A universalidade da missão apostólica era a alma dele e de sua Ordem. Por isso, ao receber a notícia do martírio de seus primeiros frades enviados ao Marrocos, exclamou: *“Agora posso dizer que na verdade tenho cinco irmãos menores!”* (Analecta Franciscana III,21).

Um cristão ou uma Comunidade cristã que vive o Cristianismo apenas para si é como grão de trigo que permanece só; não morrendo, jamais produzirá fruto.

2. Jesus o Bom pastor (Jo 10,27-30)

O Evangelho do Domingo do Bom Pastor. proclamado neste Ano C, é muito breve. Apenas quatro pequenos versos do capítulo 10º do Evangelho de João.

2.1. O pastor e seu significado

A insistência de Jesus em denominar-se pastor nos leva à pergunta acerca do significado humano do pastoreio: o que significa ser pastor para nós humanos e cristãos?

No pastoreio, a relação homem-animal é outra do que na caça. O animal da caça é selvagem, inimigo. O animal do pastoreio é doméstico, familiar, amigo. Por isso, em vez de agredir o homem, ou fugir dele, ele o protege e segue. Ele se deixa alimen-

tar pelo homem, tratar por ele, empregar-se por ele. Sim, ele se deixa até mesmo matar pelo homem. Ele pertence ao pastor e vive toda sua vida na esfera do seu domínio, do seu senhorio. Vive na sua proximidade. Na verdade, pastor e rebanho constituem uma unidade de vida. Por outro lado, enquanto o pastor cuida, dá a vida, o caçador persegue, depreda e mata.

No livro do Gênesis (4,1-16), vemos o contraste de Abel e Caim. Abel é pastor, nômade. Caim é agricultor, sedentário. O texto bíblico não dá a razão, a causa da preferência do Senhor pelo sacrifício de Abel e não pelo de Caim. Diz apenas que Caim era agricultor e Abel pastor. A preferência pelo pastor não estaria em seu caráter de cuidador da vida e nômade, desprendido da posse da terra? O oposto não seria ser explorador da vida e possuidor da terra? Não seriam duas atitudes opostas do homem para com a terra? Ora, ser cuidador da Casa comum e não seu depredador e explorador é a primeira missão confiada por Deus ao homem no Gênesis, como nos diz e convoca com muita clareza e insistência o Papa Francisco em sua Encíclica *Laudato Si*.

No Antigo Testamento, o cuidado do pastor passou a ser modelo universal do senhorio e da governança. O Pastor de Israel é, em sentido primordial e próprio, *Jahvé*, o Senhor Deus, como nos lembram os salmos (Cfr. Sl 24,1; 79,1). Somente em sentido secundário e derivado, o pastoreio é atribuído aos homens, isto é, a todos aqueles cuja missão era governar, orientar ou con-

duzir o Povo de Deus. Foi com muita resistência que Samuel concordou que a governança dos juízes, líderes proféticos, tidos como “vigários” do único Pastor – Deus – fosse substituída pela figura do rei (Cfr. 2 Sm 7,7s). É que havia o perigo de o rei, a exemplo dos imperadores romanos, se divinizar a si mesmo e que a realeza de Deus fosse esquecida pelo povo.

Cristo, enfim, concretiza essa promessa fazendo-se o pastor segundo o coração, a misericórdia de Deus; um pastor que age com a autoridade de quem dá a vida, e não segundo a lógica do poder de dominação e da força que tira a vida. É a advertência que Jesus, no Evangelho de Lucas, bem no meio dos acontecimentos da Paixão, faz aos seus discípulos: “*Os reis das nações as dominam... Entre vós não seja assim!*” (Cfr. Lc 22, 25-27). No Evangelho, a autoridade de Cristo, como aquele que cuida da vida e que dá a vida para que todos tenham vida, é expressa na parábola do Bom Pastor.

2.2. As ovelhas escutam a voz do pastor

Jesus começa a parábola do Bom Pastor com este testemunho: “*As minhas ovelhas escutam minha voz e eu as conheço, e elas me seguem*” (Jo 10, 27). Na dinâmica ou no processo do amor e, conseqüentemente, do seguimento de Cristo, há uma inter-relação muito estreita, íntima e profunda entre escutar, obedecer, seguir e pertencer.

É pela escuta que acontece o pertencimento. E, vice-versa: é pelo pertencimento que acontece a escuta. Mas, que pertença é essa de Jesus a Mateus, Pedro, João, Lázaro, etc., e vice-versa, se não havia entre eles nenhum laço de familiaridade, uma vez que, até então, eram completamente estranhos? Quem compreendeu muito bem a origem misteriosa dessa comunhão e pertença foi São Francisco que chamava e tratava todos os homens e todas as criaturas de irmãos e irmãs, porque todos e todas são filhos e filhas do mesmo Pai do Céu. Pregava até mesmo aos animais selvagens, como, por exemplo, ao lobo, e esses o entendiam, o seguiam e lhe obedeciam.

Mas, porque então outros, como os fariseus, mestres da lei, sacerdotes, etc. se mostravam estranhos a Jesus, não O escutavam e muito menos O seguiam? Porque viviam presos às suas leis, doutrinas e tradições. Tão presos que não conseguiam ver, admirar e acolher o Senhor da doutrina, da lei e das tradições.

Assim, o nexa entre escutar e pertencer é algo como uma circularidade: do escutar ao pertencer e do pertencer ao escutar. A ovelha escuta a voz do pastor por se sentir pertencente a ele. Ela não dá ouvidos à voz do estranho, justamente por não pertencer a ele.

“*Eu conheço minhas ovelhas*” diz Jesus (Jo10,27). O conhecimento entre o Pastor e as ovelhas quer dizer, na verdade, conascimento, ou melhor, união tão profunda na intimidade do amor, do mútuo pertencimento, que

transforma e reaviva a pessoa. Jesus é o Pastor que conhece a sua ovelha, chamando-a pelo nome.

Na verdade, todos os homens, em seu *íntimo mais íntimo* (Sto. Agostinho) tem um “quê”, um senso, um ânimo, um sopro vital que é Deus, que é Jesus Cristo. Se não conseguem ouvi-Lo é porque estão presos ou perdidos em si mesmos ou nas criaturas.

Nos relatos da Ressurreição, vemos como Maria Madalena reconhece o Senhor quando ele a chama pelo nome, em aramaico: “*Mariâm!*” Ela responde e corresponde, dizendo: “*Rabuni!*” O relacionamento de Maria com Jesus é um relacionamento de intimidade pessoal muito estreita. Ela pertencia a Ele e Ele pertencia a ela, no mistério do amor.

2.3. As ovelhas seguem o Pastor

Além de escutar a voz do seu pastor, as ovelhas o seguem. São João Crisóstomo observa que, não raro, nas cenas de pastoreio, as ovelhas vão à frente, e o pastor vai atrás, tangendo-as. Mas, agora, em nosso caso, a situação se inverte. O Bom Pastor, Cristo, vai à frente. E as ovelhas, os discípulos, vão atrás. Ser discípulo é, nesse caso, seguir, ir atrás do Mestre. É ir com Ele, deixar-se guiar por ele. Santo Agostinho recorda que o ir da alma é diverso do ir corporal. O corpo movimentava-se com os pés, isso é, com a lógica da razão. Já a alma

movimenta-se com o vigor dos afetos. Na alegria, a alma se expande; na tristeza, se retrai; no desejo, põe-se a caminho; no temor, põe-se em fuga. É pelo desejo que o discípulo segue a Cristo. Ele quer o que o Mestre quer; quer como o Mestre quer. Por isso, o bem-aventurado Frei Egídio dizia preferir um secular cheio de desejo de entrar na Ordem do que um frade que, já dentro da Ordem, não tivesse mais desejo (Cfr. DE 19,18).

Como veremos, depois, na leitura do Apocalipse, ser seguidor de Cristo é estar associado à glória e à vitória Dele, mediante a paciência e a perseverança nas tribulações de cada dia.

2.4. O Bom Pastor dá a vida eterna às suas ovelhas.

Como fruto do chamado e do seguimento, o Pastor promete: “*e eu lhes dou a vida eterna*” (Jo 10,28). O que é a vida eterna? Na Sagrada Escritura, “vida eterna” ou “morte eterna” não são tomados em sentido natural, carnal (físico-psíquico), como se dá usualmente em nossa linguagem cotidiana, mas, sim em sentido sobrenatural, espiritual, pneumático, isto é, a partir do *Pneuma*, o Sopro Sagrado, o Espírito Santo, de Deus.

O fundamento da vida eterna é o próprio Cristo ressuscitado. Nesse sentido, não pode ser confundida com “imortalidade da alma”. O cristão

não vive da crença na imortalidade da alma – tema da filosofia. Ele vive da fé na Ressurreição da carne e na vida eterna – tema da profissão de fé, fundada sobre o *Kerygma* do Cristo-Crucificado-Ressuscitado; vive, enfim, do júbilo da experiência de ter sido chamado e amado por Alguém que por ele deu toda sua vida até a morte e morte de Cruz. Desse modo, à semelhança da unidade que se cria entre pastor e ovelha, o discípulo, que vive dessa experiência, torna-se um com Jesus, como Ele é um com o Pai. Um com Jesus, um com o Pai e um com todos os que comungam desta mesma experiência de ser amado. E isso é tudo: Vida eterna!

3. Do Cordeiro imolado – o Salvador de toda a humanidade – sentido único de toda História (Ap 7,9.14-17)

A abertura da segunda leitura de hoje, tirada do Apocalipse, nos remete, também ela, para o mistério da universalidade da salvação: *Eu vi uma multidão imensa de gente de todas as nações, tribos, povos e línguas, e que ninguém podia contar* (Ap 7,9). Ela faz parte da seção que trata dos “sete selos”, abertos pelo Cordeiro imolado, o único digno e capacitado para tão ingente proeza. Abrir os selos significa revelar o sentido da história, da vida, a questão universal que perpassa todos os tempos e povos.

Em contraste ou oposição aos romanos, que acreditavam na falácia da pretensa solidez eterna de Roma – “a

cidade eterna”, a “cidade dos deuses” – e de seu povo, o profeta João apresenta aos fiéis a única resposta possível: o Cordeiro imolado, o único que, pela sua morte na cruz, foi capaz de revelar o desígnio, o sentido salvífico de Deus.

A este desígnio tomam parte todos aqueles que em meio à grande tribulação *lavaram e alvejaram suas roupas no sangue do Cordeiro* (Ap 7,14). A esses lhes é dada uma veste branca, a veste da inocência originária, do novo nascimento, da esperança, da fé e da caridade. Uma esperança que luta não para fins pessoais particulares ou grupais, mas para a realização do Reino de Deus, um reino universal, para todos os povos e todos os tempos. Por isso, esses crentes, embora ainda aqui na terra, estão sempre diante do trono de Deus, no seu templo, dia e noite, prestando-lhe culto.

O profeta faz questão de acentuar que esses fiéis, *nunca mais terão fome nem sede. Nem os molestará o sol nem algum calor ardente* (Ap 7,16). E vem então a razão de toda essa salvação: *Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, será seu pastor e os conduzirá às fontes da água viva* (Ap 7,17). Assim, em oposição a uma salvação meramente histórica, oferecida pela pretensa e falsa solidez do grande império romano, que se autodeterminava como divino, capaz de satisfazer todas as aspirações humanas, nosso profeta apresenta a verdadeira salvação, uma salvação que transcende a história meramente humana, porque vinda de fora, de Deus, o único capaz de en-

xugar as lágrimas dos olhos de seus eleitos (Ap 7,17).

Conclusão

Desde o Vaticano segundo, mais acentuadamente agora com o Papa Francisco, sentimos que não serve mais sermos apenas fiéis observadores da doutrina, dos costumes e das leis e da ascese cristã. Mais que “católico praticante”, ser cristão significa seguir uma pessoa, Jesus Cristo; significa dispor-se a ir atrás de seus passos, de seus sentimentos, palavras, gestos e atitudes. É amar e sofrer o que e como Ele, o Bom Pastor, sofreu e amou, como muito bem se expressa São Francisco: *Atendamos, Irmãos, o Bom Pastor que, para salvar as ovelhas, suportou a Paixão da Cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade e na tentação e em tudo o mais; e disso receberam do Senhor a vida sempiterna. Por isso, é grande vergonha para nós, servos de Deus, que os santos tenham feito obras e nós queiramos receber glória e honra apenas por citá-las* (Adm VI).

Quando as ovelhas escutam a voz e seguem os passos do seu Pastor, o júbilo toma conta de seu coração e sua alma explode de gratidão: *“Eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque revelaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos, simples e humildes!”* (Cfr. Evangelho da Festa de São Francisco)



5º Domingo da Páscoa

Leituras: At 14,21b-27; Ap 21,1-5ª; Jo 13,31-33a.34-35.

Tema ou mensagem: Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!

Introdução

O 5º Domingo da Páscoa retoma e celebra de novo o coração do mistério pascal, expresso no famoso ordenamento de Cristo aos Apóstolos, no sermão de despedida, na Última Ceia, na véspera de sua crucificação: “*Amai-vos uns aos outros como Eu vos tenho amado*”.

1. A consolidação da fé (At 14,21b-27)

Na primeira leitura do Domingo passado celebrávamos o primeiro anúncio de São Paulo, na abertura de sua primeira e grande viagem missionária e que culminou com o anúncio do tom de toda a sua obra evangelizadora: Deus escolheu os gentios – todos os povos – em substituição aos judeus para que se tornem seu novo Povo eleito.

A primeira leitura de hoje nos convida a celebrar, não apenas o retorno de Paulo a Antioquia, mas também a consumação daquele evento: sua primeira catequese. Ao querigma une-se assim a catequese: o aprofundamento e a consolidação do primeiro anúncio: a fé. O que agora está em jogo é o amadurecimento da fé recebida: o esforço para manter sempre viva e

crepitando aquela chama do amor, da amizade com o seu Senhor, acesa pela pregação querigmática; é preciso que Ele se torne sempre mais e realmente seu Senhor, o Senhor da vida de todos os seus empreendimentos.

O primeiro artigo da catequese paulina vem assim anunciado: *Encorajando os discípulos, eles os exortavam a permanecerem firmes na fé, dizendo-lhes: “É preciso que passemos por muitos sofrimentos para entrar no Reino de Deus...”* (At 13,21-22). A exortação não podia ser diferente, ou seja, só se pode seguir e imitar o mestre percorrendo fielmente, isto é, com fé, amor e devoção, o mesmo caminho que ele percorreu: o da cruz, do sofrimento, do amor.

O sofrimento do cristão, porém, é revestido de grande alegria porque, a exemplo do sofrimento da mãe, que carrega em seu ventre o peso do filho amado – tesouro de sua vida – o cristão é chamado a carregar e a espalhar o precioso tesouro das sementes do Amor de Deus, do Reino dos Céus.

Um segundo artigo, muito importante na catequese paulina, é a *designação de presbíteros para cada comunidade*. Paulo punha, assim, a primeira pedra da organização da Igreja, indispensável para o crescimento, desenvolvimento e fortalecimento de sua vocação-missão. Há, porém uma diferença essencial entre essa escolha e a escolha entre os judeus da Comunidade judaica

da diáspora. Nessa a escolha é feita “democraticamente”, pelos membros da Comunidade. Já na Igreja ela se dá diretamente pelos Apóstolos. O significado é muito claro: na Igreja, os féis e os cargos de direção e de serviço mesmo quando eleitos pelos membros de uma comunidade, nascem do alto e não por uma escolha humana, como entre os membros de uma sociedade meramente humana, de ordem social e política, por exemplo. Torna-se, assim e por outro lado, um sinal muito claro da colegialidade apostólica da missão e das relações entre a Igreja local e universal.

Terminada a Catequese em Antioquia, os dois, Paulo e Barnabé, partem para nova viagem missionária, sempre *entregues à graça de Deus, para o trabalho que haviam realizado* (At 14,26), anunciando sempre a *todos tudo o que Deus fizera por meio deles e como havia aberto a porta da fé para os pagãos* (At 14,27).

2. De novo, o novo mandamento (Jo 13,31-33a.34-35)

Aproximando-se do fim do tempo pascal, a Igreja tem por bem, retomar e celebrar de novo o grande mandamento do Senhor, princípio do novo céu e da nova terra.

2.1. Na Cruz a glória de Cristo e do cristão

Na abertura do Evangelho de hoje, temos a famosa frase de Jesus, pronunciada logo após Judas sair do cenáculo

para dar andamento à sua decisão de entregar o Mestre: “*Agora, o Filho do homem é glorificado*” (Jo 13,31). Não é muito difícil imaginar o alvoroço que este anúncio deve ter provocado no coração de cada um dos Apóstolos. Se esta era a hora da glorificação do Mestre, certamente seria também a deles. Em breve, pensavam eles, seriam elevados a ministros, chefes e governadores de Israel e, quem sabe, até mesmo de uma boa parte deste mundo. Eles, porém, ainda não estavam à altura de compreender e de aceitar que Jesus estava falando de outra glória.

Talvez seja bom, primeiramente, tentar intuir o rico significado desse termo. Usualmente, entendemos glória como uma realidade estática, pronta, feita, algo como fama ou prestígio que alguém conquistou ou recebeu. Como todas as realidades humanas, porém, glória vem nascendo e se constituindo a modo de fruto de uma longa história. É o brilho, a luz da obra, ou melhor, da operação; é o fulgor que vem se originando, se revelando, se constituindo e se difundindo e infundindo numa pessoa, na medida que essa se doa, se entrega na busca de sua identidade, vocação e missão. Nesse sentido é que se fala na glória de uma mãe, de um professor, etc. Mas, há também a glória do próprio ser, como tal. Como não admirar, por exemplo, a glória de uma criança recém-nascida, de uma árvore ou de uma pedra!? Os salmistas, por exemplo, não cessam de cantar a glória de Deus se espalhando por toda a terra através das criaturas (Cfr. Sl 72,19).

Parafraseando São Boaventura, podemos dizer que cada criatura é glória, brilho, presença de Deus.

A glória de Jesus já vinha sendo anunciada como o brilho de sua *parousía*, isto é, de seu Advento, de sua chegada entre os homens, pela Encarnação: *E nós vimos a sua glória; glória essa que, Filho único cheio de graça e de verdade, ele tem da parte do Pai* (Jo 1,14). Essa glória do Unigênito, do Filho de Deus, vai se manifestando cada vez mais intensa e fortemente de várias formas e em diversas ocasiões, como, por exemplo, nas bodas de Caná, na morte e ressurreição de Lázaro, na Transfiguração (Lc 9, 28-36), etc. Mas, para João, o momento da Páscoa de Cristo, de sua passagem deste mundo ao Pai, pela Paixão-Morte-Ressurreição, é o momento mais decisivo, o auge de sua glorificação como *Filho do homem* que, então, se revela verdadeiramente como, *Filho de Deus* (Mc 15,39).

Para João, a Cruz é glorificação do Filho do Homem, é o “agora” escatológico, o auge, o cume de todo empenho de um Deus imortal fazer-se inteira, absoluta e definitivamente Homem mortal para que o homem mortal se tornasse imortal; empenho para que também nós pudéssemos comungar de sua glória de verdadeiros filhos de Deus, cheios de graça e de verdade.

2.2. No mandamento novo, do amor, o princípio do novo Homem e de sua História

Mas, onde está a novidade desse mandamento? Está no fato de não

ser mais propriamente uma lei, mas uma Pessoa – Deus, na pessoa de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Assim, quando amamos (a Deus ou o próximo) em verdade é Deus quem, em nós ou por nós, está amando. Eis o novo ordenamento, o ordenamento que se põe como princípio da nova humanidade; eis a co-missão, isto é, o encargo, a incumbência, a tarefa para ser realizada, para ser “perfazida” pelos discípulos de Jesus Cristo, que são associados a Ele na comunhão (*koinonia*) de amor com o Pai.

O centro – sentido – da História não é, pois, nenhuma ideologia ou visão de mundo, política ou religiosa, nem o capitalismo nem o socialismo, nem o judaísmo, nem o “Cristianismo”, nem mesmo o “Franciscanismo”, isto é, qualquer “ismo”. É o Homem e, no centro do Homem, Jesus Cristo, o *Summum Opus Dei* (a suma obra de Deus). É, para Francisco, Jesus Cristo crucificado que *todos os dias se humilha descendo do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote, a fim de ser Deus-conosco até o fim dos séculos* (Ad I). Por isso, ao dizer “*Tomai e comei...*” Ele está dizendo que é para tomar e comer seu Corpo, tomar e beber seu sangue, assumir e encarnar sua pessoa, sua obra, sua história, enfim, toda a sua Paixão e sua Cruz.

Por isso, a Última Ceia, sempre foi tida pelos Apóstolos como o núcleo-fonte, a célula-mãe da Igreja. Não esqueçamos, porém, que no coração da Última Ceia está a obra da Sexta-feira santa: o mistério do sacrifício de

Cristo na Cruz. Assim, a partir deste Amor, os homens podem amar-se uns aos outros: os sacrifícios devem dar lugar, agora, à misericórdia e à caridade evangélica. Assim, fazer comunidade é fazer Eucaristia e fazer Eucaristia é fazer comunidade, a modo ou no vigor de Cristo crucificado.

Acerca desse princípio assim se expressa o Papa Francisco: *A criação encontra a sua maior realização na Eucaristia [...] quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através de um pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo em nosso próprio mundo.* (LS 236).

Por isso, não se pode baratear o mandamento do Novo Amor – núcleo originário da Última Ceia-Missa(ão)-Eucaristia-Cruz – pois o que de fato Cristo ordena é um absurdo, uma coisa bárbara, impossível para os homens: amar a Deus e até o inimigo como Ele ama. Mas, como Ele mesmo diz, o que é impossível para o homem torna-se possível para Deus.

3. Um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1-5^a)

A segunda leitura continua sendo tirada do Apocalipse. João, em sua visão profética, depois de descrever a definitiva e total derrota do mal, representado pela besta e pelos reis da terra (Ap 19,19) e pelo dragão (Ap 20,2), vê *um novo céu e uma nova*

terra... que descia de junto de Deus (Ap 21,1-2). Começa, assim a tornar-se realidade a utopia ou o eterno desejo do homem acerca de sua imortalidade ou ressurreição, pois *o mar* (Ap 21,1), com tudo aquilo que seu abismo voraz e mortal representa, *já não existe*. Não existe porque *a cidade santa, a nova Jerusalém* desceu de junto de Deus para tornar-se na terra e com a terra a morada de Deus, a esposa de seu marido (Ap 21,2).

Deus, assim, não é mais e apenas o Deus do Céu, das alturas, o Criador longínquo, perdido no espaço e no tempo, mas o Deus do “aqui e agora”, o “Deus conosco”, no meio de nós, em nós, da e na nossa história, da e na nossa vida: *Eles serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles* (Ap 21,3). Por isso, impressiona que na visão apocalíptica de João não há um Templo. Isso era um escândalo para os judeus tardios, pois para esses era inimaginável uma Jerusalém celeste sem um Templo, rico, esplendoroso, triunfante.

Outro aspecto que impressiona na visão de João é que a nova cidade santa, transformada toda inteira em Templo, venha cheia de povos e nações de todas as espécies. Mais um escândalo, pois sabemos que para os judeus os pagãos eram considerados como impuros a ponto de serem chamados de “cães” e que não podiam, de jeito nenhum, serem admitidos no seu convívio, muito menos no Templo.

Essa visão pode ser considerada como o princípio do assim chamado

“secularismo” ou melhor, da secularidade cristã. Para o judeu o “sagrado”, ou seja, o lugar, o espaço da relação do homem com Deus e vice-versa estava ligado a uma determinada cultura, a um determinado povo, pessoas, tradições e, principalmente, a um “lugar consagrado”: o Templo, a sinagoga. Com o mistério da Encarnação de Cristo, que se consuma com sua Morte e Ressurreição, todo o universo se torna Templo, casa de Deus. Por isso, ele pode e deve ser encontrado tanto em cada criatura ou acontecimento, em cada pessoa – Templo vivo – como nos templos feitos de pedras. Para encontrar-se com Deus não há mais privilégios de raça, cultura, tradições e de religiões. Bem respondeu São Francisco à Senhora Pobreza quando esta pediu-lhe que mostrasse o convento. Apontando para todo o universo disse-lhe: “*Eis o nosso convento!*” (SC 30).

Conclusão

Estamos tão acostumados em ouvir e falar desse mandamento maior e inaudito que, hoje, quase ou pouco repercute em nós. Numa sociedade ou humanidade na qual se cometem atrocidades hediondas com matanças diárias de inocentes, vale lembrar a importância de uma “Civilização do Amor”, proposta pelo Papa São Paulo VI, no encerramento do Ano Santo, em 1975: *Não o ódio, nem a disputa, não a avareza será sua dialética, mas o amor, o amor gerador de amor, o amor do homem pelo homem, não*

por algum provisório e equivoco interesse, ou por alguma amarga e mal tolerada condescendência, mas por amor a Ti, a Ti, ó Cristo percebido no sofrimento e no necessitado de todo o semelhante. A civilização do amor proverá em todas as lutas sociais e dará ao mundo a sonhada transfiguração da humanidade finalmente cristã...

Em sintonia com São Paulo VI, também São João Paulo II assim se expressou. *O cristão sabe que o amor é o motivo pelo qual Deus entra em relação com o homem; e é o amor também que Ele espera do homem como resposta. Por isso, o amor é a forma mais alta e mais nobre de relação dos seres humanos, inclusive entre si. Consequentemente, o amor deverá animar todos os setores da vida humana, estendendo-se também à ordem internacional. Só uma humanidade em que reine a civilização do amor, poderá gozar duma paz autêntica* (Mensagem de João Paulo II para a celebração do Dia Mundial da Paz – 2004).

Falando desse amor em São Francisco, assim se expressa São Boaventura: *Quem poderá descrever suficientemente a caridade ardente, em que se consumia Francisco, o amigo do Esposo? Pois parecia todo abortido, como um carvão abrasado pela chama do amor divino. É que, ao ouvir, de repente, falar do amor do Senhor, ficava empolgado, comovido e inflamado, como se as cordas interiores do coração fossem tocadas pelo arco da voz exterior* (1B 9,1).



6º Domingo da Páscoa

Leituras: At 15,1-2,22-29; Ap 21,10-14.22-23; Jo 14,23-29

Tema-mensagem: Antes de partir para junto de seu Pai, Jesus promete aos seus o dom do Espírito Santo e de sua paz.

Introdução

Hoje, 6º Domingo da Páscoa, ouvimos e celebramos as últimas palavras de Jesus, antes de partir para o Pai. Jesus promete não apenas enviarnos do Pai seu Espírito, mas também que eles virão a nós a fim de fazer em nós sua morada.

1. Uma decisão no e com o Espírito Santo (At 15,1-2,22-29)

A abertura da perícopes da primeira leitura, proclamada hoje, faz parte do capítulo 15 dos Atos dos Apóstolos. Nesse capítulo é relatado o primeiro grande conflito interno da Igreja, assim descrito: *Chegaram alguns da Judeia e ensinavam aos irmãos da Antioquia, dizendo: “Vós não podeis salvar-vos se não fordes circuncidados, como ordena a lei de Moisés”.* Isso provocou muita confusão e houve uma grande discussão... (At 15,1-2).

Estamos diante da primeira grande crise interna da Igreja. A maneira como foi administrada, porém, proporcionou a graça do nascimento e da

institucionalização de uma das mais belas e expressivas manifestações da identidade da Igreja e, conseqüentemente, de sua conduta: *Decidiram, então, que Paulo, Barnabé e alguns outros fossem a Jerusalém para tratar dessa questão com os Apóstolos e os anciãos* (At 15,25). Trata-se do famoso Concílio de Jerusalém, o primeiro da Igreja, prática que, desde então, acompanha a história da Igreja até hoje.

Deste evento, o fruto mais significativo foi a condenação dos judaizantes, isto é, de judeus que queriam que os pagãos, ao se converterem ao Cristianismo, fossem obrigados a assumir também as leis do judaísmo, em especial a da circuncisão. Além do mais, a Igreja, reunida em Concílio, aproveita da crise para expressar e confirmar mais uma vez o princípio básico de toda sua identidade: uma comunidade de fiéis, reunida e conduzida pela presença e ação do Espírito Santo, jamais pela força da Lei, da tradição ou de um povo. De fato, a decisão conciliar, em favor da liberdade evangélica, foi tomada em conjunto: *o Espírito Santo e a Comunidade cristã, representada pelos seus dirigentes, os Apóstolos e os anciãos da Igreja mãe, Jerusalém.*

Estamos, pois, diante do primeiro documento conciliar: a primeira Carta pastoral da Igreja e no coração dessa Carta a essência, o centro, o protagonista principal da Igreja: o Es-

pírito Santo. Trata-se da proclamação do famoso dom da liberdade evangélica, princípio da verdadeira comunhão eclesial. Magistral, portanto, a conclusão dos primeiros conciliares: *“O Espírito Santo e nós decidimos não vos impor nenhum fardo além destas coisas indispensáveis: abster-se de carnes sacrificadas aos ídolos, do sangue, das carnes de animais sufocados e das uniões ilegítimas. Vós fareis bem se evitardes essas coisas...”* (At 15,28-29).

2. A Jerusalém celeste torna-se, também, terrestre (Ap 21,10-14.22-23)

A segunda leitura, continua sendo do Apocalipse. O trecho de hoje nos leva a contemplar e celebrar a nova Jerusalém, *a cidade santa, Jerusalém, descendo do céu, de junto de Deus... Brilhando com a glória de Deus* (Ap 21,10).

A descrição, longa, rica em imagens e detalhes, não tem outra finalidade senão a de mostrar que, agora, a presença de Deus não é mais apenas no céu, mas também na terra, no universo inteiro. Por isso, Deus não vem só, com toda sua coorte, mas com toda sua cidade celeste. Assim, nossa terra em vez de ser diminuída, sublimada ou absorvida pelo infinito de Deus, é engrandecida em sua identidade, purificada, revivida, transformada, recriada, reconvertida em sua originariedade: terra de Deus e terra dos homens ou em terra dos homens e terra de Deus. Assim, ela mesma vol-

ta a ser o que de fato era e foi desde a origem, antes do pecado: a jubilosa festa de encontro e confraternização de todas as criaturas com seu Criador, tão bem decantada por São Francisco em seu famoso *Cântico das Criaturas: Louvado sejas, meu Senhor com todas as tuas criaturas...* (CSol)

Através de inúmeras imagens, figuras e alegorias, João nos revela a sumidade da beleza, da riqueza e da segurança desta nova Jerusalém, a Igreja, nascida do céu, isto é, nascida pelos merecimentos do sangue do Cordeiro imolado e ressuscitado, sentado, agora, à direita de Deus Pai.

O centro da nova Jerusalém, da Igreja, portanto, não está nela mesma, mas no Cordeiro; ele é a luz, ele é a glória, ele é a porta, ele é o fundamento. Isso nos faz lembrar a fala do nosso Papa Francisco, quando disse que durante muitos séculos a Igreja teve a pretensão de ser *“misterium solis” (mistério do sol), esquecendo que ela é apenas “misterium lunae”*. Ou seja: o brilho da Igreja não nasce dela, mas de Jesus Cristo, o *Sol nascente que, vindo do alto, ilumina todos os homens que vem a este mundo* (Jo Pró). Por isso, uma Igreja “senhora”, triunfante, dominadora, mundana que vive de si e para si, não condiz com sua natureza e origem.

João se admira que na nova cidade não haja Templo. Para um judeu era algo inconcebível, uma vergonha. Um povo sem sua capital e sem seu Templo seria como um rio sem fonte. Logo se desagregaria, deixando

de ser povo. Ora, a nova cidade, não apenas é transformada num Templo, mas também formada e tomada de nações e povos de todo o universo. Mais um escândalo para os judeus, para os quais os pagãos não passavam de gente impura e por isso tidos como *cães sujos e porcos imundos*. Estamos, mais uma vez, diante do universalismo cristão, segundo o qual o mundo deixou de ser profano. Agora, com a morte e a ressurreição do Cordeiro imolado tudo se tornou sagrado. Para o Cristianismo, todo o universo é agora o Templo do Senhor. Não há mais privilégios nem de lugares nem de raças, culturas, tradições ou religiões. Eis o novo céu e a nova terra, nascidos do alto, isto é, da Cruz e Ressurreição do Senhor, o Cordeiro imaculado.

3. A promessa do Espírito Santo e da volta do Senhor (Jo 14,23-29)

O Evangelho desse Domingo, o último antes da Ascensão, faz parte do grande discurso de despedida de Jesus (Jo 14). Nele encontramos algumas orientações muito importantes para a conduta dos discípulos, durante a nova etapa, quando terão que viver sem a presença corporal, visível do mestre.

3.1. Guardar a palavra de Jesus como sinal do seu amor

A primeira grande orientação vem assim assinalada: *se alguém*

me ama guardará minha palavra... Quem não me ama não guardará minha palavra (Jo 14,23-24).

Estamos diante de um dos exercícios mais importantes da aprendizagem humana e cristã. Ser discípulo significa, em primeiro lugar, guardar tudo o que o mestre diz, ordena e faz, principalmente suas palavras e feitos. Por isso, guardar a palavra é um dos princípios que perpassam e sustentam toda a história sagrada, desde o Gênesis (Gn 2,15-17) até o Apocalipse (Ap 22,7). Por isso, aqui, na despedida, Jesus insiste dizendo que era bem isso que Ele lhes dissera quando ainda estava com eles: que guardassem sua palavra.

Guardar a palavra, primeiramente, tem o significado de defender, proteger, conservar, não esquecer, assim como a mãe que guarda o nenê no berço ou em seu colo. Mas, pode significar, também, acolher, acalentar, meditar, cultivar, ruminar como se pode ver em Maria que *guardava todos os fatos em seu coração* (Lc 2,51). E quem ou quando se faz isso, a palavra se torna fecunda, germina e torna-se vida, vira carne, ganha corpo, dá frutos.

Quando se chega a esse ponto, guardar a palavra significa, então, confiar, entregar-se, dar a vida como o fez Jesus que, na Cruz, deu a vida para guardar até o fim a palavra do Pai. Assim, e enfim, guardar e amar a palavra viram sinônimos; quem ama guarda a palavra e quem guarda a palavra ama e dá sua vida por ela.

3.2. Um Defensor que nos ensinará tudo

A segunda orientação vem assim expressa: *mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo o que eu vos tenho dito* (Jo 14,26).

A partida de Jesus é iminente. Sua ausência física, porém, não pode acarretar um vazio cheio de medo, fraqueza e desânimos. Deve significar, antes, o início de uma nova presença muito mais forte, real e universal, pois, enfim, está para inaugurar o tempo de sua glorificação. Mas, certamente, pensam os discípulos, se esta nova fase é de glorificação, porque jamais houve e jamais haverá uma manifestação sensacional, estrondosa da presença de Jesus? A resposta é simples: porque sua Ressurreição, em vez de ser um abandono da cruz, é sua consumação. Jesus, Deus jamais poderão abandonar sua identidade, seu espírito ou modo de ser que é o da humildade, minoridade e misericórdia. Se a primeira presença de Jesus foi pautada toda ela pelo vigor da vida kenótica, que culmina na Cruz, a segunda não poderá ser diferente. E essa grande lição, certamente, os discípulos, ainda não a haviam compreendido, pelo menos não de todo. Por isso, Jesus lhes promete o Defensor, o Espírito Santo, também denominado de Advogado, Consolador. Mas, “Espírito Santo” é, certamente, o título mais adequado e expressivo, pois significa, justamente, o sopro, o respiro, o ar, o hálito divino,

santo, que vem do âmago mais profundo de Deus Pai.

É evidente que Jesus, em sua primeira estada, havia ensinado tudo o que lhe fora ordenado pelo Pai. Certamente os discípulos não haviam entendido e nem lhes era possível haver entendido tudo. E esta é, então, a função mais importante do Espírito Santo: recordar, isto é, levar à memória, às profundezas do coração dos discípulos tudo o que o Senhor lhes havia anunciado e ordenado.

A Igreja não é, e jamais poderá considerar-se, um museu de recordações fixas do passado, mas um Povo em marcha, em busca, em conquista, em recriação contínua e sempre nova do mistério salvífico que nos foi merecido e conquistado por Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Ou seja, sob a ação e orientação do Espírito Santo, a Igreja deve ser mãe em contínua gestação do mistério salvífico de Cristo.

3.3. De novo o dom da paz

Jesus, como terceira orientação, diz: *“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou...”* (Jo 14,27). A paz evangélica é, acima de tudo, dom. Jesus diz: *“Eu vos dou a minha paz, mas não como o mundo a dá...”* Não se trata, portanto, de uma paz conquistada, merecida mediante negociações ou pela força da inteligência ou, pior ainda, das armas dos homens deste mundo. Essa paz sempre vem misturada de desconfianças e, por isso, sempre necessitada de provas e ga-

rantias, que pouco ou quase nada servem. A paz evangélica não necessita nada disso porque nasce da morte de Cristo na cruz, o puro amor, a pura doação; uma paz que nada exige, nada quer, nada procura senão aquilo que o outro deseja, quer e procura. Não é *como* a paz do mundo, que nasce do interesse próprio, do egoísmo particular ou grupal, do merecimento ou do prêmio.

Em seguida, Jesus repete a mesma exortação, com a qual havia iniciado este grande discurso: “*Não se perturbe o vosso coração...*” (Jo 14,1). De fato, a partida de Jesus não podia tornar-se causa de perturbação ou temor, mas de paz, alegria, júbilo. Por que? Muito simples. Porque Ele estava para retornar para a glória do Pai, no qual está a consumação de toda sua obra. Um retorno que significará um novo começo da mesma obra.

Jesus termina seu discurso dizendo: “*ouvistes o que vos disse ‘Vou, mas voltarei a vós...’*” (Jo 14,28). Duas afirmações que parecem se contradizer. Mas, na verdade se completam porque se referem ao mesmo acontecimento: a morte e a glorificação. Jesus sempre considerou esses dois momentos de sua vida como expressão de um único e mesmo mistério: realizar o desígnio, a vontade, o desejo, a Paixão de seu Pai, de estar sempre com seus amados e eleitos, os homens. E isso só seria possível mediante a morte e a glorificação, isso é, mediante uma nova presença, uma nova “Encarnação”, uma “Encarnação” espiritual.

Conclusão

Nestes tempos difíceis, de conflitos, agressões e até de perseguições internas e externas, no mundo e na Igreja, importa que ouçamos, mais uma vez, nosso Mestre: “*Não se perturbe nem se intimide vosso coração...*” E Ele mesmo dá a razão: “*Vou, mas voltarei a vós...*” (Jo 14, 27-28).

Mas, para isso é preciso que nos disponhamos a ouvir e a acolher nosso Defensor, o Espírito Santo e, acima de tudo, que o amemos, guardando sua palavra. Se isso fizermos diremos não *ao demônio da guerra, à loucura do terrorismo, à força enganosa das armas que devoram vidas...* As religiões que não perseguirem caminhos de paz, contradizem a si mesmas. “*Elas devem construir pontes, em nome daquele que não se cansa de unir o Céu e a Terra. Nossas diferenças, por isso, não devem nos colocar uns contra os outros: o coração daquele que realmente acredita em Jesus Cristo, exorta a abrir, sempre e em toda parte, caminhos de comunhão*” (São Paulo VI).

Violência nunca se supera com outra violência, seja de que tipo for, verbal ou material; arma não se elimina com outra arma. Pelo contrário, armamento só faz crescer o armamento. É preciso que creiamos, de novo, que o natural do humano não é a agressividade, a violência; mas, o encontro, o convívio, a fraternidade. Quem limpa e rejuvenesce nosso corpo sujo, enfraquecido e cansado não

somos nós, mas a água limpa e pura. Só o bem pode vencer o mal.

Mas, talvez, em vez de pensar em grandes iniciativas, comecemos a cultivar pequenos gestos e hábitos cotidianos imbuídos pelo espírito do amor e da paz propostos por Jesus no Evangelho de hoje, como, por exemplo: responder com silêncio ou com palavras amáveis a quem nos agride ou ofende; sermos mais tolerantes com os erros dos outros ou com quem pensa e se comporta de modo diferente de nós; não guardar ressentimentos que vão envenenando sempre mais nosso coração, etc.

São Francisco nos dá, de modo bem resumido, um belo programa que, se for seguido, certamente ajudará na construção de uma Igreja, de um mundo de paz e de fraternidade. Trata-se da sua penúltima Admoesta-

ção e que pode ser considerada como o princípio inspirador de nossa famosa Oração “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz!”

O título é muito sugestivo:

Das virtudes que afugentam os vícios

¹*Onde há caridade e sabedoria, não há temor a nem ignorância.*

²*Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação.*

³*Onde há pobreza com alegria, não há cobiça nem avareza.*

⁴*Onde há quietude e meditação, não há afã nem divagação.*

⁵*Onde o temor de Deus guarda o seu átrio, o inimigo não encontra por onde entrar.*

⁶*Onde há misericórdia e discrição, não há superfluidade nem dureza (AD 27).*



Solenidade da Ascensão do Senhor

Leituras: At 1,1-11; Ef 1,17-23; Lc 24,46-53

Tema-Mensagem: A Ascensão marca o fim e o início de uma nova, ainda mais misteriosa, admirável, promissora e universal, presença do Senhor e, ao mesmo tempo, o início da elevação de toda a humanidade e de toda a criação.

Introdução

O mistério da Ascensão do Senhor, que celebramos neste Domingo, não podia ser melhor resumido do que pelo canto do Prefácio da Missa de hoje: *Jesus, o Rei da Glória, nossa cabeça e princípio, subiu, hoje, ante os anjos maravilhados, ao mais alto dos céus, não para afastar-se de nossa humanidade, mas para dar-nos a certeza de que nos conduzirá à glória da imortalidade.*

1. Jesus prepara sua partida (At 1,1-11)

Dentre os textos do Novo Testamento que mais detalhadamente descrevem o evento da Ascensão está a primeira leitura da Missa de hoje, tirada do primeiro capítulo dos Atos. Duas partes formam essa narrativa: o discurso de despedida de Jesus e a descrição de sua Ascensão.

1.1. Os últimos anúncios

O autor começa falando do ministério que Jesus desenvolveu junto aos seus discípulos, durante o período dos quarenta dias que se seguiram à sua Ressurreição. Estamos, de novo, diante do misterioso número 40. Quarenta dias, ou anos, é sempre o tempo de Deus, isto é, de sua ação ou obra nas gerações humanas. Assim, os quarenta dias da Ressurreição até a Ascensão é o tempo em que Jesus, animado pelo poder de Deus, através de inúmeras aparições e reencontros, vai fortalecendo a fé dos discípulos na pessoa Dele e na sua obra, que logo, em seguida, eles deverão assumir e levar adiante.

1.1.1. Permaneçam em Jerusalém

Lucas recorda que, *durante uma refeição – Última Ceia – Jesus havia ordenado a seus discípulos que não se afastassem de Jerusalém...* (Cfr. Lc 1,4). A razão dessa ordem é muito simples: a expansão do Evangelho, a obra da evangelização deve nascer e principiar lá onde tudo se consumou: o mistério da Crucificação e Ressurreição, que se deu em Jerusalém. Assim, tudo vai realizar-se segundo a promessa de Jesus: *“Sereis minhas testemunhas em Jerusalém... até os confins de toda a terra”* (At 1,8).

1.1.2. Sereis batizados no Espírito Santo

O segundo anúncio é, sem dúvida, o mais importante de todos: *“Esperai a realização da promessa do Pai... vós sereis batizados com o Espírito Santo, dentro de poucos dias”* (Lc 1,4-5).

Os quarenta dias de presença e assistência de Jesus Cristo ressuscitado junto aos Apóstolos e à comunidade originária dos discípulos fecham os anos de sua missão, aqui na terra, e abrem os anos da missão da Igreja a serviço do Reino do Pai. Esse foi o grande e único tema de suas conversas durante aqueles quarenta dias de suas aparições como ressuscitado.

A compreensão dos discípulos, porém, a respeito do Reino de Deus, a serviço do qual eles serão enviados, era ainda muito estreita e mesquinha, como o demonstra esta pergunta: *“Senhor, será que é agora o tempo em que vais restabelecer o Reino para Israel?”* (At 1,6). Eles esperavam, ainda, uma iminente restauração política do Reino de Israel. Escapava-lhes o sentido escatológico e universal do Reinado de Deus.

Por isso, com sua resposta, Jesus procura, em primeiro lugar, ampliar-lhes a visão acerca da **História**. A partir de sua Morte e Ressurreição, a História não pertence mais aos homens, mas a Deus; a História não está mais nas mãos da inteligência e do poder dos homens, com seus projetos e planejamentos, mas nas mãos da regência do “não-poder” da Cruz e Res-

surreição Dele, isto é, na misericórdia e perdão do Pai.

Em segundo lugar, a resposta de Jesus amplia a visão dos discípulos acerca do **espaço** do Reino de Deus. Esse espaço não é mais, só e unicamente, o território e o povo de Israel. Ele é ecumênico, isto é, para todos os povos e para toda a criação.

1.2. Jesus foi levado ao céu.

Terminado o discurso de despedida com suas recomendações *“Jesus foi levado para o céu à vista deles e sentou-se à direita de Deus* (Lc 1,9).

Estamos diante do momento mais significativo e importante de toda a História, pois de nada teria adiantado tudo o que Deus já realizara no passado, de nada teria valido ter-nos entregue seu Filho até a morte e Morte de Cruz, de nada teria valido sua Ressurreição, se esse seu Filho humanado não tivesse retornado à direita do Pai. Seríamos ainda filhos perdidos, prisioneiros do Maligno, distanciados, banidos da Casa do Pai, um Povo sem pátria e sem Rei.

Assim, a culminância do destino de toda humanidade, de toda sua história e de toda criação se dá na culminância do destino de Jesus com sua reentrada na glória de Deus, na comunhão com o Pai, que o enviara. Um retorno misterioso. Por isso, ele se dá envolto por uma **nuvem**. A nuvem, simultaneamente, esconde e manifesta. Diz presença e ausência, ao mesmo tempo. O céu e a terra, o divino e o humano, agora são um e um mistério.

Assim, na entronização de Jesus junto do Pai se dá a maior exaltação de nossa natureza humilde, baixa, terrena, finita. Com Ele, nossa natureza é elevada acima dos céus, isto é, das virtudes celestes (anjos). Que o ser humano, em corpo e alma, seja tão exaltado, sempre é, na Igreja, motivo de grande admiração e alegria! São João Crisóstomo diz: *teu corpo será igualmente levado aos céus, porque o teu corpo é da mesma natureza que o corpo de Jesus Cristo.*

A Ascensão de Cristo consuma, assim, o mistério da Encarnação. Segundo Santo Agostinho, para Jesus Cristo *ir para o Pai e distanciar-se de nós significava mudar em imortal quanto de mortal Ele tinha assumido de nós, e elevar ao mais alto do céu a natureza terrena da qual, por nós, Ele tinha se revestido.* Já, São Cirilo de Alexandria diz que, com sua Ascensão, Cristo inaugura um caminho novo e vivo, um caminho que antes era intransitável, isto é, o caminho que dá acesso ao céu, ou melhor, ao Santuário Celeste, como diz a Epístola aos Hebreus (Cfr: Hb 9,24). Os Padres da Igreja, por sua vez, gostam de meditar no espanto dos anjos, ao verem algo tão extraordinário: um homem, um mortal, ascender às esferas celestiais, e sentar-se à direita de Deus Pai.

Vem, então, o anúncio final de toda essa narrativa: *Apareceram dois homens de vestes brancas que lhes disseram: “Homens da Galileia, porque ficais aqui parados, olhando para o céu? Este Jesus, que vos foi*

arreatado para o céu, há de vir do mesmo modo como o vistes partir” (At 1,11).

Os dois homens de branco seriam o espírito do Antigo e do Novo Testamento!? Ou, quem sabe, anjos, mensageiros da Jovialidade divina, que vieram despertar a consciência dos discípulos acerca de sua hora, de sua vez?! Por outro lado, esse Jesus Cristo, que foi arrebatado ao céu e que foi entronizado junto ao Pai, consumará a história com sua segunda vinda (*parusia*). Sua vinda, mais que uma “volta”, será a manifestação da plenitude de sua nova e definitiva presença no meio de nós, em meio às vicissitudes da história, numa presença latente, numa vigência velada. Confiar no mistério desta presença velada, saber que, ao subir para o céu, Ele não nos abandonou, mas que Ele está conosco todos os dias, até a consumação dos tempos, eis a Boa Nova que os discípulos devem levar para todos os povos e em todos os tempos.

2. Enquanto os abençoava, Jesus foi levado para o céu (Lc 24,46-53)

O Evangelho de hoje, cuja mensagem central é o mistério da Ascensão do Senhor, começa com este anúncio de Jesus a seus discípulos: *Assim está escrito: “o Cristo sofrerá e ressuscitará dos mortos ao terceiro dia”* (Lc 24,46). O mistério da Ascensão, portanto, está intimamente unido ao mistério da Cruz e da Ressurreição. Assim, Cruz, Ressurreição e Ascen-

são é a mesma e única exaltação de Jesus Cristo.

2.1. Ascensão, preparação para o Envio

Lucas, além de testemunhar a Ascensão, como conclusão do mistério pascal, ele a apresenta também como preparação para o aviamento da missão dos Apóstolos. Por isso e para isso revela que, naquela ocasião, o Senhor *abriu-lhes o intelecto (nous) para que assim compreendessem as Escrituras* (Lc 24,35), isto é, sua paixão, Crucificação e Ressurreição; pediu-lhes, também, que em seu nome fizessem o anúncio da “*metánoia*” (conversão, transformação do pensamento) e do perdão dos pecados *a todos os povos, a começar por Jerusalém*. Finalmente, depois de instituir os Apóstolos como testemunhas (*mártires*) de tudo isso, ele fala do envio do Espírito Santo. “*E eis que eu enviarei a Promessa do meu Pai sobre vós*” (Lc 24,49).

O Espírito Santo é chamado aqui de “*a Promessa do Pai*”. Isso quer dizer: o Espírito Santo, que o Cristo recebe do Pai e comunica aos que, em todos os povos, creem no Evangelho, é o cumprimento, a plenitude, a realização consumada da divina revelação de Deus na História da Salvação. É a potência vinda do alto com a qual seus discípulos serão revestidos, ordenados, unguídos (Cfr. Lc 24,49).

Nunca é demais insistir que será somente mediante a investidura dessa Potência do Pai que aqueles homens

frágeis, simples pescadores, de alma mesquinha e interesseira, fechados em si mesmos, poderão dar conta da grandeza da incumbência que acabavam de receber: ser testemunhas do Cristo Crucificado e Ressuscitado por toda a terra. Assim, cumprirão sua missão, não baseados no poder humano, mas no vigor, na virtude, na potência, que vem do Alto.

Nos tempos antigos a unção, ou melhor, o óleo com que alguém era untado, unguído, significava a penetração do vigor, da potência de Deus. Por isso, sua derradeira despedida se dá de modo solene, semelhante à liturgia da unção de um rei. Num gesto de homenagem régia e religiosa, os Apóstolos se prostram diante dele para receber a bênção, a unção, a Potência do alto. Só com essa bênção é que conseguirão testemunhar com paciência o mistério do amor misericordioso do Pai, assim como Ele, o Mestre e Senhor, o testemunhara até a morte e morte de Cruz. Se Cristo era o unguído do Pai, eles, agora, se tornam os unguídos, os “*cristos*” do Cristo, enviados a todos os povos, por toda a terra, para anunciar a alegria do Reino de Deus, o Evangelho.

2.2. Ascensão, primícia da elevação de toda humanidade e de toda criação

O Evangelho de Lucas termina falando da alegria, do júbilo dos Apóstolos (Cfr. Lc 24,52-53). Mas, qual o motivo de tão grande júbilo-

lo se o Mestre se ausentara, corporalmente, do meio deles? Segundo os Padres da Igreja, Cristo é arrebatado ao céu como aquele que vai à nossa frente, abrindo caminho, para nossa própria Ascensão ao céu. O seu corpo é primícia dos que, permanecendo ainda neste mundo, vivem da esperança de um dia também serem elevados ao céu, para junto do Pai. Nele, nossa natureza é honrada e elevada, recebendo todas as virtudes dos anjos e sendo introduzida diante da Majestade divina. São João Crisóstomo assevera: *teu corpo será igualmente levado aos céus, porque teu corpo é da mesma natureza que o corpo de Jesus Cristo*. Como, então, não rejubilar!

Recordemos ainda que, assim como o *Senhor Jesus Cristo não deixou o céu quando de lá desceu até nós, também não nos deixou quando subiu novamente ao céu* (Santo Agostinho). Foi o que os dois homens vestidos de branco asseveraram aos Apóstolos: *“Esse Jesus, que acaba de ser arrebatado ao céu, voltará do mesmo modo que o vistes subir para o céu”* (At 1,11). Por isso, daqui a alguns dias o mistério de hoje será completado com a Vinda do Espírito Santo. Enquanto a *parrusia*, isto é, o retorno de Cristo glorioso não acontecer, os tempos e os espaços, na ter-

ra, se alargarão, para que a alegria do Evangelho possa atravessar gerações e gerações até o fim.

3. Jesus Cristo e sua sumidade (Ef 1,17-23)

A segunda leitura, tirada do primeiro capítulo da Carta de São Paulo aos Efésios, começa com o famoso hino *Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ...* (Ef 1,3-4). Estamos aqui, diante da fonte mais profunda, última e primeira da Igreja: o dom da eleição gratuita de Deus. Por isso, para Paulo, a Igreja é anterior ao Cristianismo, anterior à sua constituição como comunidade eclesial.

3.1. Um espírito de sabedoria.

Dando continuidade a esse hino eclesial, Paulo não podia fazer outra coisa senão rogar ao Pai para que dê aos discípulos de Éfeso o “espírito da sabedoria” (*pneuma sophias*). Quando Paulo fala em Espírito está se referindo àquele vigor, àquele alegria e iluminação ou luz que nasce da graça do encontro com Jesus Cristo e que se torna fonte de inspiração, sopro de vida. Dessa luz ou inspiração do Espírito advém aos discípulos a Sabedoria. Mais adiante, o próprio Paulo esclarece que a luz, o sopro de vida, a sabedoria que ele está implorando para eles não é outra senão a força de Deus manifestada em Cristo ressuscitado (Cfr. Ef 1,20). Desta sabedoria provém o conhecimento.

A palavra usada por Paulo na Carta aos Efésios, na leitura de hoje, é “*epignosis*”, uma palavra grega que indica um modo de conhecer como quem vê “sobre”, isto é do alto; um ver que, por isso, penetra fundo, até o íntimo, o coração da pessoa; um ver ou conhecer que percebe, descobre, compreende e re-conhece por dentro a verdade mais verdadeira da pessoa. Paulo roga, portanto, que o dom da iluminação (*photismós*), da glória que nasce do encontro com Cristo crucificado-ressuscitado se revele, se manifeste e tome conta dos discípulos de Éfeso.

3.2. Fé e esperança que nascem do chamado

Paulo, então, começa a elencar os benefícios para quem é atingido por essa visão, essa sabedoria, essa luz:

- O primeiro benefício é a esperança: *para que saibais qual a esperança da vocação que o seu chamamento vos dá...* (Ef 1,18). Ora, como poderia não esperar, ou desesperar, alguém que tenha visto e tocado no seu Senhor, um Senhor que, por ele e para ele – o servo – tenha dado sua vida?!

- O segundo é a glória: *para que saibais qual a riqueza da glória que está na vossa herança com os santos...* (Ef 1,18). Glória é o brilho, o fulgor, a força que se revela como fruto da busca da própria identidade. Por isso, se fala em glória de um médico, agricultor, etc. Aqui, se trata da

glória dos santos, isto é, daqueles que testemunharam Jesus Cristo, seguindo seus passos até a Cruz. Eis nossa herança, diz Paulo aos efésios, reservada a eles e a todos os seguidores de Jesus Cristo;

- Finalmente, o poder: *e que imenso poder Ele exerceu em favor de nós...* (Ef 1,19). Ora, qual o poder que Deus pôs em nosso favor, senão o poder com o qual revestiu seu Filho de ser o vencedor da morte e do pecado, ou seja, o poder de como Ele e com Ele estarmos sentados junto do trono da Misericórdia e do Perdão.

Conclusão

Durante séculos, nós católicos nos ocupamos mais com a Igreja do que com Jesus Cristo e seu Evangelho e, por isso, fazemos muita pastoral, mas pouco evangelizamos. Para ajudar-nos a sair dessa situação, o Papa Francisco pede que olhemos e sigamos São Francisco de Assis, o “Homem inteiramente católico (universal) e apostólico”, “um outro Cristo”, o “Homem do Milênio”. Este Santo estabeleceu para si e para seus frades que deviam começar e viver sempre: “*Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!*”; que a Vida e o Evangelho de Jesus Cristo devia ser a Regra e a Vida deles e de todos os seus seguidores (Cfr. RNB).

A exemplo de Jesus, ainda, o mesmo Santo gostava e costumava congregar os frades em santos capítulos para depois enviá-los dois a dois, dizendo-lhes:

“Ide, caríssimos, por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu. Aos que vos fizerem perguntas respondi com humildade, aos que vos perseguirem abençoai e aos que vos caluniarem agradecei, porque por meio disso tudo nos está sendo preparado um reino eterno”. E, recebendo o mandato da santa obedi-

ência, com gáudio e muita alegria, eles se prostravam suplicantes diante de São Francisco. Ele os abraçava e dizia com ternura e devoção a cada um: “Põe teus cuidados no Senhor e ele cuidará de ti!” (1C 29).

Essa experiência, certamente, é o que levou o Santo a recomendar aos frades o seguinte modo de evangelização: *Não entrem em litígios, nem em brigas de palavras vãs, nem julguem os outros. Mas sejam brandos, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando honestamente com todos como convém* (RB 3,11b-12).



Pentecostes

Leituras: At 2,1-11; 1Cor 12,3b-7.12-13; ou: Rm 8,8-17; Jo 20,19-23; ou: Jo 14,15-16.23b-26

Tema-Mensagem: Este é o dia em que o Espírito do Senhor foi derramado definitivamente e em toda sua plenitude sobre toda humanidade e sobre todo universo.

Introdução

Muitas são as manifestações ou vindas do Espírito Santo ao longo da história. Em todas elas, manifesta-se sempre o milagre da vida, do ser, do existir, da criação ou recriação. Hoje, porém, dia de Pentecostes, celebramos a consumação de todas as suas manifestações ou vindas; dia em que o Espírito do Senhor foi derramado de modo definitivo, pleno e consumado sobre todo orbe da terra e sobre toda humanidade.

Duas, e bem diferenciadas, são as narrativas do Novo Testamento que evocam esse mistério. Uma é do evangelista João e outra de Lucas, autor dos Atos dos Apóstolos. Ambas são proclamadas na Missa de hoje.

1. O dom do Espírito Santo – a Boa Nova da Ressurreição (At 2,1-11)

Os primeiros cristãos não podiam ignorar e muito menos negar a presença do Espírito Santo como uma realidade que começou a marcar ra-

dical e definitivamente a vida deles, de todos aqueles homens e mulheres, a ponto de transformá-los por dentro e por fora. Todo livro dos Atos dos Apóstolos tem como único objetivo mostrar o protagonismo da presença do Espírito do Senhor e de sua santa e admirável operação.

Se, por um lado, o Espírito é o incompreensível, por ser totalmente o Outro, por outro lado, é o Mistério mais próximo, mais íntimo e originário de cada um de nós. Nós não o compreendemos, mas Ele nos compreende. Sem Ele, nada existe e nada sobrevive. Era a experiência da presença e atuação desse mistério que animava e fortalecia a Comunidade nascente dos Apóstolos, testemunhada pelo livro dos Atos.

1.1. O dia de Pentecostes

Assim, talvez, possamos compreender a maneira lacônica com a qual Lucas começa sua narrativa: *Quando chegou o dia de Pentecostes...* (At 2,1). “Pentecostes”, cujo nome significa o quinquagésimo dia após a Páscoa, era uma festa judaica (*Shavuot*), cujo objetivo era celebrar e agradecer os frutos recebidos da terra e de Deus. Por isso, era chamada, também, “Festa das Colheitas” ou “Dia das Primícias”, ou seja, dos primeiros frutos colhidos (*Yom Habikurim*).

Era, também, a festa da “Torah”, que tinha como objetivo celebrar

a graça da redescoberta da Lei, que selara a antiga aliança de Deus com seu povo predileto; uma lei prene de sabedoria e de espírito, como se lê no livro da Sabedoria (Cfr. Sb 7,22).

Por isso, não foi muito difícil para os primitivos cristãos-judeus ver a Vinda do Espírito Santo como um novo Pentecostes, que veio inaugurar uma nova Aliança. Uma Aliança não mais selada com uma lei escrita em pedras, mas com o derramamento do Espírito de Deus no coração dos homens. Assim, o Ensino (Torah) de Deus se tornaria íntimo no homem e o conhecimento de Deus – tão esperado pelos Profetas – se espalharia pela terra. Por isso, segundo Lucas, o mistério de todo esse dom se realiza cinquenta dias depois da Ressurreição de Jesus: o novo Pentecostes.

1.2. De repente veio do céu um barulho

Assim, logo após anunciar a Festa de Pentecostes, Lucas acrescenta: *os discípulos estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho, como se fosse uma ventania...* (At 2,1)

O objetivo parece-nos claro e simples: mostrar que os discípulos em vez de embriagados, como os acusavam os chefes judeus (Cfr. At 2,15), eram movidos por uma força vinda de fora, do alto, de Deus, “do céu”. O Espírito, como um vinho divino, traz, realmente, uma embriaguez sóbria e uma sobriedade ébria. Ou seja, conduz o discípulo de Jesus para fora-de-

si, a fim de torná-lo cheio de fervor e de entusiasmo¹⁸ por causa da graça do reencontro com o Senhor. Ao mesmo tempo, deixa-o lúcido e todo iluminado, ciente e consciente do que realmente está se passando.

Além do mais, esse Espírito tinha endereço certo: os discípulos. Por isso, Ele se deu no lugar, na casa onde eles estavam reunidos. Por outro lado, era preciso, também, mostrar aos judeus das diversas regiões que estavam diante de um novo e grande poder vindo do céu. Por isso, para mostrar sua potência e soberania, não vem em forma de brisa, mas de barulho, semelhante a uma grande ventania e, soprando misteriosamente, sem que ninguém pudesse saber de onde vinha e nem para onde ia.

1.3. Línguas de fogo que se repartiam

São Lucas, como já dissemos, coloca a Vinda do Espírito Santo dentro da Festa judaica de Pentecostes, com nítida intenção de realçar que esse dom não é apenas para um pequeno grupo de pessoas, os judeus, mas para todas as raças, povos e nações de todo orbe terrestre e de todos os tempos. Pois, naquela festa se reuniam em Jerusalém judeus vindos de todas as partes do mundo. O sinal, escolhido para manifestar o poder maravilhoso desse dom, foi o milagre da universalidade das línguas, assim descrito por Lucas: *en-*

¹⁸ “Entusiasmo”, em grego: “èn” (cheio, pleno) + “teós” (Deus: cheio de Deus).

tão lhes apareceu algo como línguas de fogo, que se repartiam, e pousou sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo e se puseram a falar outras línguas (At 2,2-3). Assim, a partir de Jerusalém, o Evangelho de Jesus Cristo, a modo de um fogo alastrante e incendiário, iria se difundir por toda a terra e ser pregado em todas as línguas. De seu poder de atração, se reuniriam todos os povos na comunidade universal da caridade, que é a Igreja. A difusão da centelha divina levaria esse Povo novo a cantar os louvores de Deus, por toda a face da terra, transformando suas vidas num contínuo ofício divino. As línguas dos homens, em sua diversidade, iriam se reunir na Identidade e Unidade da Linguagem do Amor jovial, formando um só canto de louvor.

O milagre das línguas, no Pentecostes, traz consigo, pois, o poder maravilhoso do Espírito-Caridade que reúne, numa identidade comum, todos os homens, com suas diferenças, sem discriminações étnicas, culturais, religiosas, etc. O amor que produz comunhão (*koinonía*)!

2. O dom do Espírito Santo, primeira experiência dos Apóstolos e da Igreja (Jo 20,19-23)

Entre as diversas aparições de Jesus, a que é proclamada hoje, tirada do Evangelho de João, é, certamente, a mais importante porque nos põe em contato com a primeira experiência que os Apóstolos fazem do ressuscitado.

2.1. O primeiro dia da semana

João gosta de chamar o dia da Ressurreição de “primeiro dia da semana” porque vê nele uma relação muito expressiva com o primeiro dia da semana da criação. Em outras palavras, se outrora, na primeira criação, o homem foi criado a partir do barro, da terra, de baixo, desse mundo, agora, na segunda, isto é, com o mistério pascal, o novo homem é nascido do alto, do espírito, do sopro expirado do peito de Jesus, na cruz. Se o primeiro homem era terrestre, o novo é celeste, divino; se o primeiro se regia pelas leis da natureza, este se regerá pelo espírito de Jesus crucificado-ressuscitado, a misericórdia do Pai.

Fica claro, portanto, que os discípulos ainda não haviam recebido o Espírito Santo em sua plenitude, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado (Cfr. Jo 7,39). Isso quer dizer que o dom da plenitude do Espírito Santo nasce da glorificação de Jesus, do mistério pascal, mais precisamente, quando, na cruz, *ao consumir toda a sua obra, inclinando a cabeça, entregou o espírito* (Jo 19,30).

2.2. O dom da paz

Chama-nos a atenção a insistência de Jesus em conceder aos discípulos a paz, e isso antes do dom do Espírito Santo. A explicação é simples e dada pelo próprio evangelista: *por medo dos judeus, as portas do lugar onde os discípulos se encontravam estavam fechadas* (Jo 20,19).

Embora os discípulos já tivessem recebido, por parte de Maria Madalena, a notícia do sepulcro vazio, ainda não conseguiam crer na Ressurreição do mestre; continuavam perturbados, com medo, atribulados e envergonhados por causa de sua fuga e traição, por ocasião da prisão do Mestre. Consequentemente, ainda não tinham se reencontrado e reconciliado com Ele. Ora, Jesus sabe muito bem que sem isto, ou seja, sem o reencontro com Ele – o crucificado-ressuscitado – não há como receber do seu Espírito, muito menos sua missão. Por isso, e para isso, era necessário, primeiro, pôr ordem na casa, isto é, paz no coração, reconciliá-los com a cruz, libertá-los da vergonha e do medo de abraçar e seguir o caminho da cruz, palmilhado por Ele. Daí a insistência e a repetição: *A paz esteja convosco!* Não se trata, portanto, da paz dos contratos humanos, cheios de desconfianças; nem da paz como serenidade psicológica ou ausência de conflitos e contrariedades, no sentido do pacifismo ou da pacificação oriundos do mundo; muito menos da paz nascida da egoísta fuga do mundo. A paz que Cristo veio trazer ao coração dos homens e da humanidade é processo, trabalho, luta a fim de permitir que se introduza no coração do homem a fé, a confiança Naquele pelo Qual Jesus deu sua vida, o Pai; a paz que já tinha sido anunciada na noite do Natal como dom do Céu *aos homens queridos de Deus* (Lc 2,14); uma paz, portanto, que nasce da mesma fé, da mesma confiança que Ele

testemunhou até a morte e morte de cruz.

Portanto, ao dom do Espírito Santo tem de preceder o dom da paz. Sem esse não há como receber aquele. Por isso, a Igreja, mãe amável e mestra sábia, sempre, no início de cada celebração eucarística, bem como no momento da comunhão, antes de receber o Corpo do Senhor, renova e reatualiza para seus fiéis este gesto e esta saudação de Jesus com os Apóstolos desejando: *A paz do Senhor esteja sempre convosco!* O dom da Paz concretiza-se logo em seguida, com o perdão dos pecados, com a reconciliação com Deus e com os irmãos. Só então, pode-se partir para o reencontro com o Senhor na Palavra e na Eucaristia. São Francisco, fazendo eco a esse dom, tanto em seu Testamento como em sua Regra, exorta os frades para que sempre ao iniciarem uma pregação, ou entrarem numa casa, dissessem primeiro: *O Senhor te dê a paz!* (T 23).

2.3. Jesus soprou sobre os Apóstolos

Continuando, o evangelista escreve: *E depois de ter dito isso, soprou sobre eles e disse: 'Recebei o Espírito Santo!'* (Jo 20,22).

Estamos diante da primeira e mais significativa experiência crística da Igreja primeva: a presença criativa do Espírito. Pode-se discutir muita coisa acerca desta sua Vinda, inclusive, de sua natureza. Mas, quanto à sua presença, como realidade que co-

meçou a marcar, radical e definitivamente, toda a vida daqueles homens e daquelas mulheres, a ponto de transformá-los por dentro e por fora, não há como duvidar. Todo livro dos Atos tem, como único objetivo, mostrar o protagonismo do Espírito do Senhor e seu santo modo de operar.

Trata-se de uma realidade misteriosa que não pode ser vista e explicada por argumentos e razões humanas, mas tão somente através de imagens, como estas do sopro, do ar, do vento e do fogo. Se em João, o sopro desce em forma de brisa suave, para expressar sua ternura, já em Lucas, vem como forte ventania, para mostrar sua potência.

A alegoria do vento leva o leitor e o ouvinte para o princípio da criação, quando o Espírito de Deus pairava sobre as águas abismais (Cfr. Gn 1,2) a fim de fecundá-las, tornando-as assim, princípio da vida terrestre. Agora, um novo sopro irá adejar sobre os povos do mundo inteiro, de estirpes diferentes, e congregá-los na unidade de um único e novo povo, de uma nova nação, sem fronteiras geográficas, sem diferenças de raça ou cultura. Realizou-se, assim, a profecia que viera à fala pela boca de Joel (Cfr. Jl 2,8).

Há na vida de São Francisco, mais precisamente em sua conversão, um evento admirável e maravilhoso. A imagem do Cristo Crucificado, na Igrejinha de São Damião, que o tocou e comoveu profundamente, aparece com o peito inteiramente luminoso, pleno do Espírito Santo. Desde en-

tão, a experiência da presença cuidadora, amorosa e maternal do Espírito Santo era tão clara e evidente para Francisco que chegou a afirmar que o verdadeiro Ministro geral da Ordem é ele, o Espírito Santo (Cfr. 2C 193).

2.4. O perdão dos pecados

Ao dom do Espírito Santo, segue o do perdão dos pecados: “*A quem perdoardes os pecados...*” (Jo 20,23). Trata-se do fruto maior de toda a obra de Cristo, sua grande Boa Nova, repetida inúmeras vezes, em todas as suas pregações, gestos e atitudes, culminando no supremo ato de misericórdia, a Cruz: o perdão, a reconciliação com o Pai. Estamos diante do supremo poder do amor-caridade: o perdão dos pecados, maior que curar enfermos e paralíticos, sim, maior até mesmo que ressuscitar mortos. *Nos atos de perdoar reverbera e repercute a presença de Deus. Em Deus, perdoar não é ato, é ser* (E. Carneiro Leão). Ou, como se expressou nosso Papa Francisco: *o nome de Deus é Misericórdia*.

3. Um defensor que permanecerá sempre com os discípulos de Jesus (Jo 14,15-16.23b-26) – Opção para o Ano C.

Para o Ano C, a Liturgia da Igreja oferece esse trecho do Evangelho de João. Quando João escreveu seu Evangelho, a Igreja passava por muitas provações. Precisava, pois, dar aos seus irmãos na fé um conforto salutar.

Lembrou-se, então, dessa passagem, geralmente intitulada “Promessa do Espírito”, inserida no longo Discurso de Cristo, em sua despedida, durante a Última Ceia.

João lembra, então, a chave de ouro para um cristão enfrentar todos os desafios e contrariedades: o amor de Cristo: *Se me amais, guardareis os meus mandamentos* (Jo 14,15). Nunca é demais insistir que o cristão, a Igreja, somente serão o que são pelo ou com o amor de Cristo. Um amor que significa morrer com Ele e como Ele, até à morte e morte de Cruz. Fora desse princípio podemos ser tudo, mas não ou pouco cristãos, menos ou pouco Igreja. E então, se estivermos presos a essa raiz, Ele rogará ao *Pai que nos dará um outro Defensor para que permaneça sempre convosco* (Jo 14,16).

Outras traduções falam em *Advogado, Consolador, Santificador*. Seja qual for o termo que se preferir, a mensagem é sempre a mesma: quem se empenha em amar Jesus, guardando e cumprindo sua Palavra, será amado pelo Pai e se tornará morada de ambos. Como, então, ter medo se em sua casa mora o próprio Pai?!

Um cristão ou uma Igreja que pouco ou quase nada se relaciona com essa Pessoa divina, que nos foi dada de graça, pelos méritos de Cristo, e que vive em nosso íntimo mais profundo, correm o risco de extinção. Daí a insistência de nosso atual Papa para que sejamos *evangelizadores com Espírito* (EG V).

Vale recordar aqui São Francisco de Assis e seus primitivos companheiros. Animados pelo amor de Cristo, instigados pelo zelo da fé cristã e pelo desejo do martírio, atravessaram o mar onde foram presos, batidos, amarrados e levados, depois, para junto do sultão. *E estando diante dele, Francisco, ensinado pelo Espírito Santo, pregou tão divinamente sobre a fé cristã que mesmo por ela queria entrar no fogo. Pelo que o sultão começou a ter grandíssima devoção por ele, tanto pela constância de sua fé, como pelo desprezo do mundo que nele via; [...] e também pelo fervor do martírio* (I Fi 24).

4. Quem se deixa mover pelo Espírito promove a Unidade (1Cor 12,3b-7.12-13)

A segunda leitura é da Primeira Carta aos Coríntios. A Comunidade, aí fundada por Paulo, desde cedo, enfrentava o grave problema das divisões. Uma das causas era a influência de alguns pseudos carismáticos. Movidos pelo espírito pagão, buscavam mais o espetacular, o milagroso do que a pureza da simplicidade e da humildade evangélica. Por isso, a advertência de Paulo: *Ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ a não ser no Espírito Santo* (1Cor 12,3).

A mensagem é clara. Um crente só pode ser carismático, verdadeiro e autêntico, se, em vez de buscar aplausos, elogios, satisfações e a promoção de si mesmo, se dedicar única e tão somente a exaltar a pessoa de Jesus

Cristo. Vale aqui o dito de João Batista: Importa que Ele cresça e eu diminua.

A partir desse princípio, Paulo começa a ministrar-lhes uma bela catequese acerca da origem, da diversidade e do uso dos dons. Primeiramente, importa que saibam que os dons procedem de um único e mesmo Espírito. Daí sua insistência: *mas, um mesmo é o Espírito... mas, um mesmo é o Senhor... um mesmo é o Deus que realiza todas as coisas em todos* (1Cor 12,4ss). Por isso, também, como dons, devem estar sempre a serviço da Comunidade, jamais para seu rompimento ou divisão.

Vem, então, o exemplo tão caro a Paulo: *Como o corpo é um, embora tenha muitos membros, e como todos os membros do corpo, embora sejam muitos, formam um só corpo, assim também acontece com Cristo* (1Cor 12,12). Por isso, finaliza exortando os coríntios para que se espelhem no comportamento dos membros do corpo: embora muitos, no entanto, todos, esquecidos de si mesmos, se põem à serviço da unidade, do corpo, da vida. E conclui: *Assim também acontece com Cristo. De fato, todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num único Espírito para formar um único corpo e todos nós bebemos de um único Espírito* (1Cor 12,12-13).

Quando numa Comunidade vige esse espírito, o veneno da discórdia, que nasce do cultivo de um “eu” mesquinho e egoísta, desaparece. O crente que é verdadeiramente caris-

mático, nem sabe que tem esse dom. Ele simplesmente é. Como Maria, simplesmente engrandece o Senhor. Em vez de querer *dominar pessoas e espaços da Igreja* (EG 95); em vez de querer fazer guerra com outros cristãos ou membros da comunidade por invejas e ciúmes, prestígios, poder e prazer (Cf LS 98); em vez, enfim, do espírito de contenda, está sempre disposto, como os membros do nosso corpo, a olhar pelas necessidades dos outros e a fazer o bem, principalmente para os mais fragilizados e necessitados.

5. Filhos do Espírito devem andar segundo o Espírito (Rm 8,8-17) – Ano C

Para o Ano C, a Liturgia da Igreja apresenta como opção para a segunda leitura este trecho da Carta aos Romanos. Como porta que se move presa ou sustentada por dois gonzos, São Paulo mostra aos cristãos de Roma o perigo de viver seguindo ora o espírito dos filhos da carne ora o espírito dos filhos do Espírito. Por isso ele começa insistindo que *os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus* (Rm 14,8).

Eram carnavais tanto certos fiéis vindos do paganismo como certos fiéis vindos do judaísmo. Os primeiros porque ou quando queriam manter, ainda, certos costumes ou condutas que iam desde a magia, a superstição e, até mesmo, orgias sodomistas. Os judeus porque persistiam em querer assegurar a salvação pelo espírito do

merecimento, principalmente pelo mero cumprimento da lei.

Por isso, Paulo, como bom pastor, insiste com toda a ternura, mas também com todo o rigor: “Vós não deveis mais viver segundo a carne; deveis viver segundo o Espírito, pois o Espírito está em vós”; *embora vosso corpo esteja ferido de morte por causa do pecado vosso espírito está cheio de vida, graças à justiça* (Cfr. Rm 8,9-10).

Quando Paulo fala em justiça está se referindo à Justiça de Deus, isto é, à graça da reconciliação, da paz com Deus e com todas as criaturas, que Cristo nos mereceu mediante seu sacrifício na Cruz. Do alto do Gólgota, ao dar seu grito de entrega ao Pai, “ex-pira” para toda humanidade, para todo universo o hálito, o sopro, o espírito de sua filiação divina. A partir de então, *todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus tornam-se filhos de Deus* (Rm 8,14), podendo, agora, chamá-lo de *Abá, ó Paizinho!* (Rm 8,15).

Assim, viver segundo a carne é contentar-se com os próprios recursos, sem aceitar o dom gratuito de Deus que é Jesus Cristo e sua obra redentora. Compreende-se, então e porque, nesse caso, o homem caminha para a morte em seu sentido radical, uma vez que acaba fora da fonte da vida. Conduzir-se pelo Espírito, ao contrário, é seguir o caminho seguro da vida eterna, agora e depois da morte.

Por isso, a situação atual do cristão é sempre de tensão. De um lado sua ligação com o velho homem,

sempre tendendo a fechar-se em si mesmo, faz dele um cadáver vivo, condenado à morte eterna. Mas, como o Espírito de Cristo já está nele, todo seu corpo, isto é, toda a sua pessoa está vivificada e destinada para a vida eterna, já aqui e depois de sua morte terrestre. Por isso, conclui Paulo: *Portanto, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo* (Rm 8,17). Mas, há uma condição: *Se realmente sofremos com ele! Só assim seremos glorificados com Ele* (idem).

Ouçamos São Francisco:

Portanto, Irmãos, cuidemo-nos todos de toda soberba e vanglória. E guardemo-nos da sabedoria deste mundo e da prudência da carne. Pois, o espírito da carne quer e se empenha muito em ter palavras, mas pouco em obra; e procura não a religião e a santidade no espírito interior, mas quer e deseja ter a religião e a santidade que apareçam por fora, diante dos homens. E estes são aqueles dos quais diz o Senhor: Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa. O espírito do Senhor, porém, quer a carne mortificada e desprezada, vil e abjeta. E se empenha na humildade e na paciência e na pura e simples e verdadeira paz do espírito. E sempre, acima de tudo, deseja o temor de Deus e a

divina sabedoria e o divino amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo (RNB 17).

Conclusão

A partir da Ressurreição e do Pentecostes, através do júbilo e do fogo do encontro com Jesus Cristo crucificado-ressuscitado, os discípulos, os homens e as criaturas não são mais os mesmos. Tomados pelo poder do Espírito Santo, que invadiu o universo inteiro, agora são mais que homens e mais que criaturas: tornaram-se ‘deuses’, seres espirituais, da estirpe de Deus (Cfr: At 17,29), filhos de Deus. Começa a surgir, assim, de fato e de maneira nova, a nova humanidade dentro das humanidades, uma nova criação dentro da criação, uma nova história dentro da história: o Reino de Deus, assentado não mais no poder da lei ou da carne, isto é, de contratos ou decisões humanas, mas, na paz que brota da reconciliação e do perdão dos pecados, que nos mereceu o Cordeiro imolado, Cristo crucificado-ressuscitado.

As maravilhas que então começaram a surgir, a partir desse processo de transformação, gerado e incendiado pela presença contínua desse Espírito, podem ser contempladas ainda hoje nos famosos Atos dos Apóstolos.

Hoje, depois de alguns séculos, a Igreja, um tanto ou muito esquecida do fogo do Espírito Santo, o protagonista de toda sua vida e missão, volta a sentir a necessidade de *evangeliza-*

dores com Espírito (Papa Francisco, em EG 259). E, como exemplo de tais evangelizadores, o Papa nos recomenda São Francisco e seus primitivos companheiros (Cfr: LS). De fato, poucas vezes na história, depois dos primeiros séculos, se pôde ver tão bem o ressurgimento da Igreja primitiva, a Igreja dos Apóstolos, animada pelo Espírito Santo, como em São Francisco e seus companheiros. Jacques de Vitry, por exemplo, chega a afirmar que a Vida e a Regra daqueles frades não era outra senão a Vida e a Regra da Igreja primitiva, uma Igreja que estava moribunda e que, então, estava se reavivando (Cfr: Jacques de Vitry, em *Fontes Franciscanas*, pág. 1306). Tudo isso, porque, como os primitivos cristãos, também esses tiveram no Espírito Santo seu primeiro e principal protagonista. Por isso, como aqueles, também esses possuem os seus “Atos do Bem-aventurado Francisco e dos seus Companheiros”, seus *Fioretti*, isto é, seus feitos heroicos, seus prodígios e milagres. Mas, tanto lá como cá, em tudo e com todos, era sempre o mesmo Espírito o autor de tantas maravilhas, a ponto de Francisco exortar seus Irmãos que, ao comungarem, estivessem muito atentos, pois, dizia ele, *quem comunga, quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor não somos nós, mas o Espírito do Senhor que habita nos seus fiéis* (Ad I,12).

Enfim, evangelizadores com Espírito, diz o Papa Francisco, são *evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo* (EG 259).



Solenidade da Santíssima Trindade

Leituras: Pr 8,22-31; Rm 5,1-15; Jo 16,12-15

Tema-mensagem: Justificados pela fé, somos introduzidos no mistério dos mistérios a fim de viver sempre em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Introdução

Com a solenidade de Pentecostes, Domingo passado, concluímos as celebrações do mistério da presença histórica de Cristo em nosso mundo e em nossa História. Hoje, com a solenidade da SS. Trindade, iniciamos o assim chamado Tempo Comum, Tempo da presença mística de Cristo. É, também, o início do Tempo da Igreja e de sua Ação evangelizadora. Por isso, a Igreja, ao colocar esse Mistério no princípio desse Tempo, está proclamando que os protagonistas de toda sua vida e de toda sua obra missionária não são outros senão as Três Pessoas divinas: Comunidade do Amor-Doação (Cfr. Ant. da Entrada). O brilho desse mistério é tão intenso que ofusca de tal modo os olhos de nossa mente que mal conseguem mirá-lo. Por isso, humildes e alegres, como crianças, iniciemos, como sempre: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!*

1. A Sabedoria, primícia de toda a criação e da salvação de Deus (Pr 8,22-31)

O Livro dos Provérbios é formado, como o título mesmo diz, por sentenças, ditos ou instruções. São como raios de um grande sol que foram irrompendo ao longo da caminhada de Israel, orientando-lhe os passos na resposta que ele devia dar ao chamado de Jahvé para ser seu Povo amado. O autor apresenta a Sabedoria como se fosse uma pessoa: *Assim fala a Sabedoria de Deus* (Pro 8,21). É um recurso muito bem bolado para dizer que estamos diante de um mistério muito grande, sagrado, íntimo de Deus e que por isso se assemelha a uma pessoa e que precisa ser amada como se ama uma pessoa muito próxima, querida.

O trecho, proclamado hoje, começa revelando a origem e a natureza da Sabedoria: *O Senhor me possuiu como primícia de seus caminhos, antes de suas obras mais antigas; desde a eternidade fui constituída, desde o princípio, antes das origens da terra* (Pro 8 22-23). A Sabedoria é, pois, a força primeva de Deus, por meio da qual se dá a passagem do não ser ao ser, do caos ao cosmos; é ela que dá aos elementos do mundo seus limites e sua disposição na ordenação do universo. Ela se mostra, portanto como

arché, isto é, como vigor originário, fundamento instituidor, sustentador e articulador de todas as coisas.

Em relação ao Senhor do universo (Deus), ela se proclama como primícia de sua ação, como prelúdio de suas obras arcaicas, originárias, pois foi gerada antes de todas as coisas. Ela era, ao mesmo tempo, para Ele, seu mestre de obras, na construção do universo.

O trecho segue um veio muito significativo. Ela, a Sabedoria, nasce em Deus como sua filha mais íntima e predileta. Mas, seu destino é os homens. Ou seja, sua missão é levar os homens para a intimidade de Deus. Assim, seguindo esses provérbios, o homem chegará facilmente à sua origem. Por isso, uma antiga tradição judaica identificava a Sabedoria com a Torah, a Lei.

Mas, digno de realce é a apresentação da Sabedoria como criança querida, bem-amada de Deus, no evento fundante da criação, quando e onde ela aparece *brincando todo o tempo diante dele* (Pro 8,30). Assim, nela e com ela, são vistas e entendidas por Deus suas criaturas: crianças seguindo o jogo da vida, no frescor da novidade de cada instante, sem passado nem futuro. Apenas presente. A Sabedoria infante é, assim, a “nascividade e o vigor do Mistério” – o Filho, qual revelação da “gratuidade e da ternura” de Deus, de sua “bondade”, “profundidade” e penetração na existência humana e no cosmos.

Assim, a Sabedoria pode ser vista como um fio dourado discreto

que perpassa todas as páginas da Sagrada Escritura. Iniciado neste hino, que canta a Sabedoria como *primícia da ação de Deus e prelúdio de suas obras antigas* (Pr 8, 22), vai desembocar no Prólogo do Evangelho de João, que canta o Verbo (*Lógos*) que *se fez carne e habitou entre nós*. E, finalmente, Paulo proclamará Jesus Cristo Crucificado como a *sabedoria que vem de Deus* (1Cor 1,30).

2. Um Pai que dá, um Filho que recebe e obedece e um Espírito Santo que nos leva à verdade (Jo 16,12-15)

A perícopé evangélica desse Domingo é uma das poucas, senão a única na qual Jesus fala explicitamente das Três Pessoas da SS. Trindade.

2.1. O Espírito da Verdade

Estando para terminar sua obra neste mundo, Jesus adverte seus discípulos que tem muitas coisas a dizer-lhes, mas, que, naquela ocasião, ainda não estavam em condições de compreendê-las. E, então, anuncia: *“Quando vier, porém o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade”* (Jo 16,13).

Com essa mensagem Jesus tocava num dos desejos mais profundos do homem: chegar à verdade de Deus. Mas, como isso é impossível a partir de si, Jesus promete aos seus o envio do Espírito Santo. Jesus já revelara aos Apóstolos, seus amigos, *tudo o que ouvira de seu Pai* (Jo 15,15).

Mas, precisavam percorrer ainda um bom caminho, principalmente o da Cruz, para entender a plena verdade de todo o mistério de sua Pessoa e do Pai.

Ser conduzido à verdade, porém, mais que a uma informação, é ser introduzido ao íntimo da pessoa, aos seus sentimentos, desejos, aspirações e, acima de tudo, à vontade tanto Dele como do Pai e do próprio Espírito Santo. Tudo isso, porque em Jesus, como entre dois amigos ou enamorados, dar-se a conhecer é doar-se, confiar-se, entregar-se; e conhecer, por sua vez, é recebê-lo. E esse mistério – doação-recebimento – se revelará em plenitude na Cruz. Jesus já havia dito que Ele é *a Verdade* (Jo 14,6). Mas, só na sua Cruz e Ressurreição mostrou em plenitude essa sua identidade. Surge, assim, a missão do Espírito Santo: levar os Apóstolos de então e de sempre para a proximidade, a intimidade dessa obra, para que eles também possam comungar da Vida de Jesus e assim comungar também com Ele e como Ele da vida do Pai e do Espírito santo.

Assim, o ensinamento do Espírito a nós é sua própria auto doação, na qual se nos doa Deus inteiro, desde sua raiz, isto é, desde a raiz de sua deidade. Destarte, na doação do Espírito se nos doa o Pai e o Filho. O Pai doa-se inteiramente ao Filho, desde a raiz de sua deidade e o Filho doa-se inteiramente a nós; ambos se nos doam no Espírito Santo, que é o Espírito do Pai (Mt 10, 20), tanto quanto é o Espírito do Filho (Gal 4, 6). O

Espírito é, assim, o Amor do Pai e do Filho, o Dom de ambos doando-se a nós, comunicando-se a nós, revelando-se a nós. Essa ordem, porém, não diz desigualdade. Pai e Filho e Espírito Santo são iguais no ser. Aos três damos a mesma glória e rendemos igual reverência, quando dizemos: “Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém!”

2.2. A Santíssima Trindade nossa Regra ou Forma de Vida

Assim, é a partir do Cristo, que se entrega ao Pai, como Filho do Homem e Filho de Deus, e que, após sua Ascensão, envia o Espírito Santo, que nós chegamos ao conhecimento do mistério da Trindade do Deus, que é Um. Assim, foi-nos dado aquilo que Santo Irineu chamou de “regra da fé”, que é o “fundamento do edifício” do nosso crer e do nosso agir em Cristo: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. É esse mistério trinitário, com sua santa operação, que confessamos no Símbolo dos Apóstolos, a profissão de fé; é Ele que a nós todos nos reúne na Igreja de Cristo e que, a cada celebração dominical, renovamos; é Ele que rege nossa vida de cristãos.

Assim, o querigma apostólico, que dá notícia da Trindade de Deus, é o fundamento do dogma e de toda a doutrina que a Igreja, através dos seus doutores, nos confiou. Mas, doutrina, assim como culto, é apenas a moldura, que protege nossa

fraqueza, para que possamos nos aproximar do mistério sem nos desacorçoar. O importante é que, através do culto litúrgico e da doutrina, através das Sagradas Escrituras, nos dirijamos ao Mistério e deixemos crescer em nós uma conexão viva com ele.

Foi o que fez São Francisco. Sua espiritualidade é testemunha dessa conexão viva com o mistério trinitário do Deus da fé crística e cristã. É admirável, por exemplo, como ele dá início à sua Regra: “*Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!*” *Esta é a Vida do Evangelho de Jesus Cristo que Frei Francisco pediu ao senhor Papa para lhe conceder e confirmar*” (RNB prólogo). O que Francisco está estabelecendo é tão inaudito que temos dificuldade de pensar e aceitar: que viver como o Pai e o Filho e o Espírito Santo vivem seja nossa Regra ou Forma de Vida.

O mesmo Santo, na Carta aos Fiéis, fala dessa conexão ou comunhão viva. Em suas palavras pode-se perceber a sapiência, isto é, o saber da intimidade com este mistério. Ele escreve para os que fazem penitência, isto é, para aqueles que, movidos pelo vigor da alegria do Evangelho, se renovam continuamente. Vejamos, então, o que acontece com esses fiéis, quando assim agem:

Assim, são filhos do Pai celeste, cujas obras praticam e são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos esposos, quando, no Espírito

Santo, a alma fiel se une a Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos seus irmãos, quando fazemos a vontade do Pai que está nos céus. Somos mães, quando o levamos no coração e em nosso corpo, por amor divino e de consciência pura e sincera; o damos à luz pela santa operação que deve brilhar, em exemplo para os outros.

Estes, pois, que estão em comunhão tão íntima com o Pai e com o Filho, são felizes, diz Francisco, *porque repousa sobre eles o espírito do Senhor e neles fará habitáculo e morada*. Assim, eles se unem de modo familiar e íntimo com o Deus para nós, que é o Pai, com o Deus conosco, que é o Filho, e com o Deus em nós, que é o Espírito Santo.

Corriqueiramente, nós invocamos a Trindade dizendo: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! Amém!* Assim, do coração do homem cristão e da mulher cristã, que, com o sinal-da-cruz, se persigna ao amanhecer ou anoitecer, brotam de seus corações essas palavras que evocam e invocam o arcano maior de sua fé: o mistério da Trindade, que, silenciosamente, ama. E ama, por ser amor. O ápice, pois, da revelação de Deus em Cristo e por Cristo, se expressa nas palavras de São João: *Deus é amor!* Para saborear, pois, o mistério da Trindade é preciso ser amante dela. Assim, é preciso que a fé se transforme em amor. Nesse amor, do Deus

amor, que é Um e que é a Trindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, é que a Ele nos entregamos e confiamos.

Em Goiás há um Santuário erigido em homenagem à Trindade. Esse Santuário guarda um medalhão, no qual se representa o Pai e o Filho coroando Maria, sobre a qual desce o Espírito Santo. Esse medalhão recorda o arcano da Trindade que não exclui, antes, inclui a criatura finita, aqui representada pela Mulher, a Virgem Maria. De fato, todo o universo da criação de Deus e todos os homens e mulheres de boa vontade estão representados em Maria, filha amada do Pai, mãe amorosa do Filho, esposa fecunda do Espírito. Na singularidade da Virgem-Maria, acontece o milagre de uma universalidade que acolhe todas as diferenças, pois a Trindade acolhe e inclui toda criação e toda humanidade. A Trindade, de certo modo, dispõe-se a integrar na sua unidade, na intimidade de sua vida mais íntima, a humanidade toda e, com ela, a criação toda. Ao celebrar essa solenidade, somos convidados a acolher o convite dela, que nos diz, como disse a São Francisco: “*Permaneço conosco para sempre!*” (Cfr. Celebração do “*Transitus*”). Deus faz-nos esse convite porque Ele é Tudo (Eclo 43,29), e quer ser Tudo em todos (1Cor 15,28). Ele, por e para ser Tudo em todos, sendo infinito no amor, não exclui, antes, inclui o finito: a nós e a toda a criação, representados por Maria.

3. Pelo Espírito Santo, o amor de Deus foi derramado em nossos corações (Rm 5,1-5)

A segunda leitura é um trecho da Carta aos Romanos. Embora todo o trecho esteja perpassado pela obra redentora de Cristo, não deixa de ser um texto inteiramente impregnado pelas Três Pessoas divinas, mais precisamente quanto ao papel de cada uma na obra da salvação e da santificação.

Paulo começa com uma de suas mensagens prediletas: *Justificados pela fé, estamos em paz com Deus pela mediação do Senhor nosso Jesus Cristo* (Rm 5,1). Para Paulo, justificação significa reconciliação com Deus; uma reconciliação que, na verdade, constitui acesso à graça da criação de um novo humano; um humano que se torna, como Ele, não apenas filho, íntimo, próximo do Pai, mas também herdeiro de todos os seus bens.

Sendo essa a situação atual do crente, Ele é a razão e a causa de, como Ele, também nós podemos nos gloriar de nossas tribulações; Ele é a força para suportar os apertos, as pressões, as necessidades do nosso cotidiano. A tribulação, por sua vez nos conduz à paciência. Assim, a vida cristã se caracteriza pela tensão do suportar e pelo suportar da tensão, pela insistência em resistir, em manter-se firme, na participação da Paixão de Cristo; caracteriza-se na paciência, na ternura e na fraqueza da vida. Cristo mesmo resumiu esse caráter

com a famosa frase escatológica: “*Na vossa paciência tornareis próprias as vossas vidas*” (Lc 21, 19).

A paciência na tribulação, por sua vez, mostra que o seguidor de Cristo foi posto à prova, mas conseguiu superar o risco dessa prova, mantendo-se fiel em sua tentação. Essa fidelidade, por sua vez, conduz à esperança. Por isso, o cristão vive ancorado na esperança em Cristo. Essa, por sua vez, mais do que simples expectativa, é, antes, um esperar crente, serviçal, alegre, vigilante, amante e paciente na aflição. Por isso, os cristãos são alegres na esperança; sabem que a esperança, dom teologal, não decepciona, *pois o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado* (Rm 5,5). Ora, o que é o Espírito senão o Dom pelo qual e no qual o Pai e o Filho se doam a nós e vêm fazer morada em nossos corações!?

Conclusão

Às vezes, as coisas que nos parecem as mais distantes, são as mais próximas. Assim é o mistério da nossa origem: a SS. Trindade. Ele está tão perto que sem Ele não somos capazes de nos mover, de ser e nem de viver. Nascemos e vivemos desse mistério como a água nasce e jorra da fonte. Sem essa não há água e nem vida. Assim é o mistério da SS. Trindade. Ele nos é mais próximo do que tudo! É mais íntimo do que nós o somos a nós mesmos. Mas,

porque somos criaturas errantes, que seguem os desvios e os extravios da ambição do ter e do poder, o caminho, que conduz ao que está mais próximo, acaba sendo o caminho mais distante.

O Filho do Homem, que é também Filho de Deus, porém, veio para nos libertar desse pecado e colocarnos de novo no caminho de retorno para o nosso lugar de origem, a casa do Pai eterno, em quem há muitas moradas. Maria, abraçada pela Trindade, nos dá a esperança de que lá haveremos de chegar. E o Apóstolo nos confirma, pois *o Espírito Santo, penhor e garantia dessa esperança, foi derramado em nossos corações* (Rm 5,5). Assim, como na representação do medalhão do Santuário de Goiás, Ele adėja sobre Maria, dando-lhe a fecundidade de Mãe de Deus, também sobre nós Ele haverá de cobrirnos com sua sombra para que possamos, a seu exemplo, gerar o Filho do Pai eterno em nossos corações e em nossas obras.

Santo Agostinho, também, depois de ter escrito em quinze livros uma obra dedicada ao mistério da Trindade, ao final, se rende ante a potência do mistério e se entrega, dizendo: *Eis em tua presença a minha força e a minha fraqueza. Na tua presença, minha ciência e minha ignorância: lá onde me abriste, permita que eu entre. Lá onde me fechaste, abre-me ao bater. Que de ti me lembre, que te compreenda e que te ame! Faze-me crescer nesses dons, até que me restaures totalmente.*

São Francisco, através da Regra, prometeu viver sua nova vida de convertido em nome da Santíssima Trindade; também nós, pelo Batismo, prometemos viver em nome do Deus Trino e Uno. Oxalá possamos termi-

nar nossa vida como ele termina sua Regra, exclamando, jubilosos e agradecidos: *Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio e agora e sempre e pelos séculos dos séculos! Amém!* (RNB 24).



Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

Leituras: Gn 14,18-20; 1Cor 11,23-26; Lc 9,11b-17.

Tema-Mensagem: Eu sou o Pão vivo descido do céu! Quem comer deste pão viverá eternamente.

Introdução

Outrora, multidões corriam atrás de Jesus, muitos por causa do pão material. Hoje, milhares e milhares de fiéis saem às ruas para expressar, jubilosa e publicamente, sua gratidão, alegria e adoração ao mistério maior e mais profundo de nossa fé de cristãos, conhecido como “Corpus Christi” (Corpo de Cristo).

1. Um Deus que é Rei-Sacerdote-Sacrifício (Gn 14, 18-20)

A primeira toada acerca do sentido da solenidade de hoje vem da primeira leitura. Um brevíssimo, mas expressivo trecho do livro do Gênesis.

1.1. Uma aliança que vem do Céu em favor dos homens da Terra

Abraão havia terminado e vencido a guerra com os povos vizinhos. Era hora de refazer e buscar uma paz duradoura. Surge, então, uma figura misteriosa, com um gesto não menos

misterioso. Diz o texto sagrado: *Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e, como sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou Abraão...* (Gn 14,18). Após o sacrifício, Abraão entregou-lhe o dízimo de tudo. Estava, assim, selada e restabelecida a Aliança, a Paz e a convivência, não apenas entre Abraão e os povos vizinhos, mas também entre estes com Deus e vice-versa.

Na Carta aos Hebreus, Melquisedec é tomado como uma prefiguração de Cristo, rei-sacerdote. O salmo 109 (110) que entoamos na liturgia de hoje, por sua vez, diz: “*Tu és sacerdote para a eternidade segundo a ordem de Melquisedec*”. Jesus Cristo, desse modo, é preanunciado como o rei-sacerdote que irá oferecer seu próprio corpo e sangue como sacrifício, tornando-se, assim, além de rei e sacerdote, também a própria oferenda, o sacrifício. Ao consumir seu sacrifício na Cruz, Cristo consumou-se a si mesmo, como também a grande obra da pacificação dos homens entre si e destes com Deus – a salvação universal. É o fruto do seu famoso: “*Consumatum est*” (“Tudo está consumado!”) (Jo 19,30).

1.2. O Pão e sua simbologia

A oferenda do rei-sacerdote Melquisedec é *pão e vinho*. O *pão* é alimento elementar, essencial, no co-

tidiano dos homens. Indica o necessário, o imprescindível, para a vida do homem. É evidente, aqui, um prenúncio do “Pão da Vida”, o pão eucarístico, o alimento espiritual do cristão. O trigo transformado em pão é, certamente, um dos simbolismos mais expressivos do mistério salvador que Deus realiza em nós, através de Jesus Cristo, que é, ao mesmo tempo, Rei, sacerdote e Sacrifício. Isso é inédito! Nunca, em outras religiões, o rei e o sacerdote se fazem a vítima ou o sacrifício em favor de seu povo. É sempre o contrário: o povo é sacrificado pelo e para seu rei, pelo ou para seu deus.

À simbologia do trigo, da farinha e do pão pode-se acrescentar a do fermento que, neste caso, é ambígua. Se, por um lado, significa a transformação espiritual, por outro, por provir da putrefação, pode significar, também, a corrupção. Por isso, dizia Jesus aos discípulos: *Cuidai-vos do fermento dos fariseus!* (Mt 16,6).

1.3. O vinho e sua simbologia

Semelhante ao pão, também a simbologia do vinho, que se faz com o esmagamento da uva originada da videira, nos transporta para realidades que são a raiz, o fundo de nossa existência. A primeira e mais significativa de todas é o amor. Assim como o vinho é, por assim dizer, o sangue da uva esmagada, o Amor, que é Deus, que é Jesus Cristo, deixa-se esmagar, tudo suportando, tudo

carregando e tudo sustentando; um Amor-Doação, amor de profunda e mútua entrega, semelhante ao amor dos esposos, capaz de levar a pessoa a sair de si, desprendendo-a de tudo para elevá-la até o mais alto êxtase, como se pode ver em São Francisco e muitos outros místicos.

O vinho traz a embriaguez, isto é, o êxtase. O viver humano é também êxtase: ter de sempre de novo perder-se, saindo de si para reencontrar-se no lugar do mistério, que é o lugar de todos os lugares, o lugar em que tudo se encontra em casa, o lugar da origem. Por isso, Mestre Eckhart dizia que, quanto mais o homem se esvazia e sai de si, desprendendo-se de tudo, tanto mais Deus entra nele com sua plenitude. Pensemos em São Francisco, santo poeta! Quando *sua audição captava furtivamente o veio do sussurro divino*, tomando nas mãos dois gravetos e, como se fossem violino, tocava com eles a música da criação (2C 127). Quando ele cantava o Canto do Irmão Sol, mais que encantamento, seu cantar era um vibrar em Deus. E, com a vibração de sua alma em Deus, vibravam também todos os seres: sol e lua e estrelas, fogo, ar, água e terra, os mortais, e também os imortais, anjos e toda a comunhão dos santos. Seu canto era a própria vibração do universo, material e espiritual, em Deus. Nessa vibração, tudo era ressonância da Palavra eterna do Pai, na qual todas as coisas foram criadas.

2. Tomai e comei, isto é meu corpo, tomai e bebei, isto é meu sangue (1Cor 11,23-26)

Nunca é demais insistir, como o faz São Paulo no trecho de sua Carta aos Coríntios proclamado hoje, que Cristo entregou o memorial de sua Paixão, em forma de ceia, dizendo “*Tomai e comei, isto é meu Corpo, tomai e bebei, isto é meu sangue!*” Isso é muito forte, quase não dá para acreditar! Deus se fazendo pão e vinho (“coisa”, “matéria”) e pedindo para que nós o tomemos e o comamos! Ele não diz: “Olhai, para mim, eu sou um espírito, me contemplai, me admirai e me adorai!” Romano Guardini atentava para o fato de que, antes de uma devoção religiosa, a Eucaristia é **ação** sacra em que o evento da Cruz, que foi antecipado e prenunciado na Última Ceia, atua em seu vigor e em sua vigência. Eucaristia não é representação, encenação, simbolização, mas a própria realidade, a Pessoa mesma de Cristo se doando, sempre e de novo, na Cruz.

Por isso, São Francisco costumava contemplar a vinda de Cristo na Eucaristia como uma atualização da vinda de Cristo na Encarnação, recordando que *todos os dias (Ele) se humilha descendo do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote*, a fim de *ser Deus-conosco até o fim dos séculos* (Ad I). Nesse sentido também se expressava São João Crisóstomo:

Ó tremendo mistério! Ó inefável desígnio do divino conselho! Ó inefável bon-

dade! O Criador se oferta como alimento à criatura, a própria vida se oferece aos mortais como comida e bebida!

A Eucaristia é o próprio Cristo que vem ao nosso encontro, na ternura do amor que se entrega humildemente, como pão e vinho, como comida e bebida. *Humildade sublime e sublimidade humilde*, como exclamava São Francisco! Ela é o penhor da Ressurreição, do novo céu e da nova terra, que, veladamente, na graça da nova vida, já começou em nós, mas que ainda há de ser consumada no retorno de Cristo. Entre o já e o não-ainda celebramos, pois esse mistério do amor serviçal, humilde e benigno de Deus, que se nos revelou na Encarnação de Cristo, cujo vigor se deixa entrever no Natal, na Última Ceia, na Cruz.

Os Padres da Igreja, como Paulo, salientam a importância de se aproximar com reverência e amor desse mistério. Segundo ele, nós podemos nos aproximar do Corpo do Senhor na Eucaristia de modo mais consciente do que os magos se aproximaram do mesmo Corpo no presépio, por ocasião do Natal. A propósito dessa recordação, São João Crisóstomo traça um paralelo entre o mistério do Corpo de Cristo no presépio e o mesmo mistério no altar. Ele diz: *Tu, por outro lado, não o enxergas em um presépio, mas sobre um altar; não contempas a uma mulher que o tem em seus braços, mas ao sacerdote que está de pé em sua*

presença e ao Espírito, transbordante de riqueza, pairando sobre os dons. São Francisco, do mesmo modo, irá contemplar a vinda de Cristo na Eucaristia como uma atualização da vinda de Cristo na Encarnação, recordando-nos que *todos os dias (Ele) se humilha descendo do seio do Pai sobre o altar nas mãos do sacerdote*, a fim de *ser Deus-conosco até o fim dos séculos* (Ad I).

3. O pobre, o pobre, servo e humilde (Sequência)

A Sequência da Missa de hoje expressa o encantamento da Igreja ante esse mistério (sacramento). O Pão dos anjos se fez Pão dos homens! Nela encontramos o famoso canto “*Panis Angelicus*”, que é a penúltima estrofe do hino “*Sacris solemnibus*”, escrito por São Tomás de Aquino para a Festa de *Corpus Christi*:

Panis Angélicus,
(O Pão dos Anjos,
Fit panis hominum,
(Se faz Pão dos homens,
Dat panis caelicus
(O Pão do céu pão)
figuris terminum.
(fim às prefigurações).

O Res mirabilis!
(Ó coisa admirável!)
Manducat Dominum,
(Consome a Deus,
Pauper, pauper
(Pobre, pobre)
servus et humilis!
(servo e humilde!)

A solenidade de hoje, se caracteriza, também, como um ato de grande e profunda adoração. Adoração, porém, não como quem se coloca diante de uma realidade fixa, estática ou quase física, mas, antes, como quem vê Deus “se matando”, se desdobrando todo, em mil e uma forma, para poder ser recebido. Pois, só assim poderá estabelecer conosco um *Sacrum convivium*, um *Sacrum commercium*, dirá São Francisco. Daí a necessidade de também nós responder à tão inaudita iniciativa, pelo menos com o desejo de adorá-lo com um profundo ato de fé, isto é, crendo que é assim que Ele quis e quer *estar sempre conosco, até a consumação dos séculos* (Mt 8,26).

Aliás, “adorar” significa, justamente, o ato de “levar à boca” aquilo que se ama ou do que se necessita, como, por exemplo, o alimento. É assim que faz a criança que leva à boca o seio da mãe a fim de sugar-lhe o leite da vida ou, melhor ainda, como os amantes trocam o beijo do mistério do amor que lhes feriu o coração e dá o sentido de sua vida.

4. A superabundância do Pão (Lc 9,11b-17)

A solenidade de hoje, através de suas leituras, nos ajuda a contemplar o rosto misericordioso do Pai que se revela em Jesus. No Evangelho, além de acolher as multidões, Jesus fala-lhes do Reino de Deus, cura-lhes as enfermidades e sacia-lhes a fome

com o famoso milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Este milagre, porém, é antecedido por outro, não menos significativo: a transformação das multidões (*hoi óchloi*) em povo (*laós*). “*Fazei que se instalem em grupos de cinquenta*” (Lc 9,15), comanda ele.

Povo, mais que uma simples multidão, mais que mera sociedade organizada, é uma comunhão de comunidades, animadas por um único e mesmo espírito: uma “Comunidade de Comunidades”, como nos pede a CNBB, hoje. Das multidões que o seguiam, Jesus fará surgir, graças ao ministério dos Apóstolos, um Povo, a Igreja, isto é, a Assembleia (*Ekklesia*) dos chamados ao seu discipulado; Povo ao qual, mediante o ministério dos sucessores dos Apóstolos, Ele irá alimentar, pelos séculos afora, com o pão de sua Palavra e com o Pão do seu próprio Corpo.

O milagre da multiplicação dos pães e dos peixes – como a Eucaristia – são sinais, sacramentos de outro milagre, de outra multiplicação, de outra “ação graciosa” que está sempre acontecendo, desde a Criação quando Deus abençoou a terra para produzir alimentos, e abençoou os mananciais de água doce e os mares, para multiplicar os peixes. Assim, através da Eucaristia, caem de nossos olhos as escamas, é tirado de nossos corações o peso da banalidade das coisas do nosso cotidiano. Através do Mistério desse Sacramento podemos ver nelas a multiplicação de tantas criaturas, de tantos benefícios com os quais somos

agraciados a toda hora e todos os dias desde a Criação do mundo.

O relato desse milagre vem recheado de simbolismos. Os doze cestos recordam os doze Apóstolos, a partir de cujos ministérios se constituiria o novo Povo de Deus, a Igreja de Cristo. Beda, o venerável, lê o declinar do sol como o fim dos tempos, que foi decretado com a morte de Cristo. Nos cinco pães vê o sinal da *Torah* que, por meio dos cinco Livros o Povo da Antiga Aliança foi saciado com a Palavra de Deus. Afinal, *nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus* (Mt 4,4). O número cinco remete, ainda, aos cinco sentidos, por meio dos quais o homem terreno providencia sua orientação no mundo.

Os dois peixes, além dos dois Testamentos, significariam a Palavra de Deus, que a Igreja distribui às multidões, organizadas em comunidades ou grupos com suas reuniões. Além do mais, os peixes, por serem animais das profundezas das águas, recordam o mistério (o Verbo eterno do Pai, Jesus Cristo) oculto no fundo do abismo da deidade, re-velado tanto na *Torah* e nos Profetas do Antigo Testamento, quanto nos Evangelhos e nos escritos apostólicos do Novo Testamento.

Conclusão

Duas calorosas exortações de dois grandes mestres nos ajudam a concluir com humilde gratidão e júbilo recolhido essa solenidade:

São João Crisóstomo:

Compreendes como na terra contemplos o que há de mais precioso? E não somente o vês, mas, ainda, o tocas; e não somente o tocas, mas também o comes; e depois de tê-lo recebido, regressas para tua casa. Purifica, portanto, tua alma, prepara teu coração para a recepção destes mistérios!

São Francisco de Assis:

Pasme o homem todo, estremeça o mundo inteiro e exulte o Céu, quando, sobre o altar, na mão do sacerdote, está o Cristo, o Filho

do Deus vivo! Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó humildade sublime! Ó sublimidade humilde! O Senhor do universo, o Deus e o Filho de Deus, assim se humilha e se oculta sob a módica fórmula de pão para a nossa salvação! Vede, Irmãos, a humildade de Deus e derramai diante Dele os vossos corações; humilhai-vos também vós para que sejais exaltados por Ele. Nada, pois, de vós retenhais para vós, para que vos receba a todos por inteiro Aquele que se vos dá todo inteiro” (CO 26-31).



2º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 62,1-5; 1Cor 12,4-11; Jo 2,1-11;

Tema-mensagem: Nas Bodas de Caná, Jesus dá início aos sinais da glória de sua obra salvadora, que culminará na glória de seu despojamento na Cruz.

Introdução

Estamos no início do Tempo litúrgico denominado Tempo Comum. Nele se recorda e se celebra a Vida público-missionária de Jesus, protótipo da Vida ativa ou missionária da Igreja e de todo cristão. Hoje, segundo Domingo do Tempo Comum, proclama-se o belo e significativo Evangelho do milagre das Bodas de Caná. Nele se encontra o primeiro sinal ou revelação da glória salvadora, não apenas de Jesus, mas, também, a glória da obra salvadora da Igreja e de cada cristão.

1. A alegria e a paixão de Deus pela sua criatura, o homem (Is 62,1-5)

Enquanto nas religiões pagãs o relacionamento de seus deuses com os homens é, muitas vezes, de medo, distanciamento e opressão, para o nosso Deus é de proximidade, amor, paixão, aliança e doação até sua morte. Tudo isso, apesar ou até mesmo, por causa das infidelidades de seus eleitos. É o que transparece muito cla-

ramente na primeira leitura da Missa de hoje, tirada do profeta Isaías.

O anúncio do reencontro de Deus com seu Povo eleito, através do fim do exílio babilônico e da reconstrução de Jerusalém é, certamente a melhor boa-nova de todo o Antigo Testamento. O profeta vê, novamente, a cidade santa, símbolo maior da Paixão de seu Deus, sendo envolvida de glória por causa da salvação e por causa da justiça que voltarão a reinar em seu seio. Jerusalém fará inveja a todas as demais nações: *será de novo uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real nas mãos do teu Deus* (Is 62,3).

Além do mais, se outrora por causa de suas infidelidades Israel passara pela experiência de esposa “Abandonada”, de terra “Deserta”, agora está por surgir um novo tempo, quando será chamada por Deus de “*Minha Predileta*”, “*Bem Casada*”. Tudo isso porque, de novo, *o Senhor se agradou de ti* (Is 62,4). E, para que Israel não mais duvidasse do amor de seu Deus, eis a afirmação final: *como a noiva é a alegria do noivo, assim também tu és a alegria de teu Deus* (Is 62,5).

Mais tarde, quem irá selar definitivamente e de modo perfeito e consumado um amor tão fiel será Jesus Cristo. Com sua Encarnação e morte na cruz, Ele desempenhará, ao mesmo tempo, o papel da noiva como homem e de noivo como Deus. Quem,

oitocentos anos depois, se encontrou com esse mistério e se apaixonou por ele, foi São Francisco, como podemos ver nesta passagem:

“Quem poderá descrever” suficientemente a caridade ardente, em que se consumia Francisco, o amigo do Esposo? Pois parecia todo absorvido, como um carvão abrasado pela chama do amor divino. É que, ao ouvir, de repente, falar do amor do Senhor, ficava empolgado, comovido e inflamado, como se as cordas interiores do coração fossem tocadas pelo arco da voz exterior... E concluía: o amor daquele que muito nos amou, deve ser muito amado (1B 9,1).

2. Na Igreja a unidade vem do Espírito, jamais dos eflúvios da subjetividade (1Cor 12,4-11)

Na segunda leitura, tirada da 2ª Carta aos Coríntios, Paulo continua exortando os fiéis coríntios para que busquem a unidade também nas celebrações litúrgicas. Acontecia que muitos, imbuídos ainda do espírito dos ritos pagãos, procuravam cultivar mais o espetacular dos dons naturais de sua subjetividade do que a sobriedade do mistério cristão. Por causa deste perigo, Paulo é categórico: *Ninguém poderá dizer: “Jesus é o Senhor” a não ser sob a ação do Espírito Santo (1Cor 12,3).*

A partir desta admoestação é que Paulo desenvolve todo este discurso acerca da diversidade de dons na Igreja, Corpo de Cristo. Há uma

insistência muito simples e rigorosa ao mesmo tempo. Ao enumerar um por um os diversos dons e serviços continuamente conclui que, em tudo, é sempre o mesmo Senhor, o mesmo Deus e o mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um conforme ele quer (1Cor 12,11).

Paulo toca aqui numa das questões que, muitas vezes, fere de morte espiritual, também hoje, algumas de nossas comunidades cristãs: o cultivo, não do Espírito do Senhor, mas do esnobismo, da exaltação dos eflúvios da própria subjetividade. Busca-se, mais a satisfação dos próprios desejos e consolações do que a comunhão com os irmãos e com Deus. Por isso, São Francisco recomendava a frei Leão que, ao celebrar a Missa, procurasse agir como o faziam os demais sacerdotes, não procurando satisfazer-se com gestos particulares ou atitudes personalistas.

3. No milagre de Caná, o princípio da glória salvadora de Jesus (Jo 2,1-11)

Estamos diante de um dos milagres mais conhecidos de Jesus. E, por isso, talvez, não consigamos mais ver bem toda riqueza que ele encerra.

3.1. “Naquele tempo”

Ao proclamar o Evangelho de hoje, a Liturgia começa com o conhecido mote “Naquele tempo”. Na verdade, esse milagre se dá no final

de uma semana muito rica e significativa. Poucos dias antes, Jesus havia encontrado e chamado os primeiros discípulos. Eles estavam admirados, encantados e perplexos porque, apesar de nunca terem se encontrado, Jesus demonstrava conhecê-los a fundo, por dentro, no íntimo (Cfr. Jo 1,48). E ainda, dentro daquela semana, em Betânia, *além Jordão, onde João batizava* (Cfr. Jo 1,28), acontecera também o grande testemunho de João acerca de Jesus.

Tudo muito bem arquitetado para dizer que estamos diante de uma nova criação. Na primeira semana da história, Deus conclui toda a criação com a obra mais gloriosa que sai de suas mãos: o homem criado pouco abaixo dos anjos, feito à sua imagem e semelhança. Agora, no final dessa semana, no início da Vida pública, Jesus está dando início à criação de um novo homem, muito mais glorioso que o primeiro. A plenitude de sua glória, porém, só aparecerá no Gólgota, na Cruz. Dentro desse mesmo princípio, *os três dias* (Jo 2,1) estão aí para apontar para a glória de Cristo crucificado, revelada com toda clareza três dias depois de sua morte, na Ressurreição.

3.2. No casamento de Caná, o casamento de Deus com a humanidade

O casamento se dá *em Caná da Galileia*, terra dos pagãos e não dos judeus ortodoxos. Já de saída, portanto, uma mensagem muito importante:

a nova e definitiva iniciativa de Deus de criar um novo humano é universal, é para todos, também e principalmente, para os que parecem estar longe e afastados da religião oficial e até mesmo de Deus. Estes é que devem ter a primazia da Boa Nova. Ao dar início e ao pôr o fundamento de sua futura Igreja, Jesus foi buscar não sacerdotes e escribas do Templo, nem fiéis seguidores da Lei e das tradições religioso-humanas, mas um grupo de galileus, pobres pescadores e pecadores públicos.

Por isso, também, no início desta obra, que se dá em meio aos pagãos, Jesus não está só. Lá estavam, com ele, os discípulos, e entre esses, a mais importante de todos, a mãe Dele. Todos haviam sido convidados para a festa de casamento. Temos aí uma nota que vai perpassar toda a vida pública de Jesus. Enquanto seus contemporâneos o rejeitam como inimigo, os pagãos acolhem a Ele e a seus discípulos como amigos, familiares. É o esboço da Igreja nascente. Uma Igreja onde o que conta é a ação do Espírito e não os valores da carne ou a força da lei.

Na verdade, estamos diante do começo da expansão do mistério da Encarnação, iniciado no seio da Virgem Maria. Na primeira Encarnação, Jesus serviu-se do útero da Virgem Maria. Agora, começa a servir-se de pobres pescadores, pecadores e pagãos. Assim, o casamento em Caná da Galileia adquire um significado especial: marca o início do sagrado casamento de Deus com a humanidade.

de, realizado por Jesus Cristo através de sua Igreja, representada, então, por Maria e pelos Apóstolos.

3.3. Mãe e Filho nas mãos do mesmo mistério

Casamento sem vinho é festa pela metade; é como casamento ou oração sem amor. Um desastre! E era o que estava acontecendo. O vinho acabara! Que angústia! Mas, coisa admirável! Quem o notou não foram os encarregados da festa e nem mesmo o mestre-sala, mas Maria, uma mulher, a mãe de Jesus, a mãe do puro amor. Mero acaso? Não! Tudo para que fique claro que, já no início da Igreja, está presente e atuando aquela, a partir da qual, o Salvador pudera vir ao mundo. Se no Natal ela o dera aos seus familiares, agora está começando a dá-lo ao Pai e ao mundo. Esta entrega culminará na Cruz. Portanto, já aqui, Maria começa a participar da obra misericordiosa do Filho, assumindo a debilidade, a angústia e o sofrimento do outro como sendo seus. É ela que, delicada e veladamente, intercede, expondo a situação a quem ela deposita toda sua fé e esperança: o Filho.

Mas, a resposta do Filho, à primeira vista, é desconcertante, para não dizer escandalosa. Se Jesus tivesse dito: “Mãe, que temos nós a ver com isso?” se compreenderia. Mas, dizer à própria mãe: “*Mulher, por que dizes isto a mim?*” (Jo 2,4), é demais! Como pode um filho responder com tanta dureza e indiferença à sua mãe,

chamando-a, simplesmente, de mulher e com uma resposta tão dura?

Recordemos, porém, que em toda sua infância e juventude Jesus não foi assim. Vivera *sempre obediente a seus pais* (Lc 2,51). Agora, isto é, a partir do Batismo e de sua Vida pública, tudo mudou. Ele não pertence a mais ninguém senão tão só e unicamente ao seu Pai. Por isso, o que Jesus está fazendo é convocar Maria para que ela também, com Ele e como Ele, passe da maternidade físico-biológica para a maternidade espiritual, vinda como graça do Pai.

Rompem-se os laços carnis e começa a nascer e crescer entre os dois o vínculo do Espírito: fazer em tudo a vontade do Pai. Se em Belém aparece o início da maternidade e da filiação carnal, agora em Caná começa a brilhar o início da maternidade e da filiação divina, vindas do alto. Aqui, o começo! Logo mais, no Gólgota, junto à Cruz, sua conclusão e consumação! Por isso, em João, diferentemente, dos demais evangelistas, durante todo o período da Vida pública, Maria só aparece nestes dois momentos: Caná da Galileia e Gólgota, começo e fim. E em ambos os casos, não é chamada de mãe, mas de mulher. Desde o nascimento de Jesus, ela era apenas sua mãe. A partir de agora e de Caná ela começa a tornar-se a mulher, isto é, a mãe não só de Jesus, mas de toda a humanidade: A segunda e verdadeira Eva!

Ao pedido da mãe, Jesus responde, também, dizendo que *sua hora ainda não chegara* (Jo 2,4). Isto é, a

hora do grande sinal de sua glória, da entrega de toda a sua vontade ao Pai. A glória da Cruz ainda está por vir. Mas, em consideração à mãe e à festa do casamento, que não podia acabar em vexame, antecipa sua glória transformando a água em vinho. É o primeiro sinal, uma antevisão de todos os demais sinais, principalmente do último, sua morte na Cruz.

3.4. A água transformada em vinho

Apesar do pedido, aparentemente recusado, Maria deposita toda sua confiança no Filho. Por isso, diz aos empregados: “*Fazei tudo o que ele vos disser!*” (Jo 2,5). Começa, então, a obra gloriosa de Jesus que vai salvar a festa, o casamento. *Havia seis talhas de pedra, colocadas aí para a purificação que os judeus costumam fazer* (Jo 2,6). Jesus ordena que as talhas sejam enchidas até a boca. E o milagre acontece! A água não é mais água, mas vinho, e da melhor qualidade. Vinho que vai dar novo ânimo, novo espírito aos noivos e a todos os convidados.

Durante séculos os judeus, a fim de poderem entrar em comunhão com Deus, tinham de se lavar através de banhos e outros ritos purificatórios. Mas, em nenhum deles alcançavam inteiramente este objetivo porque dependiam do merecimento, coisa que jamais, eles ou qualquer ser humano será capaz de alcançar. Pois, Deus sempre será o inacessível a qualquer uma de suas criaturas. Agora, porém,

aí está Jesus, a purificação em pessoa, que vem do alto. Por isso, quem o toca ou o acolhe na fé não precisa mais de outra purificação e entra imediatamente em comunhão com Deus. Este mistério é recordado na Eucaristia quando uma gota d’água é misturada com o vinho do sacrifício, acompanhada com esta oração: *Pelo mistério dessa água e deste vinho possamos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou assumir nossa humanidade.*

O vinho novo, excelente, que vem inebriar o coração dos convidados, não é outro senão o amor que nasce da trituração da vontade própria que Cristo realiza pelo mistério da Encarnação e que culmina no sacrifício da cruz. É esta a água, a gratuidade de Deus, que lava e purifica até as camadas mais profundas e escondidas da alma humana. Não é obra da água das purificações, isto é, da lei e do merecimento. Assim, todos os convidados ao seguimento de Cristo, todos os que quiserem participar do banquete do novo, definitivo e eterno casamento de Deus com a Humanidade só poderão fazê-lo se beberem deste vinho melhor que brota do sacrifício diário da Cruz de Cristo. Eis a glória de Cristo começando a brilhar em seus seguidores.

Conclusão

No começo de uma obra está também seu fim. No início da vida pública de Jesus, em Caná, podemos ler seu fim: *Jesus manifestou a sua*

glória e seus discípulos creram nele (Jo 2,11). E qual glória é essa, senão o brilho do bem-querer, da paixão do Pai pelos homens, que Jesus fará transparecer em plenitude em seu despojamento na Cruz!?. Assim, na humanidade, representada por Jesus, o Pai está tendo, agora, uma noiva à altura. Jesus passa a ser, também, o melhor vinho, guardado para o fim da festa, o amor primordial, originário: o vinho do amor das núpcias eternas. Eis porque Jesus, no início de sua missão pública, qual noiva apaixonada pelo seu noivo, o Pai, deixa sua terra, seus parentes e até sua mãe a fim de entregar-se todo e unicamente a seu Pai.

Por isso, a glória do despojamento de Cristo passa a ser, também, o princípio que deverá reger e conduzir a Igreja toda e cada cristão através dos tempos. Sem despojamento

não há como entrar em comunhão nem com Deus e nem com os irmãos. Por isso, mais tarde, no início de sua conversão, também São Francisco de Assis, despojando-se inteiramente, diante do Bispo, do pai e de todo o povo, exclama: *Ouvi todos e entendi-me! Se até agora chamei Pedro Bernardone de meu pai, mas porque me propus servir a Deus, devolvo-lhe o dinheiro por cuja causa estava perturbado e todas as vestes que obtive com seus bens, pois, sem demora e a partir de agora direi: “Pai nosso que está nos céus” e não pai Pedro Bernardone* (LTC 20).

Desde então, este seu gesto, tornou-se ícone para quem deseja trilhar o caminho da liberdade evangélica; caminho que o Bem-aventurado Carlos Acutis atualizou para si neste singelo, simples, mas importante princípio de sua vida: *“Non io, ma Dio!”*



3º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Ne 8,2-4.5-6.8-10; 1Cor 12,12-30; Lc 1,1-4.4,14-21

Tema-mensagem: Jesus, tomado pelo Espírito, dá início à sua obra salvadora, anunciando a Boa Nova do Ano da graça do Senhor.

Introdução

Como no Domingo passado, com o Evangelho das Bodas de Caná, também neste, a Igreja está dando início ao Tempo Comum do Ano Litúrgico; é o Tempo dedicado à Vida público-missionária de Jesus Cristo e da própria Igreja. Por isso, a Liturgia deste 3º Domingo celebra a alma, o princípio, dessa obra: Jesus, a Palavra viva, a Boa Nova do Pai que, tomado pelo Espírito, salva e liberta o homem de toda enfermidade e de toda morte.

1. Deus, com sua Palavra, forma, une e orienta seu Povo (Ne 8,2-4.5-6.8-10)

O trecho do Livro de Neemias, proclamado hoje, como primeira leitura, nos reporta para um tempo muito significativo para Israel: o retorno do exílio. Tempo de reconstrução! Era preciso reconstruir não apenas os muros, a cidade, o Templo de Jerusalém, mas principalmente as pessoas, os israelitas, suas almas, seus corações dilacerados pelas mais diversas idolatrias. Era preciso que voltassem a ser, de novo, somente de Jahvé, o

“Povo de Deus!” Por isso, Esdras, o grande sacerdote, encarregado para conduzir essa missão, não podia pôr diante deles outro princípio senão o *Livro da Lei de Moisés que Jahvé tinha dado a Israel* (Ne 8,1).

Era preciso, pois, como outrora no monte Sinai e de novo, *apresentar a Lei diante da assembleia de homens, mulheres e crianças e de todos os que eram capazes de compreender* (Ne 8,2). Lei aqui, com “L” maiúsculo e em singular, é para dizer que esse Livro é feito, escrito, com um único mandamento: “*Eu vos tomarei por meu Povo e serei o vosso Deus*” (Ex 6,7); o Livro da Aliança, do amor e da fidelidade de Jahvé.

Era o momento propício de voltar à essa sua origem, como quem volta ao seu primeiro amor. Por isso, tudo acontece no *primeiro dia do sétimo mês*, isto é, no tempo em que se celebravam as grandes festas do início do novo Ano judaico, principalmente a Festa do Perdão e da Reconciliação. Essa reconstrução, a partir da retomada da leitura do Livro da Lei, proporcionou aos israelitas o surgimento de um novo Judaísmo, fundamentado não apenas nos sacrifícios, mas, principalmente, na Palavra de Jahvé: o Judaísmo como *Religião do Livro*.

Nesse pequeno trecho, proclamado hoje, encontramos as raízes da estrutura de nossa Liturgia ou Culto da Palavra: proclamação-escuta,

explicação-comentário (catequese), resposta-compromisso e ação de graças. Podemos ver, também, as raízes do nosso Domingo como *dia consagrado ao Senhor*; dia da fraternidade (encontro e partilha) e dia da alegria *porque o Senhor será vossa força* (Ne 8,10).

2. Batizados em Cristo, formamos um só corpo (1Cor 12,12-14)

A segunda leitura de hoje é continuação do capítulo 12 da Carta aos Coríntios, iniciado no Domingo passado. Nela encontramos um dos temas eclesiológicos mais queridos de Paulo: a Igreja como *Corpo de Cristo*. A imagem não é nova. Já fora usada por Menênio Agrippa (503 a.C.), a fim de apaziguar uma rebelião dos plebeus contra seus senhores de Roma. Longe de Paulo, porém, imaginar algo semelhante na comunidade cristã, isto é, uma possível ruptura de sua unidade através de uma revolta dos membros inferiores. O que ele temia, sim, era a ruptura causada pela soberba e pelo orgulho que levavam e ainda levam muitos cristãos a se considerarem superiores aos demais por causa de seus dons ou ministérios.

A razão dessa fraternidade ou comunhão universal da Igreja é muito simples: *todos nós, judeus ou gregos, escravos ou livres, fomos batizados num único Espírito para formar um único corpo e todos nós bebemos de um único cálice* (1Cor 12,13).

Assim, segundo Paulo, é inad-

missível na Igreja qualquer tipo de tirania ou paternalismo; inadmissível que membros, só pelo fato de receberem um cargo ou tarefa, ou só porque são dotados de dons e carismas especiais, se considerem superiores aos demais, principalmente aos inferiores e menos dotados.

Fazendo eco a esse princípio, escreve São Francisco a seus frades: *E ninguém se chame prior, mas, neste gênero de vida, todos se chamem Irmãos Menores. E um lave os pés do outro* (RNB 6,3-4). E, mais adiante, exorta: *É assim que se pode conhecer se o servo de Deus tem do espírito do Senhor: Se, quando o Senhor opera algum bem por ele, nisso sua carne não se exalta – porque ela sempre é adversa a todo o bem – mas, se pelo contrário, ante seus olhos se tem por mais vil e se estima o menor de todos os homens* (Ad 12).

3. Jesus, com sua palavra e obras, dá início ao Ano da graça do Senhor (Lc 1,1-4.4,14-21)

A perícopes do Evangelho de hoje compõe-se de duas partes: prólogo e início do anúncio da Boa Nova de Jesus.

3.1. Jesus vem e está dentro de uma história

Lucas começa seu Evangelho com um prólogo. Prólogo significa, literalmente, a palavra que vem antes; a palavra que é anterior a todas as de-

mais, não tanto como fato ou ocorrência, mas, acima de tudo, como fonte, origem, inspiração; a palavra, enfim, que vai sustentar e animar todo seu Evangelho. Por isso, faz questão de assegurar que ele escreveu seu livro somente depois de *fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio...* (Lc 1,3). Em outras palavras, ele escreveu dando tudo, do bom e do melhor de si, porque o mistério que ele vai anunciar é de fundamental importância. Por isso diz: *Desde o princípio.*

Desde o princípio significa a partir da Igreja nascente, de sua origem, de seu nascedouro. Lucas deseja ao seu amigo Teófilo e, por extensão, a cada um de nós, seus leitores, que não duvidemos de nossa fé e de nossa vida de cristãos. Cristianismo, Jesus Cristo, Igreja não são fábulas, ideias, fantasias e nem mesmo inventos humanos. São, antes, fatos reais que escondem e revelam um fato maior ou melhor um grande ato ou evento de origem divina e que ele vai narrar ao longo de seu Evangelho. Por isso, termina o prólogo dizendo que, *deste modo, excelentíssimo Teófilo, poderás verificar a solidez dos ensinamentos que recebeste* (Lc 1,4).

O nome Teófilo, literalmente, compõe-se de duas palavras gregas: “Teos” mais “filos”: “Deus” mais “amigo”: “Amigo de Deus”. Amigo significa portador do Amor, que é Deus. Por isso, Teófilo, e todos nós, por estarmos nesta história da Igreja, isto é, história dos amigos, amados de Deus, podemos estar seguros que es-

tamos carregando não uma fantasia, mas o Amor que é Deus e, por outro lado, que estamos sendo carregados por Ele. Eis o prólogo, o princípio, a força originária de todo Evangelho de Lucas. Por tudo isso, toda vez que se lê, medita e se acolhe esta sua Boa Nova, tocamos na própria pessoa de Jesus, viva e real, assim como o tocaram, acolheram e viveram os Apóstolos e os fiéis da Igreja nascente.

3.2. Jesus, envolvido pelo Espírito, dá início ao cumprimento das promessas de Jahvé.

A frase inicial da segunda parte do Evangelho de hoje nos leva para dentro da visão mais profunda de Lucas acerca da pessoa de Jesus, bem como da base, do fundamento de seu Evangelho e de toda sua Vida pública. Consequentemente, também, nos conduz para dentro do princípio da Igreja nascente e de sua obra evangelizadora: *Jesus voltou para a Galileia, com a força do Espírito* (Lc 4,14).

Desde sua concepção no seio da Virgem Maria, Jesus estava tomado pelo Espírito Santo. Mas, foi no seu Batismo que esse mistério começou a manifestar-se pública, notoriamente e com toda sua pujança. Ao ouvir, naquela ocasião, a exclamação, vinda do céu aberto: *“Este é meu Filho muito amado!”* (Mt 3,17), tudo mudou para Jesus. Nunca ouvira a respeito de nenhuma pessoa, nem dele mesmo, tão grande e inaudita dignidade. A partir daquele momento, não era

mais o mesmo. Por isso, ao ensinar nas sinagogas, todos o elogiavam (Lc 4,15).

A narrativa segue dizendo que, naquele dia, na sinagoga de Nazaré, Jesus levantou-se e, a modo de escriba e profeta, proclamou a passagem do profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim porque Ele me consagrou com a unção...*” (Lc 4,18). O fogo da paixão, que no Batismo se acendera em seu coração, crepitava com todo ardor. Ele não se sente apenas um ungido, mas o ungido por excelência, “o Cristo” prometido por Jahvé ao longo de todo o Antigo Testamento. O Espírito, que se apossa de Jesus, torna-se, assim, sua Paixão, seu Desejo, seu Amor. Por isso, diferentemente dos profetas, não há mais separação entre Ele e o Espírito. Ele e o Espírito são um como Ele e o Pai são um.

Jesus estava tocando, assim, na fibra mais profunda e sensível do coração de toda a história e caminhada do Povo do Antigo Testamento: a esperança na Vinda do Espírito de Deus em sua plenitude.

Isso significa que, para a Igreja primitiva e para Lucas, Cristo com sua vinda é a conclusão e a consumação de toda uma história e, ao mesmo tempo, o princípio a inauguração de uma nova história, de uma nova humanidade nascida, tomada e regida pela pujança do Espírito de Deus. Todos podiam e deviam crer Nele porque seu anúncio vinha acompanhado por obras mencionadas pelo grande profeta Isaías acerca da libertação dos

pobres (Cfr. Lc 4,18). Deviam, pois, crer que o *Ano da Graça do Senhor* estava se iniciando, acontecendo.

3.3. A Boa Nova aos pobres

Para Jesus, diferentemente de João Batista, o importante não era falar do pecado e dos pecadores, mas do sofrimento e dos sofredores porque esses são a menina dos olhos do Pai. Por isso, ao longo de toda a História Sagrada, sua paixão são os pobres e sofredores. E, também por isso Cristo assume todo sofrimento humano como seu: nasce pobre, sofrendo as agruras de um estábulo, e morre no meio às maiores atrocidades que um mortal pode suportar: a crucificação. Por isso, proclama que Ele foi consagrado *para anunciar a Boa Nova aos pobres...* (Lc 4,17).

O anúncio lança uma luz muito clara e provocante para o seguidor de Cristo. Ou seja, não se pode conceber que alguém carregue o nome de “Cristo”, de ungido, ou uma Igreja, que ignore os pobres e sofredores ou apenas se ponha ao seu lado sem comungar de suas dores e sofrimentos. Que nos ajude, pois, aquele que, segundo nosso Papa, é um exemplo por excelência: *O “pai dos pobres”, o pobre Francisco, queria viver em tudo como um pobre; sofria ao encontrar quem fosse mais pobre do que ele, não “por vanglória”, mas por íntima compaixão. Não tinha mais do que uma túnica pobre e áspera, mas, muitas vezes, quis dividi-la com algum necessitado. Movido de enorme*

piedade, no tempo de muito frio, esse pobre riquíssimo pedia aos ricos deste mundo que lhe emprestassem mantos ou peles para poder ajudar os pobres em todas as partes... E logo que encontrava um pobre ia todo alegre cobri-lo com o que tivesse recebido... Costumava dizer: “Quem amaldiçoa um pobre injuria o próprio Cristo, de quem é sinal, pois ele se fez pobre por nós neste mundo”. Por isso, era frequente que, ao ver algum pobre carregando lenha ou outra carga, ajudasse com seus próprios ombros, tão fracos (1C 76).

Só assim, ou seja, só quando houver no mundo “cristos”, isto é, ungidos com o espírito do Pai dos pobres, que vivem e atuam como São Francisco, é que se pode proclamar como Jesus na sinagoga de Nazaré: “*Hoje se cumpriu a passagem da Escritura que acabais de ouvir*” (Lc 4,21).

São João Crisóstomo, falando desse compromisso do cristão, escreve: *o sacramento do altar é o sacramento do irmão; deixamos o altar da Eucaristia para ir ao altar do pobre. Os dois altares são inseparáveis, porque a finalidade da liturgia é gerar a Igreja da compaixão, à imagem de Deus. A Igreja transforma-se na sарça ardente, da qual ninguém pode se aproximar sem “ver a miséria do povo e ouvir seus gritos” (Cfr. Ex 3,7).*

No antiquíssimo e muito conhecido hino “A nós descei, divina luz”, a Igreja chama o Espírito Santo de “Pai dos pobres”. Ele é pobre porque, a exemplo da fonte, é doação abso-

luta, total e irrestrita: amor puro. Foi por essa mesma razão que, como vimos acima, São Francisco de Assis era chamado de “Pai dos pobres”.

Conclusão

A celebração desse Domingo nos conduz para o coração da Igreja primitiva, nascente, que vivia e anunciava a Boa Nova, tomada pela potência do Espírito do Senhor. Nisso ela imitava seu Mestre, o unguido por excelência do Espírito de Deus. É sobre esse princípio que a Igreja e cada cristão de todos ou em todos os tempos, também e principalmente no de hoje, deve andar e evangelizar. É o que proclama o Catecismo Romano: *a Palavra de Deus e o seu Sopro estão na origem do ser e da vida de todas as criaturas (nº 703).*

O Papa Francisco assim fala deste princípio: *Por pura graça, Deus atrai-nos para nos unir a Si. Envia o seu Espírito aos nossos corações para nos fazer seus filhos, para nos transformar e tornar capazes de responder com nossa vida ao seu amor. A Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus (EG 112).*

Todo esforço para reconstruir nossa Igreja, nosso humano, nossa criação, passa, necessariamente, por pessoas que, de uma ou de outra forma, se deixam tocar e tomar pelo Espírito, como podemos ver em São Francisco de Assis. Como seu Mestre, no Batismo, também ele a partir do encontro com o Crucificado de

São Damião, foi transformado em outro homem, a ponto de nem voltar mais para casa. São Boaventura escreve assim: *Como manifestasse muitas coisas, que transcendiam o senso dos homens, os frades reconheceram, verdadeiramente, que o Espírito do Senhor repousava sobre o seu servo Francisco com tanta plenitude, que lhes era seguríssimo seguir-lhe a doutrina e a vida.* (1B 4,4).

Graças a esse dom, e movido por essa força, Francisco se transformara em arauto do Evangelho, percorria cidades e castelos, anunciando o Reino de Deus, não com palavras da

sabedoria humana, mas na virtude do Espírito Santo. Parecia, aos que o viam, um homem de outro mundo que, com a mente e o rosto voltados sempre para o Céu, tentava levar todos para cima. Desde então, a vinha de Cristo começou a germinar o germe do odor do Senhor e, brotando de si flores de suavidade, de honra e honestidade, começou a dar frutos abundantes. (1B 4,5)... Assim, muitos, inflamados pelo fervor de sua pregação, se comprometiam com os novos preceitos da penitência, segundo a forma aceita pelo homem de Deus. (1B 4,6).



4º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jr 1,4-5.17-19; 1Cor 12,31-13,1-13; Lc 4,21-30

Tema-mensagem: Jesus Cristo, o Profeta dos profetas, protótipo do profetismo da Igreja e de cada cristão!

Introdução

Domingo passado, celebramos o início da Vida público-missionária de Jesus. Na sinagoga de Nazaré, além de proclamar-se o Ungido, o Messias prometido, Jesus faz o anúncio de seu programa de vida e ação: levar a Boa Nova aos pobres. No Evangelho de hoje, a Igreja proclama a conclusão e o desfecho final daquela manifestação: de um lado, o anúncio oficial, claro, forte e firme de Jesus acerca de sua identidade de profeta e, de outro lado, a reação adversa, escandalizada do povo, rejeitando-o por ser apenas o *Filho de José*.

1. Jeremias, figura mais expressiva de Cristo profeta (Jr 1,4-5.17-19)

O Antigo Testamento, em seu grande objetivo de preparar o povo para a vinda do Messias, não encontrou nenhuma figura, nem mesmo entre os grandes reis, tão significativa, como a do profeta Jeremias. Guardadas as proporções, ele é o “Messias sofredor”, o “Servo de Jahvé”, “O Ungido” do Antigo Testamento.

Assim, olhando bem para Jeremias temos um belo espelho de Jesus, o Profeta dos profetas.

Jeremias começa o livro de suas profecias com o conhecido mote hebraico *A Palavra do Senhor veio a mim...* (Jr 1,4). Palavra, aqui, tem um sentido bem mais amplo do que aquele que nós hoje costumamos dar-lhe. A expressão, além das palavras, inclui os atos, as intervenções de Deus e, enfim, a personificação do próprio Deus. Assim, as palavras de Jeremias mais que pedaços de papel são pedaços, momentos de sua vida vivida com Deus. Nesse caso Palavra e Deus se identificam. Eis o significado desse primeiro anúncio! Primeiro não cronologicamente, mas como base, fundamento, raiz: *Antes de formar-te no seio materno, eu te conheci* (Jr 1,5).

Na vocação e na vida do profeta, temos um vislumbre da dinâmica do mistério da própria Encarnação: uma profunda união, ou melhor, comunhão entre Deus e um homem; uma experiência de convivência interior incomum, inaudita, de uma familiaridade muito estreita, muito íntima, impossível de ser descrita e compreendida de modo adequado com os frágeis recursos humanos de que dispomos.

Por isso, “*eu te conheci*”, aqui, mais que mera informação, um simples saber, significa: “tu me cativaste e eu te amei”, “tu me seduziste e eu me apaixonei por ti”. Refere-se,

portanto, à experiência da graça do toque, do encontro; uma experiência que leva o profeta a conviver e a identificar-se cada vez mais com seu Senhor. Por isso, o profeta vai participar e comungar dos segredos e sentimentos mais íntimos e sagrados, das angústias e esperanças, dos sofrimentos e das alegrias de Deus. Será o olho, a fala de Deus; aquele que vai levar para fora do coração de Deus seus desígnios e suas admoestações. Assim, pelo fato de estar profundamente unido a Deus, tudo o que Deus vê, ele também verá, tudo o que Deus sente ele também sentirá. Por isso, surgiu a compreensão, um tanto simplória, que define o profeta como aquele que prevê o futuro.

Tudo isso, se consuma numa consagração. Por isso, agora, selando e oficializando a nova e específica missão de seu profeta, Jahvé diz: *antes de saíres do seio de tua mãe eu te consagrei e te fiz profeta das nações* (Jr 1,5). O profeta é, acima de tudo, um consagrado, um reservado, um separado, um tomado, possuído e unguído por Deus e para Deus a fim de realizar uma missão especial, diferente daquela confiada a todo homem, através de Adão.

Tudo isso faz o jovem Jeremias tremer. Bem que gostaria continuar vivendo folgadoamente com e como os outros jovens de sua comunidade. Apela até para sua falta de idade. Ainda não tinha seus 30 anos, idade exigida para poder exercer uma função pública. Mas, os critérios humanos aqui não contam. Por isso, a

resposta do Senhor é irreversível: *“Vamos, põe a roupa e o cinto, levanta-te e comunica-lhes tudo o que eu te mandar dizer!”* A partir de então, a boca do profeta será a boca de Deus. Por isso, mais adiante, ele proclama: *Estendendo sua mão, o Senhor tocou minha boca e disse: “Eis, eu ponho minhas palavras na tua boca”*.

2. Jesus, o filho de José, vem ao nosso encontro como o profeta dos profetas (Lc 4,21-30)

O Evangelho de hoje começa retomando a conclusão da pregação de Jesus na sinagoga de Nazaré: *“Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”* (Lc 4,21). Ele apresentara-se, claramente, não apenas como cumprimento e consumação de todas as promessas do Antigo Testamento, mas, também, como o princípio, o germen de uma nova criação, de um novo humano, de uma nova história, de uma nova humanidade. O anúncio foi de tamanha grandeza que, surpresos e atônitos, *todos davam testemunho a seu respeito. E, admirados com as palavras que saíam de sua boca, diziam: “Não é este o filho de José?”* (Lc 4,22).

2.1. Enquanto os judeus rejeitam, os pagãos acolhem

Ao principiar seu Evangelho, Lucas faz questão de mostrar claramente as duas grandes coordenadas que vão nortear toda a Vida público-

missionária de Jesus. O início dessa obra se dá em Nazaré, na sinagoga, pois ela, como expressão do Povo de Israel, representa o primeiro grande amor de Deus, seu Pai. É para eles, os judeus, Povo eleito, querido de seu Pai, que Ele foi enviado em primeiro lugar. Esses, porém, entorpecidos pelo endurecimento de seus corações não conseguiram ou não quiseram aceitá-lo. E isso, simplesmente, porque lhes parecia como qualquer um deles, tão somente *o filho de José, o carpinteiro*. Por causa desse escândalo e dessa rejeição, Jesus abandona Nazaré, sua terra, seus concidadãos e dirige-se aos pagãos. Essa primeira rejeição terá sua culminância e desfecho final no processo que irá condená-lo à morte de Cruz.

Na verdade, esta é uma constante em toda a história do Antigo Testamento: apesar de ter sido tratado com o maior carinho, atenção e cuidados, Israel sempre se mostrou rebelde, revoltado e avesso aos ditames ou mandamentos de seu Deus. Mas, quanto mais rejeitado mais Ele vai ao seu encontro; quanto mais abandonado, mais ele se aproxima e marca presença. E o último desses gestos é o envio de seu próprio e único Filho, nascido do seio de Maria, esposa de José, o carpinteiro. Mas, Israel, em vez de suma glória, vê nesta iniciativa vergonha, rebaixamento, humilhação. Como pode um Deus humanar-se deste jeito, fazer-se igual a nós!? Que vexame diante dos povos vizinhos, com seus deuses “brilhantes”, “magníficos” e tão “poderosos”! Um es-

cândalo! Deus não poderia jamais vir assim, tão pobre e tão vulgarmente! Deveria aparecer com todo o esplendor e com toda a glória de um Deus poderoso, que superasse todos os reis e príncipes deste mundo. Não! Esse Jesus, filho de José e de Maria, que tem de comer, beber, dormir como qualquer um de nós, não pode ser o Messias!

Jesus, então, como não tivesse nenhum argumento plausível a partir de si mesmo, bateu forte! Talvez, até forte demais! Mas, era o zelo do Filho pelo amor da Casa do Pai; amor que não era correspondido pelos seus eleitos. Por isso, apela com uma frase de impacto, um dito, talvez conhecido pelos israelitas: *“Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria!”* (Lc 4,24). E, reforçando a fala, recorda-lhes a rejeição que seus antepassados fizeram a dois de seus grandes profetas: Elias e Eliseu.

Surge assim, a segunda coordenada do Evangelho de Lucas: a eleição dos pagãos em substituição aos judeus. Como outrora os mencionados profetas, rejeitados pelos seus contemporâneos, foram bem acolhidos pelos estrangeiros, também agora, Ele, o novo profeta, rejeitado pelos seus compatriotas, vai oferecer a graça da sua salvação aos gentios, que O acolhem com alegria e gratidão. Esta coordenada realiza-se, depois, em plenitude, nos Atos dos Apóstolos, principalmente de Pedro e Paulo.

O perigo do exclusivismo ou melhor do elitismo religioso não é privi-

légio ou pecado dos tempos idos, dos judeus e outros povos, mas, muitas vezes, nosso, de cristãos dos tempos modernos, atuais. Nem sempre, mesmo hoje, aceitamos de bom grado a proposta do Vaticano II. Para dar fim a tão grave escândalo, iniciado na Sinagoga de Nazaré, assim escreveram os Padres Conciliares do Vaticano II: *o mesmo Senhor (dos cristãos) não está longe daqueles que o buscam, na sombra e em imagens, o Deus que ainda desconhecem. Pois, é Ele quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais* (Cfr. At 17, 25-28) (LG 16).

2.2. O profeta e sua sina de rejeitado e perseguido por parte dos seus

Lucas gosta de apresentar Jesus como profeta! Mais do que como pastor ou mestre. E era assim que os habitantes da Galileia dos pagãos o saudavam: *“um grande profeta apareceu entre nós e Deus veio visitar seu Povo”* (Lc 11,17). E é assim que ele também se compreende e age no Evangelho de Lucas.

Tudo o que vimos na primeira leitura de hoje acerca do profeta Jeremias vale aqui muito mais e em toda a sua plenitude. Jesus é o ungido por excelência! Por isso, sua autoridade vem diretamente de Deus; sua fala não nasce dele, mas Daquele que o enviou. Porque, então, *quando os conterrâneos ouviram as palavras de Jesus, todos na sinagoga ficaram furiosos* (Lc 4,28) e procuraram expulsá-lo da cidade e até matá-lo? A

resposta podemos encontrar em nós. Como eles, também nós, hoje, queremos um Jesus, um Deus moldado aos nossos interesses e esquemas mentais e religiosos. Quantas vezes, nossa mentalidade e nossa prática religiosa mais nos afastam do que nos aproximam do Deus vivo e verdadeiro; mais que o Deus que nos criou, seguimos o deus que nós criamos pelas nossas tradições, leis, doutrina, enfim o deus da nossa religião. Em vez de seguir Jesus com sua Cruz, queremos seguir um Jesus “bonito”, conveniente aos olhos do mundo e que venha tirar de nós a nossa cruz.

Todo esse processo culminará com a condenação e morte de Jesus na cruz. Por isso, Lucas termina essa primeira manifestação de Jesus em Nazaré com esta profecia: *Jesus, porém, passando pelo meio deles, continuou seu caminho*. Seu caminho é para Jerusalém, o caminho da cruz, da vontade, do bem querer do Pai, caminho de todo profeta, de todo cristão.

3. Ágape, o melhor caminho do cristão (1Cor 12,31-13,1-13)

Na segunda leitura, Paulo encerra sua exortação aos coríntios acerca do bom uso dos carismas, com uma chave de ouro: o famoso Hino da Caridade ou do Amor fraterno. E, segundo ele, este mandamento é um princípio que ordena, faz caminhar a comunidade: *Eu vou ainda mostrar-vos um caminho incomparavelmente supe-*

rior (1Cor 12,31). E, para mostrar a superioridade deste caminho, numa didática que desperta cada vez mais a atenção, vai enumerando outros caminhos, isto é, as grandes virtudes ou dons evangélicos para, então, chegar à conclusão final: *nada disso tudo me adiantaria se não tivesse a caridade* (1Cor 13,4).

Para expressar toda riqueza desse caminho, em vez de caridade ou amor, o original fala em ágape, isto é, em amor-doação. Enfim, Paulo está proclamando, para os fiéis de Corinto e para todos nós que, se quisermos crescer como Igreja ou Comunidade de Cristo, não temos nenhum outro caminho melhor do que o caminho da Cruz, o caminho da Eucaristia. Isso porque nesse caminho está a essência, o coração de Deus: sua entrega total e absoluta aos outros e até aos inimigos. Esse caminho não é uma ideia ou doutrina apenas, mas um princípio, um gérmen introduzido por Cristo no coração de cada homem e de cada criatura através do mistério de sua Encarnação. Por isso, sua grande conclusão: *atualmente permanecem estas três coisas: fé, esperança e caridade* (doação, entrega), *mas a maior delas é a caridade* (doação, entrega) (1Cor 13,13).

Conclusão

O Domingo, que celebra Jesus como o Profeta dos profetas, nos leva a ver e a despertar o gérmen profético, semeado em nossos corações pela graça do Batismo. Por isso e para

isso não precisamos esperar um novo chamado e uma nova titulação. Não procede, portanto, a fala de que faltariam profetas na Igreja de hoje; profetas que gritassem e denunciassem as maldades e injustiças que grassam em toda a parte. Talvez, falem olhos para vê-los, gritando pelo silêncio e pela paciência com que vivem e carregam o pesado fardo das injustiças e explorações pessoais e sociais, ou falte a essência do profetismo, aquilo que é maior e anterior a toda a profecia, como podemos ver claramente nesta passagem de São Francisco.

Certa vez um frade dominicano quis que Francisco lhe interpretasse a passagem de Ezequiel: “Se não advertires ao ímpio sobre sua impiedade, eu te pedirei contas de sua alma”. Depois de muito relutar, Francisco respondeu: “O servo de Deus deve arder tanto na vida e na santidade, que repreenda todos os ímpios com a luz de seu exemplo e com a voz de sua conduta. Assim, direi, o esplendor da vida e o bom perfume da fama é que vão anunciar a todos sua iniquidade” (2C 103).

Noutra passagem, depois de relatar a clarividência de Francisco, comprovada com a previsão de muitos acontecimentos, seu biógrafo faz a seguinte reflexão: *Ninguém deve estranhar se o profeta de nosso tempo, Francisco, gozasse de tais privilégios. Pois, livre da escuridão das coisas terrenas, não submisso aos desejos da carne, seu intelecto, livre, voava para as alturas mais sublimes e, puro, penetrava na luz. Assim, ilu-*

minado pelos resplendores da luz eterna, tirava da Palavra o que ressoava nas palavras (2C 54).

Bento XVI, numa catequese, escreveu que existem grandes doutos, grandes especialistas, grandes teólogos, mestres da fé, que nos ensinaram muitas coisas. Penetraram nos pormenores da Sagrada Escritura, [...] mas não puderam ver o próprio mistério, o verdadeiro núcleo. [...] O essencial permaneceu escondido! [...]

Em contrapartida, no nosso tempo existem também os pequeninos que conheceram este mistério. Pensemos em Santa Bernadete Soubirous; em Santa Teresa de Lisieux, com a sua nova leitura da Bíblia ‘não científica’, mas que entra no coração da Sagrada Escritura” (Homília na Missa com os membros da Comissão Teológica Internacional, 1 de dezembro de 2009).



5º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 6,1-2^a.3-8; 1Cor 15,1-11; Lc 5,1-11

Tema-mensagem: Chamados -enviados pelo Senhor e para o Senhor e seu Evangelho!

Introdução

Hoje, quinto Domingo do Tempo Comum, a Igreja continua celebrando o início da Vida pública e da obra evangelizadora de Cristo. A sede por sua Boa Nova era tanta que as multidões chegavam a comprimi-lo, obrigando-o a subir numa barca. A messe é grande! Jesus, então, em meio à pesca milagrosa, começa a chamar quatro de seus primeiros discípulos, a fim de associá-los à sua obra evangelizadora.

1. Um prenúncio da vocação de Jesus e dos Apóstolos (Is 6,1-2^a.3-8)

O texto que vai nos introduzir no mistério deste Domingo é de Isaías, mais precisamente o de sua vocação e missão. Sua estruturação é muito lógica e simples. Primeiramente, uma grande teofania e depois o toque divino, que purifica e faz de Isaías o profeta do Senhor.

O início da vocação dá-se dentro de uma grande visão. Isaías viu o Senhor! Não com os olhos da carne, mas da fé, do amor. O Senhor estava rodeado de serafins e de tanta glória

que fizeram tremer até a segurança das portas do Templo e enchê-lo com a fumaça de sua glória. Quando? Não se sabe. Talvez numa das grandes celebrações religiosas. Mas, o que importa e o certo é que houve a experiência, o toque com o Deus vivo e verdadeiro: *o Santo, Santo, Santo Senhor dos exércitos* (Is 6,3). Trata-se da mesma experiência de Abraão, Moisés na sarça, de Cristo no Batismo, de São Francisco diante do Crucificado de São Damião. Tomado de temor e tremor, Isaías chega a exclamar: *“Ai de mim, estou perdido! Sou apenas um homem de lábios impuros, mas eu vi com meus olhos o Rei, o Senhor dos exércitos!”* (Is 6,5).

O encontro com o divino, com o amor misericordioso, sempre nos leva à experiência da impureza, do pecado e da necessidade das lágrimas. Vem, então, a consumação da graça do encontro. Um serafim com uma brasa, tirada do altar, toca nos lábios de Isaías, dizendo: *“Assim que isto tocou teus lábios, desapareceu tua culpa e teu pecado está perdoado!”* (Is 6,7).

Na História Sagrada é sempre assim! Deus existe não para o santo e o justo, mas para o pecador e o errante. E quando esse aceita o convite, dá-se o milagre do toque, do encontro: o pecador não está mais só. E isso é tudo! É sua salvação! O problema do cristão e da Igreja não está no fato de serem pecadores, coisa que jamais deixarão de ser, mas de não se senti-

rem pecadores, de não chorarem seus pecados. Com Isaías isso não aconteceu.

Vem, então, a conclusão de toda essa teofania. Primeiramente, a oferta do Senhor em forma de pergunta: “*Quem enviarei? Quem irá por nós?*” (Is 6,8). E de imediato, isso é, sem nenhuma outra mediação, a resposta de Isaías: “*Aqui estou! Envia-me!*” (idem). A partir de então, Isaías será o que o próprio nome diz: “Salvação do Senhor, de Jahvé!” Eis sua vocação-missão!

2. Chamados-enviados (Lc 5,1-11)

Três momentos muito distintos, mas muito unidos, conduzem a pericope do Evangelho de hoje: o anúncio da Palavra, o milagre da pesca e o chamado de Jesus.

2.1. Para multidões sedentas uma Palavra que sacia a sede

Lucas inicia o Evangelho de hoje com esta bela constatação: *Jesus estava na margem do lago de Genesaré e a multidão apertava-se ao seu redor para ouvir a Palavra de Deus* (Lc 5,1). A diferença entre esses pagãos da Galileia com os conterrâneos de Jesus, na sinagoga de Nazaré, é gritante! Lá, rejeição, revolta, expulsão e tentativa de linchamento. Aqui, a sede e o encantamento pela Palavra de Jesus levam as pessoas a se comprimirem. Quando a sede é de vida ou morte, ninguém segura! Infelizmente

os conterrâneos haviam matado esta sede com o fanatismo religioso, egoísta e elitista: a religião, Deus, eram eles, com suas leis e tradições. O povo simples, iletrado, puro, porém, vê que Jesus não cita nenhuma Lei nem se apoia em nenhuma tradição porque o Pai, com sua misericórdia e perdão, é sua Lei, sua tradição; não se apoia em nenhum mestre porque o único Mestre é o Pai. Enfim, são cativados por Jesus porque Ele os põe em comunhão direta com a fonte, o Pai.

Comprimido pelo povo, que a ele acorria e dele se aproximava, Jesus, tendo visto duas barcas desocupadas, sobe numa delas a fim de poder continuar a pregação iniciada. Ah! as barcas, sempre as barcas, símbolos da salvação de Deus! Uma, como a barca de Noé, a salvação da Antiga Aliança e a outra na qual Jesus sobe, a salvação da nova Aliança, que está se iniciando com Ele, com sua pregação e que será continuada pela Igreja, representada aqui por Pedro e seus companheiros. A pregação dá-se do meio da barca que, por sua vez, está nas águas revoltas do mar. A vida, o mundo a ser evangelizado é assim: um mar cheio de adversidades, perigos e contrariedades. Mas, é aí que estão os peixes, os homens que precisam ser pescados. Portanto, mais que cuidar da evangelização dos seus membros, garantir a salvação dos que já estão salvos, a primeira missão da Igreja é sair. Essa deve ser sua alegria como o era para Jesus e seus Apóstolos. A melhor maneira da Igreja, de cada

um de nós, evangelizar é sair: *sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho* (EG 20). Evangeliza-se, evangelizando e evangelizando-se. Além do mais, a intimidade com Jesus, disposição essencial para todo cristão poder evangelizar, *é uma intimidade itinerante* (EG 23). Enfim, a evangelização atualiza, através dos tempos, a dinâmica do mistério da Encarnação-Paixão-Morte-Ressurreição do Senhor.

Sempre é bom recordar que o único e verdadeiro protagonista de toda evangelização ou pregação é sempre a Palavra, com “P” maiúsculo, porque personaliza o próprio Cristo, o Logos que, por sua vez, personaliza o Pai. Recordemos São Paulo: *A fé surge da pregação e a pregação surge pela palavra de Cristo* (Rm 10,17).

Infelizmente, durante séculos, na e pela Igreja, este princípio fora esquecido em favor de uma *pregação puramente moralista ou doutrinadora, apologética e exegetica* (EG 142). Por isso, exorta-nos o Papa Francisco: *Renovemos nossa confiança na pregação, que se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana* (EG 136). E, citando Bento XVI, conclui nosso Papa: *É necessário que a Palavra de Deus se torne cada vez mais o coração de toda vida e de toda atividade eclesial* (Cfr. EG 174).

2.2. Evangelização como pesca milagrosa

O segundo momento do Evangelho centraliza-se na pesca milagrosa. Quem toma a iniciativa é Jesus que ordena a Simão: *“Avança para águas mais profundas, e lançaí vossas redes para a pesca”* (Lc 5,4).

Escrito décadas depois da Ressurreição, parece clara a intenção de Lucas: mostrar o protagonismo de Pedro dentre os seguidores de Jesus, principalmente dentre os Apóstolos. Até então, Jesus estava sozinho. Parece ter notado que precisava de companheiros para dar conta da grandeza e da extensão de sua missão. Não importa que sejam pecadores, rudes, ignorantes, invejosos, carreiristas, contanto que cressem. Por isso, faz o teste. Um pedido que contradiz toda a lógica: pescar depois de uma noite que nada rendeu e ainda por cima em pleno meio-dia. Decididamente, aquele sujeito não entendia nada de pesca! Vem, então, através de Pedro, a resposta que Jesus esperava: *“Mestre, nós trabalhamos a noite inteira e nada pescamos. Mas, em atenção à tua palavra, vou lançar as redes* (Lc 5,5). Notemos que Pedro responde “nós” e não “eu”, isto é, a Igreja, a Comunidade dos fiéis, uma Igreja, como ele, Pedro, santa e pecadora!

É missão da Igreja, recebida diretamente do Senhor, lançar a Boa Nova, a Palavra do Pai, nas águas profundas do ser humano; lá onde se escondem os valores, os peixes que dão ou são o sentido da vida. Pois, o que é

o viver do homem senão uma contínua e diária pesca da pérola preciosa, do tesouro escondido de sua vida, de sua existência em meio às turvas e turbulentas águas da história!?

Quando Lucas escreve seu Evangelho, a Igreja estava em franco florescimento, principalmente com o ingresso de fiéis não apenas vindos do judaísmo, mas também e principalmente de pagãos gregos, romanos e de muitas outras nacionalidades. Os peixes de outrora que deviam receber a Boa Nova da salvação! Esta seria, ou melhor, é a verdadeira glorificação de Jesus, ontem e hoje: levar a todos a Boa Nova do amor misericordioso do Pai: “que conheçam, saboreiem a Ti, ó Pai!”

2.3. O pescador e pecador Pedro, chamado para ser pescador de homens

A última parte da primeira pregação de Jesus, fora da sinagoga, diante da pesca milagrosa, começa com esta cena tocante. *Ao ver aquilo, Pedro atirou-se aos pés de Jesus, dizendo: “Senhor, afaste-se de mim porque sou pecador!”* (Lc 5,8). Diante da pesca milagrosa, isto é, de pagãos fazendo parte da Igreja, do novo Povo de Deus, o espanto se apoderara de Pedro e demais companheiros. Nunca imaginaram algo semelhante no Judaísmo! É algo não apenas de se espantar, mas acima de tudo de se ajoelhar, admirar, contemplar e agradecer!

É próprio de quem faz a experiência de ser amado, sentir-se não

apenas pequeno, mas também pecador. Pecador não apenas ou porque tenha cometido faltas, maldades, mas porque a pessoa que o ama não fora acolhida e amada antes, bem como, também, porque não consegue amá-la como deveria. Por isso, Francisco, após o encontro com a Crucificado de São Damião, vivia, chorando pelos bosques, dizendo que devia ter vergonha na cara porque *“aquele que muito nos amou deve ser muito amado”* (LM 9,1).

Jesus, portanto, não precisava de nenhuma outra qualificação maior ou melhor para confiar a ele sua missão: *“Não tenhas medo! De hoje em diante tu serás pescador de homens”*. Recebido o mandato, não precisava de mais nada. Por isso, ato contínuo: *Levaram as barcas para a margem, deixaram tudo e seguiram a Jesus.*

3. Paulo, chamado-enviado pela graça do Senhor (1Cor 15,1-12)

Na segunda leitura nos encontramos com um dos vocacionados-enviados mais expressivos do Cristianismo: São Paulo. Também ele, Paulo, viu nascer sua vocação mediante uma teofania, ou melhor, de uma cristofania: o encontro direto e imediato com a pessoa viva de Jesus Cristo ressuscitado, no caminho de Damasco. A partir de então, morreu o Paulo de Tarso, o Paulo da Lei e das tradições e começou a nascer o Paulo de Jesus Cristo, o Paulo *da graça de Deus* (1Cor 15,10) e da

Igreja. A partir de então, também ele, não voltando mais para casa, dedica toda sua vida a pregar a Boa Nova às nações. Escrevendo aos Coríntios, insiste na essência de nossa fé e salvação: *“Quero lembrar-vos, irmãos, o Evangelho que vos preguei e que recebestes, e no qual estais firmes”* (1Cor 15,1).

Esse Evangelho ou Boa Nova, não é outro senão o próprio Jesus Cristo *que morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; que foi sepultado, mas que, ao terceiro dia, ressuscitou, segundo as Escrituras* (1Cor 15,3-4). Sem medo de errar, podemos dizer que Paulo assumiu com tanto ardor sua vocação-missão que se tornou um Evangelho vivo, um Cristo redivivo. Por isso, conclui: *“A graça de Deus para comigo não foi estéril”* (1Cor 15,10). E, mais adiante, dirá: *“Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim”* (Gl 2,20).

Conclusão

Como a árvore nasce e só pode viver a partir de sua raiz, também a Igreja originária nasceu e só pôde viver a partir da graça do fervor e da paixão do chamado e do envio do seu Senhor. Foi do fervor dessa força originária que nasceu também a Vida de São Francisco e sua Ordem, como podemos ver nesta passagem:

Certa vez, movido pelo espírito, *estava ele rezando diante de uma imagem do Crucificado, a qual piedosa e benignamente lhe falou: “Francisco, não vês que minha casa*

está se destruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim”. Trêmulo e atônito disse: *“De boa vontade o farei, Senhor”* ... Ficou, então, tão cheio de contentamento e tão iluminado por aquela alocação que sentiu em sua alma ter sido realmente o Cristo crucificado quem lhe falara (LTC 13). *A partir de então, despido das coisas que são do mundo, aplica-se à justiça divina e, desprezando a própria vida, liberta-se para o serviço divino de todos os modos que pode... Depois, levantando-se e entrando na cidade, começou a louvar a Deus pelas praças e vielas como que ébrio de espírito. Terminada esta louvação do Senhor, volta-se a conseguir pedras para a reparação da dita igreja... Falava assim também muitas outras palavras simples, em fervor de espírito, porque, idiota e simples, escolhido por Deus, não nas doudas palavras da sabedoria humana, portava-se em tudo com simplicidade* (LTC 21).

Francisco, ressuscitava assim, na Igreja, a unidade entre chamado e resposta, vocação e missão. Para ele ser cristão era *viver a Vida do Evangelho de Jesus Cristo* (RNB Pró,1). E essa Vida era a essência de sua missão. Tudo muito simples e pouco, mas, o essencial.

A Igreja, o cristão, portanto, não faz missão. É missão, é evangelização. Por isso, nosso Papa gosta de escrever as duas palavras junto como se fossem uma só: chamados-enviados. Com isso fica cada vez mais claro que o chamado e resposta é uma vida. Ninguém pode evangelizar se não for

chamado e ninguém pode considerar-se chamado se não evangelizar.

Segundo nosso Papa Francisco, esse é um dos desafios que nós católicos precisamos enfrentar hoje: cuidar para não *viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade* (EG 78). E continua nosso Papa: *Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o com-*

promisso no mundo, a paixão pela evangelização. ... É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão.

E conclui com esta exortação: *Não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário!*



6º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jr 17,5-8; 1Cor 15,12.16-20; Lc 6,17.20-26

Tema-mensagem: Para uma sociedade ou humanidade de pobres e infelizes, Jesus vem trazer e oferecer a felicidade em plenitude.

Introdução

Nos Domingos anteriores, celebramos o início da Vida público-missionária de Jesus. Hoje, com o conhecido “Sermão da Planície”, Ele lança no coração dos homens a semente das famosas Bem-Aventuranças, raiz e fundamento da reconstrução da nova humanidade.

1. Os dois caminhos: o da maldição e o da bênção (Jr 17,5-8)

Com um trecho de Jeremias, o profeta da Vida ou da Religião interior, proclamado na primeira leitura de hoje, a Igreja nos leva a dar o primeiro passo para dentro do mistério das Bem-Aventuranças evangélicas. Não se trata de uma profecia, mas de um ensinamento sapiencial, dividido em duas partes. Nelas encontramos dois estilos de vida, caracterizados com dois adjetivos bem fortes, radical e paralelamente opostos: um *maldito* e o outro *bendito*.

Para mostrar o primeiro caminho, Jesus usa a figura das estepes do deserto da Palestina, nas quais nada

crece. Trata-se de uma ilustração muito conhecida do povo da época. Por isso, conclui: *Maldito o homem que confia no homem e faz consistir sua força na carne humana* (Jr 17,5). É a situação do homem que se entrega a si mesmo, confiando nas próprias forças. É como *os cardos no deserto. Preferem vegetar na segura do ermo, em região saloba e desabitada* (Jr 17,6).

A segunda parte é inteiramente oposta. Se no primeiro caso o homem não consegue crescer, porque a raiz de sua vida ou conduta está longe da fonte, aqui é total e radicalmente o contrário: *Bendito o homem que confia no Senhor!* (Jr 17,7).

Com esses dois exemplos, o Povo de Deus, todo fiel, enfim, deve saber, de uma vez por todas, que a força de sua religião, do seu seguimento a Deus e a Cristo, vem exclusivamente Dele. Por isso, quando sua vida for *como a árvore plantada junto às águas*, suas obras em vez de um engrandecimento de si próprio serão um contínuo louvor ao Criador.

2. Felizes porque agraciados, infelizes porque desgraçados (Lc 6,17.20-26)

Com o Sermão da Planície, segundo Lucas, ou da Montanha, segundo Mateus, Jesus está dando início à obra salvadora ou melhor à recriação do homem e de sua história. Duas

partes muito nítidas e contrárias movimentam a perícopes do Evangelho de hoje. Primeiramente, Jesus fala aos bem-aventurados e benditos e na segunda aos coitados ou desgraçados.

2.1. A Fonte

O trecho de hoje, começa dizendo que Jesus *desceu da montanha e parou num lugar plano* (Lc 6,17). Lucas não está registrando apenas um fato, mas apontando para a fonte a partir da qual, como a água de um rio, vai se desenrolar o restante do capítulo, isto é, a partir de onde vão nascer as Bem-aventuranças, a felicidade da nova humanidade. Um pouco antes, Lucas havia assinalado que, *nesses dias, Jesus subiu à montanha para rezar* (Lc 6,12). Monte, subida e descida nos dizem claramente a busca da fonte da Vida em sua plenitude, a fonte das Bem-aventuranças: o Pai. Uma fonte bem diferente daquela dos judeus, especialmente dos seus maiorais, para os quais a felicidade estava na autossatisfação, no merecimento pelo cumprimento da lei; bem diferente da fonte dos homens do mundo que imaginam ser felizes no gozo que nasce do encontro e no desfrute dos bens passageiros e fugazes. A felicidade perene, porém, não pode vir das coisas perecíveis, bem como e também, não se merece nem se compra, mas se recebe. Não vem de baixo, da lei, do homem, mas do Alto, do Amor eterno, *do Bem, do sumo Bem, do Bem inteiro, o único Bem* (LH). É mensagem divina!

Jesus, após ter desfrutado da felicidade eterna, no convívio com

o Pai, no alto da montanha, uma antecipação do Gólgota, a Cruz, desce e *para num lugar plano*, isto é, na planície, onde moram os homens. A bem-aventurança do Pai não é para Ele, mas para os homens. É para isso que Deus existe e é para isso que Ele, Jesus Cristo, veio ao mundo: tornar os homens felizes, bem aventurados, realizados.

2.2. Bem-aventurados os pobres

A exemplo do arauto de um grande rei, Jesus, *levantando os olhos para seus discípulos, disse: “Bem-aventurados os pobres...”* (Lc 6,20). Que escândalo! Como pode alguém proclamar um absurdo desses, uma mensagem desprezada e combatida por todos os homens de bom senso!? Até os senhores do mundo sabem muito bem que o pobre não compra, não consome, não produz, não faz girar moeda, não causa nenhum lucro nem para si e nem para os outros. Como, então, nesse caso, ser feliz ou ser objeto de uma Boa Nova?! Por isso, só lhes resta ou eliminá-los ou promovê-los.

Mas, o que é ser feliz, bem-aventurado? Partindo do sentido etimológico, podemos dizer que feliz ou “bem-aventurado” significa aquele que, além de entrar bem numa aventura, vai dando tudo de si, a fim de percorrê-la de modo correto, do começo ao fim. Só então, se tornará “bem aventurado”, realizado, satisfeito, não tanto por ter alcançado seu objetivo, mas por ter tido a graça de perseverar, de viver com ela, até o

fim. E a aventura aqui é o seguimento de Cristo, que tem como caminho por excelência a pobreza. Quem compreendeu muito bem essa proposta de Jesus foi São Francisco e Santa Clara. Clara a chama de “altíssima” e a coloca como nome, como identificação de sua Ordem: “Ordem das Irmãs Pobres”. Francisco, além de chamá-la de “santa”, a coloca como princípio de sua vida e de toda a sua Ordem como podemos ver nesta passagem:

Entre as demais preclaras e precípuas virtudes que preparam no homem um lugar e uma morada para Deus e mostram o caminho mais excelente e mais rápido para se ir e chegar até Ele, destaca-se a santa Pobreza. Ela sobressai a todas por uma certa prerrogativa e supera os títulos das demais por uma graça singular. Pois, ela própria é o fundamento e a guardiã de todas as virtudes (SC 1).

A pobreza, portanto, para Francisco, retomando a experiência originária dos Apóstolos, é um estado de vida; o estado originário do homem que, por causa do pecado, teve de ser recriado, de modo infinitamente superior, por Jesus Cristo. Então, se perguntássemos a Francisco o que é o homem? Responderia: *pobre*. O pobre de Deus! Por isso, ser pobre deveria ser direito e dever de todos. Por causa desse princípio, Francisco determinara que em sua Ordem nenhum frade podia possuir alguma coisa nem em particular nem

em comunidade. A Ordem, os frades, assim, recriavam a alma, o espírito, o sentimento mais profundo e originário do homem: de “não dono”, de “não proprietário”, mas de servos e *súditos de toda humana criatura por causa de Deus* (RNB 16,6). Por isso, como em todo estado ou nação, também eles serviam a um único senhor: Jesus Cristo crucificado e a uma única Senhora ou Dama: a altíssima Pobreza.

2.3. Por causa do Filho do Homem

A pobreza é a experiência mais radical de nosso estado e vida. Ela nos coloca direta e imediatamente, todo o dia e a toda hora, numa pertença a alguém ou de dependência de alguém, no caso, de nosso Criador, o Pai de Jesus Cristo. É dentro dessa dinâmica que devemos entender também as demais bem-aventuranças elencadas logo em seguida: dos que têm fome e choram pelo sentido de sua vida, que choram e buscam por Deus, às vezes sem encontrá-lo; daqueles que, a exemplo de Davi, Madalena, São Francisco e tantos outros choram e cantam o “*De profundis*” da miséria da atual condição humana, de não conseguir amar como deveriam aquele que muito nos ama; daqueles que são *odiados, expulsos, insultados e amaldiçoados* porque pela sua honestidade e correção de vida incomodam, perturbam, infernizam a consciência dos corruptos e corruptores, dos falsários e falsificadores. Todos esses, muitas vezes sem o saber, por tudo isso que suportam, são levados para dentro, para o coração Daquele

que nos criou, comungando de seu sentimento mais profundo: a misericórdia, o perdão. Ora, haveria felicidade maior, bem-aventurança mais gratificante e compensadora do que essa?! Por isso, Jesus conclui dizendo: *“por causa do Filho do Homem”*. Ou seja, quando o homem vive nesse estado, mesmo que não o saiba, estará junto, colado, unido, casado com Jesus Cristo, o Filho do Homem, o Bem-aventurado dos bem-aventurados. Nada lhe faltará! Será como Jesus Cristo, o pobre dos pobres, que na Cruz, expropriado de tudo e de todos, esteve total e inteiramente nos braços do Pai: *“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”*. O sumo da bem-aventurança, a *“Perfeita Alegria!”*

Comentando essa bem-aventurança, nosso Papa diz que hoje

o mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade, onde nunca, nunca, pode faltar a cruz. Por isso, só pode ser consolada e feliz a pessoa que está com a consolação de Jesus e não com a do mundo... Essa pessoa sente que o outro é carne da sua carne, por isso não teme aproximar-se até tocar a sua ferida, compadece-se até sentir que as distâncias são superadas. Assim, é possível acolher aque-

la exortação de São Paulo: *«Chorai com os que choram»* (Rm 12,15) (idem, 76).

3. Na ressurreição de Cristo, a bem-aventurança final e plena do cristão (Jr 17,5-8)

Na 2ª leitura do Domingo passado, ouvimos Paulo afirmar categoricamente: *“Irmãos, lembro a vocês o Evangelho que vos anunciei, que vocês receberam e ficaram firmes”* (1Cor 15,1). Essa Boa Nova é a Ressurreição de Cristo.

O trecho escolhido, para a segunda leitura de hoje, é tirado da mesma Carta. O confronto com os coríntios, que negavam a ressurreição dos mortos, proporcionou a Paulo a graça de continuar expondo o mistério mais caro a todos os cristãos, principalmente a ele, que fora um dos fariseus mais ferrenhos a combatê-lo: a Ressurreição de Jesus Cristo. A argumentação de Paulo é muito simples: o testemunho de todos os Apóstolos, dele mesmo e de muitos outros fiéis que tiveram a graça de conviver com Jesus Cristo após sua Ressurreição, de comer com Ele e, até mesmo, de tocá-lo físico-corporalmente. Como, pois, duvidar de tão grande e profundo mistério!?

Em segundo lugar, a graça da Ressurreição Dele vale, também, para todos os homens porque ele não é só homem, mas Homem-Deus ou Deus-Homem. Nele está o gérmen do novo Adão, da nova Humanidade, do Homem perfeito, do Homem de todos os homens. Por isso, Paulo conclui:

Na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias de todos os que morreram (1Cor 15,20). Portanto, nossa pregação, diz Paulo, não tem nada de vazio, nada de fantasia. Nela temos a plenitude da vida, da felicidade eterna para todos os homens e para todos os tempos.

Conclusão

Ser feliz, bem realizado na vida, quem não o quer ou não o deseja!? Quantos esforços, empreendimentos para alcançar este objetivo! Chega-se a lutar, a agredir a natureza, o próprio corpo, os outros, por vezes, até o extremo de matá-los tão somente para um momento de felicidade. Mas, o que é isso, ser feliz, realizado, bem-aventurado?

Numa questão de tamanha grandeza é sumamente importante acertar na resposta. E esta, quem no-la dá só pode ser o feliz por excelência, o bem-aventurado dos bem-aventurados: Jesus Cristo, o pobre dos pobres, aquele que crucificou total e inteiramente sua própria vontade a fim de estar voltado para o Pai e unido a Ele – Fonte de toda a felicidade, alegria e paz – até a morte e morte de Cruz.

Segundo o Papa Francisco, as bem-aventuranças são o bilhete de identidade do cristão, no qual encontramos o que e o como fazer para chegar a ser um bom cristão (GE 63). Mas, faz questão de acentuar, também, que *essas palavras de Jesus, não obstante possam parecer até poéticas, estão decididamente na con-*

tracorrente ao que é habitual, àquilo que se faz na sociedade; e, embora essa mensagem de Jesus nos fascine, na realidade, o mundo conduz-nos para outro estilo de vida (idem, 65).

São Francisco de Assis resumiu a mensagem das Bem-aventuranças num belo, mas não menos provocante *fioretto*. Chamou frei Leão e ordenou-lhe que escrevesse com muito cuidado que a perfeita alegria (Bem-aventurança) não está em dar grande exemplo de santidade nem em ter o poder de curar todos os doentes nem em ressuscitar os mortos nem em conhecer todos os mistérios de Deus e da natureza e assim poder converter todos para Deus. Surpreso, Frei Leão pergunta: Onde está, então, a perfeita alegria, o sumo da felicidade?

Responde São Francisco: *Ó Frei, ouve e escreve a conclusão: Entre todos os carismas do Espírito Santo, que Cristo concedeu e concede aos seus amigos, está o de vencer-se a si mesmo e sustentar opróbrios de boa vontade por causa de Cristo e da caridade de Deus. Pois, de todas as maravilhas acima mencionadas, nós não podemos nos gloriar, porque não são nossas, mas, de Deus. “O que, pois, tens que não recebeste? Se, porém, recebeste por que te glorias como se não o tivesses recebido”? Mas, na cruz da tribulação e da aflição podemos nos gloriar, porque, isto é, nosso. Por isso, diz o Apóstolo: “Longe de mim, pois, gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo”, ao qual seja o louvor pelos séculos dos séculos. Amém (Atos7, Fi 8).*



7º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Sm 26, 2.7-9.12-13.22-23; 1Cor 15,45-49; Lc 6,27-38

Tema-mensagem: Para uma nova sociedade de Irmãos – “fratelli tutti” – celebramos hoje o novo mandamento, capaz de revolucionar todas as relações humanas, transformando os inimigos em amigos.

Introdução

Ao Domingo das Bem-aventuranças, celebrado Domingo passado, segue hoje o Domingo do grande, do maior e do mais desafiador e revolucionário de todos os mandamentos, algo inaudito: “*Amai os vossos inimigos e fazei o bem àqueles que vos odeiam!*”

1. Uma prefiguração do mandamento do amor aos inimigos (1Sm 26, 2.7-9.12-13.22-23)

A primeira leitura é tirada do 1º Livro de Samuel, mais precisamente, a 2ª narrativa da não vingança de Davi contra seu arquirrival, o rei Saul. Já é sabido de todos que em sua pedagogia celestial, Deus vai escrevendo sua história e preparando a Vinda de seu Filho através dos acontecimentos e pessoas do Antigo Testamento. Em muitas delas a prefiguração de Jesus é muito nítida, como na leitura de hoje.

Saul, cujo reinado já estava em decadência, por inveja, andava per-

seguindo Davi e querendo matá-lo porque o julgava concorrente de seu trono. Numa dessas investidas, Davi e sua comitiva encontraram Saul, com todos os seus guardas, acampados numa gruta, dormindo. Foi então que um dos servos de Davi, tomando a dianteira, disse: “*Deus entregou em tuas mãos, hoje, o teu inimigo. Vou cravá-lo em terra com uma lançada...*” (Sm 26,8).

Não teria havido solução mais fácil. Com um único golpe, numa única noite, sem nenhuma guerra, estaria resolvida a questão da sucessão real. Os seguidores de Davi não precisariam lutar contra o exército de Saul. Enfim, o povo voltaria à paz. Mas, não foi este o caminho inspirado por Jahvé a Davi: “*Não o mates! Pois quem poderia estender a mão contra o ungido do Senhor e ficar impune?*” (1Sm 26,9).

O futuro e grande rei de Israel, uma das figuras que mais expressam e fazem vislumbrar o futuro Messias no Antigo Testamento, soube conter e transformar um dos sentimentos mais fortes e decadentes da natureza humana – o ódio, a vingança – em perdão e reconciliação. Enfim, a mesquinhez fora vencida pela magnanimidade e a vileza pela nobreza, solo fecundo para o mandamento do amor ao inimigo.

Davi, que outrora vencera matando o gigante Golias, por ser um infiel, agora, movido pela graça de

Deus, poupa seu inimigo porque era um ungido do Senhor. Com esse gesto Davi prefigura Cristo, o Ungido dos ungidos; Aquele que, pelo mistério da Encarnação, ungrá todos os homens com o Espírito de Deus. Por isso, todos sagrados, divinos merecedores de toda dignidade e respeito.

2. Amar o inimigo, a lei de todas as leis para a nova humanidade (Lc 6,27-38)

A Igreja, na Liturgia de hoje, celebra, atualiza o sentimento maior, a paixão mais profunda de Jesus, testemunhada na Cruz e confiada a nós como mandamento: *“Amái os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam!”* (Lc 6,27). Duas partes bem nítidas, mas intimamente ligadas formam o Evangelho de hoje: o anúncio do grande mandamento e o convite para alargar nossas medidas.

2.1. Amar como Deus ama

Depois de ter falado aos felizes e ricos deste mundo e de sua desventura (Lc 6,24-26), Jesus volta-se para seus discípulos. Como bom mestre, e porque tem um segredo a revelar-lhes, segredo muito importante e, por isso, muito difícil de ser compreendido, começa dizendo: *“Vós que me escutais...”* (Lc 6,27). Agora, diz Jesus, é preciso que escutem, que estejam atentos, bem dispostos para ouvir e entender o que vou dizer-lhes. Ou seja, antes de ouvir é preciso escutar, isto é, despertar nos discípulos

de hoje e de sempre aquela disposição interior da boa vontade, da fé, do amor. Só assim a mensagem do mestre alcançará seu destino. Com os ouvidos obtusos dos abastados e satisfeitos deste mundo, a Boa Nova jamais será escutada. Será entendida como um absurdo! Daí a importância da necessidade de querer escutar e compreender. Por isso, hoje, na oração ou na leitura sagrada, sempre começamos com um *“Em nome do Pai...”* ou *“Abri os meus lábios, ó Senhor!”* ou ainda: *“Vinde, ó Deus em meu auxílio”*, etc.

No judaísmo imperava a lei da justiça justiceira: cada um devia ser tratado segundo suas obras. Nas diversas políticas do mundo que atravessam a história, de ontem e de hoje, quase sempre imperou a lei do mais forte, mais inteligente, esperto ou sábio. No marxismo, só para mencionar uma dessas políticas, a lei é sempre superar pela pressão social e política ou destruir o inimigo.

Vem, então, a surpresa de um anúncio inaudito, nunca ouvido na história dos homens: *“Eu digo: amái vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei os que vos amaldiçoam e rezai por aqueles que vos caluniam”* (Lc 6,27-28). Estamos diante do centro de toda a mensagem de Jesus, pela qual Ele nasceu, viveu, morreu, ressuscitou e continua vivo no meio de nós. Nessa mensagem está também o coração de Deus e o sentido da vida de todos os homens: a nova regra que deve e vai reger a nova humanidade com sua nova história.

No Evangelho de hoje, Jesus enumera uma porção de situações provocantes, desafiadoras como ser amaldiçoado, esbofeteado, roubado, etc. Mas, a proposta é sempre a mesma: “*Se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Até os pecadores amam aqueles que os amam!*” (Lc 6,32). Por isso, no coração de toda essa perícope, no interior de cada frase, está sempre o *Amai vossos inimigos*. É por essa razão que Jesus a repete, explicitamente, duas vezes. Vamos, então, ater-nos somente a ela uma vez que esse amor é o absoluto de toda a Boa Nova.

Absoluto na vida de um cristão, não é a lei nem a oração nem a caridade, e nem mesmo a religião, nem ser católico. Tudo isso, se não vier mergulhado até a raiz do novo mandamento, para nada serve. A novidade deste amor é tal que os primitivos cristãos não encontravam uma palavra adequada. Por isso, recorreram à cultura grega, onde descobriram o termo “ágape”. Mas, o amor ou “ágape” grego ainda não é o amor proposto por Cristo, pois, para os gregos o amor-ágape tinha sua culminância não na realização do outro, mas de si mesmo. Amava-se o outro a fim de tornar-se um herói, mas não um santo. Ora, o que Cristo propõe é justamente isso: dar tudo, do bom e do melhor de si, até mesmo a própria vida, para que o outro, principalmente o inimigo, se realize. No mundo grego-pagão deus não ama, não se sacrifica em favor dos homens. É apenas um ideal de perfeição ou para a perfeição dos homens.

2.2. São Francisco, alguém que compreendeu e viveu esse mandamento

É admirável que, depois de 13 séculos de esquecimento por parte dos cristãos e até mesma dos maiores da Igreja, um pobrezinho e iletrado ressuscitasse em toda sua pureza originária esse mandamento maior, coração de toda a Boa Nova de Jesus. São Francisco antes de concluir sua Regra, chamada de “Não Bulada”, em sua última admoestação, no capítulo 22, começa com este parágrafo:

Atendamos irmãos todos (“fratelli tutti”) ao que diz o Senhor: “Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam”. Pois Nosso Senhor Jesus Cristo, cujos vestígios devemos seguir, chamou de amigo o seu traidor e livremente se ofereceu aos que o crucificavam. Por isso, são nossos amigos todos os que injustamente nos infligem tribulações e angústias, vergonha e injúrias, dores e tormentos, martírio e morte. A estes devemos amar muito, pois disso que nos infligem, temos a vida eterna (RNB 22,1-4).

Trata-se da culminância da forma de vida dos franciscanos: amar como Deus ama. Estamos, portanto, diante de uma nova proposta de amor. Uma vez que Regra e Vida franciscana são um resumo da Regra e da Vida do próprio Deus, amar os inimigos é empenhar-se para entrar na dinâmica da identidade do próprio Deus que, no dizer de São João,

é só Amor, puro amor, ou, como proclama o próprio São Francisco: *todo o Bem, o sumo Bem, o Bem total, o único Bem* (LH 11). Por mais paradoxal que pareça, a exemplo de Judas, também nós com nossas infidelidades, negligências e traições, ajudamos a Deus ser aquilo que Ele é: pura gratuidade, perdão e misericórdia. Por isso, a cada um de nós, sempre de novo, nos cumula de atenção, bênção e afeição, exclamando como Cristo a Judas: *“amigo!”*

Uma vez que todos nós e todas as criaturas somos e existimos a partir do entranhado amor de Deus, nosso Pai, jamais haveremos de encontrar em seu dicionário a palavra “inimigo”. Inimigo é termo criado pelo homem. Amar como Deus ama, eis o ponto para o qual, agora, a Regra e a Vida franciscana nos convocam e incitam. Por isso, no dicionário franciscano inimigo só existe como graça e convocação: *amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam...*

Por tudo isso, no Cristianismo, amar não é ganhar, mas perder ou melhor perder-se em favor do outro, para dentro do outro (mistério da encarnação). Mas, isso não é perda! É ganho porque o outro, amigo ou inimigo, é sangue do meu sangue, alma de minha alma, corpo do meu corpo, todos, enfim, filhos do nosso mesmo e único Pai. Daí a grande conclusão desse Evangelho: *“Dai e vos será dado. Uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante será colocada em vosso seio* (Lc 6,38).

3. Adão o vivificado e Jesus o vivificante (1Cor 15,45-49)

A segunda leitura é da 2ª Carta aos Coríntios, mais precisamente, um trecho do último capítulo, que tem como tema geral a questão da ressurreição dos mortos. No pequenino trecho, proclamado hoje, Paulo toca na raiz desse mistério, traçando ou dando a diferença essencial entre o velho homem, Adão, e o novo, Jesus Cristo: *o primeiro homem, Adão, foi um “ser vivo”. O segundo Adão é um “ser vivificante!”* (1Cor 15,45).

“Ser vivo” significa que ele não é a vida porque recebeu a vida. Adão é terroso, alguém de terra e da terra, que recebeu um sopro de vida do Céu, do Criador. Jesus Cristo, porém, é “o vivificante”, isto é, aquele que dá a vida porque Ele mesmo é a vida. Ele também tem um corpo terroso, mas neste corpo terroso não impera o homem da terra, o homem carnal. Por isso, ao morrer o corpo terroso, Ele não podia jamais morrer. Tinha que voltar de onde viera: o Pai. Eis a Ressurreição. E o que aconteceu com Ele, Ele o dispôs para todos os homens que, de uma ou de outra forma, acolhem sua pessoa como o Filho do Deus vivo. Para quem estiver unido a Ele, a morte corporal não será mais morte, mas momento para transitar definitivamente para junto do Pai.

Todo esse mistério já foi introduzido no coração da humanidade pelo mistério da Encarnação e que se

consumou na Cruz-Ressurreição. Os cristãos são aqueles que professam esse mistério no dia a dia de sua vida, principalmente pela observância do mandamento maior: *“Amai os vossos inimigos!”* Por isso, Paulo termina: *Assim como já refletimos a imagem do homem terrestre, assim também refletiremos a imagem do homem celeste* (1Cor 15,49).

Conclusão

Segundo nosso Papa Francisco, a pandemia do Covid-19, que se alastra sobre toda a humanidade, nos oferece uma chance única de pôr em prática o mandamento maior e inaudito de Cristo; o mandamento que pode mudar a face da terra. Estamos diante de um grande sinal do céu. Nunca na história, a humanidade teve uma consciência tão clara de que os povos todos, desenvolvidos ou não; que as raças e as classes sociais todas formamos uma única família, morando todos numa única “casa comum”. Por isso, em sua nova Encíclica, o Papa volta a evocar o exemplo de São Francisco que, chamando a todos de “Irmãos”, *explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada um nasceu ou habita* (FT 1).

Mais adiante, o mesmo Papa, depois de mencionar o episódio da visita de São Francisco ao Sultão, *que nos mostra seu coração sem*

fronteiras, capaz de superar as distâncias de proveniência, nacionalidade, cor ou religião (FT 3), arre-mata:

Aquela viagem, num momento histórico, marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes «entre sarracenos e outros infiéis (...), não façais litígios nem contendas, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus». No contexto de então, era um pedido extraordinário. É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma «submissão» humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé.

Não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus; compreendia que «Deus é

amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus» (1 Jo 4,16). Assim foi pai fecundo que suscitou o sonho duma sociedade fraterna, pois «só o homem que aceita aproximar-se das ou-

tras pessoas com o seu próprio movimento, não para retê-las no que é seu, mas para ajudá-las a serem mais elas mesmas, é que se torna realmente pai» (FT 1-4).



8º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Eclo 27,5-8; 1Cor 15,54-58; Lc 6,39-45

Tema-mensagem: Um coração bom e bem cultivado só poderá produzir o bem, um coração mau, entregue à própria sorte, selvático, só produzirá o mal!

Introdução

A Igreja celebra, neste Domingo, a importante missão do homem de cultivar bem seu coração. Só assim, ele terá um tesouro em suas mãos, isto é, um coração limpo e puro, magnânimo e generoso do qual poderá tirar, sempre, bons sentimentos, bons pensamentos e boas ações; só assim poderá ver bem os outros e, acima de tudo, ver bem a Deus e seguir corretamente a Jesus Cristo.

1. Ser o que se fala, falar o que se é (Eclo 27,5-8)

Quem, ainda que de modo bastante enigmático e distante, nos aponta para o tema desse Domingo, é a primeira leitura. São quatro sentenças, tiradas do Eclesiástico, todas elas circundando a fala do homem. A mais significativa, e que pode ser considerada o resumo das demais, diz: *O fruto revela como foi cultivada a árvore; pois, a palavra mostra o coração do homem!* (Eclo 27,7).

Inspirando-se nessa sentença, costuma-se dizer que a palavra é o es-

pelho do homem. Está correto. Mas, talvez, essa imagem seja ainda um tanto apagada, para expressar toda profundidade da relação entre a fala e a identidade da pessoa. Sua fragilidade está no fato de que entre o espelho e o objeto, que ele reflete, sempre há uma distância. No homem, porém, não existe distância ou separação entre ele e sua fala porque ele mesmo é fala, palavra viva, pensamento, mesmo que nada fale, nada diga. Nele, falar é ser e ser é falar. Por isso, falará bem (o bom) se cultivar bem sua pessoa, sua identidade; mas, também, estará cultivando bem sua pessoa, sua identidade se falar o bem (o bom). E vice-versa: falará mal (o mal) se cultivar mal sua pessoa; mas, também, estará cultivando mal sua pessoa se falar mal (o mal). Um trabalho evoca o outro e vice-versa. Pessoa evoca fala e fala evoca pessoa.

No homem, tanto o ser como o falar se identificam e indicam não dois fatos, duas funções, mas sua vocação e missão primeira: acolher e cultivar o dom de sua existência, isto é, dar tudo, do bom e do melhor de si, para que venha à luz o que existe apenas em pensamento e desejo. Por isso, diz uma dessas sentenças: *como o forno prova os vasos do oleiro, assim o homem é provado em sua conversa* (Eclo 27,6). Em sua conversa significa em sua conversação, isto é, em sua conduta ou luta pela vida. De fato, o que é viver senão ir conver-

sando, se debatendo, lutando e dialogando com as realidades e acontecimentos que nos cercam, enfim, com nossa história!

2. Uma vida que nasce do coração do homem (Lc 6,39-45)

O trecho do Evangelho de hoje faz parte do grande “Discurso da Planície”. Jesus, depois de descer da montanha, continua preparando seus discípulos para sua missão. Para isso, vai ordenando-os segundo os princípios do Reino do Céu e não dessa Terra, desse mundo. Os exemplos, as comparações e as sentenças desse trecho estão intimamente ligadas aos versículos anteriores (Cfr. Lc 6,35-38), nos quais Jesus coloca para seus discípulos a regra de ouro de ou para seu seguimento e missão: transformar toda sua vida em doação gratuita em favor do outro, até mesmo de seu inimigo.

2.1. Um cego não pode guiar outro cego

A primeira sentença é tirada da experiência diária, muito simples e comum. Ou seja, se é muito perigoso, trágico, para dois cegos um querer bancar o condutor do outro, da mesma forma, a perdição é total quando, na nova sociedade, inaugurada por Cristo e fundamentada no amor fraterno, um quiser bancar o mestre do outro. Assim, como um cego jamais pode guiar outro cego, da mesma for-

ma *“um discípulo não é maior do que o mestre; todo discípulo bem formado será como o mestre!”* (Lc 6,40). Nada mais e nada menos! E isso basta, é tudo!

Com essa sentença, Jesus quer evitar, em sua nova sociedade, todo e qualquer pretexto de domínio sobre o irmão, nem mesmo ou muito menos o domínio espiritual, isto é, o de querer orientar o irmão, ditando para ele o que lhe seja o correto, o bom ou o melhor para seu destino e realização. A partir de Jesus, as relações entre seus seguidores, e que devem atingir toda sociedade, são as de “irmão”, jamais de “senhor”: *“Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos!”* (Mt 23,8).

Com o mistério da Encarnação, o relacionamento com Deus não passa mais pelas pessoas, pelos sacerdotes, pela Lei, mas, sim, diretamente por Jesus Cristo, como no-lo diz, com magistral precisão, a Carta aos Hebreus: *Esta é a aliança que farei com a casa de Israel, passados aqueles dias”, garante o Senhor. “Gravarei minhas leis na sua mente e as escreverei em seu coração. Eu lhes serei Deus, e eles serão meu povo, ninguém jamais precisará ensinar seu próximo nem seu irmão, dizendo: ‘conhece o Senhor’ porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior* (Hb 8,10-12).

São Francisco, procurado por Frei Leão para que ele o orientasse num momento difícil de sua vida, recebeu do mestre esta resposta: *Meu*

filho, digo-te como mãe: ... seja qual for o modo que melhor te parecer agradar ao Senhor Deus e “seguir-Lhe os vestígios” e sua pobreza, fa-ze-o com a bênção do Senhor Deus e com a minha obediência; e se for necessário à tua alma outra conso-lação e quiseres vir a mim, ó Leão, vem! (CL).

Para São Francisco, a melhor e única forma de orientar o irmão é fazer-se companheiro na busca. Companheiro significa, literalmente, “aquele que come do mesmo pão”. Nisso, ele copia o Senhor que, sendo Mestre, não veio como mestre, sendo Senhor, não veio como senhor, mas como servo, irmão, ou melhor, como companheiro. Por isso ordenou que rezássemos: “o Pão Nosso de cada dia dá-nos hoje!” e não “o meu Pão de cada dia dá-me hoje!”

2.2. Um bom tesouro nas mãos de um homem bom

A última parte soa a modo de uma grande conclusão de todo o “Discurso da Planície”. Depois de falar da árvore boa que não pode dar frutos ruins e vice-versa, Jesus arremata: “*O homem bom tira coisas boas do bom tesouro de seu coração*” (Lc 6,45).

A sentença é muito simples, pre-cisa e preciosa: há um tesouro no ho-mem que precisa ser cultivado: seu coração. Se fizer isso, colherá coisas boas. Se não o fizer ou fizer o contrá-rio, colherá obras más. Toda a ques-tão está, pois, em entender bem o que

significa, aqui, esse tesouro com o qual Deus nos dotou: o coração.

Nós costumamos dizer que o coração é a sede dos sentimentos e a cabeça é a da razão, do pensamento. Por isso, às vezes, ouve-se: “Não basta ter Deus na cabeça! É preciso tê-lo no coração!” Na Sagrada Escritura, porém, coração e mente ou cabeça indicam a mesma coisa: a fonte primei-ra, a raiz de onde brota o humano de todos os homens. Essa fonte – cora-ção – é uma espécie de hálito, sopro, espírito ou centelha, faísca, nascida de Deus, ou melhor, que é Deus e que move a pessoa para o bem.

Esse tesouro – coração – no fun-do não é outra coisa senão a centelha da boa vontade, da benevolência, da afeição, do bem-querer, enfim, do amor. Trata-se de uma moção mis-teriosa que vem ou nasce, gratuita-mente, do âmago, isto é, do íntimo mais íntimo de nosso humano; algo que é só meu, inteiramente livre de qualquer imposição que não seja tão só e unicamente o toque, a afeição do bem-querer. Quando se diz, po-rém, que é algo só meu, não significa criado, inventado por mim, mas recebido gratuitamente e, por isso, an-terior e superior a mim mesmo: uma afeição que, já bem antes de qual-quer iniciativa minha, me atingiu e me desperta sempre de novo para o bem. Além do mais, não se trata de um fato, mas de um dom (doação) que precisa ser acolhido e cultiva-do. Ou seja, se o acolho ele existe; se não o acolho desaparece. É como o agricultor. De nada lhe serviria ter

uma terra muito fecunda se ele não a cultivasse.

Bela ilustração acerca da necessidade de cultivar esse tesouro podemos ver neste diálogo do Bem-aventurado Frei Egídio: *Alguém perguntou a Frei Egídio: “O que posso fazer para sentir a suavidade de Deus?” Este respondeu: “Alguma vez Deus já te inspirou boa vontade?” Respondeu aquele: “Muitas vezes”. Disse-lhe Frei Egídio, vociferando em alta voz: “Por que, então, não guardaste aquela boa vontade e não te conduzieste para um bem maior?”* (DE 23).

Frei Egídio vociferou porque aquele frade, por sua negligência, estava transformando o dom divino do *bom tesouro do seu coração* – a boa vontade – num tesouro mau – má vontade – com as funestas consequências de frutos maus.

Da mesma forma, ensinava São Francisco, principalmente a alguns frades que desejavam ter um breviário, mais para parecer do que para ser um bom orante: *O homem tem tanta ciência quanto opera, e o religioso é bom pregador na medida em que pratica, “pois, a árvore só se conhece pelos frutos”* (EP 4).

3. O triunfo final da vida, da Ressurreição sobre a morte e o pecado (1Cor 15,54-58)

A segunda leitura, como nos Domingos anteriores, continua sendo da primeira Carta aos Coríntios. O trecho de hoje transcreve a grande conclusão de Paulo, acerca do misté-

rio central do Cristianismo: a Ressurreição de Cristo e dos cristãos. Mas, Paulo, além de testemunhar o triunfo de Cristo e dos cristãos sobre a morte e sobre o pecado, faz questão de realçar, também, o modo como se dá esse mistério: *Quando este ser corruptível estiver revestido de incorruptibilidade e este ser mortal estiver vestido de imortalidade, então estará cumprida a palavra da Escritura* (1Cor 15,54).

Paulo toca aqui na essência do mistério da parusia cristã. Nem morte ou destruição e nem continuidade da mesma vida natural, mesmo que aperfeiçoada a modo de uma super-vida. Trata-se, antes, de um processo de transformação radical de todo nosso corpo, de toda nossa pessoa, iniciado em nós e para nós graças à nossa incorporação ao Corpo de Jesus Cristo, o Homem nascido do céu, “o Homem vivificador”, o Senhor da Vida e da morte. Esse processo só terá sua consumação no fim dos tempos, quando toda a corrupção da humanidade será substituída pela gloriosa humanidade do novo Adão, Jesus Cristo ressuscitado. Até que isso aconteça, aguarda-se do cristão, não uma espera alienada, mas um profundo esforço de identificação com o Senhor, assim expresso pelo Apóstolo: *Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e inabaláveis, empenhando-vos, cada vez mais, na obra do Senhor, certos de que vossas fadigas não são em vão, no Senhor!*” (1Cor 15,58).

Em toda história da humanidade, não há um estímulo maior do que esse, o da Ressurreição de Cristo e

dos cristãos, para jamais desistir de lutar em busca de libertação ou transformação de qualquer grupo social ou de toda a humanidade. É por isso que professamos todos os Domingos: “Creio em Jesus Cristo!”

Conclusão

Muito se fala, hoje, da necessidade e da importância da educação. Mas, pouco ou quase nada se fala, como, também, pouco ou quase nada se faz, a respeito da mais importante de todas as educações: a educação do coração, da mente, do espírito. Pouco se investe no cultivo desse tesouro de nossa vida que é o bem pensar, o bem-querer, o bem desejar: a boa vontade.

Por isso, no capítulo “Pensar e gerar um mundo aberto”, da Encíclica

“Fratelli Tutti”, nosso Papa Francisco recorda essa bela e importante asserção do Vaticano II: *que o ser humano não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar sua plenitude «a não ser no sincero dom de si mesmo» (GS 24) aos outros (FT 87).*

E, logo em seguida, o mesmo Papa, conclui: *A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós «uma espécie de lei de “êxtase”: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser». Por isso, «o homem deve conseguir um dia partir de si mesmo, deixar de procurar apoio em si mesmo, deixar-se levar». (FT 88).*



9º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Rs 8,41-43; Gl 1,1-2.6-10; Lc 7,1-10

Tema-mensagem: Uma fé muito maior entre os pagãos do que entre os fiéis e israelitas!

Introdução

Ao mistério de um coração bem cultivado, que produz bons frutos, celebrado Domingo passado, segue, hoje, o Domingo da cura do empregado de um centurião romano, gravemente enfermo; um pagão que botou fé em Jesus. Por isso, o Domingo de hoje poderia também ser chamado de “Domingo da fé sem fronteiras”.

1. Um Templo também para os estrangeiros (1Rs 8,41-43)

Quem, ainda que de longe, nos faz um belo prenúncio de uma Religião para todas as religiões, de uma fé sem fronteiras, de um Templo aberto para todos os povos e nações é Salomão, como podemos ver na primeira leitura.

Por ocasião da transladação da Arca da Aliança e da dedicação ou inauguração do grande e suntuoso Templo, Salomão, exercendo a dupla função de Rei e Sacerdote, proferiu uma grande Oração de ação de graças e de súplicas ao *Senhor Deus de Israel* (1Rs 8,23-53). Posteriormente, por ocasião do retorno do exílio, a essa Oração foi feito um acréscimo

que é, justamente, o trecho proclamado como primeira leitura da Missa de hoje.

Israel acabara de passar pela amarga experiência do exílio. Quase desaparecera como Povo de Deus. Durante décadas tivera de sobreviver em terra estranha, sem Templo, sem as grandes e pomposas liturgias. Era normal, pois, que, ao retornar para sua pátria, se acendesse no coração de todos um grande sentimento de esperança, de superação e até mesmo um “quê” de superioridade em relação aos demais povos. É a partir desse sentimento que a cidade de Jerusalém e o Templo passam a ser vistos com orgulho e como centros de atração e peregrinação para todos os povos da terra. Dentro dessa expectativa é colocada, na boca de Salomão, esta calorosa prece: *Senhor, pode acontecer até que um estrangeiro, que não pertence ao teu povo Israel, escute falar de teu grande nome, de tua mão poderosa... se por esse motivo ele vier de uma terra distante, para rezar neste Templo, Senhor escuta, então, do céu onde moras e atende a todos os pedidos desse estrangeiro.*

A prece não deixa de transparecer um forte nacionalismo israelita. Por isso, ela coloca os demais povos na dependência de Israel. Mesmo assim, não deixa de apontar para o universalismo religioso que, posteriormente será pregado por Cristo e por todo o Novo Testamento.

2. Na fé do centurião romano, um prenúncio da fé dos gentios de todos os tempos (Lc 7,1-10)

Como já dissemos no 4º Domingo do TC do Ano C, o grande intento de Lucas, com seu Evangelho, é mostrar o paralelismo entre, de um lado o fechamento dos maiores judeus perante a mensagem de Jesus e, de outro lado, a grande abertura e acolhida dos pagãos, como podemos ver no Evangelho deste Domingo.

2.1. Uma Igreja intercessora

A narrativa começa quando Jesus acaba de falar ao povo que *O escutava e entrou em Cafarnaum*. Até o momento, Jesus se dedicara a falar mais aos discípulos mais próximos e ao povo em geral. Agora, começa a dirigir-se aos gentios da Galileia. A primeira parte desse Evangelho centraliza-se numa fervorosa e confiante súplica de *um oficial romano*. A situação era grave porque envolvia *um empregado a quem ele estimava muito e que estava doente, à beira da morte* (Lc 7,2).

A narrativa tem início num misterioso ato de fé, despertado por Jesus, pois, quando *o oficial romano ouviu falar de Jesus, enviou alguns dos anciãos dos judeus para pedirem a Jesus que viesse salvar seu empregado* (Lc 7,3). Jesus é uma pessoa diferente, enigmática, portadora de uma atração nunca vista! Cativa, mesmo de longe, sem jamais ter sido

visto. Basta um anúncio acerca de sua pessoa ou de seus feitos e a força de sedução move nas pessoas o desejo de encontrar-se com Ele.

Assim, temos de um lado o anúncio de Jesus e de outro a experiência que o centurião faz de sua fragilidade, pequenez, insuficiência e humildade. A união dessas duas experiências leva o centurião a pedir a intercessão dos anciãos, isto é, dos antigos fiéis do Judaísmo, agora, fiéis seguidores de Jesus e representantes da Igreja nascente. Esses, *chegando onde Jesus estava, pediram-lhe com insistência: “O oficial merece que lhe façam este favor porque ele estima o nosso povo. Ele até construiu uma sinagoga”* (Lc 7,4).

Lucas, mais que um fato da vida de Jesus, está narrando a primeira experiência dos primitivos discípulos de Jesus como Igreja. Ao contrário do Judaísmo, que vivia fechado, excluindo e hostilizando os pagãos, considerando-os como “cães”, Lucas faz questão de lembrar à Igreja nascente o novo princípio sobre o qual Jesus quis assentá-la como o novo Povo de Deus. Lembrou-se, então, desse episódio de Jesus, acontecido em Cafarnaum, em pleno território dos gentios. Ao contrário do antigo Judaísmo, que excluía e rechaçava os pagãos, ela deve ser sua intercessora junto de Jesus; sua missão é a de intermediar o ingresso e a acolhida como membros do novo Povo de Deus. Algo, portanto, de inédito, um escândalo, para o Judaísmo ortodoxo de então.

Por isso, a acentuação da narrativa não está propriamente no doente, que nem sequer se mexe e nem pede o favor da cura, mas na súplica. Primeiramente, a súplica do centurião que manda mensageiros judeus pedir a Jesus para que esse venha até sua casa. Depois, a súplica insistente dos anciãos judeus junto a Jesus em favor daquele pagão. Finalmente, nova súplica do centurião, através de alguns amigos para dizer a Jesus que não se incomodasse. Ou seja, a Igreja, qual novo João Batista, deve ser a preparadora dos caminhos do Senhor, a medianeira dos homens todos para que cheguem à fé em Jesus. Assim, como aqueles anciãos, também ela, devia ser uma Igreja em saída e intercessora e acolhedora; uma Igreja que afastasse a tentação do espírito do exclusivismo e da segregação, que não procure *separar prematuramente o trigo do joio, resultado de uma desconfiança ansiosa e egocêntrica* (EG 85).

2.2. A humildade, solo fecundo da fé

A segunda parte do Evangelho começa dizendo que, *então Jesus pôs-se a caminho com eles...* Nesse “então” está a razão, a causa, o princípio de tudo o que segue: anunciar a misericórdia, o perdão, a libertação e a salvação de seu Pai em favor de todos os homens de boa vontade. Proclamar a todos que seu Pai é também o Pai de todos os homens.

A seguir, o restante da narrativa se desenrola como que sustentada por

dois gonzos: de um lado a humildade e a fé do oficial romano e de outra parte a admiração de Jesus. A narrativa revela com muita clareza que, antes de um crente ou pagão, estamos, aqui, diante de um homem que realmente merece esse nome; alguém que se compreende como sendo da terra e não do céu; alguém que se vê, se sente e se reconhece como criatura e não como um “deus” ou criador. Por isso, antes que Jesus chegasse à sua casa, manda dizer-lhe “*Senhor, não te incomodes, pois não sou digno de que entres em minha casa. Nem mesmo me achei digno de ir pessoalmente ao teu encontro* (Lc 7,6-7).

Esse sentimento de humildade é de tanta beleza, nobreza e importância, tão indispensável para o encontro com Jesus e para a fé, para a confiança, que a Igreja o recorda e atualiza todos os dias, pondo-o na boca e no coração de todos quantos desejam, na Missa, comungar do Corpo do Senhor. Ou seja, para ir ao encontro do outro, tem que ser na pura gratuidade, sem nenhum mérito. Atitude bem oposta a dos judeus que o faziam movidos por um pretense merecimento através do cumprimento da lei ou das boas obras.

Chama a atenção, ainda, que o milagre de hoje é um dos poucos realizado como que à distância, sem a presença física do enfermo. A intenção de Lucas é clara. Mostrar que a Palavra de Jesus, diferentemente da palavra dos profetas, tem uma força própria, que não depende de nenhuma intermediação. Isso porque Ele

é a Palavra viva do Pai, a Palavra de toda Palavra. Uma vez dita, ela repercute por ela mesma.

Segundo nosso Papa, a pandemia do Covid-19 está proporcionando a toda a humanidade um momento de graça especial. Jamais na história, a humanidade, como tal e toda, está provando na própria carne que não é “deus”; que o homem não pode e nem sabe tudo; que é preciso deixar espaço para a presença e a atuação do estranho, do mistério, do outro, principalmente do grande Outro; nunca a Humanidade toda está sentindo que ela depende de um Estranho que, talvez, nem seja tão estranho e tão distante, como também, nunca experimentou uma dependência social e comunitária tão universal. Todos interligados, como numa corrente, uns dependendo inteiramente dos outros: “Fratelli tutti!”

Todavia, apesar de acentuar que esse centurião é “merecedor” daquele favor (Cfr. Lc 7,4), Lucas não está dizendo que a fé dependa desse seu mérito. Por isso, mostra o centurião despojando-se de todos os seus méritos e exclamando: *Não sou digno que entres em minha casa... eu também estou debaixo de autoridade...* (Lc 7,6-8). E, fechando com chave de ouro seu desprendimento: *“Mas, dize uma só palavra e meu empregado será salvo!”* (Lc 7,7).

Vem, então, a conclusão: *Jesus ficou admirado. Virou-se para a multidão que o seguia, disse: “Eu vos declaro que nem em Israel encontrei tamanha fé!”* (Lc 7, 9).

A mensagem de Lucas não podia ser mais clara e bela. Para fazer-se membro do novo Povo de Deus, a Igreja, diferentemente do Judaísmo, que exigia dos neófitos a conversão e submissão a uma série de tradições, leis e, acima de tudo, à circuncisão, basta crer, como aquele centurião, numa única palavra de Jesus. Eis o principal milagre de Jesus em Cafarnaum naquele dia. A cura do empregado vem em segundo plano e serve apenas para confirmar o primeiro: a fé sem fronteiras, capaz de abraçar também um estranho, um pagão!

3. O Evangelho de Cristo será e deverá ser sempre o mesmo (Gl 1,1-2.6-10)

Usualmente, a segunda leitura, tem como objetivo colocar para os cristãos de hoje o testemunho da Igreja primitiva. Por isso, quase sempre é escolhido um trecho do Novo Testamento. O de hoje é da Carta aos Gálatas. Estranhamente, é a única Carta de Paulo que não tem em sua abertura um hino de ação de graças e na sua conclusão uma bênção. Pelo contrário, encontramos um tom bem forte de certa amargura, repreensão e condenação. O motivo, também, não é para menos.

Após reivindicar para si a autoridade dos Apóstolos, Paulo vai direto ao assunto: *admiro-me de terdes abandonado tão depressa aquele que vos chamou, na graça de Cristo e de terdes passado para outro Evangelho* (Gl 1,6).

O assunto é grave, pois *passando para outro Evangelho*, aqueles gálatas estavam solapando a própria raiz da fé, da comunidade, da Igreja. Por isso, logo acrescenta: *Não que haja outro Evangelho, mas algumas pessoas estão vos perturbando e querendo mudar o Evangelho de Jesus Cristo* (Gl 1,7).

Paulo amava muito aquela Comunidade, pois fora ele quem a gera para a fé na pessoa de Jesus Cristo, o Evangelho vivo, único e verdadeiro; Ele que morrera para dar sua vida e ressuscitar por todos os homens. A maioria dos membros daquela Igreja era de origem pagã. Mas, alguns judeus começaram a insistir e a impor àqueles fiéis a Lei judaica, exigindo, inclusive, a circuncisão. Estamos diante não apenas de um peso desnecessário, mas também de uma atitude que contraria completamente o princípio da graça, da liberdade cristã e da universalidade da Igreja. Por isso, Paulo se mostra categórico: *Se alguém vos pregar um Evangelho diferente daquele que recebestes, seja excomungado* (Gl 1,9).

Conclusão

O “Domingo da fé sem fronteiras” nos leva a pensar, também e da mesma forma, numa Igreja sem fronteiras. Durante muitos séculos, a Igreja se considerou e se comportou mais como “senhora” do que como serva, mais como sol do que como lua (EG), querendo agregar para si os povos, impondo sua doutrina, sua institui-

ção. Hoje, felizmente, está tentando voltar a ser intercessora para todos os povos e nações e companheira de jornada de todos os homens, principalmente dos mais desvalidos e marginalizados.

Para isso, muito nos incentiva nosso Papa Francisco. Primeiramente recorda-nos que vivemos em meio a um *mundo espiritualmente desertificado*. Mas, logo acentua que *no mundo de hoje, há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implícita ou negativamente. E, no deserto, existe sobretudo a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo assim viva a esperança* (EG 86).

E logo aponta para nossa missão de evangelizadores: *Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes, o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente na Cruz que o Senhor, trespassado, Se nos entregou como fonte de água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!* (EG 86).

E, justamente no capítulo “Sem Fronteiras”, de sua última Encíclica “Fratelli Tutti”, o Papa volta a recomendar o exemplo de São Francisco, recordando-nos a visita ao sultão dos sarracenos, no Egito:

Aquela viagem, num momento histórico marcado pelas Cruzadas, demonstrava ainda mais a grandeza do

amor que queria viver, desejoso de abraçar a todos. A fidelidade ao seu Senhor era proporcional ao amor que nutria pelos irmãos e irmãs. Sem ignorar as dificuldades e perigos, São Francisco foi ao encontro do Sultão com a mesma atitude que pedia aos seus discípulos: sem negar a própria identidade, quando estiverdes «entre sarracenos e outros infiéis (...), não façais lití-

gios nem contendas, mas sede submissos a toda a criatura humana por amor de Deus». No contexto de então, era um pedido extraordinário. É impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma «submissão» humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé (FT 3).



10º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Rs 17,17-24; Gl 1,11-19; Lc 7,11-17

Tema-mensagem: Também a nós, hoje, Jesus, tomado de compaixão, convoca: “*Jovem, levanta-te e desperta!*”

Introdução

No Evangelho de hoje, Jesus continua colocando os fundamentos de seu Reinado na Terra dos homens. Um reinado cheio de compaixão para com os aflitos, como podemos ver no milagre da ressurreição do jovem filho da viúva de Naim.

1. Em Sarepta, um prenúncio da Ressurreição do Senhor (1Rs 17,17-24)

O milagre, realizado por Jesus em Naim, tem um belo prenúncio numa ressurreição narrada na primeira leitura de hoje, tirada do Primeiro livro dos Reis. A situação não andava nada fácil para uma viúva de Sarepta. Além da seca, já havia perdido o marido. Agora, o jovem filho, única riqueza que ainda lhe restava para se defender e sobreviver, *já não respirava* (1Rs 17,17). Tudo parecia um castigo. E a causa só podia estar em Elias. Sendo homem de Deus, Elias, certamente, viera à sua casa para castigá-la de seus pecados a ponto de matar-lhe o filho!

O Deus de Elias, porém, não é como o deus dos fenícios e daque-

la viúva. Enquanto Baal não apenas permanece indiferente, mas até explora, Jahvé se compadece e vem em socorro dos indefesos, pobres, viúvas e órfãos. Confiante nessa compaixão e nessa misericórdia é que Elias, *estendendo-se sobre o menino, suplicou ao Senhor Deus: “Senhor, meu Deus, faze, te rogo, que a alma deste menino volte às suas entranhas”*. E o Senhor ouviu a voz de Elias: *a alma do menino voltou a ele e ele recuperou a vida* (1Rs 17,21-22).

A semelhança com o milagre da viúva de Naim é muito grande, mas há uma diferença essencial. No Antigo Testamento, como em Sarepta, os milagres se dão por intercessão dos homens de Deus. Já em Naim ele acontece de modo direto. Jesus não precisa de intermediários porque Ele é *a própria Vida*. Por isso, também a mulher, mesmo estupefata, exclama: “*Agora vejo que és um homem de Deus e que a palavra do Senhor é verdadeira em tua boca!*” (1Rs 17,24).

2. Um milagre para o grande milagre (Lc 7,11-17)

Lucas narra que Jesus se dirige a Naim por iniciativa própria (Lc 7,11). Isto já é admirável! Diferentemente dos deuses e reis pagãos, Jesus revela que seu Deus é um Deus sempre “em saída”, diria nosso Papa, um Deus que sente o “cheiro de suas ove-

lhas”, sofridas e perdidas. Por isso, é Ele quem toma a iniciativa e vem à procura dos doentes, dos pecadores. Nessa “saída”, no Evangelho de hoje, Ele encontra e ressuscita o filho único de uma pobre viúva.

2.1. Ao vê-la, o Senhor sentiu compaixão

A narrativa de Lucas tem um objetivo muito claro. Jesus sabia da dificuldade dos contemporâneos e dos próprios discípulos em crer nele, uma vez que ele aparecia como um simples e pobre “nazareno”. Assim, se não conseguissem crer nele, pelo menos podiam intuir, através deste sinal, que aí estava o Messias, o Cristo, o Ungido de Deus. Milagre, “*miraculum*”, no latim, é algo que se mostra como digno de admiração, de espanto. Assim, a ressurreição desse jovem, filho único dessa pobre viúva, irá preparar o coração dos discípulos e do povo para a fé, para o acolhimento de Jesus e de sua mensagem, principalmente da cruz.

Quando chegou perto da porta da cidade, estavam levando um morto para enterrar; um filho único, cuja mãe era viúva (Lc 7,12). Nessas palavras vem expressa a intensidade da dor daquela mãe. São Gregório de Nissa captou bem essa dor da mãe em sua intensidade: *era mãe viúva e já não esperava ter mais filhos, nem tinha outro a quem olhar em lugar do que morrera. Somente tinha criado a este, e ele somente era a alegria da casa... a doçura e o tesouro de sua*

mãe. A atmosfera é, pois, de fragilidade e de ternura. Estamos diante do mistério da dor mais profunda e mais íntima: a dor de uma mãe que perde o filho. Enfim, uma dor ainda mais radical e íntima por ser a dor de uma mãe viúva que perde o filho único.

Quando o Papa Francisco definiu Deus como “Misericórdia” quis dizer, na verdade, dor, sofrimento. Sim, nosso Deus é um Deus que sofre, que se condói, se compadece. Esta é, certamente, uma das mais belas redescobertas que a Igreja, nós, cristãos, estamos fazendo nessa enriquecedora caminhada de retorno às nossas origens, iniciada pelo Vaticano II. Deus é misericórdia, compaixão! É o que lemos no Brasão de Armas do Papa Francisco: “*Miserando atque elegendo*”: “Misericordiando e escolhendo!”

Usualmente, não gostamos da dor, do sofrimento porque os entendemos como lacuna, carência ou negatividade. Por isso, temos dificuldade de aceitar que nosso Deus seja um Deus que sofre. A dor, porém, antes de uma deficiência é soleira na qual o fora se torna dentro e o dentro se torna fora; é travessia, caminho que possibilita o homem atravessar as barreiras do egoísmo de sua subjetividade para entrar em comunhão com o outro. É como a espada que atravessou o coração de Maria, Mãe da Soledade; também ela, na Cruz, mãe viúva de um filho único que morrera.

No santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, às margens do rio São Francisco, que recorda o Santo

da compaixão, São Francisco, numa gruta escura sob a terra agreste, reverencia-se Maria como a Mãe da Soledade. O povo pobre e simples, que conhece a dor de uma “morte e vida Severina”, ali vem para comungar da solidão da Mãe. E assim, em consolando-a, ele também se sente consolado pelo mistério dessa solidão, melhor, desta “soledade”: o ser-só, o só-ser, que a dor cria no íntimo do coração humano. O atravessar da dor corta e separa. Nesse cortar e separar, porém, une e recolhe os diferentes na intimidade. Faz o milagre da comunhão. Este é o milagre maior do Evangelho de hoje: a ressurreição para a vida em comunhão com o Pai e com os irmãos.

Quem se aproxima daquela mãe é o “Senhor”. O “Senhor” (*Kyrios*) quer dizer, então, não somente o que rege com poder e autoridade, mas o que rege com amor e misericórdia; pois, nosso Senhor é o “Misericordioso”, o “Compadecido”. Desde o Advento de Jesus Cristo, na carne de nossa humanidade, toda a história humana aparece envolvida na história da compaixão divina: a salvação dos homens.

Compaixão tem que ser entendida, aqui, não como simples pena, dó, mas como amor de misericórdia, isto é, como aquele amor terno em que o homem se deixa atingir nas suas vísceras (*esplanchna*) pela dor do outro homem. É movido por esta compaixão, que o Senhor diz: “Não chores!”, como se dissesse que daqui há pouco tua dor se mudará em alegria.

2.2. Jesus toca na padiola do jovem morto

Em seguida, o Evangelho diz que o Senhor *se aproximou e tocou na padiola*; então, *os que a carregavam pararam e ele disse: “Jovem, eu te ordeno, desperta”* (Lc 7,14). Jesus toca a padiola, isto é, ele entra em contato com a mortalidade humana. Toca e deixa-se tocar. Mortalidade que ele assumira na Encarnação e levará até consumação na Paixão da Cruz. A vida vem ao encontro da morte, diz São João Crisóstomo. A carne da nossa humanidade unida ao Verbo, que dá vida a todas as coisas, se torna vivificadora. Pois, quem a toca é o “Senhor”, o Deus *que faz viver os mortos e que chama as coisas que não são como se fossem* (Rm 4,17).

Deve-se notar, porém, que a ressurreição desse jovem é de uma diferença abissal com os prodígios realizados no Antigo Testamento pelos grandes profetas, como o de Elias, narrado na primeira leitura de hoje (1Rs 17) e Eliseu (2Rs 4). Se esses têm de implorar ao Céu vida sobre aqueles mortos, Jesus se apresenta como o próprio Senhor da Vida: “*Eu sou a Ressurreição e a Vida*”. Por isso, em vez de pedir, ele ordena: “*Jovem, eu te ordeno, levanta-te!*” (Lc 7,14).

2.3. O Jovem

São Gregório de Nissa observa que esta palavra – jovem – é usada para quando o homem está na flor da idade, ao despontar da barba, pronto

para exercer uma função na sociedade. E completa, designando o jovem como *aquele que pouco antes era a alegria e a doçura dos olhares de sua mãe, a qual suspirava pela alegria dos seus esposais, e o contemplava como o continuador de sua estirpe, como o rebento de sua posteridade e o báculo de sua velhice*. É a este que Jesus diz: “*Jovem, eu te ordeno, desperta!*” Eis o sinal de que os tempos messiânicos chegaram e de que não era preciso esperar por outro. Ele é “aquele que vem”. Deus visitou o seu povo com sua Encarnação e Ressurreição e o libertou de todas as suas mortes.

Os Padres e Doutores da Igreja fazem uma leitura, antes de tudo, histórica dessa passagem do Evangelho. O monge e venerável Beda entende que essa passagem mostra Jesus como modelo de misericórdia. Em segundo lugar, que ela nos dá o motivo para crer na Ressurreição. Santo Ambrósio fala de 7 ressurreições, antes da Ressurreição de Cristo, narradas na Bíblia (1Rs 17; 2Rs 4; 2Rs 13; Lc 7,11-17; Mc 5; Jo 11; Mt 27). A oitava, e última, é a Ressurreição de Cristo, que prenuncia a oitava idade do mundo, isto é, o novo céu e a nova terra. Trata-se, agora, de uma Ressurreição indissolúvel, definitiva e universal.

Numa outra perspectiva, os Padres da Igreja fazem uma leitura alegórica-moral. O jovem representa o homem – Adão – morto pelo pecado. A viúva é a Igreja, pois o seu Esposo partiu para o céu. Cada cristão é um

resgatado da morte do pecado, pelas lágrimas da Igreja, tornando-se assim um novo Adão.

Numa perspectiva anagógica-mística, porém, a ressurreição do filho da viúva significa a recuperação do entendimento pela alma. A alma, que perdeu o seu esposo, isto é, a Palavra divina, perde também seu filho, isto é, o entendimento. Quando ela – a alma – se une novamente à Palavra divina, seu filho, isto é, o seu entendimento, ressuscita.

3. O Evangelho, uma revelação direta de Deus (Gl 1,11-19)

A segunda leitura, como no Domingo passado, continua sendo da Carta aos Gálatas. Diante de alguns conterrâneos seus que estavam solapando a fé daquela comunidade, propondo seguir mais a Lei mosaica do que o Evangelho, Paulo volta a insistir: *o Evangelho pregado por mim não é conforme os critérios humanos. Com efeito, não o recebi nem aprendi de homem algum, mas por revelação de Jesus Cristo* (Gl 1,11).

E como se isso não bastasse, expõe-lhes claramente a diferença de sua conduta, antes e depois de sua conversão. Através dessa exposição Paulo mostra com muita evidência que Aquele a quem ele perseguia já habitava em seu coração, sem que ele o soubesse ou percebesse. Por isso, insiste, mais uma vez, que sua conversão é obra exclusiva de Deus.

Há nesta narrativa uma menção muito clara ao magistério da Igreja, à sua instituição e catequese. Todos esses elementos têm seu papel e sua importância. Além do mais, Paulo sabia muito a respeito de Jesus e de seus seguidores. Mas, a fé, o acolhimento de Jesus, de seu Evangelho e de sua Igreja, só vieram quando *aquela que me separou desde o ventre materno e me chamou por sua graça, se dignou revelar-me o Seu Filho para que o pregasse entre os pagãos...* (Gl 1,15). Enfim, o cristão não crê por causa da Igreja, do magistério, da tradição e nem mesmo por causa da Bíblia, mas tão só e unicamente porque Deus, por sua misericórdia, se digna operar nele a graça do encontro e da conversão.

Conclusão

Os dois jovens, ressuscitados milagrosamente, graças à intermediação do profeta Elias e do próprio Jesus, servem hoje de alerta. Quantas mães, quantos pais choram não apenas a morte física de seus filhos, mas, perdidos nas drogas ou no vazio da vida, vivem mortos para si mesmos, para os outros, para a família e para Deus.

A exemplo de Elias e de Jesus é urgente o remédio da compaixão. Compaixão para com os pais e fami-

liares e para com os próprios enfermos! Segundo nosso Papa, se pudéssemos ler a carteira de identidade de Deus, encontraríamos escrito nela a palavra “Misericórdia” ou “Compaixão”. Essa identidade se revela no fato de nos ter dado seu Filho único, até à morte e morte de Cruz.

Por isso, também o cristão não poderia distinguir-se por nenhuma outra marca senão pela compaixão, pela misericórdia, como no-lo mostram com muita clareza uma Santa Irmã Dulce dos Pobres, uma Santa Tereza de Calcutá ou um São Francisco de Assis.

Esse, por exemplo, não se contentava em ajudar os pobres e leprosos, mas saía à sua procura para curar-lhes as chagas. Conta-se assim que, certa vez, *transferiu-se para os leprosos e ficou com eles, servindo a todos, com a máxima diligência, por causa de Deus. Lavava-lhes os pés, pensava-lhes as úlceras, retirava das chagas a carne apodrecida e limpava o pus. Beijava-lhes também as chagas ulcerosas, por admirável devoção, para tornar-se, em breve, médico do Evangelho. Por isso, obteve do Senhor tanta virtude que alcançou uma eficácia admirável em expurgar, milagrosamente, as doenças do corpo e do espírito* (1B 2,6).



11º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 2 Sm 12,7-10.13; Gl 2,16.19-21; Lc 7,36-8,3

Tema-mensagem: Muitos pecados lhe são perdoados porque muito amou!

Introdução

A experiência de que somos miseráveis e pecadores, *pútridos e fétidos*, diz São Francisco, nos abala e arrasa, tanto diante de nós mesmos, dos outros, como diante de Deus. A de sermos perdoados, porém, principalmente por Deus, nos comove, eleva, enche de alegria e salva. Eis o admirável mistério da celebração deste Domingo, centralizado, principalmente, no Evangelho do encontro da pecadora pública com o Salvador de todos, Jesus.

1. Um grande pecador, um grande penitente e um grande perdão (2 Sm 12, 7-10.13)

A primeira leitura é tirada do Segundo livro de Samuel. No trecho proclamado hoje, o profeta Natã desmascara o pecado do unguido de Deus, o grande rei Davi. Com inúmeros favores e grandes benefícios, presenteados por Deus, Davi *desprezou a palavra do Senhor* (2Sm 12,9), mandando matar seu grande amigo, somente para poder ficar com a mulher dele. Temos, assim e aqui, um dos mais expressivos resumos e

enigmas de toda a história do Antigo Testamento. Quanto mais Jahvé cerca seu Povo de cuidados e carinhos, mais este responde com a ingratidão e a deslealdade.

Mas, se grande tem sido o pecado de Davi, grande foi também seu arrependimento, sua contrição: *“Pequei contra o Senhor!”* (2Sm 12,13). Mas, muito maior ainda foi o perdão de Deus. Bem diz nosso Papa: é mais fácil o homem cansar de pedir perdão do que Deus deixar de perdoar (EG 3); um perdão que é mais que um apagamento do pecado. Em verdade, mais que apagar, Ele vem para nos carregar em seus ombros. Falando dessa incomensurável graça, diz nosso Papa: *Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fuçamos da Ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante!* (EG 3)

2. O pecado dos pecados: não amar quem nos ama (Lc 7,36-8,3)

O Evangelho de hoje começa falando de uma ceia preparada por um fariseu. Porém, paradoxalmente

te, o melhor prato, o prato do amor misericordioso, será servido não pelo anfitrião, mas por Jesus, o convidado.

2.1. O fariseu e seu duplo pecado

Fariseu era um tipo de “religioso” que se considerava limpo, puro e isento de pecado. O pecado do fariseu era duplo. Primeiramente, porque se julgava merecedor do amor de Deus e, em segundo lugar, porque, se considerava um “separado”, um “puro”, desprezando, soberbamente, os demais, tidos por ele como *ladrões, injustos, adúlteros* (Lc 18,12).

Prostituta, falsa, portanto, não era, propriamente, a alma da mulher que vendia seu corpo, seu amor, muitas vezes, por opressão e exploração dos “justos” e “corretos”; era, antes a do fariseu que pretendia comprar o amor de Deus, a salvação através da observância da lei e de suas obras. Enfim, se considerava merecedor da salvação e Deus seu devedor. Talvez, seja por isso que, geralmente, entendemos o fariseu como um sujeito de duas caras, falso, hipócrita.

2.2. Perdão que nasce da misericórdia

Tem início, então, a cena que vai proporcionar a Jesus o ensejo de concretizar sua grande mensagem, a Boa Nova, o Pai: *“Chegou uma mulher da cidade, que era pecadora (...). Trazendo um frasco de alabastro cheio de perfume e vindo por detrás, em lágrimas, aos pés de Jesus, ela se pôs a banhar os seus pés com lágrimas;*

enxugava-os com os seus cabelos, cobria-os de beijos e derramava perfume sobre eles” (Lc 7,37-38).

Segundo Santo Efrém, o Sírio, Jesus é o médico que cura os homens com os medicamentos que eles levam a ele. Esses são os prodígios que, então, se viram, mas o fariseu somente via injúria! Ora, quais seriam os medicamentos trazidos ao Senhor por esta mulher senão seus inúmeros pecados, seu arrependimento e seu amor?! E onde estaria a salvação senão na aceitação desses medicamentos por parte do Senhor?! O encontro que salva e liberta, portanto, é este: o Salvador se identificando com o pecador, a misericórdia com a miséria, o perdão com o pecado. Assim, na obra da misericórdia, o veneno é transformado em antídoto, as transgressões em virtudes, os pecadores em santos.

Simão, o fariseu, despreza a mulher e faz mau juízo de Jesus, a quem considera ignorante, e, por isso, lhe recusa a fé; ele não entende a dinâmica da salvação, segundo a qual o médico vem para restituir a saúde não aos sãos, mas aos enfermos. Jesus vem aos homens, trazendo a medicina da vida e visitando-os como médico que traz o tesouro da salvação, a chance da saúde plena, isto é, do encontro com o vigor originário da vida: o médico da Misericórdia. Ouçamos de novo as palavras de Santo Efrém: *Este é o médico bom, que saiu para ir à pecadora que o andava buscando no interior de seu coração. E ela ungiu os pés de nosso Senhor, que não a pisoteou, a ela que*

era pisoteada por todos como o pó da terra. Realmente, a tinham pisoteado os fariseus. Porém, teve piedade dela o Misericordioso, e com seu corpo puro santificou-lhe a impureza.

A reconciliação tem início quando o homem, vendo-se amado, começa a aceitar-se como pecador, necessitando, portanto, da misericórdia que vem do alto. Tocada e movida por esta iniciativa de Jesus, a mulher pecadora, perde toda vergonha. Não hesita em ir ao encontro da fonte da misericórdia. O fariseu, ao contrário, orgulhosa e hipocritamente, permanece à distância, em atitude de julgamento. Por isso, mui delicadamente, Jesus conta-lhe a parábola do homem que tinha dois devedores.

2.3. Os dois devedores

Segundo a narrativa, um devedor devia quinhentos denários e o outro devia apenas cinquenta. Como não tivessem com que pagar, o credor perdoou a ambos. O verbo usado para “perdoar”, no texto grego, é “*charízomai*”, que significa, mais propriamente, fazer uma mercê, isto é, mostrar favor, indulgência, benevolência, graça, caridade para com alguém. Então, Jesus dirige uma pergunta ao fariseu: “*Qual dos dois o amará mais?*” (Lc 7,42). Simão, o fariseu, respondeu: “*Penso que aquele a quem ele perdoou a maior dívida*” (Lc 7,43). Com essa resposta, ele, que antes se justificava a si mesmo, agora se condenava a si mesmo. Por isso, Jesus lhe disse: “*Julgaste*

bem” (Lc 7,43). Então, e em seguida, Jesus compara o pouco amor que ele, Simão, o fariseu, mostrava, ao recebê-lo em sua casa, em relação ao muito amor que aquela mulher lhe mostrava, pelos seus gestos.

E voltando-Se à mulher, disse a Simão: “*Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; mas ela banhou-Me os pés com as lágrimas e enxugou-os com os cabelos. Não me deste o ósculo; mas ela, desde que entrei, não cessou de beijar-Me os pés. Não me derramaste óleo na cabeça; mas ela ungiu-Me os pés com perfume. Por isso te digo: São-lhe perdoados seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama*” (Lc 7,44-47).

Cristo, médico de almas, se encontrava entre dois enfermos, dois devedores. Um, a mulher, reconhecia sua enfermidade. O outro, o fariseu, não. A mulher se abriu à cura, por causa da sua humildade; o fariseu, não, por causa da sua soberba. Graças às suas lágrimas de arrependimento, os pecados da mulher se converteram em virtude. Graças à sua presunção, a pretensa justiça do fariseu se converteu no vício da soberba. A este, a parábola de Jesus como que diz: você também não está livre de dívidas; você também necessita de perdão. O fariseu era devedor de Cristo, pois não fizera o que era devido. Assim comenta esta passagem Santo Efrém:

Entre em tua casa e não me deste água para meus pés. Isto era uma injúria sobre algo que era devido.

Essa, entretanto, os regou com suas lágrimas. Isto era a paga devida. *Tu não me ungiste com óleo.* Isto era sinal de negligência. *Esta, entretanto, ungiu meus pés com azeite perfumado.* Isso era sinal de diligência. *Tu não me deste o ósculo.* Um testemunho de desamor. *Esta, entretanto, não cessou de beijar meus pés.* Um sinal de amor. Portanto, nosso Senhor a teve em conta. E, em seguida, mostrou que todas essas coisas o fariseu as devia a nosso Senhor, mas que ele tinha recusado de pagá-las. Entrou a pecadora e pagou tudo o que aquele não tinha querido pagar. E, como ela tinha pago as dívidas do ingrato, o Justo perdoou-lhe a dívida de seus pecados.

Do contraste, pois, entre a mulher pecadora e o fariseu, resulta que o amor da mulher arrependida e agraciada, de coração contrito, é abundante, e que o do falso justo, de coração endurecido, é irrisório. O que é mais fácil: derramar águas nos pés de um hóspede ou derramar lágrimas de contrição? O fariseu era incapaz de lavar os pés do seu hóspede Jesus, gesto de hospitalidade, com maior razão seria incapaz de derramar lágrimas sobre estes mesmos pés, por amor e gratidão. Cristo nos lavou os pés. Lavando os pés de Cristo com suas lágrimas, a mulher mostra-se estar na mesma atitude de Jesus: a da humildade. A esta mulher curada, salva pela graça, Cristo diz: *“Os teus pecados estão perdoados... A tua fé te salvou. Vai em paz!”* (Lc 7,50).

2.4. Depois disso

Ao longo da história, inúmeras são as identidades que se deram a essa mulher. São Gregório Magno vê nela a gentildade que se inclinara, convertida, aos pés de Jesus, reconhecendo sua Encarnação, enquanto boa parte do próprio Povo de Deus, principalmente os fariseus, não o recebeu. Ou, quem sabe, poderia ser uma figura da humanidade toda – a humanidade em Adão – sedenta do amor originário e salvador, ou da Igreja errante e pecadora, sempre na espera e busca de seu bem-amado!?

Mas, seja como ou quem for, o dito mais importante do Evangelho de hoje, sem dúvida, é este: *“São-lhe perdoados seus muitos pecados, porque muito amou!”*

Lucas conclui esse Evangelho dizendo: *Depois disto.... Depois disto* significa: o que segue tem seu princípio no que aconteceu antes. O “antes” é a experiência do encontro com o amor, com o amante. E o “depois” vem assim descrito: *Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus* (Lc 8,1), acompanhado pelos doze e algumas mulheres, entre as quais a primeira é justamente Maria, a Madalena. Maria Madalena seria assim, depois da primeira Maria, a Mãe de Jesus, a primeira mulher discípula-missionária. O amor de Madalena é o amor penitente. O amor errante, que, por fim, encontrou seu destino: Aquele que é o sumamente amável, Aquele que é o próprio Amor. Pois, quando o

ser humano ama, o que quer que seja, ama, antes de tudo, o amor mesmo. Mas, o amor é, em última instância, a bondade, que é Deus. E Cristo é a encarnação desse Amor, que é Deus.

3. Da Lei a morte, mas, da graça a vida (Gl 2,16.19-21)

Tudo o que aquele fariseu de ontem, como os de hoje, propõe contradiz completamente a Boa Nova de Jesus, toda ela centrada na gratuidade da salvação, isto é, *na alegria libertadora daqueles que se deixam encontrar com Jesus* (Cf EG 2). Na Carta aos Gálatas, proclamada hoje, Paulo que, antes da conversão, fora um “zeloso” (*zelotes*) defensor e praticante da justiça da Lei, insiste: *Sabemos que o homem não é justificado pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo; por isso, acreditamos em Cristo Jesus, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei ninguém é justificado* (Gl 2,16-18).

A “economia”, que rege a História da Salvação, é, pois, a da graça e não a do merecimento pelas obras da Lei. Graça que nasce da fé de Cristo, isto é, da fé que Cristo demonstrou ao Pai e aos homens; sua fidelidade a Ele, a nós, até a morte e morte na cruz. Por isso, continua falando aos gálatas: *Pois, é pela lei que morri para a lei, a fim de viver para Deus; com Cristo, eu sou um crucificado* (Gl 2,19).

Paulo é muito simples e lógico.

Se Cristo, pela Encarnação, se identificou com a Lei e Ele na Cruz morreu por amor e não pela Lei, a Lei morreu e está morta. Deste princípio nasce toda a mística paulina: *Vivo, mas não sou mais eu, é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20). Por isso, ser cristão é morrer com Cristo e renascer com Cristo. É viver de Cristo e para Cristo. O cristão é um homem em que Cristo vive e que vive em Cristo, de Cristo, para Cristo, segundo a “economia” da graça e não dos méritos das obras da Lei. Enfim, da graça a vida e da lei a morte!

Conclusão

A ceia na casa do fariseu... o encontro da pecadora e do fariseu com Jesus que perdoa acontece hoje conosco, agora, aqui, nesta ceia, nesta Eucaristia, neste Domingo! Por isso, diz nosso Papa:

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de a apresentar, de a tornar conhecida, que amor seria esse? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos nos deter em oração a fim de Lhe pedir que volte a cativar-nos. Precisamos de o implorar

cada dia, pedir a sua graça para que abra nosso coração frio e sacuda nossa vida tibia e superficial (EG 64).

Não esqueçamos, porém, que a Ceia do amor é, acima de tudo, ceia da misericórdia. Por isso, a cultura do Amor deve traduzir-se em cultura da misericórdia e do perdão. Para São Francisco, só *onde há misericórdia e discrição, não há superfluidade nem dureza* (Ad 27). Além do mais, para esse Santo, a misericórdia é a Boa Nova que deve reger a vida dos frades. Por isso, numa Carta a um de seus Ministros, depois de insistir que ele deve considerar como graça to-

dos os maus tratos que os outros lhe causam, escreve: *E nisto ama-os com diligência e nem queiras que sejam cristãos melhores. E, isto te valha mais que o eremitério. Assim, quero conhecer se amas o Senhor e a mim, servo Dele e teu, se fizeres o seguinte: não haja no mundo Irmão que tenha pecado até não poder mais que, após ver os teus olhos, se afaste sem a tua misericórdia, se misericórdia buscar. E, se não buscar, pergunta-lhe se não quer misericórdia. Se depois pecar mil vezes diante dos teus olhos, ama-o mais que a mim para atraí-lo ao Senhor. Tem sempre misericórdia com tais Irmãos* (CM).



12º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Zc 12,10-11;13,1; Gl 3,26-29; Lc 9,18-24

Tema-mensagem: Como discípulo, o cristão deve seguir seu Mestre até a morte, tomando sobre si todos os dias sua cruz!

Introdução

Jesus já havia escolhido seus companheiros de vida e de missão. Mas, percebia que estava chegando a hora de começar a revelar-lhes toda a sua verdadeira identidade. É o que vai fazer neste Domingo, através do Evangelho do anúncio de sua Paixão.

1. A profecia do Traspassado (Zc 12,10-11;13,1)

A primeira leitura de hoje, tirada da profecia de Zacarias, desenrola-se em torno de um misterioso “traspassado”. Começa com um dito do Senhor: *“Derramarei sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém um espírito de graça e de oração!”* (Zc 12,10).

O “derramamento ou infusão do Espírito, mais que um fato, é um tempo que aparece, tanto no Antigo (Cfr. Jl 2,8) quanto no Novo Testamento (Cfr. At 2,32-33). No original está “um espírito de boa vontade e de súplica”. Isso significa que Zacarias está proclamando um tempo de transformação interior, princípio de uma nova nação, de um novo povo,

de uma nova história. Bela profecia, portanto, das primícias da Igreja nascente!

Graças à infusão desse Espírito, as pessoas desse povo serão levadas a uma atitude de confiança e de abertura a Deus. O Traspassado, ou Crucificado, que era considerado como um malfetor que devia ser banido da Comunidade, será visto com outros olhos. Daí a exclamação: *“eles olharão para mim!”* (Zc 12,10). São João, por sua vez, em seu Evangelho, irá recordar esta passagem: *Erguerão, então, o olhar para mim, a quem transpassaram!* (Jo 19,37).

Estamos diante de uma das mais belas, expressivas e profundas profecias da crucificação de Jesus e de sua beneficência: *“Naquele dia haverá uma fonte acessível à casa de Davi e aos habitantes de Jerusalém para ablução e purificação”* (Zc 12,13). Trata-se, pois, de uma fonte medicinal que servirá tanto para lavar as máculas, ablução, quanto para curar aqueles que a ela virão (purificação). Novamente, o evangelista João dirá que *do lado aberto de Jesus jorrou sangue e água* (Jo 19,34).

2. Do Cristo de Deus, o Crucificado, e de seu seguimento (Lc 9,18-24)

A perícopes do Evangelho de hoje vem depois do relato da multiplicação dos pães para as multidões. Compõe-

se de dois momentos. Primeiramente, temos o diálogo, ou melhor, o interrogatório de Jesus a seus discípulos acerca de sua identidade e depois o anúncio de sua Paixão.

2.1. Um ensinamento em forma de diálogo

A narrativa começa com a oração de Jesus num lugar afastado. Lucas gosta de apresentar Jesus em oração. Revela, assim, sua intimidade com o Pai, uma intimidade única, singular. Por isso, é feita a sós. Beda, um venerável monge, dizia que só o Filho pode penetrar nos mistérios insondáveis da misericórdia do Pai. Por outro lado, porém, a oração de Jesus mostra o quanto ele estima comungar de nossa fragilidade. É, pois, confortante ver um Deus que, como nós, também precisa rezar, implorar misericórdia ao Pai!

Começa, então, o famoso diálogo com os Doze. Admirável a maneira como Jesus conduz esse encontro. Nela encontramos a pedagogia, o caminho, o método da evangelização e da catequese cristã. Jesus não começa, a modo dos mestres ou professores, expondo direta, imediata e explicitamente sua mensagem, muito menos impondo a verdade acerca de sua pessoa. Mas, aos poucos, procura despertar e fazer arder, no coração daqueles rudes homens, uma afeição pura e um interesse gratuito pela pessoa Dele. Em segundo lugar, o que está em jogo não é um “quê”, um objeto, um ideal, uma doutrina ou um

valor, mas a verdade de um “quem”, de uma pessoa, do Messias, o Salvador de Israel e de toda a humanidade: “*Quem diz o povo que eu sou?*” (Lc 9,18).

A resposta dos Apóstolos revela que “os homens”, de certa forma, já estavam atraídos por Jesus e encantados por Ele, embora não alcançassem sua verdade plena. Entretanto, as opiniões populares sobre Jesus não eram suficientes para que os discípulos alcançassem e acessem à verdade da identidade do Mestre, muito menos ainda para que se fizessem seus discípulos, amigos, familiares e íntimos. Por isso, logo depois, segue a segunda pergunta: “*Vós, porém, quem dizeis que eu sou?*” (Mc 8,29). Pela experiência, sentiriam que Jesus era alguém muito especial, singular, único, mesmo entre os homens que foram mais íntimos de Deus. Vislumbravam e pressentiam que Nele existia uma relação filial inigualável com Deus e cumpria uma missão ímpar, diferenciada de todos os outros profetas. Mas, ainda não tinham alcançado uma consciência – um saber, uma sapiência – clara, nascida de uma experiência pessoal a respeito da identidade de Jesus. Essa só se revelaria plenamente na consumação de sua vida, isto é, na sua morte de Cruz.

Pedro, então, em nome dos Doze, é quem responde: “*O Cristo de Deus!*” (Lc 9,20). A passagem paralela de Mateus (16,16) acrescenta: “o Filho do Deus vivo!” São Cirilo dizia que o artigo, aqui, faz toda a diferença. Jesus não é *um* cristo de

Deus. Ele é o Cristo de Deus. No Antigo Testamento, diz ele, houve muitos cristos, isto é, muitos homens que foram ungidos para cumprir uma missão recebida de Deus: reis e profetas foram cristos no Povo da Antiga Aliança. Do mesmo modo, no Novo Testamento todos os seguidores de Jesus são cristos de Deus, isto é, são ungidos pelo Espírito Santo. Mas, Jesus é o Cristo de um modo singular, por ser, o Filho do Deus vivo, que se fez homem. Enquanto em nós a unção é recebida sempre de modo imperfeito, em Jesus ela sempre encontra uma acolhida perfeita e incondicional.

2.2. Um Cristo que é Filho do Homem, a verdadeira identidade de Jesus

A segunda parte da narrativa começa com uma imposição estranha por parte de Jesus. Diante da resposta tão precisa de Pedro esperaríamos que Jesus dissesse aos Doze que fossem pelo mundo afora anunciando a todos tão auspiciosa verdade. Mas, a recomendação é totalmente oposta: *proibiu-lhes severamente que contassem isso a alguém* (Lc 9,21). A razão, provavelmente, esteja no receio que vingasse entre os Doze e, principalmente entre o povo, a ideia distorcida de que ele seria um Messias no estilo mundano, com poderes extraordinários e não simplesmente “o Filho do Homem”. Enfim não queria que se escandalizassem antes da hora; que precisavam ainda de tempo até assi-

milarem o mistério de um Deus encarnado, um Messias, filho de Maria e de José, que deve sofrer, morrer e ressuscitar.

Jesus, então, começa seu grande ensinamento acerca de sua verdadeira identidade: “*O Filho do Homem deve sofrer muito...*” (Lc 9,22). Na verdade, toda a resposta de Jesus é uma tentativa de desmentir a ideia, o anseio que imperava no coração dos Doze, principalmente de Pedro. Pedro desejava seguir a Jesus porque esperava dele a glória, o triunfo sobre os inimigos de Israel. Jesus responde, porém, com um insucesso total. Era preciso encaminhá-los para acolher o novo sentido de Messias; que a esperança de Israel num Messias triunfador devia ceder lugar ao Filho do Homem, Jesus, que salva pela morte na Cruz e Ressurreição.

2.3. Tome a sua cruz e siga-me

Vem, então, a conclusão do discurso: *Depois, Jesus disse a todos: “Se alguém me quer seguir”* (Lc 9,23). Os ouvintes agora são todos os que se tornaram próximos de Jesus e que postulavam se tornar seus discípulos.

Primeiramente, Jesus não impõe o discipulado, antes, o propõe como um apelo à liberdade dos homens. São João Crisóstomo lembra que Cristo não quer que alguém o siga forçado e o sirva constrangido. Antes, quer que o seguimento se dê como uma resposta livre e da boa vontade do homem; Ele não arrasta, mas

atrai! Ele tem a fineza de esperar de nós uma resposta de amor. Por isso, poder segui-lo é graça do encontro de amor entre Ele e nós.

Em segundo lugar, a condição para o seguimento é: “*renuncie a si mesmo*”. Essa renúncia ou negação não é algo meramente negativo, mas libertador e criativo. É a negação que é o próprio da abnegação. Abnegação quer dizer: a *capacidade de ser um, não para si mesmo*, mas para o outro (Harada). Aqui, o dizer “não” a si mesmo é uma consequência do ter dito sim ao radical-Outro, ao Tu divino, a Cristo e, com Cristo, ao Pai, no Espírito Santo. Não se trata de um repúdio, rejeição, exclusão ou aniquilação de si. Tudo isso seria mera negação. Aqui, porém, trata-se de uma ab-negação. O prefixo “*ab*” significa movimento de abertura para o outro e de seu acolhimento, que nasce com a graça do encontro e para o encontro. É a força do “sim” ao seguimento de Cristo.

Como não lembrar aqui São Francisco de Assis que em sua Regra cita explicitamente este dito de Jesus: *Se alguém quer vir após mim, abneque a si mesmo...* (RNB 1,3). E, logo em seguida, para que o candidato não se demore em acolher essa graça, exorta e impõe que *venda* todas as suas coisas e empenhe-se em despojar-se de tudo, doando aos *pobres* (RNB 2).

Finalmente, diz: “*tome a sua cruz e siga-me*” (Lc 9,23). Cada cristão, diz Jesus, tem *sua* cruz. A cruz é *sua* cruz – isso é, cada cris-

tão tem sua medida e seu modo, seu jeito, único, pessoal, de participar do sofrimento-rejeição do Cristo Crucificado. É seu modo de desvincular-se do “mundo”, de deixar morrer em si o homem velho, adâmico, psíquico (anímico – animal), carnal, na luta diária contra o pecado, contra aquilo que seduz, isto é, induz para fora do discipulado, do seguimento de Cristo. É o *seu* modo de, com Deus e com Cristo, tomar sobre si o pecado do mundo. Tomar a própria cruz é, portanto, assumir o bom combate, a luta de vencer-se a si mesmo, para ser com e como Jesus, o Cristo, o Mestre. É vencer tanto o ódio de si quanto o amor desmedido e desordenado de si, para amar-se apenas como homem novo, interior, homem pneumático (vivificado pelo Espírito Santo), homem crístico.

Caminho da Cruz é, portanto, caminho de amor, de resposta a quem nos amou por primeiro. Assim, ou por causa disso, tudo o que nos parece duro e grave torna-se suave (S. Agostinho, Sermão 96,1). Por isso, no salmo das Vésperas, no Ofício da Paixão, São Francisco faz escrever: *Erguei vossos corpos e carregai sua santa cruz*. Para ser discípulo de Jesus é preciso erguer o próprio corpo! Erguer o próprio corpo é, no entanto, assumir as angústias e sofrimentos em nós (Tertuliano, *A idolatria*, 12,2); é seguir a Jesus Cristo com os dois pés: o da humildade e o da caridade (Cesário de Arles, Sermão 159,1.4).

3. Revestir-se de Cristo (Gl 3,26-29)

Na segunda leitura de hoje, Paulo recorda aos cristãos da Galácia que eles não estão mais sob o império da Lei porque *batizados em Cristo, foram revestidos de Cristo* (Gl 3,27). Geralmente, entendemos revestir-se como cobrir-se. Mas, aqui, ele tem o significado profundo de interiorizar, tomar para si alguma coisa de tal modo que ela deixe de ser exterior, passageira e passe a nos ser interior e permanente. Para o cristão, Cristo há de ser tomado para si de tal modo que ele não somente se lhe torne interior, mas se lhe torne, como dizia Agostinho, *intimius intimo meo*: “o mais íntimo de mim mesmo do que meu próprio íntimo!”

Revestir-se de Cristo é, pois, um ato de receber. Mas, não como quando o corpo recebe os alimentos ou um copo a água. Mestre Eckhart explica assim: *De Deus a alma não recebe nada como um algo alheio, não como o ar recebe a luz do sol, a saber, na estranheza (...). Os mestres dizem que a alma recebe como a luz recebe a luz da luz; assim não há nem estranheza nem distância.* Deus influi seu sopro vital na alma, naquilo que ela tem de mais íntimo, de mais próprio, de mais essencial. Eckhart chama isso de “fundo da alma”. Este fundo é sua essência. *Pois, é aqui que a alma toma toda a sua vida e seu ser e é daqui que ela absorve sua vida e seu ser.*

Aqui, nesse fundo, podemos dizer com São Paulo: *Não há judeu*

nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher (Gl 3,28). Todas essas diferenças se tornam exteriores e inessenciais. É como no amor: amante e amado se tornam um. Realizar essa unidade com Deus, melhor, com Cristo, o Deus humanado, eis a vocação primeira ou primária do cristão.

Conclusão

Nesse “Domingo do Anúncio de sua Paixão”, por parte de Jesus, encontramos a mais decisiva e cristalina definição de um cristão, isto é, de um discípulo de Cristo: o caminho do cristão é o caminho de Cristo e o caminho de Cristo é o caminho da Cruz.

Quem esclarece bem o sentido cristão da cruz é Bonhoeffer: *Não é desventura nem pesado destino; é sofrimento que resulta da união exclusiva com Cristo. A cruz não é sofrimento casual, mas sofrimento necessário. A cruz não é sofrimento relacionado com a existência natural, mas com o fato de pertencermos a Cristo*¹⁹. Cruz é sofrimento de ser rejeitado por pertencer a Jesus Cristo. Cruz é, para o cristão, toda luta, toda tentação, todo desafio que é assumido por e para pertencer a Cristo. Cruz é “co-sofrer” com Cristo o sofrimento de Cristo. É com-paixão com Cristo Crucificado.

Para os discípulos que vêm depois da Ascensão de Cristo, para nós,

¹⁹ Bonhoeffer, Dietrich. *O discipulado*. Ed. Sinodal: p. 46.

portanto, o seguimento é, essencialmente, um movimento do espírito: significa conformidade com Cristo no modo de ser e de viver, de sentir, de pensar, de agir. Significa ter os mesmos afetos que Jesus. Significa, literalmente, imitação como o fez, por exemplo, São Francisco de Assis que, em todos os seus atos, procurou ser conforme a Cristo bendito (Cfr. Atos 1). Tudo isso *porque tanto ele como os seus, foram chamados por Deus, da cruz e para a cruz. Por isso, ele e os seus demais Bem-aventurados primeiros companheiros eram, com razão, vistos como, e de fato eram, homens do Crucificado. Carregando a cruz no vestir e no comer, e em todos os seus atos, desejavam mais os opróbrios de Cristo do que as vaidades do mundo e as lisonjas enganosas; por isso, alegravam-se pelas injúrias e entristeciam-se pelas honras. E iam pelo mundo como peregrinos e forasteiros, nada levando consigo a não ser Cristo* (Atos 4).

Mas, a passagem que mais expressa a imitação de Cristo, desejada e procurada por Francisco, encontramos nesta oração que ele faz em seu recolhimento no Monte Alverne:

Ó Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto for possível, aquela

dor que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima Paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, quanto for possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para de boa vontade suportar tal Paixão por nós pecadores (CCE 3).

E, para finalizar estas palavras do nosso Papa Francisco:

O Cristianismo não é uma doutrina filosófica, não é um programa de vida para sobreviver, para ser educado, para fazer a paz. Essas são consequências. O Cristianismo é uma pessoa, uma pessoa erguida, na Cruz, uma pessoa que se aniquilou a si própria para nos salvar; fez-se pecado. E assim como no deserto foi erguido o pecado, aqui foi erguido Deus, feito homem e feito pecado por nós. E todos os nossos pecados estavam ali. Não se percebe o Cristianismo sem se perceber esta humilhação profunda do Filho de Deus, que se humilhou a si próprio, fazendo-se servo até à morte de Cruz, para servir (Homilia em 08/04/2014).



13º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 1Rs 19,16b.19-21; Gl 5,1.13-18; Lc 9,51-62

Tema-mensagem: Grande vocação, grande decisão, grande seguimento!

Introdução

Neste Domingo, celebramos, primeiramente, a grande decisão de Jesus de levar até o fim, isto é, até a consumação a missão que o Pai lhe confiara; mas, celebramos, também e acima de tudo, o espírito que o move e cultiva a fim de poder realizar esse seu seguimento do Pai.

1. O profeta Eliseu, exemplo de verdadeiro discípulo (1Rs 19,16b.19-21)

O Antigo Testamento, em seu objetivo de preparar os seguidores de Jesus, nos apresenta, na primeira leitura de hoje, o chamado e o seguimento do profeta Eliseu, que começa assim: *Naqueles dias, disse o Senhor a Elias: “Vai, e unge para mim a Eliseu, filho de Safat, de Abel-Meula, como profeta em teu lugar!”* (1Rs 19,16).

Apesar da intermediação de Elias, o chamado e o seguimento são graças que vêm do Senhor, jamais de um possível merecimento do vocacionado ou imposição de um terceiro, no caso Elias. Além do mais, nesse vocacionado, podemos ver a tônica

que perpassa toda a Sagrada Escritura: Deus gosta de chamar os pequenos, os pobres, os simples e humildes. Eliseu, a partir de si, não apresentava nenhuma qualificação para tão grande vocação. Não passava de um simples e pobre lavrador, ligado a um trabalho duro e desprestigiado. Estava no meio de doze juntas de bois e ele tocando, justamente, a última, isto é, a de somenos importância porque dependia das demais.

Vem, então, o gesto mais significativo de toda essa narrativa: atendendo à ordem do Senhor, *Elias, ao passar perto de Eliseu, lançou sobre ele seu manto* (1Rs 19,19). Elias era muito conhecido como profeta. Por isso, Eliseu logo entendeu que aquele gesto significava um chamado para segui-lo; sinal de que ele estava sendo vestido e ungido por Deus a fim de assumir a mesma vocação e missão dele, Elias.

A cena final, na qual Eliseu vai primeiro despedir-se de seus familiares, poderia parecer contradizer a última cena do Evangelho de hoje (Cfr. Lc 9,61-62). Mas, a aparente contradição logo desaparece. O sacrifício que ele fez, imolando a Deus tudo o que tinha, bois, arado e canga, e distribuindo a carne como comida à sua gente, revela que ele estava se despreendendo radicalmente de tudo e de todos. Fato que vem confirmado com a última frase: *E depois, levantando-se, seguiu Elias e pôs-se ao seu serviço* (1 Rs 19,21).

2. Para um grande seguimento, uma grande decisão (Lc 9,51-62)

O Evangelho de hoje começa com um momento decisivo da caminhada de Jesus: o momento do fim, o Dia “D”, a Hora “H”. O instante é solene! Cristo começa a aviar-se para a consumação de sua Paixão e missão no mundo. É a Hora da Cruz e do seu retorno ao Pai. É o que Lucas quer dizer com a frase: *Como se completassem os dias do seu arrebatamento...* (Lc 9,51).

2.1. Preparando-se para a consumação

Nesse aviamento, porém, o mais importante não é o fato em si, mas o espírito do qual ele procede: *Jesus, então, tomou a firme decisão de partir para Jerusalém...* (Lc 9,51).

Aqui está a disposição, o princípio básico do discipulado cristão, sem o qual nunca se chegará a ser realmente um discípulo, um cristão: a necessidade do cultivo de uma decisão firme e resoluta de seguir, de buscar Jesus Cristo, assim como Ele foi firme e resolutivo em seguir e buscar a vontade do Pai até a morte e morte de Cruz. Trata-se daquele mesmo espírito que moveu todos os profetas do Antigo Testamento. Um espírito que nasce da sedução e da paixão pelo Senhor que os escolheu e ungiu a fim de serem seus mensageiros junto dos homens. Por isso, essa frase, no seu original, diz que Jesus “endureceu o

seu rosto para caminhar a Jerusalém”. Endureceu o rosto, significa que fez um propósito firme, tomou uma decisão resoluta de servir ao Senhor e aos homens, sem jamais tirar o corpo fora dos apertos, sem jamais recusar tribulações e sofrimentos, decorrentes de seu estado de seduzido, eleito e ungido.

Jesus pressentia que, a exemplo dos profetas, também com Ele, os homens deveriam ser curados por seus sofrimentos e suas feridas; que, por sua morte, receberiam a graça de uma nova vida; que, por sua obediência, Ele retornaria ao Pai e, com Ele, a humanidade toda e toda a criação seriam recriadas. Eis o sentido de sua viagem ou caminhada para Jerusalém.

2.2. Enviando mensageiros à sua frente

Em seguida, Lucas diz que Jesus *mandou mensageiros à sua frente* (Lc 9,52). Literalmente, diz: “diante da sua face”. Isso significa que se podia ver em seu rosto, na sua face, no seu semblante, a decisão queardia em seu interior. Por isso, Jesus agora caminha direto para Jerusalém. Não gira mais pelas aldeias e cidades, anunciando o reinado de Deus, pois a hora de concretizá-lo estava soando.

Vem, então, o caso dos samaritanos que negam hospedagem a Jesus. Tiago e João, indignados, manifestam a Jesus o desejo de evocar que o fogo do céu (raio) caísse sobre aqueles desafortunados e os consumis-

se. Jesus, porém, os repreende com muita clareza e rigor. Isso porque eles ainda estavam possuídos pelo velho espírito profético de Elias, que evocou do céu um fogo mortal sobre seus adversários. Além do mais, estava na hora de se imbuírem do novo fogo que Ele, Jesus, veio trazer à terra. Por isso, vários manuscritos de Lucas acrescentam: “e ele lhes disse: ‘vós não sabeis de que espírito sois, (pois) o Filho do Homem não veio para perder as almas (vidas dos homens), mas para salvá-las’”.

Quem pegou bem esse espírito foi São Francisco. Por isso ao descrever, em sua Regra, o modo como os frades deviam ir para o meio dos sarracenos e outros infiéis, lembra-lhes, primeiramente, as palavras do Senhor: “*Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas*”. E, logo em seguida, acrescenta: *não entrem em litígios nem em contendas, mas sejam súditos de toda humana criatura por causa de Deus* (RNB 16). ‘Por causa de Deus’ significa junto, ligado, unido a Deus, a partir de Deus.

2.3. O seguimento, suas consequências e exigências

A seguir, Lucas retoma o tema do seguimento de Jesus, trabalhando, mais especificamente, suas consequências e exigências. Para isso ele apresenta três casos diferentes de vocacionados. Ele faz essa retomada porque seguir Jesus é a essência, o

coração da vida dos Apóstolos e de todo cristão. Ser cristão é ser seguidor de Jesus Cristo e ser seguidor de Jesus Cristo é ser cristão.

No *primeiro caso*, alguém diz: “*Eu te seguirei onde quer que fores*” (Lc 9,57). Estamos diante de um pseudo discípulo. Isso porque esse candidato confunde seguimento com escolha sua e não como graça nascida do mistério de alguém que o procura e o elege para ser sua pessoa amada. Em vez de deixar-se escolher e possuir pelo mestre, ele quer dar-se ou, melhor, ter o direito de escolher e possuir seu mestre. Preso a si mesmo, a seu ideal e desejo, jamais terá espírito de seguidor.

Para seguir, precisa viver sempre “em trânsito”, em passagem, “em saída”, “à beira da estrada”, sem se apegar a nenhum abrigo, a nenhum refúgio que não seja o mistério de Deus mesmo. São Francisco apaixonou-se por esse modo de ser. Por isso, fez escrever na Regra que os irmãos de nada deveriam se apropriar e que deveriam caminhar neste mundo *como peregrinos e estrangeiros* (RB 6,3).

Vejamos o *segundo caso*. Aqui, quem toma a iniciativa é Jesus. Só que o vocacionado, antes de pôr-se no seguimento, quer cumprir o sagrado mandamento do amor e da piedade filial: sepultar seu pai. A resposta de Jesus é muito clara e radical: “*Deixa que os mortos enterrem seus mortos, mas tu vai anunciar o Reino de Deus*” (Lc 9,59). Isto significa que o discípulo cristão é muito mais sagrado

que todas as coisas ou pessoas mais sagradas deste mundo. Por essa razão, São Francisco, no fim da Regra Não Bulada, exorta seus Irmãos: *Por isso, nada desejemos, nada queiramos, nenhuma outra coisa nos agrade e nos deleite, a não ser o nosso Criador e Redentor e Salvador, único verdadeiro Deus: Ele é o bem pleno, todo o bem, o bem inteiro, o verdadeiro e sumo bem. Só Ele é o bom, o piedoso, o manso, o suave e o doce. Só Ele é o santo, o justo, o verdadeiro, o santo e o reto. Só Ele é o benigno, o inocente, o puro* (RNB 23).

O terceiro caso é muito semelhante ao primeiro. Entende o seguimento como algo de sua própria iniciativa, como um programa de vida escolhido e proposto por ele mesmo. E mais: ele mesmo se dá a autoridade de pôr condições para seguir Jesus. Com isso ele contradiz a si mesmo, pois, se de um lado diz que quer seguir o Senhor, por outro, o nega na medida em que coloca condições para fazê-lo, no caso, *despedir-se de seus familiares* (Lc 9,61).

A resposta de Jesus traz à luz a autocontradição que torna impossível o seguimento: *“Quem põe a mão no arado e olha para trás não está apto para o Reino de Deus”* (Lc 9,62). O exemplo é claríssimo. Se o lavrador olhar para trás, é evidente que os bois e o arado se desviarão do rego, vindo a destruir toda plantação. Do mesmo modo, o seguimento, para ser o que é e deve ser, supõe e exige o corte radical com todos os amores do passado.

Em resumo, nos três casos o pseudo seguidor não consegue seguir o mestre porque está preso. O primeiro está preso a si mesmo, seus ideais, projetos e amores próprios; o segundo, à lei de sua religião; o terceiro, aos seus familiares, parentes e amigos, a este mundo.

3. Seguimento, caminho de libertação, jamais de merecimento (Gl 5,1.13-18)

A segunda leitura, como nos Domingos anteriores, continua sendo da Carta aos Gálatas. Para entender o trecho proclamado hoje é preciso recordar, mais uma vez, a razão dessa Carta. Paulo teve de intervir energeticamente naquela Comunidade porque, alguns cristãos de origem judaica queriam impor aos cristãos vindos do paganismo a observância da Lei e, inclusive, obrigá-los a se submeterem ao rito da circuncisão. Solapavam assim o fundamento da vida cristã, que é a graça que nos foi merecida por Jesus Cristo crucificado-ressuscitado e não o merecimento pela observância da Lei, da Religião. Por isso, Paulo insiste: *É para a liberdade que Cristo nos conquistou! Ficai, pois, firmes e não vos deixeis amarrar de novo ao jugo da escravidão* (Gl 5,1).

A liberdade, porém, não pode jamais ser usada como pretexto para servir à carne, isto é, aos próprios interesses. Por isso, logo acrescenta: *Fazei-vos escravos uns dos outros pela caridade* (Gl 5,13).

Conclusão

A Liturgia desse Domingo evoca o vigor do seguimento de Cristo ao seu Pai e nos faz comungar da alegria e riqueza desse mistério. Faz reacender, assim, em nós a graça do fervor do nosso seguimento de Jesus Cristo. Se grande é o chamado, grande deve ser também a decisão e a abnegação de segui-Lo.

Como não lembrar, então, São Francisco que, após a graça do encontro com o Crucificado e com o Evangelho do Envio dos Apóstolos, tomado pelo ardor desse novo espírito, exclamou: “*É isto o que eu quero, é isto o que eu desejo e é isto o que eu vou fazer com todas as fibras do meu coração e por toda a minha vida!*” (LTC 25).

O fogo de sua decisão e abnegação pelo seguimento de Cristo tornou-se uma chama que ardeu em seu coração por toda a sua vida. E, no fim, mesmo *já consumado em graça*

diante de Deus e resplandecendo em obras diante dos homens deste mundo, o santo pai estava sempre pensando em empreender coisas mais perfeitas e, como soldado veterano das batalhas de Deus, provocava o adversário para novos combates. Propunha-se a grandes proezas, sob a orientação de Cristo e, mesmo semimorto pela falta de saúde, esperava triunfar do inimigo numa nova refrega. E, mesmo precisando moderar seu rigor antigo por causa da doença, dizia: “Vamos começar a servir a Deus, meus Irmãos, porque até agora fizemos pouco ou nada” (1C103).

O seguimento, para ser o que é, não pode jamais ser usado pelo vocacionado para seus próprios interesses, principalmente e muito menos, para destruir os inimigos, como o queriam Tiago e João. Ao contrário, em vez de maldizer o mal ou os “inimigos”, ama assumi-los no vigor da Cruz do seu Mestre, acolhendo-os como bem, graça salvadora e bênção.



14º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 66,10-14; Gl 6,14-18; Lc 10,1-12.17-20

Tema-mensagem: Enviados a evangelizar mais pelo modo de ser, pelo espírito do que pelas obras!

Introdução

No Domingo passado, celebramos o seguimento de Cristo ao Pai. Com ele celebramos também nosso seguimento a Cristo. Hoje, com o Evangelho da escolha e do envio de mais setenta e dois discípulos por parte de Jesus, celebramos o envio, a missão de toda Igreja e de cada cristão.

1. O júbilo messiânico (Is 66,10-14)

A missão cristã foi prefigurada no Antigo Testamento de muitas formas e através de muitos mensageiros. Na primeira leitura da Missa de hoje ela é vislumbrada na figura do profeta Isaías. Terminado o exílio, os exilados e seus descendentes haviam retornado à sua terra. As promessas de uma restauração da capital Jerusalém e da volta de um tempo de prosperidade para todo o povo, porém, pareciam estar longe de se realizar. Entra, então, em ação Isaías com sua missão de libertá-los, de novo, do medo, da angústia, do desespero e do ceticismo acerca do poder de Deus e de suas promessas: *Alegrai-vos com Jerusa-*

lém e exultai com ela todos vós que a amais; tomai parte em seu júbilo todos vós que choráveis por ela... (Is 66,10).

Para expressar seu convite à esperança no Senhor, Isaías inventa uma nova e das mais belas e significativas imagens: a da mãe. Jahvé, através de Jerusalém, a capital sagrada, será uma mãe para seu Povo eleito. Seus filhos, dispersos, voltarão a ela e poderão *sugar e saciar-se ao seio de sua consolação e aleitar-se aos úberes de sua glória...* (Is 66,11ss).

Isaías insiste que era Jahvé quem estava fazendo-lhes essa promessa. Por isso, podiam ter certeza de que Jerusalém voltaria a ser, de novo, a cidade santa; que para ela voltariam a acorrer os povos por causa de sua fecundidade, riqueza, paz e prosperidade. Tudo isso porque Ele, o Senhor, a escolheu, entre todas as cidades do mundo, para ser sua cidade preferida, aquela que terá a nobre missão de revelar a todos os povos, reis e indivíduos a glória e o poder de seu Senhor.

Por tudo isso, é preciso crer que *a mão do Senhor se manifestará em favor de seus servos* (Is 66,14).

2. A Carta Magna da missão (Lc 10,1-12.17-20)

O Evangelho do chamado e do envio dos setenta e dois discípulos, que vão juntar-se aos Doze, já escolhidos e enviados, pode e deve ser

considerado a Carta Magna do chamado e do envio de todos os cristãos, de toda a Igreja.

2.1. A escolha e o envio

Ao aproximar-se de seu fim, certa angústia toma conta de Jesus. “*A messe é grande e os trabalhadores são poucos*” (Lc 10,2). Ele já havia escolhido Doze. Mas, o que é isso para uma messe sem fronteiras, para o mundo todo? É então que ele *escolheu outros setenta e dois discípulos e os enviou dois a dois, na sua frente...* O número, evidentemente, é simbólico. É para dizer que agora todo seguidor, e não apenas os Doze, deve ser um missionário de Cristo e de seu Reino.

A maneira, porém, como Jesus apresenta a missão desses enviados parece dizer muito pouco. Nada diz, por exemplo, acerca da preparação doutrinária, pedagógica, da necessidade de inculturação, das estratégias etc., elementos tão apreciados na evangelização de hoje. Mas, talvez seja porque em assunto de tamanha importância, Jesus esteja querendo transmitir aos seus discípulos o essencial de sua missão, isto é, aquilo sem o qual a missão deixaria de ser o que é e deve ser.

2.2. Como devem ir os discípulos

Quem compreendeu bem esse essencial foi São Francisco. Ao redigir o capítulo de sua Regra, que trata da vida missionária dos frades, não apenas incluiu literalmente as frases

essenciais desse Evangelho, mas pôs-lhe este significativo título: *Como os Irmãos devem ir pelo mundo* (RBB 14).

O texto original latino diz *debeant*. Literalmente, significa *devam*. *Devam*, ao invés de *devem*, indica que na origem da missionariedade cristã está o dever que nasce da afeição, da graça do encontro e não de um dever forçado, imposto de fora por uma lei nem mesmo por uma comunidade. É semelhante ao dever de mãe que deve amamentar o filho, ou dos esposos que devem se ajudar mutuamente. Um dever alegre, honroso, festivo e totalmente gratuito porque nascido da graça do toque, da afeição!

Por isso, a atenção maior que perpassa todas as frases desse texto diz respeito ao “como” os missionários de Jesus devem ir pelo mundo. “Como” significa o modo, o espírito, a alma, o jeito. Em outras palavras, antes e acima de tudo, o que importa para uma boa evangelização, diz Jesus, é o cultivo do espírito da própria identidade. E então, ela será como fogo! Para que aqueça basta mantê-lo aceso.

2.3. No vigor da mansidão do cordeiro imaculado

A primeira caracterização do modo ou do espírito do missionário vem assinalado com a frase: “*Eis que vos envio como cordeiros no meio de lobos*” (Lc 10,3). Notemos que não se trata apenas de uma recomendação ou conselho, mas de uma ordem, isto

é, de um ordenamento. Mais que uma imposição, Jesus está unguindo a alma de seus enviados com a unção de seu espírito de cordeiro e não de lobo. Como não pensar aqui no Cordeiro imaculado que, na Cruz ou pela Cruz, tira o pecado do mundo pelo vigor de sua inocência, mansidão e misericórdia!?

2.4. No despojamento total

A seguir vem a frase: “*Não leveis nem bolsa, nem sacola nem, sandálias...*” (Lc 10,4).

Aquí, o “como”, a alma dos enviados de Jesus aparece como desprendimento, pobreza ou despojamento de tudo a fim de poder ater-se ao essencial que é a Pessoa de Jesus e sua Boa Nova. Muitas vezes, a evangelização é entendida como levar Jesus, sua doutrina ou, ainda, sua Igreja, sua religião para quem ainda não os conhecem ou não têm. Nesse caso, muitos são os meios, os recursos, as estruturas, muitas as “sacolas” de dinheiro que precisam ser levantadas. Ora o que os evangelizando devem ver não é nada disso, mas tão só e unicamente a pessoa de Jesus que deve brilhar na pessoa do missionário. A pessoa de Jesus, sua pobreza, sua Cruz, não pode ficar ofuscada pelos meios de poder que, muitas vezes, empregamos.

2.5. Dizer primeiro a Paz

Vem, então, um conjunto de recomendações que giram em torno da paz: “*Em qualquer casa em que en-*

trardes, dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’” (Lc 10,5). Novamente, Jesus ordena, unge seus discípulos com sua Paz. A paz da escuta, da acolhida, da compreensão, do perdão e da misericórdia. Aconteça o que acontecer, sempre a paz! Jamais a beligerância! Isso porque a paz é o princípio originário sobre o qual todas as criaturas, todos e tudo estão assentados. Assim, no vigor da regência desse espírito os inimigos serão amigos, os que nos ofendem, batem e matam irmãos e benfeitores. Eis o alimento, o “pão de cada dia”, com o qual o enviado deve alimentar-se jubilosamente todos os dias e sempre. Tudo isso porque todas as criaturas e todos os acontecimentos têm a raiz de sua existência na grande e infinita paz de Deus. Eis o sentido do “dizei primeiro”, isto é, apontem, mostrem o “primeiro”, a raiz de todas as criaturas: a Paz que é Deus!

Por isso, Jesus acrescenta por duas vezes que eles devem dizer sempre: “*O Reino de Deus está próximo de vós!*” (Lc 10,9). Essa é a grande, bela e Boa Notícia. Queiram os homens ou não, aceitem ou rejeitem, eles não são órfãos, abandonados e entregues à própria sorte. Sua vida, sua história tem uma raiz. Por isso, antes de querer levar o Reino de Deus é preciso vê-lo, descobri-lo nos outros, nos acontecimentos e na história. Não é, pois, a missão que instaura o Reino de Deus, mas, antes, esse é que move o missionário a percebê-lo, a apontá-lo presente e atuante como graça salvadora em todas as

peçoas, criaturas e acontecimentos, também e principalmente, naqueles que nos maldizem e maltratam. Jesus chama “amigo” a Judas que está pres-tes a traí-lo. Tomas Moore, primeiro ministro de Henrique oitavo, foi condenado à morte por esse porque decidiu não assinar a Carta contra o Papa, separando a Igreja da Inglaterra de Roma. Tomas fez-lhe, então, um grande agradecimento porque o Rei, seu amigo, concedeu-lhe uma morte mais branda. Em vez de jogá-lo do alto da torre, para que viesse a morrer lentamente, concedeu-lhe a “graça” da decapitação.

2.6. Respeitar a liberdade da recusa

E se por “*acaso não forem bem recebidos...*” não percam tempo, muito menos a paz e a serenidade. A graça da Boa Nova não pode nem deve tolher a liberdade dos homens. Até mesmo de rejeitá-la. O missionário deve aprender de seu mestre o dever de respeitá-la e de aprender a conviver com aqueles que O rejeitam, desprezam e maltratam até à morte e morte de Cruz. Fazer como se faz com o pó do calçado. Não só devem desprender-se de tudo isso, mas considerá-los como graça. Ou seja, continuem crendo, pois a verdade mais verdadeira é que o Reino de Deus está próximo de todos. E se aqui eles não são aceitos, não fiquem batendo pé. Sigam adiante, pois a messe é grande e há muitos outros esperando pela graça das Boa Nova.

2.7. Volta a recomendação acerca do essencial

A narrativa, de repente, dá um salto: *os setenta e dois voltaram muito contentes, dizendo: “Senhor, até os demônios nos obedeceram por causa de teu nome!”* Jesus, porém, depois de mostrar seu júbilo pelas maravilhas então operadas, graças à evangelização de seus novos discípulos, conclui com esta advertência: *“Contudo, não vos alegreis porque os espíritos vos obedecem. Antes, ficai alegres porque vossos nomes estão escritos no céu!”* (Lc 10,20).

É a advertência acerca do perigo do desvio! Dever de todo lutador é lutar e não de festejar, de todo missionário evangelizar e não de ficar calculando e celebrando os resultados. Por isso, para que o sucesso da missão não suba à cabeça, Jesus adverte-os sobre o perigo da perda da identidade. Jamais, com ou sem resultado, o missionário pode esquecer que seu nome, isto é, sua pessoa, como a pessoa Dele, Jesus, está gravada no céu, isto é, no coração, na intimidade, no amor, na afeição e cuidado do Pai.

3. Nas marcas do Crucificado as marcas do missionário (Gl 6,14-18)

Como nos últimos Domingos, também neste, a segunda leitura é da Carta aos Gálatas, mais precisamente, de sua conclusão. Trata-se de um resumo de tudo o que Paulo procurou expor aos fiéis daquela Igreja

conturbada por causa da insistência de alguns cristãos, vindos do Judaísmo, que queriam impor aos demais cristãos a lei da circuncisão. O trecho poderia levar como título a primeira frase: “gloriar-se somente na Cruz de Cristo”. Eis a única aspiração de um missionário cristão.

O mistério da crucificação de Cristo marca o limite entre um estado e outro da humanidade e de cada pessoa. Na Cruz foi crucificada a existência da carne, do humano pelo humano, e inaugurada uma nova existência: a do espírito, da graça. O cristão é aquele que, por sua incorporação em Cristo, assume a crucificação da carne com seus merecimentos, do mundo com seus critérios e aplausos, para viver do vigor da alegria da liberdade da graça de sua filiação divina, merecida por Jesus Cristo, e tão somente por ele, jamais pela lei e muito menos pela circuncisão. Enfim, o que vale mais: ser apenas filho do homem, da terra, desse mundo perecível ou ser filho do céu, filho de Deus, uma filiação que jamais termina, que é eterna!?

Enfim, o Cristianismo, embora inclua elementos religiosos, como, por exemplo, os sacramentos, uma hierarquia, um sacerdócio, não é propriamente uma religião, mas uma Pessoa. Por isso, Paulo conclui sua mensagem aos gálatas com esta calorosa recomendação: *Doravante, que ninguém me moleste, pois eu trago em meu corpo as marcas de Jesus* (Gl 6,17). Eis a marca registrada de todo missionário cristão: reproduzir em sua pessoa a cruz redentora de

seu Senhor. Eis a forma por excelência, primeira e única, de evangelizar de um cristão. Em Paulo, esse “trazer as marcas de Jesus” é bem real, concreto, visível. Em suas longas e perigosas viagens por terra ou por mar, entre os seus e entre os pagãos, tornou-se como um escravo de Cristo que carrega em seu corpo as marcas da crucificação de seu Senhor.

Conclusão

No envio que Jesus fez aos setenta e dois novos discípulos ordenou-lhes que fossem *dois a dois* (Lc 10,1). Isso, porque a evangelização é essencialmente eclesial, isto é, fundamentada na caridade. Quem evangeliza é o amor de Deus que os evangelizadores devem primeiramente cultivar entre si, lavando os pés uns aos outros com a água da caridade, da doação mútua. Ora, como iriam eles colocar esse fundamento, se fossem isoladamente um por um?

Hoje, mais do que nunca, a Igreja está tomando consciência de que toda ela, isso é, todos os seus membros, a exemplo daqueles setenta e dois enviados por Jesus, é chamada e enviada a evangelizar; uma evangelização assentada no poder do “não poder” da Cruz, capaz de pisar em cima das cobras e dos escorpiões do egoísmo, do fanatismo religioso, da corrupção dentro e fora da Igreja e que é causa de tanta marginalização, dor e sofrimento para tantos pobres, crianças e mulheres que correm o risco de perder a alegria e a esperança de viver.

Por isso, exorta nosso Papa Francisco: *Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho* (EG 20).

Logo em seguida, o mesmo Papa acrescenta que a *alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária. Experimentam-na os setenta e dois discípulos, que voltam da missão cheios de alegria* (Cfr. Lc 10,17). *Vive-a Jesus, que exulta de alegria no Espírito Santo e louva o Pai, porque sua revelação chega aos pobres e aos pequeninos* (Cfr. Lc 10,21). *Sentem-na, cheios de admiração, os primeiros que se convertem no Pentecostes, ao ouvir «cada um na sua própria língua»* (At 2,6) *a pregação dos Apóstolos. Esta alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está dando frutos* (EG 21).

A mesma clareza de que sua vocação era essencialmente missionária e que consistia essencialmente em viver o modo, o espírito da Cruz, a tiveram São Francisco e os primeiros frades de sua Ordem, como podemos ler nesta passagem:

Então, São Francisco chamou-os todos a si e,

tendo-lhes falado muitas coisas sobre o Reino de Deus, o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e a mortificação do corpo, dividiu-os dois a dois pelas quatro partes do mundo e lhes disse: “Ide, caríssimos, dois a dois, por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu. Aos que vos fizerem perguntas respondi com humildade, aos que vos perseguirem abençoai, e aos que vos caluniarem agradecei, porque por meio disso tudo nos está sendo preparado um reino eterno”. Recebendo o mandato da santa obediência com gáudio e muita alegria, eles se prostraram suplicantes diante de São Francisco. Ele os abraçava e dizia com ternura e devoção a cada um: “Põe teus cuidados no Senhor e ele cuidará de ti” (1C 29).



15º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Dt 30,10-14; Cl 1,15-20; Lc 10,25-37

Tema-mensagem: A Boa Nova como solidariedade (caridade) sem fronteiras!

Introdução

Domingo passado, celebramos o Domingo do Chamado e do Envio de todos os cristãos para levar a todas as periferias do mundo a mensagem de que o Reino de Deus está próximo. No Domingo de hoje, através da parábola do Bom Samaritano, temos o exemplo mais expressivo dessa evangelização. Por isso, além de “O Domingo do Bom Samaritano” poderíamos chamá-lo, também, de “O Domingo da solidariedade sem fronteiras”.

1. Os mandamentos nos trazem o Senhor para dentro de nossa boca e de nosso coração (Dt 30,10-14)

A primeira leitura de hoje é do Deuteronômio, livro que tem como tarefa adaptar a Lei do Senhor, recebida no Monte Sinai, à vida diária dos israelitas, na Terra Prometida. Seu objetivo é levar o Povo de Deus à realização de sua vocação, à fraternidade e à partilha.

O trecho, proclamado hoje, poderia levar como título: “O manda-

mento, que é do céu, veio para a terra”. Por isso, começa assim: *Ouve a voz do Senhor teu Deus...* (Dt 30,10).

A razão dessa afirmação está na graça da iniciativa de Deus: descer de sua altura ou inacessibilidade para travar com seu Povo eleito uma Aliança de Pai para filho. Assim, através de sua palavra e de sua lei, Deus já se fez, de certa forma, próximo de nós e acessível a todos. Ou seja, no Sinai, Deus tomou a iniciativa de vir ao encontro do seu Povo através de uma maravilhosa mistura de transcendência e imanência, de sua Palavra dada e de sua Palavra recebida pelos israelitas. Assim, e agora, o Povo podia aproximar-se, sempre de novo, do Deus longínquo e inacessível, através de sua lei, de seu mandamento. Além do mais, pelo fato de Israel, através de um juramento sagrado, (*“Faremos tudo o que o Senhor disse e obedeceremos!”* (Ex 24,7), ter assumido a lei de Jahvé como sua lei, sua palavra, agora, esta palavra estava gravada em seu coração. Era só não esquecê-la, não abandoná-la. Por isso, diz: *esta palavra está bem ao teu alcance, está em tua boca e em teu coração* (Dt 30,14). Assim, através de seus mandamentos, de sua Lei ou palavra, Deus mesmo, em pessoa, passa a habitar no coração dos homens quando esses O acolhem na Palavra, meditando-a e observando-a.

2. Amar sem fronteiras, essência da evangelização cristã (Lc 10,25-37)

A perícopo do Evangelho de hoje vem logo após os 72 discípulos terem voltado para Jesus, felizes por causa do sucesso de sua missão (Cfr. Evangelho do Domingo passado).

2.1. A lei, sua letra e seu espírito

É então que entra em cena um escriba, um teólogo, diríamos hoje, como que para contestar a nova evangelização proposta por Jesus e pregada pelos seus discípulos: “*Mestre, que devo fazer para receber a vida eterna?*” (Lc 10,25).

Deixando de lado os aspectos maliciosos, aquele legista está lançando uma das perguntas essenciais do ser humano; uma pergunta que atravessa toda a história de todos os homens, de todos os tempos; uma pergunta que diz respeito não apenas à busca de respostas e decisões quanto ao agir a respeito de si mesmo, mas também em relação aos outros e ao grande Outro, que costumamos chamar de Deus. Enfim, todo homem, anda sempre às voltas com essa questão: “O que fazer para ser feliz, bem-aventurado?” e isso não apenas para esta vida, mas também para a vida eterna?

A pergunta, porém, além de maliciosa, tem endereço certo: “a pregação daqueles discípulos de Jesus não leva a nada, não serve para coisa nenhuma! O que importa é pregar a Lei!

Essa, sim é que me garante a felicidade, a salvação!” Era o que pensava aquele e o legista de todos os tempos!

Jesus, porém, não se deixa intimidar. Já que para o escriba o importante é a Lei, responde-lhe: “*O que está escrito na lei? Como lê?*” (Lc 10,26). A resposta do escriba saltou na ponta da língua: “Ora, amar a Deus e o próximo!” Ele foi tão preciso e claro que mereceu de Jesus este honroso elogio: “*Tu respondeste corretamente! Faze isso e viverás!*” (Lc 10,29). Fica muito claro, portanto, que a pretensa acusação de muitos fariseus, escribas e chefes judaicos de que Jesus falava contra a Lei de Moisés era falsa, pois, o essencial da Lei é o mandamento do amor a Deus, que é uno com o mandamento do amor ao próximo. E isso Jesus sempre defendeu e proclamou. Ele não diviniza a Lei e nem legaliza o relacionamento com Deus. Quer dizer: ele não identifica a Lei com Deus e nem Deus com a Lei. Deus, para Ele, é o Senhor da Lei, o doador dela. Essa, porém, só é plenamente cumprida, na comunhão pessoal com Deus, no amor.

Aquele escriba tinha o saber da letra da Lei, mas não tinha o saber do seu espírito. São Francisco, na Admoestação VII, adverte contra aqueles que têm o saber da letra, mas não têm o saber do espírito, isto é, aqueles que estudam motivados pela cobiça de serem tidos por sábios, de ganharem riquezas, de serem louvados por aquilo que dizem e não por aquilo que fazem. Ele os contrapõe aos que são vivificados pelo espírito: “*E são*

vivificados pelo espírito da letra divina os que não atribuem a si toda a letra que sabem e cobiçam saber. Mas, pela palavra e pelo exemplo, devolvem-na ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo o bem!”

2.2. Um próximo sem fronteiras

Mesmo assim, em sua safadeza, aquele escriba não se dá por vencido. Por isso, querendo se justificar, pergunta: “*E quem é o meu próximo?*” (Lc 10,29). Se ele já sabia a resposta, então por que tinha antes perguntado? Os padres da Igreja ressaltam a soberba que se esconde debaixo dessa pergunta. O escriba parece se achar incomparável na sua justiça, pelo conhecimento da Lei que ele detinha. Nesse sentido, ninguém parecia ser o seu próximo.

A resposta de Jesus vem através de uma parábola e uma conclusão. Teofilato, escritor bizantino, lembrava que para Jesus o amor ao próximo não se determina por méritos das ações ou por dignidades, mas por natureza. Isto é: não se deve considerar “próximo”, isto é, digno de nosso amor, somente os que julgamos bons, justos, notáveis, puros, “como nós” (que pretensão e arrogância!), mas todo o homem, não importa qual seja sua condição racial, cultural, moral, religiosa, etc. Ao fazer essa pergunta, pois, o legista mostrava seu vazio e sua cegueira. Ele conhecia bem a letra da Lei, mas não estava impregnado de seu espírito.

2.3. Os personagens

A parábola começa: *um homem descia de Jerusalém para Jericó* (Lc 10,30). No original não diz: “certo homem”, mas “um homem”. É que este “um homem” é todo homem. Ele representa, ali, Adão, toda a humanidade, nós. O pecado, levou Adão para baixo, isto é, para Jericó, que poderia significar, aqui, o retorno à escravidão do Egito. Recordemos que Jericó foi a porta de saída da escravidão e de entrada para a Terra da Promissão.

Vem, então, primeiro o sacerdote e depois o levita. Ambos, passam ao largo. Isto quer dizer: a Lei, com seu culto e seus sacrifícios, são incapazes de trazer a salvação a esse homem. Tornam expostas as misérias do homem, mas não podem levá-lo a recuperar a saúde, a salvação, isto é, o vigor originário, essencial, de seu viver.

Acerca desses dois personagens diz nosso Papa:

Nas pessoas que passam ao largo, há um detalhe que não podemos ignorar: eram pessoas religiosas. Mais ainda, dedicavam-se a dar culto a Deus: um sacerdote e um levita. Isto é uma forte chamada de atenção: indica que o fato de crer em Deus e adorá-Lo não é garantia de viver como agrada a Deus. Uma pessoa de fé pode não ser fiel a tudo o que essa mesma fé exige dela e, no

entanto, sentir-se perto de Deus e julgar-se com mais dignidade do que os outros (FT 74).

Em terceiro lugar, vem o samaritano, que tem compaixão daquele homem. O samaritano se deixa atingir nas suas vísceras (*esplanchinéste*: se compadeceu) pela miséria do outro homem, que nem era de sua raça e religião. Para os padres da Igreja, este samaritano é Cristo. Santo Agostinho lembra que, no Evangelho de João, Jesus é acusado de ser “samaritano”, isto é, um dissidente, um infiel, um herege, um homem de raça impura e indigna (Cfr. Jo 8,48). O mesmo Agostinho remete ao significado de “Samaria”, que tem a ver com “guardar”. Cristo é o samaritano, quer dizer: ele é o guarda dos homens, seus irmãos, aquele que vela por eles (Cfr. Sl 120,4).

Cristo, por sua descida até nós, tornou-se nosso próximo, tomando nossa natureza, carregando nossas enfermidades (Cfr. Is 53), assumindo nossa mortalidade, sofrendo a condenação e a rejeição da cruz, para que nós fôssemos perdoados de nossas culpas. Ele pensou (pôs curativo sobre) nossas feridas, com suas mãos e com suas palavras. Derramou óleo e vinho sobre elas. O óleo é o consolo do perdão. O vinho, o sangue da Paixão, que ele derramou por nós. Enfim, conduziu-nos à “hospedaria” do amor-caridade que é o coração do Pai.

2.4. Uma Igreja samaritana e os dois denários

A hospedaria é a Igreja. Imagem ou comparação muito apreciada pelo nosso Papa Francisco. Ela é e deve ser lugar de hospitalidade para todos os homens, não importa qual sua raça, o seu povo, a sua nação, a sua língua. Ela é católica pela universalidade do amor, que está aberto para acolher todos os seres humanos, que vêm a ela, cansados da viagem da vida e dos assaltos sofridos no mundo. A Igreja deve prosseguir essa missão de ser acolhedora e cuidadora desses homens.

Os dois denários que o Samaritano deixa significam, para uns, os dois Testamentos, para outros, os dois mandamentos da caridade. Os hospedeiros são os Apóstolos e os que continuam a missão apostólica deles. Assim, como o Samaritano prometeu voltar e recompensar os hospedeiros pelos seus trabalhos, assim, também Cristo retornará para recompensar aqueles que cuidaram dos pequenos, dos pobres, dos miseráveis e pecadores.

E São Cirilo adverte os que têm responsabilidades pastorais: *é inútil a dignidade do sacerdócio e o conhecimento da lei, se não se confirma tudo isso com a prática das boas obras*, isto é, das obras de misericórdia. São João Crisóstomo, por sua vez, expressou, com muita clareza, este desafio: *«Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres*

que não têm que vestir, nem O honres aqui no Templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez». O paradoxo é que, às vezes, quantos dizem que não acreditam podem viver melhor a vontade de Deus do que os crentes (FT 74).

2.5. A conclusão

Terminada a parábola, Jesus inverte a pergunta feita pelo legista: “*Qual dos três a teu ver, mostrou-se próximo do homem que caíra nas mãos dos bandidos?*” (Lc 10,36).

O ensinamento da parábola é tão claro que até aquele legista fundamentalista e de má vontade não tinha outra resposta senão aquela que transparece com toda a evidência e que se constitui o resumo de todo Evangelho: “*Aquele que usou de misericórdia para com ele*” (Lc 10,37).

O que restava agora era apenas (!?) tornar-se seu discípulo. Por isso, Jesus conclui: “*Vai e faze tu a mesma coisa!*” Mas, parece que a soberba e o fanatismo pelo auto-asseguramento de sua salvação impediram que desse esse passo.

3. Cristo o único mediador entre Deus e os homens (Cl 1,15-20)

Hoje, como nos Domingos seguintes, a segunda leitura é tirada da Carta aos Colossenses. Provenientes do paganismo, os cristãos dessa Comunidade começaram a misturar elementos pagãos, cristãos e judeus. No

centro da heresia estava a crença de que havia outros seres, espíritos ou forças cósmicas a fazer a intermediação entre Deus e os homens.

Paulo, então, responde aos colossenses com esse belo “Hino cristológico”. Nele revela com toda clareza que Cristo é o único intermediário entre Deus e o homem; que Ele é a *imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação*; que nele tudo, todas as criaturas, celestes e terrestres, todos os acontecimentos, toda a história, toda a humanidade estão inseridas, enxertadas como membros de um grande e único corpo, do qual Ele, Cristo, é a cabeça. Enfim, *Ele é o Princípio, o Primogênito dentre os mortos; de sorte que em tudo ele tem a primazia porque Deus quis habitar nele com toda a sua plenitude e por ele reconciliar consigo todos os seres, os que estão na terra e os que estão no céu, realizando a paz pelo sangue da sua Cruz* (Cl 1,18-29).

Conclusão

Em sua encíclica “Fratelli Tutti”, depois de demonstrar que ninguém se salva sozinho, o Papa Francisco lança este belo, mas desafiador convite: “*Caminheemos na esperança!*” Mas, para qual caminho? Ele mesmo responde: o do Bom Samaritano. Aliás, já na mensagem por ocasião da abertura da Campanha da Fraternidade do Brasil, no ano de 2020, falara: *Somos chamados a ser uma Igreja samaritana*”. Por isso, agora, toma a parábola

do Bom Samaritano como coração e paradigma de toda a nova encíclica.

Depois de analisar os diversos elementos e personagens da parábola, diz nosso Papa:

Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o

caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola adverte-nos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências ineludíveis da realidade humana (FT 67).

No parágrafo seguinte, escreve o que poderia ser como a resposta à pergunta daquele escriba: “O que devo fazer para ser feliz, ter a vida em plenitude?” Responde o Papa: *A narração – digamo-lo claramente – não desenvolve uma doutrina feita de ideais abstratos, nem se limita à funcionalidade dum moral ético-social. Mas revela-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído «nas margens da vida». Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade* (FT 68).



16º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Gn 18,1-10^a; Cl. 1,24-28; Lc 10, 38-42

Tema-mensagem: A hospitalidade, concreção do amor!

Introdução

No Domingo passado celebramos o amor a Deus e ao próximo como o maior, o primeiro e único mandamento e como o único caminho da vida eterna, da felicidade plena. Hoje, através, principalmente, da 1ª leitura, do Salmo e do Evangelho, celebramos a floração ou concreção maior deste mandamento e da vida eterna: a alegria da hospitalidade divina.

1. Os três misteriosos peregrinos, acolhidos por Abraão (Gn 18,1-10^a)

A primeira leitura de hoje nos relata como *o Senhor apareceu a Abraão nos carvalhos de Mamrê, quando ele estava sentado à entrada da tenda em pleno calor do dia* (Gn 18,1). Uma singularidade desse texto é que se fala ora de “três homens”, ora como se os três fossem um, como se vê nesta frase: “*Meu Senhor, se pude encontrar graça a teus olhos, digna-te não passar longe do teu servo*” (Gn 18,3). De qualquer forma, Abraão se desdobrou em múltiplos cuidados e alegria para receber em sua tenda aqueles três ho-

mens misteriosos, ou, se quisermos, o seu “Senhor”.

É proverbial a hospitalidade dos povos nômades. Aqui, a hospitalidade permite-lhes receber anjos, isto é, enviados do Mistério, ou, ainda, mensageiros do Senhor. Mais ainda: a hospitalidade permite-lhes acolher, neles e com eles, o próprio Senhor. Com efeito, o Senhor vem-lhe ao encontro, acompanhado de duas figuras angélicas. Desta visita divina, acolhida com um generoso e concreto ato de fé, resultou para Abraão a promessa de que, no ano seguinte, no “tempo da vida” (chuvas de outono? primavera?), Sara, a estéril, daria à luz um filho, a quem Abraão poria o nome de Isaac.

Os padres da Igreja, entre eles Eusébio de Cesareia (séc. IV), falam de uma imagem que apresentava a visita dos três homens a Abraão como sendo uma figuração do mistério trinitário. No século XV, um monge russo, Andrei Rublev, fez um ícone da ceia desses Três, celebrando o mistério da Trindade. O ícone da hospitalidade de Abraão se torna, então, o ícone da Trindade. Três Anjos ceiam junto ao carvalho que aparece ao fundo, perto de uma casa e de uma montanha. Abraão e Sara não aparecem. No primeiro plano, mostram-se os divinos hóspedes reunidos na ceia. Do mais cotidiano do cotidiano, do mais ordinário do ordinário emerge o evento extraordinário.

rio. É este evento extraordinário que se põe em primeiro plano. Ele emerge no círculo da eternidade que envolve os Três divinos hóspedes em comunhão, enquanto o brilho dourado – a glória de Deus, do mistério divino – envolve a tudo e a todos. Uma atmosfera de descanso, isto é, de repouso e de serenidade se deixa transparecer. No centro, está um cálice, com a carne do vitelo, o animal novo, que fora sacrificado e ofertado aos divinos hóspedes, evocando, assim, a Encarnação e a Paixão de Jesus Cristo – o Cordeiro imolado – que está no centro dos desígnios misteriosos da Trindade na História da Salvação. Os três aparecem alados para dizer que não são daqui da terra, mas seres espirituais, do céu. Eles são bem semelhantes uns aos outros, o que evoca a consubstancialidade dos Três: eles não são somente unidos, mas também uma única coisa e o mesmo ser.

Os Três aparecem em forma de peregrinos carregando, cada um, um báculo, símbolo de sua regência, de sua índole régia. O carvalho, por sua vez nos remete à cruz, árvore da vida; a montanha nos remete à revelação e a casa, a tenda, à Igreja, habitação do espírito. Seus olhares não se voltam para quem contempla o ícone, como costuma acontecer, mas se voltam uns para os outros, na circularidade de uma comunhão (comum-união: *koinonía*) perfeita, amorosa e plena: cada um em todos e todos em cada um.

2. Uma mulher de nome Marta, alegre e graciosa, recebe o Senhor (Lc 10,38-42)

O cultivo da hospitalidade evangélica é uma das marcas de Lucas e brilha de modo admirável na narrativa do Evangelho de hoje.

2.1. Marta, a mulher virgem

Jesus, a caminho de Jerusalém, recebe hospitalidade em Betânia: *Estando eles a caminho, Jesus entrou em uma aldeia, e uma mulher chamada Marta, o recebeu em casa* (Lc 10, 38). Há algo de inaudito e tocante escondido nesse fato. Como no Natal, Aquele que criou todos os lugares não encontra um lugar para si e seus pais; tem que pôr-se a mendigar um lugar para poder nascer. Agora, Aquele que, como Senhor do Céu e da Terra, criou todas as criaturas, principalmente os humanos, tem que pôr-se a caminho para procurar por alguém que o receba. Santo Agostinho, admirando, diz: a serva recebe o Senhor; a enferma, o Salvador; a criatura, o Criador!

Marta é chamada de “mulher” para dizer que era pessoa já madura, pronta para gerar a vida. Por isso, não era casada, mas virgem; representa, assim, o homem em sua dimensão espiritual. Todo homem deve ser **mulher**, como Marta, sempre pronto para gerar a vida e não a morte e, acima de tudo, sempre pronto para gerar em si o “Filho de Deus” pelo desprendimento da vontade própria. Mas, deve ser também, como Marta, **virgem**, isto é,

sempre livre, liberto, pronto para servir de modo expedito, ágil, desenvolvido, desembaraçado e desimpedido a modo de “fonte da vida, sempre presentes a ser doação-mãe” (Harada).

2.2. Jesus entrou num burgosinho

Segundo Mestre Eckart, o lugar onde Jesus entrou era um povoadinho. A tradição bíblica o chama de “coração” e São Paulo e Agostinho de “homem interior” ou “homem novo”; já São Boaventura de “ápice da mente” e Mestre Eckhart de “fundo da alma”. Todos estão falando da mesma realidade: o centro, a origem, o cume, o mais fundo do ser do homem, a fonte da vida, na qual e da qual o Pai eterno gera sem cessar seu eterno Filho. Esse “povoadinho” é, pois, a essência, una e simples, do espírito humano, na qual ele pode se tornar um com o único necessário, isto é, com o Um, que é Deus mesmo.

2.3. Marta, a discípula madura e consumada; Maria, a discípula noviça, principiante.

A mulher Marta, que acolhe Jesus, tinha uma irmã, Maria, que, *tendo-se assentado aos pés do Senhor; escutava sua palavra* (Lc 10, 39). O estar sentado aos pés de Jesus significa, aqui, uma atitude discipular (Cfr. também Lc 8,35). Maria, tendo entrado no discipulado de Jesus, está inteiramente concentrada nestas atitudes: silenciar e ouvir.

Há uma diferença, porém, entre Maria e Marta. Maria é uma menina, poderíamos dizer, uma noviça, uma iniciante no discipulado de Jesus. Marta é mulher curtida nos confrontos da vida diária e no saber da experiência, que só o tempo, como maturação, pode trazer. Marta era a “dona da casa”. Maria é sua irmã, a caçula, talvez ainda um pouco mimada nas coisas espirituais. Marta, diz Eckhart, é a mulher madura: “uma virgem que era uma mulher”, isto é um espírito humano amadurecido no seguimento de Cristo, no desprendimento virginal e livre, e na recepção que se torna doação amorosa, operosa, fecunda.

Se, na interpretação corrente entre os Padres da Igreja, Maria era a imagem da “vida contemplativa” e Marta a da “vida ativa”, na leitura de Eckhart, **Maria** era a imagem do espírito humano **que se inicia** na via unitiva com Deus e **Marta** era a imagem do mesmo **espírito que perfaz e consuma o amadurecimento** nesta mesma via de tornar-se uma só coisa com o Único necessário: o “Cristo amado!” Maria, ao receber Jesus, estava absorta numa satisfação ainda vital, isto é, anímico-sensível. Marta, porém, fruía de uma satisfação espiritual, isto é, de alguém que havia alcançado o “topo de sua alma” e estava elevado acima de toda criatura e unido a Deus, graças à sua receptividade.

Marta, então, parece queixar-se com o Senhor: “*Senhor, não te importas que minha irmã me tenha deixado sozinha a servir? Diz-lhe, pois,*

que me ajude” (Lc 10, 40). Segundo Eckhart, Marta não disse isso por ódio, mas por amor, ou melhor, por um bem-querer. Marta, já amadurecida, temia que a irmã mais nova permanecesse sentada aos pés do Mestre mais por prazer sensível do que por satisfação espiritual. Quer, pois que o Senhor a incentive a levantar-se, deixando este nível primário de satisfação sensível, da consolação, passando para a satisfação espiritual madura que vem da unidade com Deus, no “fundo da alma”.

Seguiu-se, então, a resposta de Jesus: *“Marta, Marta, tu és cuidadosa, estás aflita por muitas coisas. Uma só coisa é a necessária! Maria escolheu a melhor parte, que jamais poderá ser-lhe tirada”* (Lc 10, 41-42). Segundo Santo Agostinho, o fato de ter falado por duas vezes “Marta, Marta”, indica o amor, a dileção de Jesus por ela. Já Eckhart explica que Marta possuía o que era necessário para as obras temporais e também o que era necessário para a bem-aventurança eterna; que nela, não havia dicotomia entre o exterior e o interior, entre o tempo e a eternidade, entre o profano e o sacro, entre a ação e a contemplação. São como que duas Martas unidas numa só. Assim, em vez de repreensão é convocação para que se mantenha firme na conquista dessa unidade e liberdade interior que a fazem estar cuidadosa junto das coisas sem se sentir presa a elas. Esse parece ser o sentido de “uma só coisa é necessária”: um sim à unidade e um não à dualidade. Enfim, Marta: mulher-írmã.

2.4. Oração-contemplação-obediência-ação

Segundo mestre Eckhart, Marta e Maria não devem ser entendidas como oposição, dicotomia ou equilíbrio entre contemplação e ação, mas como convocação para a escuta, a acolhida, a obediência do Único necessário, essência do seguimento de Cristo e da contemplação. Era nesta obediência (no latim: *ob-audientia*: *ob*: abertura, *audientia*: escuta) ao Pai (Cruz) que Jesus estava a caminho de Jerusalém. Era nela que Marta o recebeu em sua casa. Era para este caminho que estava sendo aviada e iniciada Maria. O caminho evangélico-franciscano do pouco, do Único necessário, o “Meu Deus e Tudo”.

Aliás, foi justamente São Francisco quem mais tarde compreendeu muito bem este princípio evangélico. Ao lado da Vida religiosa unicamente enclausurada não apenas reintroduziu na Igreja a Vida religiosa-consagrada ativa ou apostólico-missionária, mas, também deu aos seus confrades, que o quisessem, uma “Regra para os Eremitérios”. Segundo essa Regra, os frades que desejavam viver “nos ermos” deviam ser três ou no máximo quatro. Dois numa semana deviam fazer o papel de mães ou de Marta e os outros dois de filhos ou de Maria e, na semana seguinte, invertiam os papéis: os primeiros se tornavam filhos ou Maria e os dois últimos deviam fazer o papel de Marta ou de mães (Cfr. Regra para os Eremitérios).

3. Um mistério escondido, mas revelado pelo sofrimento (Cl 1,24-28)

A contemplação cristã, e não há outra para o seguidor de Cristo, como também sua ação, brotam da comunhão no ou do sofrimento de Cristo: sofrer o que e como Ele sofreu. É o que expressa de modo muito claro e expressivo, São Paulo em sua Carta aos Colossenses, no trecho proclamado hoje: *Alegro-me de tudo o que já sofri por vós e procuro completar na minha própria carne as tribulações de Cristo, em solidariedade com o seu corpo, isto é a Igreja* (Cl 1,24).

Ora, tribulações, aqui, à sementeira do trigo, que é triturado, a fim de tornar-se pão, tem o significado de trituração da própria vontade a fim de comungar do bem querer da pessoa amada. Por isso, o sumo da contemplação cristã se dá na Cruz quando Cristo expressa seu ardente amor, sua visceral Paixão pelo Pai em favor dos seus amados filhos, sua Igreja. Nesse sentido, a contemplação não é outra coisa senão um processo, diário contínuo, de trituração da própria vontade para ouvir, acolher e fazer a vontade, o bem querer da pessoa amada. É o que vemos nesta exortação de Santa Clara à sua irmã espiritual Inês: *Porque sois esposa, mãe e Irmã de meu Senhor Jesus Cristo ... confortai-vos no santo serviço, iniciado pelo ardente desejo do Pobre Crucificado, que, por todos nós, suportou a Paixão da cruz, arrancando-nos do poder do príncipe das trevas, ao qual*

estávamos presos pela transgressão dos primeiros pais, reconciliando-nos com Deus Pai (1CCL 13-14).

Conclusão

Nosso Papa, ao falar da necessidade de sermos evangelizadores *com Espírito*, assim se expressa:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração... Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegra-me imenso que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia. Ao mesmo tempo, «há que rejeitar a ten-

tação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da Encarnação». Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem uma desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a se refugiarem nalguma falsa espiritualidade. É salutar recordar-se dos primeiros (EG 259-263).

Faz-nos bem recordar que tanto São Paulo, como também, mais tarde,

São Francisco se empenharam arduamente para comungar do martírio de Cristo através da trituração diária de sua vontade própria. Através dessa disciplina, no fim, ambos, se mereceram a graça de carregar no próprio corpo os sagrados estigmas. E isso é o tudo de um cristão: sua contemplação e ação.

De São Francisco temos este testemunho: *Costumava dividir o tempo que tinha recebido para merecer a graça de Deus e, conforme a oportunidade, consagrar uma parte ao auxílio do próximo e outra à contemplação no retiro.* (1C 91).



17º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Gn 18,20-32; Cl. 2,12-14; Lc 11,1-13 (Cfr. “Exposição sobre o Pai Nosso”, de São Francisco)

Tema-mensagem: Digam: “Pai, santificado seja o vosso nome!”

Introdução

No Domingo passado, celebramos a alegria de sermos hospedeiros do divino. Hoje, através do grande ensinamento acerca da Oração do Pai Nosso, Jesus vai introduzir-nos no caminho que nos leva ao íntimo mais profundo do nosso hóspede mais amável e, ao mesmo tempo, nosso hospedeiro mais misericordioso: o Pai do Céu.

1. Na Oração de Cristo, a Oração universal (Lc 11,1-13)

Dois partes distintas formam o Evangelho proclamado hoje. Na primeira Jesus transmite aos seus discípulos sua própria oração: o Pai Nosso. Na segunda Ele mesmo, através de exemplos e comparações, lhes faz a catequese dessa oração.

1.1. O Pai Nosso

1.1.1. Ensina-nos a rezar

O Evangelho começa dizendo que *um dia, ele (Jesus) estava num lugar em oração* (Lc 11,1). O evangelista Lucas gosta de apresentar Je-

sus em oração. Mas, por que Jesus, sendo Deus, ora? A resposta é simples. Por ser, também, filho do homem, isto é, por ter assumido nossa natureza humana, com toda sua fragilidade, Jesus precisa do encontro com o Pai, assim como a água precisa da fonte ou o filho do seio da mãe. Sua oração é expressão do mistério de sua Encarnação. Se não fosse homem não precisaria rezar.

Logo que Jesus terminou a oração, um dos discípulos lhe disse: *Senhor, ensina-nos a rezar, como João ensinou aos seus discípulos* (Lc 11,1). João indicara um caminho de ascese rigorosa e devota aos seus discípulos: o exercício da oração e do jejum (Cfr. Lc 5,33). Jesus, porém, que trouxera uma nova doutrina, ensinaria também aos discípulos um novo modo de orar: rezar não mais a partir de si, da Lei, mas do Pai e sua bondade. A fé nessa bondade do Pai, que é anterior a todas as nossas súplicas, é o princípio que move e sustenta nossa oração.

Logo, em se tratando de oração cristã, o primeiro agente, o protagonista, é sempre o Espírito do Senhor! Jamais o sujeito que reza! Essa é a diferença fundamental da nossa oração com a oração dos fariseus e pagãos. Entre esses, quem principia e sustenta a oração são eles mesmos, enquanto que entre nós, quem reza é sempre o Espírito.

Por tudo isso, o Pai Nosso é o resumo do Evangelho, a oração de

todas as orações, a oração por excelência, a essência e o limite, isto é, a perfeição da oração dos discípulos de Jesus. Duas partes estruturam nitidamente essa oração. A primeira é, no fundo, um louvor, e a segunda um conjunto de súplicas que emergem da nossa fragilidade humana.

1.1.2. **Digam: “Pai!”**

Digam: “Pai!”, assim começa o grande ensinamento de Jesus: um imperativo, uma súplica, uma exortação: “digam”! Ou seja: “por favor, não digam jamais nenhuma outra coisa de Deus senão esta: que Ele é Pai! Jamais, que seja juiz, que castiga, que esteja distante ou que não atenda vossos pedidos e necessidades. Aconteça o que acontecer, digam: ‘Pai!’”.

Comentando a palavra Pai, Santo Agostinho diz: *quanta graça encerra essa primeira palavra!* Nela ressoa a gratuidade e a graciousidade da benevolência de Deus, o Criador, pelos homens, seus filhos. Em virtude da graça de Cristo, passamos de servos a filhos, recebendo Dele o espírito da filiação, o Espírito Santo, que nos permite poder clamar a Deus, invocando-o assim: “Abbá!”, “Pai!”, “Paizinho!”

São Francisco, na sua “Exposição do Pai Nosso”, diante dessa invocação, exclama: *Ó Santíssimo Pai nosso: criador, redentor, consolador e salvador nosso.* A visão trinitária de São Francisco é surpreendente! Juntamente com os mestres medievais, dizia que a criação é obra do Tri-uno Deus. A redenção e a santificação também! Assim, o Pai é

criador, doador do ser a tudo o que é ou existe. O Pai é redentor e salvador, enviando-nos o Filho e acolhendo, no amor, ao seu sacrifício, que, pela sua cruz, nos redimiu e nos salvou. O Pai é Deus de toda a consolação. Consolador é Ele, tanto quanto consolador é o Filho, e também o Espírito Santo. São Francisco nos ensina, assim, a invocar o Pai, desde a obra da criação, desde a obra da redenção e salvação, e desde a obra de nossa santificação. O Pai do céu é origem essencial do nosso ser. Por isso, os pais humanos são pais apenas porque participam do nosso devir. São pais em segundo sentido, em dependência.

Mas, não basta dizer que Ele é Pai. É preciso que digamos, da mesma forma, que Ele é “nosso” Pai: Pai Nosso! O Único Pai de todos é, pois, o Pai comum: o Pai nosso. Este “é”, porém, é experimentado de modo especial na comunhão com Jesus, no seu seguimento. Essa é a Boa Nova, o único Evangelho, o resumo de toda a Boa Nova de Jesus, *a Alegria que enche o coração daqueles que se encontram com Cristo* (EG 1).

1.1.3. **Santificado seja o teu nome**

À exclamação “Pai!”, segue a invocação “*santificado seja o teu nome!*” (Lc 11,2). Estamos diante de um modo semítico de falar, bastante conhecido no Antigo Testamento e no judaísmo, mas, muitas vezes, estranho para nós. O nome, aqui, é o mesmo que “o ser”. Que o ser de Deus, portanto, seja santificado. Mas, como

“seja santificado” se Ele é santo, ou melhor: *o Santo (Kadosh, em hebraico; Hágios, em grego)*, o Santíssimo?

Contudo, a invocação, antes de apontar para Deus, aponta para os homens, as criaturas, isto é, que o brilho, o esplendor de Deus, se manifeste no mundo e nos homens. E isso acontece **à medida em que o homem se assemelha a Deus; sim, à medida que se iguala a Ele no modo do** ser filho no Filho. E não pode haver maior e melhor louvor para o Pai do que ver o esplendor do seu Filho muito amado, brilhando na vida e nas obras de seus filhos.

Mas, “santificado seja teu nome”, por extensão, se deve aplicar também a todas as criaturas. Ou seja, esta súplica-desejo acontece quando os homens se dão conta de que a beleza delas deve ser respeitada porque é reflexo Daquele que é o Belo, que a bondade delas deve ser amada porque reflete a bondade Daquele que as criou, enfim, que a santidade delas deve ser seguida porque nos conduz para Aquele que é o Santo. Quando isso acontecer, sentirá despertar em seu coração o desejo de louvar, bendizer e adorar o Senhor como fazia São Francisco: *Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas!* (Cfr. LS 87). Por isso, São Francisco, parafraseando esse pedido, rezava: *Torne-se clara em nós a tua noção para que conheçamos qual seja a largura dos teus benefícios, o comprimento das tuas promessas, a sublimidade da majestade e a profundidade dos juízos* (EPN 4).

1.1.4. Venha o teu reino

Depois, segue a invocação: “*venha o teu reino!*” (Lc 11,2). Ora, o Advento do reinado de Deus anula o reinado do pecado sobre nós e em nós, assim como a chegada do sol da manhã vai apagando a escuridão da noite. O reinado de Deus, no entanto, chega a nós em e por Jesus Cristo: Nele e por Ele acontece de modo inaugural e se manifesta de modo universal. São Gregório de Nissa diz que pedir “venha o teu reino” se iguala a pedir “venha o Espírito Santo” que nos purifica, ilumina, santifica. Ele é o Amor, que é Deus. Nele e por Ele, nos tornamos um com o Pai. Santo Agostinho, na mesma direção, diz que o Reino de Deus nos vem quando recebemos a graça santificante do Pai em nossos corações. É nesse sentido que São Francisco comenta: *para que tu reines em nós pela graça e nos faças chegar ao teu reino onde manifesta é a visão de ti, perfeita a dileção, bem-aventurada a comunhão e sempiterna a fruição!* (idem).

Na primeira parte (Lc 11,2), ordena que peçamos a Deus os bens celestes e eternos e na segunda (Lc 11,3), os bens necessários para viver nesse mundo, no tempo, principalmente, o pão de cada dia e o perdão.

1.1.5. Dá-nos cada dia o pão que precisamos

A terceira petição do Pai Nosso no Evangelho de Lucas, e quarta em Mateus, é: “*Dá-nos o pão que nos é necessário para cada dia*” (Lc 11,3).

Segundo os entendidos, seria o pão “para o presente”, o “cotidiano” ou melhor ainda: “o pão que está advindo”, “sobrevindo”, “no imediato”, “ao que é iminente” – algo assim como um dia após o outro: o cotidiano. Nada, portanto, de reservas, estoques, armazenamentos!

Tanto São Basílio quanto São Crisóstomo entendem que, nessa petição, pedimos para a nossa vida diária aquelas coisas que são necessárias para viver. Não há como, aqui, segundo Santo Agostinho, não ver o pão *super-essencial*, o pão da vida eterna, que é o próprio Cristo. E completa: *Jesus Cristo ressuscita para ti todos os dias; logo, ‘hoje’ é quando Jesus Cristo ressuscita*. Na mesma esteira vai São Francisco, quando comenta: *O pão nosso de cada dia, o teu dileto Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, dá-nos hoje: na memória e na inteligência e na reverência do amor que teve para conosco e daquelas coisas que por nós disse, fez e sofreu* (EPN 6).

São Cirilo lembra que essa súplica põe o discípulo de Cristo numa condição de pobreza humilde. Ao pedir o pão ele se mostra em sua verdadeira identidade de pobre. Pois, *não são os ricos os que pedem pão, mas os oprimidos pela indigência*. Por outro lado, ao pedi-lo como “pão nosso”, ele se dispõe a viver o sentido da partilha do pão comum. Bonhoeffer comenta assim: *O pão que os discípulos pedem é um pão em comum: ninguém pode tê-lo só para si*.

1.1.6. E perdoa-nos os nossos pecados

A quarta petição em Lucas, e quinta em Mateus, diz: “e perdoai-nos os nossos pecados, pois nós mesmos perdoamos a todos os que cometeram faltas contra nós!” (Lc 11,4). Mateus fala em dívidas. No mundo antigo, as dívidas podiam levar à perda da liberdade. O devedor facilmente se tornava escravo. Pedimos ao Pai que perdoe nossas dívidas, pois somos incapazes de pagá-las. Agostinho explica dizendo que nossa dívida para com Deus é nosso pecado, nosso afastamento ou recusa de Deus. Por isso, ele nos leva sempre à escravidão; em vez da liberdade dos filhos de Deus, preferimos seguir presos à nossa própria vontade. Mas, Cristo, com sua Cruz, pagou nossas dívidas por nós. Nos redimiu, reconquistando a liberdade e a dignidade que tínhamos perdido. São Francisco, parafraseando essa petição, diz: *perdoa-nos as nossas dívidas: pela tua inefável misericórdia, pela virtude da Paixão do teu dileto Filho e pelos méritos e pela intercessão da beatíssima Virgem e de todos os teus eleitos* (EPN 7).

Assim, como cotidiana é a necessidade do pão, cotidiana é também a necessidade do perdão do Pai, pois até o justo peca sete vezes por dia (Cfr. Pr 24,16). Além do mais, assim, como o pão é comum, também o perdão é comum, pois comum é o pecado dos discípulos de Jesus.

O perdão é um dom, um agra-

ciamento da caridade que é Deus. Por isso, São Francisco lembra que o perdão aos irmãos deve estender-se aos inimigos: *Assim como nós perdoamos aos nossos devedores: e o que não perdoamos plenamente, faz-nos Tu, Senhor, perdoar plenamente, para que, por tua causa, amemos de verdade os inimigos e por eles intercedamos devotamente junto de ti, não retribuindo nenhum mal pelo mal e nos empenhemos para, em tudo, frutificar em ti* (EPN 8).

1.1.7. E não nos introduzas na tentação

A quinta petição em Lucas, e sexta em Mateus, é: *e não nos introduzas na tentação!* (Lc 11,4). Em Mateus o teor é igual. Santo Agostinho esclarece dizendo que pedimos para não sermos introduzidos na tentação a qual não podemos resistir. Não se trata, aqui, do envio das provações que são benéficas para os homens de Deus, mas da tentação que é investida por Satanás para pôr a perder o homem. Nesse sentido, Deus não pode, jamais, tentar o homem. São Tiago o diz explicitamente: *Que ninguém, quando for tentado, diga: 'minha tentação vem de Deus!' Pois Deus é inaccessível ao mal e não tenta a ninguém* (Tg 1,13). Os discípulos sabem que *cada qual é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e o seduz. Uma vez fecundada, a concupiscência dá à luz o pecado, e o pecado, tendo atingido a maturidade, gera a morte* (Tg 1, 14-15). Muitos são os

gêneros de tentações dos discípulos. Por isso, São Francisco comenta: *E não nos deixes cair na tentação: oculta ou manifesta, repentina ou importuna.*

1.2. Jesus e sua catequese acerca do Pai Nosso

Terminada a exposição da grande oração, Jesus começa sua catequese, utilizando alguns exemplos e comparações.

1.2.1. O amigo que importuna o amigo

A primeira catequese gira em torno do exemplo do amigo que, de tanto ser incomodado por outro amigo, acolhe a importunação concedendo-lhe os pães solicitados. O ensinamento mostra que Deus pode adiar o atendimento de nossa súplica e isso para o nosso bem, isto é, para excitar em nós o desejo. Além disso, se a graça só vier ao homem mediante a luta, ele a valorizará mais. São Basílio recorda que tudo o que se adquire com muito trabalho, se conserva com grande empenho e afeição. É preciso, pois, perseverar na oração, nos tempos de penúria, tribulações, aflições e tentações. É preciso insistir para receber de Deus os três pães. Se aquele amigo da parábola acabou se levantando para dar os três pães ao amigo que o importunava, não por amizade, mas para se ver livre da chateação, quanto mais Deus, que é generoso e se compraz em dar os seus dons com

largueza, dará aos seus amigos os três pães que eles lhe pedem!

1.2.3. Pedir, procurar e bater

Jesus encerra seu ensinamento num tom de juramento e de exortação: *“Pois bem, eu vos digo: Pedi, e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á. De fato, todo o que pede recebe, quem procura encontra, e a quem bate se abrirá”* (Lc 11,9). Um autor antigo de Antioquia dizia: o **pedir** se dá pela **oração**; a **busca**, pelas boas **obras** em harmonia com a oração; o **bater** à **porta**, pela **perseverança**. Santo Agostinho, por sua vez, nos adverte: Deus não nos convidaria a pedir se não quisesse nos dar. Aliás, *Deus está mais pronto a nos dar do que nós a receber*, dizia o Bem-aventurado Frei Egídio (DE 12). Deus, como que pede, suplica para que nós peçamos, supliquemos a Ele seus dons. Mas, sobretudo, o que Deus quer é doar-se, dar-se a si mesmo a nós, pois essa é sua essência.

Entretanto, é preciso pedir com reta intenção, pois os homens, muitas vezes e nesciamente, pedem a Deus pedra, e não pão; serpente, e não peixe; escorpião, e não ovo. Por isso, isto é, por amor a eles, Deus jamais lhes concederá o que pedem. Daí a conclusão de Jesus: *“Que pai entre vós, se o filho lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente em lugar de um peixe?”, etc.* (Lc 11,11-13).

Na leitura alegórica de Agostinho, o **pão** é a **caridade**; a **pedra**

é a **dureza** de coração; o **peixe** é a **fé**, que leva o homem a ver o invisível; a **serpente** é o **veneno** do mal e do Maligno; o **ovo** é a **esperança** que se incuba; o **escorpião** é o caráter **traidor** do mundo que, como o escorpião, tem o seu ferrão na cauda, isto é, obriga o homem a olhar sempre para trás, para o passado, em vez de olhar para o futuro, motivado pela esperança. Ora, os homens, embora maus, sabem dar coisas boas aos seus filhos. Quanto mais o Pai celeste, que é o “único Bom”, o “sumo Bem”, saberá dar “o Espírito Santo” aos que o pedirem. O Espírito Santo é a graça fontal, o dom de todos os dons, a plenitude dos dons de Deus. No Espírito Santo, a Trindade toda, o Tri-uno Deus, sumamente bom, se nos doa a si mesmo. É preciso, pois, como ensinava São Francisco, aspirar o Espírito do Senhor e pedir, acima de tudo, seu santo modo de operar.

2. Não, os pescadores, mas os justos é que salvam (Gn 18,20-32)

Um belo exemplo de oração insistente e de intercessão fervorosa encontramos na primeira leitura de hoje, tirada do Gênesis em que se relata a famosa intercessão de Abrão em favor da pecadora cidade de Sodoma. A lógica da argumentação de Abrão – figura, sombra do futuro, verdadeiro e único intercessor da humanidade, Jesus Cristo – é muito simples. Se Deus vier a destruir, juntamente com a cidade toda, também os justos,

embora poucos, como poderiam ver nisso que Ele – Deus – seria justo? Não seria melhor inverter o processo: salvar os pecadores pela presença dos justos, mesmo que estes sejam a minoria ou apenas dez? Quem mais tarde explicitará e radicalizará ainda mais esta argumentação será o profeta Isaías. Proclamará que só um Justo, o Servo de Jahvé, é que irá *carregar nossas enfermidades e tomar sobre si nossas dores* (Is 53,4).

3. A conta que pesava contra nós, Cristo a pregou na Cruz (Cl 2,12-14)

A segunda leitura é tirada da Carta aos Colossenses. São Paulo quer preservar a fê de seus diletos filhos, habitantes da cidade de Colossos, contra inúmeras ideologias e propostas de salvação vindas do paganismo e da filosofia meramente humanista. Como pastor e pai, insiste: *Com Cristo fostes sepultados no Batismo; com ele também fostes ressuscitados por meio da fê no poder de Deus...* (Cl 2,12). Não há, pois, outro salvador ou

mediador para o homem senão Aquele que Deus mesmo colocou para ele: seu próprio Filho. Por isso, termina assegurando: *Existia contra nós uma conta a ser paga, mas ele a cancelou, apesar das obrigações legais, e a eliminou, pregando-a na cruz* (Cl 2,14).

Conclusão

Por ter nascido do coração do próprio Senhor, o Pai Nosso é a Oração das Orações, a medula do próprio Evangelho. Por isso, São Francisco o estabeleceu como “Ofício Divino” para os frades que não soubessem ler ou estivessem impossibilitados de recitar o Ofício da Igreja. Além do mais, desde que diante do Bispo exclamara: *“a partir de hoje não direi mais ‘meu pai Pedro Bernardone, mas Pai Nosso que estais no Céu’”, parecia ter voltado ao primitivo estado de inocência original, pois nasceu em seu coração o paraíso* (São Boaventura). Por isso, também, no fim da vida, não era mais apenas um orante, mas a própria oração (Cfr. 2C 95).



18º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Ecl 1,2; 2,21-23; Cl 3,1-5.9-11; Lc 12,13-21

Tema-mensagem: Não nos bens deste mundo, mas em Deus está nossa vida e segurança.

Introdução

Vivemos num mundo de angústias por causa da insegurança. Estamos tão rodeados de todo tipo de maldades e corrupções que, num instante, podemos perder não apenas nossos bens materiais, nossa vida, mas também nossa dignidade de filhos de Deus, de cristãos. Onde e em quem encontrar segurança a fim de levar uma vida tranquila e feliz? Eis o sentido e o mistério de nossa celebração de hoje.

1. Atentos à desgraça de uma vida vazia (Lc 12,13-21)

Para trabalhar o ensinamento acerca de nossa segurança, o Evangelho de hoje começa com uma questão muito comum e tão antiga quanto o homem: a briga entre irmãos pela herança deixada por seus pais. Jesus responde, primeiramente, através de um ensinamento direto e explícito e, depois, por meio de uma parábola ou melhor, de um exemplo.

1.1. Alguém do meio da multidão

Diferentemente de outras ocasiões, quem, no Evangelho de hoje,

toma a iniciativa não é Jesus, mas *alguém do meio da multidão* (Lc 12,13). Nesse “alguém”, o evangelista parece dizer que está toda multidão e toda humanidade. Desde que Adão, contrariando sua natureza de criatura, quis fazer-se senhor e dono de si e das demais criaturas, e não seu servo, introduziu no seio da humanidade as brigas e tensões entre os irmãos. E o pior é que, às vezes, pede-se ou invoca-se a intervenção de Deus e dos religiosos para que ajudem em favor de um ou de outro. Entre os judeus, não era raro que se pedisse esse tipo de arbitragem aos rabinos. Jesus, então, é claro: “*Homem, quem me estabeleceu para ser juiz ou repartidor sobre vós?*” (Lc 12,14). Sua missão, em vez dos bens perecíveis, era repartir os bens eternos e que realmente nos dão a verdadeira vida, a verdadeira segurança. Bens que só seu Pai pode nos dar e pelos quais devemos trabalhar e lutar.

Além do mais, empregando a palavra “homem”, Jesus quer dizer que aquele pedido é de “homens carnis” (Cfr. 1 Cor 3,3) e não “de homens de Deus”. Por isso, se recusa a assumir uma tarefa de chefe e juiz de bens materiais e temporais, distinguindo-se, assim, de Moisés (Cfr. Ex 2,14; At 7, 27-35). Recordemos que Ele está a caminho de Jerusalém para dar, repartir aos homens o Bem de todos os bens, sua própria vida, seu amor, sua misericórdia e perdão. Eis a he-

rança que Ele quer repartir com todos os homens. Como, então, ocupar-se com o contrário, isto é, com estas ninharias humanas, vazias e repletas de ganância?!

1.2. Ficai atentos e tomai cuidado

Jesus, então, aproveita essa oportunidade para o seu ensinamento: “*Ficai de olho e ponde-vos em guarda contra toda avareza*” (Lc 12,15). A exortação toca aqui num dos princípios básicos para que o homem não se engane na busca dos bens de sua felicidade: atenção e cuidado! Ser atento e cuidadoso implica e exige que saibamos e tenhamos a coragem de parar para ver, pensar, refletir, sentir melhor e mais de perto, em maior profundidade, o sentido de tudo o que nos atinge, cerca e toca. Eis um dos grandes desafios do homem de hoje, atrelado ao sistema, à máquina da globalização padronizada em todas as partes do mundo.

São Cirilo, comentando esse dito, diz que é preciso ficar vigilante contra toda avareza, tanto a grande quanto a pequena, pois a avareza é sempre vã, isto é, vazia, ilusória e danosa. Ela arruína as almas, isto é, a vida dos homens, não só na dimensão pessoal, mas também comunitária e social.

Segundo nosso Papa Francisco, essa falta de atenção, de cuidado, é que impede ver e ouvir o gemido da humanidade e da terra na ânsia pela liberdade dos *filhos de Deus*; os problemas sociais, o clamor das pessoas

e dos povos pobres da terra; o absurdo da *autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira*, causa da *desigualdade social*, que, por sua vez, são a *raiz dos males sociais*. Somente se cultivarmos a atenção e o cuidado para com todos e para com tudo, haveremos de ver aos poucos a necessidade de trocar o princípio (vício) da ganância pelo da *dignidade da pessoa humana e do bem comum* (EG 202).

Assim, a admoestação de Jesus exige uma “*metánoia*”, uma transformação, uma revolução principalmente no pensamento, no espírito. É preciso romper com a “nescidade” (de néscio), isto é, com a ignorância, a insensatez, a estupidez, que está na base do comportamento avarento do homem: “*pois, mesmo na abundância, a vida de alguém não procede de seus bens*” (Lc 12,15).

Na sociedade de hoje, só se conhece a pobreza como miséria. Para ela, o que importa é unicamente o ter. Não o ser. Desconhece a pobreza do ser, aquela que o Evangelho chama de “pobreza no espírito”, tão bem vivida e amada por São Francisco. Por isso, um dos seus mais fiéis discípulos, Frei Junípero, a fim de nunca cair na avareza, estava sempre atento para dar aos pobres, pelo amor de Deus, tudo o que podia, até mesmo, se necessário, livros, paramentos do altar, mantos dos frades e o próprio hábito. Por isso, o Guardião teve de proibir-lhe tais “loucuras”. Mas, *certa vez, aproximou-se dele um pobre pedindo-lhe esmola. Frei Junípero,*

todo ferido pela compaixão, disse: “Caríssimo, nada tenho que te possa dar senão a túnica. Mas, também essa não te posso dar porque estou ligado ao preceito da obediência. Contudo, se ma tirares, não te proibirei de modo nenhum!” O pobre, de fato, espoliando-o e tomando-lhe o hábito, retirou-se e o deixou desnudo (VJ 4). Desse modo, Junípero, fiel discípulo de Francisco, nos ensina que assim é o Deus revelado por e em Jesus Cristo: Ele nos implora para que O despojemos. Coisa inaudita!

1.3. Parábola do louco avarento

Jesus completa seu ensinamento com a parábola do louco avarento. Mais que uma comparação, Jesus quer dar um exemplo, isto é, fazer ver, de modo concreto, a loucura da ilusão daquele que sem pensar decide garantir sua velhice amontoando bens desse mundo: “*Insensato, esta noite mesmo irão reclamar a tua alma, e o que tu preparaste, quem é que o terá?*” (Lc 12,20). Segue então o ensinamento: “*Eis o que acontece a quem reúne um tesouro para si mesmo, em vez de se enriquecer junto a Deus*” (Lc 12, 21).

O pecado desse homem é de não ver a coisa mais clara do mundo: que os frutos que colheu patenteiam a generosidade de Deus que age, trabalha através da natureza; que faz cair a chuva sobre justos e injustos. Esqueceu sua essência, que é a de receber e doar, na gratuidade. São Basílio nota que a pergunta que aquele homem

faz à sua alma – “que farei?” – é a pergunta dos pobres, quando estão oprimidos pelas suas penúrias e misérias. Essa alma está, sim, oprimida, mas pelas preocupações com suas riquezas e rendas. É paradoxal! É, pois, o mais pobre de todos os pobres. Tomado, feito escravo de si mesmo, não consegue ver os pobres que o rodeiam. Por isso, São Basílio lhe faz esta consideração:

De onde os recebeste para levá-los pela vida? [...]. Porque se qualquer um que, tendo recebido o necessário para satisfazer suas necessidades, deixasse o que sobra aos pobres, não haveria nem ricos nem pobres.

E, em seguida, o mesmo Santo, mostra-se ainda mais categórico: “*O pão do faminto é o que tu tens, o vestido do desnudo, o que tu conservas no guarda-roupa, o calçado do descalço, o que amontoas, e o dinheiro do indigente, o que tu escondes debaixo da terra. Cometes, pois, tantas injustiças, quantas são as coisas que podes dar*”.

2. Vaidade das vaidades, tudo é vaidade (Ecl 1,2; 2,21-23)

Quem, já no Antigo Testamento, captara e expressara de modo contundente o ensinamento que Jesus faz no Evangelho de hoje foi o autor do livro do Eclesiastes: *Vaidade das vaidades! Vaidade das vaidades! Tudo é*

vaidade (Ecl 1,2). Essa abertura é tão marcante para o autor que faz dela o refrão de todo o seu escrito. Como homem religioso, isto é, duplamente ligado a Deus, o autor, descobriu que fora Dele nada existe, nada é. Tudo um grande vazio: um nada, pura vaidade, ilusão, fantasia!

No pequeno trecho, proclamado hoje, como uma prova a mais, de muitas que enunciara antes, apresenta o caso de *um homem que trabalhou com inteligência, competência e sucesso e no fim se vê obrigado a deixar tudo em herança a um outro que em nada colaborou* (Ecl 2,21). E então conclui: *Também isso é vaidade e uma grande desgraça!* (Idem). Ou seja, todos os empreendimentos, esforços, conquistas não conseguirão jamais satisfazer as aspirações do homem: que nele e por ele sozinho jamais chegará ao seu fim.

3. Cristo, tudo em todos (Cl 3,1-5.9-11)

Na segunda leitura de hoje, Paulo, falando aos colossenses, volta a insistir na mensagem central de toda sua evangelização: *Se ressuscitastes com Cristo, esforçai-vos por alcançar as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Aspirai as coisas celestes e não as terrestres. Porque vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Cl 3,1).

Temos, assim e aqui, o argumento final ou primeiro para acolher, com alegria e coragem, a mensagem evan-

gética de hoje acerca do cuidado e da atenção com o perigo da vaidade dos bens desse mundo. Conduzidos pelo vigor dessa pertença, teremos força para fugir da idolatria da cobiça, da avareza e de todos os outros vícios. Pois, de fato, o avaro, em vez de servir a Deus e de se servir do dinheiro, serve ao dinheiro, tornando-se seu escravo e adorador. Em vez de adorar o Deus vivo e santo, adora o poder que o valor do dinheiro parece lhe proporcionar.

Mas, há que se ter cuidado, também, com a avareza espiritual que busca satisfazer-se em acumular virtudes, graças e até mesmo santidade. Essa é pior que a anterior, porque em vez de Deus procura adorar a si mesmo. Por isso, só libertando-nos desses dois ídolos é que teremos a graça de poder confraternizar com tudo e com todos, sem nenhuma *distinção, entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, inculto, selvagem, escravo e livre* (Cl 3,11). E tudo isso *porque Cristo é tudo em todos* (idem).

Conclusão

Quem elaborou uma bela e ao mesmo tempo dramática aplicação da mensagem evangélica desse Domingo é São Francisco, na sua Carta aos Fiéis:

Nada tendes nesse século nem no futuro. Julgais possuir por muito tempo as vaidades desse século, mas estais enganados, porque virá o dia e a hora em que

não pensais, nem sabeis e ignorais. Enfraquece o corpo, a morte se aproxima, chegam os parentes e os amigos, dizendo: ‘dispõe os teus bens!’ Eis que sua esposa e filhos, parentes e amigos fingem chorar. E, virando-se, os vê chorando. Movido, então, por uma falsa comoção, pensando consigo mesmo, diz: ‘eis que ponho em vossas mãos a alma, meu corpo e todas as suas coisas’. É verdadeiramente maldito esse homem que confia e entrega em tais mãos sua alma, seu corpo e todas as suas coisas. Por isso, diz o Senhor pelo profeta: ‘Maldito o homem que confia no homem! E imediatamente fazem vir o sacerdote. Diz-lhe o sacerdote: ‘queres receber a penitência de todos os teus pecados?’ Responde: ‘quero’. Queres satisfazer com os teus bens, e como podes, pelas faltas e por aquilo que fraudaste e enganaste os

homens? Responde: ‘não’. Diz o sacerdote: ‘por que não?’ Por que entreguei tudo às mãos dos parentes e amigos’. E começa a perder a fala e assim morre aquele miserável. Mas, saibam todos que, onde e como quer que o homem morra em pecado mortal, sem a satisfação, e que ele pode satisfazer e não satisfaz, o diabo rouba-lhe a alma do corpo com tanta angústia e tribulação que ninguém pode saber, a não ser quem as experimenta. E todos os talentos, poder e ciência que julgava ter ser-lhe-ão tirados. Aos parentes e amigos deixa seus bens. Esses, tomando-os e dividindo-os entre si, dizem, depois: ‘maldita seja sua alma porque pôde dar e adquirir mais para nós e não o fez’. Os vermes comem o corpo. Assim, perde ele o corpo e a alma nesse breve século e irá para o inferno, onde será atormentado sem fim!



19º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sb 18,6-9; Hb 11,1-2.8-19; Lc 12,32-48

Tema-mensagem: Não tenhais medo pequeno rebanhinho!

Introdução

No Domingo passado fomos exortados pelo Senhor a não buscar segurança na ganância e no acúmulo dos bens desse mundo. Hoje, a exortação é para que nos libertemos do medo de encontrar-nos com Ele e de segui-Lo em sua subida para Jerusalém a fim de ser preso e crucificado.

1. Livres para o encontro com o Senhor (Lc 12,32-48)

O Evangelho é tirado de São Lucas, mais precisamente do famoso sermão de Jesus sobre “os lírios do campo e as aves do céu”, isto é, da confiança que devemos ter nos cuidados que seu e nosso Pai tem para conosco. Para isso Jesus apresenta algumas sentenças e um exemplo.

1.1. Não tenhais medo pequeno rebanhinho (Lc 12,32-48)

A primeira sentença dá a postura básica para todos os seus discípulos em sua missão evangelizadora: “*Não temas, pequeno rebanhinho!*” (Lc 12,32a). Eis uma expressão de carinhoso encorajamento, dirigido pelo Bom Pastor às suas ovelhinhas!

Pequeno, certamente, em comparação com o mundo hostil. Mas, ainda menor em virtude de sua pobreza, humildade e fragilidade.

O motivo dessa exortação é o espanto dos discípulos diante, de um lado, do anúncio da crucificação do mestre em Jerusalém e, de outro, diante da missão que o Senhor lhes confiara: serem anunciadores e testemunhas de que neste seu mistério, a Cruz, está a Boa Nova da salvação dos homens. Um anúncio inédito, impossível de aceitar e de testemunhar segundo os critérios humanos. Quem iria crer nesse anúncio!? Além do mais, como haveriam de desempenhar tal missão, eles, duros de coração, soberbos e simplórios; eles que jamais haviam frequentado qualquer curso de preparação teológica ou pastoral? Como, pois, não haveriam de temer? A resposta do Mestre é simples: “*porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino*” (Lc 12,32b). Aí está a riqueza originária, o tesouro essencial, o Reino dos Céus: a fé do Pai que os escolhera e os confiara a Ele para serem seus discípulos-missionários. Se o Pai confiara neles porque não haveriam também eles de confiar Nele!?

1.2. Vendei vossos bens e dai esmolas

A exortação segue, dizendo: “*Vendei vossos bens e dai esmolas!*” (Lc 12,33). Dar esmola não significa

tanto “fazer caridades”, mas, acima de tudo, acolher na alegria agradecida, no respeito reverente e carinhoso a tudo – saúde ou doença – e a todos quantos nos vêm ao, ou de encontro – amigos ou inimigos – gente de casa ou estranhos – benfeitores ou malfeitores – como visita, bênção, graça, amor de nosso Pai do Céu. Nesse sentido, a esmola – exercício essencial ao seguimento – indica o desprendimento dos bens do mundo. Pois, os cuidados da vida, o afã das riquezas, a voluptuosidade dos prazeres pode sufocar a palavra de Cristo no coração do discípulo (Cfr. Lc 8,14). Por isso, Francisco exortava seus frades a que fossem *peregrinos e forasteiros* nesse mundo, não pondo jamais no acúmulo dos bens a segurança da vida.

É preciso ter em mente que os bens foram feitos para o uso e para a partilha, a solidariedade, a ajuda ao outro, especialmente aos mais miseráveis, jamais para o abuso e para o acúmulo. A palavra “esmola”, em grego “*eleêmosyne*”, está indicando tudo isso. Beda, o venerável, dizia que a esmola não é só o dinheiro dado em ajuda, mas é toda ajuda, toda beneficência. Esmola, dizia ele, é também quando alguém oferece proteção a outro; quando um médico se dedica de corpo e alma na cura do enfermo, quando um sábio aconselha o

nécio no espírito da gratuidade e humildade. Da esmola assim entendida vale, também, o que Pedro disse da caridade (ágape): *cobre uma multidão de pecados* (1Pd 4,7); é o que o próprio Senhor disse no Sermão da Montanha: “*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia*” (Mt 5,7). Gregório Nazianzeno aplica a esmola à palavra de Jesus no Juízo final: “*eu tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; doente, e me visitastes; na prisão, e viestes a mim*” (...). “*Todas as vezes que o fizestes a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes*” (Mt 25, 35-36. 40). Aquele que se doa aos pobres recebe deles uma riqueza muito maior: a graça de poder amar! Por isso, diz Frei Harada: *ser solidário com os pobres, promovê-los, significa que nós, “ricos”, como indigentes do sentido mais profundo do homem, mendigamos da pobreza do pobre a riqueza da vida, para nos convertermos a um princípio mais radical e essencial do homem* (Harada).

1.3. Pôr o coração no tesouro de nossa vida

A identidade de um homem se decide pelo seu coração, isto é, por aquele seu núcleo central de onde brota sua atenção, sua intenção, sua paixão, seu afeto, seu desejo, sua vontade. Por outro lado, o que um homem gosta, estima, aprecia, deseja, quer, busca e se empenha para alcançar, é seu tesouro. Assim, seu tesouro torna-se também sua identidade. Por isso, segue dizendo o Senhor: *“pois onde estiver o vosso tesouro, ali também estará vosso coração”* (Lc 24,34). Nas palavras do Frei Harada: *lá onde está a medida de vossa riqueza, ali está a medida do vosso coração. A medida com que medis algo como rico ou pobre é a medida do vosso coração. Algo é rico ou pobre, conforme a medida que acolhe o vosso coração. Que algo seja rico ou pobre trai a riqueza ou pobreza do vosso coração.* Ora, para o coração de um discípulo não pode haver outro tesouro senão seu Senhor com sua Boa Nova: o amor, a misericórdia do Pai. Do contrário ele não é discípulo e, muito menos, o Senhor seu Senhor. Assim, o discípulo de Jesus não há de pôr sua segurança nos bens desse mundo, em si mesmo, nas suas próprias forças e méritos, nos outros homens, mas no Senhor que está para voltar a qualquer hora. Nosso desafio, portanto, consiste em elaborar e testemunhar a síntese dessa Boa Nova de Jesus, o Pai misericordioso, *pois onde estiver a tua síntese, aí estará teu coração* (EG 143).

1.4. Homens prontos para esperar o seu senhor que vai voltar da festa

O modo de ser dos “pobres de espírito”, dos “misericordiosos”, descrito acima, movido pela gratuidade do amor, longe de tornar o homem acomodado, alheio à terra dos homens e aos homens da terra, com suas lutas e labutas, faz dele um homem sempre operoso, fecundo, serviçal, útil, prestimoso aos outros homens, especialmente aos mais miseráveis. Por isso, diz o Senhor: *“Que os vossos rins estejam cingidos e as vossas lâmpadas acessas”* (Lc 12, 35). Nós diríamos: “que vocês estejam de mangas arregaçadas e em atitude de atenção para servir”. Trata-se, pois, da **prontidão** para agir. Mas o agir, o fazer, precisa ser consciente, sabendo o que e como convém fazer. Por isso, a alusão às “*lâmpadas acesas*”, significa a clarividência que nasce do vigor da reflexão. No seguimento de Jesus Cristo é preciso que ação e reflexão sejam uma unidade simples, indivisível, que brota da obediência (“ob-audiência”, diz o latim), isto é, de uma escuta atenta, diligente e amorosa da palavra do Senhor.

As palavras de Jesus, em seguida, falam da **vigilância**. *“E sede como quem espera seu senhor voltar das núpcias...”* (Lc 12, 36-38). Os Padres da Igreja leem nessa parábola a mensagem da vigilância necessária aos discípulos em face da espera da “*parousia*”, isto é, do retorno do Senhor Jesus que foi celebrar as núpcias

junto do Pai. A espera do seu retorno requer vigilância: não dormir, não se deixar tomar pelo torpor do espírito, na noite do mundo. É preciso estar sempre com traje de trabalho e com luzes acesas, isto é, de prontidão. Se o homem permanece desperto, lúcido, operoso na caridade, sendo prestimoso para com os outros homens, será recompensado pelo Senhor que vem. Ele retribuirá o serviço (*diakonia*) que foi prestado aos homens, recompensando-o como se o serviço tivesse sido prestado a Ele mesmo. Ele servirá seus servos, no banquete da eterna alegria, dando-lhes o descanso e as inefáveis e infundáveis satisfações espirituais.

A vigilância requer, por sua vez, a **perseverança**. Jesus fala da perseverança aludindo às “vigílias” da noite. As sentinelas que vigiavam a cidade contra o ataque dos inimigos dividiam a noite em três ou quatro vigílias. Os Padres da Igreja leem nessas vigílias as idades da vida do homem (Gregório, Cirilo). A primeira vigília da noite é a **infância**. Essa não é lembrada na parábola. É que, na infância, o homem ainda não é chamado em causa, em sua responsabilidade perante a vida. Nesse sentido, a segunda vigília seria a **juventude**, e a terceira a **maturidade** e a velhice. É quando o homem deve exercer sua responsabilidade buscando viver uma vida honesta e prestimosa aos outros homens.

A perseverança no serviço do Senhor requer que aquele que está de pé cuide para não cair e que aquele

que caiu cuide em depressa se levantar. Ela requer a contínua espera do inesperado retorno do Senhor. As palavras seguintes vão nessa direção: “*Vós o sabeis: se o dono da casa conhecesse a hora em que o ladrão viria, não deixaria invadir sua casa. Vós, também, estai preparados, pois numa hora em que não pensais é que vem o Filho do Homem!*” (Lc 12, 39-40).

1.5. Uma parábola para todos

Depois de todos esses ensinamentos, Pedro, em nome dos Doze, pergunta: “*Senhor, é para nós que dizeis essa parábola ou para todo o mundo?*” (Lc 12,21). Isso quer dizer: o que dizeis o dizeis para todos os discípulos da tua Igreja ou somente para os intendentés dela? A interpretação dos Padres da Igreja (Cfr. Beda, Cirilo, Ambrósio, Teofilato) é que as palavras anteriores são preceitos para todos os que estão no seguimento de Cristo. Mas, a parábola seguinte esclarece como aquelas palavras hão de ser aplicadas na vida, no serviço (*diakonia*) dos pastores e doutores, enfim, dos guias da Igreja. A parábola fala do “administrador fiel da casa da família”, o “mordomo”. Ele não só é fiel, como também é prudente, sensato, ajuizado. **Fidelidade e tino** são as características de um bom administrador dos bens de uma casa, de uma família. Essas devem ser também as virtudes dos que estão incumbidos dos ministérios de liderança na Igreja. Pela pregação e pelo exemplo

precisam cuidar de prover aos fiéis o alimento da Palavra de Deus, distribuindo-o segundo a capacidade de recepção dos discípulos, nos tempos oportunos. A eles o Senhor promete as alegrias eternas em proporção com a responsabilidade desempenhada frente ao “pequeno rebanhinho”.

Servo **bom** é aquele que tem a paciência da espera do Senhor que vem. Paciência perseverante! Ao contrário, servo mau é aquele que perde a paciência de esperar o Senhor que vem. Os servos maus são “autor-referenciais!” (Papa Francisco). Se põem a si mesmos como senhores e donos da casa; a viver para satisfazer suas voluptuosidades e a desferir maus tratos para os companheiros ou, numa figura bíblica, chegando a devorar as próprias ovelhas. Assim agindo, põem a perder suas vidas. E então, aquilo que era para ser sua maior dignidade lhe servirá de maior condenação. Por isso, as palavras finais do Evangelho de hoje são uma advertência para aqueles que detêm as chaves do conhecimento e o poder de mando, mas cuja ciência não é acompanhada de boas obras, e cujo poder de mando não se fundamenta na autoridade do Bom Pastor. São como árvores que deram folhas e até flores, mas não deram fruto.

2. Fé como testemunho de Deus (Hb 11,1-2.8-19)

A segunda leitura, tirada da Carta aos Hebreus, nos leva a recordar e a celebrar o princípio, a origem de

todo Povo de Deus, tanto o antigo como o novo: o *bom testemunho de Deus* (Hb11,1-2). Isso significa que o Povo de Deus, a humanidade toda, com sua história e até mesmo a criação toda, nasce de um inaudito ato de confiança, entrega, fé de Deus. Da mesma forma, a fé dos cristãos nasce da experiência de serem vistos, chamados, aceitos e enviados por Jesus Cristo para serem testemunhas de sua Pessoa e de seu Evangelho.

Segundo o Apóstolo Paulo, o discípulo do Senhor, porém, descrito pelo Evangelho de hoje como “administrador fiel”, isto é, aquele que é movido pela graça da fé, já não se atém mais ao passado, ao que lhe foi transmitido ou testemunhado, mas ao futuro. *A fé é um modo de possuir, desde agora o que se espera, um meio de conhecer realidades que não se veem* (Hb 11,1). Enquanto a crença requer apenas assentimento e adesão, a fé implica fidelidade. O contrário da crença é a dúvida. O contrário da fé, porém, é a infidelidade, a inconstância, a impaciência.

Crer em Deus é mais do que ter a crença de que Deus existe. Para Santo Agostinho, o ato de crer tem três sentidos: *credere Deum, credere Deo, credere in Deum*. Vamos tentar traduzir.

- “*Crer Deus*” (*credere Deum*) é ter por verdadeiro que Deus existe, é apoiar-se na verdade da sua existência; acreditar que Ele é real, sim, realíssimo, o mais real de tudo o que há.

- “*Crer a Deus*” (*credere Deo*) é o mesmo que dar crédito a Deus, re-

ceber a sua autocomunicação, apoiar-se na sua revelação, na sua palavra, na mensagem que nos foi transmitida pelos profetas e por Jesus Cristo, seu filho.

- Por fim, “*Crer em Deus*” (*credere in Deum*) significa – a modo de esposo/a – confiar-se a Ele, entregar-se a Ele, como a Alguém, a um Tu, que é digno de ser amado acima de todas as coisas, com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente.

No primeiro caso, portanto, eu creio (a verdade de) Deus; no segundo, eu me fio em sua palavra, dou crédito a ela, como sendo palavra verdadeira e digna de adesão; no terceiro, eu creio em Deus no sentido de confiar nele, de pôr nele o meu amor e de buscar responder a esse amor com a minha fidelidade, constância, paciência. Nesse sentido, crer é crescer Nele ou a partir Dele.

3. Fé como sacrifício (Sab 18,6-9)

A segunda leitura, tirada do livro da Sabedoria, faz a exaltação da memorável “Noite da libertação” dos judeus. Tudo isso, para que *sabendo a que juramento tinham dado crédito, perseverassem intrépidos* (na fé).

Antes de sair do Egito, antes mesmo de Jahvé pôr em prática sua

promessa, os israelitas fazem um profundo ato de fé comunitária no interior de suas casas: *Os piedosos filhos dos bons ofereceram sacrifícios secretamente e, de comum acordo, fizeram esse pacto divino: que os santos participariam solidariamente dos mesmos bens e dos mesmos perigos.*

Os israelitas são chamados de “piedosos filhos dos bons (justos)”, isto é, descendentes de um povo que tem como raiz não um trato social, mas a fé, isso é, a resposta dos santos patriarcas ao chamado de Deus para ser Dele e somente Dele. Por isso a fé sempre incluirá sacrifício, doação de ambas as partes.

Conclusão

Grande vocação e missão suscitam não apenas grande medo, mas também grande vigor e entusiasmo. Por isso, como outrora Jesus aos seus discípulos, dizia São Francisco aos primeiros frades, quando enviados por ele a ir pelo mundo: *Não temais por serdes poucos e parecerdes ignorantes, mas com segurança anunciai com simplicidade a penitência, confiando no Senhor que venceu o mundo; ele, com o seu espírito, fala por vós e em vós, a fim de exortar a todos a que se convertam a ele e observem seus mandamentos* (LTC 36).



20º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Jr 38,4-6.8-10; Hb 12,1-4; Lc 12,49-53

Tema-mensagem: Jesus veio trazer o fogo do Amor, da Paixão de Deus, a fim de afastar os homens do fogo do ódio, da divisão, da discórdia e da opressão que leva à morte.

Introdução

A perícopre evangélica de hoje, como nos Domingos anteriores, tem como pano de fundo a viagem de Jesus a Jerusalém, onde irá consumir seu amor, sua Paixão pelo Pai e pelos homens, através de sua Morte na Cruz. Era necessário, pois, continuar a catequese acerca desse mistério, a fim de que seus discípulos não se escandalizassem de todo, quando isso viesse acontecer. Eis o sentido dos dois ditos ou sentenças, que Jesus proclama hoje.

1. Jeremias, figura antecipada do Crucificado (Jr 38,4-6.8-10)

Entre as grandes figuras do Antigo Testamento, que mais e melhor apontam ou representam o futuro Messias, certamente ocupa lugar de destaque o profeta Jeremias, chamado de “Servo sofredor”. É dele que trata a primeira leitura de hoje. O momento histórico não podia ser pior. Jerusalém sitiada e Jeremias continua profetizando sua destruição,

tendo como causa as infidelidades do seu Povo à Aliança com Jahvé. Por isso, ele é condenado à morte como derrotista e falso profeta: *Pedimos que seja morto esse homem; ele anda com habilidade lançando o desânimo entre os combatentes que restaram na cidade e sobre todo o povo... não se propõe o bem-estar do povo, mas sim a desgraça!* (Jr 38,4).

As semelhanças com Jesus Cristo crucificado e sua Paixão pelo povo são várias e muito explícitas, a começar pela causa de sua condenação. Como Jesus, acusado de ser inimigo de César e do povo, ele também foi jogado à morte numa cisterna lamacenta sob o argumento de ser um derrotista. De fato, como Jesus, também ele insistia em proclamar que a cidade estaria prestes a ruir, vítima da espada, da fome e da peste. Vem, então, a sentença bem semelhante à que foi usada contra Jesus: era preferível que ele viesse a morrer do que todo o povo perecesse. Exatamente, como falou Caifás em referência a Jesus! E como com Jesus, também eles, para inocentar-se do crime recorrem ao rei Sedecias que declara: *“Ele está em vossas mãos; o rei nada vos pode negar”* (Jr 38,5).

Felizmente, um servo, um estrangeiro etíope, movido de pura compaixão, porque viu que se tratava de um homem justo, serviu de mediador junto ao rei para que pudesse tirar Jeremias da cisterna. Diante da vile-

za, da vingança e da insensibilidade dos concidadãos, enfim, um bom samaritano do Antigo Testamento, semelhante ao Cirineu que ajuda Jesus a carregar a cruz.

E, finalmente, assim como Jesus saiu do sepulcro para estar novamente no meio dos seus como companheiro de jornada, de luta, também Jeremias foi tirado da cisterna para continuar sua missão salvadora no meio do povo. Eis Jeremias, o personagem do Antigo Testamento que mais de perto se assemelha ao futuro “Servo Sofredor”, Jesus Cristo.

2. As sentenças (Lc 12,49-53)

O pequeno trecho do Evangelho é composto de duas sentenças paradoxais. Paradoxo é um modo de falar cujo objetivo é, através do espanto, da estranheza e, acima de tudo, da admiração, levar a pessoa a abrir-se para uma nova compreensão da realidade.

2.1. O fogo da Paixão de Deus

Na primeira sentença de impacto, Jesus proclama: *“Fogo vim trazer à terra – e, o que quero, senão que ele se acenda?!”*

Jesus sabia muito bem que o fogo era um belo exemplo para explicar o que iria acontecer com Ele ou a partir Dele, dentro em breve, com sua crucificação. Todo judeu conhecia muito bem as grandes teofanias do Antigo Testamento, que se deram através do fogo, como a de Moisés, na sarça ardente ou a do profeta Elias, na famo-

sa disputa com os sacerdotes de Baal acerca do verdadeiro Deus (1Rs 18).

Os discípulos, portanto, deverão ver a Cruz não como uma desgraça ou derrota, mas como uma grande manifestação de Deus: seu julgamento contra a injustiça e a infidelidade do povo e dos povos e, ao mesmo tempo, sua salvação. Eis o paradoxo: julgamento, condenação e graça! E nada melhor para explicar essa dupla função do que o fogo que, enquanto queima, destrói a palha, o inço, o espinhedo e tudo que é perecível e, ao mesmo tempo, faz brilhar o que é impercível, como o ouro ou a prata.

Na Paixão da Cruz, o fogo irá queimar o velho mundo do velho homem, dominado pelo pecado, fazendo surgir de suas cinzas o homem novo, nascido da graça do amor e da misericórdia. Assim, o fogo da Paixão de Jesus, no Pentecostes, manifestar-se-á como o sopro abrasador do Espírito Santo que vai aos poucos espalhar-se por *toda a terra*.

Há, na tradição franciscana, uma pequena Oração, chamada “Absorbeat” que não é de São Francisco, mas, segundo os estudiosos, ele a teria usado muito frequentemente e que espelha muito bem esse dito de Jesus: *Peço-te, Senhor, que a ardente e dulcíssima força do teu amor, absorva minha mente de todas as coisas que estão debaixo do céu, para que eu morra por amor do teu amor como tu te dignaste morrer por amor do meu amor”* (Fonti Francescane, Nuova Edizione, 1977, Editrice Francescane, 191).

2.2. Cruz, o ansioso Batismo de Jesus

O segundo dito de Jesus, paralelo ao primeiro, fala de batismo: “*Tenho que ser batizado com um batismo – e como estou angustiado até que ele se consuma!*” (Lc 12,50). Se o primeiro dito remetia ao elemento fogo, o segundo remete ao elemento água. Batismo é imersão, banho na água.

Também aqui, Jesus se refere à sua Paixão e Morte na Cruz, ao seu banho de sangue. Banhado pelo próprio sangue, ele purificaria nossas almas e inflamaria nossos corações com o fogo do Espírito Santo. Santo Ambrósio via nisso o indício da grandeza da misericórdia do Senhor. Ele dizia: *a misericórdia do Senhor é tão grande, que O obriga ao desejo de infundir-nos a devoção e a consumir nossa perfeição, como também de apressar sua Paixão por nós.*

Trata-se, porém, de um desejo aflito, angustiado. Segundo, ainda, do então Bispo de Milão, trata-se, aqui, de uma angústia compartilhada com nossa angústia causada pelas misérias, corrupções e desgraças humanas. Nisso se manifesta sua comiseção, sua compaixão para conosco, enfim, sua misericórdia, amor cordial, visceral. Ele se angustia, até chegar o momento de receber o seu batismo de sangue, até chegar o momento em que ele dirá: “Tudo está consumado!”. Essa consumação traria à terra o abrasamento dos corações dos fiéis no fogo do Espírito Santo e, com ele, a purificação e a renovação de todas

as coisas, a vida nova: o novo céu e a nova terra.

2.3. Uma paz que separa e une

Depois desses dois ditos, Lucas acrescenta um terceiro, também ele extremamente paradoxal: “*Porventura pensais que é a paz que eu vim estabelecer na terra? Não, eu vo-lo digo, mas antes a divisão!*” (Lc 12,51).

Nós perguntamos: como assim? Cristo não nos veio trazer a paz, a união? No Evangelho de Lucas é esse o primeiro dom anunciado na noite de Natal aos homens amados de Deus (Cfr. 2,14). Como então, agora, parece dizer o contrário?

Também quanto a essa grande expectativa messiânica, Jesus não queria que seus discípulos, e todos nós, vivêssemos no engano de uma paz mundana. No Evangelho de João, ele diz: *Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz. Não vo-la dou, porém, como o mundo a dá* (Jo 14, 27). A paz que Cristo deixou aos seus discípulos é a serenidade do ânimo que os acompanha no meio do combate, da tentação, da perseguição porque unidos ao amor Dele.

Longe, portanto, do cristão uma paz que é fruto da auto satisfação, da acomodação, do adormecimento da mente na ilusão do mundo, na comodidade da carne, na sedução diabólica: uma paz pela qual o homem se deixa levar, arrastar para sua ruína. No *Sacrum Commercium*, texto franciscano medieval, a Senhora Pobreza, a quem Francisco e os seus companheiros se

comprometem a servir como cavaleiros fiéis, se queixa de uma paz que lhe é contrária. Ela diz: “*Mas ai! Depois de pouco tempo, fez-se a paz e aquela paz era mais grave do que a guerra (...). O diabo, enfurecendo-se contra muitos que estavam comigo, fazia com que o mundo os aliciasse e a carne cobiçasse a ponto de muitos começarem a amar o mundo e as coisas que são do mundo*” (SC 12).

Do mesmo modo, há uma união com os homens que traz a ruína espiritual ao homem, especificamente, ao discípulo de Cristo. É o caminhar indeciso e inconsciamente por caminhos batidos e largos que arruinam o homem, como por exemplo, a convivência com a corrupção, com o consumismo desenfreado, com os ídolos da modernidade, como o dinheiro, a fama, o poder, etc. Ora, para seguir Cristo é preciso cortar com esse mundo, isto é, desprender-se dos modos de ser e de viver dos homens que vivem no esquecimento de Deus e no amor dos bens e dos prazeres terrenos, para poder vincular-se a Deus, a Cristo, no seu seguimento.

Para seguir Cristo, é preciso relativizar até mesmo a família. Ela não pode ser um valor absoluto. O absoluto é Deus, o seguimento de Cristo! Nem mesmo os pais têm o direito de se colocar entre Cristo e o homem para separá-los e obstaculizar o discípulo. O não de São Francisco a seu pai, Pedro de Bernardone, era necessário, para dizer sim ao seguimento de Jesus Cristo e poder chamar a Deus de “Pai nosso que estás nos

céus”. Os pais que não educam seus filhos para a autonomia e autorresponsabilização pela vida própria os levam à ruína.

Nas palavras de Bonhoeffer fica muito claro esse dito de Jesus:

No chamado de Jesus já aconteceu a ruptura com as condições naturais nas quais o homem vive. Ruptura que não é cumprida por aquele que está no seguimento, mas que Cristo mesmo já realizou no momento em que o chama. Cristo desvinculou o homem da sua imediatez com o mundo e o pôs na imediatez consigo mesmo. Nenhum homem pode seguir Cristo sem reconhecer e aceitar a ruptura já cumprida. Não é o árbitro de uma vida, guiada pelo próprio querer, mas Cristo mesmo é quem deve guiar o discípulo em tal ruptura (...). Com a sua Encarnação, ele se pôs entre mim e as realidades factuais do mundo. Não posso mais voltar atrás. Ele está no meio.

3. Combater o bom combate de Jesus (Hb 12,1-4)

A segunda leitura de hoje, como no Domingo passado, é da Carta aos Hebreus. O autor dessa Carta imagina os cristãos num grande estádio, repleto de grandes lutadores. E então vem sua exortação: *Rodeados como*

estamos, por uma multidão de testemunhas, deixemos de lado o que nos pesa e o pecado que nos envolve. Empenhemo-nos com perseverança no combate (Hb 12,1).

O homiliasta da Epístola aos Hebreus fala da vida cristã, tomando como analogia o empenho de um atleta e também de um lutador. No discipulado de Jesus, é preciso ter persistência, perseverança, paciência como os lutadores em suas arenas. Mas, acima de tudo, é preciso munir-se com a grande arma do cristão: a Cruz, como fez São Francisco, diante das perseguições do pai, dos parentes e antigos amigos:

Munido das armas da confiança de Cristo e abrasado pelo calor divino, censurando-se de preguiça e não temor, expôs-se manifestamente às mãos e aos golpes dos perseguidores. Vendo-o, aqueles que antes o conheciam, vilmente o injuriavam, chamando-o de insano e demente e atiravam “nele lama das praças e pedras”. Vendo-o, pois, assim tão mudado quanto aos costumes antigos e consumido pela maceração da carne, imputavam à desnutrição e à demência tudo que fazia. Mas, o soldado de Cristo, passando por tudo isso como um surdo, não abalado ou mudado por nenhuma injúria, dava graças a Deus (LTC 17).

Mas, para munir-se de Cristo e sua Cruz é preciso desnudar-se do pecado. Foi o que quis dizer São Francisco ao desnudar-se diante de seu pai e do Bispo. Pecado significa, aqui, tudo o que pode separar-nos de Deus, do outro e de nosso íntimo mais profundo.

Conclusão

Todas as leituras de hoje vêm perpassadas por uma única mensagem: para viver em Deus e com Deus, precisamos imbuir-nos do espírito de luta e decidir-nos a cortar todas as nossas relações com o espírito do mundo para assim, livres, pôr-nos no seguimento de Cristo.

A paz que Cristo trouxe com sua Cruz não tem nada de comodismo, de conforto assentado nos bens perecíveis desse mundo. A paz evangélica não é ausência de conflito, muito menos afastamento do mundo do pecado, mas presença no meio das perseguições, das injustiças e das maldades humanas. Foi isso que Jesus quis dizer quando afirmou que não se podia *servir a dois senhores*.

Ouçamos nosso Papa Francisco:

Na nossa vida, exatamente como nas nossas sociedades, quando se coloca o dinheiro no centro de tudo, entramos numa lógica de sacrifício: seja qual for o custo humano ou o dano ao meio ambiente. A torre (de Babel) deve ser cada vez

mais alta. Mas, quando se coloca a dignidade das pessoas no centro, cria-se uma lógica nova: a lógica da misericórdia e do cuidado. Então, o que tem verdadeiro valor é reconduzido ao seu lugar de direito.

E arremata o Papa: *ou uma sociedade é voltada para uma cultura sacrificial – o triunfo dos mais fortes e a cultura do descarte – ou para a misericórdia e o cuidado. Pessoas ou tijolos: é hora de escolher* (Papa Francisco, *Vamos Sonhar Juntos, O Caminho para um Futuro Melhor*, Intrínseca, pág. 128).



21º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Is 66,18-21; Hb 12,5-7.11-13; Lc 13,22-30

Tema-mensagem: Virão homens do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugar à mesa da comunhão do Reino de Deus.

Introdução

No Domingo passado, celebrávamos o desejo e o empenho de Jesus para que seu amor, sua Paixão pelo Pai e seu Reino se acendesse no coração de seus discípulos. Hoje, além de anunciar que esse Reino é para todos os homens, dirá, também, que a porta para entrar nesse reino é estreita.

1. Um anúncio profético acerca da universalidade do Reino de Deus (Is 66,18-21)

Quem nos introduz na celebração do mistério desse Domingo é Isaías, o profeta da era escatológica ou messiânica. A perícopes, tirada do último capítulo de suas profecias, contém o anúncio de um evento maravilhoso e empolgante por parte do Senhor: *Eu, que conheço suas obras e seus pensamentos, virei para reunir todos os povos e línguas, eles virão e verão minha glória* (Is 66,18). Trata-se de um dos mais belos e queridos temas de Isaías: a manifestação universal da glória de Jahvé através de algo até então nunca ouvido: a participação de gentios (pagãos) como sacerdotes e

levitas na nova teocracia messiânica.

Assim, o exclusivismo judaico será totalmente superado pela inclusão e participação de todos os não judeus não só no culto e no sacerdócio, mas também e, principalmente, na missão de proclamar a mensagem acerca da universalidade do novo Reino de Javé: *Esses enviados anunciarão às nações minha glória e reconduzirão de toda parte, até meu santo monte em Jerusalém, como oferenda ao Senhor, irmãos vossos, a cavalo, em carros e leiteiras ...* (Is 66,19-20).

Ora, todos nós sabemos, agora, que essa profecia se cumpriu plenamente com a vinda de Cristo, mais precisamente com seu sangue derramado e ofertado ao Pai na Cruz em favor de todos os homens. Assim, na nova comunidade dos filhos de Deus, no novo Israel, todas as diferenças de raça, cor, língua ou religião são abolidas e superadas. Mais tarde, Pedro verá confirmada a maravilha desse mistério pela famosa e enigmática visão em Jope: uma toalha que descia do céu, repleta de animais impuros. Como bom judeu, embora tomado pela fome, se reusava tomar daqueles alimentos. Foi então que veio do céu a voz e a ordem: *Pedro, levanta-te, mata e come... não chames de impuro o que Deus purificou* (At 10,11-15). Em outras palavras não existem mais alimentos, pessoas, criaturas impuras porque Deus purificou tudo e todos

com o sangue de seu Filho bem-amado. Por isso, tudo e todos não apenas devem ser chamados de filhos de Deus, mas também tratados e venerados como tais porque o são de fato, de verdade.

Era essa a razão que levava Francisco reverenciar o sol, a lua, as criaturas todas, mas, principalmente as pessoas, fossem de que credo fossem, como os sarracenos, por exemplo, como irmãos, porque filhos do mesmo Pai (Cfr. Cântico do Irmão Sol)

2. O pai que corrige porque ama e o filho que deseja ser punido porque se sente amado (Hb 12,5-7.121-13)

Na segunda leitura, tirada da Carta aos Hebreus, o autor, falando aos judeus convertidos ao Cristianismo, recorda-lhes as honrosas consequências da graça de poderem fazer parte do novo Povo de Deus: *Já esqueceste as palavras de encorajamento que vos foram dirigidas como a filhos: “Meu filho não desprezes a educação do Senhor, não desanimes quando Ele te repreender?”* (Hb 12,5).

A intenção do autor é muito clara: que os cristãos devem descobrir e ter clareza acerca do sentido de seus sofrimentos, dores e contrariedades a que são submetidos diariamente: que são sinais do amor de Deus. Ou seja: *que Deus corrige a quem ele ama e castiga a quem aceita como filho... É para vossa formação que sofreis, é como filhos que Deus vos trata* (Hb 5,6-7).

Por mais contraditório que pareça,

o castigo e o sofrimento que nos são imputados por Deus por causa de nossos pecados são uma prova que somos seus filhos, pois pai, que é pai mesmo, não pode deixar de corrigir seus filhos. Só não corrige, não pune aqueles que lhe são estranhos. Por isso, todos nós reverenciamos nossos pais ou mestres, justamente, e também, pelos castigos que nos impuseram.

Ora, qual o objetivo ou a intenção dos pais ao punirem os filhos senão sua educação, isto é, abrir-lhes o caminho para a participação no banquete de uma vida digna, justa, honesta, alegre e feliz. Ora, aqui estamos diante do desfrute, não apenas na participação do banquete da vida humana, mas da vida cristã, isto é, da oferta da festa da comunhão com Deus e com os irmãos.

Todo esse desfrute só se dá na medida em que, a exemplo de Cristo, com Ele e como Ele, seguirmos o caminho não da justiça humana, mas da justiça divina que significa conformar-se sempre mais e melhor, não às medidas de nossa vontade própria, mas da vontade do Pai.

Mas, a razão fundamental, primeira e última, é de que aqui o autor está falando para discípulos de Jesus. Ora discípulo é aquele que vai atrás de uma pessoa movido pelo vigor da graça do encontro, do amor. E amar é sofrer! É sofrer porque sente que por mais que se doe ou sirva à pessoa amada, sempre ficará aquém, sempre será um devedor. Por isso, o mesmo autor diz que *Jesus nos dias de sua vida na carne... mesmo sendo Filho*

de Deus, aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu (Hb 5,7-8). Aliás, como não haveria de sofrer por Aquele que o chamara *de filho muito querido* (Mt 3,17)? É o mesmo sentimento que encontramos, depois, em São Francisco quando perguntado porque estava chorando, respondeu: “*Choro a Paixão do meu Senhor; e por Ele não deveria envergonhar-me de andar pelo mundo inteiro chorando em alta voz* (LT 14,6).

Ser discípulo de Jesus significa lutar contra seu único inimigo, diz Francisco, que é seu corpo pelo qual peca (Cfr. Ad 10). Por isso, castigá-lo, puni-lo, além de ser um meio de comungar dos sentimentos e sofrimentos do seu Senhor, será sempre, também e por isso, caminho de bênção e de perfeição.

3. A salvação final como graça da admissão ao banquete do Reino de Deus (Lc 13,22-30)

O Evangelho desse Domingo começa asseverando que *Jesus atravessava cidades e povoados, ensinando e prosseguindo o caminho para Jerusalém* (Lc 13,22). Sua caminhada, mais que a de um devoto judeu que vai à cidade santa cumprir suas obrigações religiosas, é a de um discípulo do Pai em cujo coração arde a paixão de anunciar seu Reino de amor, de perdão e de misericórdia em favor dos pobres, doentes, prostitutas e pecadores e de realizá-lo cumprindo sua vontade até a morte e morte de Cruz.

3.1. Uma pergunta polêmica e uma resposta rigorosa

É, então, que entra em cena alguém com uma pergunta muito comum, embora indevida: “*Senhor; é verdade que são poucos os que se salvam?*” (Lc 13,23).

A pergunta vem fortemente marcada pela polêmica em torno da rejeição dos judeus e da admissão dos gentios na Igreja. Lucas, então, aproveita a ocasião para catequizar os discípulos acerca de um dos temas ou mensagens fundamentais de Jesus: a salvação universal. A pergunta, porém, embora muito comum entre os fariseus daquele tempo e, muitas vezes, também entre nós, é indevida, imprópria, nada adequada. A missão de Jesus não era satisfazer a curiosidade das pessoas acerca desse assunto – o número dos que se salvam – mas, convocá-las ao seguimento do Pai. Por isso, sua resposta não podia ser mais certa: “*Fazei todo esforço possível para entrar pela porta estreita...*” (Lc 13,24). Eis a única coisa que verdadeiramente importa a um discípulo. Tudo o mais é inútil e vão.

Um judeu fiel, certamente teria respondido que só se salvariam os verdadeiros judeus, isto é, os observantes da lei e que se condenariam os falsos judeus, transgressores da lei e das tradições e os pagãos. Mas, talvez e provavelmente, também hoje, nós, diríamos algo semelhante: se salvarão os cristãos ou católicos praticantes e serão condenados os cristãos e

católicos relapsos, juntamente com todos os que estão fora da Igreja.

Por isso, é necessário que volte-mos ao Evangelho. Para um seguidor de Jesus o que importa não são dados estatísticos acerca do número de pessoas que se salvam, mas firmar-se cada vez mais no seu seguimento através do caminho da renúncia a todos os outros caminhos. Ora, esse é, hoje, certamente, um dos desafios mais frequentes e comuns para nós, cristãos. Vivemos, hoje, em meio a uma sociedade, a uma cultura “permissivista”, “amoral” segundo a qual tudo é permitido, podendo cada um seguir os ditames de sua própria consciência. Os falsos ídolos – o consumismo que coloca em primeiro lugar as coisas em detrimento das pessoas, a produção, o lucro a qualquer preço, o sexismo, etc. – nos acossam em toda a parte, de todos os lados e em todos os momentos. Por isso, o cristão precisa, mais do que em outros tempos, colocar o fundamento de sua fé Naquele que proclamou: *“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem”* (João 10,9).

3.2. A salvação como vigor da graça do banquete do amor, do encontro

Depois da resposta, Jesus faz um alerta muito sério e grave: *“muitos tentarão entrar e não conseguirão”*. E não adianta argumentar ao dono da casa, que fechou a porta, dizendo-lhe: *“Nós bebemos e comemos diante de*

ti e tu ensinaste em nossas praças”. Ele, porém, responderá: *“Não sei de onde sois. Afastai-vos de mim todos vós que praticais a injustiça”* (Lc 13,26-27).

É muito evidente que Jesus está se referindo, em primeiro lugar, aos próprios judeus que, embora ouvindo suas palavras, comendo junto a mesma mesa, todavia não se converteram, não aceitaram a mensagem Dele, principalmente referente à justiça divina.

Paradoxalmente, a justiça divina é uma “não-justiça”, porque contraria toda e qualquer justiça humana cujo princípio é dar a cada um o que lhe pertence, compete ou o que merece. Mas, se Deus agisse assim conosco, estaríamos todos dupla e irremediavelmente condenados e perdidos. Primeiramente, porque tudo o que temos ou somos, como a própria vida, nos é dado de graça e ininterruptamente. Em segundo lugar, porque nos tornamos mais destruidores e poluidores da criação do que seus pastores e cuidadores. O que será, então, a justiça divina senão a medida justa, adequada, que nasce do coração infinitamente misericordioso e magnânimo do próprio Deus e não do homem? Medida essa que rege o novo Céu e a nova Terra e cuja inauguração se deu com a entrada do próprio Filho de Deus no coração do homem e do mundo; medida que culmina com todo seu brilho e glória na grande, boa e transbordante medida sem medidas da Cruz (Cfr. Lc 6,38; Fl 2,6-11).

Salvação, então, tema central desse Evangelho, se constitui essen-

cialmente em dispor-se a acolher, comungar do banquete da misericórdia de Deus. Uma misericórdia que vinda ao nosso encontro, chamando-nos pelo nosso próprio nome, nos tira da solidão. Não estamos mais sozinhos. A morte da solidão foi vencida pela graça e pela alegria do chamado. Tudo então vira festa, banquete. Por isso, o Reino de Deus é simbolizado por um banquete, um lugar de encontro e de comunhão. Banquete que não é comprado, contudo oferecido e dado. Mas, que precisa ser recebido.

Vem, então, a conclusão final desse discurso: “*Virão homens do oriente...*” (Lc 13,29-30). A partir da nova justiça divina – Jesus Cristo crucificado – todos os homens estão diante de Deus como irmãos de Jesus Cristo e, portanto, como filhos do mesmo Pai. Israel, infelizmente, perdera o significado de sua dignidade de Povo de Deus que era o de proclamar a todos os homens que não é o princípio da mesma origem natural que fundamenta a unidade e a igualdade entre os homens, nem a pertença a uma raça ou religião, mas o encontro com o mesmo Senhor e Pai.

Conclusão

O 21º Domingo do Tempo comum nos leva, primeiramente, à festiva celebração da universalidade do banquete do Reino, do amor de Deus.

Quando, a exemplo de São Francisco, trocamos nosso olhar pelo olhar do Evangelho, nos damos conta do brilho, do reflexo de Deus Pai

em todas as pessoas, povos, raças e nações. *Isto gera a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde* (LS 89).

Em segundo lugar, o olhar do Evangelho nos leva a tomar consciência de que a graça do seguimento de Cristo e nossa salvação nada tem de mágico ou barato. É, antes, graça cara. Tão cara que custou a morte de um Deus feito homem. Jesus é o primeiro convidado que entrou para o banquete do Reino do Pai, passando pela porta estreita da Cruz. Uma graça oferecida a todos, sem nenhuma distinção ou discriminação. Oferecida, mas não imposta ou exigida. Daí a exortação de São Francisco aos seus frades:

“Confortai-vos no Senhor e no poder de sua virtude e vos será fácil tudo o que for difícil. Deponde a carga da vontade própria, jogai fora o peso dos pecados e cingivos como homens fortes. Esquecidos das coisas que ficaram para trás, tendei para aquelas que estão à vossa frente. Digo-vos que todo lugar que vosso pé calcar, será vosso. Pois, há um espírito diante da vossa face, o Cristo Senhor. Ele vos atrai até o cume do monte em vínculos de caridade” (SC 3,6-9).



22º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Eclo: 3,19-21.30-31;
Hb 12,18-19.22-24ª; **Lc** 14,1.7-14

Tema-Mensagem: No banquete da gratuidade da Boa Nova, do novo amor que é Deus, o primeiro sempre se faz o último e o maior, o menor, o senhor servo.

Introdução

Depois de ter-nos convocado a buscar o Reino de Deus, entrando pela porta estreita (21º Domingo do TC – Ano C), a Boa Nova de Jesus, neste Domingo, é a de que sigamos seus passos trilhando o caminho da humildade, pois, na dinâmica do banquete do seu Amor, o primeiro sempre se faz o último, o senhor servo e o maior o menor.

1. Sempre a humildade, jamais a soberba (Eclo: 3,19-21.30-31)

A primeira leitura, que a Igreja proclama neste Domingo, é tirada do livro do Eclesiástico, mais precisamente, do capítulo terceiro, no qual o antigo mestre Sirácida, em forma de sentenças breves, exorta os eleitos de Deus a escolherem sempre o caminho da humildade, jamais o da soberba. O próprio autor segue esse caminho, apresentando-se não como mestre, mas como pai. Por isso, começa dizendo: “Filho...”.

A perícopes estrutura-se em duas partes bem distintas. A primeira –

versículos 19 a 21 – gira em torno dessa sentença: *Na medida em que fores grande, deverás praticar a humildade, e assim encontrarás graça diante do Senhor.*

Podemos compreender o significado dessa sentença, partindo do significado etimológico de humildade. Humildade é um termo que tem sua origem na palavra latina “humus”, que significa terra. Humildade significa, portanto, o vigor que vem da terra e ser humilde é viver seguindo, imitando esse vigor. Trata-se, pois, de um modo de ser semelhante ao vigor da terra ou do céu, um vigor grande, imenso, inesgotável, mas sereno, teno, que acolhe tudo e a todos de modo transparente e cordial. A ninguém se impõe e de nada se apossa. Ao contrário de alguém que esbanja poder ou autoridade, o humilde, como nossa irmã a mãe terra, deseja e sente-se feliz em poder servir com abnegação e alegria a tudo e a todos que encontrar, sem nenhuma discriminação.

Por isso, também, a modo da terra, o verdadeiro humilde jamais sabe ou pensa que seja humilde, muito menos fará da humildade moeda de troca ou de compra, de elogios ou de qualquer outra vantagem pessoal.

Por isso, o verdadeiro humilde sabe viver alegre, desprendido e feliz, sem nenhuma alteração, em meio à fartura ou carência, em meio a coisas elevadas como em meio a coisas baixas e insignificantes. Isso porque não

são as coisas que criam a humildade ou a soberba, mas o olhar, o sentir. Portanto, quem deve ser transformado e convertido é nosso olhar, nosso coração e não as coisas. Transformar nosso olhar de chefe, senhor, patrão, para o olhar de filho e de irmão. Hitler nunca deixaria de ser prepotente, nunca se tornaria humilde, mesmo se tivesse que viver na mais absoluta miséria. Do mesmo modo, um São Francisco nunca deixaria de ser humilde se tivesse que viver em palácios de príncipes e reis.

Por isso, *a humildade é boa de fora a fora, firme em todos os sentidos. Mesmo assim ela nunca tem consciência de si própria. Então, reina alegria e o coração permanece sempre o mesmo, por mais que se transformem as coisas em elevadas ou baixas, grandes ou pequenas* (Lutero, Martin, *Magnificat, o Louvor de Maria*, pág. 48).

Eis o caminho, o modo de ser – a sabedoria – do Senhor e que, necessariamente, deve ser também o caminho – a sabedoria – que deve ser buscado pelos seus fiéis. Por isso, Sirácida conclui seu discurso com essa sentença: *Grande é o poder do Senhor; mas Ele é glorificado pelos humildes* (Eclo 3,21).

2. A proximidade de Cristo, raiz da existência cristã (Hb 12,18-19.22-24^a)

A segunda leitura, tirada da Carta aos Hebreus, mostra a humildade de Deus revelada em Jesus Cristo. Para

isso, traça um paralelo entre a raiz da existência antiga, a dos hebreus e a raiz da existência nova, a dos cristãos. A existência antiga nascia de um Deus que metia medo: *Vós não vos aproximastes de um fogo palpável e ardente, de nuvens negras, trevas, tempestades, som de trombeta e daquela voz tão terrível que os ouvintes suplicaram que não continuasse* (Hb 12,18-19). O medo era tanto que *não suportavam mais o que era ordenado* (idem, 20).

Como haveria, então, o homem de aproximar-se de um Deus tão terrível e assim poder ser salvo por Ele? A resposta judaica foi a observância da Lei dada por Javé no monte Sinai. Quem a observasse fielmente não haveria de temer nenhum juízo de Deus. Mesmo assim, isto é, mesmo seguindo o caminho da perfeita observância da Lei, com essa compreensão de Deus, sempre foi e sempre será muito difícil dissipar inteiramente o terror.

Daí a insistência do autor da Carta: *Mas, vós vos aproximastes do monte Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste...* (Hb 12,22). E no final ele dá a razão pela qual o cristão não precisa temer aproximar-se desse lugar tão maravilhoso: a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste, a reunião festiva de milhões de anjos: *Vós vos aproximastes do mediador do novo testamento, Jesus, e da aspersão do sangue mais eloquente do que o de Abel* (Hb 12,24). Assim, a compreensão de um Deus poderoso, exigente, julgador e vingativo é substituída por uma visão inteiramente

oposta: um Deus que se doa, se entrega até à morte e morte de Cruz de seu Filho único, *Jesus, mediador da nova aliança* (Hb 12,24). Como, pois, ter medo de um Deus que vem a nós de modo tão humilde, aniquilado, crucificado!?

Falando da raiz da graça que nos faz tão próximos de Deus e de todos aqueles que participam do banquete do casamento de seu Reino de amor e de serviço, assim se expressa São Francisco:

“Ó filhos dos homens, até quando tereis o coração pesado?” Por que não reconheceis a verdade e não “credes no Filho de Deus?” Eis que todos os dias, Ele se humilha, assim como quando desceu “do trono real” para o útero da Virgem; cada dia, vem a nós, sob a aparência humilde; cada dia desce do “seio do Pai” sobre o altar, nas mãos do sacerdote. E como se mostrou aos Santos Apóstolos em verdadeira carne, assim, de igual modo, se mostra a nós no pão sagrado. E assim, vendo a sua carne, eles viam apenas a carne Dele, mas contemplando-O com os olhos espirituais, criam ser Ele o próprio Deus; assim também nós, vendo o pão e o vinho com os olhos corporais, vejamos e creiamos firmemente ser Dele o santíssimo corpo e sangue

vivo e verdadeiro. E desse modo, o Senhor está sempre com seus fiéis, como Ele mesmo diz: “Eis que estou convosco até a consumação do século” (Ad 1,14-22).

3. O Primeiro se faz o último (Lc 14,1.7-14)

A Boa Nova desse Domingo, tirada do Evangelho de Lucas, começa assim: *Aconteceu num dia de sábado, Jesus foi comer na casa de um dos chefes dos fariseus. E eles o observavam*” (Lc 14,1).

Estamos num sábado, dia de celebrar a aliança, o encontro com Deus e com os irmãos, dia de festa e, por isso, também, dia dos banquetes. Os banquetes, naquele tempo, mais que saciar a fome corporal, tinham como motivação maior alimentar o espírito. Eram encontros em que se conversava e se discutiam assuntos importantes acerca do sentido da vida, da situação política, da religião ou de pessoas importantes.

Jesus, então, aproveita a ocasião para anunciar um dos princípios mais importantes e básicos de sua Boa Nova. Notando como os convidados se afadigavam para ocupar os primeiros lugares, conta-lhes uma parábola que tem como mensagem central a gratuidade da vida. A nova humanidade, que ele veio inaugurar, se fundamenta no mistério da gratuidade de Deus, seu Pai, que nos dá seu próprio Filho como comida

e bebida. Por isso, a humanidade, a assembleia cristã, não pode jamais tornar-se uma casta de privilegiados ou de pessoas que pretendem levar vantagens ou vencer na vida a todo custo, mesmo com prejuízo dos outros.

As sentenças de Jesus, cada vez mais radicais, desconcertam a estrutura mental dos comensais de todos os tempos, também de cada um de nós. Como não querer os primeiros lugares, não querer crescer na vida; como, em nossas festas, não convidar os amigos, os irmãos, os parentes, os vizinhos, os famosos e ricos? A proposta de Jesus parece contrariar as leis da natureza que nos falam da importância de amar, cuidar de nossos familiares, amigos e próximos. O próprio Jesus fez isso com Lázaro, Marta e Maria.

Talvez, Jesus, não esteja rejeitando o cultivo desses laços, mas condenando aqueles que por causa deles se fecham, formando guetos, excluindo os outros, principalmente, o pobres, os cegos, os aleijados, os coxos, os desamparados, isso é, aqueles que deveriam ter a primazia sobre os primeiros.

A novidade da raiz do novo reino assenta-se na pura gratuidade, que procura ser amigo sem esperar amizade, amar sem ser amado, pois esse é o modo de ser de Deus, revelado por Jesus Cristo, crucificado, a quem queremos e devemos imitar. Por isso, Jesus conclui seu discurso: *“Então, tu serás feliz! Porque eles não podem te retribuir. Tu receberás a recompen-*

sa na ressurreição dos justos” (Lc 14,14). Na festa da nova humanidade, que é a festa da nova vida, o novo ordenamento entre os homens não pode mais assentar-se na lei do “do ut des”: te dou para que me dês, te convido esperando que me convides, te ajudo na expectativa de que me ajudes, te amo para que me ames. Essa atitude rompe com o suave vigor da alegria da gratuidade da vida, introduzindo a tristeza e a amargura da escravidão para quem a pratica e, também, para os outros.

Infelizmente, no mundo “civilizado” de hoje, quase nada mais é gratuito. Tudo é mercantilizado segundo a lei da produção e do consumo. Qualquer serviço tem seu preço. Por isso, Jesus hoje nos convida a refletir sobre a verdade última de nós mesmos e de nossa conduta que se opõe radicalmente a esse princípio.

Esquecemos que somos dons, presentes, filhos da gratuidade que, como tais, deveríamos nos comportar e viver dando de graça por que de graça tudo recebemos. Por isso, mais rico será o homem não quanto maiores recompensas receber por causa de seus investimentos, mas pelos gestos de gratuidade que fizer, pelos atos de desprendimento de si em favor dos outros, pois neles e por eles mais se aproxima de sua identidade de filho Daquele que é pura Graça, puro Dom, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Eis sua recompensa! Não para o futuro, mas no próprio ato de se doar.

Conclusão

Humildade e gratuidade, duas irmãs gêmeas que andam sempre de mãos dadas. Onde vigora a primeira nasce a segunda e onde a segunda se faz presente, tudo e todos se irmanam no vigor da alegria e da graça de serem irmãos. Por isso, animados pelo mistério de Cristo, o Primeiro que se fez o último, o Maior que se fez o menor, o Senhor que assumiu a condição de escravo e incentivados pelo exemplo de vida de São Francisco, dois belos ensinamentos, dois importantes exercícios poderiam revigorar nossa vida cristã.

Primeiramente, o exercício da humildade. Numa época em que a competição desenfreada, a concorrência a qualquer preço, o “estar por cima” de tudo e de todos, de modo soberbo e orgulhoso, se tornou um ídolo que corrói a simplicidade da vida fraterna em todos os setores e níveis, até mesmo da Igreja, vale olhar e meditar São Francisco quando fala do “Humilde Servo de Deus”:

Bem-aventurado o servo que não se tem por melhor, quando é engrandecido e exaltado pelos homens do que quando é tido por vil, simples e desprezado. Porque, quanto é o homem diante de Deus, tanto é em si mesmo e nada mais. Ai daquele religioso que é enaltecido pelos outros e por própria vontade não quer descer. E bem-aven-

turado aquele servo que não se enaltece por própria vontade e sempre deseja estar sob os pés dos outros (Ad19).

Em segundo lugar, a gratuidade. Numa época em que tudo se mercantiliza, até mesmo o espírito, a Religião, São Francisco nos ensina a repelir o ídolo da ganância e do utilitarismo através desse admirável “fioretti”:

Numa outra vez, encontrou um homem que levava para uma feira dois cordeirinhos amarrados e presos ao seu ombro. Ao ouvi-los balir, São Francisco se comoveu, aproximou-se e demonstrou sua compaixão, acariciando-os como faz a mãe com o filho que chora. E disse ao homem: “Por que estás maltratando desse jeito os meus irmãozinhos, assim amarrados e pendurados?”. Ele respondeu: – “Vou levá-los para vender na feira, porque preciso do dinheiro”. E o Santo disse: – “E o que vai acontecer com eles depois?” “Quem comprar vai matá-los e comer”. – “De jeito nenhum, isso não vai acontecer. Leva como pagamento a minha capa e me dá os cordeiros”. O homem entregou os animazinhos com muita alegria e recebeu a capa, que valia

muito mais, e que o Santo tinha recebido emprestada de um homem piedoso, naquele mesmo dia, para se defender do frio. O Santo, quando recebeu os cordeirinhos, ficou pensando o que fazer com eles. Seguindo o conselho do Irmão que

o acompanhava, devolveu-os ao mesmo homem para cuidar deles, mandando-lhe que nunca os vendesse nem lhes fizesse mal algum, mas que os conservasse, alimentasse e tratasse com carinho” (1C 94).



23º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sb 9,13-18; Fm 9b-10.12-17; Lc 14,25-33

Tema-mensagem: Grande seguimento > grande abnegação > grande renúncia.

Introdução

Celebramos, neste Domingo, os desafios e as exigências da graça de sermos cristãos, isto é, seguidores de Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo. Poderíamos chamá-lo de “O Domingo dos desafios do cristão”

1. Os desígnios de Deus, conhecidos somente pela graça da Sabedoria divina (Sb 9,13-18)

Quem nos introduz na celebração desse Domingo é o livro da Sabedoria. O trecho, proclamado hoje, começa com uma das mais angustiantes questões para um homem religioso: *Qual o homem que pode conhecer os desígnios de Deus? Ou quem pode imaginar o desígnio do Senhor?* (Sb 9,13).

Entregues a nós mesmos, embora os últimos e admiráveis avanços tecnológicos e científicos, tudo o que sabemos dos mistérios de nós mesmos e do nosso mundo é ainda muito fugaz e não passa de um grão de areia em comparação com a verdade mais radical do mistério do homem

e da criação. Por isso, diz o autor da Sabedoria: *Na verdade, os pensamentos dos mortais são tímidos e nossas reflexões incertas...* (Sb 9,14). Mas, o autor, além de apontar para esse fato, dá também sua razão: *porque o corpo corruptível torna pesada a alma e a tenda de argila oprime a mente que pensa.* (Sb 9,15).

Ora, se essa é a situação do conhecimento do homem em relação às realidades desse mundo, o que dizer do conhecimento acerca das realidades de Deus? Por isso, diz o bem-aventurado Frei Egídio:

Todos os sábios e Santos que existiram, existem e existirão, que falaram ou falarão de Deus, não disseram e nunca dirão – em comparação com o que Ele é – mais do que a picada de uma agulha, em comparação com o céu e com a Terra e com todas as criaturas neles existentes e, mil vezes menos. Em verdade, toda a Sagrada Escritura nos fala como que balbuciando. Como a mãe balbucia com seu filho pequenino, porque de outro modo, ele não pode compreender as palavras (DE 2).

Como haverá, pois, o homem de investigar as coisas do céu? A resposta é dada pelo próprio autor: *Ninguém teria conhecido o desígnio do Senhor*

sem que Esse lhe desse Sabedoria e do alto lhe enviasse seu santo Espírito (Sb 9,17). A lógica é muito simples: o que está acima de nós, só pode ser conhecido por Aquele ou Alguém que está acima de nós, isto é, por uma luz que seja superior a nós. Como nós não temos essa luz, ela tem que nos ser dada. Por isso, conclui o autor sagrado: *Só assim se tornaram retos os caminhos dos que estão na terra e os homens aprenderam o que te agrada, e pela sabedoria foram salvos* (Sb 9,18).

Falando desse caminho, assim se expressa São Francisco: *Por isso, Deus não pode ser visto senão no Espírito porque o mesmo Espírito é que vivifica, a carne de nada serve* (Ad 1).

Sabedoria e Espírito Santo na Sagrada Escritura andam sempre juntos, num paralelismo perfeito. Esse é o dom maior que marca a caminhada da história dos homens rumo ao mistério da Trindade divina, revelado por Jesus Cristo, a Sabedoria e a salvação divina em Pessoa; Sabedoria ou Espírito que, do alto da Cruz, na hora de sua morte, inclinando a cabeça em sinal de reverência ao mistério maior, expirou e inspirou sobre todas as criaturas.

2. Não à escravidão, sim à fraternidade (Fm 9b-10.12-17)

A segunda leitura é tirada da Carta, mais precisamente do Bilhete de Paulo ao seu amigo e colaborador, Filêmon, como ele, um *velho e prisio-*

neiro de Cristo. O conteúdo da Carta é um pedido de Paulo em favor de seu filho espiritual Onésimo a quem gerou para Cristo na prisão. Tudo indica que Onésimo havia fugido do patrão Filêmon, depois de um roubo (Cfr. Fm 1,18). Em situação desconhecida, Onésimo conheceu Paulo e, pelo testemunho desse, acabou por se converter a Cristo (Cfr. Fm 1,10).

Paulo, então, solicita a Filemon que receba seu escravo de volta não mais como escravo, mas como irmão. Para isso fundamenta seu pedido na força originária da nova sociedade inaugurada por Cristo, da qual ele se tornou um dos mais destemidos pregadores: a liberdade evangélica, segundo a qual não existe mais nem grego nem judeu nem escravo nem livre, mas somente *irmãos em Cristo*. Vale a pena ver com que ternura Paulo trata, tanto a Filêmon como a Onésimo: *Se ele te foi tirado por um tempo, talvez seja para que o tenhas de volta para sempre, já não como escravo, mas muito mais que isso, como um irmão muito querido, muitíssimo querido para mim quanto mais ele o for para ti, tanto como pessoa humana quanto como irmão no Senhor* (Fm 9,15-16).

Em seu pedido, porém, Paulo não quer constranger em nada o amigo e colaborador. Por isso, acrescenta: *Mas, eu não quis fazer nada sem o teu parecer, para que a tua bondade não seja forçada, mas espontânea*. De novo, como sempre, o medo de Paulo de ferir o dom maior: a liberdade evangélica.

3. Seguir Jesus Cristo, a graça de todas as graças (Lc 14,25-33)

O Evangelho de hoje começa testemunhando que *grandes multidões acompanhavam e seguiam Jesus* (Lc 14,25). Entre esses estamos nós.

3.1. Exigências e desafios para seguir Jesus Cristo

O seguimento de Cristo, porém, não acontece sem mais e nem menos. Tem suas exigências ou desafios assim enunciados por Ele mesmo, na versão original: *“Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe e sua mulher e seus filhos e seus irmãos e suas irmãs, e também sua própria alma, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14, 26).

3.1.1. Odiar seu pai, sua mãe

Como se vê, na versão original, a fala de Jesus é ainda mais contundente do que a que ouvimos hoje. Em vez de “se desapegar” Ele fala em “odiar” os membros da própria família. Estamos diante de uma sentença que sempre tem “escandalizado” milhares de cristãos. O Evangelho soa de modo estranho para o homem natural, o homem psíquico-anímico. Parece um absurdo ou pelo menos um anômalo ou um louco: manda amar os inimigos e odiar os familiares. Eis o paradoxo da mensagem cristã!

Realmente, Cristo torna-se um sinal contraditório e uma pedra de escândalo para aquele que não se abre

a Ele na fé. Mas, a partir da graça do encontro e da fé do seguimento, a pedra de escândalo torna-se pedra angular de edificação, e o paradoxo se abre para um sentido superior a tudo o que já sabemos ou pretendemos saber. Na verdade, essa sentença está aí no centro da pregação de Cristo como um dos fatores mais fecundos de sua mensagem: a possibilidade de *“receber cem vezes mais pais, irmãos e irmãs, casas, terras e bens, etc. já no tempo presente e no mundo vindouro a vida eterna”* (Cfr. Mc 10,30).

“Família”, aqui, além de pai, mãe, filhos, irmãos, etc., significa também o clã, a raça que nos proporciona benefícios, segurança, glórias ou a nação, o povo com o qual partilhamos a busca de um destino e bem-estar comum nesse mundo. Ora fechar-se no amor dessa “família” assentada sobre laços de sangue, interesses de uma raça, sobre funções de um partido político, sobre fronteiras de um Estado ou povo que se absolutiza, sim, fechar-se nesses limites significa confundir amor com egoísmo, o bem dos outros com os próprios interesses; significa, sem mais e nem menos, pura e simplesmente, morte.

É justamente para fugir dessa morte que o Papa Francisco exorta os povos “ricos” para que abram as portas e saibam acolher e integrar em seu meio os milhares de desabrigados e refugiados que fogem da fome, da pobreza, guerras e perseguições. Pois, essa é justamente a Boa Nova de Cristo: criar uma nova humanidade, assentada no cultivo de um amor

que derruba as fronteiras desse mundo, como Ele fez enquanto viveu entre nós.

Só nessa medida é que seremos seguidores de Cristo, “universais”, “católicos”. Então sim, quando formos abrasados e purificados pelo fogo desse encontro universal e criador com todos, fará sentido o amor mais restrito de uma família ou de uma raça. Nesse caso a família será um fogo do qual sairão labaredas do verdadeiro amor de Cristo que a todos acolhe e ama e por todos dá sua vida. Por isso, São Gregório dizia que esse é um “ódio” divino que nasce da caridade e não da paixão egoísta, que gira em torno de si mesmo e de seus próprios interesses.

3.1.2. Perder a própria vida

Esse ódio que provém da verdadeira caridade é tão radical que implica e subsume até mesmo nossa vida, nossa “alma” (*psyché*), no texto original. No Evangelho de João, Jesus nos põe diante de um paradoxo: “*quem ama sua alma perde-a, e quem odeia sua alma, nesse mundo, guarda-a para a vida eterna*” (Jo 12,25). Mestre Eckhart, comentando essa passagem, parafraseia: *Quem ama sua alma, nessa vida mortal, como ela é nesse mundo, perde-a na vida eterna; mas quem a odeia, como ela é mortal e nesse mundo, resguarda-a para a vida eterna.* É preciso, pois, odiar a própria alma como e quando ela se apresenta, esquecendo-se de ser de Deus e semelhante a Ele; como e quando é tomada pelo mundo, atirada

na fugacidade das ambições dos bens terrenos. Só então poderá ser amada como ela pode ser no melhor dela mesma. Hoje, nós diríamos: é preciso odiar a própria vida perdida na inautenticidade de sua subjetividade mundana, para poder amá-la em sua destinação autêntica e assim se torne uma vida verdadeira segundo o vigor de sua origem: o Pai do Céu.

3.1.3. Carregar sua cruz e andar atrás de Jesus

Depois do ódio aos próprios familiares, Jesus fala da necessidade de “*ir atrás Dele, cada um carregando sua cruz*” (Lc 14, 27). Quem quiser seguir a Cristo precisa assumir a solidão da cruz e a cruz da solidão, suportando-a num movimento de passagem, de êxodo, “desse mundo para o Pai”. Carregar a própria cruz, significa, abandonar-se inteiramente no seguimento de Jesus Cristo como Ele se abandonou no seguimento da vontade de seu Pai; significa deixar-se conduzir ao abandono de toda auto segurança e de toda auto justificação. Eis a oferenda, o verdadeiro sacrifício que realmente agrada a Deus. Cruz ou sacrifício que, ao contrário dos exercícios ascéticos dos fariseus, significa abandono de querer possuir a gratuidade como uma conquista própria. É abertura para recebê-la como presente divino: pura abnegação. *Todo o empenho da abnegação tende, portanto, a desintegrar o bloqueamento do eu, para que liberte o seu vigor na abertura da acolhida do radical próprio de nós mesmos, da*

cordialidade do Deus de Jesus Cristo, cuja essência é a gratuidade (Harada).

3.1.4. Seguir a Cristo, um empreendimento duro e custoso

Também aqui, Jesus procura esclarecer seu ensinamento com exemplos ou parábolas. As duas parábolas de hoje falam do cálculo e da espreiteza dos homens desse mundo. Quem se propõe construir uma casa examina bem, antes, os recursos de que dispõe a fim de poder levá-la até o fim. O mesmo diga-se de um rei que queira começar uma guerra. O ensinamento é simples: seguir Jesus Cristo é um empreendimento árduo, arriscado e muito custoso. Se os empreendimentos desse mundo exigem despesas, gastos, planejamentos e sacrifícios, como pretender seguir a Jesus Cristo de qualquer jeito ou sem nenhum jeito, na pura sorte, sem nenhuma disciplina, sem nenhuma ordem, trabalho, custo ou fadiga!?

O seguimento de Jesus Cristo, essência do ser cristão, é graça e dom de uma conquista. Não se recebe sem empenho, sem luta, sem trabalho. Por isso, Kierkegaard, pensador cristão dinamarquês, lamentava como, em seu tempo, o ser cristão era banalizado na cristandade. Considerava-se a fé como um dado de fato, cultural, e não convocação para uma tarefa para toda vida. Diz ele:

Nos tempos antigos a situação era diferente: então a fé era uma tarefa para toda a vida, porque se estava

convencido que a prática do crer não se adquiria em poucos dias e em poucas semanas”.

Por isso, só haverá seguimento de Cristo se ele for assumido como graça cara e preciosa, jamais como “graça barata”: *a graça barata é a graça sem seguimento, graça sem cruz, graça sem Jesus Cristo vivo, encarnada* (Bonhoeffer).

3.2. Renunciar > re-anunciar

Terminadas as parábolas, vem a conclusão de Jesus: *“Do mesmo modo, portanto, qualquer um de vós, se não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14,31). O que no início chama de ódio, agora, no fim, chama de renúncia.

Isso significa que a partir do chamado, o discípulo já não vive mais a partir do mundo e de suas significâncias e valores, mas a partir de Cristo e do seu seguimento. Renunciar não significa desinteressar-se do mundo, mas direcioná-lo segundo os princípios do Reino de Deus. Entre esses princípios está o do cuidado, do pastoreio de todas as criaturas como irmãs (São Francisco); está, também, o princípio da destinação universal de todos os bens terrestres, pois *a terra é, essencialmente, uma herança comum cujos frutos devem beneficiar a todos* (LS 93).

Nesse sentido a renúncia evangélica passa a ser um **re-anúncio**. Ou seja, aquele que segue a Jesus tem a graça de re-anunciar uma nova identidade de si mesmo e das coisas desse

mundo e receber de volta uma nova alma que o leva à comunhão com tudo e com todos, não mais a partir do seu eu, de sua gente, da sua vontade própria, mas sim a partir da leveza da graça do encontro e da comunhão com Aquele que é a raiz, a fonte, a origem da nova Humanidade e da nova Criação. Nesse sentido, a renúncia não tira, mas dá: dá a graça de uma nova alma que nos leva a viver **da, na, e para a gratuidade** de Deus > Jesus Cristo crucificado.

Conclusão

Desde o Vaticano II, a Igreja, nós, cristãos, estamos tomando consciência, cada vez mais clara e exigente, que não basta ser cristão só de nome, nem mesmo ser um “católico praticante”. A exemplo de São Francisco – proposto pelo nosso Papa como modelo de restauração da Igreja e do mundo – é preciso que sigamos os passos de Jesus, que imitemos seus gestos, seus feitos e suas obras; que procuremos e cultivemos, acima de tudo, seus sentimentos, seus desejos e sua grande Paixão pelo Pai e pelos homens, principalmente pelos mais sofredores e desamparados. Ser seguidor de Cristo significa, assim, *tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele e de procurá-Lo dia a dia, sem cessar* (EG 3). Eis a graça mais preciosa, a redescoberta mais importante e a exortação mais incisiva que a Igreja vem se propondo e nos fazendo hoje. Pois, poder seguir Jesus Cristo não é seguir qualquer

um, mas seguir o Senhor dos senhores, o Mestre dos mestres, o Filho do Deus vivo, Aquele que tem palavras de vida eterna. Eis o sentido dos ditos evangélicos desse Domingo.

Em si, o significado desses ditos é muito simples. Tomemos o exemplo de São Francisco. Quando quis fazer-se cavaleiro teve de abandonar sua alma, vender todos os seus bens de comerciante e assumir a alma da nobreza cavaleiresca. Depois, quando sentiu o chamado do Senhor, teve que, mais uma vez, desfazer-se de todos os seus bens, abandonar, “odiar”, trocar sua alma de cavaleiro, de filho de Pedro Bernardone, para assumir a disposição, o ânimo, o espírito, a alma do Crucificado, de filho do Pai do Céu. O mesmo diga-se de um plebeu que desejasse tornar-se rei: terá que sacrificar sua mesquinha alma de plebeu, substituindo-a pela alma de rei. Ou, como o solteiro que casa, ele tem que sacrificar sua alma de solteiro para assumir a alma de casado. O mesmo diga-se do secular que deseja a vida de sacerdote ou consagrado. Terá que “odiar” sua alma de secular ou de mundano para ganhar e salvar a alma de sacerdote ou consagrado.

Poder seguir Jesus Cristo é graça custosa, mas também jubilosa; é exercício diário de amor e doação. Por isso, diz nosso atual Papa: *Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos Bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor.*



24º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Ex 32,7-11.13-14;
1Tm 1,12-17; Lc 15,1-32

Tema-mensagem: Misericordiosos como o Pai é misericordioso.

Introdução

Mais que em outros Domingos, a celebração de hoje nos leva ao coração de toda a Boa Nova. Através de três belas e comovedoras parábolas – a ovelha, a moeda e o filho, que estavam perdidos e foram reencontrados – Jesus faz irromper no mundo de hoje a verdade mais profunda de seu Deus e nosso Deus, de seu Pai e nosso Pai: a misericórdia divina.

1. Misericórdia a mãe da nova humanidade (Lc 15,1-32)

O fato de elaborar três parábolas para revelar a misericórdia do Pai revela o quanto importa para Jesus que essa mensagem chegue até o coração e o cotidiano de todos nós.

1.1. O ponto de partida

O ponto de partida e a razão, que sustenta todas essas parábolas, vêm apresentado como um contraste alegre e triste, edificante e decepcionante ao mesmo tempo. Se, de um lado, *os publicanos e pecadores aproximavam-se de Jesus para o escutar* (Lc 15,1), de outro lado, os fariseus e mestres da lei criticavam Jesus: *“Esse homem acolhe pecadores e faz refeição com eles!”* (idem). Como e o que fazer, pois, se pergunta Jesus, para que sua tão “bela e importante notícia” pudesse penetrar em corações tão endurecidos? O recurso foram as parábolas.

A parábola (“parabolé”, em grego), é um modo de falar que atinge a pessoa de modo oblíquo, indireto, sem ofendê-la ou pressioná-la. Ela atinge a pessoa de modo suave, quase sem que ela o perceba. Isso porque ela evoca e acena para um mistério que se retrai, mas que, embora oculto, já está presente e atuando no âmago do próprio ser do homem. Em nosso caso, o “Reino de Deus”, isto é, a vigência e a regência da misericórdia de Deus, que se revela na pessoa e na ação de Cristo, “O rosto da Misericórdia do Pai”.

No livro “O Nome de Deus é Misericórdia”, o entrevistador do Papa Francisco conta-lhe a seguinte estória. Um professor de ensino religioso, depois de haver contado aos seus alunos a parábola do filho pródigo, pediu-lhes que escrevessem um tema livre, abordando a história que haviam acabado de ouvir. *O final escolhido pela grande maioria dos alunos foi esse: o pai recebe o filho pródigo, pune-o severamente e o manda viver com seus servos. Assim aprenderá a não gastar todas as riquezas da família...*”. E o Papa Francisco responde: *Essa é uma reação humana. É a reação do filho mais velho; é humana.*

No entanto, a misericórdia de Deus é divina” (pág. 83).

1.2. A misteriosa figura do filho mais novo

A parábola começa narrando a desventura do filho mais novo que, um dia, procura o pai, solicitando-lhe a parte do patrimônio que lhe cabia por herança. É o desejo, o impulso da natureza para alcançar a maioridade, a autonomia – o viver por si e para si: o viver autocentrado, na sua “autorreferencialidade”, diria nosso Papa. Não percebe, porém, que essa sua atitude se constitui não apenas no rompimento e separação com sua origem, o Pai, mas, na morte, em seu coração, do próprio pai. Torna-se, como Adão, um filho sem pai. O pai, porém, não pode negar-se a si mesmo, isto é, de ser generoso. Por isso, esquecendo-se de si mesmo, deixa ser o manancial que Dele emana: sua cria, sua criatura, seu filho, o homem. Deus franqueia o caminho do homem, mesmo quando esse caminho O leva para a Cruz e o homem para longe Dele.

Não é difícil perceber aqui que a desventura desse filho é a desventura de todos nós, filhos de Adão. Adão é todo homem e todo o homem é Adão. Adão é o homem que, seguindo o caminho da “própria vontade”, quis apropriar-se (Cfr. São Francisco, Ad 2), fazer-se dono do dom de sua semelhança com o Pai (herança paterna). O homem podia – na verdade, devia – ser semelhante a Deus. Mas o homem, ao invés de se tornar semelhante a Deus com Deus, prefere

ser semelhante a Deus contra Deus, transformando o dom em propriedade sua, a graça em merecimento e conquista.

Recebida a herança, o filho mais novo *partiu para um lugar distante onde esbanjou tudo numa vida desenfreada* (Lc 15,13). A separação de Deus não se dá pela distância de lugares, mas pelo distanciamento do afeto, do coração. Separar-se de Deus é romper a familiaridade com a origem, com a vida fontal, o Pai.

A tradição cristã costuma chamar esse jovem de “filho pródigo”. Pródigo é o homem que vive numa vida pródiga, isto é, que vive na dissolução das suas forças, de seus dons vitais. Derramando seus afetos nas coisas exteriores, no “mundo”, rapidamente se encontra no vazio interior de si mesmo, no vazio da sua autoconsciência dilacerada, tornando-se logo um miserável, um perdido, escravo de si mesmo e dos outros.

Mergulhado nessa degradação, não lhe resta outra alternativa senão tornar-se “pastor de porcos”, tido, na época, como um dos ofícios mais ínfimos e infames. Para um judeu, então, era o cúmulo da indignidade, da baixeza, pois os porcos eram considerados animais impuros. Para os Padres da Igreja “apascentar porcos” equivale à agitação do homem que se entrega ao desregramento e sofreguidão dos desejos sensuais, das paixões dissolutas, dos pensamentos sórdidos, dos vícios mais baixos. Nessa penúria, o homem tem fome. Mas, o alimento que lhe é próprio, isto é,

apropriado à sua dignidade – o amor, a proximidade do Pai – e que poderia saciar-lhe a fome, ele o havia dispersado. O que lhe resta, agora, é a comida de porcos: contentar-se com o inumano, o desumano e o subhumano de seu humano. Por isso tem que encher a barriga com “alfarobas”, um alimento que, à semelhança do vento, enche, mas não nutre, segundo Ambrósio. Agostinho, por sua vez, compara esse alimento com doutrinas que não satisfazem a fome de verdade que vige no coração do homem.

Mas, “pródigo” tem, também, o sentido de “dissipador” ou esbanjador, que não mede nos gastos, a exemplo de São Francisco, quando jovem. Nesse sentido, a prodigalidade é um modo errôneo de imitar a generosidade, a magnanimidade, a leveza do receber e do dar. A prodigalidade do filho torna-se, assim, a última ressonância da generosidade do pai, uma imitação malsucedida da sua magnanimidade. Por isso, acabrunhado pelos trabalhos e pela penúria, “caiu em si”, ou seja, foi tocado pela graça da sua origem, da casa paterna: começa a ver de novo o rosto misericordioso do Pai. É o começo da derrota do orgulho e da reviravolta. Arrependendo-se do seu mau caminho, que só lhe trouxe desventura, exclama: “*vou ter com meu pai*”. A confissão da própria culpa é o primeiro ato de sua libertação.

Mas, e finalmente, esse filho, poderia ainda significar o próprio Cristo, o filho mais novo da Humanidade, o novo Adão. Enviado pelo Pai, Ele que

nunca cometeu pecado nenhum, na pura inocência e boa vontade, a fim de resgatar o homem de sua desventura, assumiu e carregou todas as consequências do desmando da humanidade. Esse demando tornou a terra de jardim de delícias (paraíso) em vale de lágrimas. Mas, como diz o salmista, *a terra está cheia da misericórdia de nosso Senhor* (Sl 32,5). Cristo veio, justamente, manifestar a plenitude dessa misericórdia, assumindo sobre si nossas enfermidades. Por suas chagas Ele nos curou, nos trouxe a saúde e a salvação. A terra já não é só o lugar dos tormentos e das misérias dos homens, é também, e sobretudo, o lugar da misericórdia de Deus.

1.3. Um Pai cujo nome é Misericórdia

Depois de descrever a desventura do filho mais novo, a parábola passa a falar do pai, acentuando que, “*quando o filho ainda estava longe, seu pai o avistou e sentiu compaixão. Correu-lhe ao encontro, abraçou-o e cobriu-o de beijos*” (Lc 15,20). A parábola repete uma das constantes de toda a Sagrada Escritura: Deus vem ao encontro do homem pecador, de coração contrito e humilde. E não poderia ser diferente. Pois, como poderia um Pai não correr ao encontro de um filho desventurado, que humildemente retorna para sua casa!? Como não abraçar e não beijar com amor visceral, com afeto irresistível, sua própria cria, sua criança, seu filho, fruto de suas entranhas? Por isso,

diz o Papa Francisco: *Misericórdia é a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar* (o.c. pág. 37). Deus não pode negar-se a si mesmo (Cfr. 2 Tm 2,13). Não pode não nos amar, pois não nos amar seria ir contra sua própria essência, sua necessidade mais visceral, uma vez que Deus é amor. *Você pode renegar a Deus, você pode pecar contra Ele, mas Deus não poderá renegar-se a si próprio, Ele permanece fiel*, diz o mesmo Papa (o.c. pág. 38).

A misericórdia, o abraço e os beijos do Pai testemunham, assim, a mesma loucura e fraqueza de Cristo na Cruz, o “Rosto da Misericórdia”. Uma fraqueza que cria e recria. Ao perdoar o filho, o pai o cria de novo devolvendo-lhe a semelhança divina que havia usurpado e esbanjado, restituindo-lhe a dignidade de filho querido e não de empregado ou servo.

1.4. A festa e o bezerro gordo sacrificado

Com a volta do filho, o pai manda, primeiramente, que os servos tragam a “primeira roupa”, um anel para o dedo, as sandálias para os pés. Ele é revestido de novo com a dignidade, a beleza e integridade, que tinha perdido. O anel assinala a autoridade e as sandálias, a liberdade (os escravos não andavam de sandálias). O filho não é aceito na condição de servo, nem de diarista, mas de senhor, de homem livre. Ele é recebido na condição de igualdade com o pai. A igualdade com

Deus que o homem almejava contra Deus, por meio do pecado, que levava a se arruinar, agora é dada na graça. Trata-se, pois, de ser igual a Deus, não contra Deus, mas com Deus. Os Padres da Igreja lembram que o homem pode se relacionar com Deus de três modos. Como servo – a partir do temor do castigo; como mercenário – a partir do interesse pelo prêmio, pelo salário (é a situação de diarista); como filho – a partir da gratuidade e do afeto do amor.

Terminada a cena da nova investidura, o pai manda os servos matarem o bezerro gordo para servir no festim que iria celebrar o reencontro com o filho, seu resgate, sua saúde e salvação. Os Padres da Igreja veem na imolação do bezerro gordo o sinal do sacrifício de Cristo. Ambrósio lembra que o bezerro era vítima sacrificial. Agostinho recorda, ainda, que, na Igreja, o retorno do filho à casa paterna acontece com a confissão e a penitência e o festim que celebra a reconciliação, acontece com a Eucaristia.

1.5. O filho mais velho

Quando a história parece ter chegado ao seu clímax, entra em cena o filho mais velho – representante dos fariseus de ontem e de sempre – que voltava do campo. É trabalhador! Está a serviço da obra divina! Mas, não como filho, que trabalha por amor e sim por temor como servo, por prêmio, como diarista. Chegando perto de casa, ouviu música (symphonia) e dança que significam a alegria dos que cantam e dançam o canto e

a melodia da eterna misericórdia do Pai: as novas criaturas – os filhos de Deus que estavam mortos pelo pecado e que ressuscitaram pela graça. Se o pai mostrara compaixão, o filho mais velho mostra ira. O fariseu brada pela justiça divina. Ele é o guardião da ira de Deus... Não consegue entender que essa ira não tenha se descarregado sobre o filho mais novo, um dissoluto; não aceita que o pai tenha relaxado sua justiça, expressando bondade para com um usurpador e dissipador de seus bens. À ira junta a inveja: inveja do irmão que é beneficiado com a bênção do pai. À ira e à inveja se junta o ressentimento. Enquanto o filho mais novo era o preferido, o pupilo do pai, ele era tratado apenas como um empregado. Sua fidelidade nunca tinha sido reconhecida: jamais o pai lhe dera sequer um cabrito, o gado mais insignificante da fazenda, para que ele pudesse festejar com os amigos. Assim, cego pelo seu egocentrismo e pela vindicação e reivindicação da justiça omitida, é tomado pelo espírito de vingança, não conseguindo ver, jamais, que tudo o que o pai tinha era dele também.

Assim, enquanto o filho insiste na justiça dos homens, do mundo, que ele sempre observou, o pai, com seu olhar jovial e sereno, aponta para a misericórdia, o sumo da justiça, uma justiça que supera, preenche e satisfaz verdadeiramente todas as medidas, todas as justíças; a justiça de um pai “universal” que faz chover sobre justos e injustos, faz cair o sol sobre bons e maus; um pai que quer que

também ele, o filho mais velho, isto é, o Povo da antiga aliança, ascenda à liberdade, à jovialidade, à ternura e fraqueza da misericórdia, que é uma perfeição muito maior do que a frieza da justiça, motivada pelo espírito de vindicação. São Jerônimo observa que o filho mais velho representa o religioso, o homem que se encontra junto de Deus por força e obrigação da lei, e não pelo afeto, pelo amor. Podemos dizer que, no fundo, ele não se compreende como o filho que ele é, mas como escravo e como mercenário. Ambrósio, por sua vez, diz que a atitude do filho mais velho antecipa sua velhice, tornando-o cada vez mais ressentido, reivindicativo, ranzinza, teimoso e birrento. O espírito justiceiro priva-o, ainda, da jovialidade do Pai, excluindo-o da sua música e da sua dança.

A parábola acerca da misericórdia do Pai nos alerta para o perigo da nossa justiça. Romano Guardini, no seu livro “O Senhor”, recorda que há algo de mais alto do que a justiça: o “abrir-se do coração na bondade”. A justiça é clara para as coisas humanas e desse mundo, mas, sem a bondade, corre o risco de tornar-se cega e fria para as coisas de Deus e do amor. A justiça coloca todos dentro de suas medidas, aprisiona; a bondade, porém, é cordial, aquece e liberta; a justiça ordena, mas a bondade produz, cria; a justiça torna suficiente o que é, mas a bondade, cria o novo. Na justiça se expressa o espírito de satisfação com a ordem cumprida, mas da bondade salta a alegria da vida criativa

e criadora. Por isso, dizia Jesus que no céu, isto é, em Deus e nos seus mensageiros, anjos e santos, há mais alegria por um pecador que faz penitência do que por noventa e nove justos que dela não precisam. *Se Deus se detivesse na justiça, deixaria de ser Deus!* (MV 21).

2. A misericórdia vem ao nosso encontro (1Tm 1,12-17)

Entre as inúmeras pessoas que puderam provar de perto a misericórdia de Deus está São Paulo. Na segunda leitura de hoje, fala de ter sido agraciado, perdoado, por Deus. Dominado e cego por um falso “amor” da lei, ele agia de modo hostil aos discípulos de Cristo – o que quer dizer, contra o próprio Cristo. Tendo sido iluminado pelo Cristo, que lhe veio ao encontro no caminho de Damasco, derrubando-o da cegueira da justiça da lei, foi transformado num novo homem. Daí suas palavras: *A graça de Nosso Senhor superabundou em mim, com a fé e a caridade que temos em Cristo Jesus* (1Tm 1,14). Tudo isso lhe aconteceu, porém, porque, agindo com a ignorância de quem não tem fé, foi visitado pela “misericórdia” (1Tm 1,13). O milagre da conversão de Paulo prova mais uma vez o que Jesus havia dito: que ele viera para os doentes e pecadores e não para os sadios e justos. É o que o próprio Paulo assevera nos versos que seguem (Cfr. 1Tm 1,15-16).

Ao declarar-se o primeiro dos pecadores, Paulo expressa sua humil-

dade. Nos “Atos do Bem-aventurado Francisco e dos Seus Companheiros” lemos o jocoso “fioretti” de como Frei Masseo procurou saber porque todo o mundo ia atrás de Francisco. A resposta de Francisco veio depois de um momento de enlevo e brotou da sua alegria e da sua gratidão pela misericórdia de Deus para com ele:

“Queres saber donde a mim? Queres saber e saber bem donde a mim, que todo o mundo anda atrás de mim? Isto vem daqueles Santíssimos olhos de Deus, que em toda a parte contemplam os bons e os maus. Pois, aqueles bem-aventurados e Santíssimos olhos não viram, entre os maus, um pecador mais vil e mais insensato do que eu. E, por isso, para realizar essa obra maravilhosa que pretende fazer, não viu na Terra uma criatura mais vil. E assim me eleger: porque Deus escolheu as coisas estultas do mundo para confundir os sábios, Deus escolheu as coisas ignóbeis e desprezíveis e frágeis do mundo para confundir os nobres e os magnatas e os fortes; para que a sublimidade da virtude venha de Deus e não da criatura, para que toda a carne não se glorie no seu conspecto; mas, quem se glorie, glorie-se no Senhor, para que só a Deus

seja a honra e a glória para sempre” (Atos 10).

3. Moisés o grande intercessor (Ex 32,7-11.13-14)

Certamente, uma das figuras mais expressivas do Antigo Testamento que revelam a vocação e a missão do futuro Messias é Moisés. É o que proclama o livro do Êxodo, na primeira leitura de hoje. A corrupção, a quebra da Aliança com Jahvé, as infidelidades, enfim, do Povo de Deus, haviam chegado ao cume de haverem trocado a Ele, o seu Deus vivo e verdadeiro, por um *bezerro de metal fundido*, diante do qual se inclinavam em adoração. Chegaram ao cúmulo da desfaçatez de oferecer-lhe sacrifícios, dizendo: “*Esses são os teus deuses, Israel, que te fizeram sair do Egito*” (Ex 32,8).

Vem, então, a constatação e a decisão do Senhor: “*Vejo que esse é um povo de cabeça dura. Deixa que minha cólera se inflame contra eles e que eu os extermine*” (Ex 32,9).

Entra em cena, então, Moisés com sua intercessão. Ele não aceita o discurso do Senhor. Muito menos sua decisão. Por maior que seja o pecado de Israel, Deus não podia esquecer que fora Ele que o havia procurado e tirado da escravidão do Egito; que esse Povo, por maiores que sejam suas infidelidades, é seu Povo, assim conhecido perante os demais povos. Se, de fato viesse a executar sua decisão não iriam os egípcios ridicularizá-Lo dizendo que o tirara do Egito com a malévola intenção de extermi-

ná-lo no deserto? Finalmente, onde ficaria a palavra então dada outrora aos patriarcas Abrão, Isaac e Israel? Em outras palavras, onde estaria a glória de Deus se Ele não se mostrasse compassivo e fiel em sua palavra e ação?

A história do bezerro de ouro no deserto pode ser considerada como um novo pecado original. Se outrora Adão e Eva abandonaram o Criador para seguir a vontade própria, agora, Israel também abandona a Aliança com Jahvé para seguir o bezerro de sua soberba. Todavia, se ao primeiro pecado original, Deus responde com a promessa de um descendente que haverá de esmagar a serpente da soberba humana (Gn 3,15), agora, por intercessão de Moisés, figura muito expressiva do futuro Messias, Deus não se conforma com a ruptura de sua Aliança por parte do Povo. Por isso, *desistiu do mal que havia ameaçado fazer ao seu Povo* (Ex 32-14).

Conclusão

Diante de uma humanidade ferida, uma humanidade que possui muitas feridas (Papa Francisco) ou começamos a reconstrução com o remédio da misericórdia ou continuaremos distanciados, divididos e perdidos sem jamais poder celebrar o júbilo do retorno à nossa origem comum, sem o júbilo do reencontro conosco mesmos, com os outros e muito menos com o nosso Pai comum, “o Pai das Misericórdias” (Santa Clara).

Sede misericordiosos como vosso Pai do Céu é misericordioso! (Lc 6,36).



25º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Am 8,4-7; 1Tm 2,1-8;
Lc 16,1-13

Tema-mensagem: Para que O tenhamos como amigo, Deus chega ao inaudito apelo para que O exploremos.

Introdução

O mistério deste Domingo pode ser resumido nesta frase: *Usai o dinheiro injusto para fazer amigos, pois quando acabar, eles vos receberão nas moradas eternas* (Lc 16,9).

1. Uma denúncia sempre atual (Am 8,4-7)

Amós, um dos profetas “menores”, menor por causa da brevidade de sua profecia, mas “grande” pela coragem de suas graves denúncias, é quem nos introduz na celebração do mistério desse Domingo: *Ouvi isto, vós que maltratais os humildes e causais a prostração dos pobres da terra* (Am 8,4).

O conteúdo do seu pequeno discurso, do qual uma pequena parte é proclamada hoje, constitui-se numa das mais corajosas e bem específicas denúncias acerca das injustiças sociais do seu tempo como, também, de todos os tempos, especialmente para o de hoje.

A ambição dos poderosos e ricos é tão insaciável que não conseguem mais celebrar a alegria das festas religiosas como dedicadas a Jahvé. Os Domingos e feriados lhes são um

peso, um estorvo, uma pena que demora passar, impedindo assim que chegue a segunda-feira, quando poderão retornar aos lucros e às falcatruas de seus negócios. É a força da antiga e sempre nova desenfreada “sociedade da produção e do consumo”. Para essa, sempre falta tempo para produzir, vender, comprar, consumir, mas, na verdade, puro eufemismo com o qual se acobertam as injustiças humanas mais repugnantes, principalmente as que escravizam o homem aos ídolos do trabalho, do prazer e do mero prazer pelo prazer.

Além do mais, a ânsia pelas coisas terrenas leva-os a transformar os negócios em falsificações de todos os tipos, como *diminuir as medidas, aumentar pesos e adulterar balanças* (Am 8,5). Enquanto isso, o pobre e marginalizado, o trabalhador do campo ou da cidade – tem de vender-lhes o tesouro maior – o próprio constitutivo da pessoa – que nem Deus mesmo ousa tocar: a liberdade.

Para esses, porém, soa dramática a sentença final do profeta: *por causa da soberba de Jacó, jurou o Senhor: “Nunca mais esquecerei o que eles fizeram”* (Am 8,7).

2. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro (Lc 16,1-13)

A parábola do Evangelho de hoje, usualmente, é conhecida como “O administrador infiel”. Esse título

não é muito correto, pois impede que cheguemos ao verdadeiro sentido da parábola. O centro, o protagonismo de toda essa narrativa, por incrível que pareça, não está no administrador com suas desonestidades e falcaturas nem nos coitados devedores, mas no *Homem rico* (Lc16,1), que aparece meio escondido. Mas, é com ele que tem início toda a história.

2.1. Mesmo nas desonestidades buscar sempre o Amigo

O que esse homem rico faz, ou permite àquele seu administrador desleal, é coisa inaudita, fora da lógica do nosso mundo. Jamais se viu ou se verá um senhor ou dono muito rico desse mundo elogiar seu administrador infiel. Muito menos permitir-lhe que faça tais desonestidades sem nenhuma punição.

Jesus sempre procura explicar da melhor maneira possível a verdade mais radical e profunda de sua Boa Nova, de seu e nosso Pai. Aqui ele a descreve como um homem rico, que permite ou até pede para que o administrador de seus bens – o homem – o exproprie a fim de obter sempre a amizade Dele. No fundo, estamos diante de mais uma parábola que tenta explicar o mistério do Deus misericordioso, revelado, principalmente, na Encarnação, na Cruz e na Eucaristia. Lembremos que aos Apóstolos Jesus pede para que preparem tudo o que era necessário para a Ceia da Páscoa, isto é, a Ceia da imolação do novo Cordeiro, que não é outro senão

Ele mesmo; a Judas pede que faça logo o que tem de fazer: a traição; na Ceia, na Eucaristia, ordena que comam de seu corpo e bebam de seu sangue. E, no derradeiro momento de sua vida, reza ao Pai que cumpra Nele sua vontade: a Crucificação, a espoliação total, absoluta e radical.

Assim, Deus, o nosso Deus, além de se doar, pede que o expropriemos para que, dessa forma, seja realmente e inteiramente nosso, corpo do nosso corpo, alma de nossa alma. Por isso, termina a parábola dizendo: “*E eu vos digo: Usai o dinheiro injusto para fazer amigos, pois quando acabar, eles vos receberão nas moradas eternas*” (Lc 16,9).

2.2. O Amigo nos amigos

O homem rico, que dá origem a toda essa parábola, é, pois, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Deus e nosso Pai, que se doa a todos os seus filhos, de modo que onde estiver um desses seus filhos aí está também Ele. Dessa raiz nasce a familiaridade, a intimidade divina nos homens, e entre os homens ao ponto de Jesus proclamar que tudo que fizermos a um desses seus menores é a Ele que o fazemos. É a partir dessa raiz que *São Francisco de Assis* escrevia “*fratelli tutti*”, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor evangélico... Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do

ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita (FT 1).

Por isso, se antes os bens deviam ser usados para buscar o grande Amigo (Amor) que é Deus, agora é para buscar também os amigos do Amigo. Eis o único sentido dos bens terrestres.

A amizade que devemos construir – seja em forma de vida fraterna ou de ajuda aos pobres – não é fruto de nossa boa vontade ou caridade, mas do dever de dar ao outro aquilo que lhe pertence. E o que lhe pertence, antes de mais nada, antes de qualquer outro bem, é a amizade. Pois, saibamos ou não, queiramos ou não, a essência do homem é dar, é doar-se aos outros, como Deus se doa a nós e a cada criatura. Por isso, o homem é responsável pelos outros, pelas criaturas todas que o cercam e formam com ele a grande família de Deus.

Por isso, sejamos pobres ou ricos, devemos sempre considerar todos os bens não como objetos de posse, mas como meios para fazer amigos; para construir pontes de comunhão, jamais de guerras, brigas ou muros de separação, para promover a vida, jamais a morte. A Boa Nova de Jesus vai ainda mais longe: que saibamos aproveitar até mesmo dos males, das injustiças, do pecado para fazer amigos como Deus que transformou o pecado de Adão em graça, perdão, meio para construir uma nova humanidade assentada na não-justiça humana. Daí, repetindo, o pedido do Senhor: “*Fazei amigos com a riqueza desonesta!*” (Lc 16,9).

Dentro dessa visão cristã, todo empreendimento, que não tem como

objetivo o amor ao outro, nasce fora de sua raiz e se crescer fora desse princípio em vez de frutos bons da alegria do encontro, dará frutos marcados pelo amargor da injustiça e da discórdia.

Por isso, o dinheiro e todos os bens desse mundo têm um único sentido: a comunhão, a amizade, a igualdade; uma comunhão que deve abranger suas três grandes dimensões: a produção, a distribuição e o consumo. E isso em todos os níveis da vida humana: familiar, local, nacional e internacional. Eis como hoje se aplicaria o *fazer amigos com a riqueza injusta*.

Nesse sentido, apenas dois são os caminhos que são oferecidos ao homem: fechar-se em seus próprios interesses, em seus próprios bens materiais e espirituais – caminho da perdição, do inferno – ou abrir-se para o Outro – caminho de salvação, do paraíso, do céu. Por isso, Jesus termina dizendo categoricamente: *Ninguém pode servir a dois senhores porque ou odiará um e amará o outro; ou se apegará a um e desprezará o outro* (Lc 16,13).

3. Fazer orações pelos homens, jamais aos homens (1Tm 2,1-8)

Segundo a lógica da mensagem do Evangelho de hoje, São Paulo, recomenda *que se façam preces e orações, súplicas e ações de graças por todos os homens, pelos que governam e por todos os que ocupam cargos...* (1Tm 2,1).

Através da recomendação de Paulo, a Igreja que reza não reconhece nenhuma outra autoridade absoluta fora de Deus. E isso se constituía num grande risco em meio aos costumes pagãos do império romano, segundo os quais não se rezava pelo imperador, mas ao imperador. Isso porque o imperador se constituía numa espécie de divindade. Além do mais, rezar, como Paulo recomenda, aqui, iria tirar os cristãos do domínio de César, negando-lhes toda reivindicação de, também eles, se divinizarem.

Quando a Igreja reza pelas autoridades desse mundo, está expressando sua identidade de um Povo ou nação que não é desse mundo, mas que precisa de um espaço físico nesse mundo para que possa realizar sua vocação-missão; sua condição humana, histórica, consiste em viver dispersa pelo mundo inteiro em meio de todas as nações. Por isso, não pode jamais reivindicar nenhuma nacionalidade, territorialidade, legislação ou realeza desse mundo. A Igreja não fala uma língua particular, própria, mas todas as línguas, porque a língua dela é a língua do amor, da misericórdia. Sua missão é testemunhar a universalidade da salvação, da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Boa Nova do Pai.

Toda vez que a Igreja teve ou tiver a pretensão de constituir-se ela mesma num poder determinado, num povo determinado, numa cultura determinada perdeu e perderá a credibilidade de sua missão de evangelizadora universal. Foi esse, em grande parte, o pecado da cristandade.

Conclusão

No Domingo em que ouvimos de Cristo a parábola do “Homem rico que se deixa espoliar” para ter e fazer amigos, somos levados a refletir e mudar nosso relacionamento acerca dos bens desse mundo, principalmente na urgente necessidade de uma distribuição mais justa e fraterna. Que os bens produzidos pela gratuidade da nossa irmã e mãe terra e do trabalho dos homens sirvam não apenas para a autossatisfação de um consumo fugaz e egoísta, mas, principalmente, para criar laços de união e de festa. Daí a importância de uma economia que tenha como princípio básico não o lucro, mas a distribuição das entradas para todos, principalmente para os mais desvalidos e necessitados, como diz o Papa Francisco (EG 202).

E para que isso aconteça, continua nosso Papa, precisamos de

políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum. Temos de nos convencer de que a caridade «é o princípio não só das micro relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro re-

lações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos». Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres. É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspectivas, procurando que haja trabalho digno, instrução e cuidados sanitários para todos os cidadãos. E porque não acudirem a Deus, pedindo-Lhe que inspire seus planos? Estou convencido de que, a partir duma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e econômica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social. (EG 205).

Finalmente, o exemplo de um dos mais fiéis discípulos de Francisco: Frei Junípero. No episódio que segue, temos de forma muito jocosa, mas ao mesmo tempo dramática, uma fiel interpretação da parábola proclamada hoje.

Como Frei Junípero dava aos pobres a túnica toda ou uma parte e o que podia

Tamanha era a piedade que Frei Junípero tinha para com os pobres que, se en-

contrasse um mais pobre que ele, segundo as aparências externas, descosendo o hábito dava-lhe, imediatamente, a manga ou o capuz ou alguma outra peça. Por isso, o Guardião ordenara-lhe que a ninguém podia dar sua túnica, toda ou em parte. Certa vez, porém, aproximou-se dele um pobre pedindo-lhe esmola. Frei Junípero, todo ferido pela compaixão, disse: “Caríssimo, nada tenho que te possa dar senão a túnica. Mas, também essa não te posso dar porque estou ligado ao preceito da obediência. Contudo, se ma tirares, não proibirei de modo nenhum”.

O pobre, de fato, espoliando-o e tomando-lhe o hábito, retirou-se e o deixou desnudo. E voltando aos frades, Frei Junípero disse-lhes que fora espoliado por um homem. Enfim, crescendo em piedade, Frei Junípero distribuía aos pobres não só sua túnica, mas, também, os livros, os paramentos do altar e os mantos dos frades. E, portanto, sempre que os pobres se aproximassem dele, os frades guardavam ou escondiam as coisas que queriam para si para que ele não as encontrasse (VE 4).



26º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Am 6,1^a.4-7; 1Tm 6,11-16; Lc 16,19-31

Tema-Mensagem: Os dois caminhos: o do rico glutão que se afoga no inferno da avidez dos bens que o Senhor lhe dá de presente, ou o do pobre Lázaro que mendiga a salvação de Deus.

Introdução

Neste Domingo, o ensinamento de Jesus nos vem através da famosa parábola do rico glutão e do pobre Lázaro.

1. A ruína dos que põem o sentido da vida apenas nos bens deste mundo (Am 6,1^a.4-7)

Novamente, como no Domingo passado, o vaqueiro e plantador de sicômoros, Amós, transformado em profeta pelo seu Senhor, é quem nos introduz na celebração do mistério de hoje. O trecho é tirado do último capítulo da segunda parte de sua profecia.

As vitórias de Jeroboão (2Rs 4,25) haviam proporcionado à classe dominante, não apenas o enriquecimento, o luxo e o conforto, mas, também, havia despertado o vício da ganância e da soberba. Vícios que, por sua vez, a levaram à exploração dos pequenos agricultores e marginalizados das cidades.

Se, no primeiro capítulo o discurso é contra povos pagãos (Damas-

co, Gaza, Tiro, etc.), agora é contra os maiores do povo, responsáveis pela situação do momento que é de iminente ruína. Por isso, se lá era uma fala de pura condenação, aqui é de um misto de condenação e de dor. Por isso, começa com um “Ai!”. “*Ai dos que vivem despreocupadamente em Sião, dos que se sentem seguros nas alturas da Samaria*” (Am 6,1).

Amós não podia deixar de condenar os que buscavam segurança “nas alturas da Samaria”, isto é, na adoração dos ídolos pagãos, a pior de todas as decadências, porque atingia a raiz de sua identidade. Em vez de Povo de Deus – pertencente a Deus – estavam se tornando povo dos ídolos – pertencente aos ídolos – semelhante aos povos pagãos. Contudo, não podia deixar de condenar outras decadências, também muito graves, porque ofendiam o caráter comunitário-social de sua identidade de Povo de Deus, de irmãos. Pois, como podiam alguns: *dormir em camas de marfim, deitar-se em almofadas...* (Am 6,4), etc., como podiam viver tão tranquilos, sem se preocupar com *a ruína de José!* (Am 6,6), isto é, do povo, da grande comunidade de irmãos?!

Enfim, o luxo e o conforto de uns representavam a exploração e a miséria da maioria. Como já o dissera anteriormente: “*vendem o justo por dinheiro e o pobre por um par de sandálias ... pai e filho vão à mesma*

jovem, profanando meu santo nome” (Am 2,6-7).

Por outro lado, a dor é dupla. Primeiramente, há os sofrimentos corporais que essa injustiça impinge sobre a grande maioria do povo que tem de viver, muitas vezes, sem o mínimo necessário para satisfazer as necessidades básicas do corpo, como o vestir e o comer. Mas, há, também e acima de tudo, os sofrimentos espirituais porque privados da participação do verdadeiro culto ao seu Deus, vivo e verdadeiro.

Mas, a dor do profeta nasce, também, por causa do destino final dos próprios responsáveis dessa iminente catástrofe social e religiosa. Pois, por causa do pecado dessa sua falta de sensibilidade social e religiosa *“irão para o desterro, na primeira fila, e o bando dos gozadores será desfeito”* (Am 6,7).

2. Combater o bom combate da fé e guardar íntegro e sem mancha o mandato do Senhor (1Tm 6,11-16)

A segunda leitura, tirada da Primeira Carta de Paulo a Timóteo, faz parte das assim chamadas Cartas pastorais. Ou seja, nesse pequeno trecho encontramos instruções e orientações, muito precisas e preciosas, acerca do reto desempenho da função dos pastores da Igreja, no caso Timóteo e, conseqüentemente, de todos os fiéis. Ou seja, temos aqui um belo texto que nos diz como devemos cuidar, pastorear o precioso tesouro da

vida de Cristo, a vida de Deus em nós e nos outros. Por isso, Paulo começa apontando para Timóteo a raiz de todas as suas exortações: *Tu que és homem de Deus...* (1Tm 6,11).

Há, pois em Timóteo, bem como em todo cristão, um “genes” espiritual que nos distingue, separa e põe em contradição com os outros homens que possuem e vivem a partir do genes do mundo.

É movido por esse genes que o homem de Deus *foge das coisas perversas, procura a justiça, a piedade, a fé, o amor, a firmeza, a mansidão* (1Tm 6,1). Não é a primeira vez, nem será a última, que Paulo expressa essa exortação que orientou e conduziu toda sua vida (Cfr. 1Tm 1,18-19; 2Tm 4,6-8). Em verdade, ele está repetindo e retomando um dos princípios básicos para poder entrar e perseverar no Reino de Deus, proclamado por Jesus Cristo: *“Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas a espada”* (Mt 10,34).

Paulo, como Jesus, não está recomendando, evidentemente, que nós cristãos recorramos às armas ou a qualquer outro tipo de violência contra possíveis inimigos externos à nossa fé. Os que de fora combatem nossa fé, em verdade não são inimigos, mas amigos. Nossos inimigos são os que agem dentro de nós e que, segundo nosso Papa, em vez de seguir o Evangelho, seguem o “Mundanismo espiritual”. Ele mesmo enumera alguns desses inimigos: os que, em vez da glória de Deus, buscam mais a glória humana e o bem estar pessoal e bus-

cam o comodismo, a acídia, o poder e o domínio sobre os outros e sobre os espaços da Igreja, da Comunidade (Cfr. EG 93 ss).

Ao falar em combate, Paulo está dizendo que o Evangelho requer uma tomada de decisão, uma ruptura e mudança de vida radical, primeiramente dentro da própria pessoa e depois em relação a tudo que está a seu redor.

São Francisco expressa essa experiência quando testemunha, em seu Testamento, que enquanto vivia seguindo os princípios da grandeza do mundo, era-lhe amargo ver leprosos. Quando, porém, foi levado pelo Senhor para o meio deles, o que lhe era amargo se tornou doçura da alma e do corpo. A seguir, vieram as rupturas exteriores: divisões na família, no trabalho e em todos os setores da sua vida. Francisco foi desprezado pelos antigos companheiros; chegou a ser perseguido pelo próprio pai que o colocou na prisão por meses a fio, levou-o a juízo perante as autoridades civis e perante o próprio Bispo de Assis.

Segundo o Evangelho, o viver do cristão é de luta, do começo ao fim. Deve lutar pela paz e jamais pegar em armas para defender seus direitos e os direitos de Deus. Por isso, a exemplo do Mestre, será, muitas vezes, rejeitado e perseguido e levado à morte. Esse é o bom combate porque só nasce da Boa Nova, do Evangelho, do bem e só leva ao bem. O outro, que nasce das armas e da contenda, é o mau combate porque nasce do mal e só leva ao mal, à discórdia.

Por isso, Paulo termina exortando Timóteo: *guarda teu mandato íntegro e sem mancha até a manifestação gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo* (1Tm 6,14). Ora, qual é esse mandato senão aquele que Jesus entregou na Última Ceia: amar como Deus ama, também e principalmente os inimigos.

Quem, mais tarde, deu uma bela interpretação desse modo de combater foi São Francisco. Ele classificou a si e a seus companheiros como uma Ordem, um exército de cavaleiros, de lutadores, cuja única arma era a Cruz de seu único Senhor Jesus Cristo crucificado. *Aplicam-se com toda diligência para renovar em si mesmos a Religião, a pobreza e a humildade da Igreja primitiva ... Assim, eles imitam com precisão a vida apostólica, renunciando a todas as coisas que possuem e renegando-se a si mesmos. Tomam sobre si a cruz e seguem nus o Cristo nu* (Jacques de Vitry, FF 1307).

Não se trata, portanto, de heróis que buscam seu engrandecimento, muitas vezes derrotando ou derrubando os demais. São lutadores, sim, cavaleiros que, a exemplo de São Francisco, labutam a modo da nossa irmã e mãe terra. *A terra não grita a modo de drama, em vivências espetaculares, nem de profundidade trágica de uma autenticidade autoconsciente de si. É, antes, sóbria, simples e modesta. Não, porém, resignada, mole, passiva e neutra. É tenaz, sim, dura e exigente! Mas, não “durona”, pedante ou moralizante. É disciplinada,*

trabalhadora, insistente. E, no entanto, não é fascista, estafante, fanática (FF pág. 905).

3. O caminho do avaro glutão e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31)

Como no Domingo passado, com a parábola do “Administrador Desonesto”, também hoje e de novo, através de outra parábola, a do “Rico glutão e do pobre Lázaro”, somos levados a celebrar o mistério do sentido dos bens desse mundo. Ou seja, como devemos nos relacionar com os bens, com os quais o Senhor nos presenteia de modo tão belo e abundante?!

3.1. O rico

Em verdade, o rico da parábola de hoje contraria completamente a lição da parábola do administrador desonesto. Isso porque não soube ou não quis usar dos bens desse mundo para fazer amigos (Cfr. Lc 16,9). Em vez de servir a Deus, seu senhor, na pessoa do pobre Lázaro, quis e preferiu servir tão só e avidamente a si mesmo. Por isso, o destino dele será *a região dos mortos* (Lc 16,23).

A parábola alerta-nos sobre:

- o uso egoísta e abusivo das riquezas;
- o modo indiferente e desprezível de tratar o próximo, principalmente o pobre e o mendigo que vivem ao nosso lado.

Na abertura, o evangelista diz que Jesus estava falando para fari-

seus, líderes religiosos, que haviam se adonado da religião a fim de satisfazer os mais variados e espúrios desejos e cobiças pessoais. Em vez de servir a Deus, serviam-se Dele, da religião e das práticas religiosas para se auto-promover, locupletar, tanto social e economicamente como religiosamente. Gabavam-se de uma pretensa e falsa pureza e fidelidade religiosa e espiritual. E, conseqüentemente, desprezavam os demais como pecadores e não observantes da lei. Chegavam a chamar os pagãos de impuros e de qualificá-los com a baixa denominação de “cães”.

Aquele rico glutão, vivia no meio de uma farta mesa de bens materiais, participando de festas e banquetes diários, e de uma falsa riqueza ou acúmulo de bens espirituais. Era a ostentação do mais puro mundanismo de um homem tomado pela mais vergonhosa falta de gratidão e sensibilidade e de um coração dominado pelo egoísmo, pela sede de ostentação e de avareza.

Tendo vivido de forma luxuosa, sem dúvida, seu sepultamento fez jus à sua importância. Mas, após a morte foi para um lugar de tormento, denominado inferno, no grego *hades*. Pela descrição da cena, a essência desse tormento não é outra senão o isolamento de Deus e de todos os seus santos, representados aqui por Abraão e todos os seus descendentes. A dureza de coração, a impiedade desse rico é tamanha que nem mesmo após a morte e em meio aos mais dolorosos tormentos de solidão se converte. Em

relação a Deus e sua palavra permanece surdo.

E assim, em vez de reconhecer a soberania do Senhor e pedir-lhe humildemente perdão, continua obstinado em seu egocentrismo. Primeiramente, implora a Abrão que mande Lázaro molhar o dedo na água e com ela refrescasse sua língua. Para ele, Lázaro continua sendo apenas um empregado, objeto de uso e não um irmão. E ato contínuo, pede-lhe que mande mensageiros à casa de seu pai para fazer com que seus cinco irmãos se arrependessem. Era de coração tão empedernido que nem os tormentos do inferno conseguiram mover-lhe o coração de sua avareza egocêntrica. Provou, portanto do quanto ele negligenciou a Palavra de Deus, do quanto não amou a Deus sobre todas as coisas, muito menos seu próximo como a si mesmo. Amava tanto seu inferno que não conseguia mais sair dele.

3.2. Lázaro

O segundo personagem da parábola, ao contrário do rico, tem nome de Lázaro. Em hebraico Lázaro ou *Eleazar*, significa “Deus tem socorrido” ou “Deus ajuda”. Ao contrário do rico glutão, Lázaro é, aqui, o protótipo do homem que deposita toda sua confiança em Deus e não em seus bens materiais ou méritos espirituais.

Como aquele rico, também Lázaro morreu. Mas, ao contrário do rico, era tão pobre que nada se diz de seu sepultamento. Ele não recebeu nenhuma honra terrena, nem mesmo

de maneira póstuma. Todavia, algo muito mais importante e glorioso do que isso é dito sobre seu destino: foi levado pelos anjos para o seio, a companhia, de Abraão no Paraíso. O contraste impressiona. O mendigo, aqui na terra, era rejeitado e desejava comer migalhas e tinha por companhia os cães, que lhe lambiam as feridas e agora estava no céu, reclinado à mesa celestial juntamente com Abraão (Cfr. Mateus 8,11), o pai de todos os crentes (Rm 4,11). Enquanto isso, o rico ardia em meio às chamas do inferno.

Além do mais, não podemos deixar de notar outro contraste com o rico. Enquanto esse, desesperado, se desdobrava em inúmeras suplicas, em Lázaro impera o silêncio. Nenhuma palavra saiu de sua boca, nem enquanto estava vivo, nem mesmo após a morte. Além do mais e também, ao contrário do rico, Lázaro em nenhum momento precisou de qualquer auto-justificação.

Devemos notar, porém, que o rico é condenado não por ser rico, mas porque não soube assumir a vida como ela é: um dom. E mais ainda, um dom que, como tal, deve ser posto a serviço dos outros, principalmente dos pobres mendigos que estão ao redor de sua mesa. A riqueza torna-se ocasião de pecado quando, o homem, levado pelo vício da avareza, fecha o coração à solidariedade, à comunhão, impedindo que ela realize sua função: satisfazer as necessidades básicas de todos os homens, principalmente dos mais necessitados e marginalizados.

Cria-se, então, o inferno da divisão, da separação, da não comunhão, da não *fraternidade e amizade social* (FT).

Da mesma forma, o pobre é enaltecido não por ser pobre, mas por assentar sua confiança em Deus, deixando-se guiar pela força de seu amor e de sua graça. Foi esse o testemunho de Abraão. Sendo muito rico, não se vangloriou de sua riqueza, mas atribuiu-a toda a Deus a quem se confiara e se submetera inteiramente, a ponto de sacrificar-lhe o próprio filho. Cai por terra, assim e também, a vanglória dos fariseus que julgavam e pensavam que podiam se auto justificar pelo merecimento de suas práticas religiosas.

Finalmente, pode-se, ainda, acrescentar essa lição: o tempo da salvação é esse que nos é dado aqui na terra! É aqui e agora que nos é ofertada a graça de fazer a vontade de Deus, isto é, de fazer frutificar os bens que nos concede segundo seu desígnio. A morte sela definitivamente nossas escolhas. O pobre que morre entregue à confiança do Senhor continuará sendo acolhido pelo amor misericordioso de Deus. Já, o rico avarento, que morre obstinado na sua própria escolha, no deleite de sua auto justificação, continuará sofrendo o tormento da ausência de Deus e dos irmãos: o inferno.

Dizíamos acima que a parábola tem um endereço certo: os fariseus representados pelo personagem do rico avarento. Mas, entre as linhas, pode-se ler com muita clareza o protago-

nista de toda essa parábola: o pobre Lázaro. Nele está o Pobre dos pobres, o Servo de Jahvé, Jesus Cristo crucificado. Tudo que se diz na parábola acerca de Lázaro foi vivido por Jesus. Como Lázaro, também ele teve de mendigar o pão do amor na acolhida ou rejeição dos homens; também Ele foi desprezado pelos maiores deste mundo e afastado da sua companhia; também ele foi amado pelos “cães” da época, os pagãos e marginalizados da Religião; também morreu e foi enterrado sem nenhuma referência. Mas, finalmente, como Lázaro, também Ele, após sua morte, foi levado para junto do Pai, onde vive na companhia de todos os santos e amados de Deus.

Conclusão

Diante das leituras de hoje, algumas conclusões merecem nossa atenção. Primeiramente, devemos considerar que pobreza e riqueza formam como que um dueto que atravessa a história de todos os povos da humanidade. Por causa dessa dualidade nasceram divisões, brigas e se fizeram guerras e matanças incontáveis. Para a solução desse conflito só há um caminho: o indicado e introduzido no coração do homem pelo próprio Filho do Homem que *sendo rico se fez pobre* (2Cor 8,9). Desde então, a Igreja, para saber se está sendo fiel à sua vocação e missão, sempre, desde os Apóstolos, recorre a este princípio: não esquecer jamais os pobres (Cfr. Gl 2,10).

Esse compromisso, porém, diz

nosso Papa, não se identifica e nem se limita apenas a ações que visam promover o pobre, mas, acima de tudo, em amá-lo, estimá-lo *considerando-o como um só consigo mesmo* (EG 199).

Infelizmente, diz ainda o papa, às vezes, somos duros de coração e obtusos de mente. Extasiados pelos ídolos do consumo e do bem-estar fácil e vão, esquecemos esse princípio básico para a construção de uma sociedade solidária (Cfr. EG 196).

O que a parábola condena não é o banquete, a festa e nem mesmo a riqueza, mas que esses sejam buscados somente para si; condena a ostentação, a avareza que impedem e afastam as pessoas da alegria do encontro, do convívio, principalmente com os amados de Deus, os pobres.

Em segundo lugar, devemos considerar também que, mais detestável

que a avareza e a ostentação no vestir, no comer, é a avareza e a ostentação daqueles que buscam Deus e a prática da religião para, orgulhosamente e de modo vão, se ufanar perante si mesmos, perante Deus e os outros como puros, santos e salvos.

Enfim, a parábola gira em torno das consequências de quem coloca o sentido e a felicidade de sua vida apenas no prazer dos bens e das riquezas desse mundo. Seu destino será o inferno, isto é, a tristeza de um coração comodista e mesquinho que o isola da comunhão com os outros e com o próprio Deus. Em contraposição, o pobre – Lázaro, o Servo de Jahvé – que se confia nas esmolas e na ajuda de Deus – se verá cumulado da graça da comunhão e do convívio com o próprio Deus e com toda a descendência do pai Abraão.



27º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Hab 1,2-3;2,2-4; 2Tm 1,6-8.13-14; Lc 17,5-10

Tema-mensagem: Fé, dom que nos faz crescer na pessoa amada e transportar montanhas.

Introdução

A celebração deste Domingo nos leva ao coração de nossa identidade existencial de cristãos: o vigor da graça da fé. Nascemos, vivemos e crescemos da fé assim como os raios nascem, vivem, crescem e se expandem a partir do sol.

1. O profeta Habacuc e suas angústias (Hab 1,2-3;2,2-4)

Quem nos introduz no mistério da fé é o profeta Habacuc, um dos menores entre os profetas menores, mas que nem por isso é de menor importância. O trecho proclamado na primeira leitura de hoje vem perpassado por uma grande tensão entre Deus e ele. Ou melhor, entre a compreensão que Habacuc tem de Deus e Sua ação: a aparente falta de ação e de resposta por parte de Deus. Diante das desgraças, dor, sofrimentos, catástrofes, lutas e contendas pelas quais está passando, tanto ele como seu povo, Habacuc não cessa de implorar. Mas, Deus parece surdo, distante, indiferente. Daí sua primeira lamentação: *“Senhor, até quando terei de clamar; sem me atenderes!/? Até quando de-*

verei gritar a ti: ‘Violência!’, sem me socorreres?” (Hab 1,2).

Estamos diante da angústia e do eterno grito do homem de fé de todos os tempos que, em meio à sua aparente desgraça, muitas vezes injusta e inexplicável a seus olhos, sentindo-se abandonado, até mesmo pelo seu Deus, não pode, não sabe ou não consegue dizer outra coisa senão e sempre e de novo: *“Por que? Por que? Até quando, Senhor?!”*; angústia e grito manifestados pelo próprio Senhor na Cruz: *“Pai, por que me abandonaste?!”*

A tensão no coração do profeta, causada pela sua incompreensão diante do silêncio ou do (da falta de) posicionamento de Deus, torna-se até mais forte e aguda pelo fato de Javé dar-lhe uma resposta ainda mais “absurda”: servir-se dos babilônios e dos caldeus como instrumentos de sua justiça (Cfr. Hab 1,5-12). Parece o fim da picada, diríamos nós! Está certo que os fiéis sejam e devam ser punidos pelas suas infidelidades, pelos seus erros e crimes, mas que o sejam através do Deus santo e justo e jamais por povos mais ímpios, muito mais pecadores que ele, seu povo eleito. Por que submetê-lo a tamanho vexame e escárnio diante das nações pagãs?!

A resposta vem mais adiante, no capítulo segundo, que compõe a segunda parte da leitura de hoje. Deus falou a Habacuc e, por meio dele, a

todos os homens e para todos os tempos. A proposta devia ser conhecida e acolhida por todos. Por isso e para isso o Senhor ordena: “*Escreve esta visão, estende seus dizeres sobre tábuas para que possa ser lida com facilidade*” (Hab 2,2). E o que o Senhor ordena?

Em primeiro lugar, é preciso ser paciente, manda dizer o Senhor. Por isso: “*se demorar, espera, pois ele virá com certeza, e não tardará*” (Hab 2,3). A caminhada do justo é de fé, de pôr segurança nas mãos de Deus no meio da incerteza, da dúvida e da insegurança. Durante essa espera “*o injusto, se inchará de orgulho*” (Hab 2,4), isto é, de futilidades e vaidades que o levarão, indubitavelmente, à morte. Enquanto isso e, ao contrário, “*o justo viverá por sua fidelidade*” (idem).

2. Uma fé que transporta montanhas (Lc 17,5-10)

A questão da fé, levantada por Habacuc, é retomada na perícope do Evangelho de hoje. Lucas começa com um repentino pedido dos Apóstolos: “*umentai, Senhor, nossa fé!*” (Lc 7,5).

2.1. Fé, dom de um empenho

Diferentemente de outras ocasiões, nas quais, geralmente, a iniciativa da fala é de Jesus, nessa de hoje, quem começa são os Apóstolos.

Além daquela vez que pediram “*Senhor, ensina-nos a rezar*”, essa é uma das poucas ocasiões que os

Apóstolos se comportam com um mínimo de espírito de discípulos. Nas demais haviam se comportado mais como funcionários mesquinhos, carreiristas, sempre desejando e procurando satisfazer os próprios interesses. Aqui, não! Pedem aquilo que constitui a essência de um discípulo: a fé. Tudo indica que a fala, o chamado, a presença do Mestre havia começado a incendiar-lhes os corações. Sentem, porém, que sua adesão é ainda muito pequena, frágil, limitada. Daí a mencionada súplica.

A causa que despertou neles esse sentimento, com esse pedido, encontra-se nos versículos imediatamente anteriores, nos quais Jesus expusera diversos ditos ou sentenças referentes ao bom andamento da vida comunitária. Entre eles, encontramos o cuidado para que se evitem os escândalos, principalmente dos pequeninos e a necessidade de perdoar o irmão não apenas sete, mas setenta vezes sete (Cfr. Lc 17,1-4). Ora, o que Jesus propõe, humanamente falando, é completamente impossível!

Vem, então, a resposta de Jesus: “*Se tivésseis fé, do tamanho de uma semente de mostarda...*” (Lc 12,6). Uma resposta muito enigmática, estranha e provocativa, principalmente por sua brevidade. Em assunto de tamanha importância, nós esperaríamos uma bela e extensa exposição ou, quem sabe, até um tratado, não apenas sobre a fé, mas, também e principalmente, sobre o caminho, as orientações, medidas e exercícios necessários para alcançá-la e perfazê-la.

No entanto, Jesus, através do exemplo da semente, está apontando para o tudo, o resumo da fé: o mistério do que parece pouco ou pequeno, mas que contém tudo. Precisamos, pois, olhar para a semente. Ora, quando a contemplamos e a inquirimos podemos perceber que nela se encontra o resultado, o fruto de uma longa história de luta, paciência, esperança, mortes e vidas, só para bem receber e fazer frutificar o dom da vida. Assim, nesse minúsculo grãozinho, uma longa, admirável e grande história de amor, desejo e paixão de viver para servir! É o milagre da gratuidade da vida que se dá mediante a comunhão da graça com o empenho.

O dito de Jesus não está afirmando que a montanha será transportada para o meio do mar de modo imediato, como que ao toque de uma vara mágica. Está, antes, apontando para o trabalho que há de se fazer para que o milagre aconteça: trabalhar, trabalhar, servir e servir, humilde e gratuitamente, sempre e de novo, sem jamais desanimar ou desistir.

Uma pequena e antiga lenda acerca de um galo, que tinha de viver num país tomado pela escuridão das trevas, pode iluminar nossa questão referente à perseverança na fé. Esse galo desejou, então, ardentemente e de todo o coração, que se fizesse a luz, pois só assim poderia encontrar os grãos de milho que lhe saciariam a fome. E a luz, de fato, se fez.

A lenda, porém, não está dizendo que a luz tenha aparecido fisicamente, mas que a esperança daquele galo

era de tal envergadura que se tornou o alimento que o fez viver, ainda, por longos anos em meio à escuridão e na fome. Assim é a fé: uma grande paixão, um ardente amor, um profundo desejo que nasce da graça do encontro com a pessoa amada e a faz caminhar em meio aos maiores desafios. É o que orientou Jesus, desde sua Encarnação até à morte e morte de Cruz, quando, então sim, moveu em definitivo a montanha que o separava do Pai: a Cruz. Assim, a Cruz, com seu paradoxo, em vez de afastar serviu de ponte para unir ainda mais Jesus ao Pai. Fé é a pequenina semente que contém o tudo de nossa vida: Jesus Cristo crucificado; é ela que nos transporta da montanha do pecado, do afastamento para a proximidade, a intimidade de Deus e dos irmãos.

2.2. Servos inúteis

Jesus segue, então, sua fala com um exemplo que parece não ter nada a ver com o ensinamento da fé. Tem-se a impressão que esteja querendo passar-lhes mais um ensinamento: o da humildade. De fato, o exemplo dado, no qual o servo está sempre pronto para servir seu senhor, contém um belo ensinamento acerca da humildade.

Mas, Jesus como bom mestre está querendo introduzir os Apóstolos no caminho da fé através de um exemplo, como que dizendo: “Vocês querem ter uma fé que transporte montanhas? Sirvam, sirvam e sirvam como aquele servo faz ao seu senhor, sempre, a toda hora, sem jamais espe-

rar nenhuma recompensa, retribuição ou consolação”.

Com esse exemplo, tudo indica que Jesus percebera que os Apóstolos, pela maneira de pedir o aumento da fé, ainda não haviam compreendido a essência do seu discipulado: o caminho de uma fé limpa, pura, totalmente gratuita. Ou seja, ainda estavam um tanto imbuídos do espírito mundano do interesse próprio, da recompensa, de levar vantagem em tudo.

Servo, aqui, em vez de empregado ou funcionário que trabalha por merecimentos ou conveniências, é aquele que se coloca à disposição de seu senhor, movido pela graça da afeição que nasce do mistério do encontro. Seu pagamento é a alegria de poder servir e nada mais. E isto é fé pura, limpa porque gratuita, sem porquê e nem para quê: Jesus Cristo crucificado, o coração da fé cristã, a graça dos Apóstolos de poderem ser seus discípulos ou servos, como Ele é discípulo e servo do Pai. Daí a conclusão: *“Assim também vós, quando tiverdes feito tudo quanto vos pediram, dizei: ‘Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer’”* (Lc 10,17).

Por isso, para nós cristãos, fé não é uma crença, uma doutrina, uma verdade, uma emoção, mas uma pessoa: Jesus Cristo crucificado. Por isso, exclamava São Francisco: *Tu és nossa esperança, Tu és nossa fé!* (LDA 6). Jesus Cristo crucificado é a semente da fé, do amor, da Paixão de Deus que, ao longo dos séculos, veio sendo

semeada e cultivada sempre de novo no coração dos homens. Essa semente se tornou o resumo do sentido, da felicidade, da alegria, da realização de toda a história dos homens e da criação. É esse o sentido da grande exclamação da Igreja, quando no coração da Missa, logo após a consagração, exclama: *“Eis o Mistério da fé!”* Fé de Cristo que se acende em nossos corações e nos leva a crer Nele e como Ele botou fé no Pai.

Assim, se os Apóstolos quiserem realmente um aumento de sua fé devem seguir também eles seu mestre, por esse caminho, o caminho da cruz, caminho que transporta montanhas.

3. Não te envergonhes de dar testemunho de Jesus Cristo e de seu Evangelho (2Tm 1,6-8.13-14)

Na segunda leitura da Missa de hoje, tirada da segunda Carta de Paulo a Timóteo, temos um exemplo concreto daquele ensinamento de Jesus aos Apóstolos acerca de como se consegue um aumento da fé; de como sair de uma fé infantil ou “carnal”, para uma fé amadurecida, adulta e espiritual.

A primeira parte dessa carta começa com uma longa exortação para que Timóteo lute corajosamente pelo Evangelho, definido aqui por Paulo como “dom de Deus” que, ou porque, nos proporciona *“um espírito de fortaleza, amor e sobriedade”* (2Tm 1,7).

Paulo sempre se compreendeu e definiu como um lutador ou com-

batente do Evangelho. Por isso, não podia ser outra sua exortação a Timóteo, fiel companheiro, ao qual lhe impusera as mãos, concedendo, também e assim, para ele o dom do episcopado. Provavelmente, o ambiente da comunidade de Timóteo era de medo e temor pelas primeiras perseguições que estouravam contra os cristãos por parte dos pagãos. Ora, o que se deve esperar de um cristão ordenado, principalmente de um ungido para o cargo de bispo, senão que seja um cristão forte e batalhador!? Jamais um dirigente tímido e excessivamente prudente “segundo a carne”.

Por isso, Paulo recorda a Timóteo: *Não te envergonhes de Nosso Senhor nem de mim, seu prisioneiro, mas sofre comigo pelo Evangelho, fortificado pelo poder de Deus* (2Tm 1,8).

Diante de um ensinamento tão claro e insistente, como foi possível que muitos de nós cristãos tenhamos transformado o Cristianismo – as comunidades cristãs, até mesmo as de religiosos – num lugar onde se espera, se deseja e se busca consolações, recompensas, aplausos, confortos, projeções? Na origem do Cristianismo esse desejo sempre foi repellido como diabólico. Jesus rechaça Pedro que queria afastá-lo do caminho da Cruz chamando-o de Satanás; os primitivos cristãos iam ao encontro dos seus algozes como quem vai para uma festa de casamento. São Francisco de Assis, por sua vez, chega a chamar de *perfeita alegria* ter a graça de poder suportar tribulações e maus tratos,

ser expulso do seu próprio convento e arrastado pela neve pelos próprios irmãos, em nome ou por causa de Jesus Cristo crucificado

Foi a mensagem de que o Cristianismo, a religião, não é de consolo mas de luta, de cruz, de fé, ouvida de uma fiel, engajada na pastoral da criança, que começou a questionar a vida cristã acomodada da piedosa leiga Marina. Daquele encontro foi levada à conversão e a abraçar a Vida e o exemplo de São Francisco, professando a Vida e a Regra da Ordem Franciscana Secular (Cfr. *O Livro de Marina*, Pilonetto Adelino, pág. 18) e a visitar os doentes do Pronto Socorro.

Eis o segredo que os Apóstolos buscavam quando pediram ao Senhor que lhes aumentasse a fé. Por isso, Paulo termina a exortação de hoje: *“Guarda o precioso depósito (da fé), com a ajuda do Espírito Santo que habita em nós!”* (2Tm 1,14).

Conclusão

A fé cristã tem um caráter próprio que a distingue de todas as demais. Ela não é uma doutrina, um ideal, uma religião, mas uma Pessoa. É o próprio Filho de Deus que botou tanta fé no Pai e nos homens, os filhos amados de seu Pai; é Aquele que se encarnou, morreu na cruz por nós e continua em nosso meio como o “Deus conosco!”

Por isso, de nossa parte, fé é crer nessa Pessoa e em tudo que ela representa: seu mistério, seu Evangelho,

sua Obra. Crer, nesse sentido e dentro da etimologia latina, significa crescer. Poderíamos então transformar o nosso Credo assim: “Eu cresço em Deus Pai, eu cresço em Jesus Cristo, eu cresço no Espírito Santo...”.

Nesse sentido, crer é empenhar-se para trocar o espírito da subjetividade, da carnalidade do nosso eu pelo Espírito do Eu de Jesus Cristo. É, portanto, trabalho, empenho, obra, luta! Por isso, dizia São Tiago, que só é possível mostrar a fé pelas obras e não apenas pelas palavras (Cfr. Tg 2,18).

Durante séculos, nós cristãos fomos muito ensinados e estimulados a guardar a fé e pouco a trabalhá-la, cultivá-la. Isso foi e é bom e necessário. Mas, se for só isso nos tornaremos uma semente infrutífera. Pois o destino da semente não é para ser guardada, mas cultivada. Precisa ser transformada em alimento ou semeada a fim de que em morrendo, possa nascer de novo, tornar-se uma árvore

frondosa e de muitos frutos para todos.

O bem-aventurado Frei Egídio, em seu breve tratado sobre a Fé, acentua que fé é um árduo e duro trabalho de trocar todos os bens terrestres pelos bens celestiais e eternos; que os santos procuraram realizar, por meio de obras, tudo o quanto fosse a vontade de Deus e que, o que eles não conseguiram pelas obras, o realizaram pelo santo desejo. E conclui:

No entanto, um pecador, enquanto vive, nunca deve desesperar da misericórdia de Deus. Pois, dificilmente há uma árvore tão espinhosa e nodosa que os homens não possam fazê-la plana, bela e orná-la. Muito mais, não há no mundo um pecador, por mais grave que seja o seu pecado, a quem Deus não possa adorná-lo de muitos modos com graça e virtudes (DE 2,22-24).



28º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 2Rs 5,14-17; 2Tm 2,8-13; Lc 17,11-19

Tema-mensagem: Um encontro que nos purifica da imundície da lepra da soberba e nos reintroduz na intimidade de Deus e na comunhão dos irmãos.

Introdução

O Domingo – Dia do Senhor – é, essencialmente, o dia do louvor, da ação de graças; dia da festa e da celebração da graça da fé, que nasce da alegria do encontro com Jesus e de seu chamado; encontro e chamado que nos libertam da imundície da lepra da soberba e do infernal isolamento, como podemos ver, hoje, com o conhecido milagre da cura dos dez leprosos.

1. Fé, uma sementinha que cria laços e purifica (2Rs 5,14-17)

Em muitas ocasiões, ao longo da história, Deus manifestou o desejo de libertar seus filhos da lepra da soberba e da prepotência, pecados que, a partir de Adão e Eva, dão origem a toda decadência humana. Na primeira leitura de hoje, celebramos uma dessas suas iniciativas: a cura miraculosa do pagão sírio Naamã. Golpeado por essa doença mortífera, esse comandante do rei sírio, aconselhado por uma escrava judia, fiel seguidora de Jahvé e de sua Lei, humildemente

apresentou-se ao profeta Eliseu. Eliseu, cujo nome significa “Deus salva”, ordena-lhe que vá tomar banho sete vezes no rio Jordão (3Rs 5,0).

No princípio, levado pela soberba, não queria ir. Estava decepcionado porque em vez de uma cura miraculosa, repentina e espetaculosa, à altura de sua posição, o profeta lhe oferecia um tratamento que lhe parecia vulgar demais. Mas, depois de aconselhado pelos seus amigos, pois se tratava de algo tão simples, aceitou e foi banhar-se nas águas do rio Jordão. E a cura aconteceu: *sua carne voltou a ser pura como a de uma criança* (2Rs 5,14).

O pecado da soberba, a pior de todas as lepras, que tira o homem do convívio com sua origem e da comunhão com seus semelhantes, só é extirpado com um banho de fé, isto é, na acolhida paciente e lenta (sete vezes) da oferta, que o Senhor nos faz, para que voltemos à nossa origem; que aceitemos suas intervenções de bondade e de misericórdia, como Ele fizera com Israel, conduzindo-o, pacientemente, da escravidão do Egito para a terra da liberdade e da comunhão com Deus e com os irmãos. Símbolo dessa purificação, nascida da graça dessa fé, é a travessia pelas águas purificadoras do rio Jordão. Travessia que recorda e simboliza a decisão de deixar para trás todos os outros deuses a fim de abraçar e servir seu único Deus e Senhor: Jahvé.

Essa foi a razão porque Eliseu ordenou a Naamã que fosse banhar-se nas águas não de qualquer rio, mas no rio Jordão, o rio sagrado da fé na libertação e da purificação do Povo de Deus.

Vem, então, o coração de toda a mensagem desse milagre, expresso nessa profissão de fé de Naamã: *“Agora estou convencido de que não há outro Deus em toda a terra, senão o que há em Israel. A mensagem é reforçada pela recusa indignada de Eliseu à oferta de Naamã. Esse queria que Eliseu aceitasse como recompensa um presente. Eliseu, porém, alto e bom som, exclama: “Pela vida do Senhor, a quem sirvo, nada aceitarei”. E por mais que Naamã insistisse, ficou firme na recusa.*

A insistente recusa de Eliseu era para que ficasse bem claro que aquela cura não era resultado de alguma intervenção humana, muito menos de algum ritual mágico, mas fruto da ação salvadora e libertadora de Deus que se serviu, primeiramente, de uma simples e humilde escrava judia e, depois, pela palavra insistente dele, seu servo e profeta. Deus não pode nem jamais quis ou aceitou qualquer recompensa ou pagamento a não ser a pura fé, isto é, o reconhecimento de que Ele é seu e único Deus.

A cena termina com o inusitado pedido de Naamã de que, então, lhe fosse permitido levar uma carga de terra daquele solo bendito para sua terra, a Síria. Assim, retornando para junto dos seus, não mais oferecerá holocaustos ou sacrifícios a outros

deuses, mas somente ao Senhor Deus do solo, da terra, do Povo de Israel. Em outras palavras, Naamã quer ter ou construir em sua terra um centro, um lugar, um solo no qual se pudesse prestar culto ao Deus de Israel, a Jahvé. Assim, Naamã, transportando para a Síria um pouco da terra da Samaria, estaria transportando para lá o Deus de Israel, a quem, a partir de então, passaria a adorar e seguir.

É através de concepções assim, um tanto ou aparentemente grosseiras, que Deus, aos poucos, vai purificando a fé de seus fiéis, até chegar à fé da samaritana, quando então não mais precisará *adorar a Deus nesse ou naquele lugar ou monte, mas em espírito e verdade* (Jo 4,21-24).

2. Em primeiro lugar e acima de tudo, Jesus Cristo (2Tm 2,8-13)

Na segunda leitura, tirada da 2ª Carta a Timóteo, Paulo, mesmo preso e algemado, continua exercendo seu zelo apostólico de pastor. Movido pelo seu amor e dedicação em favor da Igreja, procura dar a seu amado filho na fé uma boa e sólida fundamentação, para a consolidação das comunidades cristãs nascentes da Ásia menor. Diante da diversidade de questões teológicas e pastorais, que começavam a fermentar nas comunidades, principalmente a questão dos judaizantes, Paulo começa com essa significativa e importante exortação: *Lembra-te de Jesus Cristo, da descendência de Davi, ressuscitado den-*

tre os mortos, segundo o meu Evangelho (2Tm 2,8).

Paulo, começando com um “lembra-te de Jesus Cristo”, nos remete para o memorial da Última Ceia, no qual o Senhor sacramentaliza, para todos os tempos, o mistério de sua Paixão-Morte e Ressureição em favor dos homens. Timóteo e todo cristão, portanto, não deve olhar para si mesmo, considerar suas habilidades e talentos para enfrentar as dificuldades, os problemas e, principalmente, para fundar, edificar ou reconstruir a Igreja. A Igreja precisa ouvir, sempre de novo, essa santa exortação, pois tem sido continuamente tentada a esquecer que Jesus é a raiz, o centro, o coração, o memorial, a fonte de seu início, meio e fim.

Quando isso não acontece, ela se perde nos labirintos tenebrosos do mundanismo espiritual e material no qual impera, quase sempre, a soberba e a busca da glória humana e o bem-estar pessoal (Cfr. EG 93). Recordemos, mais uma vez, a famosa exortação de Bento XVI, em 2005, e que, desde então, vem sendo repetida seguidamente nos principais documentos da Igreja: *No princípio do ser cristão não está uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo* (EG 7). Por isso, insistia São Francisco, exortando seus confrades: *recorramos a Ele como ao pastor e bispo de nossas almas, que diz: “Eu sou o bom pastor: Eu apascento as minhas ovelhas. E por elas exponho minha alma”* (RNB 22,32).

Lembrar-se de Jesus Cristo significa dispor-se a trilhar o caminho

Dele, participando da sua Cruz; significa, a exemplo Dele, sofrer os horrores das algemas, como se fosse um malfeitor. Além do mais, Jesus Cristo é “da descendência de Davi”, nosso rei, portanto. Mas, um Rei que, ao contrário dos poderosos desse mundo, em vez de pedir nossa vida Ele dá sua vida por nós, por nossos pecados, até à morte e morte de cruz. Timóteo, os cristãos, as comunidades dos fiéis, não podiam, portanto, jamais esquecer esse fundamento de sua fé, de sua vida. Vale repetir aqui o que Paulo já escrevera aos coríntios: *Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.* (1Cor 15,3,4).

Por tudo isso, Paulo conclui sua exortação com um dos mais belos hinos da Igreja primitiva: *Se com Ele morrermos, com Ele viveremos. Se com Ele ficarmos firmes, com Ele reinaremos. Se nós o negarmos, Ele também nos negará. Se lhe somos infiéis, Ele, porém, permanecerá fiel, pois não pode negar-se a si mesmo* (2Tm 2,11-13).

3. O encontro com Jesus nos purifica da lepra da soberba e reintegra na comunidade de Deus e dos irmãos (Lc 17,11-19)

O mistério ou obra da recuperação de nossa pureza originária que “reestabelece” nossa intimidade com o Pai e refaz nossa comunhão com

suas criaturas, nossas irmãs, vem documentado, nesse Domingo, pelo conhecido Evangelho da cura dos dez leprosos.

3.1. Jesus, o bom pastor em saída

Lucas inicia o Evangelho de hoje dizendo que, *a caminho de Jerusalém, Jesus passava pela divisa entre Samaria e Galileia. Ao entrar num povoado, dez leprosos dirigiram-se a ele* (Lc 17,12).

Naquele tempo, um judeu, como Jesus, passar pela Samaria e pela Galiléia era um tanto inaudito e atrevido, algo muito perigoso, devido à ferrenha rivalidade entre samaritanos e judeus. Esses consideravam aqueles como violadores das sãs tradições mosaicas e da sagrada lei de Deus. De qualquer forma, ambos os lados, olhavam-se movidos pelo ódio e pela raiva. Jesus, porém, era movido pela compaixão do Pai. Por isso, em vez de seguir reto, entrou numa aldeia, totalmente desarmado, acompanhado não por lutadores ou guerreiros, mas apenas por aqueles simplórios e indefesos pescadores.

O caminho da compaixão, porém, como a palavra mesma diz, é de padecimento, de cruz. É o que Lucas quer insinuar ao dizer que Jesus estava indo para Jerusalém, a cidade sagrada, a capital de seu povo, onde Ele dará sua vida como testemunho da compaixão, da misericórdia e do perdão do Pai. Era movido por esse fogo que Jesus atravessava a Samaria e entrava numa de suas aldeias. Por

que esperar, então, se já podia realizar agora a salvação daqueles pobres miseráveis que imploraram misericórdia e compaixão?

Como vimos acima, pior não podia ser a desgraça dos leprosos. Considerados por eles mesmos como condenados por Deus, só tinham uma coisa a dizer e a gritar: “Somos imundos, somos imundos! Não se aproximem de nós!” Jogados à margem da sociedade, ninguém podia ou tinha condições de ajudá-los, nem mesmo seus familiares ou amigos íntimos. Até os religiosos do seu tempo, dos quais se deveria esperar um gesto de salvação, costumavam escorraçá-los até morrerem em lugares desérticos. O único consolo, ajuda ou companhia era a deles mesmos, os leprosos.

No entanto, com a chegada ou aproximação de Jesus, justamente um estranho e judeu, um inimigo, a situação muda pelo avesso! Se antes era tudo desgraça, desânimo, agora é confiança, fé. Se já havia chegado até eles alguma notícia a respeito dos feitos e das pregações de Jesus não se sabe. Todavia, aquele gesto estranho de se aproximar deles de modo tão humilde, desarmado e pacífico, certamente os comoveu e os levou àquele grito de esperança, confiança e fé: “*Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!*”.

Certamente, a palavra “compaixão” mexeu com a fibra mais íntima e profunda do coração de Jesus, de sua identidade, vocação e missão. É como se um grande pecador gritasse para um sacerdote: “Ó Padre, tem

pena de mim! Perdoa meus pecados!” Pois, não era justamente para isso que Jesus saíra do Pai e viera para esse mundo?! Mostrar as entranhas mais profundas de seu Pai: sua misericórdia, seu perdão!? O modo de ser da compaixão, porém, é sempre, muito discreto, humilde e simples, sem jamais buscar qualquer vantagem ou promoção de si mesmo. Por isso, sem nenhum estardalhaço, Jesus ordena simplesmente que fossem se mostrar aos sacerdotes a fim de que esses os reintegrassem na sociedade civil e religiosa.

Uma legislação especial (Cfr. Lv 13-14) reservava aos sacerdotes a tarefa de declarar a pessoa leprosa ou seja, que era impura e, por conseguinte, excluída da comunidade; e, igualmente, competia a eles constatar sua cura a fim de possibilitar-lhe a readmissão na vida normal da comunidade.

3.2. A ação de graças do estrangeiro

Vem, então, a segunda parte: só *um dos dez, vendo que estava curado, voltou glorificando a Deus em alta voz; atirou-se aos pés de Jesus, com o rosto por terra e lhe agradeceu.*

A ausência dos nove não deixa de ser uma representação de todos nós. Como eles, também nós costumamos considerar-nos curados, não por obra ou graça de Deus, mas por nossos merecimentos, por nossa fidelidade às leis. Só um – justamente o samaritano, isto é o estrangeiro, o não

cristão, diríamos hoje – voltou para dar glória a Deus.

Todos haviam sido curados fisicamente, mas apenas um salvo humanamente, religiosamente, pela raiz. Pois, somente esse pôde fazer a experiência da gratuidade do encontro com Jesus, a experiência da verdadeira purificação que reintroduz o pecador na alegria, na festa da intimidade com o Pai, através da força do olhar e da palavra de Jesus.

Um Evangelho sempre muito oportuno! Pois, a gratidão é, certamente, um dos sentimentos mais profundamente enraizado no coração dos homens. Por isso, igualmente, um dos primeiros ensinamentos de nossos pais é, justamente, o de sermos agradecidos. No entanto, somos, hoje, uma geração de ingratos, principalmente em relação a Deus. Respiramos e vivemos, cada vez mais fortemente, o espírito de uma sociedade e religião mercantilista: “dou se me deres”. Nada ou muito pouco se dá e se faz de graça. Cada um tem o que mereceu ou ganhou com o próprio esforço. Por isso, no meio de tantos bens, o azedume, a tristeza interior, pois não tem a quem agradecer, a dizer-lhe: “Muito obrigado!”

Os nove libertos da lepra física continuaram impuros porque tomados pela lepra da soberba do egoísmo. Assim, à alegria da festa do convívio com o Senhor, preferiram se auto satisfazer com a pseudo alegria do merecimento, através da observância da lei. O samaritano, ao contrário, conheceu Deus pro-

vando de sua misericórdia e compaixão, através da palavra de Jesus; um Deus que, como canta Maria em seu Magnificat, olhou para baixo, para os pobres, desprezados, miseráveis, desgraçados; para aqueles que não são nada, aqueles que nem mais Deus podem ter. Então, Ele passa a ser visto, conhecido e amado como de fato é: uma Pessoa que é Deus -Pai, muito querido, amável e digno de louvor. Então, a alma engrandece o Senhor e o espírito exulta em Deus seu Salvador; na humildade do coração, os pés se dobram e o rosto agradecido se prostra até o chão. Eis a verdadeira salvação que nos reintegra à nossa origem primeira e última e nos põe em comunhão com os irmãos e as criaturas porque todos e todas filhos e filhas do mesmo e único Pai, como o canta de modo jubiloso São Francisco no Cântico do Irmão Sol e nosso Papa o recorda em sua Encíclica *Fratelli Tutti*.

A cena termina com esse jubiloso ordenamento ou missão de Jesus: *“Levanta-te e vai! Tua fé te salvou!”* Curado e salvo pela raiz, o leproso, em vez de arrastar-se às margens da vida, podia, agora, pôr-se de pé e andar livre no convívio dos irmãos, como testemunho vivo das maravilhas que o Senhor operara em seu favor. É o que mais tarde vai fazer também São Francisco, logo após ter ele também provado a misericórdia de Deus através do encontro com o Crucificado: *levantando-se e entrando na cidade, começou a louvar a Deus pelas praças e vielas como ébrio de*

espírito. Terminada essa louvação do Senhor, volta-se a conseguir pedras para a reparação da dita igreja, dizendo: “Quem me der uma pedra terá uma recompensa. Quem, porém, der duas terá duas recompensas. Mas, quem der três terá outras tantas recompensas!” (LTC 21).

Conclusão

Mergulhados até o pescoço, numa sociedade cujo espírito é o mercantilismo egocêntrico e utilitarista, uma sociedade cujas relações se baseiam unicamente na utilidade de suas ações e no prazer dos sentidos; uma sociedade, enfim, que se fundamenta na vanglória, é muito difícil contemplar e fazer a experiência do amor gratuito de Deus. Só a graça de uma conversão poderá tirar-nos da tristeza dessa lepra que nos mantém separados, marginalizados da alegria, da Festa do encontro com Deus e com os irmãos, principalmente *com as pessoas vis e desprezadas, pobres, débeis, enfermas, leprosas e mendigos de rua* (RNB 9,2).

Exemplo admirável de uma conversão crística, nascida da graça do encontro com os leprosos de sua época, foi São Francisco, assim resumida no início de seu Testamento:

O Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência assim: como vivesse em pecado, parecia-me demais amargo ver leprosos. E foi o próprio Senhor quem me le-

vou para o meio deles e fiz misericórdia para com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo transformou-se para mim em doçura da alma e do corpo; e, depois, detive-me um pouco e saí do século (Test).

Naqueles leprosos, que Francisco encontrou quando ainda vivia *no pecado* — como ele mesmo diz

— estava presente Jesus; e quando Francisco se aproximou de um deles e, vencendo a própria repugnância, abraçou-o, Jesus curou-o da sua lepra, ou seja do seu orgulho, de sua soberba, convertendo-o ao amor de Deus. Eis a vitória de Cristo, que é nossa cura profunda e nossa ressurreição para a vida nova! *Veio ao nosso encontro, para dentro da aldeia do nosso coração!* (Bento XVI, 01/12/2012).



29º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Ex 17,8-13; 2Tm 3,14-4,2; Lc 18,1-8

Tema-Mensagem: Porque frágeis por natureza e sempre perseguidos pelas forças e juízos do mundo, precisamos *rezar sempre e nunca desistir!*

Introdução

A mensagem deste Domingo nos é dada e celebrada através da figura de uma viúva que, incessantemente, importuna o juiz iníquo da cidade, exigindo-lhe justiça. Como ela, também nós sentimos o quanto somos frágeis, desamparados, indefesos e injustiçados! Por isso, Jesus vai nos dizer que é preciso crer e rezar sempre e nunca desistir; que tenhamos, inclusive, a ousadia de importunar tanto seu Pai até que nos atenda.

1. Mão para combater o inimigo e mão estendida para o amigo maior (Ex 17,8-13)

Quem, já de longe, nos introduz na mensagem evangélica, acerca da necessidade da fé e da oração contínua e insistente, é um pequeno trecho do livro do Êxodo. Em sua travessia pelo deserto, no empenho pela conquista da terra prometida, terra do dom da liberdade de Deus, os israelitas foram atacados pelos amalecitas. Moisés, o profeta e mediador de Deus, ordena, então, a Josué: “*Escolhe alguns ho-*

mens, e amanhã sai para combater contra Amalec; enquanto isso eu me posicionarei no alto da colina, com o cajado de Deus em minhas mãos” (Ex 17,9).

A narrativa faz parte do memorial das admiráveis e inesquecíveis intervenções de Javé em favor de seu povo, na grande travessia do deserto, rumo à Terra Prometida. Os israelitas estavam diante de uma situação limite: cair nas mãos dos amalecitas, isto é, da morte ou escravidão, ou lutar e vencer, a fim de continuar a caminhada rumo à libertação definitiva.

O enfrentamento, porém, era-lhes completamente desfavorável devido à superioridade do inimigo. Só uma força maior poderia defender aquele punhado de homens simples, que nem guerreiros eram, e levá-los a uma vitória. Foi o que pensou e fez Moisés, o comandante divino. Enquanto Josué combatia na planície, Moisés, com o cajado de Deus em suas mãos, subiu à montanha para rezar, apoiado por Aarão e Ur.

A atitude de Moisés, do orante, porém, não é a de um mago que controla o poder de Deus com seus rituais ou magias, mas daquele que se apresenta a Deus olhando e suplicando a Ele com toda a confiança. Deus, então, responde a Moisés, a nós, não porque pedimos, mas porque Ele é bom, misericordioso. Por isso, isto é, por ser mais de Deus do que nossa, essa luta será sempre uma luta santa,

sagrada. Consequentemente, aqui, a vitória não é atribuída a Josué que lutou com a espada nem mesmo a Moisés que intercedeu com a “vara de Deus”, mas a Deus mesmo. O acontecimento, assim, vai permanecer gravado na mente do Povo, não tanto como mais uma batalha, mas como um testemunho da fé de Moisés em Deus, que deve ser imitado por todos os seus seguidores em seus desafios, lutas e batalhas diárias.

Assim, mais do que um grande guerreiro, o Povo de Deus precisa de um grande intercessor. Por isso, Moisés, não é descrito como comandante de um povo, mas como um taumaturgo que, em vez de uma espada ou coroa, carrega em sua mão a *vara de Deus*, a vara que toca, fere o coração misericordioso de Deus: a vara da súplica dos pobres e perseguidos, dos desvalidos e desafortunados. É isso que fere o coração de Deus! Algo semelhante aconteceu com São Francisco. No auge da sua luta contra as forças do mundo, no momento em que a angústia mais lhe apertava o coração, já sem forças, derrotado em si mesmo, não sabendo mais o que fazer e a quem recorrer, a fim de encontrar o sentido de sua vida, caiu de joelhos e *implorou misericórdia ao Senhor* (LTC 13). E é justamente essa misericórdia que vai salvá-lo de sua miséria existencial. Pois, logo mais adiante, na igreja de São Damião, o próprio Senhor das misericórdias, o Crucificado, veio-lhe em socorro para conceder-lhe a graça de sua nova vocação e missão: restaurar sua Igre-

ja, a humanidade, através da justiça divina, a Cruz.

2. Firme na verdade que se aprendeu e aceitou (2Tm 3,14-4,2)

Na segunda leitura, tirada da 2ª Carta a Timóteo, Paulo, como um grande pai, próximo de sua morte, continua dando a seu “caríssimo” discípulo orientações claras e precisas, acerca de seu ministério episcopal: *Permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como verdade. Tu sabes de quem aprendeste. Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras: elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus*” (2Tm 3,14).

A centralidade e a importância da exortação de Paulo vem expressas com o verbo *permanecer*. Permanecer naquilo que se aprendeu e se aceitou como novo sentido da vida. Ou seja, não basta abraçar a fé, a Igreja, Jesus Cristo. É preciso, também, permanecer, isto é, criar raízes, relações, crescer e fortalecer-se nesse mistério, através de novos empreendimentos, pois pertence à natureza do amor e da fé a necessidade do seu aprofundamento. Quando isso não acontece, a morte pode demorar, mas é certa. Exemplo dessa permanência, que nada tem a ver com conservadorismo retrógrado, tradicionalista, encontramos em São Francisco. Diz a Legenda que, *embora já consumado em graça diante de Deus e resplan-*

decendo em obras diante dos homens desse mundo, o santo pai estava sempre pensando em empreender coisas mais perfeitas e, como soldado veterano das batalhas de Deus, provocava o adversário para novos combates. Propunha-se a grandes proezas, sob a orientação de Cristo e, mesmo semimorto pela falta de saúde, esperava triunfar do inimigo numa nova refrega... Ardia, por isso num enorme desejo de voltar aos primórdios da humildade” (1C 103). Na mesma tonalidade, também Santa Clara dizia que é preciso permanecer sempre firme no cultivo do nosso primeiro amor (Cfr. 2CCL 11).

Na segunda parte de sua exortação, Paulo dá a direção do cultivo acerca dessa permanência: *Toda a Sagrada Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, para argumentar e corrigir e para ensinar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e qualificado para a boa obra* (2Tm 3,16).

Quem, recentemente, apresentou bem esse princípio foi o Papa Bento XVI. Na abertura de sua Exortação apostólica *Verbum Domini*, expressa um grande desejo e uma ardente esperança: que a Palavra de Deus volte a ser para os cristãos de hoje o que era no começo da Igreja: o princípio, a fonte de toda a vida e de toda sua ação. E, no final desse seu documento, depois de falar que a Palavra de Deus não cessa de nos interpelar pessoalmente, aqui e agora (VD 122), insiste que a nova evangelização precisa de uma nova escuta da Palavra

de Deus. E conclui com este ardente apelo:

Por isso, é preciso que cada um dos nossos dias seja plasmado pelo encontro renovado com Cristo, Verbo do Pai feito carne: Ele está no início e no fim de tudo, e nele todas as coisas subsistem (Cfr. Cl 1,17). Façamos silêncio para ouvir a Palavra do Senhor e meditá-la, a fim de que a mesma, através da ação eficaz do Espírito Santo, continue a habitar e a viver em nós e a falar-nos ao longo de todos os dias da nossa vida. Dessa forma, a Igreja sempre se renova e se rejuvenesce graças à Palavra do Senhor, que permanece eternamente (Cfr. 1Pd 1,25; Is 40,8). Assim, também nós poderemos entrar no esplêndido diálogo nupcial com que se encerra a Sagrada Escritura: “O Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem’! E, aquele que ouve diga: ‘Vem’! O que dá testemunho dessas coisas diz: ‘Sim, Eu venho em breve’! Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,17.20) (VD 124).

Por tudo isso, outra não podia ser a exortação final de Paulo ao seu caríssimo filho Timóteo: *Proclama a palavra, insiste oportuna e importunamente, argumenta, repreende,*

aconselha com toda ciência e doutrina! (2Tm 4,2).

3. Deus fará justiça àqueles que gritam por Ele (Lc 18,1-8)

Entre as diversas parábolas criadas por Jesus para revelar e comunicar a Boa Nova acerca do Pai, isto é, do seu reino, do seu cuidado, a liturgia de hoje proclama a parábola da “Viúva e do juiz iníquo”.

3.1. Justiça, justiça, justiça!

Lucas apresenta o objetivo da parábola com muita clareza, já na introdução: *Jesus contou aos discípulos uma parábola para mostrar-lhes a necessidade de rezar sempre e nunca desistir* (Lc 18,1).

A parábola apresenta um contraste, que não podia ser maior. Um juiz que não temia a Deus e nem respeitava os homens e uma viúva indefesa, que todo santo dia lhe implorava: *“Faze-me justiça contra o meu adversário!”* (Lc 18,3).

Já dissemos, muitas vezes, que, na Sagrada Escritura, as pessoas são mais que indivíduos ou pessoas. São também personagens. Assim, ao transcrever essa parábola, Lucas, talvez, tinha presente a situação dos judeus no tempo de Jesus, explorados pelos romanos ou, quem sabe, a própria Igreja primitiva, perseguida, tanto pelos judeus como pelos demais povos, onde ela começava a marcar presença. Em todas as situações a experiência dos cristãos era a mesma: a incapacidade de enfrentar as injustiças a partir de suas próprias forças.

Assim, não lhes restava outra saída senão clamar por Jesus, o único juiz que poderia salvá-los.

Mas, como parábola, a mensagem vai mais longe. Nela se desenha a situação de todos aqueles pobres coitados que, desde o inocente Abel, passam pela história gritando por justiça. De fato, para representar toda essa multidão de pobres indefesos, nada melhor do que a figura da viúva do Evangelho, uma pobre mulher, sem marido, desprotegida e explorada por todos. Mas, talvez, a figura da viúva queira significar, também e principalmente, o estado sempre atual da Igreja, dos cristãos, que tem de percorrer, atravessar o deserto desta vida no vigor da pureza da fé, sem a presença “física” de seu esposo, Jesus Cristo, que partiu e está sentado à direita de seu Pai.

A intenção da narrativa é, então, mais que clara: essa viúva – a Igreja, os cristãos e com eles a humanidade toda – não têm nenhuma possibilidade de conseguir a justiça com suas próprias mãos. Por isso, não lhes resta outra saída senão importunar o juiz, dia após dia, até cansá-lo e obrigá-lo a fazer-lhe justiça.

3.1. Jesus Cristo Crucificado, a vingança e a justiça de Deus

Terminada a narrativa, vem a conclusão de Jesus: *“Escutai o que diz esse juiz iníquo. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos que, dia e noite, gritam por Ele? Será que vai fazer esperá-los?”* (Lc 18,6). Ou

seja, se os gritos de uma pobre viúva conseguem ser atendidos por um juiz mesquinho, que não teme a Deus e nem respeita os homens, o que então dizer de Deus, o Pai do Céu?!

O protagonismo da parábola, portanto, não está na viúva que deve rezar sempre sem jamais desistir, mas em Deus que aparece escondido, atrás do juiz iníquo. Por isso, o objetivo da parábola não é outro senão o de levar-nos a colocar toda confiança em Deus que, todos os dias, escuta os gemidos dos pobres que o imploram. Jesus vai até mais longe. Diz que devemos, inclusive, importunar o Pai, até cansá-lo e obrigá-lo a fazer-nos justiça. Assim, a parábola está nos revelando que no Reino de Deus há, de um lado, um Pai sempre pronto e atento e, de outro, seus filhos pequeninos e desamparados, que devem confiar nele sempre, aconteça o que acontecer, sem jamais desistir.

Por isso, longe de nós pensar que a súplica seja para mudar ou obrigar Deus a fazer nossa vontade, atendendo nossos pedidos, por mais justos ou meritórios que pareçam. Seu objetivo, antes, é obrigar a entregar-nos à vontade de Deus como fez Jesus na Cruz. Esse é o primeiro e único sentido da oração, da fé: tornar-nos vazios de nós mesmos, a fim de que Ele, o Senhor e justo juiz – mas que por nós, muitas vezes, é visto como injusto – possa realizar em nós sua justiça, isto é, a medida justa, adequada de seu amor, de seu bem querer misericordioso.

Por isso, falando do papel da oração, dizia São Francisco:

Mas atentem para que, acima de tudo, devem desejar ter o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar; orar sempre a Ele com o coração puro; ter humildade e paciência na perseguição e na enfermidade; amar aqueles que nos perseguem, repreendem e acusam, pois, diz o Senhor: “Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem e caluniam. Felizes os que padecem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Quem perseverar até o fim, esse será salvo! (RB 10,9-13).

Tomada de modo isolado, a parábola tem um sentido muito forte, pois, na verdade, o termo “justiça” aqui significa vingança. Sim, Deus vai se vingar, bem depressa daqueles que oprimem seus eleitos e amados! Mas, como? Não evidentemente como o mundo o faz, oprimindo e arrasando seus adversários. A “vingança de Deus”, a justiça divina não é outra senão a entrega que Ele faz de si mesmo através de seu Filho único e amado, até à morte e morte de Cruz. Deus se vinga, sim, de todas as explorações, injustiças, opressões, implantando no coração dos homens e de cada criatura um novo princípio de relacionamento: a força da não-justiça, do perdão, da misericórdia: a Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Eis o novo direito e a nova medida que nascem e vêm de um Deus infinitamente misericordioso

e magnânimo, implantados no coração de cada homem e de cada criatura, a partir da Encarnação e de sua consumação na Cruz.

Por isso, a partir dessa vingança – a não-justiça de Deus – o poder dos injustos que oprimem de todas as formas os pequenos, as viúvas de todos os tipos, em todos os tempos, cai no vazio e no isolamento. Pois, em vez de inimigos, só encontra amigos; em vez de adversários, irmãos; em vez de armas e exércitos, abraço e paz. Mas, para isso é preciso entregar-se a um amigo maior: o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Foi o que fez Jesus Cristo na experiência de seu abandono na Cruz: *“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”* Começa a surgir, assim, no meio da humanidade e da sua história, o grande mutirão de pequenas sementes de perdão e misericórdia, sustentado e levado adiante por milhões e milhões de inocentes, injustiçados e sofredores. Pequenas, mas, graças ao mistério da Encarnação-Cruz, de um alcance infinito para a salvação da humanidade inteira!

A parábola encerra-se com um suspiro de Jesus: *“Mas, o Filho do Homem quando vier, será que ainda vai encontrar fé sobre a terra?!”* (Lc 18,8). Em outras palavras, para Jesus o problema fundamental não está na existência de injustiças que clamam ao céu, mas na fé. Fé no amor eterno que Ele inaugurou na Cruz e introduziu no âmago mais íntimo de cada criatura, dando início, assim, a uma nova estruturação nas relações humanas: a “vingança” da Cruz ou pela

Cruz. Ou seja, será que realmente cremos nesse princípio que, paradoxalmente, mais parece ser de perdição do que de salvação?!

Conclusão

Desde o pecado de Adão e de Caim, a história dos homens vem repassada de injustiças que clamam ao céu e de tentativas para superá-las. No meio de toda essa realidade, a nós cristãos é confiada a tarefa ou missão de recordar a presença de outra realidade. A realidade de um Deus crucificado, totalmente desnudado de tudo, exposto à total dependência, como a pobre viúva; um Deus que a todos diz, com o silêncio de sua presença: *“Não temais, ó pequeno rebanho! Porque foi do agrado do Pai dar-vos o Reino dos céus”* (Lc 12,32). Ou seja, é nessa fraqueza, nessa finitude, que se encontra a verdadeira força de Deus e do homem: a gratuidade do amor, da confiança, da fé, da oração, da recíproca intimidade de Deus. E isso é tudo!

Foi movido por essa experiência evangélica que Francisco compôs o Salmo para as Matinas da Semana Santa, cuja parte registramos aqui:

*Senhor Deus da minha salvação **

de dia e de noite clamei diante de ti!

....

*Tu conheces meu impropério **

minha confusão e minha reverência.

*Na tua presença estão todos os que me afligem **

meu coração já esperava impropérios e miséria.

*Esperei quem se contristasse comigo e não houve **

quem me consolasse e não encontrei.

*Ó Deus, os iníquos insurgiram-se contra mim **

*a assembleia dos poderosos perseguiram a minh'alma **

e a ti não puseram diante dos seus olhos.

*Fui contado entre os que descem à cova, * tornei-me como*

um homem sem auxílio, abandonado entre os mortos.

*Tu és o meu Pai santíssimo, * o meu Rei e meu Deus.*

*Vem em meu auxílio, * Senhor Deus da minha salvação!*



30º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Eclo 35,15b-17.20-22a; 2Tm 4,6-8.16-18; Lc 18,9-14.

Tema-mensagem: Humildade, caminho por excelência para o encontro, o amor e a oração!

Introdução

No Domingo passado celebramos o Deus justo, sempre pronto para atender seus filhos que O suplicam e imploram em suas necessidades. Hoje, Jesus vem ao nosso encontro para nos fortalecer na virtude essencial da oração, tão essencial que sem ela não existe oração: a santa humildade.

1. O grito do pobre atravessa as nuvens (Eclo 35,15b-17.20-22a)

Quem nos introduz, já de longe, ao mistério desse Domingo, é um pequeno trecho do Eclesiástico. O autor tem como objetivo principal despertar em seus leitores – os eleitos de Deus – um profundo sentimento de temor e de confiança no Senhor da Aliança. Diferentemente dos outros povos, que tinham deuses vingativos, justiceiros e impiedosos, o Deus, o Senhor do Povo da Aliança, *é um juiz que não faz discriminação de pessoas. Ele não é parcial, em prejuízo do pobre, mas escuta, sim, as súplicas dos oprimidos* (Eclo 35,15).

Na verdade, nesse anúncio está o prenúncio da Boa Nova de Jesus: que Deus é Pai, nosso Pai, e nós, portanto, somos seus filhos queridos. A oração do autor apoia-se na fé do Deus da Aliança. Um Deus que jamais *despreza a súplica do órfão nem da viúva, quando desabafa suas mágoas* (Eclo 35,17). Por isso, aquele que responde ao Senhor com fidelidade e humildade *será sempre bem acolhido e suas súplicas subirão até as nuvens* (Eclo 35,20). E, enquanto não for atendido, não terá repouso e não descansará *até que o Altíssimo intervenha, faça justiça aos justos e execute o julgamento* (Eclo 35,22).

2. Buscar sempre a justiça de Deus, jamais a nossa (Lc 18,9-14)

O ensinamento de Jesus acerca da humildade vem através da parábola do *fariseu e do publicano que subiram ao Templo para orar* (Lc 18,10).

2.1. Dois homens antagônicos

A parábola tem um endereço muito certo: *alguns que se vangloriavam como se fossem justos e desprezavam os demais* (Lc 18,9). Mais que uma comparação, a parábola é a proposição de um exemplo: o que se há de evitar e o que se há de imitar, quando realmente queremos rezar, isto é, quando queremos acolher

Deus em nossos corações e em nossa vida: evitar a soberba e imbuir-nos de humildade. A parábola é como uma flecha zunindo. Passa rente, sem agredir. Seu zunir, porém, provoca o ouvinte, não apenas a pensar, mas também à advertência, à admoestação acerca de seus convencimentos e de suas seguranças; acerca de sua justiça e de seu desprezo dos outros, enfim de sua soberba. Tanto o fariseu como o publicano sobem ao Templo para orar. Mas, a oração de um e de outro nasce de fontes bem diferentes. Se no fariseu a oração brota da soberba, no publicano nasce da humildade. Se no primeiro a oração é para auto justificar-se diante de Deus e se vangloriar, no segundo ela nasce da necessidade de receber o perdão de Deus, perdão que transforma, converte o pecador em justo. Só esse caminho – o da humildade – é capaz de acolher o amor e levar as pessoas à doçura do encontro, sentido primeiro, único e último da oração.

A soberba é, certamente, o vício que está na raiz de todos os vícios, como a humildade está na raiz de todas as virtudes. Acerca dessa realidade, assim se expressa o mestre Frei Egídio, companheiro de São Francisco:

Todos os perigos e todas as grandes quedas que aconteceram no mundo não aconteceram senão através da elevação da cabeça, assim como se manifesta na queda daquele que foi criado no Céu e em Adão ou no

fariseu do Evangelho e em muitos outros. E todos os grandes bens que aconteceram foram feitos pela inclinação da cabeça, como se manifesta na Bem-aventurada Virgem, no publicano, no santo ladrão e em muitos outros (DE IV).

Enquanto a soberba poderia ser considerada como a resposta do homem da Lei, do Antigo Testamento, a humildade expressa a resposta do homem novo, nascido da graça da doçura do encontro com Jesus, princípio da Nova Aliança.

2.2. Os dois modos de rezar

Quem seriam esses dois homens? O fato do texto não os identificar significa que, antes de dois indivíduos, o evangelista quer nos revelar dois modos de orientar e conduzir nossa resposta. Àquele que nos amou por primeiro. Em outras palavras, cada um de nós pode ser fariseu e publicano ao mesmo tempo. Por isso, além das palavras com as quais os dois rezam, importa que prestemos atenção no modo como o fazem.

2.2.1. O fariseu

O fariseu, tomado pelo fogo da vaidade e pelo impulso da presunção, rezava ofendendo a Deus, aos demais homens e ao publicano. Ofendia a Deus, porque, na verdade, em sua oração, não estava buscando Deus, mas a si mesmo; usava Deus para auto satisfazer-se. Sua oração é egocentrada,

autorreferencial. Uma idolatria de si mesmo. Agradece, sim, a Deus, mas seu agradecimento está cheio de si, de auto-suficiência, de auto-justificação, de exibicionismo. Ele se auto compraz com o espetáculo de sua pretensa justiça e falsa piedade. Nele, não há um vazio, uma abertura, um espaço para receber. Está tão cheio de si que não tem nada a rogar, nada a pedir, nenhum pecado a confessar. Ele não consegue e nem pensa dizer a Deus, todos os dias, como reza o original latino: “*despacha as nossas dívidas, assim como nós despachamos as dívidas de nossos devedores*”. Ele não deve nada a Deus. Acha até, pelo contrário, que Deus é seu devedor, pois que sempre cumpriu direitinho suas leis: nunca deixou de pagar o dízimo, de fazer suas orações, suas “caridades”, seus jejuns, etc. Por isso, “rezava de pé!”

Além de ofender a Deus, o fariseu também insulta os demais homens porque os julga *ladrões, malfeitores, adúlteros*” (Lc 18,11). Segundo Agostinho a presunção dele é tão grande que ele considera todos os homens como pecadores, exceto a si. Todos os homens estão corrompidos. Ele é o único probo, íntegro, reto, puro, justo. São Gregório, por sua vez, dá alguns sinais que nos ajudam a perceber quando o homem é tomado pelo inchamento da mente, que é a soberba: quando ele crê que o bem nasce exclusivamente dele mesmo; quando atribui os bens aos próprios méritos e não à graça de Deus; quando disso se auto elogia e se gaba;

quando, com esses bens, quer aparecer diante dos outros, diante de Deus e diante de si mesmo como se fossem seus.

Finalmente, além de ofender a Deus e aos ausentes, o fariseu ofendia também o próximo, o publicano. Ao pensar: “*eu sou único!*”, “*esse publicano é como os demais!*” estava metendo a mão na ferida aberta do pobre publicano. Imaginemos o quanto não devia sentir-se rebaixado o publicano, escutando a prece desse fariseu. Há certa máxima que diz: não ponha a mão na ferida de alguém, a não ser para curá-la. O fariseu, ao contrário, põe a mão na ferida do publicano não para ajudá-lo a se salvar, mas para afundá-lo ainda mais na sua miséria. O soberbo, em sua petulância, é um caluniador e é, ao mesmo tempo, um menosprezador do seu próximo.

2.2.2. O publicano

Outro, bem outro, é o modo de se aproximar de Deus por parte do publicano. Movido pela humildade e pela contrição do coração, aproxima-se com verdadeira piedade. Ele, que ficara preso às coisas da terra, amando mais aos bens desse mundo, considerando-se indigno nem sequer ousa olhar para o alto. Ao contrário, bate no peito, não apenas porque do seu coração saíram tantos maus pensamentos e maldades, mas, também, para tentar acordá-lo da letargia em que os vícios o mergulharam. Em vez de se louvar diante de Deus, se penitencia e roga misericórdia: “*sê propí-*

cio a mim, pecador” (Lc 18,13). Não se irrita com a presunção do fariseu. Uma vez que sua ferida ficou exposta, aproveita a ocasião para apresentá-la ao divino Médico, pedindo-lhe a cura, a salvação e a restituição da saúde de sua alma.

Fazendo eco à humilde oração desse verdadeiro fiel, assim canta o salmista de hoje: *O pobre clama a Deus e Esse o escuta! (...) Minha alma se gloria no Senhor; que ouçam os humildes e se alegrem!* (Sl 33). O mesmo sentimento encontramos no Magnificat de Nossa Senhora: *“A minha alma engrandece o Senhor... porque olhou para a humildade de sua serva...”*. Também a primeira leitura de hoje nos conduz para dentro do mistério do nosso Deus. Ele não aceita as orações e as oferendas dos soberbos – que parecem querer suborná-lo – mas acolhe de preferência a oração dos humilhados e dos fracos, a saber, do pobre, do órfão, da viúva. Estamos, aqui, diante dos *anaviîms*, os pobres, os humildes de Deus; dos *anieh rouah*, os “humilhados do espírito”, cuja presença perpassa todas as páginas da Sagrada Escritura. O sopro da liberdade jovial de Deus, o Espírito, vem ao encontro dos humilhados como *misericórdia*, ou seja, como *amor fiel, entranhado, visceral, matricial, que se con-descende e se com-padece e, assim, liberta*. Deus se mostra receptivo aos humilhados, tratando-os com ternura e compaixão. O humilde, o humilhado, é chamado, em grego, *“tapeinós”*, isto é, pobre, o “pequenino” que, curado de seu

ressentimento, vive concentrado na finitude da vida, contentemente, alegremente, *doado à tarefa do aqui e agora* (HH). É para esses que o olhar de Deus se volta, de modo a se com-
prazer.

A parábola, diz-nos Agostinho, mostra como o Juiz deixa ir embora o acusador soberbo sem justificação e absolve, isto é, declara justo, o réu confesso, isto é, o pecador que se humilhou com sua confissão. O primeiro tinha se justificado a si mesmo. Por isso, não podia ser justificado por Deus. O segundo confessou sua injustiça e, por isso, pôde ser tornado justo por Deus. São João Crisóstomo, por sua vez, diz que nessa parábola aparecem dois carros com dois condutores. Enquanto o carro da justiça é guiado pela soberba, o carro do pecador é guiado pela humildade. A soberba põe a perder a justiça. A humildade supera o peso do pecado e reconduz o pecador ao lugar da salvação.

2.3. Soberba, caminho para o inferno; humildade, caminho para o Céu

Jesus termina a parábola dizendo: *“todo homem que se eleva será rebaixado, mas quem se rebaixa será elevado”* (Lc 18,14). Nós costumamos interpretar esse dito do Senhor na dinâmica do comércio, como se à humilhação seguisse o merecimento da exaltação e como se à exaltação seguisse o mal da humilhação. Mas, talvez, possamos interpretar o dito da

seguinte maneira: a humilhação, que nasce da humildade, é, ela própria, elevação e enobrecimento, enquanto que a elevação da soberba é, ela própria, degradação e envilecimento. É que o humilde, pela própria humildade, mostra grandeza e nobreza, enquanto o soberbo, pela própria soberba, mostra baixeza e vileza. Trata-se do mesmo princípio que rege a relação da Ressurreição com a Cruz. Cristo não precisou da Ressurreição para provar sua glória porque na própria Cruz Ele tem sua grandeza, sua glória, sua alegria. A humildade, com efeito, dá à alma humana uma magnanimidade que a eleva para a semelhança de Deus, a Humildade em Pessoa. Por isso, humildade é grandeza. Só os grandes, sábios e nobres podem ser humildes e só os humildes são os verdadeiramente grandes, sábios e nobres. E o são porque eles dominam as tristezas, suportam as tribulações com fortaleza, desprezam as vaidades terrenas e apreciam as verdades celestes. Enfim, grandes são os humildes porque, junto com o Humilde dos humildes – Jesus Cristo crucificado – carregam e guardam em silêncio e para si os pecados do mundo. A soberba não é verdadeira grandeza de alma porque, nesse caso, o homem se rebaixa tornando-se escravo de suas próprias ilusões. Confundir a grandeza e a nobreza de alma com a soberba é como confundir a robustez do corpo sadio, diz São Basílio, com a obesidade de um corpo hidrópico.

Nos *Fioretti* de São Francisco vem narrado um episódio muito gracioso.

Frei Masseo, ouvindo falar da grandeza e da beleza da humildade, jurou ir à luta até conquistá-la. Nessa luta, ele desesperou, pois entendeu que a humildade não poderia nunca ser uma conquista de seu eu. Então, no auge do seu desespero, apareceu-lhe Cristo. Esse perguntou-lhe o que ele daria para receber a humildade. Masseo respondeu: as meninas dos meus olhos. E Cristo, então, graciosamente, disse-lhe, como num gracejo: *“Fica com as meninas dos teus olhos, e recebe de mim a humildade de graça!”* A partir de então, muitas vezes, quando rezava, soltava um certo murmúrio uniforme de júbilo e, com voz abafada, fazia como o pombo: *“u, u, u”* e, com a face alegre e jucunda, doava-se à contemplação; e com isso tornou-se humilíssimo, reputando-se o mínimo dentre todos os homens (Atos, 34; Fi 32).

3. Paulo e sua oferta em sacrifício (2 Tm 4,6-8.17-18)

A segunda leitura deste Domingo é tirada da Carta de São Paulo a seu inseparável e fiel companheiro em suas viagens apostólicas entre os gentios: Timóteo. Paulo compreendia a si mesmo como alguém que estava a caminho, apressadamente a caminho. Ele corria acossado por uma pressa escatológica. O seu correr era um correr de um *“Apóstolo”* (enviado, mensageiro). Sua viagem se fazia na alegria e vigor do envio de Cristo. Ele era alguém que estava incumbido de levar, em nome do seu Senhor, a Boa Nova a toda a Terra.

No trecho de hoje, Paulo contempla seu fim: “*Quanto a mim, já estou para ser derramado em sacrifício, e o momento da minha morte está iminente. Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé...*” (2Tm 4,6-8). A passagem é conhecida, geralmente, como o “Testamento de Paulo”. E a quota mais significativa de sua herança é de que a vida de um cristão vem marcada pela necessidade de um combate, uma luta até ser derramado em sacrifício, como numa libação. É nesse combate que se decide se o discípulo de Cristo se torna o que ele, por graça, já é ou não é. Para isso, o cristão tem que correr o curso da vida, com todas as suas vicissitudes e peripécias, com todos os seus reveses, passando, inclusive, pela morte, com Cristo e como Cristo.

Na segunda parte dessa leitura, tomado de emoção e de arrebatamento, diante do mistério que o acompanhou desde sua conversão até esse momento – o fim – vai exclamando – como que saboreando – seguidamente, o nome do seu “Senhor”: *O Senhor, justo juiz [...]. Mas, o Senhor esteve ao meu lado e me deu forças*” [...]; “*O Senhor me libertará...*” (2Tm 4,8.17.18). E, como o arauto de uma grande luta, encarregado de anunciar a vitória final, exclama, alto e bom som: *A Ele a glória, pelos séculos dos séculos! Amém!* (2Tm 4,18).

Conclusão

A humildade é caminho claro de ascensão da alma para Deus e de comunhão com Ele, com os homens e com todas as criaturas > Céu (Cfr. LS 66). A soberba, ao contrário, é caminho de rebaixamento para os abismos escuros da miséria do isolamento de si e em si mesmo > Inferno, assim decantada por Dante:

Per me si va a la città dolente - Por mim se vai à cidade sofredora
Per me si va ne l'eterno dolore - Por mim se vai ao padecer eterno
Per me si va tra la perduta gente - Por mim se vai à gente condenada
 (Divina Comédia, III, 1-3)

Por isso, diz o salmista: a melhor oração não são nossos sacrifícios, mas, antes, um espírito contrito, um coração arrependido e humilhado. Eis o que o Senhor jamais haverá de desprezar (Sl 50,19).

Foi essa virtude que elevou o humilíssimo Francisco para o alto e a fixar sua morada em Deus; foi essa virtude que o levou, pela compaixão, a transformar-se em Cristo e pela condescendência a inclinar-se reverentemente para o próximo, principalmente, para o leproso e para todas as demais criaturas. Enfim, foi essa virtude que o levou para o estado da inocência original (Cfr. LM 8,1 e LS 66).



31º Domingo do Tempo Comum

Leituras: Sb 11,22-12,2; 2Ts 1,11-2,2; Lc 19,1-10

Tema-mensagem: De pecadores a justificados, graças ao chamado de Jesus e de sua visita e estada em nossa casa.

Introdução

Como Criador e Pai de todas as criaturas, Deus as ama com toda sua Deidade, tendo-as sempre presentes na intimidade de seu coração. Por isso, sofre por elas e com elas, principalmente, quando de seus pecados, isto é, quando elas se afastam do cuidado, de seu amor e de sua presença. Por isso, como bom Pastor, está sempre à sua procura, com ardente misericórdia e perdão. Jesus é o testemunho mais claro e admirável dessa iniciativa divina. Eis o mistério que celebramos neste Domingo, principalmente com o conhecido Evangelho da conversão de Zaqueu.

1. Nosso Deus ama todas as criaturas e por todas se compadece (Sb 11,22-12,2)

Quem nos introduz no mistério desse Domingo é um pequeno trecho do livro da Sabedoria, proclamado como primeira leitura da Missa. Nessas poucas frases encontramos uma das mais belas e excelentes descri-

ções do Antigo Testamento acerca de Deus. Poder-se-ia dizer: uma página do Novo Testamento no Antigo Testamento.

Inspirado em Isaías, que usa o exemplo do pó na balança e da gota d'água (Is 40, 15), diz o sábio: *“o mundo todo está diante de ti, como o pó retirado dos pratos da balança, como a gota de orvalho matinal que desce ao chão”* (Sb 11, 22). E, não obstante essa desproporção abissal, entre a onipotência de Deus e a insignificância do mundo, a piedade divina é universal, se estende sobre tudo e sobre todos e em todo o tempo.

Por isso, segundo o sábio, se Deus se revela grande e onipotente na criação, muito maior, mais forte e mais poderoso, Ele se revela em sua conservação. Ele, abismado, vê e contempla a onipotência divina, sua grandeza, em contraste com a fragilidade do mundo em sua pequenez e niilidade (seu caráter de não-ser). Ou seja, é na sua misericórdia, na sua condescendência que Deus expressa, de maneira ainda mais forte e admirável, sua onipotência e grandeza: *Mas tu, de todos tens piedade porque tudo podes e afastas os olhos dos pecados dos homens para levá-los ao arrependimento* (Sb 11,23). Enfim, a potência de Deus é sua misericórdia.

2. Jesus passa, chama e justifica os injustificáveis (Lc 19,1-10)

Como Evangelho, para iluminar o mistério de hoje, a Liturgia escolheu o conhecido milagre da conversão de Zaqueu.

2.1. Zaqueu, um rico às custas dos pobres, quer ver Jesus

A história de Zaqueu, além de graciosa, é recheada de simbolismos. Começa dizendo que *Jesus tinha entrado em Jericó e estava atravessando a cidade* (Lc19,1). Essa viagem acontece logo após Jesus ter anunciado seu ardente desejo de subir a Jerusalém para sofrer sua Paixão, quando, então, será declarado Rei do universo, pela paradoxal investidura da Cruz. Eis o ânimo que está movendo Jesus a fazer essa viagem.

Em Jericó, porta de saída da escravidão do Egito e de entrada para a Terra da libertação, dois homens são acolhidos de antemão nesse reino: um cego (Mc 10,46-52) e agora um publicano. A intenção de Lucas é muito clara: mostrar que chegou a hora do chamado e do ingresso dos gentios no novo Povo de Deus. São Cirilo diz que Jesus, cujo nome significa Salvador, veio para iluminar os cegos e chamar para junto de si os que estão afastados.

Apareceu um homem chamado Zaqueu, chefe dos coletores de impostos, muito rico (Lc 19,2). O nome “Zaqueu”, que em hebraico significa

“o justificado”, já anuncia seu destino: aquele que haveria de passar da injustiça para a justiça.

Zaqueu era um publicano, coletor de impostos. Como tal era mal visto por causa de sua colaboração com os ocupantes: os imperialistas romanos e, ainda por cima, um pagão. Além do mais, cobrava de seus compatriotas não apenas o pesado fardo dos tributos em favor do império romano, mas, também, o que era sua parte, pelo trabalho realizado. E aí as fraudes e a corrupção campeavam soltas! Lembremos a exigência de João Batista aos publicanos que o procuraram para ser batizados: “*Não exigais nada além do que vos foi fixado*” (Lc 3,13).

Diz, então, o evangelista que *Zaqueu procurava ver quem era Jesus, mas não conseguia por causa da multidão e porque era muito baixo* (Lc 19,3). Essa busca era um sinal de que a semente da salvação já tinha germinado nele. É a sede da alma sedenta pela fonte de água viva. Tudo indica, pois, que Zaqueu estava inquieto consigo mesmo; que desejava e precisava de um Salvador. Por isso, queria ver quem é Jesus. Entretanto, dois obstáculos o impediam de vê-Lo e de conhecê-Lo. Um, era a “multidão”. Não a multidão de pessoas, mas a abundância de bens. Como fruto dessa multidão de bens, Zaqueu vivia tomado de avareza que, por sua vez, o tornava escravo desses bens. Assim, em vez de, livremente, servir-se do dinheiro, servia ao dinheiro como escravo.

O outro obstáculo era sua pequena estatura. Num sentido espiritual, todo o homem que sobrepassa os outros pela esperteza e malícia, para poder ganhar mais às custas deles, fraudando-os, é pequeno em alma. Não é propriamente um homem, mas uma caricatura de homem. E, enquanto permanecer assim, cego pelos bens, não pode ver Jesus, não pode conhecer quem Ele é – o Salvador – o portador da salvação.

Zaqueu contornou os dois obstáculos de uma maneira engenhosa. Para vencer o segundo, subiu num sicômoro. Os Padres da Igreja veem no sicômoro uma imagem da Cruz. A Cruz é a árvore da salvação. Parece estéril – árvore de morte. Mas, é fecunda para aqueles que nela ascendem para ver a Deus, isto é, para conhecer quem Ele é. Na Cruz – quer dizer, no Crucificado – revela-se aos homens a árvore da vida, que está plantada no meio do paraíso.

2.2. Jesus viu Zaqueu

Ora, se no primeiro momento era Zaqueu quem desejava ver Jesus, agora é Jesus que procura ver e conhecer Zaqueu. É a gratuidade do encontro! Jesus Cristo viu que Zaqueu estava sendo tomado pela graça da boa vontade e da humildade. Quis, então, premiá-lo, convidando-se para comer em sua casa e chamando-o pelo nome: *“Zaqueu, desce depressa: hoje preciso ficar na tua casa!”* (Lc 19,5). Lucas, no seu Evangelho, gosta de mostrar a salvação aconte-

cendo no “hoje”, isto é, no “agora”. É o kairós: momento de decisão e, ao mesmo tempo, de graça, oportunidade de salvação. E diz ainda que ele precisa ficar na casa de Zaqueu. É a necessidade, a obrigação da nobreza, do amor, do toque, do encontro.

Zaqueu, então, se desfaz do primeiro obstáculo. Deixando de lado toda cerimônia *desceu depressa e o acolheu todo alegre* (Lc 19,6). Sua leveza e sua alegria manifestam que, naquele instante, ele tinha deposto a carga pesada que carregava nos seus ombros, a carga de seus pecados, das injustiças cometidas, por causa de sua avareza. A bem-aventurança da pobreza de espírito o tornou leve e alegre. O pequeno Zaqueu desceu com a agilidade de um menino. Tornou-se criança diante do Mestre. Estava se tornando pobre o suficiente para receber a riqueza verdadeira, aquela que é digna de confiança: o próprio Deus.

Eis que, de repente, por graça, o camelo passava pelo fundo da agulha, dizia São Beda. O impossível se lhe tornava possível. O difícil ficou fácil. Era só hospedar o Mestre! Que honra! Ele buscava ver Jesus e, agora, Jesus o viu e o amou. Queria ver e foi visto! Queria conhecer e tornou-se conhecido. Agraciado dessa maneira, ele conhecia não apenas “quem é” Jesus, mas também quem ele, Zaqueu, era. Era a salvação entrando na casa de mais um pecador, um que havia se afastado da casa do Pai. São João Crisóstomo recorre a imagens bastante sugestivas, para falar do acontecimento da salvação na vida de

Zaqueu: o inocente vem ao encontro do culpado; a fonte da justiça jorra na sua casa, e, subitamente, anula a avareza, que é fonte de perversidade; o sol de justiça brilha ali, afastando a nebulosidade da avareza. É Jesus na casa de Zaqueu!

Entretanto, ali havia homens que não viam Jesus a não ser “segundo a carne”. Eles não viam nada mais do que “*um comilão e beberrão, amigo dos coletores de impostos e dos pecadores*” (Lc 7,34). Estavam cegos. A multidão, com seus julgamentos preconceituosos e maldosos, os impedia de ver e conhecer Jesus: “quem Ele é”. Se Zaqueu era pequeno de tamanho, eles eram pequenos de coração, de alma. Não conseguiam ver acontecer ali a grandeza da misericórdia de Deus. Por isso, começam a murmurar e a censurar Jesus: “*É na casa de um pecador que ele foi se hospedar!*” (Lc 19,7).

Zaqueu, porém, que conhecia muito bem a malícia dos homens – certamente por experiência própria – se adianta. Antes que Jesus respondesse alguma coisa, ele diz: “*Pois bem, Senhor, eu divido com os pobres a metade dos meus bens e, se prejudiquei alguém, restituo-lhe o quádruplo*” (Lc 19,8). O primeiro fruto da graça atuante na salvação de Zaqueu, que era “muito rico”, foi este: a divisão dos seus bens com os pobres. Dividindo, ele se desprende de sua fortuna. Assim, essa não terá mais a força de escravizá-lo e de afastá-lo do Reino de Deus. Além do mais, dividindo com os pobres, ele mesmo se

impõe uma pena pelas injustiças cometidas, tornando-se assim um penitente que procura substituir a avareza pela liberalidade e entrar na bem-aventurança dos pobres de espírito.

Treze séculos mais tarde, também o jovem Francisco de Assis, movido pela graça da visita de Jesus Cristo, despojou-se de todos os bens que havia acumulado através da avareza, distribuindo-os aos pobres.

O outro gesto de Zaqueu é restituir quatro vezes mais tudo o que ele tirou de outrem por meio da fraude e pela avareza. É a justiça e a generosidade do Justo e Santo criando raízes no coração de quem antes cultivava a injustiça e a rapina. Por isso, agora, em vez de tirar, ele restitui, e restitui em abundância, àqueles que ele lesou. Podemos perguntar se, ao fim das contas, sobrou ainda algum bem para Zaqueu? Quem vai saber? Mas isso pouco lhe importava. Importava-lhe receber a riqueza verdadeira, confiável: o Reino de Deus e sua justiça.

Teofilato nota que Zaqueu não diz “darei”, mas “dou”; não diz “restituirei”, mas “restituo”. Por isso, Jesus também fala no presente: “*Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também ele é filho de Abraão*” (Lc 19,9). A salvação era ele mesmo, Jesus, o Deus conosco, o Sol nascente, que nos veio visitar. Aquele era o “*kairós*”: o momento oportuno da salvação. A salvação veio à casa daquele filho de Abraão. Sim, também ele era filho de Abraão!

Ele era filho de Abraão, porém, não tanto pela estirpe, por laços de

sangue, de descendência. Era filho de Abraão por causa da fé. E como vemos isso? Por um paralelismo que existe entre Abraão e Zaqueu. Abraão, pela fé, deixou seus pais e seu país e foi para uma terra distante e desconhecida. Zaqueu, do mesmo modo, pela fé, deixava sua vida confiada em bens materiais e passava a uma vida confiada em Deus. Assim agindo ele se mostrava um verdadeiro filho da promessa, tanto quanto Isaac.

E Jesus arremata: *“Com efeito, o filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido”* (Lc 19,10). Zaqueu procurava ver Jesus. E o viu e conheceu de verdade porque Jesus – ultrapassando tudo o que Zaqueu podia desejar e imaginar – veio ao seu encontro. Na verdade, Jesus veio ao mundo à procura do que “estava perdido”. Eis a grande boa nova para todos os homens, queridos, amados de Deus.

A hospitalidade que os fariseus não deram a Jesus, deram-lha os pecadores. Os que se consideravam a si mesmos “sãos” dispensaram os cuidados do médico divino. Mas, os que se reconheceram enfermos e se deixaram cuidar por ele não apenas recuperaram a saúde essencial, mas também têm a ventura de tê-lo como hóspede.

3. A vinda do Senhor é certa, mas seu dia, sua hora só o Pai o sabe (2Ts 1,11-2,2)

A segunda leitura é um pequeno trecho da Segunda Carta de São

Paulo aos Tessalonicenses. O motivo dessa Carta está nos primeiros versos do capítulo segundo: estava se espalhando entre os tessalonicenses uma boataria segundo a qual a vinda de Jesus estaria para acontecer. Isso era motivo de medo, angústia, irritação e até de certa negligência no cumprimento dos compromissos e trabalhos cotidianos.

Por isso, logo depois de rezar a Deus para que os faça dignos de sua vocação, Paulo escreve com toda clareza e firmeza: *No que se refere à vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa união com ele, nós vos pedimos irmãos: não deixeis facilmente transtornar a vossa cabeça, nem vos alarmeis...* (2Ts 2,1-2).

Os cristãos, tanto em sua vida particular como comunitária, não podem jamais perder de vista a verdade acerca do mistério da parusia. O Senhor virá, sim, para concluir sua obra. Isso é certo! Ele mesmo o prometeu! Mas, quanto ao dia e à hora, isso compete apenas ao Pai. Todavia, o que mais importa é ter presente que essa vinda deve ser preparada pelos seus discípulos ou seguidores, através de um fiel exercício e desempenho de suas funções e trabalhos na Comunidade e no mundo. Por isso e para isso, exorta e reza: *Não cessamos de rezar por vós para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação. Que ele por seu poder realize todo o bem que desejais e torne ativa a vossa fé* (2Ts 1,11).

Conclusão

Zaqueu era muito rico. E ainda por cima corrupto. No Evangelho de Lucas, Jesus já havia advertido: “*é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus*” (Lc 18, 24-25). Na verdade, a salvação é impossível a todo o homem. Só a graça pode salvá-lo. Mas, essa graça é mais fácil para o homem pobre, desprezado do que para o homem rico. Por isso, à pergunta dos ouvintes: “*Então quem pode ser salvo?*”, Jesus responde: “*O que é impossível aos homens é possível a Deus!*” (Lc 18,28). Trata-se da mesma resposta dada pelo Anjo a Maria, quando essa lhe pergunta como pode uma virgem se tornar mãe sem conhecer homem.

E é justamente o milagre da salvação de um rico que contemplamos no Evangelho de hoje! É o camelo passando pelo fundo da agulha! E se isso foi possível a Zaqueu porque não poderá acontecer também a nós, pela graça de Deus, cuja misericórdia é onipotente!?

Sirva-nos de exemplo, o jovem Francisco de Assis, também ele rico e tomado pela cobiça dos bens desse mundo! No meio de suas riquezas, porém, graças à visita do Pobre dos pobres, Jesus Cristo crucificado, sentiu e viu toda sua pobreza, a nudez de sua alma. Também ele, comovido por tanta condescendência, jubiloso, vende todos os seus bens e distribui o dinheiro aos pobres (Cfr. LTC 15).

Segundo nosso Papa Francisco,

Jesus cativava porque suas palavras, seus gestos e atitudes evocavam das entranhas de seus ouvintes a consciência ancestral da proximidade de Deus e de sua própria dignidade. Para Jesus, toda pessoa é capaz de dignidade, tem valor... Mas, para fazer isso, ele precisou rejeitar as elites religiosas do seu tempo, que tinham se apoderado da lei e da tradição. A posse de bens da religião se convertera num meio de se colocarem acima dos outros, dos que não eram como eles, inspecionando-os e julgando-os. Misturando-se com cobradores de impostos e “mulheres de má fama”, Jesus recuperou a religião aprisionada dos ambientes das elites, do conhecimento especializado e das famílias privilegiadas para tornar cada pessoa e cada situação capaz de ver e encontrar Deus. Caminhando com os pobres, com os rejeitados e marginalizados, Jesus derubou o muro que impedia o Senhor de estar perto do seu povo, no meio do seu rebanho (Papa Francisco, Vamos Sonhar Juntos, pág. 134).



32º Domingo do Tempo Comum

Leituras: 2Mc 7,1-2.9-14; 2Ts 2,16-3,5; Lc 20,27-38

Tema-mensagem: Nosso Deus é um Deus de vivos e não de mortos.

Introdução

Aproveitando a proximidade do fim do ano litúrgico a Igreja celebra, neste Domingo, a fé e a esperança no mistério da Vida, da Vida eterna ou da ressurreição dos mortos.

1. Uma antiga lenda acerca da ressurreição dos mortos (2Mc 7,1-29.14)

A fé e a esperança na vida futura já foram proclamadas e testemunhadas na famosa lenda dos Irmãos Macabeus, do Antigo Testamento, proclamada na primeira leitura de hoje. Estamos diante de uma história verdadeiramente real, não, evidentemente, no relato dos fatos, mas no testemunho de uma fé, de uma esperança, de um entusiasmo por Deus de um pequeno resto de israelitas. A esperança na Ressurreição futura vem expressa com vigor e clareza neste pronunciamento do segundo irmão Macabeu, prestes a dar o suspiro final: *“Tu, ó malvado, nos tiras desta vida presente! Mas, o rei do Universo nos ressuscitará para uma vida eterna, a nós que morremos por suas leis!”* (2Mac 7,9).

Mais contundente ainda, porém, é o testemunho do quarto irmão que, *estando quase a expirar, disse: “Prefiro ser morto pelos homens tendo em vista a esperança dada por Deus, que um dia nos ressuscitará. Para ti, porém, ó rei, não haverá ressurreição para a vida”* (2Mac 7,14).

A lógica dessa fé é muito simples. A Lei, que Deus deu a Moisés, é diferente das leis dos poderosos desse mundo. Pois, além de ser uma lei assentada na lei do “não-poder”, que é amor e libertação, e não no poder de dominação, era a presença do próprio Deus no meio de seu Povo. Por isso, a arca que continha as tábuas da Lei era sagrada. Nela os judeus sempre viam a presença de seu Deus que os acompanhava na caminhada em busca da Terra prometida. Assim, amar, respeitar a Lei e morrer por ela era respeitar, amar e dar a vida pelo próprio Senhor. E quem dá a vida por Ele morre Nele, isto é, continuará vivendo Nele. Eis o sentido da ressurreição dos mortos, isto é, daqueles que morrem em Deus, com Ele e por Ele.

Essa mesma lógica será atualizada em toda sua plenitude com os seguidores de Cristo. Dar um copo d’água a alguém por amor Dele ou morrer com Ele, por Ele e Nele é morrer para si a fim de viver para a vida eterna.

2. Deus de vivos e não de mortos (Lc 20,27-38)

Para a celebração de hoje, a Igreja escolheu o Evangelho da conhecida controvérsia dos saduceus com Jesus acerca da ressurreição dos mortos: *Naquele tempo, aproximaram-se de Jesus alguns saduceus, que negam a ressurreição e o interrogaram...* (Lc 20,27).

2.1. A questão das questões

Os saduceus eram uma espécie de seita dentro do povo de Israel. Sua característica principal era de não crerem na ressurreição dos mortos, na vida eterna. Por isso, comodistas, mesquinhos e fechados unicamente na satisfação de seus interesses particulares, pouco lhes importava a situação dos outros, sua fome, suas doenças e necessidades. Para eles, crer numa vida depois da morte era coisa de criança, de pessoas ingênuas, um empecilho para gozar essa vida tão breve; uma espécie de ópio que nos impede de ser felizes. Foi dentro e a partir dessa visão materialista-hedonista, e ainda com o intuito de ridicularizar “aquele mestre simplório de Nazaré”, ao qual se dirigiram e perguntaram: *“Mestre, Moisés deixou-nos escrito: se alguém tiver um irmão casado e esse morrer sem filhos, deve casar-se com a viúva a fim de garantir a descendência para o seu irmão...* (Lc 20,28).

Na verdade, o problema colocado pelos saduceus, deixando de

lado sua malícia, não era apenas uma questão, mas a questão de todas as questões: qual o sentido da presença do homem no tempo, no mundo, na história, bem como qual o sentido, o fim de toda a criação?

2.2. O modo da Vida eterna

A resposta de Jesus move-se em duas direções: a verdade e o modo da ressurreição, da vida após morte.

Jesus, mais que rejeitar a visão pueril dos saduceus, procura conduzi-los para dentro de uma visão mais profunda e real da vida, mostrando-lhes o modo ou como é a vida aqui, na terra, e depois da morte, no céu: *“Nessa vida os homens e as mulheres casam-se, mas os que foram julgados dignos da ressurreição dos mortos e de participar da vida futura... serão iguais aos anjos, serão filhos de Deus”* (Lc 20,34-36).

Além do mais, e também, Jesus evita entrar em detalhes, pois de nada adiantaria muitas explicações acerca da vida futura uma vez que se trata de uma “novidade”, uma graça do além, que ultrapassa todos os nossos conhecimentos e medidas. Só a haveremos de compreender no dia em que chegarmos a ela. Por isso, e por enquanto, basta o essencial e despertar em seus ouvintes o desejo por “merecê-la”. A esse respeito dirá mais tarde o Apóstolo: *Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou o coração humano, o que Deus tem preparado para aqueles que O amam* (1Cor 2,9).

Em outras palavras, as grandes, belas e admiráveis maravilhas com as quais Deus nos enche de alegria, prazer e gozo nesse mundo são quase um nada, uma simples sombra de tudo quanto Deus, desde a eternidade, está nos preparando para o futuro.

Para vislumbrar, ainda que de longe, o gozo da vida eterna, a Sagrada Escritura, principalmente Jesus Cristo, sempre usa a imagem da festa do casamento. Mesmo assim, quando essa se concretiza no mais elevado grau de perfeição, não passa de um esboço, uma nuvem, da alegria, do deleite e do júbilo do casamento divino que se dará na vida eterna. Tudo isso porque, então, nosso encontro com nosso Criador, que nos criou à sua imagem e semelhança, com nosso Pai que nos escolheu e amou desde toda a eternidade, com nosso Esposo que por nós se entregou até a morte e morte de Cruz, não será mais através de sinais ou imagens, mas “corpo a corpo”, “olho no olho”. Por isso, São Paulo escreve: *Este é um mistério grandioso. Refiro-me, contudo, à união entre Cristo e sua Igreja* (Ef 5,31-33).

Aqui os homens e as mulheres se casam, mas na vida futura *não poderão morrer; nem se casar porque serão iguais a anjos, serão filhos de Deus*. Da esfera terrestre, passaram para outra esfera, o “mundo” de Deus. O que era sombra, imagem, tornou-se realidade: *anjos, filhos de Deus*. Por isso, se estão definitivamente com seu único e verdadeiro esposo porque ou como poderiam casar com alguém

que não passa de uma simples sombra ou imagem!?

A Ressurreição não é, portanto, uma simples revivificação de um cadáver como acontecera com a ressurreição de Lázaro ou passagem de uma vida terrena defeituosa para uma vida melhorada. É, antes, uma nova criação, uma novidade de vida de tamanha doçura que, aos seus pés, o deleite do melhor de todos os casamentos ou encontros fica ainda na sombra. Desfaz-se, assim e inteiramente, a pergunta dos saduceus. Sua pretensão de garantir no céu uma esposa para ser feliz não faz nenhum sentido.

2.3. Deus dos vivos, o fato de todos os fatos

A resposta de Jesus não se baseia na ciência, mas na fé nascida da experiência. Ao longo da história, inúmeras são as iniciativas que Deus foi encetando a fim de procurar um povo para si, que fosse só Dele, um Povo eleito, com o qual pudesse estabelecer uma Aliança de fé, um matrimônio sagrado e eterno. Esse seu desejo começou a se esboçar pelo encontro e com a Aliança com os santos patriarcas Abrão, Isaac e Jacó.

Ora, se continuamos invocando esses santos homens, como os nossos antigos pais, bem como todos os nossos antepassados, diz Jesus, é porque realmente estão vivos diante de Deus e não mortos. E, para essa fé, nada melhor do que a autoridade de Moisés, o maior de todos os profetas: *“Que os mortos ressuscitam, Moisés*

também o indicou na passagem da sarça, quando chama o Senhor de 'o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó...'” (Lc 20,37).

Na visão da fé, e isso é de fundamental importância para a questão levantada pelos saduceus, não é possível que sobreviva toda uma descendência, todo um povo, sem a sobrevivência do seu pai, no caso, Abraão. Daí a grande conclusão de toda essa catequese: “*Deus não é um Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para Ele*” (Lc 20,38). Também poder-se-ia dizer: Todos vivem Nele, com Ele e para Ele.

Por isso, de acordo com essa revelação, não pode haver morte. Deus não seria fiel a si mesmo. Não dá para imaginar, muito menos crer num Deus que, depois de criar suas criaturas com tanto cuidado, amor e dedicação, depois de dar-lhe seu Filho muito querido até a morte e morte de Cruz, agora fique assistindo e se comprazendo com a morte delas. Nesse caso, em vez de um Pai teríamos um verdugo. A verdade é o contrário, como o decanta de modo admirável e tocante São Francisco:

Tu és o santo, Senhor Deus único,

Que fazes maravilhas,

Tu és o forte,

Tu és o grande,

Tu és o Altíssimo,

Tu és o rei onipotente,

Tu, Pai santo, o Rei do Céu e da Terra.

...

Tu és a nossa vida eterna: grande e admirável Senhor;

Deus onipotente, misericordioso Senhor, (LDA)

3. Uma conciliação eterna e uma feliz esperança (2Ts 2,16-3,5)

Na segunda leitura, hoje se proclama um trecho da segunda Carta aos Tessalonicenses. Paulo continua rezando pelos seus irmãos (Cfr. 2Ts 1,11-2-2). Uma falsa tensão escatológica os impedia de enfrentar com coragem e fé as adversidades e perseguições do dia a dia. Paulo procura protegê-los contra a boataria acerca do imediato retorno de Jesus Cristo. Baseados na promessa que o próprio Senhor havia feito aos seus discípulos (Cfr. Jo,14,18), alguns fiéis estavam espalhando o boato de que o retorno de Jesus era iminente, questão de dias, meses ou anos. E, além de voltar em breve, viria para acabar com os perseguidores da Igreja e levar seus eleitos para junto de si.

Paulo volta a insistir que o acento da promessa de Jesus acerca de sua volta não está na data. Pois, em verdade, acerca disso Ele não deu nenhuma dica, pois ela pertence ao Pai e não a Ele. Sua exortação, antes, é de que devemos estar atentos, vigilantes, com os rins cingidos, prontos para, como bons administradores dos bens de seu Senhor, poder abrir a porta quando viesse e batesse. O foco dessa promessa não é, pois, a data e sim a fé, a certeza, a confiança de que o cristão não está sozinho em sua luta pelo Reino; que, assim como Ele, o

Filho, foi sustentado pelo Pai até a morte na Cruz, também eles, seus seguidores, serão amparados pelo seu Senhor em suas tribulações. Por isso, Paulo reza: *Que Nosso Senhor Jesus Cristo e Deus nosso Pai, que nos amou em sua graça e nos proporcionou uma consolação eterna e feliz esperança, animem vossos corações e vos confirmem em toda a boa obra e palavra* (2Ts 2,17). Por isso, a expectativa do fim e do juízo próximos, de que fala Jesus no Evangelho, não devem jamais ser pretexto para a ociosidade escandalosa (Cfr. 2Ts 3,11), mas, estímulo para uma vida cristã mais digna, cheia de *boas obras*.

O ritmo normal da vida de um cristão ou de uma comunidade cristã não se desenrola sobre os trilhos do medo, muito menos da fuga ou tristezas, mas, ao contrário, da alegria, fé e esperança. Por isso, Paulo pede que rezem por ele, não para ele ou para o bem-estar pessoal dele, Paulo, mas para que *a Palavra do Senhor seja divulgada e glorificada* (2Ts 3,1). Isso é, que a Palavra siga seu curso, pois eles, os pregadores são apenas (!) os anunciadores e não os donos daquela palavra divina que irrompe de graça no coração dos seus ouvintes.

Nesse cotidiano, Paulo sabe muito bem que, a exemplo do Mestre, também seus discípulos devem ter muito presente que terão de viver rodeados de adversários. Por isso, reza *para que sejamos livres dos homens maus e perversos, pois nem todos têm a fé* (2Ts 3,2); que, a exemplo de seu

mestre, saibam manter-se simples como a pomba, mas ao mesmo tempo, prudentes como a serpente. Por isso, Paulo conclui: *o Senhor nos dá a certeza de que vós estais seguindo e sempre seguireis nossas instruções* (2Ts 3,4).

Conclusão

A pergunta dos saduceus a Jesus esconde a questão fundamental acerca do fim último de toda a história da humanidade e de cada um de nós. Viver, trabalhar, lutar, fazer festa, sofrer e morrer por que ou para quem?

O homem é um ser histórico. Mais que ligado ao tempo, pertence ao tempo, é tempo. Por isso, tem suas raízes no passado, ao qual deve toda sua existência e ao qual, portanto, deve, também, ser muito grato. A partir do seu passado, floresce e cresce no vigor da graça do presente, que o abraça e o ama com paixão. E, assim iluminado pela luz do seu passado e abrasado pelo fogo do seu presente – esperançoso – projeta-se para o futuro em busca do sentido de sua origem e de seu fim: Jesus Cristo crucificado-ressuscitado. Nesse sentido, o homem tem começo, mas não tem fim, ou melhor, seu fim está para além do seu passado e do seu presente, para além de sua morte.

Entre os que testemunharam uma fé inabalável e uma esperança jubilosa nesse mistério, temos São Francisco de Assis. Por isso, na hora de sua morte, esse mistério pôde ser vislumbrado por muitos frades e leigos:

Brilhava nele uma representação da Cruz e da Paixão do Cordeiro imaculado, que lavou os crimes do mundo, parecendo que tinha sido tirado havia pouco da cruz, com as mãos e os pés atravessados pelos cravos e o lado como que ferido por uma lança. Contemplavam sua pele, escura em vida, brilhando de alvura e confirmando por sua beleza o prêmio da bem-aventurada Ressurreição (1C 112).

Além do mais, o mistério da ressurreição dos mortos, segundo a Igreja, diz respeito, não apenas à homens, mas também à criação toda, como o descreve muito bem nosso Papa Francisco:

No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (Cfr. 1Cor13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: «Eu renovo todas as coisas» (Ap 21,5). A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados (LS 243).

E prossegue nosso Papa:

Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo essa casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nessa terra à procura de Deus, porque, «se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é o seu Criador». Caminemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por esse planeta não nos tirem a alegria da esperança (LS 244).

Vem, então, essa exortação final:

Deus, que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-Lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração desse mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado! (LS 245).



33° Domingo Do Tempo Comum

Leituras: **MI** 3,19-20^a; **2Ts** 3,7-12; **Lc** 21,5-19

Tema-Mensagem: Permanecerem de firmes é que ireis ganhar a vida

Introdução

O tema do fim do mundo, que, por vezes, atemoriza muitas pessoas, acompanha a história dos homens e de cada um de nós. Por isso, todos os anos, a Igreja aproveita a aproximação do fim do Ano litúrgico para celebrar o testemunho e o grande ensinamento de Jesus acerca dessa preocupação. Eis o sentido da celebração deste Domingo.

1. O dia do sol da justiça (MI 3,19-20^a)

Como os demais profetas, também Malaquias, do qual se proclama hoje esse trecho, se ocupou com a questão do fim do mundo: *Eis que virá o dia, abrasador como fornalha...* (MI 3,19).

Estamos diante do famoso “Dia do Senhor”, dia preparado por Deus para seus eleitos, dia em que a justiça divina se revelará em sua plenitude em meio a tantas injustiças humanas. Será um dia de medo e de terror, de fogo purificador, *abrasador como uma fornalha*, de modo que *todos os soberbos e ímpios serão como palha* (idem). Deus mesmo, com sua misericórdia, será esse fogo que irá devo-

rar tudo deles, de modo que não reste nada deles, *nem raiz e nem folhas*.

Eis que, então, a partir dessa purificação, que vai até a raiz da maldade humana, nascerá um novo Dia, o “Dia do Senhor”. Dia eterno para todos aqueles que temem, isto é, que amam, acolhem o nome do Senhor e se associam à sua obra. Um dia sem fim porque será um dia da justiça divina, isto é, uma justiça sem medidas porque sustentada pela misericórdia de Deus. Por isso, será também um Dia de salvação, isto é, que trará a paz interior e exterior. Interior porque o homem estará de novo reconciliado com Deus e exterior porque todos os homens serão de novo não nascidos do homem, mas de Deus. É assim que começou “o Dia” da era messiânica, quando despontou para todos o verdadeiro Sol da justiça, Cristo. A nós compete, unidos a Ele e seguindo seus passos, levá-lo até sua consumação.

2. Templo e fé (Lc 21,5-19)

O Evangelho de hoje começa com uma observação um tanto dramática: *Como alguns falassem do Templo, da sua ornamentação de belas pedras e dos ex-votos, Jesus disse: “Do que contemplais, dias virão em que não restará pedra sobre pedra: tudo será destruído”* (Lc 21,6). Antes de Jesus, vários profetas já haviam anunciado a ruína do primeiro Tem-

plo, construído por Salomão (Cfr. Mq 3,12; Jr 7,1-15; 26, 1-19; Ez 8-11).

2.1. O contexto – Jesus chega a Jerusalém diante do Templo

Nos últimos Domingos, seguimos Jesus que, movido pelo ardente desejo de conquistar e formar um novo Povo para seu Pai, um Povo que o adorasse “*em espírito e verdade*”, subiu para Jerusalém. Vendo, porém, a dureza de coração da cidade santa e amada, chorou e se lamentou: “*Ah, se tu também tivesses sabido, neste dia como achar a paz... Mas, infelizmente isso ficou oculto a teus olhos!*” (Lc 19,42). Jesus, porém, precisava traduzir sua Paixão numa obra que fosse capaz de comover e converter de novo, de modo radical, definitivo e perfeito, os homens para o Pai; uma oferta, um gesto que se tornasse o princípio, a fonte de uma nova humanidade. Esse Ato, Princípio ou Fonte foi, é a Cruz.

Dentro desse contexto é que se desenrola o Evangelho de hoje. A construção, a destruição e a restauração do Templo acompanham a caminhada religiosa do povo judaico. A fé na Aliança sagrada levou Salomão e seu povo a erguer o primeiro e suntuoso Templo judaico. Mas, as sucessivas infidelidades proporcionaram as diversas destruições; os arrependimentos e as conversões, por sua vez, ocasionavam sua restauração. O Templo, portanto, não era apenas Templo. Nele se espelhava a alma e a história do Povo de Deus. Fé e

Aliança viva era Templo erguido; Fé e aliança corrompida era Templo destruído; Fé e aliança “re-estabelecida” era Templo reerguido.

O último discurso público de Jesus, portanto, anuncia não apenas uma nova e próxima destruição do Templo, mas também que a nova aliança será definitiva, total e absoluta: “*Não ficará pedra sobre pedra!*” Diante do fato de Israel haver rejeitado o enviado de Deus – o Senhor do Templo e da Aliança – em seu lugar haverá um novo Templo, erguido, não mais com pedras mortas, mas com pedras vivas; uma nova Aliança selada não mais com o sangue de bois e carneiros, mas com o sangue de Jesus! Um novo Povo será criado, composto de homens vindos de todos os povos da terra, para toda a terra e para sempre.

2.2. A questão não é quando, mas como...

Os ouvintes, porém, parecem não captar a força das palavras de Jesus. Interpretam como se Ele estivesse falando do fim desse mundo em seu sentido físico, material, quando tudo seria queimado, destruído, virando cinzas, um grande nada. Por isso, perguntam: “*Mestre, quando é que acontecerá isso e qual será o sinal de que isso vai se realizar?*” (Lc 21,7).

Jesus, então, aproveita a pergunta para falar-lhes, não do fim como término ou destruição, mas como sentido do mundo, da histó-

ria e de todas as coisas. O decisivo, aqui, não é, com efeito, o quando vai acontecer, mas o como do relacionamento do ouvinte com o que se anuncia nas palavras de Jesus. Ou seja, o importante é o que e como fazer para poder permanecer de pé, na consumação de todas as coisas, isto é, no encontro com Cristo, em sua vinda definitiva. O crucial é como o homem de fé vai resistir, mantendo-se firme no seguimento de Cristo crucificado, novo, último e definitivo sentido da vida e da história; como vai permanecer fiel, suportando as perseguições, as prisões, enfim, todos os apuros e apertos que a história irá lhe apresentar? O que e como fazer para não destruir o novo Templo, a nova Aliança? O que e como o novo Povo de Deus, que será inaugurado por Ele na Cruz, deve fazer para que não se corrompa jamais indo atrás de outros deuses ou ídolos?

2.3. As respostas de Jesus

Vêm, então, as respostas de Jesus

2.3.1. Atenção para com os falsos messias

A primeira resposta vem assim expressa: *“cuidado para não serdes induzidos em erro, pois muitos virão tomando o meu nome. Eles dirão: ‘sou eu’ e ‘chegou o momento’; não os sigais”* (Lc 21,8). A sedução ou indução ao erro pelas aparências, onde o mal não aparece propriamente como mal, mas como um bem, o

lobo como ovelha, é uma constante em nossa vida. Por isso, Jesus adverte para o perigo dos falsos messias, dos falsos cristos.

Os Apóstolos, por sua vez, advertirão os cristãos para o perigo do “anti-cristo”, isto é, do cristo aparente. Por isso, acrescenta: “não os sigais”. O cristão define-se como aquele que segue Jesus, o Cristo crucificado, o Cristo da cruz. Por isso, ele não pode jamais, em meio às tribulações da história e às seduções dos valores desse mundo (Cfr. “Mundanismo espiritual” – EG 93-97) perder de vista essa Nova Aliança, esse novo Templo de Deus, esse novo coração, essa nova alma de sua alma, de sua vida.

2.3.2. Não vos assusteis

E Jesus segue advertindo: *“Quando ouvirdes falar de guerras e de insurreições, não vos assusteis. Pois, é preciso que isso aconteça primeiramente, mas não será logo o fim”* (Lc 21,9). São Gregório dizia que as flechas que são previstas nos ferem menos. Por isso, as palavras de Jesus falam dos males que devem acontecer antes da consumação da história. É preciso não ficar alarmado, assustado, apavorado, frente às suas calamidades e tribulações. É necessário prevenir-se, com lucidez, com sobriedade e vigilância, contra certa inquietação apocalíptica baseada numa falsa compreensão das palavras de Jesus ou dos Apóstolos.

2.3.3. Trabalhar com tranquilidade (2Ts 3,7-12)

Outra postura inadequada para um discípulo de Jesus diante da escatologia vem assim descrita pelo Apóstolo Paulo, na 2ª leitura de hoje: *'Quem não quiser trabalhar, também não deve comer'*. Ora, ouvimos dizer que entre vós há alguns que vivem à toa, muito ocupados em fazer nada (2Ts 3,10). O erro desses cristãos estava no fato de terem transformado a mensagem escatológica num pretexto para viver na ociosidade, agitando-se para lá e para cá, ocupando-se apenas com futilidades e discursos vãos, vazios de trabalhos, obras e frutos. Já que o fim do mundo é certo e está próximo, pensavam eles, para que trabalhar?!

Atiravam-se, assim, nas costas dos outros como fardos pesados. Daí a ordem de Paulo: *que trabalhem com tranquilidade e comam o pão que eles mesmos ganharam* (2Ts 3,12). Ele mesmo, Paulo, dera o exemplo, de uma vida de trabalhador: *não pedimos a ninguém que nos desse o pão que comemos, mas com esforço e fadiga trabalhamos, noite e dia, para não ser de peso a nenhum de vós* (2Ts 3,8). Assim, a mensagem escatológica do fim do mundo, em vez de servir de pretexto para uma fuga da história, da vida cotidiana, das suas responsabilidades mais concretas, deve levar os cristãos a se encarnar cada vez mais no subterrâneo da “terra dos homens”, como fizera o mesmo Jesus com sua Encarnação.

2.3.4. Perseguidos por causa de meu nome

O tempo da Igreja, do cristão, inaugurado por Cristo na Cruz, é anunciado por Ele mesmo como o tempo de perseguição e de testemunho: *“sereis presos e perseguidos, sereis entregues às sinagogas e postos na prisão; sereis levados diante de reis e governadores por causa de meu nome”* (Lc 21,12). A perseguição, porém, não vem só de fora, de estranhos; ela surge, também, de familiares e íntimos e pelas forças diabólicas da soberba, do orgulho, da “autoreferencialidade” que imperam também no íntimo de cada um de nós. Segundo São Gregório, os tormentos mais cruéis, com os quais um homem é desafiado a suportar, são aqueles que são causados pelas pessoas mais queridas. A dor do amor perdido, que atinge o coração do homem, é mais forte do que a dor infligida ao corpo.

Assim, com esse discurso, o Senhor não está querendo incutir medo e terror, mas preparar e imprimir no coração de seus discípulos um novo espírito: o espírito da Cruz, da paciência.

2.3.5. Na vossa paciência possuireis vossas almas

Vem, então, a conclusão de todo esse Evangelho, que é também sua mensagem central: *“Na vossa paciência possuireis vossas almas”* (Lc 21,19). Muitas vezes, a paciência é confundida com conformismo, passividade estéril, falta de vigor e joviali-

dade. A frase, porém, parece apontar para o contrário: um trabalho muito grande, intenso e importante, pois é dele, desse trabalho, que vai surgir a alma de um discípulo, de um seguidor e mártir de Cristo. Se, para Cristo, sua alma de Messias e Salvador brilhou e se consumou somente mediante seu padecimento, sua Cruz (“Consumatum est”), o mesmo valerá também para seu discípulo: só verá surgir, brilhar e se consumir sua alma de seguidor-enviado, de cristão, se permanecer firme no meio das perseguições e adversidades desse mundo.

Há nos “Atos do Bem-aventurado Francisco e dos seus Companheiros” um capítulo engraçado: *Como Frei Bernardo de Assis foi enviado a Bolonha e ali fundou um convento*. O texto começa dizendo que tanto Francisco como os primeiros frades foram chamados por Deus da Cruz e para a Cruz ... e que por isso eram, com razão, vistos como, e de fato eram, homens do Crucificado... Carregando a Cruz no vestir e no comer, e em todos os seus atos desejavam mais os opróbrios de Cristo do que as vaidades do mundo e as lisonjas enganosas. Assim, Bernardo, armado com esse espírito, partiu para Bolonha, onde todos os dias, dirigia-se à praça da cidade para receber os maus tratos, as injúrias, os opróbrios daqueles cidadãos. E, quanto mais e maiores eram as injúrias, mais ainda mostrava um ânimo intrépido e um rosto disposto. E, então, vem a conclusão que nos interessa: *E a paciência tem a obra perfeita e a confirma*. A frase pare-

ce meio complicada, mas, olhando com vagar, não é difícil descobrir seu significado: que o espírito, o modo de ser, a alma de Cristo crucificado, que Francisco e aqueles frades tanto amavam e desejavam possuir, acima de tudo, segue e percorre o caminho da obra. Só chegará à sua perfeição e confirmação no padecimento, na paciência. Mas, como é esse modo de ser da paciência? É como Bernardo em Bolonha: o modo de ser de um coração dócil e bem disposto, sempre pronto para bem receber as graças, os benefícios que a vida nos envia através das perseguições, maus tratos e tribulações. É, enfim, o modo de ser da *recepção que colhe e recolhe, acolhe de todo, inteiramente, com ânimo disposto, com gratidão e cordialidade, o modo de ser de Jesus Cristo, Homem-Deus, Crucificado*” (Harada).

Nesse sentido, ser paciente é *permanecer em Cristo, permanecer em seu amor* (Jo 15); é ficar atrás Dele como Ele ficou atrás da Vontade do Pai, como alguém que dá suporte, que sustenta; é “ficar quieto”, “ficar calmo”, sereno, suportando o seguimento de Cristo não a modo de uma resignação ressentida, rancorosa, indisposta, mas de modo vivo, alegre, vigoroso como quem suporta, carrega um tesouro, a exemplo da mãe que sub-porta, carrega em seu seio o tesouro da vida: o filho querido.

Nesse sentido, a paciência anda de mãos dadas com a esperança. A mãe espera o nenê em seu seio. Por isso, isto é, por ele ela é paciente e

é paciente porque o espera. Assim, também o discípulo de Jesus, no meio das tribulações dessa vida, saberá esperar na paciência e ser paciente na espera da vinda definitiva de Jesus.

Como discípulos de Cristo, não se trata, pois, de viver nossa paciência, mas a paciência de Cristo, tão bem revelada no mistério de sua Paixão e Cruz. Paulo, com efeito, fala da “hypomoné tou Christou”, isto é, da *paciência do Cristo* (2Ts 3,5). E João, no Apocalipse, apresenta-se aos seus leitores cristãos como irmão e companheiro na tribulação, no reino e na *paciência em Jesus* (Ap 1,9). Lucas, o evangelista que nos acompanhou nesse ano, recorda-nos, por sua vez, a parábola da boa semente, contada por Jesus. *Aquilo que está na terra boa são os que ouvem a palavra num coração nobre (belo e bom), a retêm e a fazem frutificar no vigor da paciência”* (karpophorousin en hypomonê) (Lc 8,15).

Conclusão

Em vez de interpretações alarmistas e aterrorizantes, o Evangelho do fim do mundo nos convoca a fazer das vicissitudes de nossa história o momento para conquistar sempre mais e de novo, na santa paciência, isto é, no padecimento de Cristo, nossa alma de cristãos. Por isso, diz Bonhoeffer: *Não é o ato religioso que faz o cristão, mas sua participação no sofrimento de Deus dentro da vida do mundo.*

Qual será a solução para uma justa relação entre as penúltimas coisas (as realidades passageiras) e as últimas “coisas” (as realidades eternas)? Resposta: Jesus Cristo. Nele, a realidade de Deus e a realidade do homem são uma única realidade. É o milagre da Encarnação. Nele, o descaço, o menosprezo, o ódio contra o existente, contra a história, o tempo, não tem lugar. Todo ressentimento com o penúltimo, que anima o radicalismo, deve, pois, ficar excluído. Desde o milagre da Encarnação, a amargura, a desconfiança, o desprezo do homem e do mundo, bem como o ódio contra “o último” não tem lugar no espírito do cristão. Ele sabe: o céu e a terra hão de passar, mas não a palavra de Cristo. As duas soluções antagônicas são defasadas: a do radicalismo fundamentalista apocalíptico e a do compromisso acomodado, na verdade, são dois ódios como o explica Bonhoeffer: *O radicalismo odeia o tempo; o compromisso acomodado odeia a eternidade; o radicalismo odeia a paciência; o compromisso acomodado odeia a decisão; o radicalismo odeia a sabedoria, o compromisso acomodado odeia a simplicidade; o radicalismo odeia a medida, o compromisso acomodado odeia o incomensurável. O radicalismo odeia o real, o comodismo odeia a Palavra.* Por isso, só em Cristo – o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim – a relação entre o penúltimo e o último encontra solução.



Solenidade de Cristo Rei

Leituras: 2Sm 5,1-3; Cl 1,12-20; Lc 23,35-43.

Tema-Mensagem: Jesus Cristo crucificado, Rei do Universo

Introdução

Durante todo este ano, mais uma vez, procuramos caminhar com Jesus Cristo; participamos de seu nascimento, de sua admirável vida pública, com os profundos ensinamentos de seus discursos e de suas encantadoras parábolas e misteriosos milagres; e, acima de tudo, procuramos comungar dos sentimentos de sua Paixão-Morte, Ressurreição e Ascensão. Hoje, com a solenidade de Jesus Cristo, Rei do Universo, celebramos a consumação dessa caminhada.

1. Davi, figura do futuro e verdadeiro Rei de Israel (2Sm 5,1-3)

Na Sagrada Escritura, o Reino de Deus é o centro do anúncio de salvação. Os mais remotos textos do Antigo Testamento testemunham o que e quanto o Senhor (Iahvé) fizera para tornar-se o rei de Israel e assim poder servi-lo através de sua aliança inquebrantável e com os ditames de sua justiça.

Na vida dos homens, o termo aliança, e sua experiência, aparece em diversas esferas. Existe a aliança no comércio, na política, no casamento etc. Mas, o significado de

aliança, como pacto de amor entre o Senhor e seu povo, é mais profundo, amplo e originário do que todas as alianças que conhecemos e possam existir. Trata-se de uma realidade originária, única, singular! Por isso, nas analogias, empregadas para explicar esse relacionamento de pertença entre o Senhor e seu povo, em forma de aliança, a semelhança é sempre suplantada pela dessemelhança. Dessa forma, podemos dizer com São Paulo: *grande é esse mistério!* (Ef 5,32).

Essa aliança fora primordialmente celebrada com Abraão, o patriarca de Israel, selada com uma bênção que deveria alcançar, também, todos os povos da terra. Posteriormente, foi reconstituída mediante Moisés, no deserto e depois, já na posse da terra prometida, mediante o rei Davi, como lemos na primeira leitura de hoje. A investidura de Davi, mais e antes que uma iniciativa de seus contemporâneos, é fruto da escolha de Deus e do acolhimento dessa escolha por parte do povo. Porém, os sucessivos rompimentos da aliança, pela infidelidade do povo e dos próprios reis, descendentes de Davi, levaram os profetas a predizerem o estabelecimento de uma nova e eterna aliança (Jr 31,30-33), de um novo reinado, de um novo Rei, um novo ungido (“messias”, “cristo”). Isaías fala desse Rei como o “Servo sofredor”, que se tornará uma aliança eterna para o povo e uma luz para as nações (Cfr. Is 42,6).

2. Do cumprimento da promessa (Lc 23,35-43)

Se o Antigo Testamento foi o tempo da promessa e das tentativas, o Novo é o tempo de seu cumprimento. Para essa missão, o Pai envia ao mundo seu Filho unigênito, o Cristo, o Messias, o Ungido de Deus por excelência e em sentido pleno e próprio, incomparável, único.

Todos sabemos, pela história, que os reis e senhores desse mundo imperam dominando e se impondo pela força de seus mandos e desmandos. Jesus Cristo, porém, ao contrário, reina pela Cruz, pelo derramamento do seu sangue, servindo, estabelecendo e selando, assim, uma nova e eterna aliança, que envolve não só Israel, mas todos os povos, todas as nações da terra e para todos os séculos, até o fim dos tempos. Mais do que um reinado ecumênico, isto é, que abrange todos os povos e nações da terra, trata-se de um reinado cósmico: que abrange tudo: céu e terra (Cfr. LS 63).

2.1. Um rei que salva, deixando-se pregar na Cruz

Entretanto, o que significa, propriamente, Reino, na expressão “Reino de Deus” e, mais precisamente, Jesus Cristo, Rei do Universo? Como é que Ele reina? A resposta aparece límpida e estremeceadora, ao mesmo tempo, na afirmação dos chefes judeus que zombavam Dele, junto à Cruz: *“A outros ele salvou. Salve-se*

a si mesmo. Se, de fato, é o Cristo de Deus, o Escolhido!” (Lc 23,15). É importante notar como o evangelista acentua, com insistência: *“a outros ele salvou, mas a si mesmo não pode se salvar!”* Mais adiante ele a repete na fala do mau ladrão que *o insultava, dizendo: “Tu não és o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós!”* (Lc 23,39).

Aí está, pois, a resposta: Jesus não reina para si, mas em favor dos outros, carregando o pecado, os insultos, a maldade do mundo, da humanidade. É o grande mistério que a Igreja proclama em todas as Eucaristias: *“Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* Na verdade, o original latino é ainda mais contundente. Pois, o verbo latino “*tollit*” significa, antes, e acima de tudo, carrega, suporta, segura, guarda para si. Só então e por extensão: “*tira*”, “*apaga*”. Eis, pois, a grande novidade, a Boa Notícia: Deus reina pela Cruz de seu Filho que carrega, com misericórdia, paciência e amor, o pecado do mundo!

A Cruz, antes de um fato, portanto, se constitui num ato, numa atitude, numa postura, num modo de ser ou conduzir-se. O modo de ser do inocente ou, se quisermos, em termos evangélicos, o modo de ser do apaixonado. Inocente significa aquele que não prejudica, que não põe a perder os outros (latim: “*nocere*”: prejudicar). Jesus é aquele que, pela sua fragilidade e ternura, pelo seu não-poder, não leva a perder os outros, mas antes os salva. Em Jesus o inocente salva a todos, assumindo o mal de todos sobre

si e para si, como sendo seu, e isso por amor, um amor terno e, ao mesmo tempo, apaixonado. Por isso, Cruz e Paixão em Cristo, sempre andam juntas. É, também, o modo de ser da criança. Ela é incapaz de causar danos nos adultos. É fragilidade e ternura, exposta, muitas vezes, ao poder de dominação, de exploração, enfim, à maldade dos adultos. Esse não-poder é acompanhado de um não-saber (latim: “noscere”). O que a torna ainda mais frágil frente à malícia dos adultos! Como a rosa, ela não olha para si mesma e nem pergunta se alguém a vê. É vida exposta ao não-poder e ao não-saber e ao não-ter, à nudez, ao despojamento de tudo. Assim é o nosso Deus! Faz questão de ser criança, nascida num coxinho de estrebalaria; um simples nazareno que prefere a glória da cruz à glória do mundo e continua se oferecendo inocentemente no pão e no vinho eucaristizados, para assim poder ser inofensivamente comido e bebido por todos.

Reino de Deus significa, pois, a valência da vontade de Deus sobre toda criação, mas, de um modo especial, sobre os corações dos homens. Vontade, porém, não como imposição ou dominância sobre o outro, mas como bem-querer que, no fundo, significa desprendimento no acolher o outro e no doar-se a ele sem “porquê”, nem “para quê”. Trata-se, pois, da valência e da valentia do inocente, da sua fragilidade, ternura e vigor. Esse modo de ser rei vem muito bem expresso nessa antiga lenda do Mestre Eckhart. Certa vez,

Mestre Eckhart se deu com um lindo garoto nu. E conversou com ele, num estranho diálogo. Perguntou-lhe donde vinha. Ele respondeu: “*Venho de Deus!*”. E onde o deixaste?”, perguntou o mestre. “*Nos corações virtuosos*”, disse a criança. E o diálogo seguiu:

“*Para onde vais?*”

“*Para Deus!*”.

“*Onde o encontras?*”

“*Onde larguei todas as criaturas*”.

“*Quem és tu?*”

“*Sou um rei!*”

“*Onde está o teu reino?*”

“*No meu coração*”.

“*Toma cuidado que ninguém o compartilhe contigo!*”

“*É o que faço!*”

Depois disso, Mestre Eckhart o conduziu à sua cela e disse-lhe: “*Toma a veste que queiras!*” E o menino recusou: “*Deixaria de ser rei!*” E desapareceu. Diz-se que fora o próprio Cristo que viera se divertir com ele.

Nesse sentido, o Reinado de Cristo, como ato de “reger”, tem um significado bem original: erigir. Erigir significa colocar alguém ereto, de pé. Não no sentido meramente físico, passando da posição horizontal para a vertical, mas como o ressurgir da vida. Exemplos admiráveis desse sentido de reger ou reinar os Evangelhos estão repletos. Zaqueu, após a visita de Jesus e de seu encontro, pôs-se de pé; Maria permanecia de pé, junto à Cruz. E não esqueçamos que é assim que o próprio Cristo, o Rei dos reis, morre na Cruz: de pé (Cfr.

principalmente a Cruz de São Damião). Jesus Cristo, portanto, é Rei porque põe de novo toda a humanidade e toda a criação de pé, isto é, na regência originária e plena do amor misericordioso do Pai. Seu poder, sua regência é a vigência da cordialidade da vida (HH).

2.2. Um Rei que, em vez de ser servido, serve

Assim, o que normalmente conhecemos como poder de dominação não é a essência do poder. É sua inessência, sua oposição ou contradição. Pois, a essência do poder aparece como fraqueza e ternura, como minoridade e serviço, como não-poder, compaixão e misericórdia. No entanto, é nessa essência inocente do poder que está a verdadeira autoridade, isto é, a capacidade de deixar ser, fazer ser, de deixar e fazer aumentar o vigor da vida, da sua cordialidade, do seu viço, da sua alegria, da sua jovialidade como a mãe, por exemplo, deixa ser e crescer em seu seio a vida, o nenê. É o que Jesus Cristo nos revela e ensina magistralmente na noite do Lava-Pés: *“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem porque o sou. Se, pois, eu, Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros”* (Jo 13,13-14).

Esse modo de ser enquanto servo ele é frágil, vulnerável, não tem outro poder a não ser essa regência da benignidade, o rigor, a limpidez e o pudor da bondade; enfim, o “não-poder” da gratuidade ela mesma, e nada mais: *a rosa é sem porquê, floresce*

por florescer (Angelus Silesius). Na sua cordialidade, o servo colhe e recolhe o mais baixo, o mínimo, com tanta graça e gratidão, que nada há que não seja de graça e graça do Mistério. Por isso, São Francisco define os ministros como servos e o poder do Deus de Jesus Cristo como Pobreza, Minoridade.

2.3. Como ser rei no Reinado de Cristo

Depois de marcar, com muita precisão e beleza, o modo de reinar de Cristo, o Evangelho de hoje mostra como alguns acolhem a graça da participação no Reino de Cristo Crucificado e outros a rejeitam. Os personagens que rodeiam Cristo no Calvário, principalmente os dois malfeitores, que foram crucificados com Ele, representam todos os homens. Todos, considerados a partir de si mesmos, são indignos de participar do Reino de Cristo, da jovialidade que jorra da gratuidade da oferta do amor. Um deles, porém, reconhece sua indignidade, seu ser-culpado e a dignidade daquele que, inocente, morria por todos, para que todos pudessem participar do Reino do amor misericordioso de Deus. O outro, não! O primeiro, porém, que, humildemente, reconhece sua indignidade e sua culpa, ouve de Jesus esta promessa: *“Em verdade, eu te digo: ainda hoje estarás comigo no Paraíso”* (Lc 23,43). E assim, naquele momento, naquele “hoje”, aquele que, imerecidamente, acolhia a graça, era posto de pé, era acolhido

no Reino de Cristo, tornando-se participante de sua vocação e missão.

2.4. Participar do Reino de Cristo é comungar de sua Paixão

O Messias, o Cristo (ungido) de Deus, deveria ser o Servo (Cfr. Isaías), o Transpassado (Cfr. Zacarias), o Crucificado. Eis o sinal de contradição, anunciado por Simeão a Maria no Templo, quando da circuncisão do menino; o paradoxo frente o qual uns se escandalizam e caem, outros se comovem e se erguem. Eis o “sinal de contradição”, sintetizado nas palavras – involuntariamente proféticas – que Pilatos manda escrever sobre a cruz de Jesus: *Jesus Nazareno o Rei dos Judeus!*

Ser cristão, assumir o reinado de Cristo, significa, portanto, tornar-se participante de sua Paixão e da sua Cruz, como aconteceu com São Francisco. *Perguntado brutalmente por ladrões quem ele era, respondeu-lhes: ‘Sou um arauto do grande Rei’. Bateram, então, nele e o jogaram numa fossa cheia de neve, dizendo: ‘Fica aí, pobre arauto de Deus!’* (1C 16,3).

Como deve ser nossa resposta ao chamado de tão grande dignidade pode ser vista nesta passagem de nosso Doutor evangélico:

Cristo, que é a tua vida, está suspenso diante de ti para que tu te contemples na cruz como num espelho. Aí poderás conhecer quão mortais são tuas feridas,

que nenhuma medicina tem poder de sarar, senão aquela que brota do sangue do Filho de Deus. Se olhares bem, poderás dar-te conta de quão grande são tua dignidade e teu valor... Em nenhum outro lugar, o homem pode melhor dar-se conta do quanto ele vale do que olhando-se no espelho da Cruz.

3. Com alegria cantar e dar graças ao Pai (Cl 1,12-20)

Paulo canta, hoje, um hino ao Cristo Rei. Um hino de grande beleza e de uma explicitação claríssima acerca de nossa participação e de todas as criaturas no reinado de Cristo. Vale à pena meditá-lo! Entre os pontos mais preciosos dessa meditação está a ação de graças ao Pai, que nos tornou capazes de tomar parte na herança dos santos na luz e, acima de tudo, por Ele nos ter *libertado do poder das trevas e nos ter recebido no reino de seu Filho amado...* (Cl 12,13).

Conclusão

Da celebração de hoje dois pontos merecem nossa atenção.

- Com Cristo, em Cristo e por Cristo todos somos convocados a ser “reis”, “consagrados”, isto é, servos e cuidadores de toda humanidade e de toda criação. Como seria, então, um cristão que, a exemplo de seus mestres, principalmente de São Fran-

cisco, se dispusesse a ser a lixeira do mundo; um lixeiro mais ocupado em carregar o pecado do que em comentá-lo e muito menos ainda em condenar seus feitores?

- *As criaturas desse mundo não podem ser consideradas um bem sem dono: 'todas são tuas, ó Senhor, que amas a vida!'* (Sab 11,26). Isso gera

a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, *estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde* (LS 89).

- “Viva Cristo!”

- “Rei!”



Solenidade de São Pedro e São Paulo

Leituras: At 12,1-11; 2Tm 4,6-8.17-18; Mt 16,13-19

Tema-mensagem: Que a fé dos Apóstolos Pedro e Paulo, regada a preço de sangue, reacenda em nossos corações o ardor apostólico originário de cristãos e de uma Igreja “em saída!”

Introdução

Celebramos hoje os *Apóstolos que nos legaram as primícias de nossa fé* (Ant. de Entrada): São Pedro e São Paulo.

1. Na confissão de Pedro nossa confissão (Mt 16,13-19)

O Evangelho da solenidade de hoje, tirado de Mateus, narra, primeiramente, a confissão de Pedro em favor de Jesus e, logo em seguida, a confissão de Jesus em favor de Pedro.

1.1. O diálogo de Jesus

O Evangelho começa narrando uma viagem estranha: Jesus leva os Apóstolos para um lugar apartado, fora da Judeia e da Galileia, para a região de Cesareia de Filipe. Curiosos, perguntamos: por que levá-los para tão longe, fora dos limites de sua terra, além das crenças e tradições de sua gente, para o meio de estranhos e pagãos? É que ali, bem distantes das pressões que eles viviam na Judeia e

mesmo na Galileia, Jesus poderia fazer-lhes a pergunta mais importante e decisiva da vida deles. E, eles, por sua vez, livres e sem nenhum temor, poderiam responder-lhe o que pensavam Dele.

Além do mais, chama também a atenção a maneira como Jesus conduz esse encontro, isto é, sua admirável pedagogia, o caminho, o método da evangelização e da catequese cristã. Jesus não começa, a modo de mestre ou professor, expondo direta, imediata e explicitamente sua mensagem, muito menos impondo a verdade acerca de sua pessoa. Mas, aos poucos, procura despertar e fazer arder no coração daqueles rudes homens uma afeição pura e um interesse gratuito pela pessoa Dele. Em segundo lugar, o que está em jogo não é um “quê”, um objeto, um ideal, uma doutrina ou um valor, mas a verdade de um “quem”, de uma pessoa, do Messias, o Salvador de Israel e de toda a humanidade: *Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?* (Mt 16,13).

A resposta dos Apóstolos revela que “os homens”, de certa forma, já estavam atraídos por Jesus e encantados por Ele, embora não alcançassem sua verdade plena. É o que indicam as informações, reportadas pelos discípulos, a respeito da concepção que a multidão tinha de quem era Jesus: *Para uns, João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas* (Mc 8,28).

Entretanto, as opiniões populares sobre Jesus não eram suficientes para que os discípulos alcançassem e acessem à verdade da identidade do Mestre, muito menos ainda para que se fizessem seus discípulos, amigos, familiares e íntimos. A confissão de fé deles, portanto, para emergir, precisava ainda de outro apartamento, não corporal, físico, geográfico, mas de um apartamento intelectual, espiritual. A confissão de fé, o acesso à verdade de quem era Jesus Cristo, só lhes seria possível quando eles, os discípulos, se apartassem, se desprendessem da confusão dos pareceres, das opiniões dos homens, do mundo, a respeito Dele, o Mestre. Por isso, logo depois, segue a segunda pergunta: *Vós, porém, quem dizeis que eu sou?* (Mc 8,29).

1.2. A confissão de Pedro

Contudo, os discípulos, por si sós, não tinham ainda conseguido ver e saber quem era Jesus, este homem com quem eles andavam e que tinham por seu mestre. Mas, de qualquer forma, para eles, Jesus seria alguém muito especial, singular, único, mesmo entre os homens que foram mais íntimos de Deus. Vislumbravam e pressentiam que Nele existia uma relação filial inigualável com Deus e cumpria uma missão ímpar, diferenciada de todos os outros profetas. E, não obstante esse vislumbre, os Doze ainda não tinham alcançado uma consciência – um saber, uma sapiência – clara, nascida de uma experiên-

cia pessoal a respeito da identidade de Jesus.

A confissão de fé, como tal, ainda não podia, assim, emergir e, com ela, o conhecimento, o encontro com a verdade, digamos, a mais verdadeira, a mais real, de Jesus. Ela deveria emergir, justamente, da boca de Simão Pedro que, representando toda humanidade, falou movido, não pela carne nem pelo sangue, mas pelo sopro divino que sai da boca do Pai (Cfr. Mt 16,17): *Tu és o Messias!* (Mc 8,29).

1.3. A confissão de Jesus

À confissão de Pedro, segue a confissão de Jesus: *“Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas meu Pai que está no Céu”* (Mt 16,17). A resposta de Jesus é muito significativa! Primeiramente, caracteriza Pedro com a mais expressiva qualificação que Ele próprio, Jesus, faz aos seus seguidores: *“Feliz! Bem-aventurado!”* (Cfr. Evangelho das Bem-aventuranças). O termo bem-aventurado indica a plenitude da felicidade, da alegria que nasce da experiência do encontro da graça com a boa vontade. Assim, toda vez que a graça encontra um coração bem-disposto, uma vontade firme e denodada, surge a bem-aventurança, nasce um bem-aventurado, isto é, uma pessoa renovada, feliz, realizada, plena, *“satis-feita”*. Era o que estava acontecendo com Pedro e seus companheiros naquele momento.

O pensador dinamarquês Kierkegaard considerava, certa vez, o sofrimento de Jesus face aos homens que dele se escandalizavam e que não conseguiam atravessar a prova do escândalo na direção da fé. Proporcional a esse sofrimento era também sua alegria, quando encontrava um coração que se abria à fé. Ele abria os braços e dizia: “Venha a mim!” Assim, muitos Dele fugiam escandalizados, ou pela sua grandeza ou pela sua pequenez (pois era Deus e homem). Por isso, quando Pedro confessa Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, grande foi a alegria de Jesus em poder declarar a Pedro “bem-aventurado”.

A alegria era recíproca. Em Pedro porque, pela graça, estava frente a frente do próprio Filho de Deus vivo, em carne e osso; em Jesus porque estava diante de alguém que não apenas não se escandalizava, mas cria Nele, no Deus humanado.

A graça da confissão de fé, o conhecimento do mistério de Jesus Cristo como “o Cristo”, o “Filho do Deus vivo”, provinha, portanto, não de uma conquista de Pedro, mas, de uma revelação do Pai “que está nos céus”, mediante o Espírito Santo. Não procedia da “carne e do sangue”, isto é, do humano, com seus saberes e ignorâncias, com suas forças e fraquezas, com suas alturas e abismos. Eis, pois, a confissão de fé de Pedro, que será a mesma de Paulo e a mesma de uma multidão de “filhos de Homem” que, ao longo da história, se tornam, por graça do chamado-segui-

mento, “filhos de Deus”, “comunhantes da natureza divina”: “Bem-aventurados!”

1.4. Do nome Simão para Pedro

Em segundo lugar, a graça dessa confissão de fé transforma Pedro por dentro, na raiz. Por isso, Jesus troca o nome que Pedro recebera dos homens, de seus pais e dá-lhe, Ele mesmo, um novo nome, como que dizendo: “Agora, Pedro você não é mais dos homens, mas é meu”. Se o velho nome – “Shimon” (Simão) – que significa “o que ouve”, o “ouvinte”, enfim, o “obediente” é belo para um israelita, muito mais belo será o novo: “E eu te digo: ‘Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja’”.

O nome grego “Pétros”, que aparece no Novo Testamento, é uma tradução do aramaico “Kephá” (rocha, pedra) e significa, simplesmente: pétreo. Pedro torna-se pétreo para a Igreja, não por si mesmo, mas por estar firmado no fundamento da graça de sua confissão de fé. É essa confissão que funda a Igreja, ou melhor, Pedro é pétreo por estar fundado na Pedra, Naquele que é o confessado dessa confissão: Jesus, o Cristo, o Filho do Deus Vivo.

Nesse sentido, Santo Agostinho comenta que o Senhor não disse “tu és pedra”, mas, “tu és Pedro”. Não é a Pedra que procede de Pedro, mas, o contrário: Pedro é que procede, nasce da Pedra. Isto é: Simão torna-se Pedro, pétreo, graças à Pedra, que é Jesus, a “Pedra angular”, a quem,

movido pelo alto, ele confessou, reconheceu, como sendo o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Isso é fundamental para entender o ministério petrino e a missão que o Papa tem na Igreja de Cristo como guardião da unidade dos discípulos, seguidores de Jesus. Foi a evidência dessa co-pertença de Pedro à Pedra, que é Jesus, que manteve São Francisco numa obediência livre e ao mesmo tempo lúcida, firme e rigorosa, em relação ao Papa, num instante em que, em nome da reforma evangélica do Cristianismo, muitos pretendiam e, de fato, por vezes, se dispensavam dessa obediência. Escreveu ele, na Regra: *Frei Francisco promete obediência e reverência ao senhor Papa Honório e a seus sucessores canonicamente eleitos* (RB 1,3).

1.5. Do poder das chaves e da promessa de Jesus

Junto com o nome novo e com a bem-aventurança, é dado a Pedro um ministério (serviço) especial, expresso com a imagem das “chaves”. “Chave” evoca abertura e fechamento. Diz iniciação (entrada, acesso) e discriminação (diferenciação, discernimento). Chave abre e fecha, liga e desliga (ex. num veículo). Ligar e desligar é como vincular, obrigar e resolver, absolver, dissolver. Tanto o aspecto da abertura (iniciação) quanto o da discriminação (juízo, discernimento) remetem ao conhecimento. Era a partir daí que os Padres da Igreja interpretavam a palavra das

chaves. Para São João Crisóstomo as “chaves” representam o conhecimento que dá acesso ao mistério, e para Rabano Mauro como o poder do discernimento.

É graças a esse conhecimento (ciência, sapiência, iluminação), expressado na confissão de fé, que provém da revelação do mistério de Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, que Pedro assumiu o primado diante dos demais Apóstolos; e, com ele, recebe a missão de ser pastor universal, guardião da unidade entre todos os que confessam a mesma fé. Esse é o *múnus* (ofício, obséquio) de Pedro que foi estendido ao Bispo de Roma, o Papa, o “servo dos servos de Deus”.

A Pedro, também, é dada uma promessa a respeito da Igreja: *As portas do Hades não prevalecerão contra ela*. “Hades” em grego, diz o mesmo que “Sheol” em hebraico, e “Infernus” em latim. É a força ctônica, subterrânea, da morte. É uma força que devora, traga para o seu abismo negativo, para o nada aniquilador o que é, cresce, vive na terra, da terra, sob o céu. O desafio do homem que vive sobre a terra é, pois, o de não ser devorado e tragado pelo nada negativo, aniquilador, que, na linguagem cristã, chama-se “pecado”, “morte segunda”, “inferno”; e, positivamente, de ser elevado ao “reino dos céus”, que é o reino da luz, da verdade e do amor, da plenitude do ser. O homem está, pois entre os dois extremos: o céu e o inferno. Por isso, dizia o bem-aventurado Frei Egídio, fiel compa-

neiro de São Francisco: as graças e as virtudes são via e escada que conduzem ao céu. O vício e o pecado são, porém, via e escada que precipitam o homem no inferno (Cfr. DE 1).

2. Paulo, doutor das nações (2Tm 4,6-8.17-18)

A segunda leitura é tirada da Carta de São Paulo, o “Doutor das Nações”, a seu inseparável e fiel companheiro Timóteo.

O caminho da fé de Paulo, porém, é bem diverso do caminho da fé de Pedro. Se, para Pedro o Cristo da fé nasceu através do encontro com Jesus histórico, para Paulo nasceu de modo direto, isto é, através do encontro com o Cristo da Fé. Isso se deu em Damasco, em sua famosa viagem que tinha como objetivo prender os cristãos daquela comunidade.

No Evangelho, celebramos o princípio do chamado e da resposta de Pedro para ser o representante da “pedra angular” na edificação da Igreja. Nessa leitura, celebramos Paulo com o seu fim: *Quanto a mim, já estou para ser derramado em sacrifício, e o momento da minha morte está iminente. Combati o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé...* (2Tm 4, 6-8).

O trecho é conhecido, geralmente, como “o Testamento de Paulo”. É a quota mais significativa de sua herança é de que a vida de um cristão vem marcada pela necessidade de um combate, uma luta, até ser derramado em sacrifício, como numa libação. É

nesse combate que se decide se o discípulo de Cristo se torna o que ele, por graça, já é, ou não. Para isso, o cristão tem que correr o curso da vida, com todas as suas vicissitudes e peripécias, com todos os seus revezes, passando, inclusive, pela morte, com Cristo e como Cristo.

Na segunda parte dessa leitura, tomado de emoção e de arrebatamento, diante do mistério que o acompanhou, desde sua conversão até esse momento – o fim – vai exclamando – como que saboreando – seguidamente o nome do seu “Senhor”: “O Senhor, justo juiz” [...]; “Mas, o Senhor esteve ao meu lado e me deu forças” [...]; “O Senhor me libertará...” (2Tm 4,8.17.18). E, como o arauto de uma grande luta, encarregado de anunciar a vitória final, exclama, alto e bom som: *A Ele a glória, pelos séculos dos séculos! Amém!* (2Tm 4,18).

3. A perseguição e o martírio da Igreja (At 12,1-11)

A primeira leitura de hoje, começa anunciando, quase que em tom solene e festivo: *Naqueles dias, o Rei Herodes prendeu alguns membros da Igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João...* (At 12, 1).

Lucas não apresenta nenhuma razão, como, também, nenhuma lamentação diante de tamanha crueldade. A explicação é simples. Para o mundo, representado por Herodes, filho de outro Herodes, o Grande, é natural que ele deva perseguir e eliminar Aquele que o persegue e o con-

dena: Jesus Cristo, com seu Evangelho, representado, no caso, por seus seguidores, os membros da Igreja. Também é natural que essa, com seus membros, não tenha outra sorte senão a do Mestre: ser perseguida, martirizada, crucificada. Tudo, portanto, dentro de suas devidas razões. O que levava Herodes a tais crueldades era agradar seus súditos judeus, aumentar a autoridade política dele, promovendo as tradições judaicas; para os cristãos, porém, as perseguições eram tomadas como graça que o Senhor lhes proporcionava, a fim de se identificarem com Ele pelo testemunho de sua fé. Por isso, a alegria e a gratidão.

Vem, a seguir, a cena da prisão e da miraculosa libertação de Pedro (At 12,4ss). Com essa narrativa, Lucas intenciona mostrar, primeiramente, qual seria a sorte de Pedro se não houvesse, evidentemente, a providência de Deus, com seu milagre. E, em segundo lugar, mostrar a grandeza do próprio milagre. Ou seja, embora os cristãos permanecessem em contínua oração, era-lhes quase impossível crer naquela libertação se não o vissem com os próprios olhos. Tinham, assim, bom motivo para se fortalecerem, também eles, na fé em meio às perseguições que podiam, cedo ou tarde, atingi-los, pelo simples fato de serem seguidores de Cristo. A libertação de Pedro era, pois, uma prova evidente do grande poder de Deus e de sua presença e ajuda a eles, cristãos, que deviam viver no meio do mundo, com o mundo sem serem do mundo, isto é, no meio das persegui-

ções. Por isso, Lucas termina a narrativa pondo na boca de Pedro esse admirável testemunho: *Agora sei, de fato, que o Senhor enviou o seu anjo para me libertar do poder de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava!* (At 12,11).

Assim, no sucumbir da morte, eles saem vencedores do bom combate. Todo cristão é chamado ao martírio – isto é, ao testemunho – ainda que de modo incruento, isto é, sem derramamento de sangue. Ou seja, cada cristão é convocado à generosidade evangélica, isto é, à graça de poder dar tudo de si, de dar seu suor, sua lágrima, seu sangue, para poder testemunhar a força libertadora do Evangelho, a “força” da graça de Deus, como o fizeram Paulo e Pedro, em Roma.

Conclusão

A solenidade de São Pedro e São Paulo é uma das celebrações mais antigas da Igreja, celebrada já no século I, antes mesmo da celebração do Natal. Isso revela a importância que a Igreja sempre deu ao testemunho desses varões ilustres. Seu martírio está tão profunda e intimamente ligado ao sacrifício de Cristo na Cruz que se tornaram colunas de todo o edifício da Igreja e luminárias para toda a história da “cristidade” do Cristianismo. Cristidade é a fé, o vigor da afeição colhidos e recolhidos ao longo dos anos de convívio com Jesus Cristo. Ela é, portanto, a essência do Cristianismo; é, enfim, o ardor, a Paixão

do Evangelho de Jesus Cristo encarnado. Pedro e Paulo, cada um a seu modo, testemunham o fogo do mesmo Espírito que nos faz crer e crescer em Jesus Cristo e na Igreja apostólica; é da boca deles que ressoa sempre o primeiro anúncio: *Jesus Cristo te ama, deu a sua vida para te salvar e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar* (EG 164).

Seria, pois, grande incoerência, para não dizer uma heresia, e até mesmo uma ofensa ao seu Senhor, um cristão recusar ou maldizer as asperezas da vida e as perseguições que precisa enfrentar por causa de sua fé, venham elas de dentro ou de fora, de sua própria comunidade ou do mundo. Por isso, dizia São Francisco:

Atendamos, Irmãos, o Bom Pastor que, para salvar suas ovelhas, suportou a Paixão da Cruz. As ovelhas do Senhor seguiram-no na tribulação e na perseguição, na vergonha e na fome, na enfermidade e na tentação e em tudo o mais; e disso receberam do Senhor a vida sempiterna. Por isso, é grande vergonha para nós,

servos de Deus, que os santos tenham feito obras e nós queiramos receber glória e honra apenas por citá-las (Ad 5).

A solenidade de hoje nos ensina também a celebração do “Dia do Papa”, o grande pai, o pai comum de todos os católicos e, por extensão, o pai de todos os homens, representado hoje, na pessoa do Papa Francisco. Nem sempre, na história, a figura do Papa foi bem compreendida e bem vivida. Quem nos dá um belo exemplo, nesse sentido, é São Francisco. Diferentemente de outros fundadores de Ordens, que o antecederam, é o primeiro a ir a Roma para prometer diretamente obediência, isto é, fazer sua consagração religiosa, nas mãos do Papa. Tudo isso acontecia porque Francisco, iluminado pelo Evangelho, em sua simplicidade humilde e humildade simples, via no Papa o próprio Jesus Cristo. Pensava ele, então: se Jesus Cristo, outrora, se entregara ao seio da Virgem Maria, aos seus algozes na Cruz e a todos nós, hoje, no pão eucarístico, também ele devia, humilde e obedientemente, entregar-se nas mãos do Vigário de Cristo, o Papa.



Assunção de Nossa Senhora

Leituras: Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab; 1Cor 15,20-27a; Lc 1,39-56

Tema-mensagem: Na elevação de Maria ao céu, na incorruptibilidade de seu corpo e de sua alma, também nós, e toda criação, somos elevados para junto do Criador, o bendito Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Introdução

Celebramos hoje umas das mais belas e admiráveis maravilhas que Deus operou numa de suas criaturas, a mais predileta: o mistério da Assunção de Maria, Mãe de Jesus.

1. Um grande sinal no Céu – uma mulher vestida de sol (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab)

Quem nos introduz no mistério dessa solenidade é São João que, em seu Apocalipse, descreve a seguinte visão: *Abriu-se o Templo de Deus, que está no céu, e apareceu no Templo a arca da Aliança. Então, apareceu um grande sinal: “uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”* (Ap 11,19).

Os místicos cristãos sempre viveram nessa mulher tanto a nova Eva, a nova mãe da nova Humanidade, como também, e principalmente, o antigo e novo Povo de Deus, a Igreja. Essa mulher é envolta numa grande

contradição. De um lado, vem adornada como rainha, com adereços celestes (a lua, o sol, as estrelas). Por outro lado, tem de enfrentar as dores de um parto e a perseguição de um grande Dragão, postado à sua frente e pronto para devorar-lhe o Filho, logo que esse nascesse.

Está aí, muito bem descrita, uma visão dialética da realidade existencial da Igreja: um complexo de grandeza e de miséria, de alegria e de angústia, de luz e de sombra. Assim, a uma cristologia do Filho do Homem, da Cruz, corresponde, sempre e da mesma forma e com o peso da mesma tradição, uma mariologia e um eclesiologia também do Filho do Homem, da Cruz. No Filho dessa Mulher, e nela mesma, se cumpre, portanto, o protoevangelho, isto é, o vaticínio mais arcaico do Cristo na Escritura: o anúncio da vitória de Cristo sobre a “antiga serpente” (“Satanás”: o adversário, o acusador), isto é, sobre a soberba diabólica e todas as forças inimigas de Deus. Uma pensadora de nossos tempos, Gertrud von Le Fort, num livrinho intitulado “A mulher eterna”, evoca essa decisiva participação da mulher no mistério da salvação, incluída no dogma da Igreja Católica:

A Igreja, na doutrina do sacramento do matrimônio, não só compara a mulher – cada mulher – com ela

mesma, a Igreja, mas ela também glorificou uma mulher como Rainha do Céu e a chamou de ‘Mãe do Redentor’, de ‘Mãe da divina graça’.

A Assunção de Maria contém e expressa, assim, um sentido de salvação (sentido soteriológico), tanto para a Igreja (sentido eclesiológico) como para toda a criação (sentido escatológico).

2. A assunção de Maria, consumação da Ressurreição (1Cor 15,20-27)

A segunda leitura de hoje, tirada da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, nos faz mergulhar no âmago desse mistério salvífico de Cristo e de sua Mãe: *Com efeito, visto que a morte veio por um homem, é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos: assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos serão vivificados* (1Cor 15,21). Há, pois uma ordem no mistério da salvação operada por Deus: primeiro, Cristo. Ele é a primícia dos que adormeceram na morte, isto é, princípio do novo mundo; depois, os que são de Cristo, isto é, os que a ele pertencem. A Ressurreição de Cristo é a morte da morte. É, pois, o triunfo definitivo da vida. Desse triunfo devem participar os que “são de Cristo”. Entre esses, assim confessa a Igreja, em primeiro lugar, vem sua Mãe: Maria. Nela, a participação na Ressurreição já se

consumou. Mas, como para Cristo a Ressurreição marca não o fim, mas um novo começo de sua presença e missão, também para Maria, sua Assunção significa uma nova maneira de fazer-se presente no meio da Humanidade. Foi assunta para, assim com seu Filho ressuscitado, poder fazer-se presente em todos os lugares e momentos da história dos homens. Não seria esse o significado de tantas aparições suas ao longo da história!?

3. Maria e seu Magnificat (Lc 1,39-56)

Para marcar essa solenidade, a Igreja escolhe o Evangelho que narra, primeiramente, o encontro de Maria com sua prima Isabel, grávida de João Batista e, depois, seu famoso “Magnificat”.

3.1. **Maria partiu, apressadamente, para a região montanhosa**

Em seu anúncio, o mensageiro celeste dera um sinal a Maria: sua prima, Isabel, avançada em idade e estéril, também daria à luz um filho. Assim, ela teria certa razão para crer que para Deus nada é impossível.

A subida apressada de Maria pelas montanhas da Judeia, indo ao encontro de Isabel, é contemplada pelos Padres da Igreja num clima claro-escuro e com um sabor agridoce. Para Crisóstomo, Maria precisava aliviar sua aflição: sua ida para junto de Isabel serviria para ocultar seu segredo

e, assim, não ser ultrajada e incriminada não apenas ela, mas principalmente seu Filho, que nasceria como um bastardo. Assim, junto a Isabel, encontraria um refúgio para ambos: para ela e o Filho vindo de Deus. Por outro lado, outros, como Ambrósio, ressaltam a alegria de Maria. *Já, cheia de Deus, para onde devia ela ir senão para as alturas?* – pergunta Ambrósio. Sua pressa é um sinal da graça: a graça do Espírito Santo não conhece demoras, diz ele. Como cordeiro saltitante sobre os montes, o Senhor vem ao encontro do seu povo, trazido no ventre de Maria, que corre leve, ágil e pressurosa, ao encontro de Isabel.

Somos, então, convidados a contemplar o encontro de Maria com Isabel. É o encontro de duas mulheres grávidas, no qual se revelam, nesse momento, duas profetizas. Falam inspiradas pelo Espírito Santo. Isabel sentiu a vinda de Maria e, ao mesmo tempo, João, a vinda do Cristo. O nome “João” evoca o “filho da graça”. Como tal, alegra-se com a vinda do gracioso Salvador, Jesus.

A graça insinuou coisas que eram escondidas à natureza, diz um comentador grego. O véu do mistério não obstruiu a mística visão, que não acontece com os olhos da carne, mas do espírito. Com a saudação de Maria, Isabel ficou cheia do Espírito Santo, e pronunciou uma palavra de bênção. A que outrora se envergonhava, agora se alegra e bendiz. Maria, aquela que o mensageiro divino saudou como “plenificada de graça”, é a

bendita entre as mulheres. Bendita de uma maneira singular, pois só ela é mãe de um fruto divino, que se fez carne.

Contemplando esse mistério, assim se encanta e canta São Francisco na *Introdução de todas as Horas do Ofício*, que compôs para celebrar a Paixão do seu Senhor: *Santa Virgem Maria, entre as mulheres não há nenhuma nascida no mundo semelhante a ti, filha e serva do altíssimo Rei Pai celestial, mãe do santíssimo Nosso Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo* (Antífona, vv. 1-2). Assim, bendita pelo Arcângelo Gabriel e por Isabel, Maria é digna de veneração pelos Anjos e pelos homens. Por isso, a Igreja não cansa de repetir, principalmente no princípio, no meio e no fim de cada dia “Ave Maria” e de, nas litânias, evocá-la e invocá-la com vários títulos de honra: também com o de “Rainha assunta aos Céus!”

3.2. Bendita és tu e bendito o fruto do teu ventre

Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre! (Lc 1,42). Eis a palavra de bênção que Isabel dirigiu à Maria! Palavra dita por inspiração, por espírito profético. Teofilato, autor bizantino, diz que esse “e” significa “porque”. Assim, podemos entender que Maria é bendita por causa do fruto celestial que ela carrega em seu ventre. Enquanto na ordem da natureza a mãe é a causa da bênção para o filho, aqui é o inverso: o Filho é a bênção para a mãe.

3.3. E, então, Maria começa a enaltecer seu Senhor

Maria, então, tomada pelo Espírito Santo, exulta de júbilo: *A minh'alma engradece ao Senhor, e exulta o meu espírito em Deus, meu salvador!* (Lc 1,46). Em Maria tudo é obra do Espírito do Senhor. Por isso, ela não diz "Eu", mas *minha alma enaltece o Senhor*, isto é, sua vida misteriosa. Maria não é mais (nunca fora) dona de si mesma. Assim, considerando a imensidão e a profundidade do mistério divino, ela não se contém: exulta, rejubila!

Orígenes comenta: primeiro, a alma engrandece o Senhor, para depois alegrar-se em Deus. Pois, se antes não crermos, não podemos nos alegrar. Assim como Maria, também a Igreja pode e deve exultar no Espírito Santo, por causa de Deus, seu Salvador; também a Igreja gera Jesus Cristo para o mundo. Ambrósio diz: se, segundo a carne, uma só é a Mãe de Cristo, segundo o espírito, isto é, segundo a fé, ele é o fruto de todos os crentes. Por isso, São Francisco dirá, bem mais tarde, que *nós somos mães de Jesus Cristo quando o levamos no coração e em nosso corpo por amor divino e de consciência pura e sincera e assim o damos à luz pela santa operação que deve brilhar* (1CF 10).

3.4. O Senhor olhou para a humildade de sua serva

Maria continua dando o motivo de sua exultação: *porque ele pôs os olhos sobre a humildade da sua serva*

(Lc 1,48). A humildade, os humildes e pequenos atraem, apaixonam Deus porque ao vê-los, eles tocam na fibra mais profunda de sua identidade, revelada por Jesus Cristo, principalmente no presépio, na Cruz, na Eucaristia: sua compaixão, sua misericórdia.

Num sermão, atribuído a Santo Agostinho, a humildade é exaltada como mãe de Deus e escada para o homem ascender ao céu: *Oh! verdadeira humildade, que pariu um Deus para os homens, deu aos mortais a vida, renovou os céus, purificou o mundo, abriu o paraíso e libertou as almas dos homens! A humildade de Maria se converteu em escada para subir ao céu, pela qual Deus baixou à terra!* Na mesma tonalidade, também nos instrui Frei Egídio: *Todos os grandes bens que aconteceram foram feitos pela inclinação da cabeça, assim como se manifesta na Bem-aventurada Virgem, no publicano, no santo ladrão e em muitos outros* (DE 4).

3.5. Grandes coisas fez o poderoso por mim

No verso 49, a pergunta pelo motivo da sua exultação, Maria encontra uma nova resposta: *porque fez por mim grandes coisas o Poderoso, e santo é seu nome, e a sua misericórdia é de geração em geração para os que o temem.* Que coisas grandes são essas de que fala Maria? A criatura dá à luz o Criador, a serva gera o Senhor (!), responde um sermão agostiniano. Que o pequeno seja aco-

lhido pelo grande isso é natural. Mas, que o Grande se deixe acolher pelo pequeno isso é coisa grande, inaudita, admirável, santa! A humildade de Deus é coisa grandiosa! Por isso, dizia o Bem aventurado Egídio: *Ninguém pode chegar ao conhecimento de Deus senão através da humildade* (DE 4). É que, conhecimento de Deus, na verdade, é assemelhação, é assemelhar-se a Ele, Nele e com Ele: tornar-se como Ele é. Maria conheceu Deus – isto é, uniu-se a Ele – tornando-se como Ele é, na sua humildade. A humildade de Deus encontrou uma acolhida perfeita na humildade de Maria.

Maria chama Deus de “o Poderoso”. Já o Arcanjo a tinha recordado: *nada é impossível a Deus*. Ele é capaz de transformar a impossibilidade em possibilidade.

3.6. O poderoso é santo

Aquele a quem Maria chama de “o Poderoso” é santo. Maria diz: *e santo (é) seu nome* (Lc 1,49). A palavra para “santo”, aqui, em grego, é *hágion*, que significa “digno de temor”, no sentido da veneração, por ser transcendente, separado, livre, solto em si mesmo (absoluto), leve, desprendido da terra. Por isso, também, do seu poder de gravidade prende, segura, sustenta os homens. Em sua santidade, porém, Deus não despreza o humano, antes o ama com terno e visceral amor, com amor de Pai. *E sua misericórdia (é) de geração em geração, para os que o temem*

(1,50), isto é, para os que o veneram em seu mistério de grandeza e de santidade. Aqui, é nomeada a misericórdia de Deus. Misericórdia é o amor que brota das “entranhas” de Deus e que se revela no rosto de Jesus. Amor “visceral”, matricial e paterno! Amor que gera e cuida com ternura. Esse amor permanece imutável, inabalável, indeclinável, perpassando toda a história da humanidade. Não se limita a essa ou àquela geração. De geração em geração ele abraça os que o veneram no mistério de sua grandeza e santidade. Por isso, diz nosso atual Papa: *Jesus é o rosto da misericórdia do Pai*. Assim, mais humano será o homem quanto mais misericórdia despertar, pois a misericórdia é a linguagem mais universal, mais que a caridade, pois ela é a mãe da caridade, do amor.

3.7. Dispersou os soberbos de coração

A atuação do poder de Deus continua sendo cantada por Maria: *dispersou os soberbos de coração* (Lc 1,53). Observemos que Maria não fala de qualquer soberba, mas da soberba que atingiu o âmago mais profundo do homem. São aqueles que, mais do que das coisas desse mundo, estão cheios de si mesmos, de sua própria santidade, virtudes, sabedoria, mas vazios de Deus e dos seus semelhantes, como aquele fariseu que orgulhosamente rezava de pé: *Ó meu Deus, eu te agradeço por não ser como os outros homens*

que são ladrões, injustos, adúlteros... Jejuo três vezes por semana, pago o dízimo de tudo o que possui (Lc 18,11). Desses dizia João Batista *raça de víboras* (Lc 3,7) e o próprio Mestre: *fariseus, hipócritas* (Mt 23,15). São os que se consideram a si mesmos como sábios e entendidos (Cfr. Mt 11,25). Na verdade, esses são os mais miseráveis dos homens porque nada se encontra em seus corações senão suas próprias vaidades e, por isso, condenados eternamente à infelicidade do vazio, da ausência do encontro.

Falando desse tipo de cristão, assim se expressa Lutero:

Os ricos são os inimigos menores; os poderosos são os maiores. Mas, esses sábios superam tudo. Eles provocam os outros. Os ricos destroem a verdade entre eles próprios; os poderosos a expulsam dos outros; mas os sábios a extinguem completamente e introduzem outra coisa: suas próprias pretensões, para que não tenha chance de se reerguer. Quando a verdade em si é melhor que os seres humanos, nos quais mora, tão piores são os sábios do que os poderosos e ricos. Com razão, Deus resiste especialmente a eles (*Magnificat, o Louvor de Maria*, Martin Lutero, pág. 92).

3.8. Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes

Maria continua enaltecendo o Senhor: *Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes* (Lc 1,52). Se antes, Deus dispersou os soberbos, agora vai destituir de seus tronos os poderosos desse mundo. A lógica é a mesma: como aqueles também esses estão vazios de Deus e de seus semelhantes e, por isso, não têm nenhuma autoridade sobre os outros, senão a da força, da violência, da coerção. Mas, Deus não derruba logo esses poderosos. Ele é paciente e misericordioso. Não deseja jamais que alguém se perca (Cfr. Pd 9). Permite, por isso, que eles mesmos vão cavando o vazio de suas covas. Quem sabe, assim, um dia, como aconteceu com Saulo de Tarso, com os romanos, São Francisco e tantos outros, através do contato com os pobres, que eles maltratam e perseguem, descubram neles o Cristo e seu Corpo, a Igreja, e se convertam.

Maria não diz que Deus irá acabar com os tronos, mas que irá derrubar deles os poderosos. Como, também, não diz que deixará os humildes na humildade, mas que irá elevá-los. Deus não veio destruir a ordem humana, mas temperá-la com o sal de sua sabedoria e fortalecê-la com o vigor de sua misericórdia.

A esse respeito, assim se expressa Lutero:

Enquanto a terra existir, tem que haver autoridade, governo, poder e tronos. Mas, Deus não tolera por muito

tempo que abusem deles e os usem em oposição a Ele, para praticar injustiça e violência contra os piedosos. Do mesmo modo, Deus também não destrói a razão, a sabedoria e a justiça. Pois, tem que haver razão, sabedoria e justiça para que o mundo possa subsistir. Mas, destrói a arrogância e os arrogantes que usam esses belos dons de Deus em proveito próprio... e perseguem com eles os piedosos e a justiça divina, abusando dessa forma dos belos dons de Deus contra Deus (idem, pág. 92).

São Francisco, ao organizar sua Ordem, não extinguiu os cargos, mas proibiu que fossem exercidos como autoridade ou poder. Por isso, dizia que ninguém devia chamar-se de *prior*, mas, *nesse gênero de vida, todos deviam chamar-se de irmãos menores; e que um devia lavar os pés dos outros* (RNB 5).

A mesma coisa é dita de outro modo no verso 53: *os famintos, ele os cobriu de bens, e os ricos, despediu-os de mãos vazias* (Lc 1,53).

3.9. Lembrou-se de sua misericórdia

O cântico de Maria termina recordando a fidelidade de Deus à sua aliança com Abraão e, por conseguinte, com Israel. *Veio em socorro de Israel, seu servo, lembrando-se de sua*

misericórdia (Lc 1,54). “Israel” está, aqui, como representante de toda Humanidade. Dizer que Deus se lembra de sua misericórdia significa dizer que Ele confirma sua fidelidade, que sua promessa não ficou sem cumprimento. Em Maria e em Jesus, as promessas feitas por Deus a Abraão, o pai dos crentes e à sua descendência, se realizaram. Todas as nações são abençoadas e agraciadas com a bênção da fé no filho de Abraão, Jesus. A salvação torna-se, agora, universal.

Assim, se a misericórdia é a fibra mais profunda do coração de Deus, toda vez que alguém, pelo fato de ser criado à sua imagem e semelhança, usar de misericórdia, estará contribuindo para elevar a humanidade e a criação ao sumo de sua perfeição, felicidade e alegria. É a perfeita alegria da Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo da qual fala São Francisco! (Cfr. Fi 8).

Conclusão

Maria, encontrou a consumação de sua vocação-missão pela sua coparticipação, *de corpo e alma*, no mistério da morte e da Ressurreição de Jesus Cristo, seu Filho. Por isso, hoje, é assumida plenamente no mistério do Deus uno e trino: Pai e Filho e Espírito Santo.

Quem compreendeu bem esse mistério foi São Francisco. *Abraçava com amor indizível a mãe do Senhor Jesus, porque fez do Senhor da majestade nosso irmão e, por ela conseguimos a ‘misericórdia’* (LM

9,3). Além do mais distinguiu-a também com essa bela saudação: *Ave, ó Senhora, santa Rainha, Santa Mãe de Deus, Maria, que és virgem feita Igreja. Eleita pelo santíssimo Pai do Céu, a quem consagrou com seu santíssimo dileto Filho e com o Espírito Santo Paráclito* (SVM)

Finalmente, para ver bem a participação de Maria nesse mistério em benefício do momento atual da humanidade, ouçamos nosso Papa Francisco. Depois de dar-lhe o honroso título de “Rainha da Criação”, escreve:

Maria, a Mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna desse mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas desse mundo, exterminadas pelo

poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam sua beleza. É a Mulher «vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça» (Ap 12, 1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que «guardava» cuidadosamente (Cfr. Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar esse mundo com um olhar mais sábio (LS 240).



Santa Clara

Introdução

Entre os seguidores de Cristo, poucos são os que se irmanaram, tão profundamente, em torno de um único e mesmo carisma, como São Francisco e Santa Clara. Duas almas gêmeas, nascidas e florescidas da mesma raiz, da mesma fonte, da mesma graça: o encontro com a Paixão de Jesus Cristo pobre e crucificado. Por isso, na tradição cristã, quando se fala de Francisco, fala-se também de Clara e vice-versa; quando se pensa num, pensa-se também na outra, quando se segue o primeiro segue-se também a segunda. A União é tão profunda que Clara chegou a se denominar: *broto de São Francisco* (1B 4,6; BCL).

1. Jahvé, o Deus-esposo invencível na misericórdia e reconciliação (Os 2,16b.17.21-22)

Quem nos introduz no mistério que envolveu e tomou conta de Santa Clara é a primeira leitura da Missa desta Festa, tirada do profeta Oséias. O trecho proclamado começa com um *Por isso, a atrairei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração* (Os 2,16).

O “por isso” não é outra coisa senão a infidelidade de Israel à sagrada e inviolável fidelidade de Jahvé. Por tudo o que Israel aprontara, prostituindo-se com o culto dos ídolos dos pagãos, deveria ser abandonado

e condenado sem nenhum perdão e misericórdia. No entanto, o contraste, entre a justiça humana e a dos deuses pagãos com a justiça de Jahvé, é coisa inaudita. Eis o “por isso”, a causa do amor misericordioso de Deus.

No intuito de mover e comover de novo o coração de seu Povo, ele mesmo, o próprio Senhor, passa, então, a recordar-lhe onde foi que Ele o encontrara e de onde fora tirado por Ele: da escravidão do Egito, do deserto, da solidão, do “Não-Povo”, para fazê-Lo “Povo eleito”, “Povo de Deus”; recorda-lhe os dias felizes dos esponsais divinos, quando Israel não conhecia nenhum outro Deus senão e tão somente a Ele. Agora, portanto, chegara a hora de esquecer Baal e retornar ao seu primeiro amor, *como nos dias de sua juventude, nos dias de sua vinda da terra do Egito* (Os 2,17).

A períclope termina assegurando o sumo de felicidade a que uma esposa pode esperar: *e tu conhecerás o Senhor* (Os 2,22). Mais que um saber meramente racional, conhecimento, aqui, significa um processo de profunda comunhão e identificação com a pessoa amada, de modo que o sentir, o querer, o pensar, o sofrer, etc., Dele, do próprio Deus, passa a ser o sentir, o querer, o pensar e sofrer dela, a esposa e vice-versa.

Exemplo de alguém que, ao contrário de Israel, foi introduzida no gozo desse sagrado casamento, e se manteve sempre fiel, foi Santa Clara.

Podemos, com toda razão, referir a ela esta amável e calorosa exortação à sua coirmã, a santíssima Virgem Inês de Praga. Depois de considerar que aquela sua coirmã havia desprezado todas as pompas e honrarias de um grande casamento, escreve:

desprezastes tudo e, com todo o ânimo e afeto do coração, escolheste, antes, a santíssima Pobreza e a penúria do corpo, aceitando um esposo de estirpe mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará vossa virgindade sempre imaculada e intacta.

Ao amá-lo, sois casta;

Ao tocá-lo, sereis mais pura;

Ao recebê-lo, sois virgem (1CCL).

2. Permanecer em Jesus como Ele permanece no Pai (Jo 15,4-10)

No trecho do Evangelho de hoje, Jesus, usando a figura da videira e dos ramos, dá a conhecer o sentido maior, primeiro e último de toda sua evangelização.

2.1. Jesus a videira e nós seus ramos

Para os antigos israelitas a videira era árvore sagrada, messiânica (Cfr. Mq 4,4; Zc 3,10). Sua imagem evocava a “Árvore da Vida”, plantada no meio do jardim originário (paraíso), isto é, no coração da boa

vontade, do bem-querer de Deus; da mesma forma, evocava, também, o Povo de Israel, propriedade de Deus. É sua alegria, seu amor, sua paixão. Por isso, dele o Senhor cuida continuamente e espera seus frutos. E, no entanto, seu amor não é correspondido. *Dela esperava inocência e veio sangue, retidão e veio o grito de pavor* (Is 5,7). Ela deu maus frutos, espinhos, frutos degenerados (Cfr. Jr 2,21). Mostrou-se uma videira não genuína, falsa.

Vem, então, a exortação central dessa perícopa: *Permanecei em Mim e eu permanecerai em vós!* (Jo 15,4). É tão forte e claro esse desejo que, nesse pequeno trecho de apenas oito versos, Jesus usa por onze vezes o verbo permanecer. A aspiração de Jesus, apesar das inúmeras infidelidades daqueles seus discípulos, não podia ser mais contundente e cordial. Ele sabia muito bem que sem Ele, haveriam de sucumbir imediatamente. Por isso, explica-lhes como é essa comunhão: *Do mesmo modo que o sarmento não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim* (Jo 15,4).

Exemplo claro de quem deu tudo de si para permanecer intimamente junto com seu Senhor e esposo, foi Santa Clara, como podemos ler nesse testemunho:

Era-lhe familiar o clamor da Paixão do Senhor, a ela que, ora exaurida das sagradas chagas afeições perfumadas de mirra, ora fugia

aos gozos mais doces. Embriagavam-na veementemente as lágrimas de Cristo padecente, e a memória reproduzia com frequência Aquele que o amor lhe gravara fundo em seu coração. Ensinava às noviças a chorar Cristo Crucificado e, junto com o que ensinava pelas palavras, exemplificava pelos fatos. ... Entre todas as horas do dia, para imolar-se com o Senhor imolado, era mais tocada de compunção na Hora Sexta e Noa (LCL 30).

2.2. A permanência e seus frutos

Os sarmentos estão na cepa. Mas, eles em nada contribuem com a cepa. Ao contrário, dela é que recebem a seiva, a vida. É assim que nós estamos em Cristo e Cristo está em nós: nós estamos Nele como receptores da vida e Ele está em nós como doador, de modo que toda a obra do amor que produzimos é fruto da vida, da graça de sua presença que atua em nós. Por isso, não diz: “*pouco podeis fazer*”, mas “*nada podeis fazer sem Mim*”. Mais ainda, separados Dele nos tornamos ramos secos. Só em Cristo nossas obras alcançam um sentido e uma vigência de eternidade.

Santa Clara explica o dever dessa frutificação divina assim:

Com quanta solícitude, pois, com quanto empenho

da mente e do corpo devemos guardar os mandamentos de Deus e de nosso pai, a fim de que, com a cooperação do Senhor, restituamos multiplicado o talento! Pois, o próprio Senhor nos constituiu forma, exemplo e espelho, não somente para outros, mas, também, para nossas Irmãs que o Senhor convocou para nossa vocação; isto para que também elas sejam espelho e exemplo para as pessoas que vivem no mundo. Uma vez que o Senhor nos chamou para coisas tão grandes, oxalá possam se espelhar em nós aquelas que são espelho e exemplo para os outros. Portanto, muito temos de bendizer e louvar a Deus e confortar-nos mais amplamente ainda no Senhor para fazer o bem. Por isso, se vivermos segundo a forma predita, deixaremos para os outros um nobre exemplo e conquistaremos o prêmio da bem-aventurança eterna com um brevíssimo labor (TCL18-23).

3. Cristão, aquele que deixa brilhar em sua vida a luz da glória de Cristo crucificado (2Cor 4,6-10.16-18)

A segunda leitura é um trecho da Segunda Carta aos Coríntios. Paulo

começa: *O Deus que disse: 'brilhe a luz no meio das trevas' foi o mesmo que brilhou em nossos corações para fazer resplandecer o conhecimento de sua glória que resplandece no rosto de Cristo (2Cor 4,6).*

A glória, a luz que é Deus, resplandeceu de modo pleno em Cristo, principalmente em sua crucificação e que, por sua vez, brilhou nos Apóstolos e em todos os seus seguidores. Entre esses, destaca-se Clara, fiel discípula de Francisco, assim testemunhada pelo seu biógrafo:

Pois, já tinha começado a existir a Ordem dos Frades quando essa senhora foi convertida para Deus pelos conselhos do santo homem, servindo assim de estímulo e modelo para muitas outras. Foi nobre de nascimento e muito mais pela graça; virgem no corpo e puríssima no coração; jovem em idade, mas amadurecida no espírito. Firme na decisão e ardentíssima no amor de Deus. Rica em sabedoria, sobressaiu na humildade. Foi Clara de nome, mais clara por sua vida e claríssima em suas virtudes (1C 18-19).

Assim, ser cristão, a exemplo de Francisco e Clara, é tomar nossa finitude e fragilidade não como desgraça, mas como graça. Os vasos de argila sentem-se honrados porque guardam preciosos tesouros e perfumes que

elevam a alma. Quanto mais, portanto, não deveria sentir-se honrado o ser humano que, apesar de toda sua fragilidade, carrega em seu íntimo o precioso tesouro da glória de Deus: o Filho muito amado do Pai: Jesus Cristo crucificado. Por isso, dentro dessa dinâmica, Paulo termina convocando o crente a voltar-se para o Último, o Definitivo: *pois sabemos que, se a nossa morada terrestre, que não passa de uma tenda, vem a destruir-se, nós temos um edifício, obra de Deus, uma morada eterna nos céus que não é feita por mãos de homem (2Cor 5,1).*

Conclusão

Deus, o princípio de toda criação é Luz. Viver com Ele e Nele é viver na luz. O contrário, como fez Adão, é viver nas trevas da mentira. Deus, porém, compadecendo-se dessa decadência, enviou seu Filho como Luz para iluminar todos os homens que vêm a este mundo. Mas, para isso é preciso que o homem aceite Jesus, se converta a Ele como o fizeram São Francisco e Santa Clara.

Para Santa Clara, Jesus Cristo crucificado, como no caso de São Francisco, a fascina, a atrai, absorve-lhe todas as forças, no grande desejo de unir-se a Ele, de ser carne de sua carne, osso de seus ossos. Essa era, para Clara, a vida franciscana, a vida em pobreza, a Vida Religiosa consagrada. Nesse sentido, o seguimento de Jesus Cristo crucificado era radical, isto é, a raiz de todas as coisas.

Por isso, ‘a essência da vida das Pobres Damas é, antes de qualquer outra coisa, amar uma pessoa, Jesus Cristo, como resposta ao seu amor’. Trata-se de entregar-se a Cristo. Ela não quer possuir outra coisa que não seja Cristo (Cfr. LCL 13). Sem sombra de dúvida, a pedra angular de todo o edifício religioso, de toda a vida espiritual de Clara e de suas Irmãs, é a de estarem ligadas com afeto pessoal a Jesus Cristo, amor esse ardente e apaixonado. Por causa de Cristo, perto de Cristo, junto de Cristo, se realizam todas as suas experiências e se constrói sua vida em sua totalidade (*Fontes Franciscanas*, p. 1329).

Essa realidade, aqui denominada *afeto pessoal* a Jesus Cristo, podemos vislumbrar nas palavras do Cântico dos Cânticos:

Coloca-me como marca de ferro, queimada sobre teu coração, como marca sobre teu braço! Porque o amor é forte como a morte, e a paixão é implacável como a sepultura: suas centelhas são centelhas de fogo, labaredas divinas. Águas torrenciais não conseguem apagar o amor, nem rios podem afogá-lo (*Fontes Franciscanas*, 1329-1340).

A tradição franciscana gosta de lembrar um momento muito expressivo dessa familiaridade: a visita consoladora que Clara teve do Senhor na noite do Natal.

Oprimida pelas enfermidades, fora deixada sozinha em casa, enquanto todas as demais Irmãs foram para a celebração solene das Matinas. E eis que, de repente, aquele admirável concerto, que se fazia na Igreja de São Francisco, começou a ressoar em seus ouvidos. Ouvia o júbilo dos frades salmodiando, escutava as harmonias dos cantores e percebia até o som dos órgãos... Em verdade, o que elevou todo esse oráculo foi que ela se fez digna de ver o próprio presépio do Senhor. De manhã, ao chegar as filhas, disse-lhes a Bem-aventurada Clara: “Bendito o Senhor Jesus Cristo que, deixando-me vocês, Ele não me deixou. Ouvi, realmente, pela graça de Cristo, todas aquelas solenidades, celebradas nessa noite na Igreja de São Francisco” (LCL 29).

Tão admirável milagre levou a Igreja a proclamá-la “Padroeira da Televisão”.

Clara, como Francisco, há oitocentos anos, fez o que nosso Papa, vem repetindo com tanta insistência:

Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar (EG 3).



Solenidade do Seráfico Pai São Francisco 4 de Outubro

Leituras: Eclo 50,1.3-7; Sl: 15,1-2a.5.7- 8.11; Gl 6,14-18; Mt 11,25-30

Tema-mensagem: São Francisco, o grande convertido por Cristo para viver seu Evangelho, mestre e exemplo na restauração da Igreja, da Humanidade e da Criação!

Introdução

Como no passado, também hoje, a Igreja precisa ser renovada, a Humanidade restaurada e a Criação amada, protegida e defendida. Mas, quem nos servirá de *exemplo e modelo*, quem será nosso mestre nessa ingente e urgente missão (LS 10)? “São Francisco de Assis!”, responde nosso Papa Francisco. Façamos, pois, a memória desse admirável Santo, que o Senhor nos deu, na gratidão, na alegria e no júbilo! Um Santo que não é mais de Assis nem da Itália nem da Igreja católica, mas de toda a Humanidade e até mesmo de toda a Criação.

1. Começar por onde ele começou (Eclo 50,1.3-7)

Fazer de São Francisco modelo e exemplo de renovação e restauração significa, antes e acima de tudo, acolher a inspiração originária que o levou a feitos, obras, vitórias e glórias

que cantam, encantam e admiram, ainda hoje, homens de todas as raças e credos. Por isso, precisamos começar por onde ele começou e não por onde ele terminou. Do contrário, seria como agricultor que quisesse colocar a carroça na frente dos bois.

Segundo seus biógrafos, desde cedo, ardia em Francisco o desejo de tornar-se grande, ilustre, conhecido e valioso para si e sua cidade, sua gente. Através de um misterioso sonho, porém, sentiu-se chamado a trocar os senhores desse mundo pelo “Senhor” de todos os senhores (Cfr. LTC 6). Posteriormente, na capelinha de São Damião, ajoelhado diante de uma bela e expressiva imagem do Crucificado, ouviu Dele essa honrosa vocação e ingente missão: “*Francisco, não vês que minha casa está se destruindo? Vai, pois, e restaura-a para mim*” (idem, 13).

Desde então, o júbilo nascido desse encontro, dessa eleição e missão, passou a ser não apenas a luz, mas também a Paixão de sua vida. Falando desse mistério, assim se expressam seus biógrafos:

Desde aquela hora, seu coração de tal modo ficou ferido e derretido ante a memória da Paixão do Senhor que, sempre enquanto viveu, levou em seu cora-

ção os estigmas do Senhor Jesus, como posteriormente apareceu claramente pela renovação dos mesmos em seu corpo, admiravelmente realizados e clarissimamente demonstrados (LTC 14).

Também São Boaventura nos conta como o grande Papa Inocêncio III viu no Pobrezinho de Cristo o cumprimento de uma visão cheia de enigma. Num sonho, o Pontífice vira a Basílica do Latrão *prestes a ruir. Mas, um homem pobrezinho, pequeno e desprezado, a sustentava, com as próprias costas por baixo para não cair*. E, São Boaventura conclui seu relato atestando que o Pontífice, ao ver esse pobre, Francisco, disse: *É esse, na verdade, aquele que sustentará a Igreja de Cristo com obras e doutrina* (Legenda Maior 3,10).

Por isso, a primeira leitura de hoje, com justiça, coloca Francisco na companhia do grande Simão, um importante sumo sacerdote que, em seu tempo, comandou a restauração do Templo e fortificou a cidade de Jerusalém. Assim, a exemplo daquele homem de Deus, também Francisco aparece a nossos olhos *como a estrela da manhã no meio da nuvem, como a lua nos dias em que ela está cheia, como o sol resplandecendo sobre o Santuário do Altíssimo, como o arco-íris brilhando entre nuvens de glória* (Eclo 50,6-7).

Comentando essa passagem, o dominicano Mestre Eckhart diz que essa palavrinha **como** deve ser entendida no sentido de advérbio, isto

é, como o *modo de ser de quem está junto do verbo*. E lembra que, na Sagrada Escritura, Jesus Cristo é chamado de o Verbo por excelência: *No princípio era o Verbo* (Jo 1,1). Daí, então, ele tira uma lição muito bela e importante para nós: todo cristão deve ser um advérbio, isto é, uma palavra que deve viver junto do Verbo. Alguém que, aos poucos, através de seu seguimento, busca encarnar o “como” de Cristo: ser “da mesma forma que” Cristo, “do mesmo modo ou jeito que” Cristo. E quem, depois de Nossa Senhora, mais e melhor percorreu esse caminho e alcançou a mais perfeita “assemelhação” com Ele senão São Francisco?!

Comentando tão inaudito mistério, assim se expressou o Papa Pio XI:

Parece que jamais houve homem algum em quem brilhasse mais viva a imagem de Jesus Cristo e em quem fosse mais semelhante a forma evangélica de viver do que em Francisco. Por isso, ele, que se havia denominado o ‘Arauto do Grande Rei’, foi com razão proclamado Outro Cristo, por se ter apresentado aos contemporâneos e aos séculos futuros como um Cristo redivivo; e, como tal, ele vive ainda hoje aos olhos dos homens e continuará a viver por todas as gerações futuras (Enc. *Rite expiatis*, 30.04.1926; AAS 18, 1926, p. 154).

A mesma lição nos é dada pela “estrela matutina”, que é a mesma “estrela vespertina”. E Mestre Eckhart comenta, de novo: mais que todas as estrelas, essa estrela está sempre igualmente próxima do sol; nunca está mais distante ou mais próxima do sol, nem mais nem menos. Ora, não foi assim com Francisco?! Ele foi o que seu próprio nome, “Francisco”, diz: um homem “franco” (“Francisco” vem de França > francês > franco), isto é, franqueado, desimpedido, desprendido, livre. E toda sua liberdade se consumou em desvencilhar-se do mundo e de seus senhores, para estar tão só e unicamente vinculado, preso a Cristo e sua missão pelo amor ardente, semelhante ao ardor dos serafins. Assim, Cristo, o Homem perfeito, o Homem de todos os homens, o Senhor de todos os senhores, o único Homem confiável, era o Sol que iluminava e aquecia Francisco na busca de seu novo humano; o humano que se estende a todos os homens e, até mesmo, às mais ínfimas criaturas. Por isso, as acolhia, todas, sem discriminação, com a carinhosa distinção e afetuoso trato de “irmãos” e de “irmãs”.

2. Mensageiro das odoríferas palavras do seu Senhor (Gl 6,14-18)

Assim, Francisco, pela sua familiaridade com Cristo e com seu Evangelho, tornou-se pleno de Deus, pleno de sua claridade e de sua força, passando a sentir e a ver também cada

criatura como sendo plena, cheia de Deus e de sua Palavra.

Era assim, pois, que Francisco ouvia e lia a Palavra de Deus: o Verbo **incriado**, no qual todas as coisas foram criadas; o Verbo **encarnado**, no qual tudo foi recriado e santificado; o Verbo **crucificado**, no qual todas as coisas foram reconciliadas: o céu e a terra, o invisível e o visível.

Mergulhado em Deus, através de Jesus Cristo crucificado, Francisco sentia e via todas as criaturas como crias e crianças de Deus. Estando para além do mero uso, do mero consumo ou utilidade das coisas, ele as sentia e via, como crianças, partindo da sua origem – o Pai comum – como meninos e meninas, a sair de seu lar familiar. Por isso, a modo de criança, ele brinca, se encanta e canta com cada uma delas, chamando-as, por exemplo, de “meu Irmão Fogo”, “minha Irmã Água”, “meu irmão Lobo”, etc. É dessa “assemelhação” que fala São Paulo, na segunda leitura da Missa de hoje: *Quanto a mim, não pretendo jamais gloriarme, a não ser na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo*; é dessa “assemelhação”, também, que nasce e floresce a marca, o modo de ser, a identidade mais profunda, a glória maior do cristão, tão bem assinalada pelo mesmo São Paulo: *De agora em diante, ninguém mais vai me molestar, porque trago em meu corpo as marcas de Jesus Cristo crucificado* (Gl 6,17). Dentro desse mesmo sentimento, falou

o Papa Francisco, na homilia de sua primeira Missa, como novo Pontífice, diante de todos os Cardeais eleitores: *Se não confessamos Jesus Cristo, as coisas não avançam!* Também recordou que não se pode anunciar Jesus Cristo sem a cruz: *Quando caminhamos sem a Cruz [...], não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos Bispos, padres, cardeais, papas, mas não seguidores do Senhor!* (14/03/2013).

Por isso, não é à toa que a tradição franciscana sempre viu São Francisco muito ligado ou próximo de São Paulo. A exemplo desse, também o jovem cavaleiro de Assis, no caminho das Apúlias, foi derrubado do cavalo *do mundanismo da glória humana e do bem-estar pessoal* (EG 93); também Francisco, como Paulo, foi escolhido para tornar-se *administrador e mensageiro das odoríferas palavras do seu Senhor, que é o Verbo do Pai, e as palavras do Espírito Santo, que são Espírito e Vida* (Cfr. 2CFi). E assim, ele e seus companheiros, *indo pelo mundo, como 'peregrinos e forasteiros', nada levando consigo a não ser Cristo crucificado, [...] faziam grandes frutos nas almas, pois eram verdadeiros ramos da videira viva* (Atos 4).

3. A sabedoria dos pequeninos e dos pobres (Mt 11,25-30)

Enquanto o homem do mundo procura construir e consertar o mundo pela pseudo sabedoria da soberba e da prepotência, quando não pela

violência e pelas armas, Cristo propõe a sabedoria da loucura da Cruz (Cfr. 1Cor 1,18), do “não-poder”, da “não violência; a sabedoria dos pequeninos e dos pobres, tão bem decantada por Ele mesmo no Evangelho de hoje: *Eu te louvo, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos!*

Cristo, o maior, o máximo, o mestre se *abreviou, se apequenou* (VD 12), se fez menor, o mínimo, o servo, o discípulo. Aquele que não cabe no universo inteiro coube num coxinho de estrebaria e, depois, nos braços de uma cruz e num pedacinho de pão. Essa é a sabedoria da nova Escola, da nova Ordem, inaugurada por Cristo com seus Apóstolos e redescoberta por Francisco; a sabedoria que salva, restaura e redime o humano de todos os homens de todos os tempos. Sabedoria que significa Caminho, Escola, Ordenamento (Ordem), onde o homem se exercita e se ordena para ser, de novo, filho no Filho; para, a exemplo de seu Senhor, fazer-se menor com o menor, mínimo com o mínimo, irmão e *servo de toda a humana criatura* (RNB 16).

Por isso, Mestre Eckhart, num sermão pronunciado na festa de São Francisco, relembra que ele é louvado por essas duas coisas: a verdadeira pobreza e a verdadeira humildade.

Pobreza que não significa um vazio, uma carência, uma lacuna ou ausência de, mas o júbilo de ter encontrado a riqueza, o tesouro de sua vida: o *Meu Deus e Tudo* (Atos 1),

o *Pai nosso que está nos Céus* (LTC 20). Por isso, Francisco em vez de lamentar-se ou considerar-se pobre ou empobrecido, sempre se teve como a pessoa mais feliz, realizada e rica da terra. Deus é o seu próprio. Por conseguinte, a ele – Francisco – pertence também tudo o que é de Deus: o céu e a terra e tudo quanto neles há. E dele são também os anjos e os santos e tudo quanto é deles: em Deus ele é e tem Tudo.

Também a virtude da humildade evangélica ou franciscana, antes de ignorância, fraqueza, timidez, inferioridade, subserviência, significa ser tomado pelo vigor que nasce da gratuidade do encontro, do amor. Dessa virtude – a humildade – pela qual São Francisco é muito conhecido e louvado, diz um mestre na Espiritualidade Franciscana:

A humildade é o vigor do céu e da terra! O vigor do céu e da terra é grande, imenso, inesgotável e sereno; terno e carinhoso, tudo envolve na sua transparência cordial! De nada se apossa, tudo deixa ser na inocência nascida da admiração! Vigor singelo e simples, variegado e uno, vivo e criativo, jovial e profundo que a todos serve com alegria! É seguro e firme como a bondade do pai, solícito, benigno e delicado como o olhar e o toque da mãe! (Frei Harada).

Duas conclusões e uma prece

Não será esse o modo de ser – o Reino do Céu! – do Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo? O modo de ser Dele mesmo, o nosso Mestre? *Aprende de mim, pois sou manso e humilde de coração!* Não será esse o modo de ser do seu Sopro Sagrado – caminho – a sabedoria que o cristão precisa amar e seguir para reconstruir a Igreja; modo de ser, caminho, sabedoria, ordem que o homem de hoje precisa adotar, se quiser realmente restaurar seu humano, o humano de todos os homens; se quiser, também, reconstruir sua Casa Comum, a Criação!?

Mas, para que isso aconteça, é preciso recordar que São Francisco, antes de um ambientalista ou pacifista, foi um convertido. Uma conversão que nasce e floresce da alegria do encontro com a Boa Nova de Jesus Cristo crucificado e com o encontro com o Evangelho do Envio dos Apóstolos; uma conversão que nos leve a exclamar e implorar com ele e como ele:

*Altíssimo e glorioso Deus,
ilumina as trevas do meu coração:*

*Dá-me Senhor uma fé reta, uma
esperança certa
e uma caridade perfeita, senso e
conhecimento*

*para que realize teu santo e ve-
raz mandato. Amém (OC).*



Solenidade de Todos os Santos

Leituras: Ap 7,2-4.9-14; 1Jo 3,1-3; Mt 5,1-12

Tema-mensagem: Jubilosos e agradecidos, celebremos a santidade de Deus no testemunho de seus santos e bem-aventurados!

Introdução

Em cada página da Sagrada Escritura, Deus revela o quanto deseja e faz para tornar-nos todos felizes, santos e bem-aventurados como Ele é feliz, santo e bem-aventurado. Muitos obtiveram essa graça de modo extraordinário e, como tais, foram declarados oficialmente pela Igreja. Mas, hoje, além desses, fazemos a memória também daqueles que testemunharam Cristo e seu Evangelho através de uma vida humilde e escondida e que, por isso, jamais foram vistos e reconhecidos como tais. Eis a maravilha, a graça desse Domingo: Solenidade de Todos os Santos.

Nossas reflexões vão ater-se a algumas passagens da exortação apostólica do Papa Francisco, *Gaudete et Exultate*, sobre “o chamado à santidade no mundo atual” (19/03/2018).

1. Uma profecia que se faz realidade (Ap 7,2-4.9-14)

Quem nos introduz nessa solenidade é um trecho do Apocalipse do Apóstolo São João: *Vi uma multidão imensa de gente de todas as nações,*

tribos, povos e línguas... todos traziam a marca do Deus vivo e estavam de pé diante do trono do Cordeiro com suas vestes brancas e palmas na mão (Ap 7,9).

Todos esses “servos de Deus” – assim são chamados os membros dessa multidão – são obras consumadas do Espírito Santo de Deus e da sua graça justificante e santificante. Isso porque levam a assinatura reconhecida, sancionada de Cristo; porque, como Paulo, Francisco e muitos outros, foram marcados com as chagas do Cristo da fé. Nas vicissitudes da história, eles combateram o bom combate, passaram pela “grande tribulação”. E, nessa passagem, tiveram o espírito purificado. Pelo desprendimento foi-lhes dada a graça da comunhão na pureza do ser de Deus; alcançaram a limpidez do ser no seu sentido ontológico. E isso chama-se santidade.

A vocação à santidade, portanto, mais que resposta a uma simples tarefa, é uma convocação ao ser do nosso ser. A partir de sua comunhão e participação no mistério da Encarnação do Filho de Deus, que se uniu à nossa humanidade, cada homem deve tornar-se o lugar da revelação do amor, isto é, da jovialidade e da gratuidade da caridade que é Deus. O homem que perfaz a via excelente dessa caridade (Cfr: 1Cor 13), comunga da pureza do ser de Deus. *Ser santo é deixar-se possuir por Deus sem o*

mínimo direito de posse (O Livro de Marina, Frei Adelino Pilonetto).

2. O presente de sermos filhos de Deus (1Jo 3,1-3)

Na segunda leitura da Missa de hoje, o mesmo Apóstolo João explicita assim essa beatitude: *Vede que grande presente de amor o Pai nos deu: de sermos chamados de filhos de Deus! [...] E nós já somos filhos de Deus, mas ainda nem sequer se manifestou tudo o que seremos...* (1Jo 1,1-2).

A esperança de vermos a Deus e de sermos transformados Nele, sim, de sermos “cristificados”, “deificados”, é o que nos torna santos, isto é, pacientes ou padecentes de sua Paixão em meio à “grande tribulação”. Pois, *todo aquele que espera Nele purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro* (1Jo,1,3). Orígenes explicava etimologicamente a palavra “santo”, através da palavra grega *hágios*, que significa “ser distanciado da terra”, do mundo. Assim, através desse processo de paciência ou padecimento, vamos nos tornando espírito (limpidez da liberdade) e em espírito poderemos ver a Deus.

São Francisco de Assis, na primeira de suas “Admoestações”, que a tradição franciscana chama também de “Bem-aventuranças franciscanas”, diz que o *Espírito é Deus, e a Deus ninguém jamais viu. Por isso, Ele não pode ser visto senão no espírito* (Ad 1,5-6). Isso significa que Deus é inacessível; que não há como a cria-

tura, a partir de si, chegar-se ao seu criador, o amado conhecer o amor. Só há, pois, uma única possibilidade: Ele tomar a iniciativa para vir e dar-se a conhecer a nós. E é o que fez e vem fazendo desde a criação do mundo. A última dessas iniciativas, o sumo de todas, dá-se em sua Encarnação, que culmina na Cruz.

Só assim, a partir de Deus, na acolhida da graça, é que o homem passa da possibilidade impossível para a impossibilidade possível da beatitude da filiação divina. Enfim, o homem só pode conhecer Deus à medida que se torna Deus. Nesse caso, conhecer, aqui, significa bem recebê-Lo para assemelhar-se a Ele. E isto é, sem mais e nem menos, “co-nascer” com Ele, entrar na vida eterna, ser tomado por ela, a bem-aventurança eterna do homem, como diz João: *Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a Ti, o único verdadeiro Deus, e aquele que enviaste, Jesus Cristo*” (Jo 17,3).

Nesse sentido, a santidade é *o tesouro em vaso de barro* (2Cor 4,7). Por isso, o seu perfazer-se em nós não exclui, antes inclui nossa fragilidade. Mais que de heróis ela é coisa de pecadores. Por isso, diz nosso Papa Francisco: *Não desanimes, porque tens a força do Espírito Santo para tornar possível a santidade e, no fundo, essa é o fruto do Espírito Santo na tua vida* (Cfr. Gl 5,22-23). *Quando sentires a tentação de te enredares na tua fragilidade, levanta os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: ‘Senhor, sou um miserável... A santidade não te torna menos humano, porque*

é o encontro da tua fragilidade com a força da graça' (GE 15; 34).

Enfim, é na fraqueza que a graça consoma em nós sua força (Cfr. 2Cor 12).

3. O Caminho da Beatitude celeste (Mt 5,1-12)

À semelhança da abertura de uma grande ópera, a perícope do Evangelho de hoje marca o início do primeiro e grande discurso de Jesus: o famoso “Sermão da Montanha” ou das Bem-aventuranças. Como novo Moisés, Jesus sobe a montanha, isto é, para junto de Deus. E assim, a partir Dele faz o anúncio e o lançamento dos princípios básicos, pétreos da constituição do novo Povo de Deus; o anúncio do caminho que o levará à verdadeira felicidade.

Seu ensinamento não vem de baixo, da lei, do homem, mas do Alto, do Amor. É revelação divina! Por isso, diante das multidões e dos discípulos, vendo chegada a hora de dar início a obra que o Pai lhe confiara, exclama: *Alegrai-vos e exultai...* (Mt 5,12). É desse tríptico – Jesus, multidões e discípulos – que surgirá o novo Povo de Deus, *um Povo que o conheça na verdade e o sirva santamente* (LG 9) – a Igreja: sacramento do Reino dos Céus no mundo e para o mundo.

Segundo o Papa Francisco, as bem-aventuranças *são o bilhete de identidade do cristão no qual encontramos o que e o como fazer para chegar a ser um bom cristão* (GE 63). Mas, faz questão de acentuar,

também, que *essas palavras de Jesus, não obstante possam parecer até poéticas, estão decididamente na contracorrente ao que é habitual, àquilo que se faz na sociedade; e, embora essa mensagem de Jesus nos fascine, na realidade, o mundo conduz-nos para outro estilo de vida* (idem, 65).

3.1. Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos Céus

A primeira palavra que sai da boca de Jesus arrebatava os corações daquelas pessoas sofridas, maltratadas, injustiçadas e, por vezes, desesperadas: “bem-aventurados...”. Sim, felizes, felicidade! Quem dela não precisa, quem não a quer, não a deseja e por ela não lute, não brigue e até, por vezes, não faça guerras?

Mas, logo vem um grande questionamento, pois Jesus continua ... *os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus* (Mt 5,3). Como crer numa felicidade que se assenta na pobreza? Ora, não é ela, precisamente, a inimiga figadal de toda a felicidade?! Felizes não são justamente os ricos e infelizes, desventurados os pobres, os mal dotados?!

Jesus, porém, permanece firme e sereno, pois sem essa pobreza evangélica não haverá nenhuma outra bem-aventurança e muito menos Reino dos Céus, diz Ele. “Bem-aventurado” significa: o que se aventura bem, de modo correto. Trata-se de um aviar-se todo próprio, no qual o andar se faz caminho, na medida em

que se caminha a modo do perfazer-se cheio de riscos e acertos, recuos e avanços, de quedas e retomadas²⁰.

Quem compreendeu muito bem essa proposta de Jesus foi São Francisco e Santa Clara. Francisco, além de chamá-la de “santa”, a coloca como princípio de sua vida e de toda a sua Ordem. Clara a chama de “altíssima” e a inclui na denominação de sua Ordem: “Ordem das Irmãs Pobres”. Mas, porque a pobreza e não a caridade? Porque para eles a pobreza é a alma da caridade, o coração de Deus. De fato, como poderia ser caridoso um coração cheio de si mesmo!? Por isso, diz Francisco:

Entre as demais preclaras e precípuas virtudes que preparam no homem um lugar e uma morada para Deus e mostram o caminho mais excelente e mais rápido para se ir e chegar até Ele, destaca-se a santa Pobreza. Ela sobressai a todas por uma certa prerrogativa e supera os títulos das demais por uma graça singular. Pois, ela própria é o fundamento e a guardiã de todas as virtudes (SC 1).

Como vemos, também Francisco, fiel ao discurso do Mestre, vê a pobreza não como uma virtude a mais ou à parte, mas a virtude das virtudes, a virtude da qual nascem e florescem

20 Harada, Hermógenes. *Fragments de pensamento humano-franciscano*. Org. Enio Paulo Giachini. Curitiba: Bom Jesus, 2016, p. 24.

todas as demais. Por isso, ele a chamava de “senhora” ou “dama”.

As bem-aventuranças proclamadas por Jesus são avios no caminho da realização da santidade em nós. O “santo” é alguém “bem-aventurado” – feliz, felizardo – pelas múltiplas visitas da graça santificadora em sua vida. Essas visitas se dão como momentos do único envio – destinação – no seguimento de Jesus Cristo. O Papa Francisco comenta: *A palavra «feliz» ou «bem-aventurado» torna-se sinônimo de «santo» porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade* (GE 64).

Notemos ainda que, enquanto em todas as demais virtudes, o Reino dos Céus virá no futuro, para a pobreza ele é sempre atual. Por isso, enquanto nas primeiras se diz “serão” ou “verão”, na pobreza se diz “é”. Enfim, pobre em espírito é aquele no qual “o Senhor pode entrar com sua incessante novidade” (Idem, 68): a alegria do Evangelho.

Ser pobre no coração: isto é santidade (idem, 70).

3.2. “Bem-aventurados os aflitos porque serão consolados”

Posta a pedra fundamental do Reino da Santidade – a pobreza – Jesus começa a elencar seus diversos aviamentos ou expressões. O primeiro se dá nos ou com os aflitos, isto é, com aqueles que se afligem, se angustiam com seu seguimento de Cristo.

Por isso, a segunda bem-aventurança poderia também ser redigida assim: *Bem-aventurados os que suportam a Paixão de sua existência pelo Reino de Deus e no seguimento de Cristo, porque serão consolados* (Mt 5,4).

Nesse sentido, pobres, aqui, são os que não esperam outra consolação para a desolação humana do que a consolação divina. São os crucificados para o mundo, uma vez que, como o Apóstolo, dizem: “Eu, por mim, nunca vou querer outro título de glória que a Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”; *por ela o mundo está crucificado para mim, como eu para o mundo* (Gl 6,14). Preferem chorar, cantar o “*De profundis*” da miséria da atual condição humana... e esperar pela consolação divina. Esses, a exemplo de São Francisco, suportam a dor e a paixão dos homens da terra, em comunhão com a dor e a Paixão do Crucificado e o fazem na serenidade e na jovialidade da “perfeita alegria”.

Comentando essa bem-aventurança, nosso Papa diz que, hoje,

o mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade, onde nunca, nunca, pode faltar a cruz. Por isso, só pode ser consolada e feliz a pessoa que está com a consolação de Jesus e não com

a do mundo... Essa pessoa sente que o outro é carne da sua carne, por isso não teme aproximar-se até tocar a sua ferida, compadece-se até sentir que as distâncias são superadas. Assim, é possível acolher aquela exortação de São Paulo: «Chorai com os que choram» (Rm 12,15) (idem, 76).

Saber chorar com os outros: isto é santidade (Idem, 76).

3.3. “Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra”²¹

Na terceira bem-aventurança, a “senhora pobreza” se encarna e floresce nos mansos. Diz nosso Papa: *A mansidão é outra expressão da pobreza interior, de quem deposita sua confiança apenas em Deus. De fato, na Bíblia, usa-se muitas vezes a mesma palavra ‘anawin’ para se referir aos pobres e aos mansos* (idem, 74). Por isso, Jesus ousa proclamar que a mansidão é a boa aventura, o caminho para possuir a terra. Mas, como? Não são justamente esses os insensatos, os estúpidos e frágeis que, ao longo de toda a história, são os banidos e expropriados de suas terras, formando assim as grandes massas de infelizes, marginalizados, excluídos e miseráveis?

²¹ Alguns manuscritos invertem a ordem entre os versículos 4 e 5.

Os mansos são os não-violentos. Hoje, mais do que atos intermitentes, a violência é um *habitus*, (*hábito*) isto é, um estado permanente que nos tem, nos detém, nos contém. O mundo de hoje pensa encontrar sua segurança ou na abundância de bens materiais (de patrimônios, recursos e investimentos financeiros, etc.) ou na força das armas.

A violência torna-se, assim, o modo para solucionar todos os problemas. Pensamos livrar-nos de um mundo violento respondendo com mais violência, numa escalada de ódio e intolerância. Ignora-se a dignidade e os direitos dos inermes. Já dizia Heráclito, observando o comportamento dos cidadãos de Éfeso: querem limpar-se da lama com um banho de lama. Numa atmosfera como essa, o fascismo torna-se uma proposta tentadora. Mas, não deixa de ser um suicídio coletivo. Nesse contexto, a bem-aventurança de Jesus deve soar de modo renovado em nossos ouvidos.

É uma frase forte, nesse mundo que, desde o início, é um lugar de inimizade, onde se litiga por todo lado, onde há ódio em toda a parte, onde constantemente classificamos os outros pelas suas ideias, seus costumes e até sua forma de falar ou vestir. Em suma, é o reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros.

Embora pareça impossível, Jesus propõe outro estilo: a mansidão. É o que praticava com seus discípulos, e contemplamos na sua entrada em Jerusalém: «aí vem o teu Rei, ao teu encontro, manso e montado num jumentinho» (Mt 21, 5; Cfr. Zc 9, 9). (GE 71).

Como filho da Senhora Pobreza – o pobre em espírito – isto é, o seguidor de Cristo, renuncia ao uso da força e da violência, sim, até mesmo ao direito próprio. São os que deixaram tudo e, nesse deixar, encontram a serenidade do Tudo, seu quinhão, sua porciúncula (São Francisco: a pequena porção). Buscam, em primeiro lugar, o Reino dos Céus. Por isso, os demais bens de que necessitam para viver lhes são dados em acréscimo. Recebem o cêntuplo, junto com perseguições.

Reagir com humildade e mansidão: isto é santidade (GE 74).

3.4. “Bem-aventurados os que têm fome e sede da justiça: eles serão saciados”

O quarto aviamento à santidade ou à concretização da pobreza evangélica se dá naqueles que têm fome e sede de justiça, naqueles que renunciaram à justiça própria. Diz nosso Papa: *Fome e sede são experiências muito intensas, porque correspondem a necessidades primárias e têm a ver com o instinto de sobrevivência* (GE 77).

Todavia, continua o Papa: *a justiça, que Jesus propõe para saciar a fome e a sede, não é como a que o mundo procura, uma justiça muitas vezes manchada por interesses mesquinhos, manipulada para um lado ou para outro. A realidade mostra-nos como é fácil entrar nas súcias da corrupção, fazer parte dessa pseudo política diária do «dou para que me deem», onde tudo é negócio* (idem, 78).

Ter a fome e a sede da justiça – sentir a necessidade premente dela – é, já, uma felicidade. Aquele que não conhece essa fome e essa sede é um miserável. A justiça a que esses famintos e sedentos aspiram não é a pseudo justiça, que não é outra coisa do que a imposição da vontade arbitrária do mais poderoso (pela posse de bens) ou do mais forte (pela violência). Pelo contrário, o anseio desses visa a justiça verdadeira, que é a “virtude completa” (Cfr. Platão, Aristóteles); visa a justiça que é conforme às leis do céu e da terra (Antígona). E, justamente por isso, esses que têm sede e fome de justiça se põem do lado dos mais fracos, dos pobres, como tantas vezes exortam os profetas: *procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas* (Is 1,17).

Por isso, justiça, aqui, em vez de uma virtude a ser alcançada com os próprios méritos, é recebida do Alto através da graça justificante e santificante que vem de Deus.

Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade (idem).

3.5. “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”

Agora, na quinta bem-aventurança, a pobreza vai gerar a misericórdia, os misericordiosos. Para os fariseus a justiça vinha de baixo, deles mesmos porque ou quando praticavam boas obras. Nesse caso, Deus devia ser misericordioso para com eles por causa deles e não por causa Dele.

Ora, Jesus veio pôr as coisas no seu devido lugar. Diante de Deus ninguém tem consistência em si ou por si próprio. Por isso, os pobres no espírito são misericordiosos. Misericordiosos e felizes porque se conduzem sobre o mesmo caminho no/ou pelo qual caminha o próprio Pai: a compaixão, o perdão.

Os misericordiosos, a exemplo de Cristo, renunciam ao próprio prestígio e dispõem-se a se misturar alegremente com os miseráveis, com os vis e pecadores, com os míseros. Enquanto tais, eles *têm um amor irresistível pelos humildes, os doentes, os míseros, por quem foi humilhado ou sofreu violência, por quem sofre injustiça e é expulso, por quem se atormenta e se aflige; esses procuram o que caiu no pecado e na culpa. Nenhuma miséria é por demais profunda, nenhum pecado é por demais terrível, para que não se aplique a misericórdia* (Bonhoeffer). Esses têm um coração que é como o coração de Deus Pai: um coração “mole”, isto é, terno, frente à fraqueza e à miséria humana. Um coração

paterno, ou melhor, um coração materno, matricial.

A misericórdia, diz o Papa, tem dois aspectos: é dar, ajudar, servir os outros, mas também perdoar, compreender... Dar e perdoar é tentar reproduzir na nossa vida um pequeno reflexo da perfeição de Deus, que dá e perdoa superabundantemente (AL 80).

Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade (idem, 82).

3.6. “**Bem-aventurados os puros quanto ao coração: eles verão a Deus**”

Nessa bem-aventurança, os pobres de espírito se apresentam com um coração puro. Segundo o salmista, para poder chegar-se ao Templo e poder ver a Deus é preciso *ter as mãos inocentes e o coração puro, não se entregar à falsidade nem jurar com perfídia* (Sl 24,4). Por isso, insiste o Apóstolo: *limpai as mãos, pecadores e purificai os corações vacilantes* (Tg 4,8).

O homem de coração puro renuncia ao próprio saber acerca do bem e do mal e deixa-se conduzir à inocência do espírito-criança, à simplicidade originária. Simples quer dizer não dividido, não duplo nem dúplice; não composto ou com um elemento estranho. Significa ser só um, quer dizer, homogêneo, uno, inteiro, inteiriço. *O coração puro é puro do bem e do mal,*

pertence todo e indiviso a Cristo, tem em mira somente a Ele, que vai à sua frente (Bonhoeffer).

Na Bíblia, o coração significa as nossas verdadeiras intenções, o que realmente buscamos e desejamos, para além do que aparentamos (GE 83). Por isso:

Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade (idem, 86).

3.7. “**Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus**”

O sétimo avio proclama: *Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus*. Os pobres de espírito são pacíficos porque recebem de Cristo a paz que ele dá aos seus, que não é a paz do mundo. Ao tomar a iniciativa de vir ao mundo pela Encarnação, que culmina na Cruz-Resurreição, Cristo se tornou o “príncipe”, isto é o princípio, a fonte da paz entre céu e terra, Deus e os homens (Cfr. Ef 2,14-16).

Os anos voam, os séculos passam e a paz, porém, não chega. Os homens, no entanto, continuam pensando ou querendo estabelecê-la, “comprá-la”, através da força dos discursos, do poder, do dinheiro, dos contratos, quando não das armas. Outras vezes, para senti-la e desfrutá-la em seus corações, a buscam numa pseudo espiritualidade de consumo, de hedonismo, etc., etc. A paz, então, não vem porque sua origem é de outra natureza: a pobreza em espírito.

Segundo Santa Clara, a verdadeira paz não é a que nasce do empenho e desempenho dos homens, mas aquela que é *inaugurada em nossa coração pelo ardente desejo do Pobre Crucificado* (1CCL 13). Na Cruz, aos discípulos que O abandonam e O traem, Ele continua amando-os e chamando-os de amigos; aos que o condenam à morte pede-lhes o perdão do céu; ao Pai que o entrega à própria sorte confia-se inteiramente chamando-o de Pai.

Deus é pacífico não porque seria um Deus superpoderoso, capaz de superar todos os conflitos. É pacífico porque seu princípio originário e constitutivo, sua identidade, à semelhança de uma fonte, se move, se faz e refaz, continuamente, pela dinâmica da doação, da entrega, do amor-caridade.

A paz de Jesus Cristo não é indiferentismo, inércia, do espírito. É, antes, decisão, libertação para a verdade, para o bem, a justiça. É uma paz que se recebe como o dom de uma conquista. Não vem sem rompimento com aquilo que é contrário ao Reino do Pai. Por isso, Jesus proclama que ele não veio *trazer a paz, mas a espada* (Mt 10,34). A palavra latina “*pacificus*” compõe-se de “*pax*”, paz e “*facere*”, fazer: aquele que faz paz. Por isso, ao comentar essa bem-aventurança, dizia São Francisco: *São verdadeiramente pacíficos os que, de tudo quanto padecem nesse mundo, conservam a paz na alma e no corpo, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Ad XV).

Frei Harada, explicando a saudação franciscana “Paz e Bem”, assim escreveu: *primeiro faz bem o necessário; depois, o possível, em paz. Logo te será dado o impossível perfeito na paz: Paz e Bem.*

Como no sétimo dia, no qual Deus repousou da obra da sua criação, assim também nessa sétima bem-aventurança, o homem encontra seu repouso em Deus, ainda que esteja em meio ao bom combate da fé.

Semear a paz ao nosso redor: isto é santidade (idem, 89).

3.8. “Bem-aventurados os perseguidos por causa de justiça: deles é o Reino dos Céus”

A oitava e última bem-aventurança retorna à primeira e recolhe em si todas as outras sete. Por isso, de novo, a expressão: *deles é o Reino dos Céus*. Aqui, “justiça” não tem o mesmo sentido que encontramos na quarta bem-aventurança. Naquela, tratava-se de renunciar à justiça própria (a “justiça dos fariseus” de que fala o Evangelho de Mateus) para receber a justiça do Alto (a “justiça melhor” do Reino dos Céus). Trata-se, agora, da bem-aventurança dos que são perseguidos por causa *de* justiça. (Notemos que no original falta o artigo. Por isso, nós escrevemos **de** em vez “da” justiça).

Aqui não se fala da justiça de Deus e, portanto, não se fala da perseguição por causa de Jesus Cristo, mas

são ditos bem-aventurados os perseguidos por uma causa justa – e nós poderíamos agora acrescentar: por uma causa verdadeira, boa, humana (Cfr. 1Pd 3,14 e 2,20) (...). Jesus cuida de quantos sofrem por uma causa justa, mesmo se não se trata propriamente da confissão de seu nome, os toma sob a sua proteção, na sua responsabilidade, lhes reivindica como seus (Bonhoeffer D., *Ética*, p. 305).

O Papa Francisco nos alerta que:

Para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo, à nossa volta, seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós. Numa tal sociedade alienada, enredada numa trama política, mediática, econômica, cultural e mesmo religiosa, que estorva o autêntico desenvolvimento humano e social, torna-se difícil viver as bem-aventuranças, podendo até a sua vivência ser mal vista, suspeita, ridicularizada (idem, 91).

Abraçar, diariamente o caminho do Evangelho mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade (idem, 94)!

3.9. A renúncia que é recompensa

Em todas as bem-aventuranças há uma renúncia. A renúncia, quando movida pelo amor, como no caso do Evangelho, não tira: ela dá a força da identidade do discípulo de Cristo, tornando-o filho no Filho, um com o Pai, que vive do e no Espírito Santo. Mestre Eckhart diz que a palavra de Jesus: *quem quiser vir a mim deve renunciar a si mesmo e negar-se a si mesmo e tomar a sua cruz* (Mt 16,24) não é um preceito, mas uma promessa acerca do modo como todo o sofrer e fazer e viver do homem se transforma em alegria e deleite. É, na verdade, uma recompensa. É que a renúncia não é mera negação, mas “re-anúncio” do si mesmo. Ela é a recondução do homem à dimensão do divino, no caso, do Deus de Cristo Crucificado.

Agora fica claro o que são os “pobres no espírito”: são os humildes, os mansos, os que suportam a paixão, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos, os que sofrem por causa da justiça; os que, por serem assim, como Cristo, são odiados pelo mundo. Assim, nessa oitava bem-aventurança se consuma e se atesta a perfeição de todas as demais. As sete bem-aventuranças anteriores, dizia Agostinho, realizam o perfazer do seguimento de Cristo; a oitava, clarifica e atesta essa perfeição alcançada.

Além do mais, ele relaciona as bem-aventuranças com os dons do

Espírito Santo. O temor corresponde à humildade ou pobreza de espírito; a piedade à mansidão; a ciência ao pranto; a fortaleza à fome e sede de justiça; o conselho à misericórdia; a inteligência à pureza de coração; e, enfim, a sapiência à paz.

Agora, também, está claro o que significa o “Reino dos Céus”. É a riqueza essencial, a terra dos vivos, dos eleitos e amados do Pai.

Conclusão

Depois de séculos de esquecimento, o Vaticano II começou a recordar-nos que todos os fiéis, e não apenas os clérigos e religiosos, somos chamados à santidade. Bem no coração de seu documento mais importante, a *Lumen Gentium*, encontramos o famoso capítulo quinto, com o título *Vocação universal à santidade* e essa significativa exortação: *Na Igreja, todos ... são chamados à santidade... Pois essa é a vontade de Deus: a vossa santificação*” (1Ts 4,3; Ef 1,4) (LG 39).

Fazendo eco a essa exortação, proclamava São João Paulo II, em Florianópolis, em 1991: *O Brasil precisa de santos; o Brasil precisa de muitos santos!* E, bem mais recentemente, escreveu nosso Papa Francisco: *O Senhor quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa* (GE 1).

Mas, também, importa que acentuemos que vocação à santidade não é qualquer vocação, ou uma en-

tre outras vocações. É, antes, a primeira, a fundamental, a vocação de todas as vocações sem a qual nenhuma outra vocação poderá realizar-se plenamente. Essa primazia vem assinalada ao longo de toda a História sagrada do Antigo e do Novo Testamento, como, por exemplo, na famosa Oração do Pai Nosso, quando o Senhor pede não apenas que digamos que Deus é nosso pai, mas também que seu “nome seja santificado” em cada um de nós e no universo inteiro.

Ora, o que é isso, que seu nome seja santificado em nós, senão, que Ele se torne cada vez mais nosso Pai e nós seus filhos, propriedade dele. Por isso, segundo nosso Papa atual: *A santidade é o rosto mais belo da Igreja* (GE 9) e não nossa sabedoria, nossa sanidade, nossos atos heroicos, nossas obras e nem mesmo nossas pastorais.

Sendo obra de Deus, a santidade está presente em toda parte. Por isso, diz nosso atual Papa:

Não pensemos apenas nos que já estão beatificados e canonizados. O Espírito Santo derrama a santidade por toda a parte no santo povo fiel de Deus... Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam seus filhos com tanto amor, nos homens e nas mulheres que trabalham a fim de trazer o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que

continuam a sorrir. Nessa constância de continuar a caminhar, dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Essa é, muitas vezes, a santidade ‘ao pé da porta’,

daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da ‘classe média da santidade’ (GE 6-8).



Solenidade da Imaculada Conceição

Leituras: Gn 3,9-15.20; Ef 1,3-6.11-12; Lc 1,26-38

Tema-mensagem: No mistério da concepção imaculada de Maria, nossa vocação à santidade!

Introdução

Entre as inúmeras maravilhas ou mistérios, que o Senhor operou em Maria, está o de sua Imaculada Conceição. Por estar profundamente ligado ao mistério da Encarnação, é celebrada sempre a 8 de dezembro, quando a Igreja está no início dos preparativos do Santo Natal.

1. A Promessa divina de uma nova mãe para todos os viventes (Gn 3,9-15.20)

O mistério de Maria, e de sua concepção imaculada, guardado no âmago mais profundo de Deus, começa a ser insinuado já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura, mais precisamente, no livro do Gênesis, no qual se encontra o famoso relato do pecado original.

1.1. Diante de um filho que rejeita, foge e se esconde, um Pai que procura

Como primeira consequência do rompimento com Deus, sua origem, o homem sente vergonha, foge e se esconde de seu Criador. Mas, como

pode o raio fugir do sol e a criatura de seu Criador?

Por isso, logo *depois que Adão comeu da fruta da árvore, o Senhor Deus o chamou: 'Onde estás?'* (Gn 3,9). Porém, mais, ou melhor, antes da acusação de um juiz, a pergunta retrata o apelo de um Pai, para que seu filho perdido retorne à casa paterna.

Deus, de fato, não podia ser fiel a si mesmo se não corresse atrás daquele que Ele criara para ser seu filho predileto. Ao homem que lhe dera as costas, Deus dá-lhe o semblante de sua alma, para que ele volte e fique face a face com Ele, podendo, assim, gozar da afeição de sua intimidade. Enfim, a história do pecado não podia acabar com o homem, muito menos com seu afastamento de Deus. Deus não podia ser vencido, derrotado em seu desígnio. O mal não podia acabar com o bem, o pecado com a graça.

1.2. À Eva que diz não, seu Criador promete à Humanidade uma nova mulher que Lhe dirá sim

Eis que vem, então, a primeira grande promessa de Deus, dada de modo enigmático, através da resposta à serpente: *Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e todos os animais selvagens... Porei inimizade entre ti e a mulher; entre tua descendência e a*

dela. Essa te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar (Gn 3,14-15).

A tradição cristã sempre viu e leu nessa passagem ou melhor, nessa promessa, o princípio do mistério de Cristo como o novo Adão, capaz não só de redimir, mas, acima de tudo, de fazer nascer dele uma nova humanidade. E, juntamente com esse mistério, sempre intuiu, também o mistério de Maria, a nova Eva, a nova mãe da nova Humanidade.

Assim, todo ser humano, antes de filho de Adão, é pensado por Deus como irmão de Jesus Cristo. Em Maria essa verdade do ser humano, como filho do Pai e irmão de Cristo e morada do Espírito Santo, realiza-se de modo excelso, singular e perfeito.

Portanto, se Jesus, o Filho de Deus, que se tornou Filho do Homem, o Verbo que se fez carne, foi o primeiro a ser pensado e querido por Deus em sua intenção criadora, Maria, em virtude de ou com sua união com Cristo, foi a primeira a ser pensada por Deus entre os redimidos por Cristo. Em virtude de sua destinação à maternidade divina, ela foi concebida sem a mácula do pecado: daí o título “imaculada concepção”.

2. Uma nova mulher cheia de graça (Lc 1,26-38)

Como Evangelho para a Missa desta solenidade, a Igreja escolheu a perícope da Anunciação.

2.1. Alegra-te, cheia de graça

A cena abre-se com o grande e auspicioso anúncio do Arcanjo Gabriel: *Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!* (Lc 1,28). O texto grego traz: *Chaire, kecharitoméne, ho kyrios metà sou* (“Alegra-te, agraciada, o Senhor está contigo”).

Na interpretação de Mestre Eckhart, a saudação latina *Ave!*, significa *âne wê*, isto é, “sem dor”, “sem ai”²². Nessa etimologia incorreta, porém, ele alcança o verdadeiro, isto é, o essencial. A saudação *Ave!* fala da plena alegria e do pleno vigor da vida (saúde). Aquele que é agraciado por Deus vive a vida sem “ai”, isto é, sem lamúria, na plena cordialidade de ser.

Quem, 1.300 anos depois, se encanta e canta essa saúde originária em Maria, é São Francisco:

*Ave, ó Senhora, santa Rainha,
Santa Mãe de Deus, Maria,
que és virgem feita Igreja...
Ave, ó palácio do Senhor;
Ave, ó tabernáculo do Senhor;
Ave, ó casa do Senhor;
Ave, ó vestimenta do senhor;
Ave, ó serva do Senhor;
Ave, ó mãe do Senhor (SVM)*

Na saudação do Arcanjo, Maria é evocada como *cheia de graça*. *Cheia de graça*, significa o mesmo que: “Deus é contigo!”, isto é, mora, habita, vive contigo! Santo Agostinho emenda: *Mais que contigo, Ele está em teu coração, se forma em teu seio, enche o teu espírito, enche o teu ventre*. Além de Maria, a benção

22 Sermões Alemães, n. 38, p. 227.

é, também, o início da bênção dos homens e das mulheres no seu Filho, Jesus. Bela e justa, pois, a santa tradição cristã, de todos os dias, principalmente ao entardecer, exclamar ou cantar com gratidão e júbilo: “Ave Maria, cheia de graça!”

2.2. A Imaculada dará à luz ao Imaculado

O privilégio da pureza original, porém, nada tem a ver com um possível engrandecimento vaidoso de Maria. Pelo contrário. É em vista de sua nobre e divina missão, assim expressa pelo anjo: *Eis que conceberás no ventre e darás à luz um filho...* (Lc 1,31). Ela já tinha concebido o Messias no seu espírito, pensamento e desejo, principalmente através da meditação das grandes promessas messiânicas. Agora, o conceberia no corpo, no seu ventre. Ela já o gerara na alma; agora o geraria no seu útero. Ela já estava disposta a dá-lo à luz, espiritualmente; agora lhe cabia a incumbência de dá-lo à luz, corporalmente. Ela, que estava sempre de prontidão na espera do Deus que vem, agora o traria em seu corpo e o mostraria ao mundo, unido à carne de nossa humanidade. Nela, o Filho de Deus tomaria carne, a carne de nosso ser.

Santo Ambrósio recordava, aos cristãos de sua comunidade (em Milão), que era preciso, espiritualmente, dar à luz a Cristo. Já São Francisco costumava exclamar para seus companheiros e seguidores seculares:

Somos mães, quando O
‘levamos no’ coração e em

nosso ‘corpo’, por amor divino e de ‘consciência pura’ e sincera; O damos à luz pela santa operação’ que deve ‘brilhar’, em exemplo, para os outros... Oh, quão santo e dileto, benfazejo e humilde, pacífico e doce, amável e sobre todas as coisas desejável, ter tal irmão e filho: Nosso Senhor Jesus Cristo (1CF I,10-13).

2.3. Eis aqui a serva do Senhor

A narrativa termina com as palavras de Maria e a modo de um *gran finale*: *Eis aqui a serva do Senhor. Que me aconteça segundo tua palavra!* (Lc 1,38).

“Serva do Senhor”: um título de humildade pura ou de pureza humilde e, ao mesmo tempo, de glória, grandeza. A glória de Maria está em sua humildade. Chamando-se a si mesma de serva, diz Santo Ambrósio, Maria não se apropriava da graça especial que lhe fora concedida, muito menos de qualquer vanglória. A grandeza de Maria está em sua humildade e disposição de deixar vir a cumprir-se nela as palavras do Senhor. Sua grandeza está no *Faça-se* (Fiat).

3. Predestinados, antes da criação do mundo, para sermos filhos adotivos de Deus (Ef 1,3-6.11-12)

Estamos diante de uma parte do famoso Hino ou Canto de São Paulo acerca das “Bênçãos espirituais em

Cristo”, com o qual ele faz a abertura de sua Carta aos Efésios. A riqueza e a importância desse hino, para os cristãos e para toda a humanidade, levam a Igreja a decantá-lo em diversas Vésperas do Ofício Divino. Nele encontramos a mais clara e precisa definição da identidade da Igreja, de Maria e dos cristãos: *Em Cristo, Deus nos escolheu antes da fundação do mundo, para que sejamos santos e imaculados sob o seu olhar, no amor...* (Ef 1,3ss).

Paulo não está pensando na santidade moral de cada cristão, mas na eleição e consagração de toda Igreja como um todo, um grupo, uma espécie de fonte comum de e para todos os homens. Nessa dimensão ela será sempre santa, imaculada, por causa de seu fundamento, Jesus, mas, pecadora por causa de nós, seus membros. Podemos e devemos dizer que a Igreja é a nova Maria da humanidade. Assim como o seio da Virgem Maria serviu para gerar o novo humano, na Pessoa do Filho de Deus, Jesus, agora, a Igreja – através dos seus fiéis – é eleita, chamada e enviada para ser o grande útero da nova humanidade; aquela que deve gerar os novos filhos de Deus e para Deus. Assim, Aquele é Filho “natural”; esses são filhos “adotivos” de Deus (Ef 1,5). Mas, sempre filhos como Aquele, com os mesmos direitos, dignidade, honra, privilégios, vocação, missão e deveres. Por isso, o texto de hoje, fazendo eco a tudo o que ouvimos na primeira leitura e no Evangelho, termina nos assegurando que *Nele, também nós,*

recebemos nossa parte. Segundo o projeto daquele que conduz tudo conforme a decisão de sua vontade, nós fomos predestinados a ser; para o louvor de sua glória, os que de antemão colocaram sua esperança em Cristo (Ef 1,11-12).

Nessa predestinação está Maria a imaculada, a concebida sem pecado; estamos nós, pobres pecadores, em busca de nossa santificação em Cristo e em Maria e, conosco, toda a Criação.

Conclusão

O mistério da concepção imaculada de Maria nem sempre foi aceito de modo pacífico entre os grandes pensadores da Igreja. Durante muitos séculos, travaram-se calorosas discussões, principalmente entre dominicanos, que não aceitavam esse mistério, e franciscanos que o defendiam, por isso foram chamados de “imaculistas”. As discussões cessaram, definitivamente, em 8 de dezembro de 1850, com a proclamação oficial pela Igreja como dogma, pelo Papa Pio IX, em sua bula *Ineffabilis Deus*.

No Reino de Cristo, portanto, ou melhor, na Comunhão dos Santos, Maria brilha com um brilho ímpar. Nela nunca a inimizade com Deus atuou. Ela foi amiga de Deus do começo ao fim de sua existência terrena, sem interrupção de um segundo sequer. João Duns Scotus escreveu, certa vez:

Há no céu santos que nunca foram inimigos de Deus

em ato, por um pecado atual, como aconteceu com os santos inocentes; e muitos outros que, às vezes, foram inimigos de Deus, como os que pecaram mortalmente, e depois fizeram penitência. Há também ali a Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus, a qual nunca foi inimiga de Deus, nem em ato em razão de um pecado atual, nem em razão do pecado original.

O mistério da concepção imaculada, porém, mais que uma honra ou distinção para engrandecimento próprio de Maria, indica uma missão: ajudar com seu “Sim” ao grande “Sim” de seu Filho, no resgate da humanidade decaída, fazendo nascer dela uma nova humanidade: a humanidade dos filhos de Deus.

Por isso, nosso Papa Francisco escreveu que ninguém como ela viveu as bem-aventuranças de Jesus:

Maria, a mais abençoada dos santos entre os santos, Aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha. E, quando caímos, não aceita deixar-nos por terra e, às vezes, levamos nos seus braços sem nos julgar. Conversar com Ela consola-nos, liberta-nos, santifica-nos. A Mãe não necessita de muitas palavras, não precisa que nos esforcemos demasiado para explicar-Lhe o que se passa conosco. É suficiente sussurrar uma vez e outra: Ave Maria, cheia de graça (GE 176).



Conclusão

Desde o Vaticano II, também o Domingo tem sido objeto de renovação por parte da Igreja e sua Pastoral. Pois, e infelizmente, a grande conquista, ou graça, da secularidade, trouxe consigo também o malefício do secularismo. O homem não sente, não vive e não celebra mais sua relação com o transcendente. A autonomia absoluta que o homem atribui a si leva-o a sentir-se senhor e pai de si mesmo. Por isso, não sente mais a alegria de poder dizer, rezar e celebrar: “Pai Nosso, que estais no Céu...” Assim, também, o “Dia do Senhor” passou a ser tão somente “Fim de Semana”, “Dia do Homem”; não tendo mais um Pai comum, em vez do repouso passou a ser mais o dia para dar evasão a seus sentimentos naturais; em vez da festa, da alegria por causa do encontro, tornou-se um dia de fuga, de vazio e isolamento. Vive-se um antropocentrismo despótico que se desinteressa não apenas do seu Criador e do seu semelhante, mas também das demais criaturas (LS 68). Daí o aborrecimento, o tédio e a frustração que, muitas vezes, toma conta do coração, até mesmo de fiéis cristãos, no fim de um Domingo.

Consequentemente, uma renovação verdadeira e duradoura do Domingo deve incluir o resgate de seu significado originário como “Dia do Senhor”, dia de recordar e celebrar sua Obra redentora. Por isso, ao abordar essa questão, o Papa Francisco

começa recordando que, segundo a Sagrada Escritura, o homem foi criado e colocado dentro de uma admirável harmonia consigo mesmo, com as demais criaturas e com o Criador:

Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este fato distorceu também a natureza do mandato de «dominar» a terra (Cfr. Gn 1, 28) e de a «cultivar e guardar» (Cfr. Gn 2, 15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (Cfr. Gn 3, 17-19).

Por isso, para fazer uma renovação verdadeira e duradoura do Domingo, diz, mais uma vez, nosso Papa, precisamos seguir São Francisco; dizer, proclamar e reconhecer, como ele, que nós *não somos Deus* (LS 67); que somos criaturas, filhas todas de um único e mesmo Pai do Céu que cuida de nós como filhas e filhos seus muito queridos; que, como ele, precisamos buscar a harmonia

originária, capaz de eliminar ou sanar aquela ruptura do homem com Deus, consigo mesmo e com as demais criaturas. E argumenta nosso Papa: *Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara de alguma forma ao estado de inocência original* (LS 66).

Em seguida, ao falar da importância da homilia, nosso Papa insinua, de novo, São Francisco. Primeiramente, recomenda que seja feita como “*conversa de mãe*”. E, em seguida, tendo diante de si o Evangelho da Festa de São Francisco (o Evangelho revelado aos pequeninos), diz:

Ficamos admirados com os recursos empregados pelo Senhor para dialogar com seu povo, revelar seu mistério a todos, cativar a gente comum com ensinamentos tão elevados e exigentes.

Creio que o segredo de Jesus esteja escondido naquele seu modo de olhar o povo; um olhar que vê além de suas fraquezas e quedas: «Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino» (Lc 12, 32); Jesus prega com este espírito. Transbordando de alegria no Espírito, bendiz o Pai por Lhe atrair os pequeninos: «Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos» (Lc 10, 21). O Senhor compraz-Se verdadeiramente em dialogar com seu povo, e compete ao pregador fazer sentir este gosto do Senhor ao seu povo (EG 141).